



Revista Brasileira de **Direito Processual Penal**

Volume 12 - Nº 02 - mai./ago. 2026

ISSN 2525-510X

<https://doi.org/10.22197/rbdpp.v12i2>



IBRASPP

EXPEDIENTE / MASTHEAD

EDITORES-CHEFES / EDITORS-IN-CHIEF

Prof. Dr. Vinicius Gomes de Vasconcellos (Universidade de São Paulo, São Paulo/SP; Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa – IDP - Brasília/DF; Universidade Católica de Brasília, - Brasília/DF, Brasil)  

Prof. Dr. Nereu José Giacomolli (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Porto Alegre/RS, Brasil)  

EDITORES-ASSOCIADOS / ASSOCIATE-EDITORS

Prof. Dr. André Machado Maya (Fundação Escola Superior do Ministério Público do Rio Grande do Sul– Porto Alegre/RS, Brasil)  

Prof. Dra. Bruna Capparelli (Alma Mater Studiorum - Università di Bologna, Bologna, Italia) 

Prof. Dr. Caíque Ribeiro Galícia (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Faculdade Campo Grande e Faculdade Mato Grosso do Sul – Campo Grande/MS, Brasil)  

EDITORES-ASSISTENTES / ASSISTANT-EDITORS

Prof. Dr. Bruno Augusto Vigo Milanez (Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)  

Dra. Daniela Dora Eilberg (Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes, Kuala Lumpur, Malásia)  

Prof. Dra. Elisa Lorenzetto (Università degli Studi di Verona, Verona, Italia) 

Prof. Dr. Felipe da Costa De-Lorenzi (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, Brasil)  

Prof. Dra. Fernanda Vilares (Fundação Getúlio Vargas, São Paulo/SP, Brasil)



Prof. Dr. Luiz Eduardo Cani (Faculdade Avantis, Balneario Camboriu/SC, Brasil)



Prof. Dra. Manuela Abath Valença (Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, Brasil)



Dr. Mattia Giangreco (Università degli Studi di Catania, Catania, Italia)



Dra. Michelle Barbosa de Brito (Pesquisadora independente, Belém/PA, Brasil, Brasil)



Prof. Dr. Rafael de Deus Garcia (Universidade Estadual de Goiás, Jaraguá, GO, Brasil / Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa – IDP - Brasília/DF, Brasil)



CONSELHO EDITORIAL / EDITORIAL BOARD

Profa. Dra. Claudia Cesari, Università degli Studi di Macerata, Macerata, Italia

Prof. Dr. Gabriel Ignacio Anitua, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina

Prof. Dr. Germano Marques da Silva, Universidade Católica de Lisboa, Lisboa, Portugal

Prof. Dr. Giulio Illuminati, *Alma Mater Studiorum* - Università di Bologna, Bologna, Italia

Prof. Dr. Juan Montero Aroca, Universidad de Valencia, Valencia, España

Profa. Dra. Livia Giuliani, Università degli Studi di Pavia, Pavia, Italia

Profa. Dra. Lorena Bachmaier Winter, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, España

Prof. Dr. Manuel Monteiro Guedes Valente, Universidade Autônoma de Lisboa, Lisboa, Portugal

Prof. Dr. Máximo Langer, University of California, Los Angeles, United States

Prof. Dr. Michele Caianiello, *Alma Mater Studiorum* - Università di Bologna, Bologna, Italia

Prof. Dr. Paolo Ferrua, Università degli Studi di Torino, Torino, Italia

Prof. Dr. Rafael Hinojosa Segovia, Universidad Complutense de Madrid,
Madrid, España

Prof. Dr. Raúl Cervini, Universidad Católica de Uruguay, Montevideo, Uruguay

Prof. Dr. Renzo Orlandi, *Alma Mater Studiorum* - Università di Bologna,
Bologna, Italia

Prof. Dr. Rui Cunha Martins, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

Prof. Dr. Stefano Ruggeri, Università degli Studi di Messina, Messina, Italia

Profa. Dra. Teresa Armenta Deu, Universidad de Girona, Girona, España

Profa. Dra. Vania Patanè, Università degli Studi di Catania, Catania, Italia

PARECERISTAS (DESTE NÚMERO) / REVIEWERS (OF THIS NUMBER)

Adrián Martín (Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina)

Antonio Henrique Graciano Suxberger (Centro Universitário de Brasília -
Brasília/DF, Brasil)

Augusto Renzo Espinoza Bonifaz (Universidad de San Martín de Porres, Lima,
Peru)

Belén Muñiz (Universidad Nacional de Mar del Plata, Mar del Plata, Argentina)

Bruno Cavalcante Leitão Santos (Centro de Estudos Superiores de Maceió,
Maceió, AL, Brasil)

Daniela Zaikoski (Universidad Nacional de La Pampa, La Pampa, Argentina)

Eduardo Aguirre (Universidad Nacional de La Pampa, La Pampa, Argentina)

Fernando Gauna Alsina (Universidad Nacional de La Plata, La Plata, Argentina)

Gabriel Bombini (Universidad Nacional de Mar del Plata, Mar del Plata,
Argentina)

Gessika Christiny Drakoulakis (Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil)

Gonzalo García (Universidad de Chile, Santiago, Chile)

Helena Rocha Coutinho de Castro (Universidade Estadual de Pernambuco,
Arcoverde, PE, Brasil)

Heloisa Estellita (Fundação Getúlio Vargas, São Paulo/SP, Brasil)

Javier Velázquez (Universidad de Chile, Santiago, Chile)

Juan Carlos Ruas (Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina)

Juan Nardi (Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina)

Keity Ferreira de Souza e Saboya (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, Brasil)

Luisa Walter da Rosa (Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil)

Marcelo Costenaro Cavali (Faculdade Getúlio Vargas, São Paulo, SP, Brasil)

Marco Aurélio Pinto Florêncio (Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo/SP, Brasil)

Maria Rogacka-Rzewnicka (University of Warsaw, Warsaw, Poland)

Mariano Gutiérrez (Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina)

Mariano Sicardi (Universidad Nacional de José C. Paz, José C. Paz, Argentina)

Marina Cerqueira (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil)

Martín Schiavoni (Universidad Nacional de Córdoba, Córdoba, Argentina)

Michelle Girona Cabrera (Pontifícia Universidade Católica do Paraná - Curitiba/PR, Brasil)

Patrick Cacicedo (Universidade de São Paulo - São Paulo/SP, Brasil)

Rafael Fecury Nogueira (Universidade da Amazônia, Belém, Pará, Brasil)

Rafael Junior Soares (Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Londrina, PR, Brasil)

Thiago Allisson Cardoso de Jesus (Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, MA, Brasil)

Yuri Fisberg (Universidade de São Paulo - São Paulo/SP, Brasil)

PROJETO GRÁFICO [DIAGRAMAÇÃO E CAPA] Camila Provenzi (be.net/camilaprovenzi)

Sumário

Dossiê: Reformas judiciais e burocracias penais na América Latina

Dossier: Judicial Reforms and Criminal Bureaucracies in Latin America

Editorial del dossier “Reformas judiciales y burocracias penales en América Latina”- El malestar en la cultura judicial: Desigualdades, incompreensión y cinismo en tribunales

Editorial of the dossier “Judicial reforms and criminal bureaucracies in Latin America”: Discomfort in judicial culture: inequalities, incomprehension, and cynicism in courts

Editorial do dossiê “Reformas judiciais e burocracias penais na América Latina”: O mal-estar na cultura judicial: desigualdades, incompreensão e cinismo nos Tribunais

Ezequiel Kostenwein

Confiança e opacidade: governança de sistemas integrados e IA preditiva no ciclo polícia, MP e Judiciário

Trust and opacity: governance of integrated systems and predictive AI in the police, Public Prosecutor’s Office and judiciary cycle

Luciano Rocha de Oliveira

Américo Bedê Jr.

Los efectos burocráticos de las reformas procesales penales: sobre la transición de ‘un día en la corte’ a los juicios orales fragmentados. Impacto en juicios acerca de homicidios dolosos consumados en la Ciudad Autónoma de Buenos Aires

The bureaucratic effects of criminal procedure reforms: from ‘one day in court’ to fragmented oral trials. The impact on trials for completed intentional homicide in Buenos Aires

Camila Abril Serrano

Jesica Micaela Luna

Los mecanismos de condena sin juicio en el sistema de justicia penal para adolescentes de Uruguay desde la perspectiva de sus operadores

Mechanisms to reach conviction without a trial in Uruguay’s juvenile criminal procedure from the perspective of its judicial officers

Daniel Zubillaga

La tercera dimensión de la reforma procesal penal: un análisis de la coyuntura social, política y jurídica en el Perú

The third dimension of criminal procedure reform: An analysis of the social, political and legal context in Perú

Nancy Guzmán Ruiz de Castilla

La gestión judicial en las reformas procesales penales latinoamericanas: etapas, tensiones y disputas no resueltas

Judicial Management in Latin American Criminal Procedure Reforms: Stages, Tensions, and Unresolved Disputes

Leonel González

Sidonie Porterie

Aldana Romano

Criminal procedural reform in Chile and its impact on incarceration rates

A reforma processual penal no Chile e o seu impacto nas taxas de encarceramento

Silvio Cuneo

Fernanda Tapia

Actores del sistema de justicia penal chileno: ¿Burócratas?

Members of the Chilean criminal justice system: Bureaucrats?

Javiera Araya-Moreno

Fundamentos de Direito Processual Penal

Fundamentals of criminal procedure

Os crimes contra a ordem tributária e o processo administrativo tributário: Um estudo sobre a prejudicialidade no Brasil e na Itália

Tax Crimes and the Definitive Tax Assessment Requirement: A Comparative Study of Brazil and Italy

José Eugênio da Silva Mendes

Persecução penal: investigação, juízo oral e etapa recursal

Criminal prosecution: investigation, public oral trial and appeal

Relativização da Súmula 593/STJ em casos de estupro de vulnerável: uma análise empírica das premissas fáticas mobilizadas pelo STJ para o *distinguishing*
Relativization of Summary 593/STJ in cases of rape of vulnerable persons: an empirical analysis of the statement of material facts mobilized by the STJ for distinguishing

Roberta Simões Nascimento

Frederico Leandro Gomes

Maria Luiza Campos

Teoria da Prova Penal

Criminal evidence theory

Da Intuição à Técnica: Efeitos de um Treinamento em Entrevista Investigativa na Formação Inicial de Policiais Cíveis

From Intuition to Technique: Effects of Investigative Interview Training for Civil Police Recruits

Denís Lino

Anderson Pires Giampaoli

Rafael Francisco Marcondes de Moraes

Thiago Padovese Magno

William Weber Ceconello

O Controle de Admissibilidade das Convenções Probatórias no Processo Penal sob uma Perspectiva Epistêmica

The Admissibility Control of Evidentiary Agreements in Criminal Procedure from an Epistemic Perspective

Matheus Morelli Sindona Bellizia

Execução Penal

Criminal Execution

Assistência religiosa na execução penal moçambicana: liberdade religiosa, laicidade estatal e desafios normativos

Religious Assistance in the Mozambican Penal Enforcement System: Religious Freedom, State Secularism, and Normative Challenges

José Henriques Mutemba

Dossiê:
Reformas judiciais e burocracias
penais na América Latina

Dossier:
Judicial Reforms and Criminal
Bureaucracies in Latin America

Editorial del dossier “Reformas judiciales y burocracias penales en América Latina”- El malestar en la cultura judicial: Desigualdades, incomprensión y cinismo en tribunales

Editorial of the dossier “Judicial reforms and criminal bureaucracies in Latin America”: Discomfort in judicial culture: inequalities, incomprehension, and cynicism in courts

Editorial do dossiê “Reformas judiciais e burocracias penais na América Latina”: O mal-estar na cultura judicial: desigualdades, incompreensão e cinismo nos Tribunais

Ezequiel Kostenwein¹

Universidad Nacional de La Plata, La Plata, Argentina

ezequielkostenwein@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-0191-3744>

RESUMEN: En esta presentación al dossier “Reformas judiciales y burocracias penales en América Latina” intentaremos analizar algunos cambios que se han dado en las últimas décadas dentro del Poder Judicial. Para ello pondremos en relación ideas como las de incomprensión, desigualdad, declive institucional, tilinguería y cinismo judicial. En este sentido, buscaremos evitar razonamientos simplistas sobre las lógicas que actualmente estructuran parte del funcionamiento cotidiano de los tribunales en épocas de pasiones tristes.

PALABRAS-CLAVE: editorial; reformas judiciales; burocracias penales; cultura judicial.

¹ Profesor de la Facultad de Ciencias Jurídicas y Sociales da Universidad Nacional de La Plata e investigador de Conicet. Doctor en Ciencias Sociales. Coordinador del Área Sociología de la Justicia Penal (ICJ).

ABSTRACT: *In this presentation to the dossier "Judicial reforms and penal bureaucracies in Latin America", we will attempt to analyze some of the changes that have occurred within the judiciary in recent decades. To do so, we will examine concepts such as misunderstanding, inequality, institutional decline, intellectual ineptitude, and judicial cynicism. In this regard, we will seek to avoid simplistic reasoning about the underlying dynamics that currently shape part of the daily functioning of the courts in periods of sad passions.*

KEYWORDS: *editorial; judicial reforms; criminal bureaucracies; judicial culture.*

RESUMO: *Neste editorial do dossiê "Reformas judiciais e burocracias penais na América Latina", tentaremos analisar alguns deslocamentos ocorridos nas últimas décadas no âmbito do Poder Judiciário. Para isso, relacionaremos ideias como as de incompreensão, desigualdade, declínio institucional, trapaça e cinismo judicial. Nesse sentido, buscaremos evitar raciocínios simplistas sobre as lógicas que atualmente estruturam parte do funcionamento cotidiano dos tribunais em tempos de paixões tristes.*

PALAVRAS-CHAVE: *editorial; reformas judiciais; burocracias penais; cultura judicial.*

INTRODUCCIÓN

Entre los años 1962 y 1965 se llevó a cabo el Concilio Vaticano II, con la particularidad que fue convocado por el Papa Juan XXIII y clausurado por el Papa Pablo VI². En aquel entonces, la Iglesia Católica consideró necesario llevar adelante debates y modificaciones que pudiesen facilitar la renovación de algunos de sus dogmas de cara a un mundo moderno cada vez más secularizado. De todos los documentos y constituciones que se produjeron en aquella convención, hay dos que consideramos particularmente oportuno destacar en procura de complejizar la situación actual de otra institución social fundamental: el Poder Judicial. En primer lugar, aquel Concilio impulsó que el sacerdote ya no celebre la misa de espalda a los fieles -*ad orientem*- como era

² El Concilio Vaticano II lo convocó el pontífice Juan XXIII, quien falleció en 1963. Su sucesor, Pablo VI, fue quien le dio cierre a la actividad en 1965.

la tradición, sino que lo haga de cara al pueblo -*versus populum*- con el objetivo de favorecer una vinculación más activa por parte de los asistentes. Esta innovación fue complementada con la propuesta de utilizar en la misma liturgia las lenguas vernáculas, es decir, que se realice la misa en los idiomas locales, sustituyendo paulatinamente el latín, y de ese modo avanzar en una intervención tangible de los creyentes mediante una ceremonia más accesible y amena. Si bien siempre es arriesgado hacer comparaciones fortuitas entre entidades con trayectorias y estructuras diferentes, ambos elementos -que el ritual se realice de cara al pueblo y en una lengua comprensible para este último- tienen algún punto de contacto con ciertas demandas que parte de la sociedad viene realizándole a los integrantes de tribunales: evitar la opacidad, tanto en el modo en el que se toman las decisiones hacia su interior, así como respecto de las fórmulas que se utilizan para comunicirlas hacia el exterior.

Esto implica que lo que décadas atrás era un signo de distinción propio de la élite judicial -que operadores jurídicos dialoguen predominantemente entre ellos a partir de una terminología encriptada- parece haberse transformado en la actualidad en fuente de irritación. Estas mutaciones, junto con otras que intentaremos desarrollar a lo largo de este ensayo, han provocado no sólo que los muros que blindaban a la administración de justicia de los reclamos colectivos se hayan resquebrajado, sino también que sus integrantes se encuentren desconcertados acerca de las expectativas que tiene la comunidad en relación a cuál sería la función que ellos mismos deben cumplir. Por lo tanto, las reconfiguraciones que se vienen gestando hace tiempo dieron paso a una época de pasiones tristes en la que un actor judicial puede sentirse incomprendido en el marco de una sociedad que, en lugar de validar su trabajo, lo cuestiona con frecuencia.

1. LA ÉPOCA DEL ACTOR JUDICIAL INCOMPRENDIDO

Vale la pena aclarar que con la premisa acerca de un malestar creciente en el ámbito de la cultura judicial no buscamos *martirizar* a quienes integran tribunales, considerándolos meros padecientes de una ciudadanía hostil que de manera súbita los estigmatiza

indiscriminadamente. En concreto, el objetivo es analizar e interpretar alguna de las razones de este fenómeno, tomando distancia del registro de la indignación (Lahire, 2005), para brindar herramientas que ayuden a contextualizarlo. No se trata de avalar todo lo que hacen los actores judiciales en el marco de su trabajo cotidiano, quitándoles responsabilidad por los múltiples efectos de prácticas que en muchos casos resultan lesivas para los justiciables. Pero tampoco buscamos simplificar dichas prácticas reduciendo todo al supuesto según el cual los miembros del Poder Judicial son individuos idénticos entre sí que se comportan de modo sincronizado para hacer daño a sabiendas. De hecho, si se observa con detenimiento el interior de tribunales, podrá advertirse que se trata de un entramado no tan asombroso como lo presentan las crónicas periodísticas, probablemente más rutinario, en donde las influencias cruzadas entre los diferentes sectores de poder no operan de forma tan elocuente ni, sobre todo, de manera tan recurrente. Es por esto, entonces, que para entender con rigor el comportamiento de la administración de justicia adquiera centralidad la rutina, lo convencional, incluso lo tedioso. En consecuencia, acerca de los integrantes de tribunales hay que evitar algunas exageraciones: no se trata de minimizar los efectos nocivos de sus decisiones, pero tampoco adjudicarles potestades que en los hechos no tienen. Siguiendo en esto a Bernard Lahire (2016), podemos afirmar que quienes forman parte de tribunales cuentan con sus respectivas trayectorias, las cuales se van construyendo en base a las relaciones que forjaron con otras personas, desde sus seres queridos hasta los mismos colegas judiciales. Al respecto, estas relaciones que condicionan sus emociones, sus percepciones y sus actos, tienen características específicas dado que se despliegan en entornos como el del hogar o el de tribunales. Explorar estas trayectorias junto a los vínculos que las conforman, nos ayudará a comprender que “la conciencia que pueden tener *los actores judiciales* de lo que hacen y piensan, así como de las razones por las que hacen lo que hacen y piensan lo que piensan, es limitada” (Ibid.: 47). Y es precisamente esa limitación, junto con otros elementos, la que da lugar a la incompreensión. Esta última se genera no sólo por el significado de determinados conceptos como el de ley, derecho o Poder Judicial, sino por la jerarquía que cada uno de esos conceptos posee respecto de otros hacia el interior del sistema de valores que caracterizan una

sociedad. Parafraseando a Jacques Rancière (1996), la incomprensión debe ser entendida como un tipo determinado de situación “en la que los interlocutores al mismo tiempo entienden y no entienden lo que dice el otro. La incomprensión no es el conflicto entre uno que dice blanco y otro que dice negro. Es el conflicto entre uno que dice blanco y otro que dice blanco pero que no entiende la misma cosa por blancura [...] la incomprensión no concierne únicamente a las palabras. En general concierne también a la propia situación de los que hablan” (Ibid.: 8)³. Por lo dicho, y a modo de hipótesis, la incomprensión del judicial surge como resultado del conflicto entre lo que él -en tanto trabajador de tribunales- entiende por ley, derecho o Poder Judicial y lo que entienden por ley, derecho o Poder Judicial vastos sectores de la sociedad.

A partir de lo que acabamos de señalar se presenta otra cuestión significativa y es que la incomprensión del judicial es, simultáneamente, individual y social. Así las cosas, se vuelve necesario identificar ambas dimensiones, para lo cual es de gran apoyo ahondar, por un lado, en las desigualdades entre los integrantes de tribunales y el resto de la comunidad, y por otro, en las desigualdades que existen entre los propios operadores jurídicos que forman parte de esos mismos tribunales. Planteado en otros términos, ¿cuánto y en qué se parecen entre sí los judiciales si los comparamos con el conjunto de la sociedad? ¿Qué tienen en común que los diferencia de aquellas personas que no forman parte de la administración de justicia? Pero a su vez, ¿cuánto y en qué se diferencian los judiciales si los comparamos entre ellos mismos? ¿Qué criterios permiten discernir una demografía que muchas veces suele ser presentada como un conjunto uniforme? Distinguir estas dos cuestiones no es trivial porque generalmente los estudios e investigaciones al respecto suelen concentrarse en la primera de las problemáticas, esto es, en la configuración de la endogamia judicial, el corporativismo y sus derivaciones institucionales. Sin dudas que este tópico es primordial porque nos posibilita comprender parte de las prácticas que producen y reproducen los compromisos oficiales y oficiosos entre los miembros de la administración de justicia. Son estos compromisos

³ El filósofo francés Jacques Rancière trabaja sobre las dimensiones de la política a partir del concepto de desacuerdo. En nuestro caso utilizamos su argumento para reflexionar acerca de la incomprensión actual en el mundo judicial.

los que con frecuencia los distancian de buena parte de las personas de a pie, en particular de los individuos que necesitan que el Poder Judicial dé respuestas a los conflictos en los que fueron protagonistas. Acá nos encontramos frente a un modo de abordar los tribunales que hace hincapié en los rasgos identitarios que genera dicha burocracia para quienes forman parte de ella.

Aun así, existe un cúmulo de asimetrías y particularidades propias de esta institución que es vital indagar porque ayudan a confirmar que lo que se ve homogéneo desde el exterior, una vez que se ingresa a la administración de justicia se traduce en una gran cantidad de disparidades, las cuales hacen de este ámbito una institución enrevesada y en tensión. Para esto último, cabe preguntarnos “en calidad de”⁴ qué se diferencian entre sí los judiciales dado que la prioridad deja de ser todo lo que éstos tienen en común para precisar los parámetros a partir de los cuales se diferencian.

Un primer factor está ligado a los ingresos, que pueden exhibir una gran discrepancia entre los que cobran los sueldos más altos respecto de aquellos que están en la base de la pirámide salarial. Aquí pesan la jurisdicción en la que se trabaja junto a la jerarquía y la antigüedad, tal como sucede en la mayoría de las burocracias, pero a diferencia de la mayoría de las burocracias, la percepción social es que los judiciales en conjunto ganan sueldos altos, lo cual no es necesariamente así. Desde luego que existen operadores jurídicos con altos ingresos, y también están los que tienen buenos ingresos, pero que en muchos casos se exasperan porque consideran que no hay justificación para la diferencia entre sus buenos ingresos respecto de los altos ingresos de sus colegas. Este fenómeno que definimos como *abundancia absoluta* busca explicar que, en relación con el conjunto de la sociedad, una parte importante de los judiciales considere su fuente de ingreso como cuantiosa. O

⁴ La propuesta de analizar las diferencias entre los judiciales “en calidad de” surge del trabajo en Francois Dubet. En concreto, este autor afirma que en contextos donde las desigualdades son múltiples, los individuos se definen desiguales partiendo de esa pluralidad: “Cuando las clases sociales ya no conglomeran las desigualdades en condiciones de vida comunes y relativamente homogéneas, los individuos multiplican los criterios de juicio y desglosan su situación en varias dimensiones, en función de las cuales se perciben como más o menos desfavorecidos” (2020: 48).

lo que es lo mismo, que cuando el punto de equiparación de los que trabajan particularmente en las justicias provinciales es extrajudicial, se evidencia una valoración positiva de sus sueldos. Por el contrario, la *abundancia relativa* es la que permite comprender la disconformidad de quienes perteneciendo a ciertas jurisdicciones locales estiman que por un trabajo similar perciben mucho menos que sus pares de la justicia federal. En este caso, si la comparación es intrajudicial, sus buenos sueldos les parecen injustos. Como sugiere el sociólogo francés Pierre Bourdieu (1997), todo lo real es relacional, y esto equivale a decir que aquello que existe en el mundo social son relaciones que se construyen, entre otras cuestiones, a partir de comparaciones. Como consecuencia, la realidad con la que comparan su propia realidad los integrantes de las justicias provinciales para exigir aumentos salariales no es la del conjunto de la sociedad, sino la de los judiciales trabajan de lo mismo que ellos, pero en el ámbito federal. Ámbito en el cual, en efecto, se pagan sueldos más altos.

Desde luego que sería muy importante una discusión profunda acerca de los ingresos que obtienen quienes trabajan en la justicia ya que, sea la jurisdicción que sea, sus sueldos son en términos generales elevados en relación con el resto de los empleados públicos. Pero si queremos interpretar por qué para ciertos operadores jurídicos un buen sueldo no siempre es un sueldo justo, debemos analizar además la diferencia entre la *abundancia absoluta* y la *abundancia relativa*. Es esta distinción la que hace posible entender por qué perciben como injustificada la desigualdad salarial personas que trabajan en los ámbitos provinciales. Dicho esto, existen también los judiciales *necesitados*, que son los que reciben las remuneraciones más modestas y en algunos casos precisan complementar sus ingresos con otras actividades, como puede ser manejando vehículos para aplicaciones de traslado de pasajeros -Uber, Cabify, etc.- y de ese modo “redondear” el presupuesto mensual. Por lo tanto, en términos comparativos, existen judiciales “en calidad de” acomodados, judiciales “en calidad de” necesitados y una clase media judicial⁵. A partir de esta tipificación, podemos identificar

⁵ La categoría *clase media judicial* a la que se hace referencia la proponemos para analizar y comparar la percepción de los ingresos sólo hacia el interior

un estilo puntual de desigualdad, e incluso advertir si este estilo juega un papel relevante en el trabajo cotidiano dentro de tribunales: ¿cómo llegan a su trabajo? ¿Cuentan con vehículo oficial, se desplazan en el suyo propio o lo hacen en transportes público? ¿Cómo dividen los gastos asociados a los insumos cotidianos de oficina? Para la compra del agua, la yerba o el café que consumen día a día, ¿aportan todos los judiciales el mismo dinero? ¿O lo hacen en proporción a los sueldos que reciben? ¿Colaboran más los judiciales acomodados que tienen cargos con mayor jerarquía y proporcionan menos los judiciales necesitados? (Kostenwein, 2021) En fin, estas asimetrías en los ingresos pueden dar lugar a la incomprensión de la que venimos hablando, entre otras razones porque como hemos señalado, hay un número importante de judiciales que no obtienen sueldos rutilantes y aun así, parte de la sociedad supone lo contrario.

Otra variable a tener en cuenta para interpretar las desigualdades en tribunales es la ideología de los judiciales, cuestión que excede la orientación política e incluso la afiliación partidaria. También como ocurre con otras instituciones, en la administración de justicia hay miembros que podríamos ubicar en un cuadrante progresista, incluso bregando por la igualdad en términos sociales y económicos, diferenciándose de otros más conservadores o incluso decididamente reaccionarios. Pero a diferencia de otras instituciones, los marcos morales e ideológicos de los judiciales exhiben una importancia específica porque pueden influir en resoluciones que impliquen, por ejemplo, la libertad o el encarcelamiento de individuos. Sin ir más lejos, aquellos que forman parte de tribunales no tienen la misma mirada sobre las causas penales en las que intervienen, brindando apoyos y legitimaciones diversas acerca del castigo estatal. Están quienes parten del presupuesto de que la institución a la que pertenecen gestiona conflictos sociales en un orden económico injusto, y están quienes consideran que el Poder Judicial debe contribuir primordialmente a la cohesión ciudadana sancionando a los individuos que trasgreden las normas jurídicas. Ahora bien, existen a su vez disidencias respecto

de tribunales. En este aspecto, es importante aclarar que dicha *clase media judicial* está económicamente por encima de la clase media a nivel social.

de los impactos concretos de la pena: encontramos judiciales que enfatizan en las circunstancias que atraviesan las personas encarceladas tomando como referencia principal sus experiencias. Son los que hacen hincapié en las consecuencias, sobre todo negativas, que produce el encierro para los condenados. Esto último es lo que los expertos describen como el entorno “desadaptador” que ocasiona la cárcel para sus ocupantes. Otra postura está encarnada en aquellos integrantes de la justicia penal que no solo piensan en las consecuencias nocivas del encarcelamiento para las personas confinadas, sino que mencionan lo mal que la pasan los familiares de estos últimos -concretamente, cuando van a visitarlos- considerando que hay personas perjudicadas que no han tenido que ver con ningún hecho criminal. Este grupo de judiciales incorpora la situación de los que no se encuentran en prisión, pero sí sufren las secuelas por el encarcelamiento de sus allegados. Una tercera tesitura es la de quienes señalan la influencia que tiene la penalidad respecto de la sociedad, y como consecuencia, que las derivaciones deben analizarse del castigo estatal tomando en cuenta el papel que este último tiene para la comunidad en general, y no sólo para las personas encarceladas o sus familiares. Aquí los miembros de la justicia penal parecen sugerir que la sanción del delito contribuye a preservar el compromiso ciudadano en torno a las normas jurídicas (Kostenwein, 2024). En suma, si bien la penalidad es un fenómeno complejo, y la sociedad produce múltiples significados relacionados a la sanción, es necesario saber cómo experimentan el problema los que pertenecen a la administración de la justicia penal dado que esto puede afectar la manera en la que elaboran sus resoluciones.

Como cierre, vale subrayar que estos dos criterios, salarios e ideología, no son los únicos a partir de los cuales es factible analizar las desigualdades en una época de pasiones tristes judiciales, pero sí son criterios ineludibles. Y lo son porque ambos elementos, como también lo dijimos acerca de la incomprensión, se experimentan de forma individual, pero a la vez se trata de fenómenos sociales que exceden a los sujetos. O dicho de otro modo, salarios e ideología resultan cruciales para indagar cómo se configura la subjetividad socializada del judicial en contextos como los actuales.

2. EL DECLIVE DE LA INSTITUCIÓN Y EL SURGIMIENTO DEL ACTOR JUDICIAL INCOMPRENDIDO

Siguiendo con lo que planteamos en el apartado anterior, la era del judicial incomprendido parece relacionarse igualmente con lo que Francios Dubet (2007) define como la mutación, y en algunos casos el declive, de las instituciones. Si bien este tipo de planteos son amplios, y apuestan a brindar herramientas teóricas más que resultados empíricos demostrables, siguen siendo útiles para complejizar el papel que cumple en la actualidad el Poder Judicial, y sus integrantes en particular.

El argumento central aquí es que las instituciones, entre ellas la administración de justicia, tienen como objetivo introyectar determinados valores en las personas hacia el interior de un orden simbólico colectivo. Tradicionalmente, el prestigio de quienes formaban parte de los tribunales podía apoyarse en sus aptitudes personales pero, en primer lugar, residía en la autoridad que les conferían los tribunales en tanto institución. Esto implicaba, entre otras cuestiones, que las decisiones que tomaban sus miembros se considerasen respetables, puesto que descendían de un ámbito regido por principios de equidad robustos. Importa aclarar que no estamos sugiriendo que el proceso se haya desarrollado efectivamente así, es decir, que décadas atrás el Poder Judicial fuese apreciado de modo favorable con tal unanimidad. De hecho, hay trabajos historiográficos que demuestran las severas críticas que existían ya a comienzos del siglo XX respecto al desempeño de la administración de justicia (Sedeillan, 2012, et al). Lo que sí parece haberse erosionado son los efectos de certeza que producían los tribunales en tanto autoridad, puesto que su reputación comenzó a mezclarse con las confusiones, las controversias y los arrebatos de la sociedad. Por lo tanto, la administración de justicia deja de ser vista como un espacio escrupuloso y alejado de presiones venales tales como los intereses económicos o políticos de turno, para caracterizársela como un lugar cuyas decisiones pueden ser negociables. Esto último precipita el desencantamiento acerca del trabajo de los tribunales, no tanto por la agonía de los valores y principios que estos últimos deberían preservar, sino porque esos valores y principios dejan de ser identificados con la administración de justicia. De hecho, tal como lo sugerimos al comienzo de este ensayo, resulta engorroso distinguir

qué tipo de argumentos utiliza dicha administración para lograr edificar su legitimidad frente a la comunidad.

La aparente mutación, y en parte declive, de la institución judicial provoca que no sea ésta la que le otorgue validez a las decisiones que se toman hacia su interior, sino que sean los propios actores judiciales quienes deban justificar la necesidad de su importancia. Al respecto, el trabajo en tribunales ya no está sostenido por su propio dispositivo de verdad, y como consecuencia, son sus miembros los que deben construir autoridad a partir de las propias intervenciones. Esto permite explicar, al menos en parte, cómo en el último tiempo los individuos de carne y hueso hacia el interior del Poder Judicial hayan ido asumiendo no sólo cada vez más relevancia, sino el carácter de calificativos o identidades a los cuales se pertenece o se aborrece. Sólo a título ilustrativo, Raúl Zaffaroni⁶ se ha transformado en un apelativo utilizado por sectores punitivistas para referirse despectivamente a cualquier postura que sugiera que el castigo a los delitos por sí solo no garantiza efectos beneficiosos. De modo superficial, la categoría “zaffaroniano” es aplicada para hacer referencia a una supuesta búsqueda de liberar indiscriminadamente a las personas encarceladas. Otro caso menos relevante pero que puede resultar útil es el de Martín Irurzun, quien llevó adelante a partir de 2015 lo que se conoció como la teoría del “poder residual” con la cual avalar el uso de la prisión preventiva respecto de funcionarios políticos porque los vínculos remanentes que estos últimos poseen les permitiría obstaculizar las investigaciones judiciales. Por lo tanto, la expresión “doctrina Irurzun” es utilizada para caracterizar una situación donde se emplea discrecionalmente la cárcel en tanto medida cautelar. Ahora bien, cuando se critica a ciertas personalidades judiciales, o se utiliza su apellido para describir situaciones reprochables, en simultáneo se está cuestionando a la institución de la que estas personalidades forman parte, y por tal motivo, el rol simbólico que ejerce el Poder Judicial en la sociedad misma. Este proceso implica que, en ocasiones, sus integrantes deban rendir cuentas no sólo hacia el interior de la institución en la que

⁶ Raúl Zaffaroni formó parte activa del Poder Judicial hasta su jubilación en diciembre del año 2014, sin embargo su apellido sigue teniendo hasta el día de hoy un gran protagonismo en el plano narrativo acerca de la cuestión penal.

se desempeñan, sino además dar explicaciones mirando en dirección a la sociedad *-versus populum-* puesto que las paredes que blindaban a los tribunales, en parte, han sido perforadas.

Vale recalcar que el declive de la institución judicial y el surgimiento de ciertas figuras jurídicas tal como las acabamos de plantear es una hipótesis de trabajo, más que un fenómeno efectivamente demostrado. Sin embargo, no deja de ser importante para pensar que el judicial que se construye hoy, no es igual al judicial que se construía décadas atrás puesto que las demandas colectivas hoy influyen de distinto modo en los tribunales de lo que lo hacían en otros períodos: la visibilización por parte de los medios de comunicación, el activismo desplegado por diferentes ONG's o el uso vertiginoso de las redes sociales, son ejemplos de esto (Kostenwein, 2024). En definitiva, se trata de trayectorias laborales menos estables respecto a otros tiempos, y como veremos con claridad en el siguiente apartado, los hechos escandalosos, las volatilidades políticas o los infortunios del destino suelen tener un lugar importante en los judiciales incomprensidos, aunque todo esto no quede debidamente registrado en las regularidades estadísticas (Dubet, 2020).

3. LA TILINGUERÍA EN TRIBUNALES

En la presente sección vamos a reflexionar sobre un fenómeno que, si bien no es reciente, en los últimos tiempos parece haberse profundizado. Se trata de aquello que definiremos como tilinguería hacia el interior de los tribunales, la cual es importante caracterizar para complejizar tanto la incomprensión del judicial como los enfoques binarios que se proponen sobre el comportamiento de ciertos operadores jurídicos.

Comencemos por una de las críticas más frecuentes que se le hace al Poder Judicial, ya mencionada al inicio de este ensayo, que es la de su aparente hermetismo, es decir, que realiza su trabajo *ad orientem*, de espaldas a la sociedad. Las personas que integran oficinas y pasillos en tribunales suelen ser tildadas de crípticas por el carácter técnico que utilizan para expresarse, o de entretejer un ámbito endogámico y corporativo que permite la consolidación de la célebre “familia judicial”. Resumiendo, tanto el lenguaje jurídico como las particularidades en

la conformación de la demografía en la administración de justicia se presentan como dos de los rasgos más problemáticos que hacen posible confirmar la incombustible opacidad del mundo del derecho.

Ahora bien, cuando casos resonantes como el que hace un año tuvo como protagonista a la exjueza Julieta Makintach permiten atravesar esa bruma impenetrable de hermetismo y de ese modo adentrarnos en algunos detalles de la dinámica interna de tribunales, es probable que muchos de quienes critican el mencionado hermetismo lo terminen añorando. Toda una ironía que confirma en cierto aspecto el declive de la institución judicial y la emergencia de figuras jurídicas a los que hicimos referencia en el segmento anterior.

Hagamos un breve repaso de lo sucedido. Si bien no hace falta presentar a Diego Maradona, sí es necesario aclarar que en el marco del juicio en el que se investigaba su muerte, todo hace suponer que la jueza mencionada intentó avanzar con la realización de un documental cuyo título iba a ser “Justicia Divina”. Esto trascendió el 24 de mayo del 2025 al hacerse público el tráiler del futuro documental, provocando que juristas y familiares de Maradona denunciaran que había cámaras filmando indebidamente la audiencia. A todo esto, se sumaron pruebas sobre correos electrónicos y guiones que acreditaban las sospechas. El suceso desencadenó la suspensión del proceso junto a la separación de la causa penal de Makintach y los otros dos magistrados que conformaban el tribunal, Maximiliano Savarino y Verónica Di Tomasso.

Hace un instante calificamos como resonante al caso del que venimos hablando, pero ¿qué significa esto exactamente? Es decir, ¿cuándo se configura un evento de este tipo? Para buena parte de la literatura especializada, se trata de situaciones “escandalosas” que afectan lo que John Thompson (2001) define como la zona *intermedia de la decencia*, en el sentido que son actos que involucran ofensas considerablemente sensibles como para generar reproches por parte de la sociedad dado que se profanan valores o normas fundamentales. Como consecuencia, los casos resonantes permiten observar de qué manera se utilizan discursos y reclamos, entre otros por víctimas, políticos y periodistas, dentro de circunstancias en las que existe mayor presión respecto a un suceso en el cual la justicia penal está involucrada.

Un escándalo requiere, también, que la reprobación alcance cierta visibilidad, lo que equivale a decir que es la respuesta del público lo que da lugar a la aparición y consolidación de un escándalo y no a la inversa. En síntesis, los elementos fundamentales de un caso resonante -a saber, que exista una ofensa moral relevante y que dicha ofensa sea denunciada públicamente-, están presentes en el escándalo de la exjueza Makintach.

Recuperemos otro supuesto de caso resonante que se vincula con la administración de justicia. En abril del 2016, el por entonces presidente de la nación Mauricio Macri expresó lo siguiente: “Tengo un alivio porque damos un paso para mejorar la Justicia de nuestro país. Saber que este señor no va a fallar más nos debe dar una gran tranquilidad a todos”. Y agregó: “comparto la sensación de muchos... las ganas de que pase por el proceso de juicio político que venimos reclamando hace tiempo. El problema es que sabemos que ese es un proceso largo y de resultado incierto, mientras conserva sus fueros impidiendo que lo investiguen judicialmente, y además sigue siendo juez”. Se trataba de las justificaciones manifestadas como consecuencia de haberle aceptado la renuncia a Norberto Oyarbide, convirtiéndolo a partir de esa decisión en exjuez federal. Este magistrado logró notoriedad por primera vez en el año 1998 cuando se lo acusó de recibir coimas para proteger un prostíbulo llamado Spartacus, situación que se agravó al conocerse filmaciones en las que se lo veía en ese mismo lugar. Se le inició un juicio político que, por fortuna del destino y ardides de los políticos, no logró avanzar.

Oyarbide personificó en los '90, de modo similar al que lo hace hoy Makintach, lo que podríamos concebir como *demonios judiciales* (Kostenwein, 2021). La característica más destacada de estos últimos es la de ser señalados por sus detractores como un riesgo para el conjunto de la sociedad, debido a que desde el rol que desempeñan no protegen como correspondería una serie de valores asociados al bien común de los individuos. Acerca de los *demonios judiciales* referidos, cabe preguntarnos también si contribuyen de alguna manera a configurar parte de las relaciones que se despliegan entre el Poder Judicial, las víctimas y la ciudadanía, a los que podemos sumar las autoridades políticas y los medios de comunicación. En pocas palabras, si estos *demonios judiciales* pueden ayudarnos a entender mejor la dinámica que asumen los cinco

elementos mencionados en contextos donde ciertos sucesos provocan hechos escandalosos.

Ahora bien, hay algo que hace de Oyarbide y Makintach una variedad específica dentro de los *demonios judiciales*, algo que los transforma en objeto de un marcado desdén incluso dentro del propio mundo judicial. Se trata de la frivolidad que parecen insinuar buena parte de sus prácticas a partir de las cuales se muestra a ese mundo judicial de forma grotesca respecto de la comunidad, lo que suele poner inquietos incluso a sus mismos colegas.

A falta de una bibliografía consolidada sobre esta problemática, podríamos rotular a este subgrupo como *demonios judiciales* tilingos. En tal sentido, tomaremos prestadas algunas precisiones propuestas por Arturo Jaureche en una nota publicada en la Revista Confirmado en junio de 1966 en la que afirmaba: “hablan de fútbol, de carreras, de política, de economía. Cuando tocan estos dos temas últimos, nunca faltará quien diga: *Lo que pasa es que los obreros no producen*. Ahí está el tilingo.... Que un tipo que no produce diga, en una reunión de tipos que no producen, que no producen los únicos que producen algo, es tilinguería”.

La cuestión sería entonces identificar la traducción judicial de la figura del tilingo que, como dijimos hace un momento, encarnan de forma notable Oyarbide y Makintach. A modo de hipótesis, podríamos referenciar dicho arquetipo como representante de un estilo estético aparatoso o exagerado, portavoz de una intelectualidad módica, con larga trayectoria en tribunales, pretensiones de alto perfil y, fundamentalmente, poseedor de una cuota excesiva de imprudencia (Kostenwein, 2025). Para decirlo con otros términos, el *tilingo judicial* carece de prestigio, sus propósitos polémicos tienden a convertirse en conmociones y las decisiones resonantes que toman devienen escandalosas. Al respecto, es valioso el aporte de Agustín Casagrande cuando identifica la figura del *técnico banal*, la cual “encarna el goce ilimitado del discurso capitalista, su plus-de-gozar lo empuja al exceso, rompiendo con el *decorum* que exige la escena judicial” (2025: 4). Así las cosas, todo *tilingo judicial* es, en parte, un *técnico banal* que disfruta de ciertas extravagancias prescindiendo del recato exigido para la función que desempeña.

¿Por qué consideramos relevante lo que acabamos de mencionar? Porque vuelve a poner en primer lugar la imagen del judicial incomprendido,

incluso en su pluralidad: de un lado, se siente incomprendido quien trabajando en la administración de justicia se percibe opuesto al tilingo, pero que sin embargo advierte que la institución en la que trabaja padece reprobaciones sociales por las conductas de ese mismo tilingo. Pero también se abre la posibilidad de que el propio tilingo se sienta incomprendido por considerar desmedidas las consecuencias adversas que sufre para su trayectoria, fundamentalmente porque sabe de la existencia de muchos colegas que, con conductas tan o más reprochables, siguen en sus cargos sin grandes inconvenientes. Esto ilustra de qué modo las pasiones tristes ligadas al desencanto se encuentran en condiciones de recorrer tribunales.

Otra cuestión significativa acerca de los tilingos que integran el Poder Judicial es que sus destinos pueden variar. Oyarbide pidió la renuncia y se la otorgaron en 2016. Makintach hizo lo mismo en el año 2025, pero no se la concedieron y tuvo que afrontar un juicio político. Al respecto, es probable que su suerte estuviese echada incluso antes de que comenzara el proceso de remoción. Y si bien pueden surgir distintas conjeturas sobre esta historia de exclusión, no caben dudas que se trata de un evento con múltiples aristas. Una de estas aristas es la posible pérdida de los contactos dorados de la jueza destituida ¿Qué significa esto? En el libro *Una sociología de la vida en común*, los investigadores Gabriel Kessler y Juna Ignacio Piovani (2025) trazaron un panorama de la sociedad argentina a partir de un minucioso análisis sobre los vínculos que nos permiten dar y recibir afectos, favores, dinero, cuidados o consejos. En un pasaje de la obra hacen referencia, precisamente, a los contactos dorados, que serían aquellas personas -o relaciones- con perfiles específicos a las cuales acudir en situaciones difíciles de sobrellevar. Ahora bien, ¿cómo pensar los contactos dorados hacia el interior de la administración de justicia? Los juicios políticos a sus integrantes, como el que atravesó Makintach, pueden ser un buen disparador.

Sabemos que las autoridades legislativas y ejecutivas suelen actuar de un modo similar frente a casos escandalosos como el del fallido juicio por la muerte de Maradona: el problema para el campo de la política no es la institución judicial, no son sus prácticas, el problema son determinados actores judiciales con rostro preciso y despacho propio (Kostenwein, 2021). Y si evitamos juzgar con semblante moral

esta conducta por parte de los políticos, luce bastante razonable: si ellos admitieran que el problema central es el Poder Judicial o sus lógicas arraigadas, se verían obligados a impulsar cambios profundos que podrían traerles dolores de cabeza y magras ventajas electorales. Por el contrario, al identificar que el estorbo son los actores judiciales con nombre y apellido, en este caso Julieta Makintach, desanudar el conflicto termina siendo relativamente más sencillo y con un bajo costo frente a la opinión pública.

Volviendo al tema de los contactos dorados, si hubiésemos hipnotizado a la exjueza antes del malogrado juicio por Maradona, es probable que creyera que aún gozaba de esos vínculos -judiciales y extrajudiciales- con atributos específicos a los cuales recurrir frente a una situación tan amenazante como la que atravesó. El punto es que su expectativa se vio frustrada cuando, en efecto, necesitó de esos auxilios y no llegaron. En definitiva, los contactos dorados pueden servir para ingresar al Poder Judicial, incluso para ascender en su organigrama. Pero Makintach verificó, probablemente de forma dolorosa, que ya no los tenía cuando se vio obligada a empezar a contemplar la vida alejada de tribunales.

Como balance de este apartado, podemos señalar que en la era del judicial incomprendido es importante prestarle atención al fenómeno de la tilinguería judicial, y de qué modo se manifiesta a partir de casos resonantes en los que toman intervención sectores del campo de la política. En ocasiones, dichos sectores pueden transformarse en contactos dorados para los integrantes de tribunales, y en otras ocasiones pueden dejar de serlo, como en el caso de Makintach.

4. CINISMO, SOBERANÍA E INDEPENDENCIA JUDICIAL

Antes de concluir es necesario advertir de qué manera la incompreensión, el declive institucional y la tilinguería que analizamos previamente pueden convertirse en terreno fértil para el advenimiento de un escenario aún más inquietante: el del cinismo judicial.

Gilles Deleuze y Félix Guattari concluyen su libro *¿Qué es la filosofía?* afirmando lo siguiente: “Sólo pedimos un poco de orden

para protegernos del caos. No hay cosa que resulte más dolorosa, más angustiante, que un pensamiento que se escapa de sí mismo.... Incesantemente extraviarnos nuestras ideas. Por este motivo nos empeñamos tanto en agarrarnos a opiniones establecidas” (2005: 202) ¿El título de la conclusión en cuestión? *Del caos al cerebro*. Allí aparecen tres conceptos que nos resulta interesante recuperar para esta conclusión: orden, caos y opiniones establecidas. Y los consideramos relevantes porque, aun existiendo posturas enfrentadas al respecto, son los tribunales aquellos que tienen la tarea de conjurar el caos y ser garantes del orden social afianzando las opiniones establecidas. Lo dicho implicaría que, frente a diferentes conflictos sociales, en particular si se trata de controversias de difícil resolución, nuestras sociedades estiman necesaria la presencia de personas preparadas, profesionales del derecho, que se encarguen de resolverlos. Esto supone seguir el camino que iría del caos al orden, y de las opiniones establecidas al tribunal. O con otras palabras, confiar que en el marco de criterios reglamentados, los integrantes de la administración de justicia logren un desenlace que, al menos en parte, no genere más daño que aquel que debería remediar. Incluso admitiendo un descrédito que parece incrementarse por parte de la ciudadanía, incluso tolerándosele por momentos rutinas interminables y laberintos burocráticos tortuosos, el Poder Judicial tiene asignado el rol de traducir demandas colectivas en respuestas institucionales con consecuencias jurídicas.

Así las cosas, de profundizarse ese descrédito del que hablamos, o si se propagaran irreflexivamente las rutinas y laberintos tolerados, estaríamos frente al riesgo de consolidar un proceso de mayor volatilidad cuyos efectos podrían resultar imprevisibles. Si este fuera el escenario, nos dirigiríamos desde los tribunales hacia el caos, es decir, serían los mismos actores judiciales quienes en lugar de producir soluciones, generarían desconcierto. Tal como lo dijimos previamente, nuestro ensayo está orientado a señalar, sin ánimo catastrofista, que ese riesgo siempre latente puede convertirse en realidad.

Para ilustrar nuestras inquietudes acerca del caos y el tribunal, especialmente en tiempos de inclemencia política como los actuales, vamos a rescatar dos episodios que tienen como protagonista a la Corte Suprema de Justicia de la Nación de nuestro país.

En el mes de octubre del 2023, mientras se desarrollaba el proceso eleccionario que terminó proclamando a Javier Milei como primer mandatario, el presidente de la Corte Suprema Horacio Rosatti abogó porque el país alcance mayores niveles de cohesión o, para servirnos de sus propias palabras, “Ojalá la etapa que se inaugura ahora nos marque un camino de unidad y de unión nacional tan importante para poder poner al país en marcha”, y agregó, “el canto de las sirenas es muchas veces el canto de la desunión, el canto de la grieta, el canto del enfrentamiento”. Estas expresiones fueron interpretadas por diferentes sectores de la siguiente manera: con la primera frase, Rosatti insinuó una coincidencia con el por entonces candidato a presidente Sergio Massa, y con la segunda frase, sugirió una crítica disimulada a Mieli.

Su colega como ministro de la Corte Suprema, Ricardo Lorenzetti, decidió salir del terreno de las conjeturas y no sólo consideró que Rosatti dijo eso que pareció decir, sino que explicitó una postura antagónica al respecto: “Debemos respetar la política partidaria tanto como es exigible que se respete la independencia judicial”, y sostuvo “el ‘populismo judicial’, que es cambiar según sopla el viento, es inapropiado como modelo judicial”.

Esta discrepancia entre Rosatti y Lorenzetti fue importante, y lo sigue siendo, por varias razones. Una de ellas es que los planteos públicos de los actores judiciales, especialmente si se trata de integrantes de la Corte, nunca son inocentes. Tampoco son inocentes las decisiones jurídicas que toman en el marco de las causas en las que intervienen. Pero cuando las discrepancias se vuelven públicas, antes que técnicas, la falta de ingenuidad se hace más evidente.

Otra razón que sería bueno señalar tiene que ver con el riesgo de que este tipo de discrepancias a cielo abierto deriven en el *cinismo judicial* que mencionamos hace un instante. Existe una tradición proveniente de las ciencias sociales que busca analizar las razones por las cuales las normas jurídicas carecen de vigencia para la ciudadanía y por ello las dejan de respetar. Este fenómeno lleva el nombre de *cinismo legal*, y se enfoca tanto en las causas como en las secuelas de la falta de legitimidad de la ley para las personas de a pie (Oliveira y Jackson, 2021). Algunos investigadores señalan que el *cinismo legal* puede tener lugar, también, cuando las mismas personas asumen creencias respetuosas acerca de las

leyes, pero al mismo tiempo brindan opiniones negativas de los agentes estatales que deben hacerlas cumplir.

Ahora bien, si nos concentramos en la vigencia de las normas jurídicas, no para la ciudadanía en general como lo hace el concepto de *cinismo legal*, sino para los actores judiciales en particular, surge la siguiente incógnita: ¿es más relevante para dichos actores aspirar a la *unión nacional* o *exigir la independencia judicial*? Podríamos cuestionarnos también si para esos mismos actores judiciales, en su trabajo cotidiano en los tribunales, es más importante tener en cuenta *el canto de las sirenas* o si hacer esto es sinónimo de “*populismo judicial*”. Para plantearlo más concretamente, ¿cuántos actores judiciales pensarán como Rosatti? ¿Y cuántos actores judiciales pensarán como Lorenzetti? Incluso, ¿cuántos actores judiciales no pensarán ni como uno ni como otro? Y lo más importante, ¿cuántos actores judiciales pensarán que planteos como los de Rosatti y Lorenzetti contribuyen a que se trabaje peor -y no mejor- en la administración de justicia? Resumiendo, ¿cuántos actores judiciales tendrán opiniones negativas de planteos como los de Rosatti y Lorenzetti, porque consideran que generan un trabajo judicial menos comprometido? Precisamente, algunas de estas preguntas ligadas al descrédito que se genera puertas adentro de tribunales nos permiten analizar el riesgo larvado de un *cinismo judicial* en expansión (Kostenwein, 2025b).

El segundo acontecimiento que rescataremos en esta presentación tuvo lugar en mayo del 2024. Antes de ir al suceso al que nos estamos refiriendo, es necesario apuntar lo siguiente: cuando se señalan críticas al trabajo que realiza el Poder Judicial, una parte considerable de sus integrantes suele esgrimir, para hacerle frente a esas reprobaciones, el incombustible precepto de la independencia judicial. Esta última ha sido definida, ha sido estudiada, ha sido ponderada y ha sido estigmatizada. No obstante, sigue teniendo algún tipo de vigencia. Una acepción posible de independencia judicial se relaciona con la capacidad que poseen los distintos tribunales de hacer efectiva la legislación sin que interfieran en esto los poderes Legislativo y Ejecutivo. Dicho esto, ¿cómo analizar la situación actual de la ya mencionada Corte Suprema si las disputas no se dan entre el Poder Judicial y factores externos al mismo, sino entre actores relevantes que forman parte de la propia administración de justicia? Es decir, ¿cómo abordar, en este contexto, un enfrentamiento

interno que está más ligado a la soberanía judicial, que a su tradicional independencia?

Hagamos un breve repaso de lo sucedido: el viernes 17 de mayo la Corte Suprema decidió crear una Secretaría Penal Especial en la que todos sus miembros estuvieron de acuerdo, excepto Ricardo Lorenzetti. En su voto disidente, este último utilizó muy duros argumentos contra sus colegas del tribunal, afirmando entre otras cuestiones que “no hay ninguna justificación para crear una nueva (Secretaría Penal Especial), excepto la de designar un nuevo secretario, con un altísimo costo y sin concurso alguno”, yendo incluso más lejos cuando alegó que el verdadero propósito de la acordada es el “vaciamiento de la actividad del secretario actual, sin fundamento alguno”, para que de ese modo “los casos penales importantes queden bajo la gestión de un secretario que responda a directivas que no se publican”. Por su parte, Horacio Rosatti, Juan Carlos Maqueda y Carlos Rosenkrantz le respondieron a Lorenzetti en términos también severos: “El presunto vaciamiento (del trabajo del actual secretario penal, denunciado por Lorenzetti) no es tal. Para ello basta con observar que se le ha asignado el tratamiento de las causas sobre delitos de lesa humanidad”.

Esta acotada enumeración de argumentos y réplicas expresadas por las máximas autoridades del Poder Judicial no sólo abre diferentes interrogantes de cara al futuro, sino que nos invita a pensar cómo dirimen sus conflictos quienes, por excelencia, deberían guardar las formas. En otras palabras, ¿cuáles son las reglas que respetan los ministros de la Corte cuando da la sensación de que no están respetando ninguna regla? Lograr identificar esto último es de primera magnitud puesto que la ruptura de las convenciones sin que otras convenciones las suplanten puede dar lugar a una inestabilidad creciente, a una mayor volatilidad, en una institución que, en palabras del mencionado Lorenzetti, necesita *ser austera, concursar los cargos, respetar el mérito y evitar el nepotismo*.

Se le atribuye a Albert Einstein la ingeniosa expresión “Dios no juega a los dados con el universo”. Si nos detenemos en las confrontaciones intestinas del máximo tribunal en Argentina, podríamos reformular el planteo del físico alemán y sostener que Dios parece estar jugando a los dados con el universo judicial sin tener previsto un desenlace pacífico.

En definitiva, en este ensayo consideramos de primera magnitud analizar qué hacen los integrantes de este tan convulsionado universo en su disputa actual por la soberanía judicial. Y cómo esta disputa podría tener algún tipo de relación en una época de pasiones tristes con judiciales incomprensidos, con el declive de la institución de la justicia y la emergencia de la tilingüería en tribunales.

Acerca de los destacados artículos que forman parte del presente dossier, comenzamos por el de Camila Abril Serrano y Jesica Micaela Luna que describen la impronta que tiene en Argentina la implementación de procesos penales acusatorios, en particular lo sucedido a partir del nuevo Código Procesal Penal -Ley N° 27.063- que introdujo dicho modelo en el ámbito federal. El nombre del trabajo es “Los efectos burocráticos de las reformas procesales penales: sobre la transición de ‘un día en la corte’ a los juicios orales fragmentados. Impacto en juicios acerca de homicidios dolosos consumados”, y allí se concentran en analizar cómo influyeron estos cambios que buscaron promover transparencia, publicidad, oralidad y concentración en los procesos judiciales. En particular, detectan que en los juicios orales y públicos que deberían realizarse en pocas audiencias, a la luz de los hechos se fragmentan por lo que terminan adquiriendo rasgos típicos del proceso escrito. Como lo indica el título, toman como referencia los juicios por homicidios dolosos consumados, que son paradigmáticos y a su vez minimizan la posibilidad de aplicar mecanismos alternativos como el del juicio abreviado.

La investigación de Luciano Rocha de Oliveira y Américo Bedê Jr. titulada “Confiança e opacidade: governança de sistemas integrados e IA preditiva no ciclo polícia, MP e Judiciário”, explora el vínculo en Brasil entre las instituciones de la policía, la fiscalía y la judicatura respecto de la inteligencia artificial. Este fenómeno ha generado cambios más allá de su supuesta eficiencia, que permiten incrementar el hermetismo en las resoluciones judiciales, e incluso aumenta las probabilidades de selectividad penal, de discriminación, y lo más grave, atenta contra la presunción de inocencia. A su vez, articulan un enfoque dogmático-constitucional con un análisis de las rutinas burocráticas junto a una evaluación comparativa de experiencias latinoamericanas, para individualizar los criterios de

gobernanza y sus deficiencias. Hacia el final, los autores sugieren *un conjunto de estándares mínimos para la gobernanza de sistemas integrados con inteligencia artificial predictiva*, apoyados en mayor transparencia y mejores controles sobre los sesgos potenciales que pueden surgir del uso de datos algorítmicos.

El trabajo de Javiera Araya-Moreno, “Actores del sistema de justicia penal chileno: ¿Burócratas?”, nos ofrece algunos hallazgos vinculados a los integrantes de la justicia penal en Chile, más especialmente a su rotulación como burócratas. Utilizando enfoques provenientes de la antropología y partiendo de observaciones realizadas tanto en tribunales de garantía como en despachos del ministerio público en la ciudad de Santiago de Chile, analiza tres rasgos que tienen en común las organizaciones burocráticas y la justicia penal, a saber: la eficacia para producir y administrar al derecho en tanto tecnología específica de producción de conocimiento, la eficiencia para suministrarlo como un tipo concreto de servicio público, y por último, el desencanto que se genera en la sociedad por la brecha entre las expectativas de esta última y aquello que se le adjudica a los tribunales penales. Como reflexión final, la autora sostiene que los operadores jurídicos resultan ser, simultáneamente, *encargados de la aplicación del derecho* y “burócratas”, por lo que ambos criterios en lugar de enfrentarse, se refuerzan.

El estudio “Criminal procedural reform in Chile and its impact on incarceration rates” propuesto por Silvio Cuneo y Fernanda Tapia describe el incremento de personas encarceladas en el país trasandino en las últimas tres décadas: en cifras concretas, se pasó de 22.000 detenidos en 1996 a cerca de 65.000 en 2025. Al respecto, buscan describir las causas de este proceso, tanto las indirectas -desmantelamiento del Estado de bienestar e imposición de un régimen neoliberal, populismo punitivo y endurecimiento de las leyes penales- como las inmediatas -diferentes normas jurídicas penales y procesales que facilitaron la suba del encarcelamiento, especialmente a partir de la reforma procesal penal entre 2000 y 2005-. Advierten en la conclusión acerca de las consecuencias criminógenas de la prisión que en los años venideros podrían convertirse en *más delitos y mayores niveles de violencia*, todo lo cual provocará que se construyan más prisiones y se induzcan más controles con más policías en la calle. Sólo un giro

hacia el respeto por la dignidad humana, afirman los autores, podría ayudarnos a evitar una política nociva.

“La gestión judicial en las reformas procesales penales latinoamericanas: etapas, tensiones y disputas no resueltas” es una contribución imprescindible que nos ofrecen Leonel Gonzalez, Sidonie Porterie y Aldana Romano. Y lo es porque, en palabras de los autores, se trata de uno de los conceptos más invocados en las reformas procesales penales latinoamericanas de las últimas tres décadas, sin embargo su significado sigue siendo plural. Precisamente la propuesta es la de reensamblar el itinerario de la categoría “gestión judicial” desde 1994 hasta el día de hoy. En estos más de treinta años se observan tres grandes períodos: el primero que no toma en cuenta la mencionada gestión, el segundo donde esta última emerge como problema medular provocando nuevos diseños institucionales, y la presente etapa en la que tensionan dos perspectivas: la que en el artículo se define como modernizadora o gerencialista y la considerada política o estructural. Ambas tienen presupuestos y metas diferentes que hay que interpretar correctamente para lograr ponderar los efectos concretos que producen.

Desde Perú, Nancy Guzmán Ruiz de Castilla aborda el tema de la reforma procesal, el cual ha tenido un gran protagonismo en ámbitos académicos y espacios de investigación, pero cuyos alcances son muy limitados. Esto último, según la autora, tiene que ver con que quienes se encuentran a cargo de llevar adelante su puesta en práctica priorizan el andamiaje jurídico desatendiendo la problemática tanto judicial como extrajudicial, confirmando que el derecho en los libros es una cosa, el derecho en los hechos es otra. Es por esto que titula su trabajo “La tercera dimensión de la reforma procesal penal: un análisis de la coyuntura social, política y jurídica en el Perú”, puesto que dicha tercera dimensión ligada a los *factores sociales, culturales e institucionales* es crucial para realizar el diagnóstico del funcionamiento de la administración de justicia en aquel país, y junto a esto la evaluación que la opinión pública haga del referido funcionamiento.

Por último, Daniel Zubillaga nos ofrece un artículo empírico de gran relieve al que llama “Los mecanismos de condena sin juicio en el sistema de justicia penal para adolescentes de Uruguay desde la perspectiva de sus operadores”. Una de las cuestiones a destacar es que prioriza la

mirada de los actores judiciales a la hora de analizar las características de los cambios relacionados con *la implementación de mecanismos de condena sin juicio en la justicia penal juvenil de Uruguay* ocurridas a partir de la reforma ocurrida 2017. En este sentido, entrevista a quienes encarnan la división judicial del trabajo: jueces, fiscales y defensores. Algunos de sus resultados son inquietantes ya que la pretensión de eficiencia ha facilitado el advenimiento de una nueva matriz judicial, la cual se apoya en procedimientos burocratizados y en espacios de arbitrariedad. Así las cosas, los procesos abreviados y simplificados se vuelven una respuesta frecuente en el marco de las investigaciones penales. Con cierto escepticismo, finaliza asegurando que la celeridad administrativa y la reducción de la incertidumbre parecen estar imponiéndose respecto de la contradicción en el juicio oral.

CONCLUSIONES

En esta presentación se hizo referencia a cuatro fenómenos a partir de los cuales es posible reflexionar sobre lo que consideramos como el malestar en la cultura judicial: se trata de la incomprensión, el declive institucional, la tilinguería y el cinismo. Por lo tanto, para concluir repasaremos brevemente qué implican cada uno de estos eventos para representarnos mejor qué lugar ocupan en la actualidad dentro de los tribunales.

La incomprensión en los actores judiciales emerge como producto de la tensión entre lo que ellos mismos entienden por cuestiones muy relevantes como la ley, el derecho o el Poder Judicial, y aquello que entienden al respecto sectores importantes de la sociedad. Retomando a Rancière, se trata de la tensión entre alguien que dice que algo es “justo” y otro que también dice que es “justo” pero que no entienden lo mismo por “justicia”. Esto supone que la incomprensión del judicial es, a la vez, individual y social: se experimenta subjetivamente pero su punto de apoyo se encuentra por fuera de tribunales. Al respecto, resulta crucial indagar en dos ejes: las desigualdades que existen entre los integrantes de dichos tribunales y el resto de la ciudadanía, y además, en las desigualdades que se observan entre los propios operadores jurídicos que forman parte del

mismo Poder Judicial. En definitiva, necesitamos saber más sobre ambas cuestiones: cuánto y en qué se parecen entre sí los actores judiciales si los comparamos con el conjunto de la sociedad, pero también respecto de cuánto y en qué se diferencian los actores judiciales si los comparamos entre ellos mismos.

El declive institucional, en nuestro caso el de la administración de justicia, tiene un componente primordial: décadas atrás, el prestigio de quienes eran miembros de tribunales podía sostenerse en atributos personales pero, en lo fundamental, residía en la autoridad que les concedían dichos tribunales en tanto institución. Al respecto, lo que da la sensación de haberse socavado es el efecto de certeza que producía la administración de justicia en tanto autoridad, especialmente porque su credibilidad comenzó a confundirse con las controversias y atribulaciones colectivas. De allí que los tribunales parecen permeables a los intereses económicos y políticos circunstanciales, o lo que es lo mismo, se han vuelto ámbitos donde las decisiones pueden ser negociables. Esto es lo que habilita el desencantamiento respecto del estatus del Poder Judicial, pero no por la extinción de los valores y principios que este último debería preservar, sino porque esos mismos valores y principios dejan de ser asociados al Poder Judicial. Como síntesis, inquietante por cierto, podemos insinuar que el trabajo en tribunales ya no parece sostenerse en su propio dispositivo de verdad, y derivado de esto, que son sus integrantes quienes deben construir autoridad a partir de las intervenciones que hacen en su propio nombre.

La tilinguería judicial es una categoría incipiente con la que buscamos identificar el desprecio que generan ciertos operadores jurídicos, incluso dentro de los tribunales. Como lo señalamos antes, se vincula con la frivolidad que expresan algunos de sus integrantes, frivolidad que muestra a esos tribunales como un espacio estafalario, poniendo incómodos incluso al resto de los actores judiciales. Ensayamos algunos rasgos que poseerían estos tilingos judiciales: una estética ostentosa, referentes de una reducida densidad intelectual, con extensos itinerarios en tribunales, fantasías de alto perfil y, principalmente, dueños de una tendencia desmedida hacia la imprudencia. Incluso es posible considerarlos carentes de prestigio, cuyas finalidades polémicas logran transformarse en conmociones y sus decisiones escandalosas resultan indecorosas.

Para sumar otra variable, pensemos a los tilingos judiciales como *técnicos banales* que se dejan arrastrar por un goce irrefrenable de la retórica capitalista que los incita al exceso, dejando de lado el decoro que requiere la costumbrista escenografía judicial. A modo de hipótesis, un *tilingo judicial* es, de alguna manera, un *técnico banal* que disfruta del derroche relegando el recato necesario para el rol que posee.

Para concluir, advertimos sobre el peligro que implicaría la llegada de un *cinismo judicial* en tanto escenario que deriva del escepticismo que los propios actores judiciales detentan sobre el uso discrecional que se hace de las normas jurídicas. Aludimos al antecedente conceptual del *cinismo legal* con el que se pretende analizar las razones por las cuales los preceptos del derecho pierden vigencia para la ciudadanía y por ello los dejan de obedecer. Dicho esto, si en tribunales se favorece que las consecuencias sean insignificantes para los integrantes de tribunales que no cumplen las leyes, o lo que es peor, que no aplicar dichas leyes pueda brindar ventajas comparativas, estaríamos cerca de que el desapego tolerado respecto del derecho se transforme hacia el interior de la administración de justicia en el ya referido *cinismo judicial*.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bourdieu, P. (1997). *Razones prácticas*. Barcelona. Anagrama
- Casagrande, A. (2025). *Regulación y Vergüenza. Semblantes jurídicos de la dominación técnica*. La Plata. Revista Intercambios (N.º 21)
- Deleuze, G. y Guattari F. (2005). *¿Qué es la filosofía?* Barcelona. Anagrama
- Dubet, F. (2007). *El declive y las mutaciones de la institución*. Bs. As. Revista de Antropología Social.
- Dubet, F. (2020). *La época de las pasiones tristes*. Bs. As. Siglo XXI
- Kessler, G. y Piovani, J. (2025). *Una sociología de la vida en común*. Bs. As. Siglo XXI
- Kostenwein, E. (2016). *La cuestión cautelar*. Bs. As. Ediar
- Kostenwein, E. (2021). *El castigo, esa otra bestia magnífica*. Bs. As. Astrea
- Kostenwein, E. (2024). *Cómo se construye un judicial*. Bs. As. Didot

Kostenwein, E. (2025). *Si me querés, quereme judicial*. Bs. As. Revista Pensamiento Penal

Kostenwein, E. (2025b). *Contra el cinismo judicial*. Bs. As. Di Plácido

Lahire, B. (2005). *L'esprit sociologique*. París. La Découverte

Lahire, B. (2016). *En defensa de la sociología*. Bs. As. Siglo XXI

Oliveira, T. R. ., y Jackson, J. (2021). *Legitimacy, trust and legal cynicism: a review of concepts*. São Paulo. Tempo Social, 33(3)

Rancière, J. (1996). *El desacuerdo*. Bs. As. Nueva visión

Sedeillan, G. (2012). *La justicia penal en la provincia de Buenos Aires. Instituciones, prácticas y codificación del derecho (1877-1906)*. Bs. As. Biblós

Thompson, J. (2001). *Escándalo político: poder y visibilidad en la era de los medios de comunicación*. Barcelona. Paidós Ibérica.

Authorship information

Ezequiel Kostenwein. Profesor de la Facultad de Ciencias Jurídicas y Sociales da Universidad Nacional de La Plata e investigador de Conicet. Doctor en Ciencias Sociales. Coordinador del Área Sociología de la Justicia Penal (ICJ). ezequielkostenwein@gmail.com

Additional information and author's declarations (scientific integrity)

Acknowledgement: A la RBDPP por la invitación a participar como editor de este Dossier. Al CONICET y al Instituto de Cultura Jurídica y al Área de Sociología de Justicia Penal de la FCJyS (UNLP-Argentina).

Conflict of interest declaration: the author confirms that there are no conflicts of interest in conducting this research and writing this article.

Declaration of authorship: all and only researchers who comply with the authorship requirements of this article are listed as authors; all coauthors are fully responsible for this work in its entirety.

Declaration of originality: the author assures that the text here published has not been previously published in any other resource and that future republication will only take place with the express indication of the reference of this original publication; he also attests that there is no third party plagiarism or self-plagiarism.

Data Availability Statement: In compliance with open science policies, all data generated or analyzed during this study are included in this published article.

IA Statement: The authors declare that they are aware that the use of artificial intelligence must not supplant the human originality of the research, and that full responsibility for any errors or plagiarism rests entirely with the authors. No IA was used in the preparation of this research.

Editorial process dates (<https://revista.ibraspp.com.br/RBDPP/about>)

- Submission: 20/05/2026
- Editorial review and plagiarism check: 23/05/2025
- Correction round return: 27/05/2026
- Final editorial decision: 28/05/2026

Editorial team

- Editor-in-chief: 1 (VGV)

HOW TO CITE (ABNT BRAZIL):

KOSTENWEIN, Ezequiel. Editorial del dossier “Reformas judiciales y burocracias penales en América Latina”- El malestar en la cultura judicial: Desigualdades, incompreensión y cinismo en tribunales. *Revista Brasileira de Direito Processual Penal*, vol. 12, n. 2, e1498, mai./ago. 2026. <https://doi.org/10.22197/rbdpp.v12i2.1498>



License Creative Commons Attribution 4.0 International.

Confiança e opacidade: governança de sistemas integrados e IA preditiva no ciclo polícia, MP e Judiciário

Trust and opacity: governance of integrated systems and predictive AI in the police, Public Prosecutor's Office and judiciary cycle

Luciano Rocha de Oliveira¹

Faculdade de Direito de Vitória – Vitória, ES, Brasil

lucianompes@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/7903979465337587>

 <https://orcid.org/0000-0003-4344-4763>

Américo Bedê Jr.²

Faculdade de Direito de Vitória – Vitória, ES, Brasil

bedejunior@hotmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/0136827472164962>

 <https://orcid.org/0000-0003-0128-8790>

RESUMO: Em que medida a governança de sistemas integrados (polícia–Ministério Público–Judiciário), ao incorporar *outputs* de Inteligência Artificial preditiva, reconfigura as burocracias penais e tensiona direitos fundamentais? Esta é a pergunta central que orienta o artigo. Sustenta-se que a integração de bases e a circulação automática de *outputs* (alertas, *scores*, mapas de risco) tendem a produzir um efeito de presunção de confiabilidade dos dados e das inferências algorítmicas, convertendo-os em insumos administrativos capazes de orientar triagens, prioridades e pedidos cautelares. Tal dinâmica pode aparentar ganhos de eficiência,

¹ Mestre e Doutorando em Direitos e Garantias Fundamentais na FDV/ES. Membro do Grupo de Pesquisa Hermenêutica e Jurisdição Constitucional da FDV/ES. Promotor de Justiça do MPES. Vitória/ES, Brasil.

² Doutor e Mestre em Direitos Fundamentais. Professor do Programa de Mestrado e Doutorado da FDV/ES. Coordenador do Grupo de Pesquisa Hermenêutica e Jurisdição Constitucional da FDV/ES. Juiz Federal. Vitória/ES, Brasil.

mas amplia a opacidade decisória, dificulta a contestabilidade e intensifica os riscos de seletividade e de retroalimentação, com consequências diretas para o devido processo (contraditório sobre dados e inferências), a igualdade e a não discriminação, a privacidade (incluída a autodeterminação informativa do art. 5º, LXXIX, da Constituição Federal) e a presunção de inocência. Metodologicamente, articula-se a abordagem dogmático-constitucional, a análise institucional das rotinas brasileiras e o diálogo com os marcos normativos nacionais (Resolução CNJ 615/2025 e Portaria MJSP 961/2025) e internacionais. Propõe-se, ao final, um conjunto de *standards* mínimos para a governança de sistemas integrados com IA preditiva, centrado em rastreabilidade, contestabilidade, auditoria, separação funcional e dever reforçado de motivação.

PALAVRAS-CHAVE: interoperabilidade; burocracias penais; inteligência artificial preditiva; direitos fundamentais; confiança institucional.

ABSTRACT: *To what extent does the governance of integrated systems (police-prosecution-judiciary), when it incorporates outputs of predictive Artificial Intelligence, reshape penal bureaucracies and create tensions with fundamental rights? This is the central research question of the article. It argues that integrated databases and the automated circulation of outputs (alerts, risk scores, crime maps) tend to generate a “presumption-of-reliability effect,” turning data and algorithmic inferences into administrative inputs that steer case triage, prioritization, and requests for pretrial measures. While this dynamic may yield localized efficiency gains, it increases decision-making opacity, undermines contestability, and heightens risks of selectivity and feedback loops, with direct implications for due process (adversarial review of data and inferences), equality and non-discrimination, privacy (including informational self-determination under Article 5 (LXXIX) of the Brazilian Federal Constitution), and the presumption of innocence. Methodologically, the paper combines a constitutional-dogmatic approach, an institutional analysis of Brazilian routines, and dialogue with the national (CNJ Resolution 615/2025 and MJSP Ordinance 961/2025) and international normative frameworks. It concludes by proposing minimum governance standards for integrated systems using predictive AI, centered on traceability, contestability, auditing, functional separation, and an enhanced duty to provide reasons.*

KEYWORDS: interoperability; penal bureaucracies; predictive artificial intelligence; fundamental rights; institutional trust.

INTRODUÇÃO

As reformas do processo penal na América Latina, frequentemente justificadas por promessas de maior eficácia, redução da morosidade e recuperação da confiança pública, têm produzido mudanças que vão além de alterações legislativas formais. Uma parte decisiva dessas transformações ocorre “por dentro” das instituições, no plano das rotinas administrativas, das infraestruturas informacionais e dos arranjos burocráticos que organizam o trabalho cotidiano de polícia, do Ministério Público e do Judiciário. Ocorre que, quanto mais se ampliam o tecnicismo organizacional e as camadas de mediação técnica, mais se intensifica a assimetria entre o funcionamento interno das instituições e a capacidade externa (social e processual) de compreender, fiscalizar e contestar decisões, fenômeno que impacta diretamente a legitimidade democrática do sistema de justiça penal e recoloca o problema da confiança institucional.

Nesse cenário, a interoperabilidade (ou integração funcional) de sistemas e bases de dados, viabilizada por processos de digitalização, unificação de cadastros, compartilhamento interinstitucional e automação de fluxos, tende a operar como uma reforma silenciosa: modifica a forma como os casos são triados, as prioridades são definidas e as decisões são sustentadas por insumos informacionais que circulam com aparência de neutralidade técnica. Quando essa integração passa a incorporar saídas de inteligência artificial (IA) preditiva (por exemplo: alertas, listas de risco, mapas de calor, scores de reincidência, perfis de suspeição), o impacto não é meramente tecnológico. Trata-se de uma reconfiguração do modelo prático de produção de razões no ciclo polícia–MP–Judiciário, com efeitos diretos sobre o devido processo, a igualdade, a privacidade e a presunção de inocência.

A literatura recente já chama a atenção para a passagem de um paradigma liberal de prova e garantias para um ambiente marcado por vigilância massiva, buscas digitais e pelo uso de algoritmos como suporte à inferência estatal, o que tensiona os padrões de justa causa e aumenta a assimetria informacional entre acusação e defesa³. No mesmo sentido, a reflexão sobre policiamento preditivo e provas digitais indica que o uso

³ WINTER. A luta pelas garantias processuais, p. 44-46.

de tecnologias de previsão e de tratamento automatizado de dados, se não acompanhado de salvaguardas procedimentais, pode naturalizar vieses e deslocar o debate do controle de legalidade para a crença na confiabilidade do artefato técnico, reforçando a centralidade de mecanismos como a cadeia de custódia e a autenticidade no contexto digital⁴. Esses trabalhos, embora partam de problemas específicos (vigilância e prova; policiamento preditivo e prova digital), oferecem premissas relevantes para a pergunta que este artigo pretende aprofundar: o que acontece quando os *outputs* preditivos deixam de ser periféricos e passam a circular como insumos oficiais ao longo de todo o *pipeline*⁵ institucional?

A hipótese central que orienta este estudo é a de que a interoperabilidade, ao permitir a circulação automática de dados e inferências entre órgãos, tende a produzir um efeito de presunção de confiabilidade. Em termos operacionais, sustenta-se que a integração informacional reduz fricções burocráticas e encurta etapas com aparência de eficiência, mas amplia a opacidade, reduz a contestabilidade e intensifica seletividades, especialmente quando *outputs* preditivos passam a circular como insumos administrativos relevantes para triagens, prioridades e medidas. Relatórios comparativos sobre IA em segurança pública e justiça criminal na América Latina apontam que sistemas automatizados têm sido implementados em diferentes graus, muitas vezes com governança insuficiente, riscos de discriminação e dificuldades de auditoria e de explicação, o que reforça a necessidade de investigar a dimensão institucional dessas tecnologias para além do debate abstrato sobre inovação⁶.

O problema, portanto, não é apenas “se” a IA preditiva é compatível com direitos fundamentais, mas como ela se incorpora ao funcionamento real das burocracias penais e como a integração de sistemas altera

⁴ VIEIRA; SANTOS. Investigação criminal e tecnologias digitais, p. 6-7, 14-16, 23-24.

⁵ O termo *pipeline* (encadeamento, esteira processual) é empregado em sentido institucional-funcional, designando a cadeia sequencial de etapas decisórias interdependentes do registro policial à decisão judicial, em que cada elo recebe e produz insumos para o próximo, com efeito acumulativo sobre a estabilização da suspeita e da imputação.

⁶ HINESTROZA; TAPIA. Artificial Intelligence in Public Security and Criminal Justice Systems in Latin America, p. 7-9, 26-28.

o centro de gravidade do controle: (i) desloca a tomada de decisão para fases de triagem e priorização; (ii) reforça a dependência de documentos e relatórios técnico-administrativos; e (iii) cria condições para ciclos de retroalimentação (*feedback loops*), nos quais a intensificação de vigilância em determinadas áreas ou grupos eleva registros, que elevam risco, que justificam nova intensificação, com efeitos cumulativos sobre seletividade penal e confiança institucional.

A partir dessa problemática, a investigação desdobra-se em perguntas complementares. Quais são os limites para que a predição, em ambiente interoperável, possa orientar triagens, prioridades e medidas no ciclo polícia, Ministério Público e Judiciário, sem esvaziar o contraditório e o controle judicial? Em que medida a circulação institucional de inferências automatizadas altera, na prática, os requisitos de justa causa e a própria formação da suspeita, com impactos na presunção de inocência? Como evitar que a integração de bases de dados e a lógica preditiva reforcem seletividades históricas e produzam discriminações indiretas, inclusive por meio da retroalimentação de dados? Quais exigências de governança, rastreabilidade, contestabilidade e responsabilização institucional devem ser consideradas mínimas para que a eficiência organizacional não se converta em opacidade na tomada de decisões?

Diante disso, este artigo formula a pergunta central de pesquisa: em que medida a governança de sistemas integrados (polícia–Ministério Público–Judiciário), ao incorporar *outputs* de Inteligência Artificial preditiva, reconfigura as burocracias penais e tensiona direitos fundamentais, em especial o devido processo, a igualdade, a privacidade e a presunção de inocência, com impacto na confiança institucional, na morosidade e na eficácia decisória? Metodologicamente, a investigação adota abordagem dogmático-constitucional, articulada à análise institucional das rotinas burocráticas brasileiras, mediante pesquisa bibliográfica em fontes nacionais e internacionais, análise documental dos marcos normativos nacional (Resolução CNJ 615/2025 e Portaria MJSP 961/2025) e internacional (*EU AI Act*, NIST AI RMF, OCDE e Conselho da Europa), além de pesquisa jurisprudencial pontual no STF e na Corte IDH.

A contribuição pretendida é dupla. No plano teórico, propõe-se um enquadramento do fenômeno como reforma burocrática digital (e não apenas “uso de IA”), capaz de explicar por que a opacidade aumenta

mesmo quando a informação circula mais. No plano normativo, pretende-se delinear padrões mínimos de governança e controle (rastreadabilidade/*data lineage*, contestabilidade, auditoria e monitoramento de vieses, separação funcional e dever reforçado de justificação quando houver insumo algorítmico), em diálogo com tendências regulatórias e com experiências de governança pública de IA, inclusive no âmbito do Poder Judiciário brasileiro, que recentemente consolidou diretrizes formais para o desenvolvimento, a auditoria e o uso responsável de IA⁷.

Por fim, o artigo se estrutura em quatro movimentos: (1) define interoperabilidade como reforma burocrática e descreve o *pipeline* polícia–MP–Judiciário; (2) analisa como *outputs* preditivos se convertem em insumos administrativos e geram presunção de confiabilidade; (3) reconstrói limites e deveres procedimentais a partir de direitos fundamentais (contraditório sobre dados e inferências, igualdade, privacidade e presunção de inocência); e (4) apresenta uma proposta de *standards* de governança apta a reduzir opacidade e reforçar confiança sem reproduzir um modelo de eficiência à custa de garantias.

1 INTEROPERABILIDADE COMO REFORMA BUROCRÁTICA DO CICLO POLÍCIA, MP E JUDICIÁRIO

A interoperabilidade de sistemas informacionais deve ser tratada como fenômeno processual-penal, pois altera a forma concreta de produção, circulação e estabilização das informações que sustentam decisões ao longo do ciclo penal. O debate não se limita à eficiência administrativa. Ele envolve, de modo estrutural, a redistribuição dos poderes de definição do “caso”, a reconfiguração de rotinas institucionais e o surgimento de novas assimetrias informacionais entre acusação e defesa.

Em termos de teoria social, é útil lembrar que burocracias não são apenas “meios” neutros; são formas de organização do poder por meio de rotinas, documentos e critérios de classificação, conforme Weber⁸

⁷ BRASIL. Resolução n. 615/2025 - CNJ. Disponível em: <https://atos.cnj.jus.br/files/original1555302025031467d4517244566.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2026

⁸ WEBER. Economia e Sociedade, p. 142-143.

ao descrever a racionalidade burocrática como ordenação por regras, registros e competências.

No processo penal, isso se traduz na capacidade de certas informações adquirirem estatuto de oficialidade e, por consequência, moldarem suspeitas, prioridades e decisões subsequentes. Winter⁹ descreve exatamente como a coleta de dados e os algoritmos (novas burocracias) criam o “perfil” e a “pessoa de interesse” antes mesmo do crime, moldando a suspeita.

1.1 A “REFORMA SILENCIOSA”: DA MUDANÇA NORMATIVA À MUDANÇA INFRAESTRUTURAL

Reformas processuais penais latino-americanas costumam ser justificadas por promessas de redução da morosidade, aumento da eficácia e incremento da legitimidade. Porém, uma parte decisiva das mudanças contemporâneas ocorre fora do texto legal, por meio de transformações infraestruturais, como a digitalização, a automação e a integração de bases de dados. A interoperabilidade, nesse sentido, opera como uma reforma de segunda ordem. Ela reorganiza a engrenagem institucional sem necessariamente se apresentar como uma reforma processual no âmbito legislativo.

No Brasil, essa racionalidade aparece de forma explícita na arquitetura do Sinesp, cujo desenho é descrito pelo Ministério da Justiça e Segurança Pública como uma plataforma integrada voltada à coleta, análise e integração de dados, com o objetivo declarado de promover a integração de redes e garantir a interoperabilidade segundo padrões de integridade, confiabilidade e tempestividade¹⁰. Essa moldura é relevante para o processo penal porque o que se integra e como se integra condicionam tanto a produção de suspeitas quanto a possibilidade de controle posterior. Integração, aqui, também é governança sobre o que será considerado válido.

⁹ WINTER. A luta pelas garantias processuais, p. 44.

¹⁰ Sinesp - Sistema Nacional de Informações de Segurança Pública. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/sua-seguranca/seguranca-publica/sinesp-1>. Acesso em: 1 fev. 2026.

1.2 INTEROPERABILIDADE E “PIPELINE ACUSATÓRIO”: A CADEIA DE DECISÕES INTERDEPENDENTES

Uma vez integrados, os sistemas de polícia, Ministério Público e Judiciário tendem a operar como um *pipeline* institucional, no qual registros e inferências percorrem etapas sucessivas, ganhando força por meio da repetição documental e da circulação interorgânica: registro policial, análise ou triagem, priorização investigativa, representação por cautelares, promoção ministerial e decisão judicial. O efeito não é apenas acelerar os fluxos, mas também padronizar a forma como a suspeita se converte em ato processual.

Essa dinâmica se aproxima do que a literatura sobre burocracias de base denomina transformação das discricionariedades. Lipsky¹¹ mostrou que agentes de linha de frente geram escassez e complexidade por meio de rotinas decisórias e de triagem. No ambiente digital, parte da discricionariedade desloca-se para regras embutidas em sistemas, filtros e classificações, inclusive por meio de automações que orientam as prioridades e perfilam os riscos. Bovens e Zouridis¹² descrevem esse movimento como a passagem de burocracias centradas no agente para burocracias crescentemente centradas no sistema, nas quais as decisões são mediadas por arquiteturas informacionais.

A consequência processual é direta. Quando uma informação entra no circuito integrado, tende a ser reutilizada e reempacotada como insumo técnico para pedidos cautelares, decisões sobre alocação de esforços investigativos, medidas alternativas ou mesmo estratégias acusatórias. A crítica não é a circulação em si, mas o fato de que o pipeline pode reduzir a contestabilidade real, pois a defesa passa a enfrentar um resultado final, sem acesso efetivo à história do dado e ao caminho que o estabilizou como razão institucional. Exemplos paradigmáticos são o PredPol (predição espacial) e o COMPAS (risco de reincidência), cuja análise crítica evidencia retroalimentação e reprodução de seletividades históricas¹³.

¹¹ LIPSKY. *Street-Level Bureaucracy*, p. 29-33, 81-83, 105-106.

¹² BOVENS; ZOURIDIS. *From Street-Level to System-Level Bureaucracies*, p. 174-176, 179-180.

¹³ Sobre a análise crítica do COMPAS: SANTOS, Hugo Luz dos. Avaliação algorítmica discriminatória em processo penal, *passim*; ROA AVELLA;

1.3 CONFIANÇA, TECNICISMO E PRESUNÇÃO DE CONFIABILIDADE DO DADO INTEGRADO

O tema torna-se ainda mais sensível quando a interoperabilidade se acopla a técnicas de IA preditiva e de análise automatizada. A literatura empírica sobre policiamento orientado por dados mostra que a coleta e o cruzamento de grandes volumes de registros podem reconfigurar a discricionariedade policial, criando formas de seleção de alvos e de territórios. Sarah Brayne¹⁴, por exemplo, descreve como ambientes de *data-driven policing* alteram rotinas e produzem novas assimetrias informacionais e de poder, inclusive com efeitos de vigilância concentrada. No campo crítico, autores como Pasquale¹⁵ e O'Neil¹⁶ insistem que modelos preditivos e sistemas de classificação, quando opacos e pouco auditáveis, tendem a reforçar desigualdades e a produzir decisões difíceis de contestar.

Vieira e Santos¹⁷ observam que a análise preditiva por inteligência artificial opera com dados previamente coletados, como relatórios e registros, e descrevem o policiamento preditivo como um sistema que combina bancos de dados robustos e análises estatísticas para antecipar ocorrências futuras. O aspecto decisivo, para este tópico, é que, quando tais *outputs* são produzidos em ambientes de interoperabilidade, tendem a ultrapassar a esfera interna de gestão policial e a circular no ciclo polícia, Ministério Público e Judiciário como insumos institucionais, com efeitos processuais indiretos sobre a definição de prioridades investigativas e sobre a própria formação inicial da suspeita.

1.4 PRESUNÇÃO DE CONFIABILIDADE DO DADO INTEGRADO E DÉFICIT DE CONTESTABILIDADE

A interoperabilidade costuma ser legitimada por argumentos de padronização e eficiência. No entanto, quando dados circulam rapidamente

SANABRIA-MOYANO; DINAS-HURTADO. Uso del algoritmo COMPAS en el proceso penal y los riesgos a los derechos humanos, *passim*.

¹⁴ BRAYNE. *Predict and Surveil*, p. 12-13, 108-109.

¹⁵ PASQUALE. *The Black Box Society*, p. 3-4, 35-41.

¹⁶ O'NEIL. Algoritmos de destruição em massa, p. 49-50.

¹⁷ VIEIRA; SANTOS. *Investigação criminal e tecnologias digitais*, p. 8.

e se consolidam em diferentes camadas do sistema, surge um efeito típico das burocracias documentais: a informação passa a ser tratada como confiável por estar integrada, isto é, por aparecer em múltiplas interfaces institucionais, ainda que sua origem seja frágil. Esse efeito de presunção de confiabilidade é particularmente perigoso em sistemas penais, porque a oficialidade documental tende a deslocar o foco do controle de legalidade do processo de produção do dado para a aceitação do dado como tal.

Nesse ponto, o debate sobre prova digital oferece uma analogia útil. Vieira e Santos¹⁸ insistem na centralidade do contraditório quanto à autenticidade e à integridade e reforçam a cadeia de custódia como mecanismo de reconstrução dos elos que compõem a trajetória do vestígio, com função preventiva contra manipulações e utilidade para a confiabilidade da evidência digital. A lógica subjacente é transferível ao universo dos dados integrados e das inferências automatizadas: se a confiabilidade deve decorrer da rastreabilidade, da verificação e da possibilidade de impugnação, a interoperabilidade, sem mecanismos equivalentes a uma cadeia de custódia informacional, tende a produzir o inverso: a informação circula amplamente, mas torna-se difícil reconstruir sua origem e contestar seus pressupostos.

Também é relevante, aqui, o alerta de Winter¹⁹ sobre a era de vigilância massiva e o risco de identificação de “pessoas de interesse” por meio do processamento de dados e de algoritmos, com efeitos na justa causa e na própria abertura de perseguições. Ainda que o texto trate do contexto europeu, a advertência é útil para iluminar o problema latino-americano da integração de bases e da circulação acelerada de perfis e categorias de risco, frequentemente sob critérios pouco transparentes e pouco controláveis.

1.5 INTEROPERABILIDADE COMO GOVERNANÇA: RESPONSABILIDADES E IMPACTOS SOBRE MOROSIDADE E EFICÁCIA

A interoperabilidade não deve ser compreendida apenas como tecnologia. Ela é um desenho de governança, pois define o acesso, os

¹⁸ VIEIRA; SANTOS. Investigação criminal e tecnologias digitais, p. 23, 28.

¹⁹ WINTER. A luta pelas garantias processuais, p. 44-45.

logs, as finalidades, os padrões de qualidade, os mecanismos de revisão e a responsabilidade por falhas. O CNJ informa que tribunais que necessitam de acesso ao Infoseg devem se cadastrar no Sinesp Segurança, o que sinaliza um arranjo em que informações de segurança circulam para o Judiciário sob um regime de acesso e integração que depende de infraestrutura federativa²⁰.

A relação entre interoperabilidade, morosidade e eficácia, por sua vez, é ambivalente. Integrações podem reduzir os tempos de verificação e facilitar a comunicação, mas também podem gerar novos tipos de litigiosidade e retrabalho quando os dados são contestados apenas na ponta final. Quando a defesa tem dificuldade de acessar a trilha de produção do dado ou o raciocínio do *output* preditivo, o conflito tende a reaparecer sob a forma de impugnações genéricas, pedidos de esclarecimento, incidentes de prova, nulidades e controvérsias sobre acesso à informação, o que desloca o tempo do mérito para disputas sobre fundamentos invisíveis do pipeline. Em termos sistêmicos, um ganho de velocidade nas etapas iniciais pode gerar perda de qualidade e custos processuais posteriores, afetando a própria eficiência que a interoperabilidade promete.

Em perspectiva comparada, é ilustrativo que reformas de conectividade e integração sejam justificadas como facilitadoras do trabalho institucional nos tribunais. No Chile, notícia institucional do Poder Judicial registra o convênio firmado em 2 de janeiro de 2026 para garantir a conectividade digital aos membros do Ministério Público em salas de audiência, permitindo o acesso expedito a pastas investigativas durante as audiências²¹. O exemplo é útil não para generalizações normativas, mas para evidenciar uma tendência regional: o fluxo informacional torna-se parte do próprio desenho do procedimento, redefinindo o que significa “ter acesso” e como se constrói a base informacional das decisões.

Em síntese, a interoperabilidade, enquanto reforma burocrática do ciclo penal, altera as condições práticas de formação da suspeita, de seleção de casos e de circulação de razões institucionais. Por isso, ela

²⁰ CNJ. Infoseg. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/sistemas/infoseg/>. Acesso em: 1 fev. 2026.

²¹ PODER JUDICIAL. Poder Judicial y Ministerio Público firman convenio para facilitar el acceso a red institucional en salas de audiencia de los tribunales penales del país.

precisa ser analisada como tema de processo penal e de direitos fundamentais, não apenas como modernização administrativa. Esse enquadramento prepara o passo seguinte do artigo, no qual se examinará como outputs de IA preditiva, quando incorporados ao pipeline integrado, tendem a reforçar presunções de confiabilidade, a retroalimentar as seletividades e a reduzir a contestabilidade, exigindo padrões específicos de governança e controle.

2 IA PREDITIVA COMO INSUMO ADMINISTRATIVO NO CICLO PENAL INTEGRADO

Se a interoperabilidade reconfigura o ciclo de polícia, Ministério Público e Judiciário ao permitir a circulação contínua de registros e metadados, a incorporação de ferramentas de IA preditiva adiciona um segundo elemento, a produção de inferências que passam a acompanhar o caso, ou mesmo a anteceder-lo, influenciando triagens e prioridades antes que haja um debate processual propriamente dito. A consequência teórica relevante é que a decisão tende a apoiar-se menos em um conjunto de elementos apresentados e contraditados no procedimento e mais em resultados de classificação e previsão que operam como racionalidade administrativa. Por isso, este tópico trata a IA preditiva não como mero artefato tecnológico, mas como componente burocrático capaz de orientar práticas e padrões de atuação, com efeitos indiretos sobre o processo penal e a própria confiança institucional.²²

²² Sobre o debate brasileiro e ibero-americano em torno da IA preditiva no processo penal, ver, na própria RBDPP: FRANÇA JÚNIOR; LEITÃO SANTOS; NASCIMENTO. *Aspectos críticos da expansão das possibilidades de recursos tecnológicos na investigação criminal*, p. 211-246; GUIMARÃES. *A Inteligência Artificial e a disputa por diferentes caminhos em sua utilização preditiva no processo penal*, p. 1555-1588; PERILLA GRANADOS. *O processo penal por meio da inteligência artificial*, passim; SANTOS, Hugo Luz dos. *Processo Penal e Inteligência Artificial: rumo a um direito (processual) penal da segurança máxima?*, passim; PÉREZ ESTRADA. *La inteligencia artificial como prueba científica en el proceso penal español*, p. 1385 e ss.; QUATTROCOLO. *An introduction to AI and criminal justice in Europe*, p. 1519-1554.

2.1 MODALIDADES DE PREDIÇÃO E O DESLOCAMENTO DO “CENTRO” DECISÓRIO

Sob o rótulo de IA preditiva, coexistem práticas distintas, desde modelos voltados à alocação territorial de patrulhamento até sistemas de identificação de pessoas de interesse, listas de vigilância e *scores* de risco. O elemento comum é a conversão de dados pretéritos em probabilidades, *rankings* e alertas que orientam as condutas institucionais no presente. No debate contemporâneo, a literatura sociológica e criminológica tem mostrado que a predição tende a operar como técnica de gestão do risco, remodelando a discricionariedade e ampliando a vigilância em grupos e territórios já intensamente policiados²³. Conforme O’Neil²⁴ “a própria polícia gera novos dados, o que justifica mais policiamento. E nossos presídios se enchem de centenas de milhares de pessoas condenadas por crimes sem vítimas. A maioria delas vem de bairros empobrecidos [...]”. Ela explica que modelos como o PredPol enviam policiais de volta aos mesmos bairros, criando uma profecia autorrealizável.

Winter²⁵ chama a atenção para o risco de algoritmos, alimentados pelo processamento massivo de dados, funcionarem como gatilhos para a elaboração de indícios e suspeitas, com possibilidade de atingir praticamente qualquer indivíduo, exigindo reforço do padrão de intervenção quando o Estado acessa e processa dados em larga escala.

2.2 “DADOS SUJOS”, OPACIDADE E PRESUNÇÃO PRÁTICA DE CONFIABILIDADE

Em ambientes interoperáveis, *outputs* preditivos tendem a adquirir força burocrática porque circulam como informação técnica e padronizada, o que aumenta sua aceitação interna e reduz a fricção institucional. O problema é que a aparência de cientificidade pode encobrir limitações fundamentais dos dados e do modelo. A crítica contemporânea à predição policial tem insistido em que registros policiais refletem, muitas vezes, padrões históricos de policiamento, seletividade e violações de direitos, contaminando o treinamento e o desempenho do sistema. Richardson,

²³ BRAYNE. *Predict and Surveil*, p. 12-13, 108-109.

²⁴ O’NEIL. *Algoritmos de destruição em massa*, p. 137.

²⁵ WINTER. *A luta pelas garantias processuais*, p. 48-49.

Schultz e Crawford²⁶ sistematizam esse argumento ao mostrar como *dirty data* e déficits de *accountability* no policiamento preditivo podem reproduzir e intensificar danos, inclusive ao dificultar a supervisão pública e a contestação.

O ponto de contato com o processo penal é direto. Quando dados integrados e *outputs* preditivos são utilizados para orientar representações cautelares, escolhas investigativas e prioridades, a contestação pela defesa costuma ocorrer tardiamente, na ponta final, quando o insumo já exerceu sua função seletiva. A experiência descrita por Winter²⁷ sobre suspeitos preventivos, pessoas classificadas como de risco sem que o processo penal se ative formalmente, ilustra esse déficit de garantias, pois os critérios de inclusão não são claros, nem definidos legalmente, nem públicos, o que abre margem para decisões baseadas em informações coletadas com ou sem o uso de *software* algorítmico. Em termos de devido processo, trata-se de um problema de governança do insumo, e não apenas da governança da decisão final.

2.3 RETROALIMENTAÇÃO E SELETIVIDADE: QUANDO A PREDIÇÃO PASSA A ORIENTAR A PRÓPRIA PRODUÇÃO DO DADO

Lum e Isaac²⁸ mostraram que sistemas de policiamento preditivo podem se tornar progressivamente mais confiantes em áreas já policiadas, porque a intensificação do patrulhamento aumenta os registros nessas áreas, o que realimenta o modelo e reforça essa priorização. A modelagem de Ensign²⁹ reforça o mesmo diagnóstico ao tratar de *runaway feedback loops*, indicando que o problema pode persistir mesmo quando o sistema é tratado como caixa-preta, com implicações para previsões em diferentes contextos.

No ciclo penal integrado, esse mecanismo ganha relevância adicional. A retroalimentação não afeta apenas onde a polícia patrulha, mas

²⁶ RICHARDSON; SCHULTZ; CRAWFORD. *Dirty Data, Bad Predictions*, p. 192-193, 218.

²⁷ WINTER. *A luta pelas garantias processuais*, p. 9-10.

²⁸ LUM; ISAAC. *To predict and serve?* p. 15-16.

²⁹ ENSIGN et al.. *Runaway Feedback Loops in Predictive Policing*, p. 1-12.

também influencia quem será abordado, quem será registrado, quais ocorrências ganharão prioridade e que tipo de narrativa institucional se consolidará sobre risco e periculosidade. Na esfera jurídica, esse quadro tensiona o princípio da não discriminação e exige cautela redobrada no uso de *outputs* preditivos como suporte a suspeitas e a medidas invasivas. A própria análise de Winter³⁰ aponta a hipótese de um círculo vicioso, em que dados massivamente obtidos são filtrados e analisados por algoritmos para identificar a causa provável e, depois, servem para obter ordens judiciais e produzir prova, com potencial para burlar as garantias destinadas a impedir medidas intrusivas sem suspeita razoável.

2.4 MOROSIDADE E EFICÁCIA, A EFICIÊNCIA APARENTE E O CUSTO PROCESSUAL OCULTO

Do ponto de vista administrativo, a promessa é de eficiência, maior foco investigativo, redução do tempo gasto em tarefas de triagem e padronização de fluxos. Porém, o efeito sistêmico pode ser ambivalente. Quando *outputs* preditivos entram no *pipeline* interoperável como razão institucional, a eficiência obtida na seleção inicial pode gerar custos posteriores, porque as decisões passam a depender de insumos cuja rastreabilidade, auditabilidade e explicabilidade nem sempre estão disponíveis para controle jurisdicional e contraditório. Isso favorece impugnações tardias, pedidos sucessivos de acesso a informações, incidentes probatórios e debates sobre legalidade do tratamento de dados, deslocando energia processual do mérito para disputas sobre fundamentos informacionais.

Além disso, a confiança institucional pode ser afetada em dois sentidos. Internamente, a burocracia tende a confiar no *output* porque ele resolve escassez de tempo e oferece um critério padronizado. Externamente, a opacidade e a percepção de seletividade tendem a corroer legitimidade, sobretudo quando grupos sociais identificam a tecnologia como amplificador de práticas históricas de policiamento desigual. O que se observa, portanto, é uma tensão típica de reformas gerenciais no campo penal, ganhos locais de produtividade podem degradar a qualidade

³⁰ WINTER. A luta pelas garantias processuais, p. 43-44.

do controle e transferir o custo para fases posteriores, minando a própria eficácia global que se pretendia alcançar.

3 DIREITOS FUNDAMENTAIS COMO LIMITES OPERACIONAIS DA PREDIÇÃO E DA INTEGRAÇÃO INFORMACIONAL

A análise institucional da interoperabilidade e da IA preditiva só se completa quando se explicita o seu ponto de atrito com direitos fundamentais. A questão central não é apenas se a tecnologia ajuda a persecução penal, mas quais condições normativas tornam legítimo o uso de dados e inferências automatizadas como insumos que orientam seleções, prioridades e medidas no ciclo polícia, Ministério Público e Judiciário. Nesse cenário, devido processo, igualdade, privacidade e presunção de inocência funcionam como limites operacionais, porque exigem rastreabilidade, contestabilidade e padrões mínimos de justificação sempre que informações integradas e *outputs* preditivos produzirem efeitos concretos sobre pessoas e grupos.

3.1 DEVIDO PROCESSO E CONTRADITÓRIO SOBRE DADOS E INFERÊNCIAS

O devido processo, compreendido como garantia de participação efetiva e de controle racional das decisões estatais, sofre um deslocamento quando a seleção do caso passa a depender de classificações e previsões elaboradas antes da plena incidência do contraditório. A discussão contemporânea sobre *procedural due process* em contextos automatizados sustenta que, quando o Estado se vale de sistemas de decisão ou de classificação opacos, a contestação é esvaziada, pois o sujeito não consegue compreender os critérios que o atingem nem refutar seus pressupostos. Nesse sentido, Pasquale³¹ descreve como a opacidade algorítmica tende a produzir assimetrias estruturais de informação e, com isso, um déficit de controle democrático e jurídico.

No processo penal, essa preocupação se torna ainda mais intensa, pois o efeito típico do *pipeline* integrado é o uso do *output* como

³¹ PASQUALE. The Black Box Society, p. 3-5, 9.

justificativa institucional para orientar representações, pedidos e decisões subsequentes. O contraditório, então, precisa alcançar não apenas a prova em sentido estrito, mas também os insumos informacionais e inferenciais que fundamentam a suspeita, a seleção de alvos e a priorização investigativa. De forma analógica, a prova digital lembra que a confiabilidade não pode ser presumida pela oficialidade, devendo ser construída por mecanismos verificáveis de integridade, autenticidade e reconstrução da trajetória informacional, exatamente para viabilizar a impugnação efetiva³².

3.2 IGUALDADE, NÃO DISCRIMINAÇÃO E SELETIVIDADE REPRODUZIDA POR DADOS HISTÓRICOS

A incorporação de IA preditiva em ambientes interoperáveis também tensiona o princípio da igualdade porque a predição tende a operar sobre dados que refletem a história concreta do policiamento e da persecução penal, incluindo padrões de vigilância concentrada e seletividade. Barocas e Selbst³³ demonstram que técnicas de mineração de dados podem produzir impactos discriminatórios mesmo sem intenção discriminatória, tanto pela utilização de variáveis proxy³⁴ quanto pela herança de vieses presentes nos dados e nas decisões passadas. Esse diagnóstico se projeta diretamente no campo penal, sobretudo quando os *outputs* são utilizados como sinais de risco ou de periculosidade e passam a orientar a produção de novos dados, realimentando o sistema.

A literatura crítica, como O'Neil³⁵, enfatiza que modelos voltados à eficiência podem reforçar desigualdades ao serem validados por métricas internas e por dados produzidos em contextos assimétricos. A consequência jurídica, aqui, é que a igualdade deixa de ser apenas um princípio abstrato e passa a exigir mecanismos de avaliação e correção de

³² VIEIRA; SANTOS. Investigação criminal e tecnologias digitais, p. 23-24.

³³ BAROCAS; SELBST. Big Data's Disparate Impact, p. 671-674, 691-692.

³⁴ Variáveis proxy são variáveis substitutas: informações que não são, em si, a característica sensível (raça, classe social, território estigmatizado etc.), mas que funcionam como um atalho para ela porque estão fortemente correlacionadas.

³⁵ O'NEIL. Algoritmos de destruição em massa, p. 22, 137, 149, 308.

vieses, bem como transparência suficiente para que a defesa e o controle jurisdicional possam questionar a racionalidade de classificações que produzem efeitos concretos.

3.3 PRIVACIDADE, PROTEÇÃO DE DADOS E LIMITES AO TRATAMENTO AUTOMATIZADO

A dimensão da privacidade é inevitável porque a interoperabilidade depende da coleta, agregação e compartilhamento de dados em escala, inclusive de dados sensíveis ou que, combinados, permitem o perfilamento. No plano constitucional brasileiro, o artigo 5º, XII da Constituição assegura o sigilo de dados e comunicações, admitindo restrições nos termos legais e, no caso de comunicações telefônicas, mediante ordem judicial, para fins de investigação criminal ou instrução processual penal³⁶. No plano interamericano, o artigo 11 da *Convenção Americana sobre Direitos Humanos* protege a vida privada contra ingerências arbitrárias ou abusivas, o que fornece um parâmetro relevante para avaliar práticas de vigilância e interceptação³⁷.

A Corte Interamericana, no *Caso Escher e outros vs. Brasil*, examinou interceptações telefônicas ilegais e reforçou a necessidade de legalidade e controle sobre ingerências desse tipo, o que é particularmente relevante quando se discute a circulação e o tratamento de dados em investigação criminal³⁸.

No âmbito infraconstitucional brasileiro, a LGPD estabelece, no artigo 20, o direito de pessoa natural a solicitar a revisão de decisões tomadas unicamente com base no tratamento automatizado de dados pessoais que afetem interesses do titular, incluindo decisões destinadas

³⁶ BRASIL. Constituição Federal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 2 fev. 2026.

³⁷ CIDH. Convenção Americana sobre Direitos Humanos. Disponível em: https://www.cidh.oas.org/basicos/portugues/c.convencao_americana.htm. Acesso em: 30 ago. 2025.

³⁸ ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS. Convenção Interamericana de Direitos Humanos: Caso Escher e outros vs. Brasil. Disponível em: https://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/seriec_200_por.pdf. Acesso em: 2 fev. 2026.

a definir perfil e aspectos da personalidade³⁹. Embora a LGPD não tenha sido desenhada especificamente para o processo penal, sua gramática de contestabilidade e revisão é útil para estruturar *standards* mínimos de governança quando *outputs* automatizados passam a orientar decisões ou pré-decisões no ciclo penal.

No plano jurisprudencial, debates recentes no STF sobre a busca reversa na internet mostram a atualidade do tema e a necessidade de impor limites e critérios de proporcionalidade a medidas que envolvem a coleta e a filtragem de dados de múltiplos indivíduos em investigações criminais⁴⁰. Em outra frente, o STF decidiu sobre a validade de norma que autoriza a requisição de dados cadastrais pelo Ministério Público e pela polícia em investigações, com impacto direto na discussão sobre as fronteiras entre eficiência investigativa e proteção de dados⁴¹. Esses elementos indicam que, quanto mais o ciclo penal se torna dependente de dados integrados e processados, mais o controle jurídico precisa se antecipar ao momento da prova e alcançar a governança do próprio tratamento informacional.

3.4 PRESUNÇÃO DE INOCÊNCIA, SUSPEITA E O RISCO DE “ANTECIPAÇÃO” POR PERFILAMENTO

A presunção de inocência é tensionada quando *outputs* preditivos passam a funcionar como sinais de suspeita ou de periculosidade, produzindo efeitos práticos antes da formação regular do acervo probatório. Isso ocorre porque a predição tende a transformar correlações estatísticas em premissas de intervenção, o que favorece a antecipação de juízo, ainda

³⁹ Brasil. Lei 13.709/18. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm. Acesso em: 7 jan. 2024.

⁴⁰ STF retoma julgamento sobre limites para quebra de sigilo de buscas na internet. Disponível em: <https://noticias.stf.jus.br/postsnoticias/stf-retoma-julgamento-sobre-limites-para-quebra-de-sigilo-de-buscas-na-internet>. Acesso em: 2 fev. 2026

⁴¹ Norma que autoriza MP e polícia a requisitar de telefônicas dados cadastrais de investigados é válida, decide STF. Disponível em: <https://noticias.stf.jus.br/postsnoticias/norma-que-autoriza-mp-e-policia-a-requisitar-de-telefonicas-dados-caadastrais-de-investigados-e-valida-decide-stf>. Acesso em: 2 fev. 2026.

que implícita. A advertência de Winter⁴² sobre a construção de “pessoas de interesse” por meio do processamento de dados e de algoritmos é útil para iluminar o risco de que a infraestrutura informacional produza suspeição difusa e, com isso, facilite medidas intrusivas apoiadas em racionalidades pouco transparentes.

Em termos dogmáticos, o problema se agrava quando o *output* preditivo é incorporado ao discurso decisório como fundamento técnico, porque a linguagem de risco tende a diluir exigências tradicionais de justa causa e necessidade. A presunção de inocência, nesse contexto, não se protege apenas no julgamento, mas também pela limitação de critérios de seleção, pelo controle rigoroso da produção e circulação de dados e pela exigência de que toda inferência automatizada relevante seja contestável, rastreável e juridicamente justificada.

4. STANDARDS DE GOVERNANÇA E CONTROLE PARA SISTEMAS INTEGRADOS COM IA PREDITIVA

A discussão sobre interoperabilidade e IA preditiva no ciclo penal exige um deslocamento do foco do uso da tecnologia para as condições de sua governança. Quando bases se integram e inferências automatizadas passam a orientar triagens e prioridades, o problema jurídico não se resolve apenas com declarações genéricas de legalidade ou com a promessa de eficiência. É necessário definir *standards* mínimos que tornem rastreável o caminho do dado e da inferência, permitam contestação efetiva e distribuam responsabilidades institucionais de modo controlável, sob pena de a opacidade se tornar uma característica estrutural do funcionamento cotidiano do sistema. A opacidade é aqui compreendida na sua tipologia tripartite: corporativa (sigilo deliberado), técnica (especialização de código) e intrínseca aos modelos de aprendizado de máquina⁴³.

⁴² WINTER. A luta pelas garantias processuais, p. 9-10, 44-45.

⁴³ BURRELL. How the machine “thinks”: understanding opacity in machine learning algorithms, p. 1-12.

4.1 RASTREABILIDADE, DOCUMENTAÇÃO E LOGS COMO CONDIÇÃO DE CONTROLE

Um primeiro eixo de governança é a rastreabilidade, entendida como capacidade de reconstruir a história do dado e do *output*, desde a fonte, passando por transformações, integrações, acessos e reutilizações. Em termos práticos, isso implica documentação de origem, qualidade e finalidade, versionamento de bases e modelos, registro de acessos e das principais operações realizadas, inclusive quando o *output* é apenas consultado como suporte à decisão. Esse tipo de exigência evidencia-se em *frameworks* contemporâneos de gestão de riscos em IA, como o *NIST AI Risk Management Framework*, que enfatiza a transparência, a documentação, a governança e a gestão de riscos ao longo do ciclo de vida do sistema⁴⁴.

No campo penal, a relevância é direta. Sem trilha documental e *logs*, a defesa não consegue identificar quais dados foram utilizados, quais filtros foram aplicados, se houve atualização posterior e quais limitações o sistema possuía quando influenciou uma triagem ou uma representação. A rastreabilidade também é um mecanismo de responsabilização administrativa, pois permite auditar falhas e impedir que a integração converta dados frágeis em “verdades oficiais” por repetição burocrática.

4.2 AVALIAÇÃO DE IMPACTO, GESTÃO DE RISCO E PROPORCIONALIDADE

Um segundo eixo é a avaliação de impacto e a gestão de risco antes e durante o uso. Aqui, o ponto é reconhecer que a predição aplicada ao ciclo penal tende a ser de alto risco, porque afeta direitos fundamentais, amplia o poder de vigilância e pode produzir efeitos discriminatórios. A abordagem baseada em risco é central no *EU AI Act*, que classifica sistemas em níveis de risco e estabelece obrigações reforçadas para aplicações de maior impacto sobre direitos e segurança⁴⁵.

⁴⁴ NIST. Artificial Intelligence Risk Management Framework (AI RMF 1.0). . [S.l: s.n.], 26 jan. 2023. Disponível em: <http://nvlpubs.nist.gov/nistpubs/ai/NIST.AI.100-1.pdf>.

⁴⁵ UNIÃO EUROPEIA. UE 2024/1689 - AI Act. Disponível em: https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/HTML/?uri=OJ:L_202401689. Acesso em: 2 fev. 2026.

No mesmo sentido, a Recomendação da OCDE sobre IA estrutura princípios e recomendações voltados à IA confiável, com ênfase no respeito aos direitos humanos, na transparência, na robustez, na responsabilidade e na gestão de risco, inclusive em sua atualização recente⁴⁶. A consequência para o processo penal é que o uso de IA preditiva e integrações massivas não deve ser naturalizado como mera modernização, mas submetido a juízos de necessidade e proporcionalidade, com delimitação de finalidade, redução de escopo e demonstração de salvaguardas aptas a evitar danos previsíveis.

4.3 CONTESTABILIDADE, EXPLICAÇÃO SUFICIENTE E DIREITO DE REVISÃO

Um terceiro eixo é a contestabilidade. Não basta que o sistema exista e produza um *score* ou alerta, é preciso que seja possível contestá-lo de modo efetivo, com acesso a elementos mínimos que permitam questionar sua pertinência e seus limites no caso concreto. Para esse fim, a explicação não precisa revelar segredos industriais em termos absolutos, mas deve ser suficiente para permitir contraditório substancial, isto é, permitir compreender quais dados relevantes foram considerados, quais premissas operacionais foram adotadas, quais limitações são reconhecidas e qual foi o grau de confiança no resultado.

Essa diretriz converge com tendências normativas internacionais. A Convenção do Conselho da Europa sobre IA, direitos humanos, democracia e Estado de Direito incorpora obrigações de compatibilidade com direitos fundamentais, de transparência e de salvaguardas ao longo do ciclo de vida do sistema, abrindo espaço para exigir mecanismos de impugnação e de reparação quando atividades com IA afetarem pessoas⁴⁷. No Brasil, a gramática da contestabilidade também encontra apoio na LGPD, especialmente no direito de solicitar a revisão de decisões tomadas unicamente com base no tratamento automatizado de dados

⁴⁶ OECD. Recommendation of the Council on Artificial Intelligence. Disponível em: <https://legalinstruments.oecd.org/en/instruments/oecd-legal-0449>. Acesso em: 2 fev. 2026.

⁴⁷ COE. Council of Europe Framework Convention on Artificial Intelligence and Human Rights, Democracy and the Rule of Law. Disponível em: <https://rm.coe.int/1680afae3c>. Acesso em: 2 fev. 2026.

que afetem interesses do titular, inclusive aquelas destinadas a definir perfil, ainda que o campo penal exija tratamento sistemático próprio e compatibilizações específicas. A literatura sintetiza quatro estratégias de desenho para contestabilidade efetiva (acurácia, legibilidade, capacitação e monitoramento), distinguindo momentos juridicamente diversos de impugnação (*ex ante*, concomitante e *ex post*)⁴⁸.

4.4 SEPARAÇÃO FUNCIONAL, MINIMIZAÇÃO DE DADOS E PREVENÇÃO DE RETROALIMENTAÇÃO

Um quarto eixo de governança, particularmente importante para o ciclo integrado, é a separação funcional. Quando a mesma saída automatizada circula sem barreiras entre polícia, acusação e decisão judicial, aumenta o risco de contaminação do fluxo por presunções técnicas e de redução do controle deliberativo. Uma forma de enfrentar isso é estabelecer barreiras de uso e de finalidade, com regras explícitas sobre em que condições *outputs* podem influenciar prioridades, em que condições podem fundamentar medidas e em que condições devem ser apenas elementos auxiliares, sempre acompanhados de dever reforçado de justificação.

A isso se soma a necessidade de minimização de dados e de imposição de limites à reutilização. Se a predição tende a gerar retroalimentação e amplificação de seletividades, a governança precisa prever mecanismos de monitoramento contínuo de vieses, revisão periódica e correção de desvios, sob pena do sistema tornar-se autovalidante. A abordagem por risco e a ênfase em robustez, monitoramento e governança, presentes no NIST AI RMF e na lógica do EU AI Act, oferecem suporte metodológico para desenhar esse tipo de controle ao longo do tempo.

4.5 RESPONSABILIZAÇÃO INSTITUCIONAL, AUDITORIA INDEPENDENTE E TRANSPARÊNCIA PÚBLICA

Por fim, os *standards* mínimos de governança devem enfrentar o problema de “quem responde” quando a integração e a automação causam

⁴⁸ LYONS; VELLOSO; MILLER. Conceptualising contestability: perspectives on contesting algorithmic decisions, p. 1-25.

danos ou atuam como fundamento invisível de decisões. Em sistemas integrados, as responsabilidades frequentemente se diluem entre quem coleta, quem armazena, quem integra, quem desenvolve, quem contrata e quem utiliza. Isso reforça a necessidade de auditorias independentes, de transparência pública em nível compatível com a segurança e o sigilo, de políticas claras de atualização, correção e desativação e de mecanismos de resposta a incidentes.

Esse enfoque é coerente com a orientação de instrumentos internacionais que vinculam IA confiável à responsabilidade e à transparência, como a Recomendação da OCDE e a Convenção do Conselho da Europa. No plano nacional, diretrizes recentes de governança de IA no Judiciário brasileiro também reforçam a centralidade da governança, da gestão de riscos e do monitoramento, ainda que o recorte do presente artigo seja mais amplo e envolva o ciclo penal como um todo, com ênfase no trânsito de informações entre instituições e no impacto sobre direitos fundamentais.

CONCLUSÃO

A interoperabilidade de sistemas no ciclo policial, do Ministério Público e do Judiciário, quando combinada ao uso de inteligência artificial preditiva, opera como uma reforma burocrática que altera o modo de produção e de circulação de informações relevantes para a persecução penal. O fenômeno não se restringe à modernização administrativa. Ele incide sobre a formação da suspeita, a seleção de casos e a estabilização de razões que passam a orientar decisões subsequentes. Com isso, desloca-se, em parte, o centro prático do controle de legalidade para uma etapa informacional anterior ao contraditório pleno.

Demonstrou-se que a integração informacional favorece um efeito de presunção prática de confiabilidade. Dados integrados e inferências automatizadas tendem a adquirir autoridade por sua aparência técnica e por sua circulação institucional, ainda que suas condições de produção, limites e riscos não sejam adequadamente reconstruíveis. O resultado é a ampliação de assimetrias informacionais e a redução da contestabilidade efetiva, especialmente quando o sujeito afetado enfrenta, já na ponta, escolhas previamente consolidadas por triagens e prioridades invisíveis ao debate processual.

Retomando a pergunta central: em que medida a governança de sistemas integrados, quando incorpora *outputs* de IA preditiva, reconfigura as burocracias penais e tensiona direitos fundamentais? O percurso confirma que a interoperabilidade favorece um efeito de presunção prática de confiabilidade que reforça a autoridade burocrática do *output* automatizado, desloca o controle de legalidade para fase informacional anterior ao contraditório pleno, reduz a contestabilidade efetiva e comprime garantias do devido processo, da igualdade, da privacidade (incluída a autodeterminação informativa do art. 5º, LXXIX, CF) e da presunção de inocência, ao tempo em que a promessa de eficiência mostra-se ambivalente, podendo ocultar custos processuais posteriores e degradar a legitimidade e a confiança institucional.

A contribuição normativa do artigo consiste em afirmar que o debate não deve ser travado em termos binários (aceitação *versus* rejeição da tecnologia), mas em termos de *standards* verificáveis de governança e controle, aptos a operar como limites concretos do uso de dados e da inferência no processo penal e a instrumentalizar o devido processo, a igualdade e a não discriminação, a privacidade (incluída a autodeterminação informativa) e a presunção de inocência. Propôs-se, como núcleo mínimo, cinco eixos articulados: rastreabilidade do caminho do dado e do *output*; avaliação prévia e contínua de riscos; contestabilidade efetiva, com explicação suficiente para impugnação; separação funcional e limitação de finalidade; e responsabilização institucional clara. Sem tais salvaguardas, a promessa de eficiência tende a gerar custos ocultos, maior opacidade e menor confiança institucional.

Como encaminhamento, impõe-se identificar, no fluxo real, onde e como os *outputs* preditivos influenciam escolhas e decisões, e construir critérios dogmáticos de justificação reforçada sempre que os insumos automatizados tenham peso relevante. A consolidação de modelos de governança capazes de preservar espaços deliberativos, permitir controle jurisdicional efetivo e assegurar a possibilidade de contestação é condição para que a integração informacional não se transforme em um mecanismo silencioso de seleção e de antecipação punitiva. Em síntese, o desafio é compatibilizar eficiência organizacional com garantias, sem permitir que a infraestrutura informacional substitua, por meio de atalhos técnicos, os requisitos de legalidade, necessidade, proporcionalidade e contraditório que qualificam o processo penal democrático.

REFERÊNCIAS

BAROCAS, Solon; SELBST, Andrew D. Big Data's Disparate Impact. *California Law Review*, v. 104, p. 671–732, jun. 2016. <https://doi.org/10.15779/Z38BG31>

BOVENS, Mark; ZOURIDIS, Stavros. From Street-Level to System-Level Bureaucracies: How Information and Communication Technology is Transforming Administrative Discretion and Constitutional Control. *Public Administration Review*, v. 62, n. 2, p. 174–184, 17 jan. 2002. <https://doi.org/10.1111/0033-3352.00168>

BRASIL. Conselho Nacional de Justiça. Infoseg. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/sistemas/infoseg/>. Acesso em: 1 fev. 2026.

BRASIL. Conselho Nacional de Justiça. Resolução nº 615, de 11 de março de 2025. Disponível em: <https://atos.cnj.jus.br/files/original1555302025031467d4517244566.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2026.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*, de 5 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 2 fev. 2026.

BRASIL. Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm. Acesso em: 2 fev. 2026.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Portaria MJSP nº 961, de 24 de junho de 2025. Estabelece diretrizes sobre uso de soluções de tecnologia da informação aplicadas às atividades de investigação criminal e inteligência de segurança pública. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 30 jun. 2025, Edição 120, Seção 1, p. 104. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-mjsp-n-961-de-24-de-junho-de-2025-638661609>. Acesso em: 14 mai. 2026.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Sistema Nacional de Informações de Segurança Pública (SINESP). Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/sua-seguranca/seguranca-publica/sinesp-1>. Acesso em: 1 fev. 2026.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. *STF retoma julgamento sobre limites para quebra de sigilo de buscas na internet*. Disponível em: <https://noticias.stf.jus.br/postsnoticias/stf-retoma-julgamento-sobre-limites-para-quebra-de-sigilo-de-buscas-na-internet>. Acesso em: 2 fev. 2026.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. *Norma que autoriza MP e polícia a requisitar de telefônicas dados cadastrais de investigados é válida*, decide STF. Disponível em: <https://noticias.stf.jus.br/postsnoticias/>

norma-que-autoriza-mp-e-policia-a-requisitar-de-telefonicas-dados-cadastrais-de-investigados-e-valida-decide-stf. Acesso em: 2 fev. 2026.

BRAYNE, Sarah. *Predict and Surveil: Data, Discretion, and the Future of Policing*. 1. ed. New York: Oxford University Press, 2021. <https://doi.org/10.1093/oso/9780190684099.001.0001>

BURRELL, Jenna. *How the machine “thinks”: understanding opacity in machine learning algorithms*. *Big Data & Society*, v. 3, n. 1, p. 1–12, 2016. <https://doi.org/10.1177/2053951715622512>

CONSELHO DA EUROPA. *Council of Europe Framework Convention on Artificial Intelligence and Human Rights, Democracy and the Rule of Law*. Vilnius, 5 set. 2024. Disponível em: <https://rm.coe.int/1680afae3c>. Acesso em: 2 fev. 2026.

ENSIGN, Danielle et al. *Runaway Feedback Loops in Predictive Policing*. Disponível em: <https://par.nsf.gov/servlets/purl/10100007>. Acesso em: 1 fev. 2026.

FRANÇA JÚNIOR, Francisco de Assis de; LEITÃO SANTOS, Bruno Cavalcante; NASCIMENTO, Felipe Costa Laurindo do. *Aspectos críticos da expansão das possibilidades de recursos tecnológicos na investigação criminal: a inteligência artificial no âmbito do sistema de controle e de punição*. *Revista Brasileira de Direito Processual Penal*, v. 6, n. 1, p. 211–246, 2020. <https://doi.org/10.22197/rbdpp.v6i1.334>

GUIMARÃES, Rodrigo Régner Chemim. *A Inteligência Artificial e a disputa por diferentes caminhos em sua utilização preditiva no processo penal*. *Revista Brasileira de Direito Processual Penal*, v. 5, n. 3, p. 1555–1588, 2019. <https://doi.org/10.22197/rbdpp.v5i3.260>

HINESTROZA, Verónica; TAPIA, Luis Eliud. *Artificial Intelligence in Public Security and Criminal Justice Systems in Latin America: Due Process-Based Analysis*. Disponível em: <https://www.fairtrials.org/app/uploads/2024/08/Artificial-intelligence-in-public-security-and-criminal-justice-systems-in-Latin-America.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2026.

LIPSKY, Michael. *Street-Level Bureaucracy: Dilemmas of the Individual in Public Services*. Nova Iorque: Russell Sage Foundation, 2010.

LUM, Kristian; ISAAC, William. *To predict and serve?* Disponível em: <https://rss.onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1740-9713.2016.00960.x>. Acesso em: 1 fev. 2026. <https://doi.org/10.1111/j.1740-9713.2016.00960.x>

LYONS, Henrietta; VELLOSO, Eduardo; MILLER, Tim. *Conceptualising contestability: perspectives on contesting algorithmic decisions*. *Proceedings of the ACM on*

Human-Computer Interaction, v. 5, CSCW1, Article 106, p. 1–25, 2021. <https://doi.org/10.1145/3449180>

NIST. *Artificial Intelligence Risk Management Framework (AI RMF 1.0)*. Gaithersburg, MD: National Institute of Standards and Technology, 26 jan. 2023. Disponível em: <http://nvlpubs.nist.gov/nistpubs/ai/NIST.AI.100-1.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2026.

OECD. *Recommendation of the Council on Artificial Intelligence*. OECD/LEGAL/0449. Adotada em 22 mai. 2019; revisada em 3 mai. 2024. Disponível em: <https://legalinstruments.oecd.org/en/instruments/oecd-legal-0449>. Acesso em: 2 fev. 2026.

O'NEIL, Cathy. *Algoritmos de destruição em massa: Como o Big Data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia*. 1. ed. Santo André: Editora Rua do Sabão, 2020.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS. *Convenção Americana sobre Direitos Humanos (Pacto de San José da Costa Rica)*. San José, Costa Rica, 22 nov. 1969. Disponível em: https://www.cidh.oas.org/basicos/portugues/c.convencao_americana.htm. Acesso em: 30 ago. 2025.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS. Corte Interamericana de Direitos Humanos. *Caso Escher e outros vs. Brasil*. Sentença de 6 de julho de 2009 (Série C, nº 200). Disponível em: https://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/seriec_200_por.pdf. Acesso em: 2 fev. 2026.

PASQUALE, Frank. *THE BLACK BOX SOCIETY: The Secret Algorithms That Control Money and Information*. [S.l.]: Harvard University Press, 2015. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/j.ctt13x0hch>. Acesso em: 3 fev. 2026. <https://doi.org/10.4159/harvard.9780674736061>

PERILLA GRANADOS, Juan Sebastian Alejandro. *O processo penal por meio da inteligência artificial*. *Revista Brasileira de Direito Processual Penal*, v. 10, n. 2, 2024. <https://doi.org/10.22197/rbdpp.v10i2.988>

PÉREZ ESTRADA, Miren Josune. *La inteligencia artificial como prueba científica en el proceso penal español*. *Revista Brasileira de Direito Processual Penal*, v. 7, n. 2, p. 1385, 2021. <https://doi.org/10.22197/rbdpp.v7i2.505>

PODER JUDICIAL. *Poder Judicial y Ministerio Público firman convenio para facilitar el acceso a red institucional en salas de audiencia de los tribunales penales del país*. Disponível em: <https://www.pjud.cl/prensa-y-comunicaciones/noticias-del-poder-judicial/138996>. Acesso em: 1 fev. 2026.

QUATTROCOLO, Serena. *An introduction to AI and criminal justice in Europe*. *Revista Brasileira de Direito Processual Penal*, v. 5, n. 3, p. 1519–1554, 2019. <https://doi.org/10.22197/rbdpp.v5i3.290>

RICHARDSON, Rashida; SCHULTZ, Jason M.; CRAWFORD, Kate. *DIRTY DATA, BAD PREDICTIONS: HOW CIVIL RIGHTS VIOLATIONS IMPACT POLICE DATA, PREDICTIVE POLICING SYSTEMS, AND JUSTICE*. Disponível em: <https://www.nyulawreview.org/wp-content/uploads/2019/04/NYULawReview-94-Richardson-Schultz-Crawford.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2026.

ROA AVELLA, Marcela del Pilar; SANABRIA-MOYANO, Jesús E.; DINAS-HURTADO, Katherin. *Uso del algoritmo COMPAS en el proceso penal y los riesgos a los derechos humanos*. *Revista Brasileira de Direito Processual Penal*, v. 8, n. 1, 2022. <https://doi.org/10.22197/rbdpp.v8i1.615>

SANTOS, Hugo Luz dos. *Processo Penal e Inteligência Artificial: rumo a um direito (processual) penal da segurança máxima?* *Revista Brasileira de Direito Processual Penal*, v. 8, n. 2, 2022. <https://doi.org/10.22197/rbdpp.v8i2.709>

SANTOS, Hugo Luz dos. *Avaliação algorítmica discriminatória em processo penal: como o COMPAS está a erodir as bases fundacionais do direito a uma decisão humana em processo penal*. *Revista Brasileira de Direito Processual Penal*, v. 12, n. 1, 2026. <https://doi.org/10.22197/rbdpp.v12i1.1287>

UNIÃO EUROPEIA. *Regulamento (UE) 2024/1689 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 13 de junho de 2024 (AI Act)*. Bruxelas, 12 jul. 2024. Disponível em: https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/HTML/?uri=OJ:L_202401689. Acesso em: 2 fev. 2026.

VIEIRA, Andrey Bruno Cavalcante; SANTOS, Hugo Leonardo Rodrigues. *Investigação criminal e tecnologias digitais: algumas reflexões sobre o policiamento preditivo e a admissibilidade de provas digitais*. *Revista Brasileira de Direito Processual Penal*, v. 11, p. 1–36, 1 abr. 2025. <https://doi.org/10.22197/rbdpp.v11i1.1072>

WEBER, Max. *Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva*. Tradução Regis Barbosa; Karen Elsabe Barbosa. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2015.

WINTER, Lorena Bachmaier. *A luta pelas garantias processuais e a mudança de paradigma em matéria de prova: do liberalismo à mass surveillance no processo penal europeu*. *Revista Brasileira de Direito Processual Penal*, v. 11, n. 1, p. 1–56, 1 abr. 2025. <https://doi.org/10.22197/rbdpp.v11i1.1164>

Authorship information

Luciano Rocha de Oliveira. Mestre e Doutorando em Direitos e Garantias Fundamentais na FDV/ES. Membro do Grupo de Pesquisa Hermenêutica e Jurisdição Constitucional da FDV/ES. Promotor de Justiça do MPES. Vitória/ES, Brasil. lucianompes@gmail.com.

Américo Bedê Jr. Doutor e Mestre em Direitos Fundamentais. Professor do Programa de Mestrado e Doutorado da FDV/ES. Coordenador do Grupo de Pesquisa Hermenêutica e Jurisdição Constitucional da FDV/ES. Juiz Federal. Vitória/ES, Brasil. bedejunior@hotmail.com.

Additional information and author's declarations (scientific integrity)

Conflict of interest declaration: the authors confirm that there are no conflicts of interest in conducting this research and writing this article.

Declaration of authorship: all and only researchers who comply with the authorship requirements of this article are listed as authors; all coauthors are fully responsible for this work in its entirety.

- *Luciano Rocha de Oliveira:* conceptualization, methodology, data curation, investigation, writing – original draft, validation, writing – review and editing, final version approval.
- *Américo Bedê Jr.:* conceptualization (scientific supervision), methodology (validation), writing – review and editing (critical revision), final version approval.

Declaration of originality: the authors assure that the text here published has not been previously published in any other resource and that future republication will only take place with the express indication of the reference of this original publication; they also attest that there is no third party plagiarism or self-plagiarism.

Data Availability Statement: In compliance with open science policies, all data generated or analyzed during this study are included in this published article.

IA Statement: The authors declare that they are aware that the use of artificial intelligence must not supplant the human originality of the research, and that full responsibility for any errors or plagiarism rests entirely with the authors. The authors declare that IA was used in the following stages: (i) Claude (Anthropic), for grammatical, orthographic and linguistic revision; (ii) NotebookLM (Google), for bibliographic research support. The substantive content — conceptualization, central thesis, legal analysis, proposed standards and interpretive judgments — is the exclusive product of the human work of the authors, who remain fully responsible for any errors, omissions or plagiarism.

Editorial process dates (<https://revista.ibraspp.com.br/RBDPP/about>)

- | | |
|--|-----------------------------|
| ▪ Submission: 04/02/2026 | Editorial team |
| ▪ Desk review and plagiarism check: 20/03/2026 | ▪ Editor-in-chief: 1 (VGV) |
| ▪ Review 1: 02/04/2026 | ▪ Associated-editor: 1 (EK) |
| ▪ Review 2: 07/04/2026 | ▪ Reviewers: 2 |
| ▪ Preliminary editorial decision: 10/05/2026 | |
| ▪ Correction round return: 14/05/2026 | |
| ▪ Final editorial decision: 23/05/2026 | |

HOW TO CITE (ABNT BRAZIL):

OLIVEIRA, Luciano R.; BEDÊ JR., Américo. Confiança e opacidade: governança de sistemas integrados e IA preditiva no ciclo polícia, MP e Judiciário. *Revista Brasileira de Direito Processual Penal*, vol. 12, n. 2, e1400, mai./ago. 2026. <https://doi.org/10.22197/rbdpp.v12i2.1400>



License Creative Commons Attribution 4.0 International.

Los efectos burocráticos de las reformas procesales penales: sobre la transición de ‘un día en la corte’ a los juicios orales fragmentados. Impacto en juicios acerca de homicidios dolosos consumados en la Ciudad Autónoma de Buenos Aires

The bureaucratic effects of criminal procedure reforms: from ‘one day in court’ to fragmented oral trials. The impact on trials for completed intentional homicide in Buenos Aires

Camila Abril Serrano¹

Universidad Nacional de José C. Paz – José C. Paz, Argentina
serranocamilaa@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0006-8687-5677>

Jesica Micaela Luna²

Universidad Nacional de José C. Paz – José C. Paz, Argentina
jesicamluna16@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0002-8881-3139>

RESUMEN: Las reformas orientadas a la implementación de procesos penales acusatorios se expandieron en América Latina durante las últimas décadas. En Argentina, la sanción del Código Procesal Penal Federal mediante la Ley N° 27.063 introdujo formalmente este modelo en el ámbito federal y su implementación se está desarrollando de manera paulatina. Estas transformaciones han sido consideradas una

¹ Abogada diplomada en derecho procesal penal, docente universitaria e investigadora en formación de la Universidad Nacional de José C. Paz. Empleada judicial en Tribunal Oral en lo Criminal y Correccional Nacional.

² Abogada, docente universitaria e investigadora en formación de la Universidad Nacional de José C. Paz. Empleada judicial de un Juzgado Nacional de Ejecución Penal.

de las modificaciones más profundas que han experimentado los procesos penales en la región, en tanto se fundamentarían en transparentar los procesos judiciales y garantizar principios como la publicidad, la oralidad y la concentración. En este marco se consolidó el juicio oral y público, caracterizado por la realización de una o unas pocas audiencias en días sucesivos, en las que se desarrolla toda la prueba y finalizan con la comunicación de la decisión del tribunal. Sin embargo, en Argentina, específicamente en el ámbito de la justicia nacional, se observan prácticas que tienden a fragmentar esas audiencias, aproximándolas a dinámicas propias del proceso escrito. A su vez, la pandemia de COVID-19 impulsó el uso de tecnologías de la información y la comunicación, cuyas modalidades en alguna medida continúan presentes en la realización de los juicios orales. En ese contexto, nos abocamos a problematizar y preguntarnos: ¿en qué medida los principios de publicidad, oralidad, concentración e intermediación se han implementado? ¿Las prácticas judiciales pueden estar incidiendo en su efectiva implementación? Para averiguarlo, nuestro trabajo analiza estas transformaciones recientes en la justicia nacional a partir del estudio de juicios por homicidios dolosos consumados, elegidos por ser paradigmáticos y porque reducen interferencias metodológicas, como la aplicación de institutos alternativos al debate oral como el juicio abreviado.

PALABRAS CLAVE: Burocracias; garantías procesales; debate oral y público; plataformas digitales; principios de continuidad e intermediación.

ABSTRACT: *Reforms aimed at implementing adversarial criminal proceedings have expanded across Latin America in recent decades. In Argentina, the enactment of the Federal Code of Criminal Procedure through Law No. 27,063 formally introduced this model at the federal level, and its implementation has been progressing gradually. These transformations have been regarded as among the most significant changes experienced by criminal justice systems in the region, as they are grounded in the goal of enhancing transparency in judicial proceedings and ensuring core principles such as publicity, orality, and concentration. Within this framework, the oral and public trial became consolidated as the central procedural stage, typically characterized by one or a small number of hearings held on consecutive days, during which all evidence is presented and the court's decision is announced. However, in Argentina, specifically within the national criminal justice system, practices can be observed that tend to fragment these*

hearings, bringing them closer to dynamics traditionally associated with written proceedings. In addition, the COVID-19 pandemic accelerated the use of information and communication technologies, whose modalities to some extent continue to shape the conduct of oral trials. In this context, we set out to problematize and ask: to what extent have the principles of publicity, orality, concentration, and immediacy been implemented? Could judicial practices be influencing their effective implementation? To find out, this article examines these recent transformations in the national judiciary through the study of trials for completed intentional homicides, selected because they reduce methodological interferences arising from procedural alternatives to full oral trial, such as abbreviated proceedings comparable to plea bargaining.

KEYWORDS: *Judicial bureaucracy; procedural safeguards; public oral trial; digital hearing platforms; principles of continuity and immediacy.*

ÍNDICE: Introducción: Análisis de la práctica judicial; 1. Plan de trabajo y cuestiones metodológicas. 2. Sobre la problemática del acceso a la información y su vinculación con la publicidad; 3. Características del debate a partir de las reformas, la fragmentación y la 'pospandemia'; 4. El juicio penal detrás de la pantalla: Acerca de modalidades y derechos; 5. Sobre cuotas, continuidad, concentración y contradicción; Consideraciones finales: Crítica reflexiva sobre la viabilidad del ejercicio pleno de derechos en este contexto; Referencias bibliográficas.

INTRODUCCIÓN: ANÁLISIS DE LA PRÁCTICA JUDICIAL.

Este trabajo ha sido desarrollado en el marco de una beca otorgada por el Consejo Interuniversitario Nacional -Beca Estímulo a las Vocaciones Científicas, convocatoria 2022- a la una de las autoras de este artículo -entonces estudiante-³, dirigida por Adrián Martín y la restante coautora. Se enmarca en dos proyectos de investigación recientemente finalizados y llevados a cabo en la Universidad Nacional

³ Resolución CE n° 1789/23, proyecto EVC13-UNPAZ25338.

de José C. Paz -el primero, de 2021 a 2023⁴; y el segundo, de 2023 a 2025⁵-, más específicamente en el ámbito del Laboratorio de Estudios sobre los Procesos Penales (LEPP UNPAZ-UBA) del Instituto Interdisciplinario de Estudios Constitucionales, del cual ambas formamos parte.

Los proyectos de investigación referidos se vinculan profundamente, en tanto se mantiene en esencia el objetivo de analizar tensiones y continuidades del escriturismo y el secreto en la administración judicial, sin perjuicio de que se vienen dando reformas en la región y en Argentina en dirección a un sistema de enjuiciamiento acusatorio. En resumen, la investigación desarrollada durante los años 2021 a 2023 tenía como eje la incidencia de tradiciones inquisitivas y burocráticas en la concentración de actos que integran el debate oral y público y las consecuencias que implica respecto de los principios que lo rodean, como el de oralidad, continuidad y publicidad, entre otros. Por otro lado, en el proyecto más recientemente finalizado se propuso demostrar cómo otra práctica reciente y emergida por el aislamiento social, preventivo y obligatorio del año 2020 ha modificado las rutinas de quienes se desenvuelven en la administración judicial: la realización de debates orales y públicos mediante plataformas digitales. En ese sentido, revelamos la forma en que esa modalidad en alguna medida se mantiene hasta la fecha y el potencial impacto que conlleva hacia el fortalecimiento de esas mismas dinámicas que comprometen algunos de los principios fundamentales de la etapa central del proceso penal⁶.

En el marco de dichas investigaciones, nos abocamos a problematizar y preguntarnos ¿en qué medida los principios de publicidad, oralidad, concentración e inmediación se han implementado? ¿Las prácticas judiciales pueden estar incidiendo en su efectiva implementación?

Con la finalidad de acercarnos a la respuesta, el plan de trabajo desarrollado a partir del otorgamiento de la beca se basó en analizar

⁴ Resolución n° 278/2021 del Consejo Superior de UNPAZ, proyecto titulado “De ‘un día en la corte’ a juicios en cuotas”, del 2021 al 2023.

⁵ Resolución n° 719/2023 del rectorado, proyecto titulado “Juicios por plataformas digitales. El principio de inmediación y los efectos de post pandemia en las burocracias judiciales”, del 2023 al 2025.

⁶ Binder, Alberto “Elogio a la audiencia oral y otros ensayos”, 2014, 1° Edición, Monterrey: Editorial del Poder Judicial del Estado de Nuevo León, pp. 32-41.

material empírico dentro de un recorte temporal y territorial: los debates orales desarrollados por el delito de homicidio doloso consumado en la Ciudad Autónoma de Buenos Aires durante el año 2022⁷.

1. PLAN DE TRABAJO Y CUESTIONES METODOLÓGICAS.

Para dar respuesta a nuestros interrogantes, el objetivo inicial se basaba en exhibir cuántos debates orales se realizaron por el delito de homicidio doloso consumado en la Ciudad Autónoma de Buenos Aires durante el año 2022 y, una vez recabado ese dato, solicitar sus actas y sentencias para analizar de qué manera se desarrollaron, mediante la codificación de variables previamente definidas. Las variables fueron las siguientes: a) datos del tribunal y causa, b) disponibilidad de documentación (actas y sentencias), c) cantidad de audiencias que necesitó cada debate, d) modalidad de esas audiencias (presenciales, virtuales o “mixtas”), e) cantidad de testigos (ofrecidos, admitidos, escuchados), f) testimonios incorporados por lectura, g) desistimientos de testimonios por parte del Ministerio Público Fiscal, las defensas (públicas o particulares) y las querellas, h) utilización de testimonios en la fundamentación de la sentencia.

Decidimos recabar los datos del año 2022 porque era el año de la convocatoria a la mencionada beca estudiantil y por el interés en analizar el funcionamiento del sistema judicial en un contexto posterior a las restricciones derivadas de la pandemia de COVID-19. En la Argentina, durante los años 2020 y 2021 se implementaron medidas como el Aislamiento Social, Preventivo y Obligatorio (ASPO) y el Distanciamiento Social, Preventivo y Obligatorio (DISPO), lo que implicó una transformación sustancial en las prácticas judiciales. En este contexto, se buscó analizar la persistencia o modificación de modalidades de trabajo adoptadas durante la pandemia.

⁷ Disponible en SERRANO, Camila A; LUNA, Jesica M. Dataset of “Los efectos burocráticos de las reformas procesales penales: sobre la transición de ‘un día en la corte’ a los juicios orales fragmentados. Impacto en juicios acerca de homicidios dolosos consumados en la Ciudad Autónoma de Buenos Aires”, *Scielo Data*, v1, 2026. <https://doi.org/10.48331/SCIELODATA.K4ZXIB>

La elección de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires está basada en que quienes dirigían la beca prestaban funciones en un tribunal oral de esa ciudad, con lo cual el relevamiento de la información requerida podía simplificarse⁸ por el conocimiento de algunas de las personas que formaban parte del campo.

Delimitamos el estudio en casos en los que se juzgaron a personas por el delito de homicidio doloso consumado porque son paradigmáticos en cuanto a su gravedad; y, a su vez, en ellos se disminuyen interferencias metodológicas como la aplicación del juicio abreviado, conciliación, mediación, suspensión de juicio a prueba, etc. Es decir, por la pena en expectativa y la consecuente imposibilidad de terminar el proceso mediante institutos alternativos, nos aseguramos de que todos los casos encuadrados en este delito, en ese territorio y en ese lapso temporal se hubieran juzgado en el marco de los debates orales y públicos que pretendíamos analizar. Además, mínimamente las sentencias deberían revestir carácter público, por lo cual especulábamos tener menos barreras para acceder a la información.

Una vez otorgada la beca, en el año 2023 recabamos información del año anterior mediante publicaciones disponibles en el sitio oficial del entonces Centro de Información Judicial (CIJ), dependiente de la Corte Suprema de Justicia de la Nación; en segunda instancia, formulamos solicitudes de acceso a la información a todos los Tribunales Orales en lo Criminal y Correccional de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires (TOCC) a través de sus correos institucionales oficiales y por último, acudimos a integrantes de dichas dependencias ante la falta de respuesta institucional en algunos casos. Así adelantamos que el relevamiento de datos tuvo algunas interferencias que serán desarrolladas ampliamente en el apartado siguiente. En síntesis, con este trabajo procuramos exponer el análisis posterior que desarrollamos a partir del insumo producido en el marco de la beca y su vínculo con las mencionadas investigaciones a partir de las cuales fue otorgada. Los criterios de análisis posterior se expondrán en el apartado 3 y sus resultados se desarrollarán en los puntos 4 y 5.

⁸ Y como se desarrollará en el próximo apartado, terminó simplificándose a raíz de ello.

2. SOBRE LA PROBLEMÁTICA DEL ACCESO A LA INFORMACIÓN Y SU VINCULACIÓN CON LA PUBLICIDAD.

En primer lugar, en esta instancia consideramos interesante exteriorizar algunas características salientes del trabajo de campo y las dificultades que se presentaron a lo largo de aquellos meses.

El Centro de Información Judicial (CIJ) fue un organismo creado por la Corte Suprema con el fin de acercar la comunicación entre el sistema de administración judicial y la comunidad. De hecho, el considerando 4° de la acordada que dispuso su creación⁹ indica que “*ese centro deberá, asimismo, promover la difusión de las decisiones judiciales con el objeto de permitir a la comunidad una comprensión más acabada del quehacer judicial*”. Por consiguiente, resulta indiscutible su afinidad respecto al principio de publicidad como objeto central de su finalidad. Y es aquí donde nuestro relevamiento se topó con su primer obstáculo: el acceso a la información.

La materia prima para nuestro análisis -es decir, lo que debíamos obtener de cada Tribunal Oral en lo Criminal y Correccional de la Capital Federal (TOCC)- eran las actas y sentencias de los debates orales realizados en el año 2022 que versaran sobre hechos a los que se les había asignado el delito de homicidio doloso consumado. Sin perjuicio de que no esperábamos encontrar en el CIJ las actas que dieran fe de las audiencias realizadas -y, así, de la manera explícita en la que operadores judiciales las habían materializado-, lo cierto es que -como adelantamos, por su carácter público- sí teníamos cierta expectativa en hallar al menos las sentencias. Para dar con tales resoluciones, filtramos en dicho sitio web por fecha, tipo de fallo y palabras clave, y así, solicitar luego a los tribunales únicamente las correspondientes actas.

Al final, solo el 28,57% de los tribunales¹⁰ subieron alguna resolución respectiva al CIJ, por lo que el primer problema estuvo vinculado con el relevamiento de datos básicos -números de causa, identificación de la persona imputada, fecha en la que se realizaron los debates- que al

⁹ Corte Suprema de Justicia de la Nación, Acordada 17/2006.

¹⁰ Que representan 8 de los 28 Tribunales Orales en lo Criminal y Correccional de la Capital Federal.

menos nos permitieran acotar los pedidos de actas e información a los tribunales de manera oficial.

Como siguiente paso, se emitieron correos electrónicos a las casillas oficiales de cada tribunal con el fin de solicitar la documentación necesaria. Aquí, tomamos la decisión de dividir a los tribunales en dos grupos: por un lado, aquellos con los contábamos datos básicos obtenidos del CIJ -para solicitarles al menos las actas, que claramente no estaban cargadas-; y por el otro, aquellos de los cuales no teníamos ningún dato -con el fin de pedirles cuántos debates hicieron por ese delito y sus correspondientes actas y sentencia-. Como resultado, recibimos respuesta únicamente de cinco tribunales: cuatro de ellos del primer grupo y uno sólo del segundo grupo.

Siendo objetivas, destacamos que al parecer para las personas que trabajaban o ejercían la función pública en los tribunales del segundo grupo no resultaba sencillo recabar esa información. Así lo deducimos porque, al no contar con los denominados “datos básicos”, debían apelar a su buena memoria y/o releer las agendas del año anterior y/o acudir a filtros del sistema de gestión judicial y luego de ello encargarse de realizar otra serie de tareas, que a su propio criterio resultaba ser una labor un tanto compleja.

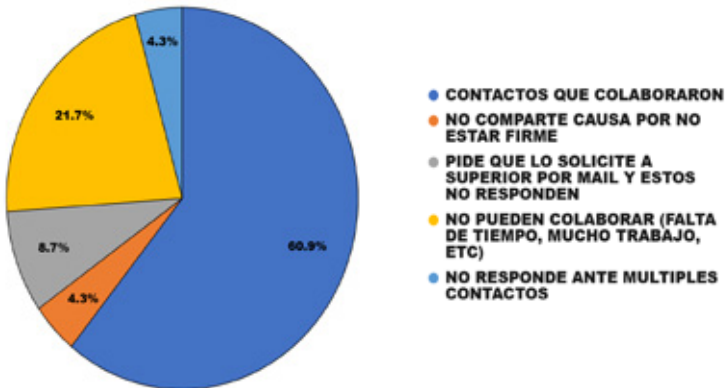
Como última opción, decidimos solicitar la documentación mediante los lazos sociales contruidos por quienes dirigían la beca y otras personas que integran el Laboratorio de Estudios sobre los Procesos Penales y a su vez participaban de la investigación 2023-2025 mencionada. De esta forma, conseguimos el contacto de veintitrés personas que trabajaban o ejercían funciones públicas en los tribunales que no habían dado respuesta. Dicho esto, nos parece importante destacar que recién a partir de esos enlaces obtuvimos la información necesaria para analizar el 91,66%¹¹ de los debates orales relevados. Con lo cual, la “última opción” se transformó en la principal.

En otro sentido, se nos impone mencionar que aun adquiriendo los contactos suficientes para acceder a la información, algunas y algunos

¹¹ Del total de 24 causas analizadas que se ajustaban al objeto de investigación, solo 2 fueron compartidas sin tener que recurrir a contactos del poder judicial.

agentes judiciales se mostraron reticentes en enviarla. De hecho, de las personas contactadas sólo el 60.9% compartió la información necesaria. El 21.7% no colaboraron por falta de tiempo y cuestiones vinculadas a exceso de trabajo, el 8.7% indicó que debíamos solicitarla nuevamente a sus superiores -quienes no habían respondido a los múltiples pedidos a los mails oficiales-, el 4.3 %¹² no respondió a los insistentes intentos de contacto vía WhatsApp; y, del restante porcentaje, no compartió la documentación de algunos debates debido a que sus respectivas resolución finales no habían adquirido firmeza.

Funcionarios contactados por lazos (23)



Fuente: Elaboración propia.

Por lo expuesto, concluimos que: a) a pesar de que se creó un sistema para obtener información judicial, su operatividad era endeble porque el acceso a ella sufría de distintas barreras impuestas por los propios operadores judiciales al no protocolizar sus resoluciones; b) ser parte de la denominada “familia judicial”¹³ o contar con contactos relacionados

¹² 1 de las 23 personas contactadas vía lazos sociales preestablecidos.

¹³ Acerca de este concepto: Sarabayrouse Oliveira, María José, “Desnaturalización de categorías: independencia judicial y acceso a la justicia. Los avatares del proceso de Democratización de la Justicia en Argentina”, 2014, pp. 145-151.

con ella sigue siendo fundamental para acceder a la información necesaria para desarrollar este tipo de estudios empíricos sobre el Poder Judicial. Sobre esto último, profundiza la autora María José Sarabayrouse Oliveira¹⁴ cuando indica que la familia judicial genera o refuerza las relaciones entre quienes pertenecen a ella.

Posiblemente la problemática que intentamos exponer en estas breves líneas no sea sorpresiva para quienes integran la administración judicial o mismo para quienes somos parte de este Laboratorio¹⁵. De todas formas, si bien no formó parte de este proyecto, no podemos dejar de inferir que el denominado principio de publicidad puede verse vulnerado y, a partir de ello, su vinculación con nuestro objeto de estudio. Específicamente respecto de esta cuestión, el Pacto Internacional de Derechos Civiles y Políticos, con jerarquía constitucional¹⁶, en su art. 14.1 señala que “... *toda sentencia en materia penal o contenciosa será pública, excepto en los casos en que el interés de menores de edad exija lo contrario, o en las acusaciones referentes a pleitos matrimoniales o a la tutela de menores*”. Entendemos que el doble carácter de esta garantía constitucional¹⁷ adquiere vital relevancia en el ejercicio del poder de control que debiera permitirse, por parte del pueblo, ante el accionar de quienes ejercen la función de juzgar.

Como contracara, testificamos una vez más que la impronta del secreto como resabio del sistema de enjuiciamiento penal inquisitivo continúa presente hasta nuestros días a partir de la deliberada traba en el acceso a la información acerca del modo en que la administración judicial lleva a cabo el proceso penal. Tal es así, que, aún frente a quienes se presentan como investigadoras de una universidad nacional que requieren información acerca de juicios que se realizaron sobre delitos de acción pública y cierta relevancia en cuanto a su gravedad, incluso con

¹⁴ Sarabayrouse Oliveira, María José “Poder Judicial y dictadura. El caso de la Morgue”, 2011, pp. 100 y ss. La autora analiza las relaciones dentro del Poder Judicial, profundizando sobre el sistema de valores que influyen en el accionar de los agentes judiciales.

¹⁵ Al respecto: Martín, Adrián N., “El lado de los nudos. Punitivismo, burocracias y conciliación penal”, 2021, pp. 351-359.

¹⁶ Constitución Nacional, artículo 75 inc. 22.

¹⁷ Bovino, Alberto “Principios políticos del procedimiento penal”, 2018, pp. 93-105.

los contactos “adecuados”, nos fue limitado algún contenido. Cuestión que impidió que alcanzáramos el primero de los objetivos: conocer la totalidad de debates orales que se hicieron por el delito de homicidio doloso consumado, en el año 2022 y en la Capital Federal. Puesto que, considerando todos los medios utilizados, al final de cuentas, se relevaron los datos del 79% del campo¹⁸.



Fuente: Elaboración propia.

Es en este punto donde nos preguntamos qué le quedará entonces a la ciudadanía de a pie, en tanto se presume apta para controlar el ejercicio de ese poder.

En otro sentido, pero no tan alejado a esta cuestión, es pertinente aclarar desde el inicio del trabajo que no publicaremos los nombres de quienes formaron parte de los juicios analizados, ni el tribunal a cargo de su realización. Puesto que, al momento de solicitar y acceder a la información, fue necesario comunicar a quienes nos enviaron el material que dichas identificaciones no serían publicadas. Por ese motivo, nos dedicaremos a presentar el contenido útil con relación a las investigaciones mencionadas, sin perjuicio de que toda la información es susceptible de ser corroborada.

¹⁸ Considerando la información accedida a partir de aquellos tribunales que prestaron colaboración e informaron que en el período indicado no habían realizado juicios que se ajustaran al objeto de estudio.

3. CARACTERÍSTICAS DEL DEBATE A PARTIR DE LAS REFORMAS, LA FRAGMENTACIÓN Y LA ‘POSPANDEMIA’.

Las reformas tendientes a la implementación de procesos judiciales acusatorios en nuestro país buscaron transparentar los procesos judiciales y garantizar principios como la mencionada publicidad, la oralidad y la concentración. El rasgo central ha sido la realización de una o unas pocas audiencias en días sucesivos, en las que se desarrolla toda la prueba y finalizan con la comunicación de la decisión del tribunal. Así, la continuidad, concentración e inmediación¹⁹ han sido principios centrales en la construcción de esa dinámica judicial.

A partir de las investigaciones desarrolladas, entendemos que en el ámbito de la justicia nacional se han advertido prácticas que parecen retornar a las dinámicas de los procesos escritos: audiencias más cortas y dispersas en varias semanas, perpetuando así su discontinuidad. Paralelamente se ha observado la realización, por parte del mismo tribunal, de varios juicios en forma paralela, lo cual claramente afecta a la denominada inmediación y calidad en las decisiones judiciales.

A su vez, tal y como mencionamos al principio, profundizamos en las consecuencias que la pandemia generada por el COVID-19 trajo consigo, sus modalidades de trabajo alternativas como la explotación de las tecnologías de la información y la comunicación y el impacto aún después de finalizado el período de aislamiento en la dinámica de los juicios orales penales. En ese contexto es común oír hoy día que se realicen juicios orales parcialmente mediante plataformas digitales, pero la realidad es que esa cotidianeidad inició con el aislamiento. Si bien la Corte Suprema de Justicia de la Nación (CSJN) estableció en 2013²⁰ que los tribunales orales pudieran disponer que las audiencias se realicen por videoconferencia conforme algunas reglas prácticas y condiciones²¹, lo cierto es que ello generaba que no fuera una práctica común. Así se

¹⁹ Sobre los principios señalados: Bovino, Alberto “*Principios políticos del procedimiento penal*”, 2018, pp. 105-116.

²⁰ Corte Suprema de Justicia de la Nación, Acordada 20/2013.

²¹ Por ejemplo, que personas imputadas, testigos o peritos estuvieran fuera de la jurisdicción del tribunal en caso de que no fuera oportuno o posible que acudiera personalmente en la sede del tribunal.

mantuvo, hasta que la CSJN dictó nuevas acordadas que se ajustaran al aislamiento obligatorio dictado por el decreto nacional n° 297/2020²².

Años después, la práctica nos indica que aquellos cambios vinieron para quedarse, aún superado aquel mal que motivó el aislamiento. En ese sentido, venimos trabajando la manera en la que el desarrollo de los debates mediante plataformas digitales puede impactar en las garantías procesales que debieran rodear a esta etapa central del proceso penal²³.

En función del trabajo realizado en el marco de la beca, a la fecha obtuvimos veinticuatro sentencias en las que diecisiete TOCC de la Capital Federal²⁴ exteriorizaron los fundamentos de la decisión tomada luego de realizados los respectivos juicios orales y públicos; y sus correspondientes actas, que acreditan la ocurrencia de 159 audiencias para tal fin. Realizamos un análisis con enfoque descriptivo de dicha documentación, orientado a identificar: a) cantidad de juicios orales llevados a cabo; b) cantidad de audiencias que tuvo cada juicio oral; c) cantidad de testigos admitidos para cada juicio oral; d) cantidad de testigos escuchados en ellos; e) incorporaciones por lectura; f) cantidad de testigos desistidos; g) cantidad de testimonios utilizados en los razonamientos probatorios de los alegatos de las partes. Todo ello, a fines de analizar qué tanto se respetaron los referidos principios de continuidad y concentración. En un análisis posterior, se analizó respecto de los debates que más respetaban dichos principios: a) decisión final adoptada por los tribunales; b) si las personas imputadas reconocieron o no los hechos en sus declaraciones y c) pena requerida por la fiscalía,

²² Corte Suprema de Justicia de la Nación, Acordada 6/2020. Allí se estableció el sistema de videoconferencia para realizar audiencias en las jurisdicciones donde se aplicara el régimen acusatorio en materia penal.

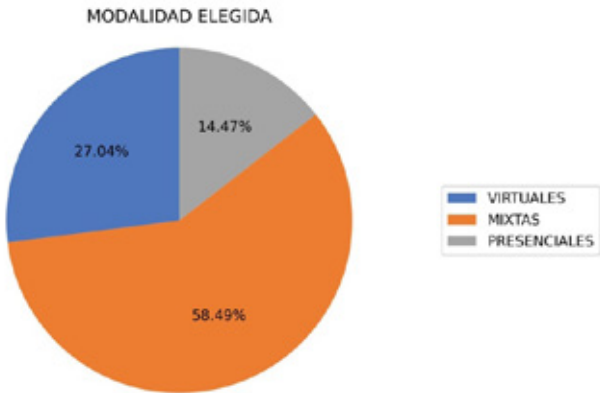
²³ Bergés, Delgado, Gulman, Medina y Serrano (2022). *“Los juicios virtuales y sus complejidades en el marco de los sistemas acusatorios. Interrogantes y contradicciones”*. Actas de la III Jornada sobre democracia y desigualdades UNPAZ, pp. 367-388.

²⁴ Cabe destacar que personal de cinco de los TOCC restantes informaron que no habían realizado debates orales por el tipo penal elegido durante el año 2022. Por lo cual, hasta ahora se relevó la información del 78,57% del campo. Finalmente, no obtuvimos la documentación necesaria por parte de seis TOCCs, por cuestiones señaladas anteriormente, evasivas o carencia de contactos.

a los fines que expondremos en el apartado 5. Finalmente, se buscó en ese mismo material: a) modalidad mediante la cual se llevaron a cabo las audiencias (presencial, por videoconferencia o “mixta”); b) qué personas o funcionarios participaban en los debates por modalidad virtual y c) si se indicaba motivo por el cual se escogía la modalidad virtual o mixta. Ello, a fin de analizar la posible afectación al principio de inmediación del juez/a con la prueba y ciertas prácticas de la administración judicial, lo cual trataremos en el próximo apartado.

4. EL JUICIO PENAL DETRÁS DE LA PANTALLA: ACERCA DE MODALIDADES Y DERECHOS.

Con relación al formato mediante el cual se desarrollaron, pudimos observar que el 85.53% de las audiencias se efectuaron bajo las modalidades mixta o virtual. Más específicamente, en el 58,49% de los casos alguna de las personas necesarias para que el debate se desarrolle se encontraba “presente” a través una plataforma digital -a lo que denominamos modalidad “mixta” o “híbrida”-; y en el 27.04%, todas las personas estuvieron conectadas telemáticamente. Tan sólo el 14.47% de las audiencias restantes fueron realizadas completamente en las salas de audiencias de los tribunales.



Fuente: Elaboración propia.

Respecto de esto, resulta de interés reflexionar que, en la gran mayoría de las actas, no se indicaron los motivos por los cuales se tomó la decisión de realizar las audiencias de manera mixta o totalmente virtual, apartándose de la marcada práctica judicial de dejar absolutamente todo plasmado en actas. Sin perjuicio de ello, señalaremos las escasas cuatro ocasiones en las que los motivos sí fueron formalizados: a) en un debate que mayormente se desarrolló de manera presencial e inició en el mes de abril de 2022, excepcionalmente una de las personas que ejercían la función de juzgar asistió de manera virtual porque transitaba una enfermedad; b) en un debate que se venía llevando a cabo de manera mixta sin indicar en el acta el motivo, en el cual únicamente sí lo explicitaron en los casos en que testigos que no formaban parte de ninguna institución pública tuvieron que declarar virtualmente porque residían en otras provincias o países y c) en dos debates se alegó la “imposibilidad” de realizarlos en formato presencial por el aislamiento social. Cabe aclarar que uno de esos dos debates del punto c) se realizó casi completamente a finales del 2021; pero que el segundo -desarrollado totalmente mediante plataforma virtual- se realizó durante los meses de abril y mayo de 2022.

Es decir, si se observa únicamente la fecha del debate casi completamente presencial del caso “a” y la fecha del segundo caso “c”, se deduce que -al menos en términos de posibilidad- sí era factible realizar el debate en formato presencial. Inclusive, varias audiencias de los otros debates relevados fueron desarrolladas al menos de manera mixta -tres de ellas totalmente presenciales-, concomitante y/o anteriormente a los meses de abril y mayo de 2022. Relacionamos esta cuestión con uno de los debates llevados a cabo de manera totalmente telemática y sin indicar alguna justificación, iniciado en el mes de febrero de 2022, en el que una defensora señaló que debía desconectarse de la audiencia porque tenía que asistir a otro debate presencial en otro tribunal. Entonces, al menos con los cuidados del caso -por ejemplo, que se conectaran vía plataformas virtuales las personas que presentaban síntomas leves de alguna enfermedad, como en el caso “a”- a partir de ese momento sí era posible la modalidad presencial de las audiencias de debate, por lo que la cuestión estaba enmarcada en términos de voluntad de las personas con el poder de decidir dicha cuestión.

Además, con la idea de subrayar características salientes de las audiencias calificadas como “mixtas”, indicamos que algunas -más que nada las desarrolladas en el primer semestre de ese año- contaban con la presencia en la sala del tribunal únicamente de la persona imputada y su defensa mientras que el resto estaba “presente” en forma telemática, al menos asegurando el contacto directo y sin intermediarios entre sí durante el acto. En otras audiencias sólo se pudo determinar que eran mixtas porque dejaron constancia de que algunos testigos estaban en la sala de audiencias mientras que las restantes personas estaban conectadas, lo cual puede justificarse en el afán de mínimamente asegurar que la persona que presta declaración testimonial acredita su identidad correctamente y no estaba siendo intimidada ni contactada por otra persona durante la audiencia.

Finalmente, no podemos dejar de destacar que ciertas personas tendían más que otras a presenciar el debate de manera telemática en las audiencias “mixtas” que ocurrieron hacia el segundo semestre del año en cuestión. Sobre la base de que el delito escogido requería su juzgamiento colegiado, un/a juez/a debía presidir el debate y las/os restantes participar en calidad de vocales. Calificamos como “mixtas” a gran cantidad de las audiencias analizadas porque los vocales eran las únicas personas que no estaban presentes en la sala de audiencias. Es decir, estaban presentes la/s persona/s imputadas, testigos, acusación, defensa y quien presidía el debate, en formato presencial; y vocales, a través de una pantalla²⁵.

A fines de reforzar la afirmación relacionada con que la modalidad se trataba más bien de una cuestión voluntaria, resulta icónico describir un debate²⁶ que se realizó en veintiocho audiencias (veintiséis mixtas, una totalmente virtual y dos presenciales) en el que: en la primera sólo se conectó en formato virtual el juez sustituto; la segunda audiencia, ocurrida en el mes de marzo, fue presencial; a partir de la tercera audiencia, los/as vocales y algunas defensas comenzaron a conectarse por Zoom;

²⁵ Acentuamos que esta situación se dio incluso en un caso en el que se formalizó en las actas que la defensa había solicitado el desarrollo del debate en formato presencial, como si la conexión por parte de dos de las personas que iban a decidir sobre la materialidad del hecho y participación criminal de las personas imputadas no significara que la audiencia no estaba siendo completamente presencial.

²⁶ Aunque no fue el único con la tendencia señalada a continuación.

la novena audiencia, del mes de mayo, se realizó totalmente en formato virtual sin -tampoco- indicar el motivo; más adelante, en la audiencia dieciséis, quien representaba al MPF y varias personas imputadas (incluso detenidas) también comenzaron a participar de varias audiencias por plataforma virtual, mientras que otras personas imputadas y testigos sí asistían al tribunal; y finalmente, la última audiencia sucedida en el mes de diciembre, fue totalmente en formato presencial.

Asimismo, destacamos las constancias de algunos debates con la concurrencia de casi todas las personas en la sala de audiencias, en el que sólo testigos que formaban parte de alguna institución declararon en formato virtual.

De esas afirmaciones se desprende la tendencia, por parte de quienes se reservaban algún poder de decisión sobre la modalidad de su participación, a conectarse mediante alguna plataforma virtual. En otras palabras: en la gran mayoría de los casos, no se indicó el motivo de la decisión de conectarse por sobre presentarse en el tribunal; y, además, fueron más propensos a esa elección quienes ejercían el poder de juzgar pero no presidían los debates, quienes integraban algún Ministerio Público y quienes formaban parte de alguna institución. Esta cuestión no puede pasar desapercibida a la luz del principio de inmediación entre quien ejerce el poder de juzgar y la prueba, debiendo ello ser respetado por parte de las tres personas que desempeñan ese rol, y no sólo de la presidencia. Asimismo, el MPF tiene por función resguardar la legalidad del proceso, aún más del juicio oral, por lo que alguna representación en la sala de audiencias ejerciendo ese control sería lo más adecuado; y, por último, el derecho de defensa en juicio, lógicamente, requiere al menos del contacto sin intermediarios entre la persona acusada y su asistencia técnica durante tan importante acto procesal, lo cual se torna dificultoso en el supuesto de no compartir el mismo espacio físico.

En definitiva, estimamos que en pos de la comodidad y el afán de llevar a cabo más tareas en menor tiempo, que aparecen como las razones de ser de la decisión de participar de las audiencias mediante alguna plataforma virtual por parte de quienes ejercen funciones públicas²⁷,

²⁷ Inferencia a la que llegamos a partir de la ausencia de fundamentación de esta decisión en las actas y la vivencia de esta transición -transcurrida la pandemia

pueden verse vulneradas algunas garantías fundamentales que rodean el debate oral. Si bien así lo consideramos para todos los casos, lo cierto es que en este estudio en particular analizamos juicios orales sobre hechos especialmente graves y penas privativas de libertad eminentemente elevadas, lo cual agudiza la problemática, por cuanto es al menos alarmante que se soliciten e impongan tales penas, cuando en varios casos las personas encargadas de hacerlo siquiera han “puesto el cuerpo” en la sala de audiencias.

5. SOBRE CUOTAS, CONTINUIDAD, CONCENTRACIÓN Y CONTRADICCIÓN.

Ahora bien, a partir del proyecto aprobado para la beca, la tarea también se basó en observar la práctica consistente en la fragmentación de los debates en varias audiencias, calcular en cuántas y determinar similitudes, diferencias o singularidades relativas a esa cuestión, todo lo cual se vincula con la investigación 2021-2023. Por cuestiones de extensión, decidimos exponer las cuestiones más relevantes.

La primera referencia tiene que ver con que se necesitaron 159 audiencias para tomar veinticuatro decisiones²⁸. Sin perjuicio de que todos los casos versaban sobre un delito grave, como es el de homicidio doloso consumado, cierto es que algunos eran más complejos que otros, con motivo de multiplicidad de acusaciones, participación criminal de más de tres personas, análisis de agravantes tales como violencia de género o sucesos ocurridos en circunstancias particulares²⁹. Esa cuestión supone que, si afirmáramos que en promedio cada debate requirió entre seis y siete audiencias, en algún punto estaríamos faltando a la equidad.

Algunas constancias revelan jornadas realmente extensas, mientras que en otras más temprano que tarde, se informó que debía interrumpirse ante la falta de documentación que alguna institución debía enviar como resultado de la denominada prueba suplementaria, por

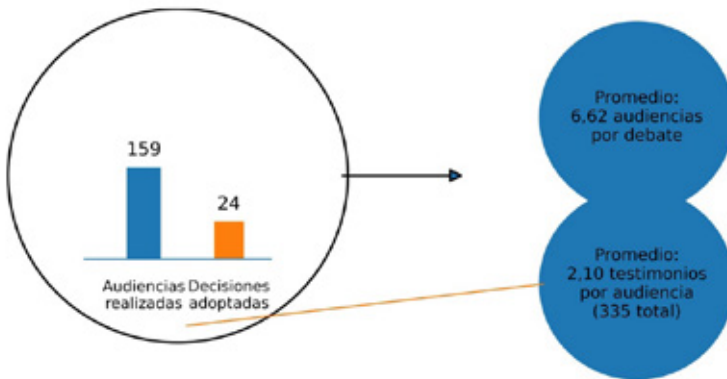
hasta la actualidad-, por desempeñar tareas en la administración judicial.

²⁸ En diecinueve casos se dictó veredicto condenatorio a alguna de las personas imputadas.

²⁹ Por ejemplo, la muerte violenta de una persona privada de su libertad dentro de un complejo penitenciario.

problemas para visualizar determinada prueba documental audiovisual³⁰ o porque alguna persona con funciones públicas tenía limitaciones en cuanto a su disponibilidad horaria. En esa línea, destacamos que en varios casos se repitió la práctica de fijar otra audiencia luego de escuchar los alegatos finales de las partes, con la única finalidad de escuchar las últimas palabras de la persona acusada en los términos del último párrafo del art. 393 CPPN.

La evidente dificultad para realizar comparaciones ante tan disímiles escenarios nos impide formular conclusiones o generalizaciones válidas al respecto. Para ser más descriptivas, no podemos reconocer de la misma forma: 1) un debate que se realizó completamente en audiencia única pero tenía solamente cinco testigos para ser escuchados, con 2) otro desarrollado en quince audiencias en las que se escucharon treinta y ocho testigos, con 3) el debate relatado en el apartado anterior, llevado a cabo en veintinueve audiencias en las que se escucharon a cincuenta y ocho testigos y tenía a trece personas imputadas; ni mucho menos con 4), otro en el que sólo declararon dos testigos pero requirió de tres audiencias. Tal vez resulta un poco más revelador que se escucharon 335 testigos en esas 159 audiencias, es decir, un promedio de 2,10 testimonios por audiencia.



Fuente: Elaboración propia.

³⁰ Sólo para esquematizar esta práctica: en un caso sólo se “abrió” la audiencia para dejar constancia de ese tipo de información, se dispuso un cuarto intermedio hasta la próxima audiencia y finalmente se “cerró”.

No obstante, más allá de los promedios, nos interesa mencionar que el estudio nos permitió traslucir algunas prácticas particulares de los casos similares al mencionado debate “4”, que no fue el único de ese estilo. Retomando el sin dudas inequitativo número de seis a siete audiencias por debate en promedio al que llegamos anteriormente, podríamos afirmar que los juicios orales desarrollados por este tipo penal que se realizaron en menor cantidad de audiencias habrían honrado los principios de continuidad y concentración de actos. En esa línea, diecisiete³¹ de los veinticuatro debates se desarrollaron en seis o menos de seis audiencias, pero lo realmente notable es que cuatro de ellos tuvieron en común algunas características que vale la pena exponer.

En primer lugar, esos cuatro juicios orales se desarrollaron de manera completamente telemática; y, en tres de esos cuatro, lo primero que ocurrió fue que la persona imputada reconoció su autoría, luego las partes acordaron incorporar por lectura a una gran cantidad de declaraciones testimoniales, seguidamente el MPF solicitó una pena bastante cercana al mínimo de la escala aplicable y finalmente las defensas discutieron en su alegato cuestiones jurídicas vinculadas a la determinación de la pena para alcanzar el mínimo o la no declaración de reincidencia³². En todos los alegatos se hizo referencia a la “colaboración” por parte de la persona imputada con la administración judicial.

Específicamente, en el caso a) se juzgó un hecho calificado como homicidio simple, fueron oídos solo tres de los once testigos admitidos -lo que implicó que el 72.73% fuera incorporado por lectura- y se desarrolló en tres audiencias; en el caso b) se atribuyó a los hechos el concurso real de los delitos de homicidio simple, homicidio en grado de tentativa y robo agravado, se escucharon sólo a dos de los diecisiete testigos admitidos -es decir, sólo se escuchó al 11.76% y el resto de las declaraciones fueron incorporadas por lectura-, y requirió de tres audiencias; y si bien el caso c) fue el que hizo del principio de concentración su bandera por

³¹ Quince de los cuales culminaron en algún veredicto condenatorio; y los restantes dos, absolutorios.

³² En la jerga judicial: “breves”, los cuales suponen un acuerdo entre las partes consistente en que la persona imputada se autoincrimine y la anuencia para escuchar a la menor cantidad posible de testigos a cambio de un pedido de pena por parte de la acusación que se acerque al mínimo de la escala.

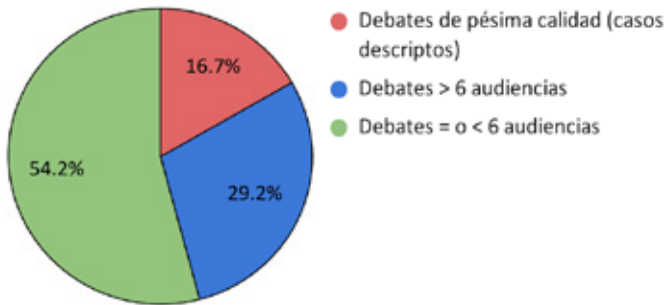
desarrollar todo el juicio en una sola audiencia, lo cierto es que sólo se escuchó a uno de los dos testigos admitidos y se trataba de un hecho que había ocurrido hacía dieciséis años; su calificación fue homicidio agravado por haber sido cometido con arma de fuego.

Por último, destacamos el caso d), en el que se juzgó un hecho al cual se le atribuyó el delito de homicidio agravado por haber sido cometido por un hombre contra una mujer mediante violencia de género. Allí, la persona imputada se negó a declarar y las acusaciones requirieron la pena de prisión perpetua³³, pero las similitudes con los otros tres casos radican en que sólo se escucharon a tres de los diecinueve testigos que estaban admitidos, que el 84,21% de las declaraciones restantes fueron incorporadas por lectura y que la defensa en el alegato no discutió la participación criminal del imputado, sino que apeló al desconocimiento del vínculo afectivo que a su criterio generaba el agravante.

La reseña de estos cuatro casos tuvo la finalidad de repensar la afirmación vinculada al cumplimiento de los principios de continuidad y concentración de actos, que parecía caracterizar a los debates que se desarrollaron en menos de seis audiencias. En este punto, es importante aclarar que no puede tenerse seriamente en cuenta esa conclusión cuando no se analiza en los casos concretos si la prueba ingresada fue pasible de ser controlada por las defensas, ni se repara en la cantidad de testigos que realmente fueron escuchados por las personas que resolvieron el caso.

Es decir que, más allá de los promedios, el verdadero análisis nos permite inferir que los veinticuatro casos se resolvieron en un total de ciento cincuenta y nueve audiencias; y, a la vez, estos representan:

³³ Lo cual claramente constituye diferencias con los tres casos anteriores.



Fuente: Elaboración propia.

Al respecto, consideramos importante señalar que si bien escogimos el tipo penal de homicidio doloso consumado porque no es legalmente posible formular acuerdos de juicio abreviado por ese delito, lo cierto es que de todos modos la creativa práctica judicial reseñada en alguna medida influyó en el análisis de la cantidad de audiencias en las que se fragmentaron los debates.

CONSIDERACIONES FINALES: CRÍTICA REFLEXIVA SOBRE LA VIABILIDAD DEL EJERCICIO PLENO DE DERECHOS EN ESTE CONTEXTO.

A partir de lo presentado y a fines de esbozar alguna respuesta a las preguntas iniciales, es necesario que realicemos consideraciones respecto de las prácticas judiciales que se dejaron entrever en la documentación relevada y sus implicancias en este contexto de reformas hacia un proceso penal acusatorio. Así como señalamos su clara intención de transparentar el procedimiento mediante principios tales como la publicidad, oralidad, concentración de actos, continuidad e inmediación, ciertamente en nuestro estudio nos encontramos con rutinas que parecieran impedir su plena vigencia pese al escenario de legalidad en su accionar.

Por un lado se evidencian dejos del sistema de enjuiciamiento inquisitivo en la fragmentación de cada vez más audiencias que deben interrumpirse por cuestiones de gestión de tareas y la realización de varios debates al unísono, afectando así su continuidad y calidad en la decisión final.

A su vez, en muchos de los juicios desarrollados en menor cantidad de audiencias se revelaron preocupantes desafíos para el ejercicio de la defensa en el sistema judicial: el predominante uso de la incorporación de testimonios por lectura plantea serias dudas sobre la efectividad del derecho a una defensa de calidad, en tanto influye de manera negativa sobre el principio de contradicción porque imposibilita a las defensas interrogar directamente a los testigos. Asimismo, el principio de inmediación puede verse vulnerado ya que un alto porcentaje de la prueba utilizada para fundamentar la decisión final se introdujo sin ser percibida por los sentidos de quienes juzgaron. Si bien los arts. 355 y 391 del CPPN posibilitan esta práctica, queda claro que sus condiciones de aplicación no bastan para evitar la restricción de garantías constitucionales³⁴, incorporadas en los tratados internacionales en favor de la persona acusada.

Por otro lado, si bien la adopción de las modalidades de audiencia mixta y/o virtual pueden ser consideradas positivas debido a que permiten la gestión de más tareas en menor tiempo por parte de quienes ejercen funciones públicas -contribuyendo así a la eficiencia judicial³⁵-, estimamos una vez más que su aplicación en exceso atenta contra el principio de inmediación. Aún más en el contexto señalado, puesto que la fragmentación de los debates en varias audiencias sumado a que en muchos casos se desarrollan mediante una pantalla, pueden dar como resultado que se desvirtúen todos y cada uno de los principios procesales mencionados en este trabajo, transformándolos en una ficción jurídica.

Insistimos en su importancia, por cuanto nuestro objeto de estudio versó sobre conflictos graves, muchas veces hasta mediáticos y aun así todas estas afectaciones fueron pasibles de considerarse. A partir de ello cabe preguntarse acerca del respeto por las garantías procesales

³⁴ Art. 8.2 apartado “f” de la Convención Americana de Derechos Humanos y art. 14.3 apartado “e” del Pacto Internacional de Derechos Civiles y Políticos, ambos con jerarquía constitucional en función del art. 75.22 de la Constitución Nacional.

³⁵ Gutiérrez, Mariano, “*Sobre las ideologías actuales en las reformas penales*”, en Revista de Derecho Penal y Criminología, año IV, nº 5, ed La Ley, Buenos Aires, 2016, pp. 159, se refería con cita de Hallsworth (2006) a este concepto como a los denominados procesos penales “*más rápidos, menos burocráticos, con más resultados a menor esfuerzo, incorporando las técnicas y formas de organización y evaluación de resultados del mundo empresarial*”.

que tiene la gestión judicial en relación con casos de “menor” entidad en este contexto.

En consecuencia, nos resulta fundamental reflexionar sobre la posible afectación a las garantías de las personas que transitan los procesos penales a la hora de insertarlos en la maquinaria burocrática que los gestiona, debido al avasallamiento generado por la búsqueda constante de eficiencia del sistema judicial.

REFERENCIAS

BERGÉS, Ornella; DELGADO, Iván; GULMAN, Nicolás; MEDINA, Marlene y SERRANO, Camila. *Los juicios virtuales y sus complejidades en el marco de los sistemas acusatorios. Interrogantes y contradicciones*. Actas de la III Jornada sobre democracia y desigualdades UNPAZ, 2022, pp. 367-388.

BINDER, Alberto. *Elogio a la audiencia oral y otros ensayos*, 1° Edición, Monterrey: Poder Judicial del Estado de Nuevo León, 2014, pp. 32-41.

BOVINO, Alberto. *Principios políticos del procedimiento penal*, Editores del Sur, 2018, pp. 93-116.

GUTIÉRREZ, Mariano. *Sobre las ideologías actuales en las reformas penales*. Revista de Derecho Penal y Criminología, año IV, n° 5. Buenos Aires: La Ley, 2016, pp. 159.

MAIER, Julio. *Derecho procesal penal* (2° ed., Vol. Tomo I). Editores del Puerto SRL, 1996.

MARTÍN, Adrián Norberto. *El lado de los nudos. Punitivismo, burocracias y conciliación penal*, EDUNPAZ, 2021, pp. 351-359.

SERRANO, Camila A; LUNA, Jesica M. Dataset of “Los efectos burocráticos de las reformas procesales penales: sobre la transición de ‘un día en la corte’ a los juicios orales fragmentados. Impacto en juicios acerca de homicidios dolosos consumados en la Ciudad Autónoma de Buenos Aires”, *Scielo Data*, v1, 2026. <https://doi.org/10.48331/SCIELODATA.K4ZXIB>

SARRABAYROUSE OLIVEIRA, María José. *Poder Judicial y dictadura. El caso de la Morgue*. Del Puerto, Buenos Aires: Centro de Estudios Legales y Sociales, 2011, pp. 100 y ss.

SARRABAYROUSE OLIVEIRA, María José. *Desnaturalización de categorías: independencia judicial y acceso a la justicia*. Los avatares del proceso de Democratización de la Justicia en Argentina, 2014, pp 145-151. [dx.doi.org/10.7440/colombiaint84.2015.05](https://doi.org/10.7440/colombiaint84.2015.05)

Authorship information

Camila Abril Serrano. Lawyer specializing in criminal procedure, university lecturer and research fellow at the National University of José C. Paz. Currently serves as a judicial employee at a National Criminal and Correctional Oral Court. serranocamilaa@gmail.com

Jesica Micaela Luna. Lawyer, university lecturer, and legal researcher in training at the National University of José C. Paz. Court clerk at a National Criminal Enforcement Court in Argentina. jesicamluna16@gmail.com

Additional information and author's declarations (scientific integrity)

Conflict of interest declaration: the authors confirm that there are no conflicts of interest in conducting this research and writing this article.

Declaration of authorship: all and only researchers who comply with the authorship requirements of this article are listed as authors; all coauthors are fully responsible for this work in its entirety.

- *Camila Abril Serrano*: conceptualization, methodology, data curation, writing – original draft, validation, writing – review and editing, final version approval.
- *Jesica Micaela Luna*: conceptualization, methodology, data curation, investigation, writing – original draft, validation, writing – review and editing, final version approval.

Declaration of originality: the authors assure that the text here published has not been previously published in any other resource and that future republication will only take place with the express indication of the reference of this original publication; they also attest that there is no third party plagiarism or self-plagiarism.

Data Availability Statement: In compliance with open science policies, the dataset of this article is available in an open repository at the following link: <https://doi.org/10.48331/SCIELODATA.K4ZXIB>.

IA Statement: The authors declare that they are aware that the use of artificial intelligence must not supplant the human originality of the research, and that full responsibility for any errors or plagiarism rests entirely with the authors. No IA was used in the preparation of this research.

Editorial process dates (<https://revista.ibraspp.com.br/RBDPP/about>)

- Submission: 15/03/2026
- Desk review and plagiarism check: 20/03/2026
- Review 1: 06/04/2026
- Review 2: 07/03/2026
- Preliminary editorial decision: 10/05/2026
- Correction round return: 24/05/2026
- Final editorial decision: 28/05/2026

Editorial team

- Editor-in-chief: 1 (VGV)
- Associated-editor: 1 (EK)
- Reviewers: 2

HOW TO CITE (ABNT BRAZIL):

SERRANO, Camila Abril; LUNA, Jesica Micaela. Los efectos burocráticos de las reformas procesales penales: sobre la transición de ‘un día en la corte’ a los juicios orales fragmentados. Impacto en juicios acerca de homicidios dolosos consumados en la Ciudad Autónoma de Buenos Aires. *Revista Brasileira de Direito Processual Penal*, vol. 12, n. 2, e1437, mai./ago. 2026. <https://doi.org/10.22197/rbdpp.v12i2.1437>



License Creative Commons Attribution 4.0 International.

Los mecanismos de condena sin juicio en el sistema de justicia penal para adolescentes de Uruguay desde la perspectiva de sus operadores¹

Mechanisms to reach conviction without a trial in Uruguay's juvenile criminal procedure from the perspective of its judicial officers

Daniel Zubillaga²

Universidad de la República, Montevideo, Uruguay

daniel.zubillaga@cienciassociales.edu.uy

 <https://orcid.org/0000-0002-0693-8804>

RESUMEN: Este artículo analiza la implementación de mecanismos de condena sin juicio en la justicia penal juvenil de Uruguay tras la reforma acusatoria de 2017. A través de 29 entrevistas a jueces, fiscales y defensores, la investigación examina cómo la búsqueda de eficiencia ha consolidado un cambio de paradigma profesional. El estudio busca responder al siguiente problema de investigación: ¿De qué manera la introducción de estos mecanismos procesales en el contexto de la reforma acusatoria ha impactado en las prácticas, las formas de resolución de casos y en la cultura procesal de la justicia penal para adolescente uruguaya? Los resultados revelan que las prácticas oscilan entre procedimientos burocratizados y espacios de discrecionalidad,

¹ El presente artículo es un producto de mi tesis doctoral en el Programa de Doctorado en Derecho de la Escuela Internacional de Doctorado de la Universidad de Castilla-La Mancha, defendida el 6 de junio de 2025 en la ciudad de Albacete (España) y calificada con Sobresaliente *Cum Laude*. Contó con el financiamiento de la Agencia Nacional de Investigación e Innovación (ANII, Uruguay) mediante su programa de becas de doctorado en el exterior, así como con el apoyo del Programa de Iniciación a la Investigación de la Comisión Sectorial de Investigación Científica (CSIC) de la Universidad de la República (Uruguay).

² Profesor Adjunto, Departamento de Trabajo Social, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de la República. Asistente, Instituto de Sociología Jurídica e Instituto de Derecho Penal y Criminología, Facultad de Derecho, Universidad de la República. Doctor en Derecho y Magíster en Criminología y Delincuencia Juvenil, Universidad de Castilla-La Mancha. Abogado, Universidad de la República.

donde los operadores normalizan el uso de los procesos abreviado y simplificado mediante la estandarización de respuestas penales y “tarifas” para medidas socioeducativas y prácticas paraprocesales. El estudio concluye que estas dinámicas, propias de un grupo de trabajo del tribunal, priorizan la celeridad administrativa y la reducción de la incertidumbre sobre la contradicción del juicio oral.

PALABRAS CLAVE: Justicia penal para adolescentes; Proceso abreviado; Proceso simplificado; Reforma acusatoria; Uruguay.

ABSTRACT: *This article examines the implementation of non-trial conviction mechanisms within Uruguay's juvenile justice system following the 2017 accusatorial reform. Through 29 interviews with judges, prosecutors, and public defenders, the research explores how the pursuit of efficiency has consolidated a professional paradigm shift. The study addresses the following research problem: In what ways has the introduction of these procedural mechanisms, within the context of the adversarial reform, impacted the practices, case resolution methods, and the procedural culture of the Uruguayan juvenile justice system? The findings reveal that legal practices oscillate between highly bureaucratized procedures and discretionary actions, where practitioners normalize abbreviated and simplified trials by relying on standardized “going rates” for socio-educational measures and para-procedural practices. The study concludes that these dynamics, characteristic of a courtroom workgroup, prioritize administrative celerity and uncertainty reduction over the adversarial nature of oral trials.*

KEYWORDS: Juvenile criminal justice; Abbreviated procedure; Simplified procedure; Accusatory reform; Uruguay.

SUMARIO: Introducción. 1. Perspectivas organizacionales sobre los mecanismos de condena sin juicio. 2. Reforma acusatoria y condena sin juicio en el proceso penal juvenil de Uruguay. 3. Metodología. 4. Resultados. 5. Discusión. Consideraciones finales. Bibliografía.

INTRODUCCIÓN

El sistema de justicia penal para adolescentes en Uruguay ha transitado, en la última década, varias transformaciones normativas. Uno de los tantos debates se ha centrado en la procedencia y legitimidad de los

mecanismos de condena sin juicio. Tras la reforma acusatoria de 2017, la trayectoria de estos institutos ha sido errática: desde la regulación de la “sentencia de conformidad” en 2013, que permitía el dictado de la condena en la primera comparecencia del adolescente ante el juez siempre que mediare su confesión; pasando por la prohibición expresa del proceso abreviado -que habilita a la partes a celebrar acuerdos sobre los hechos, calificación jurídica, tipo de pena y forma de ejecución- en materia penal de adolescentes en 2017, hasta su reciente incorporación en 2020; a lo que se suma la aparición del proceso simplificado, una especie de estructura procesal contenciosa más simple que el juicio oral porque disminuye los plazos, pero que permite el dictado de sentencia inmediata si el acusado asume su responsabilidad, que también fue introducida a través de la Ley 19.889 de Urgente Consideración del 2020.

Este vaivén legislativo no solo ha generado incertidumbre, sino que ha impactado directamente en la cultura profesional de los operadores del sistema y en las dinámicas procesales. El presente artículo se propone explorar esta realidad desde una perspectiva cualitativa, analizando cómo jueces, fiscales y defensores públicos significan y aplican estos mecanismos en su práctica cotidiana. Más allá de la frialdad de los textos legales, interesa comprender las dinámicas humanas, las presiones organizacionales y los consensos informales que dan forma a la justicia penal juvenil uruguaya de la postreforma acusatoria.

En este marco, el presente estudio busca responder al siguiente problema de investigación: ¿de qué manera la introducción de estos mecanismos procesales en el contexto de la reforma acusatoria ha impactado en las prácticas, las formas de resolución de casos y en la cultura procesal de la justicia penal para adolescentes uruguaya?

Para cumplir con este propósito, el artículo se estructura en cuatro secciones principales. En la primera, se presentan aspectos teóricos que permiten explicar la expansión global de estos mecanismos y las particularidades de sus dinámicas procesales. La segunda sección describe el contexto político-criminal uruguayo, detallando la evolución normativa y las controversias jurisprudenciales recientes. En la tercera parte, se detalla el diseño metodológico de la investigación, basado en la realización de entrevistas semiestructuradas a operadores de tres jurisdicciones del país. Finalmente, se exponen y discuten los resultados obtenidos, conectando

los testimonios de los participantes con la literatura especializada. El trabajo concluye con una serie de consideraciones finales que invitan a reflexionar sobre el rol de los mecanismos de condena sin juicio y su inserción cada vez más presente en los sistemas de justicia penal, incluido el sistema penal juvenil.

1. PERSPECTIVAS ORGANIZACIONALES SOBRE LOS MECANISMOS DE CONDENNA SIN JUICIO.

El análisis de la inserción de los mecanismos de condena sin juicio en la justicia penal requiere de un andamiaje teórico que trascienda la mera exégesis normativa. Para comprender el efecto de estos dispositivos es necesario observar las dimensiones sociojurídicas y organizacionales que moldean la práctica diaria de los tribunales. En este sentido, la literatura internacional ofrece categorías fundamentales para interpretar cómo la eficiencia, la interdependencia de los actores y el ejercicio de la discrecionalidad operan en la resolución de los conflictos penales.

Bajo esta premisa, cabe observar que hace algunas décadas los sistemas penales de buena parte del mundo han adoptado mecanismos de condena sin juicio —análogos al *plea bargaining* o las órdenes penales— cuya característica fundamental es la administrativización de las condenas³. La expansión de este tipo de dispositivos responde a diversas razones: la eficiencia operativa, la necesidad de disminuir la impunidad, su rol como catalizadores de reformas estructurales y la protección de víctimas frente al impacto de procesos prolongados e inciertos⁴. De todas maneras, la literatura advierte sobre los elevados costos normativos de estos mecanismos, señalando una flexibilización del principio de legalidad porque permiten alterar los marcos típicos de la ley penal para reducir

³ Ver, por ejemplo: LANGER, Máximo. The diffusion of plea bargaining and the global administratisation of criminal convictions. In: LANGER, Máximo; MCCONVILLE, Mike; MARSH, Luke (eds.). *Research Handbook on Plea Bargaining and Criminal Justice*. Cheltenham: Elgar, 2024.

⁴ RUSSELL, Jago; HOLLANDER, Nancy. The Disappearing Trial: the global spread of incentives to encourage suspects to waive their right to a trial and plead guilty. *New Journal of European Criminal Law*, [S. l.], v. 8, n. 3, 2017, pp. 312-314.

la pena al monto mínimo previsto en el tipo penal⁵, lo cual conlleva una “pesada connotación burocrática” de la justicia donde la sentencia se reduce a una validación administrativa.⁶

En América Latina, su adopción fue el pilar de las reformas acusatorias bajo un “programa *managerial*” orientado a la eficiencia⁷. Aunque el juicio oral se promocionó como el eje del sistema, el proceso abreviado garantizó su viabilidad política al alinear intereses operativos⁸. Así, lo que comenzó como un dispositivo secundario se ha consolidado en la región, convirtiéndose en la característica intrínseca y definitoria de los sistemas acusatorios latinoamericanos contemporáneos.⁹

Estas transformaciones también han incidido en la reconfiguración de las dinámicas de la justicia penal. Diversos estudios —desde los fundacionales de Blumberg y Skolnick hasta investigaciones latinoamericanas recientes— analizan el *plea bargaining* centrándose en su funcionamiento operativo¹⁰. Estos trabajos identifican una tendencia de los operadores a cooperar, priorizando las exigencias organizativas por

⁵ FERRÉ OLIVÉ, Juan Carlos. El Plea Bargaining, o cómo pervertir la justicia penal a través de un sistema de conformidades *low cost*. *Revista Electrónica de Ciencia Penal y Criminología*, [s. l.], n. 20-06, 2018, p. 8.

⁶ FERRAJOLI, Luigi. *Derecho y razón: teoría del garantismo penal*. Madrid: Trotta, 1995. p. 569.

⁷ SOZZO, Máximo. Reforma de la justicia penal América Latina: promesas, prácticas y efectos. A modo de introducción. En: SOZZO, Máximo. (comp.). *Reforma de la justicia penal en América Latina: promesas y efectos*. Buenos Aires: Ediciones Didot, 2020. p. 9.

⁸ LEIVA MENDOZA, Leonardo. La especialidad del proceso penal juvenil y el procedimiento abreviado. *Revista de Estudios de la Justicia*, Santiago, n. 25, p. 104-137, 2016. Disponible en: <https://doi.org/10.5354/0718-4735.2016.44605>, p. 117.

⁹ LANGER, Máximo; SOZZO, Máximo. Introducción: Reforma de la justicia penal y mecanismos de condenas sin juicio en América Latina. In: LANGER, M.; SOZZO, M. (comps.). *Justicia penal y mecanismos de condena sin juicio: Estudios sobre América Latina*. Madrid: Marcial Pons, 2023. p. 65.

¹⁰ JOHNSON, Brian; HOULIHAN, Sean. Criminological approaches to plea bargaining. En: LANGER, M.; MCCOLVILLE, M.; MARSH, L. (eds.). *Research Handbook on Plea Bargaining and Criminal Justice*. Cheltenham: Elgar, 2024. p. 428.

sobre sus compromisos ideológicos o profesionales¹¹. Bajo este enfoque, el sistema penal se comprende a través de sus interacciones cotidianas¹², lo que permite describir a la justicia como una “institución habitada”¹³, una “comunidad cerrada”¹⁴ o un “sistema abierto”¹⁵.

El concepto de grupo de trabajo del tribunal (*courtroom/courthouse workgroup*) describe estos mecanismos como frutos de una dinámica organizacional donde jueces, fiscales y defensores conforman un bloque interdependiente que priorizan la eficiencia y la reducción de la incertidumbre. Así, el juicio se percibe como un riesgo costoso, mientras que el acuerdo asegura el equilibrio mediante “acomodaciones”¹⁶, que transforman el proceso en un “juego de confianza”¹⁷ y a la toma de decisiones en el proceso judicial en una negociación basada en lazos sociales y expectativas mutuas¹⁸. Al

¹¹ Ver por ejemplo: BLUMBERG, Abraham. The practice of law as confidence game: organizational cooptation of profession. *Law & Society Review*, v. 1, n. 2, p. 15-40, 1967; SKOLNICK, J. H. Social control in the adversary system. *Journal of Conflict Resolution*, [S. l.], v. 11, p. 52-70, 1967.

¹² BUSHWAY, Shawn. Defendant Decision-Making in Plea Bargains. In: EDKINS, Valerie; REDLICH, Alison (eds.). *A System of Pleas: social science's contributions to the real legal system*. Oxford: Oxford University Press, 2019. p. 29.

¹³ ULMER, James. Criminal Courts as Inhabited Institutions: making sense of difference and similarity in sentencing. *Crime and Justice*, Chicago, v. 48, 2019, p. 484.

¹⁴ BLUMBERG, Abraham. *Criminal Justice*. Chicago: Quadrangle Books, 1970, p. 70; BLUMBERG, A. The practice of law as confidence game: organizational cooptation of profession. *Law & Society Review*, v. 1, n. 2, 1967, p. 21.

¹⁵ FEELEY, Malcolm. *The process is the punishment: handling cases in a lower criminal court*. 2. ed. [S. l.]: Russell Sage Foundation, 1992 (Original publicado en 1979), p. 15.

¹⁶ EISENSTEIN, James; JACOB, Herbert. *Felony Justice: an organizational analysis of criminal courts*. 2. ed. Lanham: University Press of America, 1991, p. 294.

¹⁷ BLUMBERG, Abraham. The practice of law as a confidence game: organizational cooptation of profession. *Law & Society Review*, [S. l.], v. 1, n. 2, 1967, p. 24.

¹⁸ Ver, por ejemplo: METCALFE, Christi. The Role of Courtroom Workgroups in Felony Case Dispositions: An Analysis of Workgroup Familiarity and Similarity. *Law & Society Review*, [s. l.], v. 50, n. 3, p. 637-672, 2016; y RIBEIRO, Ludmila; DINIZ, Alexandre; BASTOS, Livia. Decision-making in an inquisitorial system: lessons from Brazil. *Law & Society Review*, [s. l.], v. 56, p. 101-121, 2020.

compartir objetivos y restricciones¹⁹, los operadores proyectan las pretensiones de su contraparte, consolidando el consenso como la forma natural de resolución de casos.²⁰

Dentro de este ecosistema, los *court regulars* se distinguen de los *outsiders*²¹ por su capacidad de proyectar las pretensiones de la contraparte²², consolidando la negociación como la forma natural de resolución. No obstante, esta dinámica adquiere matices propios en la justicia juvenil, porque a diferencia del enfoque en el flujo de casos del fuero de adultos, aquí el grupo también puede articularse en torno a una filosofía compartida que prioriza el interés superior y la reintegración del adolescente.²³

A las dinámicas organizacionales se suma el factor de la socialización profesional. En tal sentido, se sostiene que la conducta de los operadores es el resultado de un proceso de adaptación en el que los nuevos integrantes (*newcomers*) internalizan las lógicas de la institución. En este aprendizaje, la realidad de los tribunales impone la percepción de que la mayoría de los acusados son culpables de hecho (*factual culpability*), lo que conduce al acuerdo como una opción natural ante la ausencia de cuestiones que discutir.²⁴

¹⁹ EISENSTEIN, James; JACOB, Herbert. *Felony Justice: an organizational analysis of criminal courts*. 2. ed. Lanham: University Press of America, 1991, p. 357.

²⁰ ROLDÁN, Nahuel. Notas preparatorias sobre “The process is the punishment” de Malcolm Feeley. *Cuestiones Criminales*, Lanús, v. 3, n. 5-6, 2020, p. 357.

²¹ BLUMBERG, Abraham. The practice of law as a confidence game: organizational cooptation of profession. *Law & Society Review*, [S. l.], v. 1, n. 2, 1967, pp. 22-23.

²² Ver, por ejemplo, QUINTANA-NAVARRETE, Miguel.; FONDEVILA, Gustavo. Public defenders versus private attorneys: a comparison of criminal case disposition outcomes by type of counsel in Mexico. *Criminology & Criminal Justice*, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 393-420, 2022.

²³ GEBO, Erika.; STRACUZZI, Nena; HURST, Valerie. Juvenile justice reform and the courtroom workgroup: issues of perception and workload. *Journal of Criminal Justice*, v. 34, 2006, p. 429; YOUNG, Robert. Exploring the boundaries of the criminal courtroom workgroup. *Common Law World Review*, v. 42, 2013, p. 236.

²⁴ HEUMANN, Milton. *Plea bargaining: the experiences of prosecutors, judges, and defense attorneys*. Chicago: The University of Chicago Press, 1978, p. 156.

Bajo esta perspectiva, algunos estudios clásicos relativizan el peso de la sobrecarga de trabajo (*case pressure*) como motor del *plea bargaining*²⁵, situando el foco en la construcción de consensos internos y en la convicción sobre la culpabilidad fáctica del acusado. Esto deriva en lo que Heumann denomina la “inevitabilidad del acuerdo” y la “fantasía de su abolición”, porque incluso ante prohibiciones legales de negociación explícita, persiste un acuerdo implícito (*implicit plea bargaining*) basado en la premisa de que la admisión de responsabilidad conlleva una recompensa y el juicio, un castigo.²⁶⁻²⁷

Analizada como organización, la justicia penal tiende a una búsqueda racional de metas que disciplina a sus integrantes, desplazando compromisos ideológicos en favor de la eficacia y la reducción de la incertidumbre²⁸. El resultado es una “justicia en línea de montaje” que clasifica los procesos en patrones rutinarios para evitar lo aleatorio²⁹. Esta dinámica se apoya en una “metáfora de tamaño” que utiliza “marcadores de clasificación sencilla”³⁰ para distinguir casos de bagatela

²⁵ HEUMANN, Milton. *Plea bargaining: the experiences of prosecutors, judges, and defense attorneys*. Chicago: The University of Chicago Press, 1978, pp. 24-33; FEELEY, M. *The process is the punishment: handling cases in a lower criminal court*. New York: Russell Sage Foundation, 1992, p. 12.

²⁶ HEUMANN, Milton. *Plea bargaining: the experiences of prosecutors, judges, and defense attorneys*. Chicago: The University of Chicago Press, 1978, pp. 156-157.

²⁷ Esta tesis halla sustento empírico en la investigación de Weninger sobre la prohibición del *plea bargaining* en el condado de El Paso, Texas. El estudio concluye que la readmisión formal del mecanismo no respondió a la presión del volumen de casos, sino a la tendencia de varios miembros del grupo de trabajo a la cooperación, entre otras causas. Durante el período de prohibición, la operatividad del sistema se mantuvo mediante acuerdos informales o “covert bargaining”. Ver: WENINGER, R. The abolition of plea bargaining: a case study of El Paso County, Texas. *UCLA Law Review*, [s. l.], v. 35, n. 2, 1987, p. 312.

²⁸ BLUMBERG, Abraham. The Practice of Law as Confidence Game: Organizational Cooptation of a Profession. *Law & Society Review*, [s. l.], v. 1, n. 2, 1967, p. 19.

²⁹ BLUMBERG, Abraham. The Practice of Law as Confidence Game: Organizational Cooptation of a Profession. *Law & Society Review*, [s. l.], v. 1, n. 2, 1967, p. 22; SAPORI, Luís Flávio. A administração de justiça criminal numa área metropolitana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, [s. l.], n. 29, 1995, p. 146.

³⁰ WILLEMANN, Javier; ARÍSTEGUI, Juan Pablo. El delito de baja entidad y la estandarización de los acuerdos en el sistema penal chileno. En: LANGER,

y orientar decisiones rápidas bajo la lógica de los *normal crimes*, donde la recurrencia de perfiles permite proyectar una “solución normal”³¹ y transformar las garantías en “ceremonias superficiales” de un “debido proceso burocrático”.³²

No obstante, autores como Feeley³³ y Eisenstein y Jacob³⁴ ofrecen contrapuntos esenciales a esta imagen mecánica. Feeley rechaza la etiqueta de “línea de montaje” por considerarla retórica, proponiendo en su lugar entender la corte como un mercado de intercambios donde compiten intereses diversos y prima el profesionalismo individual. En sintonía, Eisenstein y Jacob³⁵ sostienen que aunque los grupos de trabajo resuelven muchos casos durante el día, no son líneas de montaje, porque incluso las decisiones rutinarias implican discrecionalidad. Así, frente a la idea de una fábrica automatizada, estos autores describen un escenario donde la celeridad no anula la capacidad de decisión individual ni la complejidad de las interacciones humanas en el tribunal.

2. REFORMA ACUSATORIA Y CONDENA SIN JUICIO EN EL PROCESO PENAL JUVENIL DE URUGUAY.

En 2017, con la entrada en vigor del Código del Proceso Penal (Ley 19.293 de 2014, en adelante, CPP)³⁶ Uruguay completó su transición

Máximo; SOZZO, Máximo (comp.). *Justicia penal y mecanismos de condena sin juicio: estudios sobre América Latina*. Madrid: Marcial Pons, 2023. p. 192.

³¹ En este sentido, ver: SUDNOW, David. Normal Crimes: Sociological Features of the Penal Code in a Public Defender Office. *Social Problems*, [s. l.], v. 12, n. 3, p. 255-276, 1965; RIBEIRO, Ludmila; DINIZ, Alexandre; BASTOS, Livia. Decision-making in an inquisitorial system: lessons from Brazil. *Law & Society Review*, [s. l.], v. 56, p. 101-121, 2020.

³² BLUMBERG, Abraham. *Criminal Justice*. Chicago: Quadrangle Books, 1970. p. 4.

³³ FEELEY, Malcolm. *The process is the punishment: handling cases in a lower criminal court*. 2. ed. [S. l.]: Russell Sage Foundation, 1992. p. 13.

³⁴ EISENSTEIN, James; JACOB, Herbert. *Felony Justice: an organizational analysis of criminal courts*. 2. ed. Lanham: University Press of America, 1991, p. 37.

³⁵ EISENSTEIN, James; JACOB, Herbert. *Felony Justice: an organizational analysis of criminal courts*. 2. ed. Lanham: University Press of America, 1991, p. 37.

³⁶ URUGUAY. Código del Proceso Penal: Ley N° 19.293, de 19 de diciembre de 2014. Disponible en: Código del Proceso Penal 2017.

al modelo acusatorio, siendo uno de los últimos países de la región en hacerlo. Esta reforma incorporó el proceso abreviado (arts. 272 y 273, CPP), un típico mecanismo de condena sin juicio que permite que el acusado —debidamente asistido por su defensa— y la fiscalía arriben a un acuerdo sobre los hechos, la calificación jurídica, la pena y su forma de ejecución, renunciando a acudir al juicio oral y público; y pudiendo reducirse la pena hasta en un tercio de aquella aplicable al caso concreto.

Si bien este mecanismo procesal ha generado profundos debates, su presencia en la justicia penal plantea algunas complejidades adicionales. Por un lado, la literatura internacional denuncia la colisión con el “garantismo reforzado”, señalando el déficit competencial del joven, la pérdida de la función educativa y la mimetización con el sistema adulto³⁷. Por otro, se defiende el consenso como herramienta pedagógica que evita el lenguaje bélico del juicio y el “mutismo” del adolescente frente a litigios artificiales³⁸. No obstante, investigaciones recientes en Europa y Latinoamérica también confirman que estos mecanismos operan como “pulmón de oxígeno” para la administración de justicia³⁹, orientándose

³⁷ BELOFF, Mary. El modelo acusatorio latinoamericano y su impacto en la justicia juvenil. In: MARTÍNEZ, Santiago; GONZÁLEZ POSTIGO, Leonel (dir.). *Procesos especiales y técnicas de investigación: Colección Proceso Penal Adversarial*. Buenos Aires: Editores del Puerto, 2020. pp. 308--313; BELOFF, Mary; FREDMAN, Diego; KIERSZENBAUM, Mariano; TERRAGNI, Martiniano. La justicia juvenil y el juicio abreviado. In: BELOFF, Mary (dir.). *Nuevos problemas de la justicia juvenil*. Buenos Aires: Ad Hoc, 2017. p. 142; LEIVA MENDOZA, Leonardo. La especialidad del proceso penal juvenil y el procedimiento abreviado. *Revista de Estudios de la Justicia*, Santiago, n. 25, 2016, p. 113; TERRAGNI, Martiniano. *Justicia juvenil y especialidad: prisión preventiva, suspensión del juicio a prueba, juicio abreviado, el proceso de flagrancia*. Buenos Aires: Ad Hoc, 2019, p. 116.

³⁸ MARTÍN, Germán. *Ni menores, ni jóvenes, ni conflictivos, ni locos: deconstrucción del adultocentrismo penal para una teoría específica penal adolescente*. Córdoba: IUS Libros Jurídicos, 2021. p. 185; URBANO CASTRILLO, Eduardo. *Comentario a la Ley orgánica de responsabilidad penal del menor*. Elcano: Aranzadi, 2001. p. 312.

³⁹ FERNÁNDEZ-MOLINA, E. Una aproximación a la figura del abogado en la justicia de menores. *Cuadernos de Política Criminal*, Madrid, n. 109, 2013, p. 236; MONTERO, Alicia; BERNUZ, María José. El paso por el procedimiento penal de los menores infractores. In: FERNÁNDEZ-MOLINA, Esther;

a reducir sanciones para compensar debilidades probatorias y asegurar condenas en casos de evidencias insuficientes.⁴⁰

En Uruguay, este dilema operó en clave de “idas y venidas”⁴¹. En efecto, la Ley 19.055 del 2013⁴² introdujo la sentencia de conformidad, un mecanismo que permitía el dictado de sentencia en la primera comparecencia del adolescente siempre que este confesara la infracción y diera su consentimiento libre y voluntario. Su introducción el ordenamiento se justificó en una retórica de celeridad, pero su impacto fue muy marginal: entre el 5% y el 13% de los casos⁴³. Posteriormente, la Ley 19.551 de 2017⁴⁴ derogó este instituto y también prohibió la aplicación del proceso abreviado en casos de adolescentes infractores, asumiendo su falta de utilidad práctica y la vulnerabilidad de los menores en el proceso penal.

BARTOLOMÉ GUTIÉRREZ, Raquel. *Ciudadanos y sistema penal: explorando la accesibilidad de la justicia penal en España*. Valencia: Tirant lo Blanch, 2023. p. 120.

⁴⁰ MORALES, José. *Juicio Abreviado en el proceso penal juvenil: representaciones y prácticas en el Juzgado Penal de Niños, Niñas y Adolescentes de la ciudad de Paraná*. Tesis (Maestría en Criminología), Facultad de Ciencias Jurídicas y Sociales, Universidad Nacional del Litoral, Santa Fe, 2023, p. 111.

⁴¹ ZUBILLAGA, Daniel. La incorporación del proceso abreviado al proceso penal juvenil: art. 273 bis del Código del Proceso Penal, en redacción dada por el art. 28 de la Ley n° 19.889 de Urgente Consideración. In: MONTANO, Pedro; CABRAL, Daniel (coords.). *Incidencias de la LUC en el Derecho penal*. Montevideo: Ediciones de la Universidad de Montevideo, 2021. p. 485.

⁴² URUGUAY. Ley N° 19.055, de 4 de enero de 2013. Modificanse disposiciones del Código de la Niñez y la Adolescencia, referentes a adolescentes que hayan cometido infracciones a la ley penal. Disponible en: <https://www.impo.com.uy/bases/leyes/19055-2013>.

⁴³ DÍAZ, Daniel. *La culpabilidad en el derecho penal juvenil y su vinculación con la determinación judicial de la pena: el caso uruguayo*. Tesis de Maestría en Derechos de Infancia y Políticas Públicas – Facultad de Psicología, Universidad de la República, Montevideo, 2014, p. 52; LÓPEZ, Agustina; MACAGNO, María; PALUMMO, Javier. *Prácticas judiciales en los procesos infraccionales a adolescentes: Maldonado, Montevideo, Paysandú y Salto 2005-2013*. Montevideo: Fundación Justicia y Derecho; UNICEF, 2017, p. 48.

⁴⁴ URUGUAY. Ley N° 19.551, de 25 de octubre de 2017. Modificación a la Ley 17823 - Código de la Niñez y la Adolescencia. Disponible en: Ley N° 19551.

Sin embargo, la Ley 19.889⁴⁵ de Urgente Consideración⁴⁶ de 2020 terminó por instaurar el proceso abreviado para adolescentes, incorporándose al art. 273 *bis* del CPP.

El proceso abreviado para adolescente se restringe a “infracciones graves”, excluyendo las “gravísimas”⁴⁷. Además, requiere solicitud conjunta y el reconocimiento de los hechos, bajo un régimen de corresponsabilidad donde fiscal y defensa —con apoyo de referentes afectivos— aseguran la comprensión de las consecuencias. El acuerdo debe respetar los principios de excepcionalidad y brevedad de la privación de libertad de la Convención de los Derechos del Niño, con un control judicial sustantivo sobre la voluntariedad y legalidad del pacto. Finalmente, esta vía mantiene la flexibilidad de la ejecución, permitiendo el cese o modificación de la medida que habilita el art. 94 del Código de la Niñez y la Adolescencia (en adelante, CNA)⁴⁸.

Asimismo, la Ley 19.889 de 2020 también introdujo el proceso simplificado (art. 273 *ter* CPP), una especie de estructura procesal contenciosa que disminuye plazos y comparecencias para incentivar el contradictorio en el sistema, incorporando así un proceso más simple que el juicio oral (un “mini juicio”), pero que a su vez permite el dictado de sentencia inmediata tras la admisión de responsabilidad del acusado. Por ello, Langer y Sozzo lo categorizan, junto al abreviado, como un

⁴⁵ URUGUAY. Ley N° 19.889, de 9 de julio de 2020. Aprobación de la Ley de Urgente Consideración. Disponible en: <https://www.impo.com.uy/bases/leyes/19889-2020>.

⁴⁶ De acuerdo con la Constitución de la República Oriental del Uruguay, el mecanismo de urgente consideración, establecido en el Artículo 168, numeral 7, es una prerrogativa del Poder Ejecutivo que le permite enviar proyectos de ley al Parlamento con plazos obligatorios y abreviados para su resolución.

⁴⁷ En el régimen penal juvenil uruguayo deben distinguirse las infracciones gravísimas (expresamente enumeradas en el art. 72 del Código de la Niñez y la Adolescencia (CNA), por ejemplo homicidio especial y muy especialmente agravado, violación, privación de libertad agravada, secuestro, entre otras infracciones de gran entidad) y las graves (el resto de infracciones que no son gravísimas).

⁴⁸ URUGUAY. Código de la Niñez y la Adolescencia: Ley N° 17.823, de 7 de setiembre de 2004. Disponible en: <https://www.impo.com.uy/bases/codigo-ninez-adolescencia/17823>.

mecanismo de condena sin juicio⁴⁹. Su relevancia radica en la flexibilidad: al carecer de las restricciones del abreviado, permite canalizar aquellos delito que no admiten el abreviado mediante el consenso⁵⁰. No obstante, su aplicación en el sistema penal juvenil es controvertida, pues carece de una remisión legal expresa que considere su finalidad educativa.

De allí se desprende un debate jurisprudencial y doctrinario que oscila entre su admisibilidad y su inadmisibilidad en el terreno penal juvenil. Por un lado, la sentencia 806/2020⁵¹ del Tribunal de Apelaciones de Familia⁵² de 1° Turno lo declaró improcedente por violar el principio de legalidad, interpretando la omisión del legislador no como un vacío, sino como una exclusión voluntaria que impide la aplicación supletoria del CPP en favor de la especialidad del fuero juvenil. Por otro, una corriente mayoritaria de actores judiciales en vínculo con la academia⁵³ defiende su procedencia vía art. 75 del CNA⁵⁴, sosteniendo que el silencio normativo ratifica su compatibilidad. No obstante, parte de la doctrina matiza esta postura, en tanto para preservar la especialidad, el mecanismo debe perder su carácter preceptivo (que rige para la materia de adultos cuando la

⁴⁹ LANGER, Máximo; SOZZO, Máximo. Introducción: Reforma de la justicia penal y mecanismos de condenas sin juicio en América Latina. In: LANGER, Máximo.; SOZZO, Máximo. (comps.). *Justicia penal y mecanismos de condena sin juicio: Estudios sobre América Latina*. Madrid: Marcial Pons, 2023. p. 29.

⁵⁰ HERNÁNDEZ, Martín; WILLEBALD, Darío. Proceso simplificado: estructura ¿simple o compleja? In: ASOCIACIÓN DE MAGISTRADOS DEL URUGUAY (ed.). *Estudios sobre el nuevo proceso penal: Tomo II*. Montevideo: Fundación de Cultura Universitaria, 2020. pp. 207-208.

⁵¹ URUGUAY, Tribunal de Apelaciones de Familia de 1° turno, sentencia 806/2020, ministro redactor Gustavo Mirabal Bentos.

⁵² Estos son los tribunales que entienden en la segunda instancia de los procesos infracciones de adolescentes en Uruguay.

⁵³ KOSTENWEIN, Ezequiel. *Cómo se construye un judicial: trayectorias, compromisos y controversias en el mundo del derecho*. Buenos Aires: Ediciones Didot, 2024. p. 27.

⁵⁴ Esta norma dispone que en todo lo no previsto especialmente en el Código de la Niñez y la Adolescencia en materia procesal penal, será aplicable el Código del Proceso Penal.

pena pedida sea menor a dos años de penitenciaría) y quedar supeditado exclusivamente al consentimiento de la defensa.⁵⁵

3. METODOLOGÍA

Este estudio se enmarca dentro de la “sociología de la reforma judicial”⁵⁶ y analiza el efecto de los mecanismos de condena sin juicio en la justicia penal para adolescentes uruguayos a través del discurso de sus operadores, poniendo el foco en las dinámicas de las prácticas procesales. La investigación se basó en un muestreo intencional compuesto por 29 operadores jurídicos con experiencia directa en el sistema penal adolescente. Se seleccionaron tres jurisdicciones estratégicas que concentran aproximadamente el 60% de la casuística nacional: Montevideo, Canelones (abarcando las sedes de Las Piedras, Canelones ciudad, Toledo, Pando, Atlántida y Ciudad de la Costa) y Salto.

La muestra se integró por jueces ($n=8$), fiscales ($n=11$) y defensores públicos ($n=10$). El diseño buscó asegurar la representatividad institucional mediante la entrevista de al menos un actor de cada rol por jurisdicción,

⁵⁵ CAVALLI, Eduardo; SEIJAS, Marcos. El proceso de adolescentes infractores a la ley penal. In: VIEIRAS, J. (coord.). *Procesos de Familia: Revista Uruguaya de Derecho Procesal*: Tomo II. Montevideo: Fundación de Cultura Universitaria, 2023. p. 694; HERNÁNDEZ, Martín; WILLEBALD, Darío. Proceso simplificado: estructura ¿simple o compleja? In: ASOCIACIÓN DE MAGISTRADOS DEL URUGUAY. *Estudios sobre el nuevo proceso penal. Tomo II*. Montevideo: Fundación de Cultura Universitaria, 2020. pp. 207-208; MONTEDEOCAR, Ignacio. *Código del Proceso Penal de la República Oriental del Uruguay*. 2. ed. Montevideo: Fundación de Cultura Universitaria, 2021, pp. 346-347; RODRÍGUEZ, Gilberto; BORGES, Patricia. *Responsabilidad penal de adolescentes: manual de actuación: aspectos prácticos, sustanciales y procesales*. Montevideo: Fundación de Cultura Universitaria; Facultad de Derecho de la Universidad de Montevideo, 2025, pp. 453-456; SOBA BRASESCO, Ignacio. El proceso penal simplificado. In: MONTANO, Pedro; CABRAL, Daniel (coords.). *Incidenias de la LUC en el Derecho penal*. Montevideo: Ediciones de la Universidad de Montevideo, 2021. pp. 519-520.

⁵⁶ LANGER, Máximo. La dicotomía acusatorio-inquisitivo y la importación de mecanismos procesales de la tradición jurídica anglosajona: algunas reflexiones a partir del procedimiento abreviado. In: MAIER, Julio; BOVINO, Alberto (comps.). *El procedimiento abreviado*. Buenos Aires: Editores del Puerto, 2001. p. 125.

meta alcanzada en casi la totalidad de los territorios, a excepción de Salto, Atlántida y Las Piedras, donde se contó con dos operadores por sede. Bajo un criterio de exclusión disciplinar, la investigación se centró exclusivamente en perfiles jurídicos, prescindiendo de otros profesionales del sistema (como trabajadores sociales, psicólogos y educadores). Asimismo, en la conformación de la muestra se reflejó la composición sociodemográfica del sistema de justicia uruguayo, caracterizado por una mayor presencia femenina en los estratos medios y bajos⁵⁷, resultando en una participación de 17 mujeres y 12 varones.

El contacto inicial se realizó a través de canales oficiales, llamadas telefónicas o visitas presenciales a las sedes judiciales. En dichas instancias se extendió la invitación formal, detallando los objetivos del estudio y garantizando las condiciones éticas de participación. El trabajo de campo se desarrolló de forma extensiva entre el 7 de abril de 2021 y el 20 de diciembre de 2023, mediante la aplicación de entrevistas semiestructuradas.

Se utilizó un guión temático⁵⁸ centrado en: 1) características generales del proceso penal para adolescentes, con foco en los tipos y cantidad de casos; 2) el periodo de prohibición del proceso abreviado (2017-2020); y 3) la implementación del proceso abreviado y simplificado tras la Ley 19.889 de 2020⁵⁹. La información se procesó mediante análisis temático, siguiendo las fases de familiarización; generación de códigos iniciales; búsqueda de temas; revisión de potenciales temas; definición de temas y subtemas; y producción del informe final.⁶⁰

⁵⁷ Según los datos relevados en los portales oficiales del Poder Judicial y la Fiscalía General de la Nación, hacia el año 2021 las tres jurisdicciones analizadas contaban con un total de 108 operadores. Esta población, con competencia tanto en materia penal general como especializada en adolescentes, presentaba una distribución por género de 31 varones y 77 mujeres. Para mayor detalle, véase: [listaautoridades.pdf](#) y [Fiscalías | Fiscalía General de la Nación](#).

⁵⁸ HERZOG, Benno. *Entender crimen y justicia: métodos y técnicas de investigación social cualitativa en criminología*. Valencia: Tirant lo Blanch, 2016, cap. 5.

⁵⁹ El conjunto de datos se encuentra disponible en: <https://doi.org/10.48331/SCIELODATA.USQKEJ>.

⁶⁰ BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Thematic analysis. In: COOPER, Harris; COUTANCHE, Mark; MCMULLEN, Linda; PANTER, Abigail; RINDSKOPF, David; SHER, Kenneth (eds.). *APA handbook of research methods in psychology*:

El estudio contó con el aval del Comité de Ética en Investigación Social de la Universidad de Castilla-La Mancha (resolución favorable CEIS-631893-C5D5)⁶¹. Se garantizó la confidencialidad mediante la entrega de hoja de información, firma de consentimientos informados y una codificación que omite la jurisdicción territorial, utiliza el masculino genérico y emplea nomenclaturas genéricas (ej.: Juez 1, Fiscal 2, Defensor 3; Juzgado A, Juzgado B) para salvaguardar el anonimato de los informantes.

4. RESULTADOS

4.1. CARACTERÍSTICAS GENERALES DE LA JUSTICIA PENAL JUVENIL: LA CONSTRUCCIÓN DEL “CASO NORMAL” Y LAS PERCEPCIONES SOBRE LA CARGA DE TRABAJO

El primer hallazgo relevante es la caracterización de los tipos de caso mediante un repertorio “básico” o “limitado”, “de cinco o siete infracciones” (Defensores 1, 2, 8; Fiscal 1; Juez 5). Predominan los delitos contra la propiedad —hurto, receptación (adquisición de cosas hurtadas) y rapiña (hurto con violencia en las personas)— (Jueces 2, 3, 6, 7; Defensores 4, 5, 6, 7, 9; Fiscal 8), con nichos específicos como la receptación de motocicletas hurtadas (Defensor 3; Juez 5; Fiscales 3, 4) y la recurrencia de la coparticipación con adultos (Jueces 2, 5; Fiscal 4; Defensor 8). Esto solo se altera ante variables que complejizan el *modus operandi* administrativo, como la ausencia de flagrancia o investigaciones conjuntas con fiscalías de adultos en homicidios o abusos sexuales (Fiscales 3, 4).

research designs: quantitative, qualitative, neuropsychological, and biological. Washington, DC: American Psychological Association, 2012. v. 2 p. 60.

⁶¹ Se realizó la solicitud el 15 de febrero de 2022 y se recibió la resolución favorable el 25 de febrero de 2022. El procedimiento constó en el envío de un protocolo de investigación firmado por el solicitante y la directora de tesis, con detalle del título del proyecto, resumen, preguntas de investigación, diseño de la investigación, indicación del origen de la información a utilizarse, dejando constancia de que se trataba de datos personales, en particular, datos identificativos, profesionales y características personales. También se aportó identificación del tratamiento de datos, en particular de la extensión del consentimiento informado, seudonomización, y almacenamiento en base de datos de la Universidad de Castilla-La Mancha para su seguridad.

En cuanto a la cantidad de trabajo, los operadores entrevistados califican el ingreso de asuntos como “bajo”, “insignificante” o “ínfimo” en comparación con los casos de adultos (Jueces 4, 5; Defensor 8; Fiscal 6). Las estimaciones van desde un caso diario hasta apenas dos o tres mensuales (Fiscales 1, 2; Juez 6; Defensor 8), bajo una dinámica “variable” o “fluctuante” (Jueces 1, 2; Defensores 2, 3).

No obstante, el análisis cualitativo revela que el bajo volumen no equivale a una baja demanda laboral. En efecto, la carga de trabajo excede la cuantía de casos, en tanto algunos participantes perciben un régimen “agotador” (Defensor 2) por la disponibilidad permanente y turnos demandantes. A esto se suma la multifuncionalidad de roles, donde los operadores atienden simultáneamente la fase de conocimiento y la de ejecución. Esta última exige la gestión constante de las medidas socioeducativas, incluyendo el control de privaciones de libertad y autorizaciones para actividades en la comunidad (Fiscal 5).

4.2. LA REFORMA ACUSATORIA Y LA PROHIBICIÓN DEL PROCESO ABREVIADO EN MATERIA PENAL DE ADOLESCENTES (2017-2020)

Para los operadores, el pasaje hacia el sistema acusatorio fue un “cimbronazo” (Fiscal 2) institucional que sacudió tanto el fuero de adultos como el penal juvenil (Defensor 4). Los relatos evocan un inicio “insoportable”, de “desborde” (Defensor 2) y “locura” (Defensor 4), donde se trabajó mediante “ensayo y error” (Fiscal 4). Asimismo, este nuevo equilibrio reconfiguró las identidades del grupo. Los fiscales se sienten los más impactados, asumiendo una proactividad inédita frente a la tradición anterior (Fiscales 1, 8). En la otra vereda, los jueces perciben un desplazamiento al sentirse menos activos y más “atados” al accionar fiscal (Jueces 2, 3). Incluso, algunos magistrados señalan con sorpresa que “ahora entran menos casos” (Juez 1), lo que atribuyen a que, al perder ellos la iniciativa investigativa, el flujo depende hoy únicamente de la estrategia de la fiscalía (Jueces 1, 2).

Un momento crucial en el discurso de los operadores entrevistados es la aprobación de la Ley 19.889 de 2020, que es considerada “un antes y un después” (Defensor 1). Según algunos participantes, durante el periodo 2017-2020, la prohibición del proceso abreviado obligó a resolver

la mayoría de los casos mediante juicios orales, dotando a los operadores especializados de una experiencia en litigación superior a la de sus colegas de la materia de adultos (Defensor 1; Jueces 1, 2). Sin embargo, esta hiperlitigiosidad fue percibida como una dinámica “ilógica”, “innecesaria” y “exagerada” (Defensores 3, 8; Fiscal 1). Los relatos describen una etapa de “manos atadas” (Juez 1), donde movilizar el aparato judicial ante evidencia abrumadora se consideraba un gasto de recursos que “no lo ameritaba” (Fiscal 1). Lejos de verse como una garantía, la obligación de ir a juicio fue tildada de resabio “tutelar” (Fiscal 1) porque se cuestionaba la racionalidad de privar al joven de un beneficio —la reducción de pena— disponible para los adultos (Fiscal 1; Juez 3).

Los operadores coinciden en que la imposibilidad de abreviar casos saturó la agenda judicial con una multiplicación de audiencias y diligencias (Defensores 4, 7). Esta dinámica supuso una “pérdida de tiempo” que impidió priorizar la persecución de delitos de mayor gravedad (Fiscal 3). El juicio oral es descrito como un dispositivo cuya ejecución suele frustrarse por la multiplicidad de audiencias; el paso del tiempo en detrimento de la prueba (Fiscal 1; Juez 2); la incomparecencia de los adolescentes imputados (Fiscal 3); revictimización de las personas ofendidas (Juez 2; Fiscales 1, 2). Asimismo, surge una crítica a la revictimización que el plenario impone sobre víctimas y testigos (Fiscales 1, 2, 3). En definitiva, como concluyó un fiscal, “no había un motivo para no llegar a un proceso abreviado” (Fiscal 3).

Pese a la narrativa sobre la complejidad del juicio, algunos testimonios relativizan esta percepción de hiperlitigiosidad, que no siempre implicaba un debate de alta intensidad. Un magistrado lo ilustra con claridad: “Era un juicio casi que entre comillas, porque el número de testigos era mínimo, también el número de la prueba aportada era mínima” (Juez 3).

De acuerdo con varios participantes, ante este escenario el grupo de trabajo no anuló la búsqueda de consenso, sino que desarrolló tres estrategias de adaptación para evitar el “sinsentido” del debate oral. En primer lugar, los operadores refirieron un uso extensivo del principio de oportunidad y la prescindencia de la acción penal (arts. 76 y 104, CNA). Frente a la dicotomía de “juicio oral o archivo”, se optó por abandonar infracciones de escasa entidad que no justificaban el despliegue del plenario

(Juez 2; Fiscal 3; Defensor 4), consolidando una política criminal *de facto* donde solo se judicializaban casos “esencialmente graves” (Fiscales 1, 6, 8).

Como señala un participante, la realidad obligaba a una selección binaria: “o íbamos a juicio o no se traía el caso” (Juez 2); o una definición estratégica de “qué traemos y qué no” (Fiscal 3). Asimismo, se acudió a la suspensión condicional del proceso para resolver cuestiones “pequeñas” (Defensores 1, 8). No obstante, su aplicación fue criticada por ser un traslado mimético del sistema de adultos, enfrentando déficits en la supervisión o estableciendo medidas de cumplimiento imposible para el adolescente (Fiscales 1, 6; Juez 2).

La consecuencia más reveladora fue el desarrollo de prácticas consensuales paraprocesales dentro del propio juicio oral. Según un participante, jueces, fiscales y defensores comenzaron a “sentarse a pensar” soluciones conjuntas (Juez 4). Así, se empezaron a dar acuerdos previos sobre los términos de la acusación que se escenificaban en el juicio sin un reconocimiento formal de responsabilidad, pero garantizando la “rebaja” de pena (Juez 7; Defensor 2), demostrando que la cultura del consenso operaba de forma subterránea mucho antes de su habilitación legal por la Ley 19.889 de 2020. Esto fue descrito por un participante como “una manera de acordar, quieras que no” (Defensor 2). En esta misma línea, otra estrategia adicional fue la utilización de acuerdos probatorios sobre la totalidad de los hechos (art. 268.3 CPP)⁶². Aunque inicialmente su admisibilidad generó dudas, la práctica transitó hacia una “flexibilización” progresiva (Defensor 7). Si bien se justificaron para evitar las “molestias” del despliegue logístico de peritos (Juez 1), estos acuerdos probatorios terminaron vaciando el juicio de controversia real al reducirlo solamente al diligenciamiento de pruebas preceptivas⁶³ (Fiscal 6).

⁶² Los acuerdos probatorios previstos en el art. 268.3 CPP permiten que las partes las partes pueden suscribir durante la etapa intermedia o de control de acusación para dar por acreditados determinados hechos y evitar que se incorporen y discutan en el juicio oral.

⁶³ De acuerdo con el art. 76 literal C del Código de la Niñez y la Adolescencia (CNA), se deben diligenciar obligatoriamente el testimonio de partida de nacimiento o en su defecto la cédula de identidad; y un informe técnico que incluya una evaluación médica, psicológica, socioeconómica, familiar y educativa del adolescente.

4.3. LA INCORPORACIÓN DEL PROCESO ABREVIADO Y EL PROCESO SIMPLIFICADO EN MATERIA PENAL DE ADOLESCENTES

Existe un consenso dominante entre los operadores judiciales entrevistados que califica la incorporación del proceso abreviado para adolescentes como un “avance”, una “herramienta útil” y una vía más “favorable” (Fiscal 6; Defensores 5, 6, 10). Asimismo, el acceso a este mecanismo no es visto solo como una cuestión de eficiencia, sino que se concibe como un dispositivo hábil para garantizar el derecho a ser oído, la participación efectiva (Fiscal 1; Juez 2) y el reconocimiento de su autonomía progresiva (Fiscal 2).

Una parte fundamental de este consenso se asienta en una racionalidad organizacional que cataloga al proceso abreviado como una herramienta “necesaria” y “esencial” (Fiscales 5, 6). Bajo esta óptica, aunque el juicio oral se mantiene como el estándar normativo, su aplicación universal es percibida como “inviabile” (Fiscal 5) y generadora de “mayor impunidad” por el colapso del sistema (Fiscal 6). El beneficio reportado reside en alivianar la carga de trabajo al reducir el proceso a “una audiencia”, permitiendo una “solución más rápida” (Fiscales 4, 5; Defensores 1, 5). Esta presión operativa se traduce en una cruda admisión sobre la resolución de las infracciones habituales:

A nosotros [...] nos viene bárbaro, porque es una forma de lograr resolver infracciones graves que son menores [...]. Es una forma rápida de resolver esa infracción con una medida no privativa de libertad [...]. Entonces a mí lo que me hace es que me saca volumen de trabajo. Lamentablemente, es así. Es horrible, pero es así. (Fiscal 4).

En consecuencia, el mecanismo es valorado positivamente porque “facilita el sistema” (Juez 2) y “favorece a todos los operadores” (Defensor 6). En el discurso de los entrevistados, la legitimidad del abreviado se desplaza hacia lo pragmático surgiendo como un imperativo de “economía procesal” y “descongestionamiento” (Fiscal 1) indispensable para “lograr efectividad” (Fiscal 3). En un contexto de “escasos recursos” (Defensor 2), el acuerdo permite priorizar el esfuerzo institucional en los casos más “complejos” o “pesados” (Fiscales 1, 3), evitando el desgaste innecesario en las causas calificadas como “simples” (Fiscal 2).

En cuanto a la dinámica de funcionamiento del proceso abreviado, de los testimonios recogidos surge una dinámica procedimental caracterizada por la estandarización, la rapidez y la fluidez operativa. En casos de flagrancia o de baja complejidad probatoria, la resolución del conflicto suele concretarse en un lapso excepcionalmente breve, reduciendo los tiempos procesales a un máximo de 48 horas. Tal como expresaron dos participantes, “en los casos sencillos a veces se hace en el momento” (Defensor 6); o “en el día” (Juez 3).

Esta inmediatez parece sustentarse en la existencia de un entorno de trabajo fluido y de trato cotidiano entre los operadores. No obstante, esta cercanía —especialmente marcada en las sedes del Interior— conlleva el riesgo de que la justicia juvenil adopte una lógica “mecánica”, donde el acuerdo se percibe como un trámite de gestión de casos más que como un acto de justicia especializada. Así lo expresó un participante: “En realidad, es como mecánico. Es mecánico. Yo lo que voy a pretender es que se le aplique un proceso adecuado [...] y ahí, prontos para el próximo.” (Defensor 7). Esta percepción de automaticidad refuerza la idea de una asimilación práctica entre el sistema de adultos y el juvenil. En efecto, un participante coincide en que la dinámica no presenta diferencias sustantivas según la edad del imputado, en tanto el proceso abreviado para adolescentes “es exactamente igual que en el proceso para adultos” (Defensor 7).

A partir del análisis de las entrevistas, es posible reconstruir la arquitectura del proceso abreviado en cinco momentos: a) un primer acercamiento entre la defensa y la fiscalía durante la investigación, que suele coincidir con la primera entrevista entre el defensor y el adolescente; b) un espacio de intercambio entre defensa y fiscalía sobre las vías de resolución del caso y la cuantía de la medida socioeducativa; c) una instancia en la que la defensa explica al adolescente y a su responsable legal las alternativas procesales y las implicancias del acuerdo; d) la toma de decisión conjunta entre el defensor, el adolescente y su representante legal para aceptar los términos del acuerdo; y finalmente, e) el control judicial de admisibilidad, donde el magistrado verifica el cumplimiento de las formas legales y la voluntariedad del consentimiento antes de dictar sentencia.

El tono del intercambio o negociación entre las partes puede variar dependiendo de las circunstancias de cada asunto. En general, se

describieron situaciones en las que la interacción es fluida y en las que no se discute demasiado sobre cómo resolver el caso, primando el “buen diálogo” (Fiscal 6) y habiendo “consonancia casi simultánea cuando son casos relativamente sencillos” (Defensor 4). Como lo expresó un participante: “Cuando son delitos leves, la fiscalía propone unos meses de medidas socioeducativas y yo generalmente no me opongo” (Defensor 5).

Según algunos defensores, también puede suceder que el monto de medida socioeducativa esté “tarifado” por la costumbre de cada jurisdicción; o que no cambie mucho en comparación con el resto de los casos que se manejan a diario, lo que evidencia la existencia de criterios comunes y de cierta estandarización de las dinámicas de trabajo. En sus palabras:

La costumbre ya nos lleva a tarifar, sin que el término suene mal, pero es así. Yo ya sé que, por ejemplo, un *guri*⁶⁴ primario en una receptación, en un hurto o un porte de arma, va a estar en torno a tres o cuatro meses (...) Yo ya me imagino cuál es [la propuesta del fiscal] porque de tanto interactuar, los conozco (Defensor 1).

Hay una negociación, sí, en cuanto al plazo, sí. Pero ya lo que te pide la fiscalía es “a mí me parece tanto”; y ya sabemos qué es lo que es... no cambia mucho lo que te ofrecen que en la mayoría de los casos (Defensor 8).

Precisamente, el trabajo cotidiano y el hecho de que se trate de un grupo pequeño de operadores hace que prime la confianza y la cercanía en el trato:

La ventaja que tenemos los defensores de adolescentes en la práctica es que nos dejan subir al despacho del fiscal, eso es algo que se ha dado así en la práctica (Defensor 1).

Nosotros tenemos una interacción muy, muy fluida, porque, o sea, por el tipo de trabajo que tenemos, que somos un área bastante especializada con operadores contados. Somos contados operadores que tenemos un conocimiento y un trato fluido. Somos muy pocos (Defensor 4).

⁶⁴ Término de origen guaraní para referirse a adolescentes o personas jóvenes, comúnmente utilizado en Uruguay, litoral argentino y en el Sur de Brasil.

Uno trata todos los días con la fiscalía aquí [...] en el Interior es mucho más simple el trato entre magistrado y fiscal (Juez 4).

Ahora bien, una vez que el caso es llevado al juzgado, los jueces se encargan de controlar el contenido del acuerdo y que el adolescente haya prestado su consentimiento de manera libre y voluntaria. Sin embargo, este control es descrito como simple, porque hay “muy poca cosa” para controlar, en tanto al juzgado llega “todo digitado” o “digerido”, en formato de “sentencias formulario”:

A nosotros se nos viene ya con un producto terminado, el acuerdo ya redactado (...) Ya viene todo digitado (...) Ya viene todo digerido (...) Formalmente, hoy uno ve en los decreteros de sentencia que son “sentencias formulario”: se cambian los hechos, se cambian las partes, cuando mucho se cambia el guarismo de la medida a imponer, y son todas cortadas por la misma tijera (Juez 1).

Por tanto, el control está más orientada a indagar directamente sobre si el adolescente comprendió el alcance del acuerdo, más allá de si la defensa se lo explicó con anterioridad, pues la intención de los jueces es recabar la genuina voluntad del acusado (Jueces 1, 4, 6).

Por su parte, el proceso simplificado genera opiniones divididas aunque predomina una aceptación pragmática. La minoría cuestiona su legalidad por la falta de previsión expresa (Jueces 1, 6), la invalidez de la confesión de los adolescentes (Fiscal 9) y la valoración del juicio oral como una instancia más garantista (Defensor 9). Por el contrario, otros lo avalan para gestionar la carga de trabajo y evitar el despliegue probatorio del plenario (Defensor 1; Juez 5; Fiscales 2, 3, 6). Esta necesidad es tal que hay quienes consideran imposible sostener el volumen de juicios por infracciones gravísimas sin esta vía (Juez 2).

Más allá de la eficiencia, los operadores justifican el proceso simplificado por sus beneficios para el adolescente, porque permite alcanzar medidas de menor duración (Defensores 1, 2, 4, 6, 10; Fiscales 3, 5, 6) y mitigar la incertidumbre del juicio oral (Fiscales 1, 6; Juez 2). Esta predisposición favorable persiste incluso entre quienes aún no lo han aplicado (Juez 3, Fiscal 7), bajo la convicción de su validez legal (Fiscales 3, 6).

En la práctica, el proceso simplificado se ha consolidado como la vía para tramitar infracciones gravísimas —rapiñas (hurto con violencia en las personas) u homicidios— en las que el abreviado está prohibido (Defensores 1, 5, 6; Jueces 2, 7; Fiscal 6). Justamente, es esta imposibilidad normativa la que justifica, para muchos, el recurso al proceso simplificado (Defensores 6, 9, 10; Jueces 1, 6; Fiscal 5), al punto de ser calificado como un “abreviado de las gravísimas” (Fiscal 1) o un “abreviado que no se puede hacer” (Fiscal 6). La categoría más potente que emerge es la de un “proceso abreviado encubierto” (Defensores 8, 9, 10; Fiscales 2, 5; Juez 4), definición que, aunque prevalente, encuentra matices en quienes no la comparten del todo (Defensores 4, 7).

Algunos entienden que el uso consensual o transaccional del proceso simplificado puede no ser del todo coherente con la finalidad que le dio el legislador. A pesar de ello, asumen que se utilice de esta manera en tanto reconocen que “No está previsto que funcione como un acuerdo, pero bueno...” (Defensor 2); o lo engloban dentro de “esas cosas que los legisladores deciden algo y los operadores en la práctica vemos que no funciona y, mientras no se cambie, un poquito lo torcemos” (Defensor 10).

Ahora bien, el uso del proceso simplificado fue descrito por algunos participantes como gradual. Concretamente, en una de las jurisdicciones, su aplicación comenzó por iniciativa de un defensor en un escenario en el que los fiscales aún no echaban mano al dispositivo (Defensor 1; Fiscal 4). Así relata un participante ese hito fundacional:

Me acuerdo de que el primer simplificado que se hizo acá —vos me dirás, ¿cómo funcionan las cosas en la práctica!...— yo le planteé a la fiscalía la posibilidad cuando apareció esto [el proceso simplificado]. Estaba una fiscal adjunta del fiscal titular, y le digo: “Doctora, en esto me parece que puede plantear un simplificado”. Entonces, [la fiscal adjunta] llamó al [fiscal] titular y se lo dijo. Viste, las primeras movidas; el primer simplificado acá. Entonces la fiscal adjunta llama al fiscal titular, le da el visto bueno, y me dice “Bueno, ¿cómo hacemos? ¿cómo lo planteamos?”; y le digo: “Bueno, la que lo tiene que plantear es usted. Está el delito, el monto de medida. Usted lo pide y yo me allano” (Defensor 1).

No obstante, la implementación del proceso simplificado no fue inmediata ni uniforme. Si bien una unidad fiscal comenzó a tramitar asuntos bajo esta estructura, el resto mantuvo inicialmente una postura de cautela (Fiscal 4). Esta fragmentación en la práctica parece haberse revertido tras la intervención de la Unidad de Litigación Estratégica de la Fiscalía General de la Nación. Según refiere uno de los participantes (Fiscal 4), un informe de dicha unidad resultó determinante para saldar las dudas interpretativas de diversas fiscalías del país, al recomendar formalmente la aplicación del proceso simplificado en el sistema penal juvenil⁶⁵. Así lo describió:

Yo fui el primer fiscal que pedí para hacer un proceso simplificado. La jueza lo aceptó. Me acuerdo de que venía un defensor al despacho y me hacía un chiste: “1-0-0”, me decía, marcando los despachos de los otros dos colegas fiscales. “¿Qué es eso?”, le pregunté. “Que vos llevas uno [proceso simplificado] y ellos ninguno”, me respondió. Llegamos así hasta el 3-0-0 y ahí le llegó de la Unidad de Litigación Estratégica de la Fiscalía un informe a una de las fiscales donde le decían que entendían que se podía aplicar el proceso simplificado en adolescentes infractores; que no había ninguna violación de ninguna norma, siempre que el adolescente estuviera de acuerdo, el abogado también y que el juez lo admitiera. (Fiscal 4)

Pese al consenso mayoritario, varios participantes confirmaron que, en al menos dos jurisdicciones coexistieron criterios divergentes: mientras un juzgado admitía el proceso simplificado, el otro lo rechazaba (Defensores 1, 3, 8; Jueces 1, 6; Fiscales 4, 8). Esta disparidad interpretativa

⁶⁵ Tras denegarme una solicitud de acceso a la información pública (Ley 18.331) por considerar el informe como reservado, la dirección de la Unidad de Litigación Estratégica de la Fiscalía General de la Nación me facilitó una entrevista para explicar la postura oficial. Según lo que me fue informado, la Unidad avala la admisibilidad del proceso simplificado en adolescentes bajo tres ejes: 1) la aplicación supletoria del CPP (art. 75 CNA) ante la falta de prohibición expresa; 2) la exigencia de certeza (art. 142 CPP), que obliga a producir prueba mínima más allá de la admisión de responsabilidad para evitar autoinculpaciones coaccionadas; y 3) un criterio de equidad, al ser un mecanismo más garantista que el abreviado —ya vigente— cuya exclusión privaría a los jóvenes de una vía de resolución ágil disponible para adultos.

generó distorsiones operativas que terminaron forzando cambios de postura para unificar la práctica (Defensor 1; Juez 1; Fiscal 4).

Esto fue descrito por tres participantes (Defensor 1; Juez 1; Fiscal 4) de la siguiente manera: en una de estas jurisdicciones, en la que hay dos juzgados, cuando un caso de infracción gravísima llegaba al Juzgado A —que no admitía el proceso simplificado—, este daba trámite al caso hasta el control de acusación y el dictado del auto de apertura a juicio. Luego, declinaba competencia hacia el Juzgado B —que sí admitía el proceso simplificado desde el inicio— para la etapa de juicio. Una vez que el caso arribaba al Juzgado B, las partes le solicitaban la celebración del proceso simplificado, a lo que se hacía lugar y se dictaba sentencia (Defensor 1). Una “salida por la tangente”, según un participante (Defensor 1).

Esta disparidad de criterios generó un desequilibrio operativo. En efecto, el Juzgado B, al admitir el simplificado, terminaba dictando más sentencias y asumiendo la ejecución tanto de sus casos como de los derivados del Juzgado A para juicio. En contraste, la carga del Juzgado A se redujo drásticamente al limitarse mayoritariamente a procesos abreviados por infracciones graves⁶⁶. El propio magistrado confirmó estos “desfasajes” y “distorsiones” en la carga de trabajo (Juez 1), reconociendo que se vio “constreñido” a cambiar su postura para restablecer el equilibrio organizacional y no afectar a la otra sede judicial:

En mi caso, fui muy renuente a aceptar la vía del simplificado, porque entendía que por un lado no tenía una solución expresa en la ley, que sin duda sería lo deseable para una materia tan específica como Adolescentes Infractores; y, a su vez, al no admitir esa vía, provocaba distorsiones en lo que es la parte administrativa de mi sede. Teníamos un desfase muy grande entre la cantidad de personas cumpliendo medidas entre un juzgado y otro y, bueno... me vi constreñido prácticamente a tenerlo que aceptar (Juez 1).

⁶⁶ Esta información fue contrastada con los datos publicados por el Departamento de Estadísticas del Poder Judicial del 2022. En efecto, del indicador sobre procesos concluidos en primera instancia del Informe sobre procesos infraccionales de adolescentes en 2021 y 2022, se da cuenta que en el Juzgado A concluyeron 153 procesos en 2021 y 178 en 2022; mientras que, en el Juzgado B, 205 en 2021 y 225 en 2022. Cf. URUGUAY. Poder Judicial. Departamento de Estadísticas. Informe sobre procesos infraccionales de adolescentes: 2021-2022. Montevideo: Poder Judicial, 2022.

Lo anterior también es confirmado por otros dos participantes, para quienes la diversidad de criterios generó “desbalances” (Defensor 1) entre ambos juzgados y un “desborde” (Fiscal 4) de trabajo en el juzgado que sí admite el simplificado desde un principio.

En cuanto a su arquitectura, el proceso simplificado puede resolverse “en el momento” (Defensor 10) o “en el día” (Defensor 3) —inmediatamente tras la detención y formalización (Defensor 2; Fiscal 2)— o bien diferirse para una “etapa posterior” (Defensor 2; Fiscales 2, 3). Esta posibilidad de celebrarlo “más adelante”, y no necesariamente en el acto como el proceso abreviado (Defensor 6), permite que muchas causas se resuelvan en el intervalo de treinta días entre la formalización y la acusación (Defensor 8; Fiscal 4; Juez 7). Esta dinámica, descrita como un “abreviado diferido” (Fiscal 1), depende de la complejidad del caso, la prueba a recolectar o la disponibilidad de recursos. Bajo esta lógica, el caso no se resuelve en el día “a menos que sea un caso muy sencillo” (Fiscal 4), priorizándose el tiempo de análisis en los “casos más graves” (Defensor 6).

Independientemente del momento procesal, los operadores coinciden en la existencia de un ambiente opaco en el que se dan “conversaciones” (Defensor 2; Fiscal 6) “previas” (Defensor 1) y “fuera de audiencia” (Defensor 2) o “extraexpediente” (Defensor 1). En estas instancias se desarrollan “tratativas” (Defensor 5) y “negociaciones” (Defensor 3; Fiscal 6) para acordar la calificación jurídica y el monto de la medida socioeducativa que luego se expresará en la acusación fiscal (Defensor 2, 10). Un participante define esta dinámica como “una negociación subterránea, porque no se da en audiencia” (Defensor 1).

El objetivo de estas tratativas es definir un acuerdo basado en dos pilares: la aplicación del proceso simplificado para evitar el despliegue probatorio; y, como contrapartida, la reducción de la medida socioeducativa o la flexibilización de la calificación jurídica. Al consensuar previamente esta vía (Defensor 1; Juez 2), fiscalía y defensa aseguran la venia del tribunal para tramitar el caso (Defensores 2, 5; Fiscal 3). Como contraprestación a la no oposición de la defensa, el Ministerio Público ofrece una “ventaja” (Fiscal 2) consistente en una sanción que “claramente, va a ser menor que la pediría en juicio oral” (Fiscal 3). Según los defensores, esta concesión se otorga específicamente a cambio

de ahorrar el diligenciamiento de prueba y la extensión del proceso (Defensores 1, 2, 7, 8 y 9).

Asimismo, los operadores señalan que este acuerdo no se manifiesta explícitamente como en el proceso abreviado. En la práctica, la fiscalía formula su acusación con una calificación y medida socioeducativa ante la cual la defensa no se opone, o bien solicita una rebaja de pena tolerable en función de lo pactado previamente fuera de actas.

Para aquellos casos en que no se puede abreviar por la pena, el simplificado opera como una forma de decir, bueno, vamos a un homicidio incluso -que yo no puedo abreviar- pero vamos a la audiencia donde yo te voy a pedir tal pena, vos vas a aceptar los hechos y al momento de tu aceptación vos vas a pedir como defensor que rebaje la pena y yo no me voy a poner y el juez va a fallar en base a eso (Fiscal 5).

De estos testimonios se desprende que el acuerdo no se verbaliza ni implica una aceptación expresa de la defensa. Por el contrario, se concibe como un “compromiso personal” (Fiscal 2), sujeto a la confianza entre las partes y con el riesgo implícito de ser alterado:

En el simplificado no se acepta la pena, o sea, el juez la puede cambiar. Es un compromiso mío, yo me comprometo a pedir esto y vos te comprometes a que tu cliente declare en ese sentido. Es un acuerdo mutuo. Un acuerdo de partes en ese sentido. Porque el juez hasta puede cambiar la condena (Fiscal 2).

Esta contingencia puede llevar a las fiscalías a solicitar inicialmente medidas más altas, previendo que la defensa —pese al acuerdo informal— pida una rebaja ante el tribunal para forzar una modificación judicial. Un defensor lo explica con claridad: “Como [las fiscalías] saben que el Juez la puede bajar, por ahí piden un poquito más y uno hace el trabajo en la audiencia de pedir un poco menos y bajarle” (Defensor 8). Este contexto de incertidumbre obliga a las partes a extremar la confianza mutua, mientras implementan salvaguardas ante posibles incumplimientos del pacto. Por ello, ante los “riesgos estratégicos” (Fiscal 5), los fiscales comparecen con una “acusación completa” (Juez 2) redactada como “para juicio” (Fiscales 1, 3, 8).

Ahora bien, tras la acusación, la actitud de la defensa más citada es el allanamiento o reconocimiento de la pretensión fiscal. En esta instancia, la defensa se allana al pedido de imputación y medida tras haberse comprometido a no controvertir el pedido (Defensor 5; Fiscal 3). La coherencia de esta táctica se refleja en que las defensas suelen renunciar al plazo de diez días para contestar la acusación⁶⁷ (Defensores 3, 10; Juez 2); como afirma una fiscal: “por algo vamos al simplificado” (Fiscal 2). No obstante, persisten incertidumbres por la falta de un acuerdo explícito: algunos defensores prefieren “estar a las manifestaciones de su representado” (Defensor 10) en lugar de allanarse directamente, previniendo un eventual cambio de postura del adolescente.

También existe la posibilidad de que no exista un acuerdo pleno, en tanto pueden subsistir controversias sobre el tipo o monto de la medida. En estos casos, el adolescente asume su responsabilidad y la defensa se allana parcialmente a la calificación jurídica, pero deja el debate sobre la sanción librado a la decisión del tribunal (Defensores 4, 8). Esta postura suele apoyarse en la previsibilidad del criterio judicial, pues como dijo una participante: “Generalmente, uno sabe cuál es la postura del magistrado” (Defensor 4). En definitiva, la dinámica del proceso simplificado en audiencia se resume en una fiscalía que acusa y ofrece prueba mínima; y una defensa que, sin consentir expresamente el pacto extraoficial, no se opone a la acusación. Como concluye un participante: “no hay oposición y se dicta la sentencia sin diligenciamiento de más prueba” (Fiscal 1).

5. Discusión

Los hallazgos confirman una administración de justicia juvenil donde el conflicto cede ante soluciones consensuadas dentro de un marco de familiaridad y cercanía, y también de cierta opacidad. Esta dinámica valida la tesis del grupo de trabajo en tanto los operadores, unidos por lazos de confianza y relaciones simbióticas, priorizan la estabilidad del sistema mediante un “buen diálogo”, “consonancia casi simultánea” e

⁶⁷ Según el numeral 6 del art. 273 *ter* CPP, “El juez concederá traslado al imputado y su defensa, la que podrá contestar en la misma audiencia en forma oral o hacerlo en el plazo de diez días por escrito.”

“interacción fluida”. En este contexto, el consenso es la piedra angular de ambas estructuras procesales; como señaló un entrevistado, el simplificado “funciona en la medida que haya un consenso”. La escala reducida del fuero uruguayo potencia este núcleo de *court regulars* que comparten códigos y hábitos de trabajo comunes.

No obstante, el grupo posee un tinte característico en la justicia juvenil. A diferencia del sistema de adultos, la filosofía compartida en el fuero especializado parece anclarse en una noción compartida del interés superior y la reintegración social. El deseo de los participantes por alcanzar lo “más beneficioso” sugiere que el consenso no solo busca la eficiencia, sino también la protección del adolescente frente a la vulnerabilidad del juicio oral. En este sentido, la evitación del litigio también se interpreta como una postura orientada a la rehabilitación, donde la intervención eficaz de los técnicos prima sobre la pugna adversarial.

Sin embargo, esta búsqueda de soluciones beneficiosas también puede derivar en una rutinización del proceso. Los operadores describen dinámicas estandarizadas que permiten pensar a la justicia como una “línea de montaje”. Las referencias a una resolución “mecánica” de los asuntos y al uso de “sentencias formulario” que presentan un producto “digerido” revelan un procesamiento en serie que ignora las especificidades del caso para clasificarlo en patrones predefinidos. Esto se apoya en la construcción de *normal crimes*⁶⁸, casos considerados “comunes” o “sencillos” o “menores” ante los cuales el grupo de trabajo impone una “solución normal”, permitiendo proyectar el resultado de antemano⁶⁹.

Esta cultura de tratamiento común se nutre de la “metáfora de tamaño” como valoración conjunta de los delitos de menor envergadura que genera una orientación hacia la toma de decisión rápida. En este escenario, el “*going rate*”⁷⁰ o la “tarifa” mencionada por los participantes actúa

⁶⁸ SUDNOW, David. Normal Crimes: Sociological Features of the Penal Code in a Public Defender Office. *Social Problems*, v. 12, n. 3, 1965, pp. 259-264.

⁶⁹ RIBEIRO, Ludmila; DINIZ, Alexandre; BASTOS, Livia. Decision-making in an inquisitorial system: lessons from Brazil. *Law & Society Review*, [s. l.], v. 56, 2020, p. 106.

⁷⁰ HENDERSON, K. Defense Attorneys and Plea Bargains. In: EDKINGS, V.; REDLICH, A. (eds.). *A System of Pleas: Social Science's Contributions to the Real Legal System*. Oxford: Oxford University Press, 2019. p. 43.

como un marcador de clasificación sencilla que reduce la incertidumbre. En consecuencia, el proceso simplificado y el abreviado no surgen de una negociación genuina caso a caso, sino de una administrativización de las condenas⁷¹.

Los resultados de esta investigación también permiten ver que la justicia penal juvenil no solo persigue el ideal de “hacer justicia” como *expressive goal*⁷², sino que también opera bajo objetivos organizacionales de máxima eficacia y reducción de la incertidumbre. Los participantes valoran el proceso simplificado y el abreviado como herramientas que permiten “descongestionar” y “lograr efectividad”, frente a la aleatoriedad que implica un juicio oral donde “no sabemos cómo va a resultar”.

Según Blumberg, las organizaciones judiciales utilizan racionalmente su estructura para evitar lo fortuito y lo contingente; y aunque los objetivos declarados del sistema se expresan en términos de imperio de la ley, sus recursos están comprometidos con la producción masiva de resultados⁷³. Esto se evidencia en la cruda admisión de un fiscal: “me saca volumen de trabajo, lamentablemente es así; es horrible, pero es así”. Como señala Kostenwein, los actores judiciales “saben muy bien lo que hacen, pero aun así, lo hacen”⁷⁴, supeditando sus compromisos ideológicos a las demandas institucionales.

Esta presión organizacional también ejerce un mecanismo de resocialización sobre los miembros del grupo. Un hallazgo paradigmático es el caso del magistrado que, inicialmente reacio a admitir el proceso simplificado por falta de habilitación legal, se vio “constreñido” a aceptarlo para equilibrar la carga de trabajo con el otro juzgado, un fenómeno que

⁷¹ LANGER, Máximo. Plea bargaining, condenas sin juicio y la administrativización global de las condenas penales. In: LANGER, Máximo; SOZZO, Máximo. Justicia penal y mecanismos de condena sin juicio: Estudios sobre América Latina. Madrid: Marcial Pons, 2023. p. 73.

⁷² EISENSTEIN, James; JACOB, Herbert. *Felony Justice: an organizational analysis of criminal courts*. Lanham: University Press of America, 1991. p. 26.

⁷³ BLUMBERG, Abraham. *Criminal Justice*. Chicago: Quadrangle Books, 1970. p. 4.

⁷⁴ KOSTENWEIN, Ezequiel. El imperativo de la celeridad para la justicia penal. Autoridades políticas y ONG's en el surgimiento del procedimiento de flagrancia en la Provincia de Buenos Aires. In: KOSTENWEIN, Ezequiel (dir.). *El imperio de castigar: Contribuciones desde la sociología de la justicia penal*. Buenos Aires: Editores del Sur, 2020. p. 384.

ilustra cómo el sistema neutraliza al “inconformista”. En este marco, las reglas de procedimiento suelen ser tensionadas mediante acuerdos informales, porque como refirió un participante, los operadores “tuercen un poquito” la norma para esquivar prohibiciones legales, creando soluciones prácticas ajustadas a las necesidades operativas.

En última instancia, todo esto permite ver cómo la garantía clásica del debido proceso cede ante lo que Blumberg denomina “debido proceso burocrático”⁷⁵. Mientras que el modelo tradicional exalta los derechos individuales, la versión burocrática privilegia la eficiencia a gran escala. Lo que se observa en los tribunales es una obediencia superficial a los principios constitucionales mediante ceremonias formales que ocultan estrategias calculadas para inducir la resolución consensuada del conflicto. Así, la administrativización de la justicia penal juvenil en Uruguay parece haber consolidado un sistema donde la eficacia organizativa es, en la práctica, el valor supremo.

Sin embargo, entiendo que la aparente rigidez de la burocracia judicial y de la “línea de montaje” deben matizarse, porque incluso las decisiones más rutinarias involucran algún grado de discrecionalidad⁷⁶. En efecto, la dicotomía entre burocracia y discrecionalidad planteada por Feeley se relativiza en la práctica, en tanto la estandarización no anula el arbitrio de los operadores, sino que lo requiere para funcionar. Los hallazgos sugieren que los actores no son meros engranajes, sino sujetos estratégicos que utilizan su discrecionalidad para “encontrarle la vuelta” a las restricciones normativas. La emergencia del proceso simplificado —gestada gradualmente en tratativas informales antes de su validación por la Unidad de Litigación— ilustra una discrecionalidad creativa en tanto el grupo de trabajo utiliza los resquicios del sistema para eludir prohibiciones (como la del abreviado en infracciones gravísimas) y asegurar la operatividad.

Precisamente, el ejercicio de esta discrecionalidad pone en evidencia otro hallazgo crítico de esta investigación, como la resistencia de las prácticas consensuales frente a las restricciones normativas. Como

⁷⁵ BLUMBERG, Abraham. *Criminal Justice*. Chicago: Quadrangle Books, 1970. p. 4.

⁷⁶ EISENSTEIN, James; JACOB, Herbert. *Felony Justice: an organizational analysis of criminal courts*. 2. ed. Lanham: University Press of America, 1991, p. 37.

ya se dijo, la literatura ha señalado la “inevitabilidad” del *plea bargaining*, explicada tanto por la presión de la carga de trabajo (*caseload pressure*) como por la tendencia inherente a la cooperación del grupo de trabajo⁷⁷.

Los resultados en Uruguay confirman esta tesis: la prohibición del proceso abreviado para adolescentes entre 2017 y 2020 no operó como un límite eficaz, sino que impulsó a los operadores a echar mano a otros mecanismos alternativos para sortear la prohibición legal. Durante ese período, el vacío fue suplido por acuerdos probatorios destinados a neutralizar la contienda o por el allanamiento a la acusación a cambio de modificaciones en la pena.

Esta capacidad de adaptación demuestra que, si bien es posible prohibir el *explicit bargaining*, es prácticamente imposible erradicar el *implicit* o el *covert bargaining*. En este escenario, la elaboración del proceso simplificado en 2020 como una vía para encauzar infracciones gravísimas —prohibidas para el abreviado— no es más que la continuación de esta lógica, configurando lo que varios participantes denominaron un “abreviado encubierto”.

CONSIDERACIONES FINALES

Al retomar la interrogante central de esta investigación sobre cómo la introducción de los mecanismos de condena sin juicio ha impactado en las prácticas, las formas de resolución de casos y la cultura procesal de la justicia penal adolescente uruguaya, los hallazgos permiten concluir que nos encontramos ante una transformación profunda.

En primer lugar, respecto a la cultura procesal, existe un marcado “enamoramiento práctico” entendido como una “fascinación de los operadores de la justicia con el uso de las formas abreviadas o transaccionales”⁷⁸. Tanto el proceso abreviado como el simplificado son

⁷⁷ WENINGER, Robert. The Abolition of Plea Bargaining: A Case Study of El Paso County, Texas. *UCLA Law Review*, [s. l.], v. 35, n. 2, 1987, pp. 265-267.

⁷⁸ BELOFF, Mary. La reforma de la justicia penal en América Latina: ¿modelo, sistema o método acusatorio? In: PITLEVNIK, Leonardo. (dir.). *Implementación del sistema acusatorio: análisis, críticas y resultados de la reforma de la justicia penal*. Buenos Aires: Hammurabi, 2024. p. 51.

valorados como instrumentos necesarios, desplazando al juicio oral a una posición de excepcionalidad. Este cambio de mentalidad sitúa al acuerdo no como una alternativa, sino como el eje de legitimidad del sistema procesal penal juvenil uruguayo postreforma.

En cuanto a las prácticas y formas de resolución, más allá de la economía procesal, los operadores priorizan la reducción de la incertidumbre y la búsqueda de soluciones pragmáticas. No obstante, una contribución central de este estudio es demostrar la “inevitabilidad” de estos mecanismos y la “fantasía” que supone su abolición⁷⁹. La experiencia uruguaya entre 2017 y 2020 dejó al descubierto que prohibir estas vías no erradica el consenso, sino que lo desplaza hacia la opacidad. El uso de acuerdos probatorios plenos, allanamientos consensuados o el actual empleo del proceso simplificado como un “abreviado encubierto” para infracciones gravísimas, evidencian que las prácticas consensuales persisten bajo formas *sub rosa* o informales cuando la norma intenta bloquearlas.

Asumir que estos mecanismos llegaron para quedarse implica reconocer que prohibirlos suele ser parte del problema y no de la solución, en tanto la utilización de equivalentes funcionales encubiertos deslegitima el sistema y lo vuelve menos transparente tanto para el público como para los propios justiciables. Por ello, los códigos procesales deberían asumir que la condena sin juicio es hoy la regla y no la excepción⁸⁰, lo que obliga a establecer límites legales y deontológicos claros que delineen su aplicación práctica⁸¹.

Uno de los aspectos importantes a tener en cuenta es que, para garantizar un sistema respetuoso de las garantías, es imperativo eliminar cualquier ambigüedad normativa. La incertidumbre detectada respecto

⁷⁹ HEUMANN, Milton. *Plea bargaining: the experiences of prosecutors, judges, and defense attorneys*. Chicago: The University of Chicago Press, 1978. p. 157.

⁸⁰ LANGER, Máximo. Plea bargaining as second-best criminal adjudication and the future of criminal procedure thought in global perspective. In: LANGER, Máximo; MCCONVILLE, Mike; MARSH, Luke. (eds.). *Research Handbook on Plea Bargaining and Criminal Justice*. Cheltenham: Edward Elgar Publishing, 2024. p. 553.

⁸¹ En tal sentido, ver: ANITUA, Ignacio; SICARDI, Mariano. Hacia una “teoría” de los “juicios abreviados”: necesidad de imponer límites legales y deontológicos para su aplicación. *Revista Brasileira de Direito Processual Penal*, v. 10, n. 1, 2023.

a la admisibilidad del proceso simplificado en algunas jurisdicciones no es tolerable en tanto el sistema debe proporcionar reglas de adjudicación certeras.

Finalmente, si bien estos mecanismos son característicos de los sistemas acusatorios modernos, su aplicación expedita y rutinizada plantea riesgos sustantivos para los adolescentes. Se requiere, en consecuencia, una estructura que no solo busque la celeridad, sino que garantice que el consenso sea explícito, transparente y fundado en una asistencia letrada que pueda operar por fuera de las presiones de la “línea de montaje” y de la opacidad del pasillo judicial. Futuras investigaciones deberán contrastar si estas dinámicas logran convivir con un respeto genuino por las garantías individuales o si la eficacia terminará por consolidar un modelo de justicia puramente administrativo.

BIBLIOGRAFÍA

ANITUA, Ignacio; SICARDI, Mariano. Hacia una “teoría” de los “juicios abreviados”: necesidad de imponer límites legales y deontológicos para su aplicación. *Revista Brasileira de Direito Processual Penal*, v. 10, n. 1, 2023. e-ISSN: 2525-510X. <https://doi.org/10.22197/rbdpp.v10i1.945>

BELOFF, Mary. El modelo acusatorio latinoamericano y su impacto en la justicia juvenil. In: MARTÍNEZ, S.; GONZÁLEZ POSTIGO, Leonel (dir.). *Procesos especiales y técnicas de investigación: Colección Proceso Penal Adversarial*. Buenos Aires: Editores del Puerto, 2020. pp. 265-322. ISBN: 978-987-8418-06-3.

BELOFF, Mary; FREEDMAN, Diego; KIERSZENBAUM, Mariano; TERRAGNI, Martianiano. La justicia juvenil y el juicio abreviado. In: BELOFF, M. (dir.). *Nuevos problemas de la justicia juvenil*. Buenos Aires: Ad Hoc, 2017. pp. 139-185. ISBN: 978-987-745-077-4.

BELOFF, Mary. La reforma de la justicia penal en América Latina: ¿modelo, sistema o método acusatorio? In: PITLEVNIK, Leonardo (dir.). *Implementación del sistema acusatorio: análisis, críticas y resultados de la reforma de la justicia penal*. Buenos Aires: Hammurabi, 2024. pp. 39-54. ISBN: 9789878056975

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Thematic analysis. In: COOPER, Harris; COUTANCHE, Mark; MCMULLEN, Linda; PANTER, Abigail; RINDSKOPF, David; SHER, Kenneth (eds.). *APA handbook of research methods in psychology: research*

designs: quantitative, qualitative, neuropsychological, and biological. Washington, DC: American Psychological Association, 2012. v. 2, pp. 57-71. ISBN: 978-1-4338-4123-1. <https://doi.org/10.1037/13620-004>.

BLUMBERG, Abraham. *Criminal Justice*. Chicago: Quadrangle Books, 1970.

BLUMBERG, Abraham. The practice of law as confidence game: organizational cooption of profession. *Law & Society Review*, v. 1, n. 2, p. 15-40, 1967. <https://doi.org/10.2307/3052933>

BUSHWAY, Shawn. Defendant Decision-Making in Plea Bargains. In: EDKINS, Vanessa; REDLICH, Alison (ed.). *A System of Pleas: social science's contributions to the real legal system*. Oxford: Oxford University Press, 2019. pp. 24-36. ISBN: 978-0-19-068924-7. <https://doi.org/10.1093/oso/9780190689247.003.0003>.

CAVALLI, Eduardo; SEIJAS, Marcos. El proceso de adolescentes infractores a la ley penal. In: VIEIRAS, Jaime. (coord.). *Procesos de Familia: Revista Uruguaya de Derecho Procesal*: Tomo II. Montevideo: Fundación de Cultura Universitaria, 2023, pp. 677-706. ISBN: 978-9974-2-1410-1.

DÍAZ, Daniel. *La culpabilidad en el derecho penal juvenil y su vinculación con la determinación judicial de la pena: el caso uruguayo*. Tesis (Maestría en Derechos de Infancia y Políticas Públicas), Facultad de Psicología, Universidad de la República, Montevideo, 2014. Acceso 5/7/2024: Colibri: La culpabilidad en el derecho penal juvenil y su vinculación con la determinación judicial de la pena: el caso uruguayo.

EISENSTEIN, James; JACOB, Herbert. *Felony Justice: an organizational analysis of criminal courts*. 2. ed. Lanham: University Press of America, 1991. ISBN: 0-8191-8088-2.

FEELEY, Malcolm. *The process is the punishment: handling cases in a lower criminal court*. 2. ed., Nueva York: Russell Sage Foundation, 1992. ISBN: 0-87154-255-2.

FERRAJOLI, Luigi. *Derecho y razón: teoría del garantismo penal*. Madrid: Trotta, 1995. ISBN: 84-87699-94-4.

FERNÁNDEZ-MOLINA, Esther. Una aproximación a la figura del abogado en la justicia de menores. *Cuadernos de Política Criminal*, Madrid, n. 109, pp. 217-242, 2013. ISSN: 0210 4059. <https://doi.org/10.14679/3280>.

FERRÉ OLIVÉ, Juan Carlos. El Plea Bargaining, o cómo pervertir la justicia penal a través de un sistema de conformidades low cost. *Revista Electrónica de Ciencia Penal y Criminología*, [s. l.], n. 20-06, pp. 1-30, 2018. ISSN-e 1695-0194. <https://doi.org/10.57042/rmcp.v1i4.35>.

GEBO, Erika; STRACUZZI, Nena; HURST, Valerie. Juvenile justice reform and the courtroom workgroup: issues of perception and workload. *Journal of Criminal Justice*, v. 34, pp. 425-433, 2006. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2006.05.008>.

HENDERSON, Kelsey. Defense Attorneys and Plea Bargains. In: EDKINGS, Valerie.; REDLICH, Alison (eds.). *A System of Pleas: Social Science's Contributions to the Real Legal System*. Oxford: Oxford University Press, 2019, pp. 37-55. ISBN: 978-0-19-068924-7. <https://doi.org/10.1093/oso/9780190689247.003.0004>.

HERNÁNDEZ, Martín; WILLEBALD, Darío. Proceso simplificado: estructura ¿simple o compleja? In: ASOCIACIÓN DE MAGISTRADOS DEL URUGUAY. *Estudios sobre el nuevo proceso penal*: Tomo II. Montevideo: Fundación de Cultura Universitaria, 2020, pp. 207-208. ISBN: 9789974211551.

HERZOG, Benno. *Entender crimen y justicia: métodos y técnicas de investigación social cualitativa en criminología*. Valencia: Tirant lo Blanch, 2016. ISBN: 978-84-9119-360-9.

HEUMANN, Milton. *Plea bargaining: the experiences of prosecutors, judges, and defense attorneys*. Chicago: The University of Chicago Press, 1978. ISBN: 0-226-33188-1. <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226778242.001.0001>

JOHNSON, Brian; HOULIHAN, Sean. Criminological approaches to plea bargaining. In: LANGER, Máximo; MCCOLVILLE, Mike; MARSH, Luke (eds.). *Research Handbook on Plea Bargaining and Criminal Justice*. Cheltenham: Edward Elgar Publishing, 2024, pp. 425-439. ISBN: 978-1-80220-666-1. <https://doi.org/10.4337/9781802206678.00037>.

KOSTENWEIN, Ezequiel. El imperativo de la celeridad para la justicia penal: autoridades políticas y ONG's en el surgimiento del procedimiento de flagrancia en la Provincia de Buenos Aires. In: KOSTENWEIN, Ezequiel (dir.). *El imperio de castigar: contribuciones desde la sociología de la justicia penal*. Buenos Aires: Editores del Sur, 2020. ppp. 359-389. ISBN: 978-987-47556-8-1. <https://doi.org/10.29344/07196458.26.2420>

KOSTENWEIN, Ezequiel. *Cómo se construye un judicial: trayectorias, compromisos y controversias en el mundo del derecho*. Buenos Aires: Ediciones Didot, 2024. ISBN: 9789878949307.

LANGER, Máximo. La dicotomía acusatorio-inquisitivo y la importación de mecanismos procesales de la tradición jurídica anglosajona: algunas reflexiones a partir del procedimiento abreviado. In: MAIER, Julio; BOVINO, Alberto (comps.). *El procedimiento abreviado*. Buenos Aires: Editores del Puerto, 2001, pp. 97-133. ISBN: 978-987912045.

LANGER, Máximo. The diffusion of plea bargaining and the global administratisation of criminal convictions. In: LANGER, Máximo; MCCONVILLE, Mike; MARSH, Luke (eds.). *Research Handbook on Plea Bargaining and Criminal Justice*. Cheltenham: Elgar, 2024, pp. 10-35. ISBN: 978-1-80220-666-1. <https://doi.org/10.4337/9781802206678.00011>.

LANGER, Máximo. Plea bargaining as second-best criminal adjudication and the future of criminal procedure thought in global perspective. In: LANGER, Máximo; MCCONVILLE, Mike; MARSH, Luke (eds.). *Research Handbook on Plea Bargaining and Criminal Justice*. Cheltenham: Edward Elgar Publishing, 2024. pp. 552-574. ISBN: 978-1-80220-666-1. <https://doi.org/10.4337/9781802206678.00043>

LANGER, Máximo; SOZZO, Máximo. Introducción: Reforma de la justicia penal y mecanismos de condenas sin juicio en América Latina. In: LANGER, Máximo; SOZZO, Máximo (comps.). *Justicia penal y mecanismos de condena sin juicio: Estudios sobre América Latina*. Madrid: Marcial Pons, 2023. pp. 29-72. ISBN: 978-987-1775-63-7.

LEIVA MENDOZA, Leonardo. La especialidad del proceso penal juvenil y el procedimiento abreviado. *Revista de Estudios de la Justicia*, Santiago, n. 25, pp. 104-137, 2016. <https://doi.org/10.5354/0718-4735.2016.44605>.

LÓPEZ, Agustina; MACAGNO, María.; PALUMMO, Javier. *Prácticas judiciales en los procesos infraccionales a adolescentes: Maldonado, Montevideo, Paysandú y Salto. 2005-2013*. Montevideo: Fundación UNICEF, 2017. Acceso 4/6/2025: bibliotecaunicef.uy/opac_css/doc_num.php?explnum_id=173.

MARTÍN, Germán. *Ni menores, ni jóvenes, ni conflictivos, ni locos: deconstrucción del adultocentrismo penal para una teoría específica penal adolescente*. Córdoba: IUS Libros Jurídicos, 2021. ISBN: 978-987-29756-3-0.

METCALFE, Christi. The Role of Courtroom Workgroups in Felony Case Dispositions: An Analysis of Workgroup Familiarity and Similarity. *Law & Society Review*, v. 50, n. 3, pp. 637-672, 2016. <https://doi.org/10.1111/lasr.12217>.

MONTEDEOCAR, Ignacio. *Código del Proceso Penal de la República Oriental del Uruguay*. 2. ed. Montevideo: Fundación de Cultura Universitaria, 2021. ISBN: 978-9974-2 1138-4.

MONTERO, Alicia; BERNUZ, María José. El paso por el procedimiento penal de los menores infractores. In: FERNÁNDEZ-MOLINA, Esther; BARTOLOMÉ GUTIÉRREZ, Raquel. *Ciudadanos y sistema penal: explorando la accesibilidad de la justicia penal en España*. Valencia: Tirant lo Blanch, 2023. pp. 101-124. ISBN: 978-84-1130-953-0.

MORALES, José. *Juicio Abreviado en el proceso penal juvenil: representaciones y prácticas en el Juzgado Penal de Niños, Niñas y Adolescentes de la ciudad de Paraná*. 2023. Tesis (Maestría en Criminología) – Facultad de Ciencias Jurídicas y Sociales, Universidad Nacional del Litoral, Santa Fe, 2023. Acceso 3/4/2024: Juicio Abreviado en el proceso penal juvenil. Representaciones y prácticas en el Juzgado Penal de Niños, Niñas y Adolescentes de la ciudad de Paraná

QUINTANA-NAVARRETE, Miguel; FONDEVILA, Gustavo. Public defenders versus private attorneys: a comparison of criminal case disposition outcomes by type of counsel in Mexico. *Criminology & Criminal Justice*, v. 25, pp. 393-420, 2022. <https://doi.org/10.1177/17488958221116999>.

RIBEIRO, Ludmila; DINIZ, Alexandre.; BASTOS, Livia. Decision-making in an inquisitorial system: lessons from Brazil. *Law & Society Review*, [s. l.], v. 56, pp. 101-121, 2020. <https://doi.org/10.1111/lasr.12591>.

RODRÍGUEZ, Gilberto; BORGES, Patricia. *Responsabilidad penal de adolescentes: manual de actuación: aspectos prácticos, sustanciales y procesales*. Montevideo: Fundación de Cultura Universitaria; Facultad de Derecho de la Universidad de Montevideo, 2025. ISBN: 978-9974-2-1613-6.

ROLDÁN, Nahuel. Notas preparatorias sobre “The process is the punishment” de Malcolm Feeley. *Cuestiones Criminales*, v. 3, n. 5-6, pp. 347-367, 2020. ISSN: 2618-2424.

RUSSELL, Jago; HOLLANDER, Nancy. The Disappearing Trial: the global spread of incentives to encourage suspects to waive their right to a trial and plead guilty. *New Journal of European Criminal Law*, v. 8, n. 3, pp. 309-322, 2017. <https://doi.org/10.1177/2032284417722281>.

SAPORI, Luís Flávio. A administração de justiça criminal numa área metropolitana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 29, pp. 143-157, 1995.

SKOLNICK, Jerome. Social control in the adversary system. *Journal of Conflict Resolution*, v. 11, pp. 52-70, 1967. <https://doi.org/10.1177/002200276701100105>

SOBA, Ignacio. El proceso penal simplificado. In: MONTANO, Pedro; CABRAL, Daniel (coords.). *Incidencias de la LUC en el Derecho penal*. Montevideo: Ediciones de la Universidad de Montevideo, 2021. pp. 513-540. ISBN: 978-9974-714-74-8.

SOZZO, Máximo. Reforma de la justicia penal América Latina: promesas, prácticas y efectos. A modo de introducción. In: SOZZO, Máximo (comp.). *Reforma de la justicia penal en América Latina: promesas y efectos*. Buenos Aires: Ediciones Didot, 2020. pp. 9-20. ISBN: 978-987-3620-80-5.

SUDNOW, David. Normal Crimes: Sociological Features of the Penal Code in a Public Defender Office. *Social Problems*, v. 12, n. 3, pp. 255-276, 1965. <https://doi.org/10.2307/798932>.

TERRAGNI, Martiniano. *Justicia juvenil y especialidad: prisión preventiva, suspensión del juicio a prueba, juicio abreviado, el proceso de flagrancia*. Buenos Aires: Ad Hoc, 2019. ISBN: 978-987-745-147-4.

ULMER, Jeffery. Criminal Courts as Inhabited Institutions: making sense of difference and similarity in sentencing. *Crime and Justice*, Chicago, v. 48, pp. 483-513, 2019. <https://doi.org/10.1086/701504>.

URBANO CASTRILLO, Eduardo. *Comentario a la Ley orgánica de responsabilidad penal del menor*. Elcano: Aranzadi, 2001. ISBN: 9788484108221.

WENINGER, Robert. The abolition of plea bargaining: a case study of El Paso County, Texas. *UCLA Law Review*, v. 35, n. 2, pp. 265-314, 1987.

WILLEMANN, Javier; ARÍSTEGUI, Juan Pablo. El delito de baja entidad y la estandarización de los acuerdos en el sistema penal chileno. In: LANGER, Máximo; SOZZO, Máximo (comp.). *Justicia penal y mecanismos de condena sin juicio: estudios sobre América Latina*. Buenos Aires: Marcial Pons, 2023, pp. 271-298. ISBN: 978-987-1775-63-7

YOUNG, Richard. Exploring the boundaries of the criminal courtroom workgroup. *Common Law World Review*, v. 42, pp. 203-239, 2013. <https://doi.org/10.1350/clwr.2013.42.3.0>

ZUBILLAGA, Daniel. La incorporación del proceso abreviado al proceso penal juvenil: art. 273 bis del Código del Proceso Penal. In: MONTANO, Pedro; CABRAL, Daniel (coords.). *Incidencias de la LUC en el Derecho penal*. Montevideo: Ediciones de la Universidad de Montevideo, 2021, pp. 483-512. ISBN: 978-9974-714-74-8.

ZUBILLAGA, Daniel. Conjunto de datos de “Los mecanismos de condena sin juicio en el sistema de justicia penal para adolescentes de Uruguay desde la perspectiva de sus operadores”. *SciELO Data*, V1, 2026. <https://doi.org/10.48331/SCIELODATA.USQKEJ>

Authorship information

Daniel Zubillaga. Profesor Adjunto, Departamento de Trabajo Social, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de la República (Uruguay). Asistente, Instituto de Sociología Jurídica e Instituto de Derecho Penal y Criminología, Facultad

de Derecho, Universidad de la República (Uruguay). Doctor en Derecho y Magíster en Criminología y Delincuencia Juvenil, Universidad de Castilla-La Mancha (España). Abogado, Universidad de la República (Uruguay). Email: daniel.zubillaga@cienciassociales.edu.uy.

Agradecimientos: El presente artículo es un producto de mi tesis doctoral en la Universidad de Castilla-La Mancha dirigida por la Profesora Dra. Esther Fernández-Molina, a quien agradezco por su guía durante el desarrollo de la investigación. Contó con el financiamiento de la Agencia Nacional de Investigación e Innovación (ANII, Uruguay) mediante su programa de becas de doctorado en el exterior, así como con el apoyo del Programa de Iniciación a la Investigación de la Comisión Sectorial de Investigación Científica (CSIC) de la Universidad de la República (Uruguay). Agradezco al Observatorio del Sistema de Justicia y Legislación de la Facultad de Derecho de la Universidad de la República por el apoyo brindado, especialmente a sus coordinadores, Profesora Dra. Gianella Bardazano y el Profesor Adjunto Dr. Henry Trujillo. Agradezco también a la Profesora Agregada Dra. Lucía Remersaro por la revisión crítica del manuscrito.

Conflict of interest declaration: the author confirms that there are no conflicts of interest in conducting this research or in the writing of this article.

Declaration of authorship: All researchers who meet the authorship requirements for this article are listed as authors; the author is fully responsible for the entirety of this work.

Declaration of originality: The author assures that the text published here has not been previously published in any other medium and that any future republication will only take place with the express indication of the reference of this original publication; the author also attests that there is no third-party plagiarism or self-plagiarism.

Additional information and author's declarations (scientific integrity)

Data availability statement: In compliance with open science policies, the dataset for this article is available in an open repository at the following link: <https://doi.org/10.48331/SCIELODATA.USQKEJ>

AI statement: The author declares awareness that the use of artificial intelligence must not supplant the human originality of the research, and that full responsibility for any errors or plagiarism rests entirely with the authors. The author declares that AI was used in the following stages of this research: language editing.

Editorial process dates (<https://revista.ibraspp.com.br/RBDPP/about>)

- Submission: 16/03/2026
- Desk review and plagiarism check: 20/03/2026
- Review 1: 20/04/2026
- Review 2: 22/04/2026
- Preliminary editorial decision: 10/05/2026
- Correction round return: 15/05/2026
- Final editorial decision: 23/05/2026

Editorial team

- Editor-in-chief: 1 (VGV)
- Associated-editor: 1 (EK)
- Reviewers: 2

HOW TO CITE (ABNT BRAZIL):

ZUBILLAGA, Daniel. Los mecanismos de condena sin juicio en el sistema de justicia penal para adolescentes de Uruguay desde la perspectiva de sus operadores. *Revista Brasileira de Direito Processual Penal*, vol. 12, n. 2, e1438, mai./ago. 2026. <https://doi.org/10.22197/rbdpp.v12i2.1438>



License Creative Commons Attribution 4.0 International.

La tercera dimensión de la reforma procesal penal: un análisis de la coyuntura social, política y jurídica en el Perú

The third dimension of criminal procedure reform: An analysis of the social, political and legal context in Perú

Nancy Guzmán Ruiz de Castilla¹

Universidad de San Martín de Porres– Lima, Perú

nguzmanr@usmp.pe

 <https://orcid.org/0000-0002-3226-6538>

RESUMEN: En la actualidad, se han desarrollado numerosos congresos, seminarios y proyectos académicos en torno a la reforma procesal; sin embargo, sus resultados han sido, en términos generales, insuficientes. Ello se explica, principalmente, porque las comisiones encargadas de la reforma han centrado su atención casi exclusivamente en el rediseño de las instituciones jurídicas, relegando el análisis del funcionamiento real del sistema de justicia en su interacción con el entramado social. En este contexto, el presente artículo propone examinar la dicotomía social como una tercera dimensión de la reforma procesal, a fin de evidenciar cómo los factores sociales, culturales e institucionales inciden de manera decisiva en la eficacia y legitimidad del sistema de justicia peruano.

PALABRAS CLAVE: Reforma del sistema de justicia; política criminal; legitimidad institucional; cultura jurídica; derechos sociales.

ABSTRACT: *In recent years, numerous conferences, seminars, and academic projects have been developed around procedural reform. However, the results have mostly been unsatisfactory. This is primarily due to the fact that the commissions in*

¹ Doctora en Educación, egresada del Doctorado en Derecho, Maestra en Ciencias Penales y Abogada por la USMP. Especialista en Crimen Organizado, Corrupción y Terrorismo por la Universidad de Salamanca, España. Curso Superior de Litigación oral por la Universidad de Salamanca, España. Ex Jueza Penal de Lima. Profesora de Derecho Penal y Procesal Penal en la USMP. Directora del Instituto de Investigación de la USMP.

charge of the reform have focused almost exclusively on the redesign of legal institutions, while demoting the analysis of the actual functioning of the justice system and its interaction with the broader social framework. In this context, the present article intends to examine the social dichotomy as a third dimension of procedural reform; in order to demonstrate how social, cultural and institutional factors decisively influence the effectiveness and legitimacy of the Peruvian justice system.

KEYWORDS: *Justice system reform; criminal policy; institutional legitimacy; legal culture; social rights.*

SUMARIO: Introducción; 1. La función del derecho y del proceso en la sociedad; 2. La opacidad interna de la justicia peruana; 3. La tercera dimensión de las reformas procesales; Conclusiones; Referencias.

INTRODUCCIÓN

Durante las últimas décadas, las reforma procesal penal se consolidó como uno de los ejes centrales de transformación de los sistemas de justicia de América Latina. Desde finales del siglo XX, diversos países de la región emprendieron procesos de transformación de sus sistemas de justicia penal ante la crisis de legitimidad, ineficiencia estructural y déficit de garantías que caracterizaban a los modelos inquisitivos tradicionales².

En el caso peruano, este proceso se materializó con la promulgación del Nuevo Código Procesal Penal de 2004, implementado progresivamente desde 2006. La reforma introdujo mecanismos orientados a fortalecer la oralidad, la contradicción, la separación de funciones, así como nuevos mecanismos de simplificación procesal, como el proceso inmediato, lo cuales contribuyeron a disminuir significativamente la carga procesal. Sus primeros años evidenciaron importantes avances como la reducción del número de personas privadas de libertad sin sentencia,

² Para un análisis profundo de lo que fue la reforma procesal latinoamericana véase LANGER, Máximo. *Revolución en el proceso penal latinoamericano: difusión de ideas legales desde la periferia*. CEJA, 2007. Disponible en: <https://biblioteca.cejamericas.org/handle/2015/3370>.

al tiempo que se incrementó el número de condenas dictadas mediante procesos concluidos³.

Sin embargo, la evolución posterior del sistema evidenció que la transformación normativa del proceso penal no bastaba, por sí sola, para resolver las deficiencias estructurales de la administración de justicia. La desconexión entre el diseño institucional y el contexto social explica, en buena medida, por qué varios de los logros iniciales tendieron a erosionar con el tiempo. Factores como la persistente confusión sobre la separación de competencias entre los poderes del Estado, las fallas en la estructura organizativa judicial –aunado a los problemas de corrupción–, y las brechas ciudadanas latentes, tales como la desigualdad en el acceso a la justicia, evidencian los límites de la reforma procesal. Por ello, evaluar la reforma exige una perspectiva holística y multidisciplinaria, superando la visión puramente normativa.

En la misma línea, Delgado Menéndez señalaba, en los primeros años de implementación del Nuevo Código Procesal Penal, que:

La implementación de la reforma procesal penal requiere una revolución del pensamiento, un cambio de mentalidad y de cultura organizacional en los operadores del nuevo proceso penal, ello dado que la reforma procesal penal no se limita a nuevas reglas y procedimientos, sino que implica que los funcionarios de las

³ Para un análisis resumido de las estadísticas y los alcances de la implementación del Nuevo Código Procesal penal peruano véase DELGADO MENÉNDEZ, M. A. La reforma procesal penal en el Perú: rompiendo moldes, conquistando metas y enfrentando pendientes. *Derecho PUCP*, n. 65, p. 69–91, 2010. <https://doi.org/10.18800/derechopucp.201002.003>. Un aspecto particularmente interesante que destaca la autora es que la confiabilidad del sistema habría mejorado en función de la mayor aceptación de las decisiones judiciales por las partes (véase en la pág. 13). No obstante, si bien esta mayor confiabilidad podría inferirse al interior del propio proceso, subsiste la interrogante acerca de cómo se proyectaba dicha percepción fuera del ámbito procesal durante ese periodo. Asimismo, cabe preguntarse si este resultado pudo haber estado influido, al menos parcialmente, por el limitado conocimiento que las partes tenían respecto del funcionamiento de los medios impugnatorios en el Nuevo Código Procesal penal, considerando que su implementación fue progresiva y circunscrita inicialmente a determinados distritos judiciales.

entidades cambien su concepción hacia un sistema de corte garantista y que dejen de lado la carga negativa del sistema inquisitorial⁴.

A veinte años de la implementación del Nuevo Código Procesal Penal –que, a estas alturas, de nuevo tiene poco–, aquella observación permite poner de relieve un elemento estructural en todo sistema regulatorio: *la dinámica de los agentes regulados*. No se pudo realizar una reforma obviando la cultura preexistente a la reforma. En un país como el Perú –caracterizado por marcadas desigualdades territoriales, institucionales y, sobre todo, culturales– la reforma procesal resulta particularmente compleja, pues el tránsito hacia una nueva cultura procesal no depende únicamente de la introducción de nuevas normas, sino de la transformación del propio sistema y de las prácticas sociales e institucionales que lo sostienen.

Como señala el último estudio de la Justicia realizado por la Organización para la Cooperación y el Desarrollo Económicos (OCDE) en el Perú, el principal desafío en las reformas contemporáneas no radica simplemente en la mejora de la estructura institucional, sino en la construcción de una justicia centrada en las personas, accesible para los sectores históricamente excluidos y capaz de responder a las necesidades reales de la población⁵.

En suma, en contextos sociales atravesados por estas brechas estructurales, tales desigualdades pueden incluso generar efectos políticos más amplios. Como señala el informe sobre desarrollo humano del programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo “las desigualdades pueden incrementar la demanda y la oferta de líderes populistas y autoritarios, lo que propiciaría que la ciudadanía simpatice en mayor medida con movimientos políticos alternativos”⁶.

⁴ DELGADO MENÉNDEZ, M. A. La reforma procesal penal en el Perú: rompiendo moldes, conquistando metas y enfrentando pendientes. *Derecho PUCP*, n. 65, p. 16, 2010. <https://doi.org/10.18800/derechopucp.201002.003>

⁵ ORGANIZACIÓN PARA LA COOPERACIÓN Y EL DESARROLLO ECONÓMICO (OECD). *Estudio de la Justicia de la OCDE en el Perú: Hacia instituciones de justicia eficaces y transparentes para un crecimiento inclusivo*. París: OECD Publishing, 2024. Disponible en: <https://doi.org/10.1787/e32675d5-es>.

⁶ PROGRAMA DE LAS NACIONES UNIDAS PARA EL DESARROLLO. (PNUD). *Informe sobre desarrollo humano 2025: Actuar, confiar y conectar caminos*.

En este escenario, la persistencia de problemas sociales profundos tiende a reforzar la expectativa de que nuevas reformas institucionales –incluida las procesales– puedan ofrecer soluciones a problemas estructurales vinculados a la criminalidad, la inseguridad ciudadana, la corrupción o incluso la desconfianza social hacia las instituciones públicas. Lo que genera una lógica de permanente expansión legislativa, caracterizada por sucesivas modificaciones procesales impulsadas bajo consignas de “lucha contra la delincuencia”, “seguridad ciudadana” o “fortalecimiento de la persecución penal”⁷. Un ideal reformista que atribuye al cambio normativo una capacidad transformadora que, en realidad, excede los límites epistémicos del proceso penal.

En consecuencia, el presente trabajo propone abordar el estudio de la reforma procesal a partir de tres dimensiones interrelacionadas. La primera dimensión corresponde a la política criminal, entendida como el ámbito desde el cual el Estado diseña estrategias orientadas al control y reducción de la criminalidad. La segunda dimensión se vincula con la estructura institucional y la autonomía epistémica del proceso penal, concebido como una institución destinada a la correcta producción de decisiones mediante un proceso racional y probatorio. Finalmente, se incorpora una tercera dimensión de análisis: la realidad ciudadana, referida a las condiciones sociales y materiales que determinan el acceso efectivo de las personas al sistema de justicia.

A partir de ello, la hipótesis central del trabajo sostiene que las reformas procesales penales resultan estructuralmente limitadas cuando son concebidas exclusivamente desde la dimensión normativa del proceso y prescinden tanto de las condiciones institucionales del sistema de justicia como de las condiciones sociales de los sujetos que interactúan con él.

Metodológicamente, la investigación se desarrolla desde un enfoque teórico – analítico, de carácter cualitativo. Para ello, se emplea

2025, p. 144. Disponible en: <https://www.undp.org/es/peru/publicaciones/informe-sobre-desarrollo-humano-2025-actuar-confiar-y-conectar-caminos>

⁷ Esta concepción normativa aún se mantiene en la actualidad. Al respecto, véase la Ley N.º 32130, promulgada el 10 de Octubre del 2024, denominada “Ley que modifica el Código Procesal Penal para fortalecer la investigación del delito como función de la Policía Nacional del Perú y agilizar los procesos penales”, modificando en total más de 30 de sus artículos.

un análisis doctrinal y sociológico del proceso penal, complementado con la revisión de informes técnicos y datos empíricos vinculados al funcionamiento del sistema de justicia peruano.

Sobre esta base el trabajo plantea las siguientes interrogantes: ¿Cuáles son los alcances y límites del proceso penal?, y ¿hasta qué punto la reforma procesal penal puede incidir en la vida de las personas y en el funcionamiento real del sistema de justicia?

Con el propósito de responder a estas cuestiones, el artículo se estructura en tres apartados. En primer lugar, se analiza la función del derecho y del proceso dentro de la sociedad, con el objetivo de fundamentar la autonomía del proceso penal y diferenciarlo de los intereses propios de la política criminal. En segundo término, se examina los problemas de opacidad institucional y corrupción en la justicia peruana como manifestación de los déficits organizacionales y de control que inciden directamente en el funcionamiento del sistema judicial. Finalmente, se desarrolla la denominada “tercera dimensión”, centrada en las condiciones sociales y materiales que determinan el acceso efectivo de la ciudadanía al sistema de justicia.

1. LA FUNCIÓN SOCIAL DEL DERECHO: UNA DISTINCIÓN ENTRE LA POLÍTICA CRIMINAL Y EL PROCESO PENAL

Uno de los problemas más persistentes del debate contemporáneo sobre las reformas procesales consiste en la confusión entre la función de la política criminal y la función específica del proceso penal. Buena parte de las expectativas depositadas sobre las reformas judiciales parten de asumir que la modificación de las estructuras procesales posee la capacidad de transformar fenómenos sociales complejos como la criminalidad, la corrupción, la impunidad o la desconfianza institucional. Sin embargo, dicha premisa desconoce que el proceso penal constituye únicamente una dimensión dentro de un entramado mucho más amplio de relaciones normativas, institucionales y sociales que condicionan el funcionamiento efectivo del sistema de justicia.

En términos generales, puede sostenerse que toda reforma judicial opera, al menos, sobre tres dimensiones diferenciadas –cada una con propios fines– pero interrelacionadas:

- i. *Dimensión político – criminal*: Referida a toda la política del Estado, fundamentada en el análisis dogmático y criminológico, con el propósito de diseñar medidas que salvaguarden el bienestar y la seguridad social.
- ii. *Dimensión institucional y epistémica del sistema de justicia*: Comprende la estructura operativa, organizativa y regulatoria que configura el marco normativo y los incentivos que condicionan el proceso inferencial de las decisiones judiciales.
- iii. *Dimensión social*: Vinculada a las condiciones materiales, económicas y culturales de los ciudadanos, las cuales determinan las asimetrías de acceso, la interacción con el aparato judicial y la eficacia estabilizadora del derecho.

La insuficiente diferenciación entre estas dimensiones ha conducido frecuentemente a diagnósticos incompletos sobre la crisis de la justicia penal latinoamericana. En particular, la tendencia a trasladar los problemas sociales o políticos - criminales hacia el plano exclusivamente procesal ha generado una sobrecarga funcional del proceso penal, atribuyéndole capacidades transformadoras que exceden su competencia epistémica.

Para dimensionar esta sobrecarga funcional que se le ha atribuido al proceso penal, es indispensable volver a la pregunta fundamental de la teoría jurídica: ¿Cuál es la finalidad del derecho? La máxima “*ubi societas, ibi ius*” expresa una idea estructural: *allí donde hay sociedad, hay derecho*. Esta máxima no constituye simplemente una afirmación descriptiva, sino que refleja una relación estructural entre organización social y regulación jurídica. El derecho funciona como un mecanismo institucional de articulación normativa que permite a la sociedad estructurarse, estabilizarse y proyectarse en el tiempo. Por ello, su función no se limita a la producción de normas, sino que se manifiesta también en su capacidad de orientar conductas y estabilizar expectativas sociales. Al respecto, como menciona Hart:

Las normas jurídicas funcionan en sus vidas, no simplemente como hábitos o como fundamentos para predecir las decisiones de los jueces o las acciones de otros funcionarios, sino como pautas o criterios jurídicos de conducta, que son aceptados. Esto es, ellos

no solamente hacen con tolerable regularidad lo que el derecho les exige, sino que ven en él una pauta o criterio jurídico de conducta, hacen referencia a él al criticar a otros, o al justificar exigencias, y al admitir críticas y exigencias hechas por los demás. Al usar las reglas jurídicas de esta manera normativa ellos presuponen sin duda que los jueces y otros funcionarios continuarán decidiendo y comportándose de ciertas maneras regulares, y por ello predecibles, de acuerdo con las reglas del sistema; pero es ciertamente un hecho observable de la vida social que los individuos no se limitan al punto de vista externo, esto es, a registrar y predecir las decisiones de los tribunales o la probable incidencia de las sanciones. En lugar de ello, constantemente expresan en términos normativos su aceptación compartida del derecho como guía de conducta⁸.

En una misma línea, desde una perspectiva sociológica del derecho, Niklas Luhmann refería que: “El derecho permite saber qué expectativas tienen un respaldo social (y cuáles no)”⁹. En gran medida el derecho no garantiza que los individuos actúen siempre conforme a las normas, sino que proporciona marcos relativamente estables para interpretar conductas y aplicar el derecho sustantivo. De ahí que el derecho, si bien puede orientar las conductas, no puede sustituir la voluntad de los actores ni modificar, por sí solo, las condiciones materiales, culturales e institucionales que determinan su formación.

En una línea similar, Gunther Teubner menciona que:

El Derecho como sistema social autopoietico no está compuesto ni por normas ni por legisladores, sino por comunicaciones jurídicas, definidas como la síntesis de tres selecciones de sentido: participación, información y comprensión. Dichas comunicaciones están interrelacionadas entre sí en una red de comunicaciones que no produce otra cosa que comunicaciones¹⁰.

⁸ HART, H. L. A. *El concepto de derecho*. Trad. Genaro R. Carrió. Buenos Aires: Abeledo-Perrot, 1998. p. 171-172.

⁹ LUHMANN, Niklas. *El derecho de la sociedad*. 2005. Disponible en: <https://archive.org/details/LuhmannNiklasElDerechoDeLaSociedad/Luhmann-Niklas-El-Derecho-de-La-Sociedad/>

¹⁰ TEUBNER, Gunther. *El derecho como sistema autopoietico de la sociedad global*. Lima: Ara Editores, 2005, p. 42 – 43.

En este punto resulta central comprender los límites estructurales de las reformas procesales contemporáneas. Con frecuencia, el fracaso de determinadas políticas de seguridad o la persistencia de altos niveles de criminalidad genera una respuesta política centrada en la modificación de los códigos procesales. En donde se asume que la reforma del código procesal penal podrá corregir los problemas sociales. Sin embargo, ello supone trasladar hacia el proceso penal expectativas que corresponden, en rigor, a la política criminal, como parte de las funciones del Estado para mejorar las condiciones vitales de sus ciudadanos.

En este marco, resulta necesario distinguir entre la función social del derecho en su manifestación de los intereses político criminales y la función de los procesos judiciales. En primer lugar, debe tenerse en cuenta que el conflicto entre intereses sociopolíticos –particularmente entre corrientes autoritarias y liberales– que ha caracterizado los últimos siglos y que ha influido en la configuración de los códigos normativos constituye un fenómeno de larga data¹¹.

Sin pretender abordar aquí las tensiones históricas en torno al modelo ideal del proceso, considero indispensable examinar la distinción entre constitución e independencia del sistema de justicia. Al respecto, como señala Montero Aroca:

El proceso se concibió no como medio para la tutela de los derechos e intereses legítimos de los ciudadanos, sino como instrumento para garantizar el cumplimiento de los fines del propio Estado, fines que necesariamente eran políticos y dependían de cada ideología¹².

¹¹ El debate en torno a los modelos procesales, particularmente entre las concepciones garantistas y las orientadas a la eficiencia, ha sido formulado a lo largo del tiempo mediante diversas etiquetas. Así, tradicionalmente se ha expresado en términos de la dicotomía entre modelos inquisitivos y acusatorio, o entre modelos de carácter privado o público. En una formulación más contemporánea –y quizás más crítica– esta discusión ha sido replanteada por Mirjan Damaška, quien distingue entre modelos de justicia centrados en la resolución de conflictos y modelos orientados a la implementación de políticas públicas dentro del proceso judicial. Al respecto de este último, véase en DAMAŠKA, M. R. *Las caras de la justicia y el poder del Estado: Análisis comparado del proceso legal*. Barcelona: Editorial Jurídica de Chile, 2000.

¹² MONTERO AROCA, J. El proceso civil en el siglo XXI: tutela y garantía. *Revisita del Instituto Colombiano de Derecho Procesal*. pp. 193 – 202, 2006. <https://>

No obstante, esta realidad no justifica que los intereses político-criminales deban trasplantarse automáticamente al proceso penal. Tal como menciona Pico y Junoy, al analizar el contexto histórico en el que se atribuyeron poderes de dirección al juez dentro de determinados códigos procesales civiles:

El hecho histórico de que se atribuyan dichas iniciativas materiales de dirección al juez civil en los códigos procesales anteriormente indicados no tiene por qué hacerle partícipe necesariamente del carácter autoritario o fascista que se pretende. La bondad técnica (o validez) de una norma depende de su propio contenido y alcance, más que de la época en que haya sido redactada, de la ideología de su autor o de la forma en que se aplique en la práctica forense, por lo que pueden existir códigos procesales de gran rigor científico o técnicamente incorrectos con independencia del carácter más o menos liberal o social del régimen político en que fueron creados¹³.

El proceso –en particular el proceso penal– no puede ser utilizado como un instrumento para la realización de los fines Estatales, porque el proceso tiene un fin en sí mismo y es la determinación de los hechos para la aplicación de consecuencias jurídicas. Sí como consecuencia derivada del juicio de los hechos se satisface o no las pretensiones políticas criminales, no responde al proceso en sí mismo sino a las demás políticas

biblioteca.cejamericas.org/handle/2015/1073. En esa misma línea argumentativa, Maier sostiene que el proceso penal moderno posee un carácter eminentemente autoritario, al afirmar que este «es, en realidad, un instrumento oficial para que el Estado aplique su poder penal, una pura realización estatal del poder penal, para el que sólo se establecen ciertos límites en homenaje a la dignidad humana individual». MAIER, J., *Derecho procesal penal*, T. I: *Fundamentos*, Buenos Aires: Editores del Puerto, 1999, p. 171 – 172. Esta perspectiva se complementa con la postura de Binder, para quien el proceso penal se encuentra íntimamente ligado a la política criminal, existiendo una relación de corresponsabilidad y operatividad conjunta entre las normas sustantivas y adjetivas en la configuración del control penal. Al respecto, véase: BINDER, A., *Introducción al derecho procesal penal*, Buenos Aires: Ad-Hoc, 2000, pp. 41 – 52.

¹³ PICÓ I JUNOY, J. El Derecho Procesal entre el Garantismo y la Eficacia: Un Debate Mal Planteado. *Derecho & Sociedad*, n. 38, pp. 274–280, 2012. Recuperado a partir de <https://revistas.pucp.edu.pe/index.php/derechoysociedad/article/view/13126>.

extra procesales, como son la educación, la seguridad, los alcances del disvalor de las conductas, etc. Por ello el proceso posee una autonomía epistemológica y funcional.

Como señala la teoría del proceso, los procesos judiciales están regidos por principios propios (legalidad, debido proceso, imparcialidad, contradicción, oralidad, entre otros) que no pueden ser sacrificados sin comprometer la legitimidad misma del sistema jurídico. En otras palabras, el proceso es un medio neutral al servicio de cualquier finalidad política, o es una forma institucionalizada de producción de decisiones jurídicas cuya racionalidad no se confunde con la racionalidad instrumental de la política criminal.

En suma, como refiere Perfecto Andrés Ibáñez:

La independencia judicial es, pues, un valor incómodo por tendencialmente contramayoritario, en cuanto constitucionalmente previsto para garantizar espacios de autonomía en los que tiene lugar el ejercicio derechos fundamentales que representan otros tantos momentos de limitación del poder¹⁴.

Asumir que la reforma procesal penal puede revertir disfunciones cuyas raíces estructurales son mucho más profundas constituye una manifiesta mala praxis regulatoria. Este desplazamiento del problema hacia el plano procesal opera como un cómodo mecanismo de simplificación política; para el legislador, siempre resultará más viable y controlable la reforma de los textos normativos que la transformación de aquellas condiciones sociales que afectan el rendimiento real del derecho.

El proceso penal, concebido como un ámbito autónomo, no puede cargar con la exigencia de resolver problemas que desbordan su función epistémica, la cual se reduce a la adopción de decisiones correctas a la luz del acervo probatorio disponible. Exigirle que supla los déficits del sistema en su conjunto conduce, inevitablemente, a la frustración de la promesa reformista.

Lo anterior, desde luego, no pretende restar validez ni eficacia a la norma penal, cuya relevancia es indiscutible en tanto modeladora de la

¹⁴ ANDRÉS IBÁÑEZ, Perfecto. Tercero en discordia: jurisdicción y juez del Estado constitucional. Madrid: Editorial Trotta, 2015. p. 156.

función expectativa de los ciudadanos. Se trata, en rigor, de delimitar sus alcances: comprender que los fines de la norma se despliegan en planos diferenciados; uno de naturaleza política, orientado a la dirección macro social, y otro estrictamente procesal, cuya frontera institucional debe mantenerse a salvo de la instrumentalización estatal.

Así, la función social del derecho, aquella destinada a orientar la conducta de las personas, mediante la estabilización de expectativas normativas puede manifestarse normativamente en dos ámbitos:

- i. Desde la *política criminal* como el interés legítimo de mantener una sociedad pacífica previniendo, controlando y reduciendo la delincuencia; y
- ii. Desde *el proceso judicial* como un sistema estructurado y de autonomía institucional que busca producir decisiones legítimas y correctas, justificadas a través del acervo probatorio disponible, los principios procesales y la normativa vigente.

2. LA OPACIDAD INTERNA DE LA JUSTICIA PERUANA

El segundo gran desafío de la reforma procesal penal proviene de las fallas en la arquitectura organizativa del aparato judicial. Habiendo examinado ya la distinción entre los objetivos político-criminales y la función epistémica del proceso, es necesario advertir que la autonomía formal del sistema de justicia no lo exime de padecer severos quiebres en su estructura interna.

En la actualidad, los sistemas judiciales en Latinoamérica se han envuelto en graves problemas de corrupción. La débil institucionalidad, sumada a la carencia de mecanismos efectivos de rendición de cuentas en la administración de justicia, ha generado incentivos para que funcionarios públicos cometan actos ilícitos, favorecidos por la impunidad y la inacción del propio sistema¹⁵.

¹⁵ Para un análisis regional del Índice de Percepción de la Corrupción (IPC) en las Américas y su relación con la expansión del crimen organizado y las vulneraciones de los derechos humanos, véase: TRANSPARENCY INTERNATIONAL. *IPC 2022 de las*

La judicatura peruana no es ajena a estas tensiones de escala regional. En el devenir cotidiano, el sistema opera bajo una constante paradoja estructural. Por un lado, el discurso oficial evoca de forma sistemática el compromiso con la imparcialidad y la eficacia; por el otro, la percepción ciudadana –impulsada en gran medida por la denominada “justicia mediática” o los “juicios paralelos” de la prensa– revela una profunda ruptura con las demandas de la población. Así, el incremento de la criminalidad organizada, aunado a las recurrentes denuncias de corrupción funcional, proyectan la imagen generalizada de una estructura judicial inerte frente al flagelo de la impunidad.

Para poder analizar y comprender el fenómeno de la crisis del sistema judicial, es posible estructurar el fenómeno en dos problemáticas críticas y recurrentes:

- i. Deficiencias en la organización institucional: Referidas principalmente a la falta de transparencia, de control interno y de fiscalización.
- ii. Patologías en la cultura organizacional: Relativas a la racionalidad estratégica de los agentes corruptos, así como a las prácticas orientadas a perpetuar un sistema de incentivos perverso para la consecución de fines particulares.

2.1. LA OPACIDAD INSTITUCIONAL COMO PROBLEMA ESTRUCTURAL

La *opacidad institucional* puede definirse como la existencia de ámbitos dentro de las organizaciones públicas donde los procesos de toma de decisiones, asignación de recursos o ejercicio de autoridad se desarrolla con escasos niveles de visibilidad y control externo e interno¹⁶.

Américas: Terreno fértil para el crimen organizado y los abusos de derechos humanos. 2023. Disponible en: <https://www.transparency.org/es/news/cpi-2022-americas-corruption-criminal-networks-human-rights-abuses>

¹⁶ El término *opacidad* ha sido utilizado en la literatura académica para referirse a ámbitos caracterizados por una limitada visibilidad o accesibilidad analítica, lo que dificulta su observación, comprensión o control. Este concepto ha sido aplicado en diversos campos de estudio, tales como los procesos sociales, las dinámicas identitarias, las estructuras cognitivas, entre otras.

La opacidad en organismos institucionales no puede entenderse como un simple defecto administrativo ni como un episodio de mala gestión; si no más bien, constituye un fenómeno burocrático complejo, en el que las rutinas cotidianas administrativas de carácter poco transparente, sin mecanismos de rendición de cuentas tienden a generar a la larga espacios de discrecionalidad que consoliden redes informales de decisión afines a intereses propios o ajenos corrompiendo la imparcialidad institucional de los actos públicos.

Otra cuestión fundamental en el análisis de la opacidad institucional es sobre el interés de los agentes que promueven prácticas informales al interior de las instituciones públicas, que usualmente detentan cargos con capacidad de decisión. Como señala Aguilera:

La lucha entre la opacidad y la transparencia se explica en razón de actores gubernamentales que tienen interés en que la primera subsista y la segunda sea diluida. La lucha entre la opacidad y la transparencia se desarrolla en diversas áreas de la gestión del gobierno, y forma parte de ambientes culturales que presionan para que el poder sea visible o que tenga claroscuros. Por tanto, la transparencia es el resultado de dinámicas que se forman en la sociedad y, a partir de relaciones horizontales, presionan para abrir los archivos, expedientes y sistemas de información que registran los diversos datos que se vinculan con las políticas públicas¹⁷.

Para una aproximación a estos distintos usos, véase los siguientes: RUIZ ENCINA, Carlos y TORO, Eduardo. La opacidad social. Análisis del Año, (8), 41-63, 2006. Disponible en: [https://www.aacademica.org/httpwww.nodoxxi.cl/7. RENTERÍA Marín, C. Las causas de la opacidad en los gobiernos municipales en México. *Revista Española De La Transparencia*, \(22\), 181-203, 2025. <https://doi.org/10.51915/ret.400>. RIMOLDI, Florencia. *Opacidad y deferencia: ¿Un problema semántico o epistémico?* Discusiones. Conocimiento experto y creación del derecho. Entre la deferencia y la legitimidad. 30\(1\), 79 – 110, 2023. Disponible en: <https://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc1263421>](https://www.aacademica.org/httpwww.nodoxxi.cl/7.RENTERÍA%20Marín,%20C.Las%20causas%20de%20la%20opacidad%20en%20los%20gobiernos%20municipales%20en%20México.Revista%20Española%20De%20La%20Transparencia,%20(22),181-203,%202025.%20https://doi.org/10.51915/ret.400)

¹⁷ AGUILERA HINTELHOLHER, Rina Marissa. La transparencia y la formación de ciudadanía en un gobierno local: Oportunidades y restricciones en Jalisco. *Estudios políticos (México)*, Ciudad, v. X, n. 43, p. 111 – 135, 2018. Disponible en: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-16162018000100111&lng=es&tlng=es.

Desde esta perspectiva, la corrupción judicial no puede ser explicada únicamente como el resultado de conductas individuales desviadas; más bien, debe comprenderse como un fenómeno estructural que se desarrolla en entornos institucionales caracterizados por una opacidad institucional, en donde los mecanismos de control estén debilitados o no implementados y el entorno administrativo promueva o quiera mantener dichas prácticas para el beneficio propio o de terceros.

En el contexto peruano, la corrupción de funcionarios ha sido el foco de atención de los últimos años y la causa principal de la desconfianza institucional en el Poder Judicial. Probablemente de los variados casos de corrupción el caso que generó gran revuelo y destapó la gran red de informalidad dentro del sistema de justicia fue el denominado “Caso Cuellos Blancos del Puerto”. Sobre este caso se han presentado diversos artículos e informes, cabe destacar el estudio realizado por la Procuraduría Pública Especializada en Delitos de Corrupción, en el que identifica a 334 magistrados (entre jueces y fiscales) involucrados en presuntos actos de corrupción a nivel nacional. En donde más de 70 magistrados están involucrados en el caso Cuellos Blancos¹⁸.

El caso del “Los Cuellos Blancos del Puerto” trascendió ampliamente la mera divulgación de audios que evidenciaban favores indebidos a abogados y empresarios; en realidad, reveló la existencia de una estructura relacional compleja, integrada por magistrados supremos, miembros del entonces Consejo Nacional de la Magistratura y operadores externos, que articulaban un sistema informal de intercambio de beneficios mediante la instrumentalización de decisiones jurisdiccionales. Este entramado no solo puso en evidencia fallas individuales, sino una forma de captura institucional en la que las reglas formales eran sistemáticamente desplazadas por prácticas informales orientadas a la obtención de beneficios económicos ilegales. En este contexto, la opacidad estructural resultante no se limita a degradar la eficiencia administrativa del sistema de justicia,

¹⁸ PROCURADURÍA PÚBLICA ESPECIALIZADA EN DELITOS DE CORRUPCIÓN. Corrupción en el sistema de justicia: Caso “Los cuellos Blancos del Puerto” (Informe especial). *Ministerio de Justicia y Derechos Humanos*, Lima, 2019. Disponible en: <https://procuraduriaanticorruccion.minjus.gob.pe/wp-content/uploads/2020/04/INFORME-ESPECIAL-CORRUPCION-EN-EL-SISTEMA-DE-JUSTICIA-1.pdf>

sino que incide de manera directa en la erosión de su legitimidad, al quebrar la expectativa de imparcialidad que sustenta el Estado de Derecho.

La magnitud de este impacto se ve reflejado en el plano de la percepción social. Según el Observatorio Nacional de Prospectiva¹⁹, la proporción de ciudadanos que identifican la corrupción como el principal problema del país se incrementó significativamente en la última década, pasando de 23.8% en 2010 a 52,4% en 2024. Este aumento no solo expresa una mayor visibilidad del fenómeno, sino que evidencia una crisis de legitimidad sistemática, en la que las instituciones Estatales encargadas de administrar justicia presentan niveles de desconfianza crecientes²⁰. En ese sentido, el caso de los “Cuellos Blancos del Puerto” evidenció la deficiente estructura normativa del sistema de justicia, en donde las prácticas informales terminaron por reconfigurar los principios institucionales que lo constituían.

2.2. LA CULTURA DE LA DESORGANIZACIÓN JUDICIAL

Probablemente una de las preguntas más persistentes en la realidad peruana sea: ¿Por qué la corrupción persiste e incluso se reproduce dentro de un sistema judicial? Quizás una explicación que trasciende las cuestiones morales o individuales pueda ser encontrada en la economía a través de la racionalidad microeconómica de los agentes detrás de las decisiones judiciales. Cuando la estructura de incentivos favorece la obtención de beneficios privados mediante conductas ilícitas, y los costos asociados a tales conductas (sanción, pérdida de prestigio, exclusión institucional o social) son percibidos como bajos, inciertos o nulos, la corrupción emerge como una opción racional, más aún cuando quienes ostentan cargos públicos tienen necesidades económicas y buscan en la institución un rédito económico que supla ese déficit.

¹⁹ CENTRO NACIONAL DE PLANEAMIENTO ESTRATÉGICO. Observatorio Nacional de Prospectiva. Incremento de la corrupción, 2025. Disponible en: <https://observatorio.ceplan.gob.pe/ficha/t80>

²⁰ CENTRO NACIONAL DE PLANEAMIENTO ESTRATÉGICO. Observatorio Nacional de Prospectiva. Mayor desconfianza en los poderes del Estado, 2025. Disponible en: https://observatorio.ceplan.gob.pe/ficha/t5_ama

Como menciona Gary Becker: “algunas personas se convierten en “delinquentes” no porque su motivación básica difiera de las de otras personas, sino porque sus beneficios y costos difieren”²¹.

En consecuencia, el análisis del funcionamiento del sistema de justicia no puede limitarse a la evaluación de la idoneidad moral de sus operadores, sino que debe centrarse en la arquitectura de incentivos que condiciona su comportamiento. Ningún individuo se encuentra, en términos absolutos, exento de la posibilidad de infringir la norma; por ello, resulta imprescindible diseñar mecanismos institucionales de control que incrementen los costos efectivos de la corrupción y reduzcan los beneficios asociados a ella, generando entornos orientados al real cumplimiento de la función pública y no a la formación de espacios opacos de discrecionalidad.

Asimismo, esta dinámica puede explicarse, en términos análogos, a partir de la Ley de Gresham, conforme a la cual, “la mala moneda desplaza a la buena”. Trasladado al ámbito institucional, esta idea sugiere que, en un plano institucional, en donde coexisten buenos funcionarios y malos funcionarios en entornos caracterizados por la impunidad y la ausencia de controles efectivos, las conductas corruptas actúan como la “mala moneda” desplazando a los buenos actores.

Este desplazamiento se explica por la asimetría de la información institucional, en la relación de administrado y administrador. En donde la desviación deja de ser una patología marginal para convertirse en la *normalización de la desviación*, una institución en donde los estándares éticos se erosionan progresivamente hasta que las conductas antes intolerables se integran en la cultura organizacional como prácticas comunes. Siguiendo la explicación de Diane Vaughan²², este fenómeno puede entenderse como un proceso progresivo mediante el cual prácticas inicialmente consideradas inaceptables terminan siendo toleradas y, eventualmente, normalizadas

²¹ BECKER, Gary S. Crimen y castigo: un enfoque económico. In: ROEMER, A. (org.). Derecho y economía: una revisión de la literatura. Ciudad: Fondo de Cultura Económica, 2000. p. 390.

²² Al respecto, véase el análisis de la autora sobre cómo la repetición del riesgo sin consecuencias inmediatas redefine los estándares operativo en VAUGHAN, D. *The Challenger launch decision: Risky technology, culture, and deviance at NASA*. Ciudad: University of Chicago Press, 1996..

dentro de una organización. En tal sentido, cuando una conducta desviada se reproduce de manera reiterada sin generar consecuencias negativas inmediatas o visibles, tiende a consolidarse como un estándar operativo, integrándose en la cultura organizacional como una práctica ordinaria, lo que debilita progresivamente los mecanismos internos de control.

Bajo esta lógica institucional, este escenario implica que las reglas formales no agotan la capacidad de dirección del sistema, toda vez que la eficacia real de la institución está supeditada a las prácticas informales²³ que estructuran el comportamiento de los funcionarios públicos. En concordancia con Douglass North, los cambios institucionales no se realizan de forma abrupta sino progresiva, como señala el autor:

El cambio institucional es un proceso complicado porque los cambios habidos al margen pueden ser consecuencia de los cambios en cuanto a normas, limitaciones informales y diversas clases de efectividad y observancia coercitiva. Además, generalmente las instituciones cambian de un modo incremental, no de un modo discontinuo. Cómo y por qué cambian incrementalmente y por qué razón inclusive los cambios discontinuos (tales como revolución y conquista) no son nunca totalmente discontinuos son un resultado del encajonamiento de limitaciones informales en las sociedades. Aunque las normas formales pueden cambiar de la noche a la mañana como resultado de decisiones políticas o judiciales, las limitaciones informales encajadas en costumbres, tradiciones y códigos de conducta son mucho más resistentes o impenetrables a las políticas deliberadas. Estas limitaciones culturales no solamente conectan el pasado con el presente y el futuro, sino que nos proporcionan una clave para explicar la senda del cambio histórico²⁴.

²³ Por “prácticas informales” se entiende los patrones de conducta, incentivos y reglas no escritas que orientan la actuación cotidiana de los funcionarios públicos, los cuales se encuentran condicionados por sus contextos individuales y organizacionales. La reiteración de estas conductas, en interacción con otros agentes, configura la dinámica colectiva adentro de las instituciones, pudiendo operar de manera paralela o incluso internalizarse como parte de la práctica institucional misma.

²⁴ NORTH, Douglass C. Instituciones, cambios institucional y desempeño económico (Bárcena A., Trad.). Fondo de Cultura Económica, 2014. pág. 17.

En consecuencia, cuando las estructuras informales –tanto las que se realizan al interior de las instituciones como aquellas prácticas sociales externas– consolidan la tolerancia frente a la infracción, el sistema no solo pierde su fuerza normativa, sino que termina incorporando tales conductas como parte de su funcionamiento ordinario. Este proceso de *normalización de la desviación* revela por qué las reformas centradas exclusivamente en el plano legal resultan insuficientes e ineficaces frente a la resistencia de una institución que ha mimetizado la irregularidad con la operatividad cotidiana.

3. LA TERCERA DIMENSIÓN DE LAS REFORMAS PROCESALES

Los capítulos anteriores permitieron desarrollar dos ideas centrales. En primer lugar, que el proceso penal posee una finalidad específica distinguiéndose de los fines político-criminales. En segundo término, que las reformas procesales enfrentan límites institucionales derivados de dinámicas burocráticas, estructuras organizacionales y prácticas informales capaces de neutralizar parcialmente los objetivos normativos de la reforma.

Sin embargo, aún persiste una cuestión fundamental de la reforma procesal. ¿Qué tan importante es realmente la reforma procesal?

3.1 LA DIMENSIÓN SOCIAL COMO PROBLEMA ESTRUCTURAL DE LA REFORMA JUDICIAL

Tradicionalmente, las reformas procesales latinoamericanas han sido concebidas principalmente desde una lógica técnico-jurídica. El eje del debate se ha concentrado en cuestiones como oralidad, intermediación, contradicción, redistribución de funciones procesales o fortalecimiento de garantías. Aunque estos elementos son indispensables dentro de un Estado constitucional de derecho, muchas veces el análisis ha dejado en un segundo plano las condiciones materiales concretas de los ciudadanos que interactúan con el sistema judicial.

A diferencia de las otras dimensiones previamente desarrolladas, la dimensión social no se refiere al diseño normativo del proceso ni al

funcionamiento interno de las instituciones judiciales, sino al contexto estructural de vulnerabilidad o desigualdad desde el cual los ciudadanos interactúan con el derecho. Esta precisión resulta fundamental para evitar la ambigüedad conceptual advertida por los pares revisores.

La tercera dimensión puede definirse, entonces, como el conjunto de condiciones socioeconómicas, culturales e informativas que condicionan materialmente el acceso efectivo a la justicia y la posibilidad real de ejercer derechos procesales en igualdad de condiciones.

Desde esta perspectiva, las reformas procesales no fracasan únicamente por deficiencias normativas o institucionales, sino también porque operan sobre sociedades profundamente desiguales donde amplios sectores de la población carecen de capacidades reales para beneficiarse de las garantías formalmente reconocidas por el ordenamiento jurídico²⁵.

3.2 POBREZA, VULNERABILIDAD Y ACCESO EFECTIVO A LA JUSTICIA EN EL PERÚ

El escenario peruano actual es sumamente revelador para examinar la desconexión entre el diseño de las políticas públicas y las demandas materiales de su población. Históricamente, el debate en torno a la reforma del sistema de justicia en el Perú ha estado monopolizada por un enfoque estrictamente político-criminal, una narrativa punitiva que hoy se sigue alimentando por el incremento de la violencia en el país. Según los datos oficiales del Instituto Nacional de Estadística e informática (INEI), la tasa de homicidios por muertes violentas asociadas a hechos delictivos dolosos ha seguido una tendencia ascendente a partir del año 2022, teniendo una tasa estimada de 10,1 por cada 100,000

²⁵ Sobre este problema, Roberto Gargarella reflexiona acerca de las dificultades que enfrentan ciertos sectores sociales para articular adecuadamente sus demandas colectivas cuando carecen de mecanismos institucionales y organizativos suficientes para expresar efectivamente su voluntad. En el contexto peruano, ello puede vincularse con la fuerte centralización existente en las grandes ciudades, situación que frecuentemente deja en condiciones de mayor marginalidad a sectores territoriales con menores recursos. Al respecto véase: GARGARELLA, Roberto. La justicia frente al gobierno: sobre el carácter contramayoritario del poder judicial. Quito: Corte Constitucional para el Período de Transición, 2011. p. 210.

habitantes para el cierre del 2024 y un estimado proyectado de 10,7 para el 2025. No obstante, a pesar del preocupante aumento de criminalidad, resulta poco coherente y proporcional el enfoque puramente normativo al contrastarlo con otros datos de la realidad de la ciudadanía. Así, enfermedades como las infecciones respiratorias agudas alcanzan una tasa de mortalidad de 18,72 por cada 100,000 habitante²⁶. Este contraste revela una profunda distorsión en la percepción del riesgo social; mientras la criminalidad concentra la atención pública y mediática, las enfermedades constituyen una amenaza estructural significativamente más extendida y persistente.

Esta situación no es fortuita, sino la consecuencia de años de déficit en la atención al cierre de brechas en los servicios públicos, la mala gestión y capacidad operativa impide que los ciudadanos accedan a un servicio de salud de calidad. Por ello muchos ciudadanos optan por ir a atenderse a un centro de salud privado que a uno público porque consideran que estos garantizan de mejor manera la calidad del servicio. Sin embargo, la realidad es apremiante y no todos los ciudadanos tiene la capacidad económica para acceder a servicios de salud privado.

Respecto de la capacidad económica, se tiene registrado que “En el año 2024, la pobreza monetaria afectó al 27,6% de la población del país, lo que equivale a 9 millones 395 mil personas” (INEI, 2025, Párrafo 1)²⁷. Aunque se menciona una disminución respecto al 2023, la incidencia sigue ampliamente por encima de los niveles prepandemia (aproximadamente 20,2% en 2019²⁸). En suma, el informe de la evolución de la pobreza monetaria al 2024 muestra que en conjunto (sumando la condición de

²⁶ MINISTERIO DE SALUD. Comparación de la tasa de mortalidad a través de los años según lista de mortalidad 110, 2000 – 2024. *Repositorio Único Nacional de Información en Salud (REUNIS)*. Disponible en: <https://www.minsa.gob.pe/reunis/?op=1&niv=1&tbl=2>

²⁷ INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA E INFORMÁTICA. Pobreza monetaria afectó al 27,6% de la población del país en el año 2024, 2025. Disponible en: <https://www.gob.pe/institucion/inei/noticias/1164173-pobreza-monetaria-afecto-al-27-6-de-la-poblacion-del-pais-en-el-ano-2024>

²⁸ INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA E INFORMÁTICA. Pobreza monetaria alcanzó al 20,2% en el año 2019, 2020. Disponible en: <https://m.inei.gob.pe/prensa/noticias/pobreza-monetaria-alcanzo-al-20-2-de-la-poblacion-en-el-ano-2019-12196/>

pobres extremos de 5,5%, pobres no extremos de 22,1% y los que están en vulnerabilidad del 31,8%) el 59,4% de la población peruana es pobre o está en riesgo de caer en la pobreza²⁹, lo que denota la grave situación económica y el real acceso efectivo a los servicios de calidad.

Uno de los indicadores más relevantes de las limitaciones estructurales del acceso a la justicia en el Perú se refleja en los elevados niveles de subdenuncia penal. Según el Instituto Nacional de Estadística e Informática (INEI), durante 2024 aproximadamente el 90 % de las víctimas de hechos delictivos no acudió al sistema penal para formular una denuncia, fenómeno que evidencia la persistencia de una importante “cifra negra” de criminalidad. Entre las principales razones identificadas destacan la percepción de que denunciar constituye una pérdida de tiempo (42,6 %), así como el desconocimiento del agresor (21,5 %), mientras que un porcentaje menor manifestó temor a represalias (5,5 %)³⁰. Estos datos permiten advertir que la existencia formal de mecanismos de tutela jurídica no garantiza necesariamente confianza institucional ni acceso efectivo al sistema de justicia, especialmente en contextos caracterizados por precariedad institucional y limitada eficacia estatal.

Cabe precisar que, aunque durante los últimos años el Estado peruano ha expandido significativamente los servicios de asistencia jurídica gratuita mediante la Defensa Pública del Ministerio de Justicia y Derechos Humanos³¹. El incremento sostenido de condiciones de pobreza, informalidad y vulnerabilidad social continúa generando una demanda estructural cada vez mayor sobre dichos servicios³². En efecto, el fortalecimiento de la defensa pública evidencia un esfuerzo institucional

²⁹ INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA E INFORMÁTICA. Evolución de la pobreza monetaria 2015 – 2024, 2025. Disponible en: <https://cdn.www.gob.pe/uploads/document/file/8058556/6763186-peru-evolucion-de-la-pobreza-monetaria-2015-2024.pdf?v=1747173826>

³⁰ INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA E INFORMÁTICA (INEI). Victimización en el Perú 2024: principales resultados. Lima: INEI, 2025.

³¹ MINISTERIO DE JUSTICIA Y DERECHOS HUMANOS. “Más de 1.3 millones de atenciones brindó Defensa Pública del MINJUSDH en 2024 con ampliación y acercamiento de sus servicios a la población”.

³² SUPERINTENDENCIA NACIONAL DE SERVICIOS DE SANEAMIENTO. 4.6 millones de pobladores de zonas rurales consumen agua con niveles inadecuados de cloro. [Nota de prensa] Disponible en: <https://www.gob.pe/>

relevante para ampliar el acceso a la justicia de sectores vulnerables; sin embargo, las capacidades estatales continúan enfrentando importantes límites materiales frente al crecimiento constante de necesidades jurídicas insatisfechas dentro de amplios sectores de la población.

A ello se añade un problema adicional vinculado con la capacidad de ejecución presupuestal del Estado. Si bien determinadas instituciones del gobierno nacional —particularmente aquellas vinculadas al sistema de justicia— han mostrado niveles relativamente altos de ejecución presupuestaria, diversos estudios sobre gestión pública evidencian que los Gobiernos Regionales y Locales mantienen históricamente bajos niveles de ejecución³³, los cuales inciden en sectores esenciales como salud, educación y servicios básicos. Esta situación contribuye indirectamente a profundizar condiciones estructurales de desigualdad y exclusión social que terminan impactando también sobre el funcionamiento real del sistema de justicia. En consecuencia, la crisis de acceso efectivo a derechos no puede analizarse únicamente desde la dimensión estrictamente judicial, sino también desde las limitaciones estructurales de capacidad estatal presentes en amplios niveles de la administración pública.

Este dato no solo es un indicador estadístico: es una evidencia de condiciones materiales que configuran las posibilidades reales de acceso a la justicia. La pobreza —especialmente en su dimensión monetaria— condiciona la capacidad de los individuos para obtener asesoramiento jurídico, sostener litigios, acceder a recursos procesales o incidir en procesos legales en igualdad de armas frente a partes con mayores recursos. En otras palabras, una proporción significativa de la población peruana vive en condiciones que, de *facto*, restringen la función social del derecho como motivador de conducta y garante de derecho, a pesar de tener una legislación procesal con garantías formales.

institucion/sunass/noticias/1008128-4-6-millones-de-pobladores-de-zonas-rurales-consumen-agua-con-niveles-inadecuados-de-cloro

³³ COMEXPERÚ. Gobiernos locales no han ejecutado casi la mitad de su presupuesto para proyectos. Disponible en: <https://www.comexperu.org.pe/articulo/gobiernos-locales-no-han-ejecutado-casi-la-mitad-de-su-presupuesto-para-proyectos>

En sociedades marcadas por desigualdades persistentes, como en la peruana, estos mecanismos tienden a reproducir, más que corregir, las jerarquías existentes, salvo que se adopten medidas explícitas para contrarrestar esas brechas. Es decir, un código procesal bien diseñado puede garantizar formalmente el debido proceso, pero si una parte no tiene medios reales para ejercerlo (por falta de recursos, educación, acceso a información, etc.) la promesa normativa queda vacía de contenido socio-material.

En consecuencia, la justicia no se cumple simplemente con la existencia de mecanismos procesales, sino con la real capacidad de los ciudadanos para ingresar, permanecer y beneficiarse de ellos con las condiciones equivalentes a las de los demás.

En esa línea, Cappelletti y Garth sostienen que una justicia eficaz requiere alcanzar una “igualdad de armas” donde el desenlace del proceso dependa exclusivamente de méritos jurídicos de las partes y no de factores ajenos al derecho. Para los autores, la eficacia del sistema se mide por la capacidad del Estado para identificar y derribar las barreras prácticas que impiden que los ciudadanos litiguen en condiciones de igualdad real³⁴.

Por tanto, la tercera dimensión de la reforma procesal debe comprenderse como un elemento esencial que incide directamente en la eficacia del sistema de justicia. En consecuencia, el análisis de la realidad social debe situarse no solo en el marco jurídico procesal, sino en las condiciones sociales concretas de quienes interactúan con el sistema judicial. Ello implica preguntarse si las reformas procesales han tenido en cuenta:

- Cómo las desigualdades socioeconómicas estructurales afectan al acceso real al derecho;
- Qué brechas existen en la capacidad de las personas para ejercer derechos procesales efectivos;
- Qué mecanismos de soporte (por ejemplo, defensa pública, asistencia legal gratuita, capacitación ciudadana) están disponibles de forma equitativa; y

³⁴ CAPPELLETTI, Mauro.; GARTH, Bryant. El acceso a la justicia: La tendencia en el movimiento mundial para hacer efectivos los derechos. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

- Cómo se articulan las expectativas normativas con las percepciones sociales de legitimidad y justicia.

Estas preguntas relevan que la mera existencia de procesos garantistas no basta si no se vinculan con estrategias sociales que permitan a los grupos vulnerables traducir esos procesos en beneficios reales. En otras palabras, no puede concebirse una reforma procesal efectiva sin comprender al sujeto social permanente que es, al mismo tiempo, objeto y sujeto de esa reforma.

Al dejar de lado la tercera dimensión, las reformas procesales corren el riesgo de convertirse en cambios meramente de etiqueta normativa o institucional, que prescinden de la interacción entre derecho y sociedad. Esto explica por qué numerosas reformas del proceso penal, aunque técnicamente sofisticadas, no han producido los efectos sociales esperados: no han transformado las condiciones materiales de vida que configuran el acceso efectivo al derecho.

En síntesis, la tercera dimensión de las reformas procesales no es un complemento opcional de la discusión jurídica, sino su núcleo hermenéutico y empírico, sin una comprensión profunda de las condiciones sociales de los sujetos de derecho, su situación económica, sus capacidades reales de acceso, sus barreras culturales y estructurales, cualquier reforma continuará siendo una promesa formal, desvinculada de las experiencias vividas por la mayoría de la población. La legitimidad del sistema de justicia no proviene únicamente de su coherencia interna o de la sofisticación técnica, sino de su capacidad para ser percibido y experimentado como justicia por la ciudadanía real, especialmente por aquellos en situación de mayor vulnerabilidad.

CONSIDERACIONES FINALES

La reforma procesal penal, aun cuando ha presentado un avance técnico significativo en términos de garantías, celeridad y racionalidad del sistema, no constituye por sí misma una respuesta suficiente a los problemas estructurales de la justicia. La persistencia de fenómenos como la corrupción, la impunidad o la desigualdad en el acceso a la justicia evidencia que el rediseño normativo del proceso no puede sustituir la

transformación de las condiciones sociales, institucionales y culturales que determinan su funcionamiento real. En consecuencia, atribuir al proceso penal una capacidad transformadora generalizada implica desconocer sus límites epistémicos y funcionales dentro del sistema jurídico.

El proceso penal no puede ser instrumentalizado como un mecanismo directo de realización de fines político-criminales sin comprometer su legitimidad. Su función no radica en producir determinados resultados sociales –como la reducción de la criminalidad–, sino en garantizar decisiones jurídicas correctas mediante el respeto de principios como la imparcialidad, la contradicción y el debido proceso. La confusión entre la función del derecho como instrumento de política criminal y la función del proceso como mecanismo de adjudicación constituye uno de los errores más persistentes en el diseño y evaluación de las reformas judiciales.

La eficacia y legitimidad del sistema de justicia dependen, en última instancia, de las condiciones materiales en las que los ciudadanos acceden y participan en él. En contexto de desigualdad estructural, como el caso peruano, la existencia de garantías procesales formales resultan insuficientes si no se acompañan de mecanismos que aseguren una “igualdad de armas” real. Por ello, la *tercera dimensión* de la reforma procesal penal –la dimensión social– no es un elemento accesorio, sino el núcleo que permite comprender la distancia entre la promesa normativa del derecho y su realización efectiva en la experiencia cotidiana de la ciudadanía.

REFERENCIAS

AGUILERA HINTELHOLHER, Rina M. *La transparencia y la formación de ciudadanía en un gobierno local: Oportunidades y restricciones en Jalisco. Estudios políticos*, México, n. 43, pp. 111-135, 2018. http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-16162018000100111&lng=es&tlng=es.

ANDRÉS IBÁÑEZ, Perfecto. *Tercero en discordia: jurisdicción y juez del Estado constitucional*. Madrid: Editorial Trotta, 2015.

BECKER, Gary S. *Crimen y castigo: un enfoque económico*. (E. Lozano y R. Galván, Trads.). En A. Roemer (Comp.), *Derecho y economía: una revisión de la literatura*. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

CAPPELLETTI, M., y GARTH, B. *El acceso a la justicia. La tendencia en el movimiento mundial para hacer efectivos los derechos*. (Mónica Miranda, trad.). Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1996.

COMEXPERÚ. Gobiernos locales no han ejecutado casi la mitad de su presupuesto para proyectos. Disponible en: <https://www.comexperu.org.pe/articulo/gobiernos-locales-no-han-ejecutado-casi-la-mitad-de-su-presupuesto-para-proyectos>

DELGADO MENÉNDEZ, M. A. La reforma procesal penal en el Perú: rompiendo moldes, conquistando metas y enfrentando pendientes. *Derecho PUCP*, n. 65, pp. 69–91, 2010. <https://doi.org/10.18800/derechopucp.201002.003>

TEUBNER, Gunther. *El derecho como sistema autopoiético de la sociedad global*. Lima: Ara Editores, 2005.

TRANSPARENCY INTERNATIONAL. IPC 2022 de las Américas: Terreno fértil para el crimen organizado y los abusos de derechos humanos. 2023. Disponible en: <https://www.transparency.org/es/news/cpi-2022-americas-corruption-criminal-networks-human-rights-abuses>

HART, H. L. A. *El concepto de derecho* (G. R. Carrió, Trad.). Buenos Aires: Abeledo Perrot, 1998.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA E INFORMÁTICA. Pobreza monetaria alcanzó al 20,2% en el año 2019, 2020. Disponible en: <https://m.inei.gob.pe/prensa/noticias/pobreza-monetaria-alcanzo-al-202-de-la-poblacion-en-el-ano-2019-12196/>

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA E INFORMÁTICA. Evolución de la pobreza monetaria 2015 – 2024, 2025. Disponible en: <https://cdn.www.gob.pe/uploads/document/file/8058556/6763186-peru-evolucion-de-la-pobreza-monetaria-2015-2024.pdf?v=1747173826>

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA E INFORMÁTICA (INEI). Victimización en el Perú 2024: principales resultados. Lima: INEI, 2025

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA E INFORMÁTICA. Pobreza monetaria afectó al 27,6% de la población del país en el año 2024, 2025. Disponible en: <https://www.gob.pe/institucion/inei/noticias/1164173-pobreza-monetaria-afecto-al-27-6-de-la-poblacion-del-pais-en-el-ano-2024>

INSTITUTO DE ESTUDIOS PERUANOS (ENADES). II Encuesta nacional de percepción de desigualdades, 2024. Disponible en: <https://estudiosdeopinion.iep.org.pe/informe/ii-encuesta-nacional-de-percepcion-de-desigualdades-enades-2024/>

LANGER, Máximo. Revolución en el proceso penal latinoamericano: Difusión de ideas legales desde la periferia. Disponible en: <https://inecip.org/documentos/revolucion-en-el-proceso-penal-latinoamericano-difusion-de-ideas-legales-desde-la-periferia/>

LUHMANN, Niklas. *El derecho de la sociedad*. 2005. Disponible en: <https://archive.org/details/LuhmannNiklasElDerechoDeLaSociedad/Luhmann-Niklas-El-Derecho-de-La-Sociedad/>

MINISTERIO DE SALUD. Comparación de la tasa de mortalidad a través de los años según lista de mortalidad 110, 2000 – 2024. Repositorio Único Nacional de Información en Salud (REUNIS). Disponible en: <https://www.minsa.gob.pe/reunis/?op=1&niv=1&tbl=2>

MINISTERIO DE JUSTICIA Y DERECHOS HUMANOS. “Más de 1.3 millones de atenciones brindó Defensa Pública del MINJUSDH en 2024 con ampliación y acercamiento de sus servicios a la población”. Disponible en: <https://www.gob.pe/institucion/minjus/noticias/1116880-mas-de-1-3-millones-de-atenciones-brindo-defensa-publica-del-minjusdh-en-2024-con-ampliacion-y-acercamiento-de-sus-servicios-a-la-poblacion>

MONTERO AROCA, J. El proceso civil en el siglo XXI: tutela y garantía. *Revista del Instituto Colombiano de Derecho Procesal*. pp. 193 – 202, 2006. <https://biblioteca.cejamerica.org/handle/2015/1073>

NORTH, Douglass C. *Instituciones, cambios institucional y desempeño económico* (Bárcena A., Trad.). Fondo de Cultura Económica, 2014.

ORGANIZACIÓN PARA LA COOPERACIÓN Y EL DESARROLLO ECONÓMICO (OECD). Estudio de la Justicia de la OCDE en el Perú: Hacia instituciones de justicia eficaces y transparentes para un crecimiento inclusivo. París: OECD Publishing, 2024. Disponible en: <https://doi.org/10.1787/e32675d5-es>.

CENTRO NACIONAL DE PLANEAMIENTO ESTRATÉGICO. Observatorio Nacional de Prospectiva. Incremento de la corrupción, 2025. Disponible en: <https://observatorio.ceplan.gob.pe/ficha/t80>

CENTRO NACIONAL DE PLANEAMIENTO ESTRATÉGICO. Observatorio Nacional de Prospectiva. Mayor desconfianza en los poderes del Estado, 2025. Disponible en: https://observatorio.ceplan.gob.pe/ficha/t5_ama

PICÓ I JUNOY, J. El Derecho Procesal entre el Garantismo y la Eficacia: Un Debate Mal Planteado. *Derecho & Sociedad*, n. 38, pp. 274–280, 2012. Recuperado a partir de <https://revistas.pucp.edu.pe/index.php/derechoysociedad/article/view/13126>

PROGRAMA DE LAS NACIONES UNIDAS PARA EL DESARROLLO. (PNUD). *Informe sobre desarrollo humano 2025: Actuar, confiar y conectar caminos*. 2025. Disponible en: <https://www.undp.org/es/peru/publicaciones/informe-sobre-desarrollo-humano-2025-actuar-confiar-y-conectar-caminos>

PROCURADURÍA PÚBLICA ESPECIALIZADA EN DELITOS DE CORRUPCIÓN. Corrupción en el sistema de justicia: Caso “Los cuellos Blancos del Puerto” (Informe especial). Ministerio de Justicia y Derechos Humanos, Lima, 2019. Disponible en: <https://procuraduriaanticorruptcion.minjus.gob.pe/wp-content/uploads/2020/04/INFORME-ESPECIAL-CORRUPCION-EN-EL-SISTEMA-DE-JUSTICIA-1.pdf>

SUPERINTENDENCIA NACIONAL DE SERVICIOS DE SANEAMIENTO. 4.6 millones de pobladores de zonas rurales consumen agua con niveles inadecuados de cloro. [Nota de prensa] Disponible en: <https://www.gob.pe/institucion/sunass/noticias/1008128-4-6-millones-de-pobladores-de-zonas-rurales-consumen-agua-con-niveles-inadecuados-de-cloro>

VAUGHAN, D. (1996). *The Challenger launch decision. Risky technology, culture, and deviance at NASA*. University of Chicago Press.

Authorship information

Nancy Marleny Guzmán Ruiz de Castilla, Doctora en Educación, egresada del Doctorado en Derecho, Maestra en Ciencias Penales y Abogada por la USMP. Especialista en Crimen Organizado, Corrupción y Terrorismo por la Universidad de Salamanca, España. Curso Superior de Litigación oral por la Universidad de Salamanca, España. Ex Jueza Penal de Lima. Miembro de la Academia Iberoamericana de doctores en educación AIBDE, Profesora de Derecho Penal y Procesal Penal en la USMP. Ex Directora de Grados y Títulos de la Universidad de San Martín de Porres, Ex Responsable de la Maestría en Derecho Penal, Ex responsable de la Maestría en Derecho Procesal. Directora del Instituto de Investigación de la USMP. nguzmanr@usmp.pe

Additional information and author's declarations (scientific integrity)

Conflict of interest declaration: the author confirms that there are no conflicts of interest in conducting this research and writing this article.

Declaration of authorship: all and only researchers who comply with the authorship requirements of this article are listed as authors; all coauthors are fully responsible for this work in its entirety.

Declaration of originality: the author assures that the text here published has not been previously published in any other resource and that future republication will only take place with the express indication of the reference of this original publication; she also attests that there is no third party plagiarism or self-plagiarism.

Data Availability Statement: In compliance with open science policies, all data generated or analyzed during this study are included in this published article.

IA Statement: The authors declare that they are aware that the use of artificial intelligence must not supplant the human originality of the research, and that full responsibility for any errors or plagiarism rests entirely with the authors. The authors declare that IA was used in the following stages of this research: linguistic review, searching for information sources, text translation, literature review, and data management.

Editorial process dates (<https://revista.ibraspp.com.br/RBDPP/about>)

- Submission: 19/03/2026
- Desk review and plagiarism check: 20/03/2026
- Review 1: 06/04/2026
- Review 2: 12/04/2026
- Preliminary editorial decision: 10/05/2026
- Correction round return: 25/05/2026
- Final editorial decision: 28/05/2026

Editorial team

- Editor-in-chief: 1 (VGV)
- Associated-editor: 1 (EK)
- Reviewers: 2

HOW TO CITE (ABNT BRAZIL):

GUZMÁN RUIZ DE CASTILLA, Nancy M. La tercera dimensión de la reforma procesal: un análisis de la coyuntura social, política y jurídica en el Perú *Revista Brasileira de Direito Processual Penal*, vol. 12, n. 2, e1443, mai./ago. 2026. <https://doi.org/10.22197/rbdpp.v12i2.1443>



License Creative Commons Attribution 4.0 International.

La gestión judicial en las reformas procesales penales latinoamericanas: etapas, tensiones y disputas no resueltas

Judicial Management in Latin American Criminal Procedure Reforms: Stages, Tensions, and Unresolved Disputes

Leonel González¹

Universidad Alberto Hurtado, Santiago, Chile

lgonzalezp@uahurtado.cl

 <https://orcid.org/0000-0001-7924-7791>

Sidonie Porterie²

Universidad de Flores, Buenos Aires, Argentina

sidoporterie@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0001-6882-5100>

Aldana Romano³

Universidad de Flores, Buenos Aires, Argentina

aromanobordagaray@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0003-5432-4617>

RESUMEN: La gestión judicial fue uno de los conceptos más invocados en las reformas procesales penales latinoamericanas de las últimas

¹ Magíster en Derecho Penal y Procesal Penal por Osgoode Hall Law School de la Universidad de York (Canadá). Profesor de la Facultad de Derecho de la Universidad Alberto Hurtado e investigador del Instituto de Estudios Comparados en Ciencias Penales y Sociales (INECIP).

² Licenciada en Ciencia Política por la Universidad de Buenos Aires (Argentina). Profesora de la Facultad de Derecho de la Universidad de Flores e investigadora del Instituto de Estudios Comparados en Ciencias Penales y Sociales (INECIP).

³ Licenciada en Ciencia Política por la Universidad de Buenos Aires (Argentina). Profesora de la Facultad de Derecho de la Universidad de Flores e investigadora del Instituto de Estudios Comparados en Ciencias Penales y Sociales (INECIP).

tres décadas, pero su contenido permanece disputado. En este artículo nos preguntamos cómo se entendió la gestión judicial en las distintas etapas de la reforma de la justicia penal; buscamos identificar las orientaciones hoy en disputa, y las analizamos en clave de su contribución al objetivo de una justicia penal democrática. Para ello, reconstruimos la trayectoria histórica de la gestión judicial desde 1994 -punto de partida de una ola reformista que se extendió a toda la región- hasta la actualidad. El argumento central es que esa trayectoria no es accidental: refleja tensiones estructurales no resueltas entre el modelo inquisitorial que las reformas buscaron abandonar y el modelo adversarial democrático que intentaron construir. Mediante un análisis histórico-político apoyado en literatura especializada e informes empíricos de seguimiento regional, el artículo identifica tres etapas: una primera marcada por la despreocupación por la gestión; una segunda en la que la gestión irrumpió como problema central y dio lugar a nuevos diseños organizacionales; y una etapa actual en la que coexisten en tensión dos orientaciones — modernizadora/gerencialista y política/estructural — con premisas y objetivos distintos. El artículo propone además un marco conceptual de base organizacional para leer críticamente esa disputa y evaluar sus implicancias prácticas.

PALABRAS CLAVE: gestión judicial; reforma procesal penal; sistema adversarial; organización judicial; América Latina.

ABSTRACT: *Judicial management was one of the most frequently invoked concepts in Latin American criminal procedure reforms over the past three decades, yet its meaning remains contested. In this article, we ask how judicial management was understood in the different stages of criminal justice reform; we seek to identify the orientations currently in dispute, and we analyze them in light of their contribution to the goal of a democratic criminal justice system. To this end, we reconstruct the historical trajectory of judicial management from 1994 - the starting point of a wave of reform that extended throughout the region- to the present. The central argument is that this trajectory is not accidental: it reflects unresolved structural tensions between the inquisitorial model that the reforms sought to abandon and the democratic adversarial model they aimed to build. Through a historical-political analysis drawing on specialized literature and empirical regional monitoring reports, the article identifies three stages: an initial stage marked by indifference toward management; a second in which management emerged as a central problem and gave rise to new organizational designs; and a*

current stage in which two orientations coexist in tension –modernizing/managerialist and political/structural – with distinct premises and objectives. The article also proposes an organizational conceptual framework to critically examine this dispute and assess its practical implications.

KEYWORDS: *judicial management; criminal procedure reform; adversarial system; judicial organization; Latin America.*

CONTENIDO: Introducción; I. El punto de partida: la organización judicial inquisitiva como matriz burocrática; II. Los ciclos de la gestión judicial en la reforma latinoamericana; III. La gestión judicial como un campo en disputa; Conclusiones; Bibliografía.

INTRODUCCIÓN

Las reformas procesales penales latinoamericanas de las últimas tres décadas constituyeron uno de los procesos de transformación institucional más profundos en la historia de la región. Iniciadas con la entrada en vigencia del Código Procesal Penal de Guatemala en 1994, se extendieron en toda la región y a un número sustancial de provincias y estados subnacionales⁴, dando lugar a lo que Langer denominó una “revolución en el proceso penal latinoamericano”: el pasaje de sistemas inquisitivos escritos a modelos adversariales y orales que transformaron las reglas del proceso, el rol de los actores y, paulatinamente, la organización misma de los tribunales⁵.

La discusión sobre la gestión judicial atravesó ese proceso de manera desigual: estuvo inicialmente ausente, irrumpió luego como una necesidad urgente y ocupa hoy un lugar central, aunque disputado, en los debates sobre el rumbo de las reformas. Atendiendo a ello, este artículo se propone analizar las disputas alrededor de la gestión judicial en América Latina en el marco del proceso de reforma de la justicia penal haciendo uso

⁴ Véase FUCHS-FANDIÑO-GONZÁLEZ (dirs.) (2018), p. 579 y ss., donde se exponen los antecedentes históricos y la situación del sistema adversarial en la región.

⁵ LANGER (2007).

de las herramientas conceptuales de la teoría organizacional⁶. El argumento principal es que la trayectoria de la gestión judicial no es accidental: refleja las dificultades —conceptuales, políticas e institucionales— de construir un modelo de organización judicial verdaderamente al servicio del proceso penal adversarial y, más profundamente, de la reconfiguración democrática del Poder Judicial. Las preguntas que guían el análisis son: ¿cómo se entendió la gestión judicial en las distintas etapas de la reforma de la justicia penal en América Latina? ¿Cuáles son hoy las orientaciones en disputa y en qué medida contribuyen al objetivo de una justicia penal democrática?

Para ello, en primer lugar, se propone revisitar los objetivos fundantes de la reforma latinoamericana, con el objetivo de comprender mejor el sentido que ésta tuvo en la región. En segundo lugar, el artículo reconstruye el derrotero de la gestión judicial al interior de las etapas por las que transitó la reforma, desde su inicial desatención hasta su incorporación como uno de los problemas centrales de la agenda reformista. En tercer lugar, analizamos qué significa que la gestión judicial se haya convertido en un campo en disputa. En ese marco, primero analizamos de qué manera la incorporación de la gestión judicial supuso diferentes estrategias enmarcadas en diversas conceptualizaciones, dando lugar a dos orientaciones que coexisten en pugna en el proceso de reforma latinoamericano en la etapa actual. Tras ello, exponemos los principales conceptos teóricos de la teoría organizacional, ya que desde allí es posible repensar los alcances de la gestión judicial. Y finalmente, analizamos la tensión actual sobre la gestión judicial a la luz de los objetivos fundantes de la reforma, atendiendo a la necesidad de hacer de la oralidad un principio de la gestión judicial. Por último, a modo de conclusión, sintetizamos los principales planteos desarrollados a lo largo del trabajo.

El artículo se basa en un análisis histórico-político de fuentes secundarias: literatura académica especializada en derecho procesal penal comparado y reforma judicial, teoría de las organizaciones y administración, informes empíricos de seguimiento producidos por organismos regionales y legislación procesal comparada. El recorte temporal responde al período en que las reformas procesales penales

⁶ Véase ETKIN (2020) donde se desarrollan los planteos centrales de la teoría organizacional sobre política, ideología y poder en las organizaciones.

adquirieron escala regional: desde 1994, con la entrada en vigencia del primer código reformado en Guatemala, hasta el presente. La selección de experiencias nacionales -Chile, Argentina/Chubut, Guatemala- no pretende ser exhaustiva sino ilustrativa de los hitos organizacionales más significativos en cada etapa. La dimensión comparada permite identificar patrones comunes y divergencias que trascienden los contextos nacionales específicos.

I. EL PUNTO DE PARTIDA: LA ORGANIZACIÓN JUDICIAL INQUISITIVA COMO MATRIZ BUROCRÁTICA

La reforma de la justicia penal supuso una reconfiguración de la misión institucional de los tribunales, en clave de qué se espera de un poder judicial en democracia, y cuáles son, en ese sentido, las formas de organización y administración de la justicia que garantizan la posibilidad de un juzgador imparcial. Es por ello que la reforma de la justicia penal en América latina tiene un carácter profundamente político, ya que busca romper y superar un modelo de administración de justicia inquisitorial y colonial.

No casualmente la reforma de la justicia penal se suscitó en el marco de los procesos de democratización que atravesaron la región luego de gobiernos autoritarios y dictatoriales. La discusión por las características del sistema de justicia penal en democracia supuso una revisión de los modelos constitucionales en oposición a las formas de administrar justicia, herederas de la colonia⁷. En definitiva, el Poder Judicial cumple en democracia con una función central e indispensable para la vida comunitaria, como es la pacificación social. Es centralmente responsable de garantizar que los conflictos no se resuelvan con violencia. Los tribunales, en particular, son organizaciones que intervienen para alcanzar la pacificación y, a veces, concretan la justicia en el conflicto⁸.

La forma en la que se administra la justicia no es menor, en la medida en que, para poder cumplir con su función, para lograr efectivamente

⁷ BINDER (2016)

⁸ BINDER, (2013), p. 315.

alcanzar la pacificación, el Poder Judicial debe ser reconocido como un poder legítimo. La legitimidad del Poder Judicial, en este sentido, depende mucho más que la de otros poderes del cumplimiento de su misión institucional y de su reconocimiento por parte de la sociedad. A diferencia de otros poderes del Estado, la legitimidad del Poder Judicial se funda en su independencia —no en el sufragio popular—, aunque se configura como imparcialidad⁹. Su forma de garantizar el interés general es asegurando que nadie, ninguna de las partes involucradas, tiene una ventaja o un privilegio. La independencia es una condición de la imparcialidad, pero no se resume en ella. Aunque es necesario “ser independiente para estar en condiciones de ser imparcial, la independencia no basta para conseguir la imparcialidad.”¹⁰ Pierre Rosanvallon sostiene, dentro de su análisis por las nuevas legitimidades democráticas, que *la legitimidad de imparcialidad* es una cualidad antes que un estatus, por lo que debe ser construida y validada de forma permanente. Por ello no alcanza con que el Poder Judicial sea efectivamente imparcial, sino que tiene que también parecerlo; debe contribuir a “hacer sensible a todos el carácter de esta imparcialidad”¹¹ demostrando a la sociedad que no está cooptado por partidos políticos o grupos de interés¹².

Así como la democracia tiene un componente ideal constitutivo, “un ideal generalizado de progresiva mayor igualdad”¹³, la justicia democrática debe, para sostenerse, demostrar que es accesible para todos y que busca siempre la garantía de la imparcialidad¹⁴. Una justicia democrática que busca la pacificación debe poder garantizar la celeridad, la oposición y fundamentalmente la publicidad de sus decisiones. El sistema escritural y secreto propio de la inquisición va literalmente a contramano de las exigencias democráticas. La oralidad es por eso, en

⁹ ROSANVALLON (2009)

¹⁰ ROSANVALLON (2009), p.145

¹¹ ROSANVALLON (2009), p. 147

¹² ANNUNZIATA (2016), p.48

¹³ SARTORI (2007), p.31

¹⁴ ROSANVALLON (2009)

esta lógica, la forma de mayor calidad con la que cuentan los sistemas de justicia para procesar los conflictos¹⁵.

Recuperando los conceptos desplegados hasta aquí, podemos decir entonces que en democracia los tribunales tienen la misión institucional de pacificar los conflictos de la sociedad desde una posición imparcial respecto a las partes involucradas y mediante el desenvolvimiento de procedimientos orales. Esta definición, por sucinta que parezca, demarca los objetivos institucionales y nos vale, en esta instancia, para poder discriminar modelos de organización y gestión judicial que no propenden a la oralización de la justicia penal.

Esta exigencia democrática de imparcialidad no es solo una cuestión normativa: depende de manera decisiva de cómo se organiza internamente el tribunal. Un sistema que concentra poder en el juez individual no puede garantizar imparcialidad real, por más que sus códigos la proclamen.

Para comprender el problema de la gestión judicial en el contexto de las reformas es necesario partir del sistema organizacional que se pretendía transformar. Maier caracterizó la estructura judicial heredada del modelo inquisitivo al señalar que la organización judicial latinoamericana era de carácter “feudal”: una estructura rígida, compuesta por un cuerpo de funcionarios subordinados al juez individual, sin autonomía real y fuertemente jerarquizada¹⁶. Este modelo organizacional no era un problema de diseño técnico, sino la expresión estructural de una cultura jurídica que Binder describió como “la cultura de los abogados: opiniones, creencias, rutinas, hábitos de trabajo, ideas y valoraciones presentes en el conjunto de actividades que llevan adelante los abogados en tanto tales”¹⁷. En ese contexto, el juzgado no era concebido como un dispositivo al servicio de las partes y del proceso sino como el territorio personal del juez, donde las funciones administrativas y jurisdiccionales se confundían sistemáticamente.

¹⁵ BINDER (2011)

¹⁶ MAIER (2013), p. 477 y ss. La caracterización refiere originalmente a la organización judicial argentina, pero es extensible al conjunto de los sistemas inquisitivos latinoamericanos.

¹⁷ BINDER (2013), p. 350.

Esta confusión tenía consecuencias institucionales profundas. Binder describió cómo el sistema de justicia penal funcionaba en base a la delegación de funciones: el juez delegaba en su personal auxiliar la mayor parte de las tareas sustantivas, dando lugar a la paradoja de un “juzgado que funciona sin juez” y la “majestad” de la judicatura —su aureola de autoridad formal— convivía con una práctica cotidiana en la que los expedientes eran contruidos y en buena medida resueltos por empleados no letrados¹⁸. El expediente, como objeto material y organizacional central del proceso escrito, era simultáneamente la unidad de trabajo y la célula de la burocracia: todo giraba alrededor de su confección, traslado, custodia y archivo.

Crozier y Blau demostraron que las burocracias no son estructuras neutras de administración de recursos, sino sistemas de poder con lógicas propias que pueden desvirtuar los fines para los cuales fueron creadas¹⁹. El Poder Judicial latinoamericano era un ejemplo paradigmático de esa dinámica: su organización inquisitorial no sólo respondía a una herencia colonial, sino que producía activamente prácticas de dominación interna y negación de los derechos de los justiciables. Perfecto Andrés Ibáñez señaló que la llegada del constitucionalismo moderno y la incorporación de los derechos fundamentales imponía una transformación del estatuto del juez: la función judicial ya no podía ser meramente operativa, sino que asumía una nueva dimensión democrática como custodio de derechos²⁰. En esa misma dirección, Bergalli señaló que el fortalecimiento de la jurisdicción como institución democrática constituye una condición indispensable para la consolidación del Estado de Derecho, lo que exige transformaciones que van más allá del mero cambio normativo²¹. Esa tensión entre la organización heredada y las exigencias del Estado de Derecho sería el terreno donde germinarían las reformas.

¹⁸ BINDER (1997), p. 223.

¹⁹ CROZIER (1969); BLAU (1971).

²⁰ IBÁÑEZ (2015).

²¹ BERGALLI (1999).

II. LOS CICLOS DE LA GESTIÓN JUDICIAL EN LA REFORMA LATINOAMERICANA

PRIMERA ETAPA: EL FETICHISMO NORMATIVISTA Y LA GESTIÓN AUSENTE

La entrada en vigencia del Código Procesal Penal de Guatemala en 1994 marcó el inicio formal de la ola reformista. Langer identificó como mecanismo principal de su propagación un proceso de “difusión desde la periferia”: a diferencia de los modelos habituales de trasplante jurídico —donde la dirección va de los países centrales a los periféricos—, en este caso fueron los propios actores latinoamericanos, organizados en redes transnacionales de reforma, quienes impulsaron la diseminación regional²². Esa dinámica explica en parte por qué la reforma viajó con rapidez entre jurisdicciones: cada nueva adopción generaba una suerte de presión de grupo sobre los países que aún no habían reformado, produciendo lo que el propio Langer describió como un efecto cascada.

Sin embargo, el estudio colectivo más completo sobre esta primera etapa —coordinado por Maier, Ambos y Woischnik, publicado en el año 2000— reveló un rasgo sintomático: en ninguno de los países analizados existía una preocupación por la gestión y administración de los tribunales²³. El diagnóstico se limitaba a la independencia judicial en su concepción clásica —autonomía del poder judicial frente a los demás poderes del Estado— sin interrogarse sobre cómo funcionaban internamente los tribunales, cómo se administraban sus recursos o cómo se organizaba la producción de audiencias. La reforma era concebida, en lo esencial, como un cambio normativo: bastaba con sancionar un nuevo código para producir la transformación del sistema.

Binder nombró esta lógica con precisión: “fetichismo normativista”, definido como la práctica de sancionar leyes ambiciosas de cambio para luego despreocuparse de su puesta en marcha, confiando en que el texto

²² LANGER (2007).

²³ MAIER-AMBOS-WOISCHNIK (2000). El estudio abarca las reformas en Argentina, Bolivia, Brasil, Chile, Colombia, Costa Rica, Cuba, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Paraguay, Perú, Uruguay y Venezuela.

legal producirá por sí sólo la transformación buscada²⁴. Las consecuencias fueron documentadas claramente por los informes de seguimiento del CEJA. El informe comparativo del año 2003 señalaba que la principal debilidad administrativa de todos los sistemas reformados era “la relación con los problemas en la organización de las audiencias orales. En todos los casos los actores identificaron como un problema sustancial el permanente fracaso de las audiencias con las consiguientes demoras, frustración para las partes que sí asisten y pérdida de recursos en términos de tiempo de los actores”²⁵.

La evidencia empírica era contundente. Para citar un ejemplo, en Bolivia, los informes de seguimiento del CEJA documentaron que el sistema de suplencias judiciales era uno de los principales factores de fracaso y superposición de audiencias: había temporadas en que sólo operaba la mitad de los jueces cautelares disponibles²⁶. Pásara, en su balance de este período, concluyó que las reformas habían cambiado los textos legales, pero no el funcionamiento real del sistema, generando expectativas que las instituciones eran incapaces de satisfacer²⁷. Binder, en una evaluación más sistémica, señaló que “en términos generales la organización judicial demostraba una alta incapacidad para resolver los problemas prácticos para la realización del juicio oral y ello provocaba desazón en las víctimas, violaciones en los derechos de los imputados, mora judicial y excesos en la duración de los procesos”²⁸.

Esta brecha entre promesas normativas y prácticas concretas fue también documentada empíricamente por investigaciones posteriores. Sozzo y Langer mostraron que en varios países reformados los casos se resuelven mayoritariamente mediante mecanismos de condena sin juicio (sentencias negociadas entre fiscales y defensores), sin que la oralidad haya penetrado efectivamente las prácticas cotidianas de los operadores²⁹.

²⁴ BINDER (2002), p. 68.

²⁵ CEJA (2003), Informe comparativo: Proyecto de seguimiento de los procesos de reforma judicial en América Latina (agosto 2003), disponible en www.cejamericas.org.

²⁶ ARDUINO en CEJA (2007).

²⁷ PÁSARA (2014).

²⁸ BINDER (2019), p. 69.

²⁹ LANGER-SOZZO (2023); SOZZO (2020).

SEGUNDA ETAPA: LA GESTIÓN COMO PROBLEMA CENTRAL Y LOS NUEVOS DISEÑOS ORGANIZACIONALES

Las lecciones de la primera etapa se incorporaron, con distintos grados de profundidad, en las reformas de la década siguiente. El hito más significativo fue la entrada en vigencia del Código Procesal Penal de Chile en el año 2000, que introdujo no sólo un nuevo modelo procesal sino una arquitectura institucional inédita en la región: la separación formal y estructural entre funciones jurisdiccionales y administrativas, a cargo estas últimas de oficinas judiciales conducidas por un administrador profesional de tribunal que —deliberadamente— no debía ser por obligación un abogado³⁰. La justificación de esa decisión era clara: la gestión de recursos humanos, logísticos y administrativos requiere una formación específica para la cual la carrera jurídica tradicional no prepara. Esta lección implicaba reconocer que la organización de un tribunal era un problema en sí mismo, y que la gestión judicial tenía lógicas propias e irreductibles a la mera aplicación del derecho procesal.

Sin embargo, este proceso no se produjo solamente en Chile. Un antecedente significativo había tenido lugar en Quetzaltenango, Guatemala, a comienzos de los años 2000, donde los propios operadores judiciales desarrollaron de modo espontáneo —y luego formalizado por la Corte Suprema mediante un reglamento interno— un modelo de separación de funciones que anticipaba las soluciones que serían adoptadas con mayor sistematicidad en los años siguientes³¹. Esta experiencia “desde abajo” ilustraba que la necesidad de reorganizar los tribunales no era una imposición teórica sino la respuesta práctica de los propios actores a disfunciones concretas del trabajo cotidiano.

En Argentina, la provincia de Chubut sancionó en 1999 un Código Procesal Penal elaborado por Julio Maier que introducía la organización judicial horizontal y colegiada y la delegación del manejo de los recursos operativos. No obstante, quedó en vacancia³² por resistencia de las

³⁰ VARGAS (2005).

³¹ DUCE en CEJA (2007).

³² En el año 2006 la provincia de Chubut puso en vigencia un nuevo Código Procesal Penal y junto a este la creación de oficinas judiciales y colegio de jueces. Véase: BARROSO GRIFFITHS, R., & NIETO DI BIASE, M. F. (2010). La

corporaciones profesionales a esa ruptura con el modelo del juzgado³³. Esta resistencia era expresiva de algo más profundo: el juez del sistema inquisitivo no es sólo un actor jurídico, sino también el eje de una organización que lo tiene como centro. Romper esa lógica implicaba redistribuir poder, no simplemente rediseñar un organigrama. García Yomha y Martínez articularon la doble razón que justificaba el cambio: por un lado, la exigencia de una estructura “más democrática y acorde a los principios de un Estado de Derecho”; por otro, el argumento funcional de que el modelo adversarial “exige una nueva forma de disponer de los recursos”³⁴. Ambas razones son relevantes, pero su articulación no siempre fue armoniosa.

Vargas ofreció una síntesis teórica muy influyente en este período, poniendo el foco en la producción de audiencias como núcleo de la nueva organización: los despachos judiciales debían diseñarse en función de ese objetivo central, y toda la arquitectura administrativa debía subordinarse a él³⁵. Juárez, en la misma dirección, señalaba que el personal auxiliar de los tribunales debía ser completamente redefinido: ya no se trataba de construir expedientes, foliar, coser y custodiar documentos, sino de apoyar la realización efectiva de audiencias³⁶. Sáez, analizando la experiencia chilena, identificó tres formas que adoptaron las relaciones entre jueces y administradores en los nuevos tribunales: el modelo de la imposición —donde los jueces subordinan a los administradores a su lógica tradicional—, el de la negociación y el de la autonomía —donde el administrador ejerce su función con independencia real—³⁷. Esta tipología revelaba que la creación formal de una oficina judicial no resolvía por sí sola la tensión de poder subyacente: el diseño institucional podía propiciar

reforma procesal penal en Chubut: Implementación de una nueva gestión judicial. En *Reformas de la justicia en América Latina: Experiencias de innovación*. Santiago de Chile: Centro de Estudios de Justicia de las Américas (CEJA).

³³ PÉREZ GALIMBERTI (2014)

³⁴ GARCÍA YOMHA-MARTÍNEZ (2014), p. 123.

³⁵ VARGAS (2005).

³⁶ JUÁREZ (s/f), “Las Judicaturas gerenciales”, disponible en www.ceja-mericas.org

³⁷ SÁEZ (2007), p. 159 y ss.

la separación de funciones, pero la dinámica real dependía de factores culturales e históricos que ningún organigrama puede predeterminar.

Para 2018, un estudio comparado de alcance regional del CEJA y KAS registraba que doce países latinoamericanos contaban con algún modelo de oficina judicial³⁸, lo que daba cuenta de la extensión que había alcanzado esta transformación organizacional. Sin embargo, la proliferación cuantitativa de oficinas no implicó homogeneidad conceptual: detrás de la misma denominación coexistían modelos con orientaciones sustancialmente distintas sobre cómo debía ser esa separación de funciones y para qué servía.

III. LA GESTIÓN JUDICIAL COMO UN CAMPO EN DISPUTA

DOS ORIENTACIONES EN PUGNA

El recorrido histórico permite advertir que la gestión judicial, lejos de haberse consolidado como un campo conceptualmente estable, sigue siendo, hasta hoy, un terreno de disputa. Esa inestabilidad no es sólo histórica —vinculada a las etapas que se acaban de describir— sino también conceptual: a medida que la gestión ganó centralidad en la agenda reformista, distintos actores fueron llenando ese concepto con contenidos diferentes, dando lugar a al menos dos concepciones distintas sobre su propósito, producto de la tensión no resuelta entre el modelo que se abandona y el que se intenta construir. No se trata de posiciones perfectamente delimitadas y mutuamente excluyentes —los cruces, superposiciones y matices son numerosos— sino de orientaciones que se entrecruzan y coexisten en las mismas instituciones, muchas veces sin reconocerse como tales.

Una primera orientación, que puede caracterizarse como modernizadora o gerencialista, pone el énfasis en la eficiencia, la reducción de costos y tiempos procesales, la automatización de tareas administrativas y la incorporación de herramientas de gestión provenientes del mundo empresarial y de la nueva gestión pública. Esta orientación

³⁸ FUCHS-FANDIÑO-GONZÁLEZ (dirs.) (2018).

tiene un anclaje institucional claro en la agenda de los organismos internacionales de financiamiento. Vargas señalaba ya en 2005 que los Bancos Multilaterales de Crédito —en especial el BID y el Banco Mundial— habían impulsado operaciones de gestión judicial en un elevado número de países, introduciendo una lógica que no siempre coincidía con los objetivos de la reforma procesal³⁹. Su vocabulario privilegia indicadores de productividad, métricas de desempeño y reducción del “atraso judicial”. Moldeadas bajo esos parámetros, las áreas de gestión tienden a concebirse fundamentalmente como dispositivos de racionalización administrativa.

Una segunda orientación, que puede caracterizarse como político estructural, entiende la gestión judicial como un componente del rediseño político del Poder Judicial en el marco del Estado constitucional⁴⁰. Para esta perspectiva, la separación de funciones entre administración y jurisdicción no es principalmente una solución técnica sino una condición de posibilidad de la independencia judicial⁴¹: un juez que depende de la estructura burocrática del tribunal para funcionar —para obtener información, para decidir los casos y elaborar sus sentencias— es un juez cuya autonomía real está comprometida antes de que dicte cualquier resolución. Desde esta perspectiva, en la que se inscriben las propuestas de este artículo, la oficina judicial es un dispositivo de emancipación de la función jurisdiccional respecto de la burocracia que históricamente la capturó.

La tensión entre estas dos orientaciones no es autónoma. Es, en el fondo, una expresión contemporánea del conflicto más profundo que atraviesa toda la reforma procesal penal latinoamericana: el que existe entre el modelo inquisitorial que se pretende abandonar y el modelo democrático que se intenta construir.

Para comprender estas tensiones es necesario examinar el problema desde una perspectiva distinta a la jurídica-procesal. Detrás de cada orientación hay una concepción diferente respecto de qué es una organización judicial, cómo se distribuye el poder en su interior y cuál es la relación entre sus componentes administrativos y jurisdiccionales. Explicitar esos fundamentos no es un ejercicio académico auxiliar: es la

³⁹ VARGAS (2005), p. 79.

⁴⁰ BINDER (2011)

⁴¹ GARCÍA YOMHA-MARTÍNEZ (2014).

condición para poder evaluar con criterio las estrategias concretas que cada orientación propone y los efectos reales que producen. Las secciones que siguen reconstruyen ese marco conceptual con el propósito de ofrecer herramientas para comprender la disputa —y no sólo describirla. En el análisis buscamos colaborar con la orientación político-estructural de la gestión judicial, profundizando en sus fundamentos organizacionales.

HERRAMIENTAS CONCEPTUALES PARA REPENSAR LA GESTIÓN JUDICIAL

Para avanzar en la discusión conceptual por la gestión judicial es necesario, en primer lugar, partir de algún concepto de organización, ya que la gestión no es una actividad que se desarrolla en el vacío, sino que se desenvuelve siempre en el marco de una organización. En este trabajo, entendemos que las organizaciones “son construcciones sociales con modos de funcionamiento formalizados y reconocidos por sus miembros, cuyas tareas están orientadas hacia el logro de ciertos propósitos adoptados por el conjunto y que son culturalmente aceptados en el medio”.⁴² Esta definición aplica para cualquier tipo de organización, sea esta privada, pública, pequeña o compleja.

En tanto construcciones sociales que integran individuos y grupos, las organizaciones no son estructuras homogéneas que se ordenan mecánica y armoniosamente para la consecución de un fin. En su interior se pueden distinguir grupos de distintos sectores que se enfrentan y negocian, pujas por la distribución del poder, tramas de intereses e ideologías en disputa. Así, desde una mirada política, las organizaciones pueden y deben verse como pluralidad de centros de poder⁴³. En relación a estos centros es posible distinguir dos construcciones de poder: una que resulta de la estructura organizacional, por lo que expresa la distribución formal de poder (relaciones de autoridad y jerarquía); y otra construcción que es propia de los individuos y de los grupos y está orientada a lograr autonomía decisoria. Los individuos y los grupos se valen en mayor o menor medida de la organización para satisfacer proyectos personales

⁴² ETKIN (1985), p.21

⁴³ ETKIN; SCHVARSTEIN (2000)

o intereses particulares, como ya señalamos en términos de Crozier y Blau, las burocracias no son estructuras neutras. Así es que todas las organizaciones están atravesadas por tensiones que surgen de la combinación de ambas lógicas de poder⁴⁴. Dicho esto, se entiende mejor que los problemas de funcionamiento de las organizaciones no pueden ser explicados como meros problemas de diseño organizacional, aunque este sea un aspecto relevante para sostener o transformar las prácticas organizacionales.

Toda organización conlleva una forma de estructurar el trabajo, que incluye un componente administrativo, cuya misión es dirigir las tareas hacia el cumplimiento de los objetivos de la organización⁴⁵.

En sentido general, la administración o gestión es el proceso de diseñar y mantener un medio ambiente en el cual los individuos, que colaboran en grupos, cumplen eficientemente con los objetivos seleccionados por la organización. El núcleo del proceso consiste en integrar, coordinar y/o utilizar los recursos de la organización (humanos y materiales) de un modo eficaz y eficiente⁴⁶. Entender la administración como un proceso significa asumir que está siempre al servicio del cumplimiento de los objetivos de la organización⁴⁷, por lo que nunca puede ser un fin en sí mismo⁴⁸. La administración implica una forma de organizar el trabajo que atiende a expectativas de productividad, por eso se resalta siempre que conlleva un modo de hacer las cosas eficiente y eficaz. La eficiencia se alcanza cuando los recursos de la organización se utilizan de la mejor manera posible para alcanzar el resultado con el mayor rendimiento y al menor costo. Las funciones básicas de la administración consisten en: planear, organizar, integrar el personal, dirigir y controlar⁴⁹.

La administración no es responsabilidad exclusiva de una oficina/ departamento en particular⁵⁰. En tanto proceso, atraviesa todos los niveles

⁴⁴ ETKIN (2020)

⁴⁵ ETKIN (1985)

⁴⁶ KOONTS; WEIHRICH (2013), p.24.

⁴⁷ KLOFAS, SOTJKOVIC; KALINICH (1990), p.6

⁴⁸ KLOFAS, SOTJKOVIC; KALINICH (1990), p.7

⁴⁹ KOONTS; WEIHRICH (2013), p.25.

⁵⁰ KLOFAS, SOTJKOVIC; KALINICH (1990)

de la organización. En la propuesta de Etkin, en las organizaciones complejas es posible distinguir tres áreas de dominio, con funciones y responsabilidades diferentes: el área de gobierno, el área de dirección y el área de gerencia de la organización⁵¹. La gestión es un proceso que comparten y desarrollan, con distinta injerencia, las tres áreas de dominio de la organización.

El área de gobierno es la parte de la organización más asociada con la política en sentido macro. El gobierno atañe a los temas que hacen a la continuidad de la organización en conjunto, como la definición de propósitos, ideologías, formas de gobierno, formas de distribución de los ingresos, modos de relacionamiento y negociación con otras instituciones, entre otras. Es decir, el área de gobierno es responsable de los planes globales de la organización⁵².

La dirección comprende el trabajo de *nivel estratégico*. Entre las funciones propias del área se mencionan: proyectos y estrategias, modelos organizacionales, criterios de estructura, planes y control de gestión, comunicación y motivación. A cada política de la organización le corresponden estrategias, las que deben contemplar cómo se vinculan los propósitos generales de la organización con los fines de los grupos que la integran⁵³. Las áreas de dirección trabajan en cómo se traducen los planes institucionales en programas específicos.

Las gerencias son áreas asociadas a la decisión y el control. Entre sus funciones se mencionan: aplicar los proyectos, organizar el trabajo, hacer cumplir los criterios, evaluar los resultados de forma permanente, analizar la información y tomar decisiones que permitan cumplir con los objetivos propuestos⁵⁴. Ella debe contribuir a que *las cosas funcionen* construyendo equipos de trabajo y conduciendo proyectos a la acción⁵⁵, bajo una lógica *netamente instrumental*, con criterios económicos de eficiencia y eficacia.

⁵¹ ETKIN (2020)

⁵² ETKIN (2000)

⁵³ ETKIN (2020), p.68

⁵⁴ ETKIN (2020), p.71

⁵⁵ ETKIN (2000), p.96

Al observar las diferentes responsabilidades que caben a cada uno de los niveles y dominios, se comprende mejor cómo varía la influencia de cada uno de ellos en el proceso de gestión de la organización. El gobierno incide en la gestión al establecer las metas y definir la asignación de recursos y prioridades presupuestarias. La dirección fija las estrategias y la gerencia se ocupa de hacer operativo el trabajo de la organización.

En el campo de la organización y gestión judicial, que es el objeto de este artículo, si bien como hemos mencionado la idea de la gestión judicial impregnó los movimientos reformistas en diversos momentos, es necesario hacer un esfuerzo por precisar los alcances del concepto. Desde nuestra perspectiva, y siguiendo la bibliografía antes mencionada, la gestión judicial es un proceso dirigido a garantizar que los tribunales cumplan con su objetivo de pacificar los conflictos, una tarea que en términos estrictos es exclusiva responsabilidad de los jueces y juezas en el marco de audiencias orales. Este proceso comprende un conjunto de tareas y funciones de apoyo e infraestructura que permiten a los jueces desempeñar las funciones jurisdiccionales del tribunal y al tribunal, como institución, cumplir con las obligaciones propias de un poder del Estado⁵⁶.

Siguiendo a Luis María Palma⁵⁷ y la NACM⁵⁸, estas funciones de apoyo son: el acceso a la justicia (orientación a los usuarios); la administración de recursos humanos (selección de personal, evaluación de desempeño, etc); la capacitación de agentes; la asignación de tareas y responsabilidades del personal; el gerenciamiento del flujo de casos y análisis de la carga de trabajo pendiente; la administración de los recursos materiales e infraestructura; la incorporación de TICs; la gestión de sistemas de información y soporte informático en general; la comunicación pública; la coordinación con otras agencias estatales; y la evaluación y monitoreo del funcionamiento del tribunal.

⁵⁶ AIKMAN (2007), p. 7

⁵⁷ PALMA (2017), p.166

⁵⁸ NACM (2017)

LA ORALIDAD COMO EJE DE LA GESTIÓN JUDICIAL: CLAVES PARA COMPRENDER LA DISPUTA

Las expresiones concretas de las distintas orientaciones sobre la gestión judicial tienen lugar de manera compleja en las iniciativas actuales de fortalecimiento y modernización de la justicia penal, ya que algunos de los principales objetivos de la reforma de la justicia penal se han aceptado como premisas de un deber ser institucional: los procesos deben ser orales y los jueces deben poder concentrarse en su función⁵⁹. De la mano de esos acuerdos, se aceptó también la necesidad de profesionalizar la administración, y de adecuar la gestión judicial a parámetros de administración modernos, reorganizando los procesos de trabajo para mejorar la eficiencia y productividad, y evaluando el desempeño de los tribunales en función de sus resultados. Sin embargo, pese a la prevalencia de estos consensos, la distinción entre las funciones administrativas y jurisdiccionales no fue interpretada de manera unívoca en la región. De hecho, en muchas de las iniciativas actuales que consagran la centralidad de la gestión judicial, se evidencian confusiones alrededor de estas conceptualizaciones.

Recientemente, en algunos esfuerzos por saldar los problemas de conceptualización de la gestión judicial, Cortez Salinas en “La gestión judicial en perspectiva Comparada”, refiere a la gestión judicial como “el manejo de los procesos jurisdiccionales, del personal y de los recursos al interior de los órganos jurisdiccionales, es decir, en las cortes y juzgados”⁶⁰. En sus propias palabras, “el atributo fundamental que omiten las definiciones revisadas es el manejo de los procesos jurisdiccionales al interior de los tribunales y cortes. Una corte o un juzgado procesa decisiones judiciales, y su construcción tiene una ruta de tiempos, procesos y mecanismos que deben ser gestionados por la persona juzgadora.”⁶¹

Una definición de esta naturaleza parece funcionar para todo tiempo y espacio, pero eso que podría ser una virtud es su mayor inconveniente. La gestión judicial, como todo modelo de gestión, sirve

⁵⁹ BINDER (2016)

⁶⁰ CORTEZ SALINAS (2025), p.39

⁶¹ CORTEZ SALINAS (2025), p.48

a un objetivo institucional, que por más que no esté declarado funciona como tal ordenando la vida institucional. Cuando la democratización y oralización no se erigen como el objetivo institucional privilegiado, los tribunales tienden a reacomodar su funcionamiento a la matriz inquisitorial heredada. Los tribunales son instituciones conservadoras, que reproducen inercialmente el status quo. En dicho marco, referir a la gestión judicial como concepto no situado en el proceso de reforma y transformación del conjunto de las organizaciones de la justicia penal no es una posición neutral.

En algunos países, como en los Estados Unidos, la modernización de los tribunales no tuvo como objetivo instar a una separación de funciones jurisdiccionales de administrativas ni propender a la oralidad. La experiencia norteamericana desde los años 70s da cuenta de los esfuerzos por profesionalizar la administración de los tribunales, bajo el claro objetivo de eficientizar la gestión y contribuir así a mejorar las condiciones para el cumplimiento de la misión institucional⁶². La oralidad no era un objetivo de los procesos de cambio porque ya era una realidad. A diferencia de ello, en el contexto latinoamericano, la gestión judicial emerge, como hemos señalado, para garantizar la oralidad del proceso penal, romper con las prácticas coloniales de delegación de funciones y rescatar el rol del juez. De allí que no se trate de importar modelos de gestión foráneos —que Langer analizó en relación con los institutos del proceso penal anglosajón pero que opera de modo análogo en el plano organizacional— que tienen sus propias premisas sobre la gestión judicial, sino analizar los modelos a la luz de los objetivos políticos y democráticos que la reforma latinoamericana buscó perseguir.

De hecho, el diseño organizacional del Poder Judicial en América Latina ha sido justamente objeto de disputa en los procesos de reforma por ser funcional al sostenimiento del sistema inquisitivo, tal como se evidenció en los debates de la segunda etapa de la reforma penal. La organización de la justicia penal en compartimentos estancos (juzgados, tribunales y cámaras), alimenta la posibilidad de que se invierta la prioridad entre los fines de la organización y sus medios⁶³. Como ya se describió, en

⁶² LAWSON (1991), p. 35.

⁶³ ETKIN (2020)

este modelo organizacional, cada juez administra sus casos, sus tiempos, sus recursos humanos. La idea de titularidad personal del juez sobre los recursos de la organización da cuenta de la distorsión del funcionamiento de la justicia penal. La función jurisdiccional queda subsumida dentro de la gestión judicial, equiparada a la administración de los recursos del tribunal, lo que justificaría que sea el juez quien encabece esa responsabilidad. Se instala la idea de un “juez gerente” que tiene a su cargo “el dominio de su propio territorio, con su propia cohorte de empleados, mobiliarios y demás enseres.”⁶⁴.

He aquí otro de los principales puntos en disputa cuando se discute la separación de funciones: lo jurisdiccional como la decisión sobre el caso o lo jurisdiccional como lo que la ley le ordena al juez. Ya en etapas iniciales de los procesos de reforma de la justicia penal, Binder y Obando advertían que la definición clásica de lo jurisdiccional como aquello que “según la ley debe hacer el juez” funcionaba como un dogma bajo el cual se sostenía el poder concentrado en la judicatura⁶⁵. Ellos denunciaban esta operación como una distorsión conceptual mediante la cual se convertían en “jurisdiccionales” todas las funciones asignadas a los jueces, sin establecer su especificidad. De esto modo, muchas de las tareas administrativas como la organización y gestión de la agenda de audiencias o la distribución del trabajo al interior de los tribunales, en la medida en que eran habitualmente asignadas a los jueces y juezas, se entendían como jurisdiccionales.

La mirada de la gestión judicial sintetizada en los planteos de Cortez Salinas nos devuelve sobre esta disputa alrededor de lo jurisdiccional, que podíamos presumir superada. En su trabajo, la persona juzgadora es concebida como “una persona que maneja procesos y personal en las cortes, tribunales y juzgados”⁶⁶. Ella también es responsable de ordenar la carga laboral y delegarla en su equipo de trabajo, resolver problemas inherentes a las dinámicas de tiempo, y atender el ambiente laboral y los vínculos entre su equipo. La descripción del rol queda emparentada así a

⁶⁴ ERBETTA (2015) p. 96.

⁶⁵ BINDER y OBANDO (2004), p.258

⁶⁶ CORTEZ SALINAS (2025), p.75

un “CEO”, “como una persona directiva general, lo que refleja dinámicas de manejo de personal y de delegación en la elaboración de sentencias”⁶⁷.

Se desprende de esta definición un segundo punto en disputa en torno a la forma de administrar justicia: o bien mediante procesos escriturales que condensan la decisión en la elaboración de una sentencia, o bien a través de procedimientos de litigación oral que permiten la toma de decisión del juez.

En la concepción del juez gerente (o juez CEO), la labor jurisdiccional se delega en un equipo de profesionales del derecho que el juez selecciona especialmente porque “saben cómo elaborar las sentencias judiciales, a partir de rutinas y hábitos institucionales, por lo que pueden aportar habilidades técnicas de los procesos jurisdiccionales”⁶⁸. Es este equipo de profesionales, condensados en la figura de secretarios o relatores, los que cumplen un rol central en los procesos de elaboración de las sentencias, y quienes se ocupan también de desarrollar los procesos asociados, como integrar el expediente, realizar las citaciones y notificaciones⁶⁹.

Esta confusión respecto a lo jurisdiccional obliga a volver, como proponían Binder y Obando, a la base constitucional⁷⁰. Lo jurisdiccional, en sentido estricto, debe estar siempre vinculado directamente a la decisión de un caso determinado y a la protección de libertades y garantías de los ciudadanos⁷¹. Todas las actividades que circundan lo jurisdiccional, son materia de gestión y por lo tanto no requieren la intervención del juez. En América Latina, rescatar la función del juez —volver a la base constitucional— fue uno de los principales objetivos de los procesos de reforma de la justicia penal. Por ello se promovió la oralización de los procesos judiciales y la ya referida separación de funciones jurisdiccionales de administrativas. En algunos casos también, hasta se establecieron

⁶⁷ CORTEZ SALINAS (2025), p. 76

⁶⁸ CORTEZ SALINAS (2025), p. 91

⁶⁹ CORTEZ SALINAS (2025)

⁷⁰ BINDER y OBANDO (2004)

⁷¹ BINDER y OBANDO (2004), p. 260

prohibiciones normativas para impedir la delegación de funciones jurisdiccionales en secretarios o relatores⁷².

A diferencia de los procesos escriturizados, que fueron el corazón de la decisión judicial hasta la implementación del modelo acusatorio-adversarial en la región, la oralidad constituye la metodología de trabajo que emana de la base constitucional. La oralidad permite que las partes en litigio puedan producir información y que, en función de ella, el juez pueda adoptar una decisión de alta calidad. Esta metodología se despliega a través de audiencias, que toman lugar en espacios ideados para ello, donde el juez adquiere un lugar central en tanto conductor del proceso y responsable de la decisión judicial. Esta decisión no es una “caja negra” que se construye a lo largo de un expediente escrito y se materializa en una sentencia, donde el juez hizo intervenir a su equipo de trabajo⁷³. La decisión judicial en el marco de una audiencia pública es el ejercicio de pacificación de un conflicto, a partir de la palabra oral del juez, atendiendo a las razones que fueron y son expuestas en público, de cara a las partes y la sociedad. Sólo bajo la metodología de la oralidad se garantizan las exigencias democráticas de transparencia y publicidad de la decisión judicial y se validan sus pretensiones de legitimidad. Una decisión que debe ser comprensible y coherente con lo que ocurrió en la audiencia y cuyas razones pueden ser evidentes para cualquiera que haya presenciado el acto.

⁷² A modo de ejemplo, el Código Procesal Penal Federal de Argentina (art. 9°) establece que “la delegación de funciones jurisdiccionales en funcionarios o empleados subalternos tornará inválidas las actuaciones realizadas y será considerada causal de mal desempeño de las funciones” a efectos de la remoción de magistrados. En términos similares, el Código del Proceso Penal de Uruguay (art. 19) consagra el principio de indelegabilidad disponiendo que “sólo el tribunal es titular de la función jurisdiccional en su integridad” y que la delegación en funcionarios auxiliares “solo abarcará la realización de actos auxiliares o de aporte técnico”. El Código Procesal Penal de Chile (art. 35) sanciona con nulidad “la delegación de funciones en empleados subalternos para realizar actuaciones en que las leyes requirieren la intervención del juez”. Por su parte, el Código Nacional de Procedimientos Penales de México (art. 9°) prohíbe expresamente que el órgano jurisdiccional delegue “en persona alguna la admisión, el desahogo o la valoración de las pruebas, ni la emisión y explicación de la sentencia”.

⁷³ CORTEZ SALINAS (2025)

Para que la oralidad se consolide efectivamente como la metodología de trabajo de los tribunales, es necesario modificar las normas, pero fundamentalmente transformar las prácticas que, como ya señalaba Binder, se sustentan en la cultura organizacional. Ahora bien, como advierte la literatura especializada, transformar la cultura es uno de los desafíos más difíciles a los que se enfrentan las organizaciones⁷⁴.

La cultura organizacional se refiere a los modelos mentales que dan por sentado y que comparten jueces, administradores y empleados. Se refleja en lo que se valora, en las normas, en las expectativas, en el ejercicio del liderazgo, en los patrones de comunicación, en los procedimientos y en las rutinas⁷⁵. Burke sostiene que para provocar un cambio en la mentalidad primero debemos generar un cambio en el comportamiento, y que para que ello sea efectivamente posible no alcanzan los cambios evolutivos, sino que se requieren intervenciones revolucionarias⁷⁶.

Esto permite explicar mejor la disputa alrededor del sentido de la gestión judicial y, fundamentalmente, en qué medida constituyen una verdadera estrategia de cambio. Para generar cambios en los comportamientos de quienes integran los tribunales no alcanza con modernizar o mejorar los modelos administrativos existentes, sino que se requiere de una nueva distribución de poder al interior de la organización, por medio de la creación de estructuras que provoquen una profunda separación de funciones jurisdiccionales de las administrativas. Recuperando la distinción ofrecida por Etkin, este objetivo es difícil de alcanzar trabajando sólo al nivel de la gerencia, modificando o modernizando los procesos de trabajo operativos.

En el apartado previo, apoyándonos en Palma y NACM, ya nos referimos a las funciones básicas de apoyo de lo jurisdiccional que son responsabilidad de las áreas de gestión. A estas alturas necesitamos ahondar en esa definición, para dar cuenta más específicamente, como definió Binder, del “conjunto de decisiones administrativas que permiten el

⁷⁴ Ver por ejemplo: OSTROM, OSTROM, HANSON; KLEIMAN (2007); BURKE (2018); CAMERON; GREEN (2009).

⁷⁵ OSTROM, OSTROM, HANSON; KLEIMAN (2007), p.8

⁷⁶ BURKE (2018), p. 148

desarrollo y la coordinación de la actividad procesal en sentido estricto”⁷⁷. En ese sentido, la gestión judicial comprende una serie de procesos de trabajo que permiten poner en marcha la organización concreta y directa de las funciones jurisdiccionales y el desenvolvimiento del litigio, a través de decisiones administrativas que van desde recibir documentos, organizar audiencias, notificar a las partes, citar a personas, hacer requerimientos, pedir información, ordenar y archivar documentos, atender al público, organizar la agenda de trabajo, distribuir tareas entre el personal, etc. También involucra la comunicación entre las partes. Ninguna de todas estas tareas es una tarea jurisdiccional, no exigen la decisión del juez ni requieren fundamentación jurídica⁷⁸.

Para lograr una efectiva separación de tareas jurisdiccionales de administrativas, que empuje a que los jueces ocupen su lugar en la sala de audiencia, y a que los empleados dejen de organizar su trabajo alrededor de la delegación de funciones, se requieren cambios operativos a nivel de la gerencia, pero resulta imprescindible realizar cambios a nivel de la dirección de los tribunales. Pensar la gestión judicial desde una mirada política, implica definirla como *la dirección de la gestión del tribunal*⁷⁹. La gestión judicial así concebida debe materializarse en nuevas estructuras al interior de los tribunales, como pueden ser las oficinas judiciales de gestión integral. Se necesita de áreas que asuman no sólo funciones de gerencia, sino también de dirección; que sean responsables de los procesos operativos, esto es de agendar y organizar las audiencias, pero que también tengan a su cargo el desarrollo de las estrategias necesarias para hacer de la oralidad la metodología de trabajo.

Pensadas como lo estamos proponiendo, las oficinas de gestión integral no tienen por qué ser un solo departamento, pueden ser diversos equipos con despliegue territorial y también con presencia y articulación con los distintos niveles de la organización. Por cierto, parte del desafío

⁷⁷ Véase presentación de Alberto Binder en el marco del curso: “gestión judicial: una mirada organizacional del funcionamiento de la justicia penal” organizado por INECIP en Julio de 2025, disponible en: https://www.youtube.com/watch?v=fUbhNN_HLJc&list=PLLWS6Nx713zJJBcBjwWPSC-kWTSexkrWiR&index=1.

⁷⁸ PORTERIE Y ROMANO (2026)

⁷⁹ ROMANO y PORTERIE (2025)

de constituir una verdadera oficina de gestión judicial integral depende de generar condiciones y capacidades de gobierno judicial y articulaciones fuertes con los jueces que asuman temporalmente responsabilidades de conducción. Algunos países o provincias han ensayado, con mayor o menor éxito, esfuerzos en esta dirección. Pero también han habido iniciativas que se han quedado a mitad de camino, por ejemplo, creando oficinas que se encargan únicamente de la gestión de audiencias y que, pese a las expectativas, se convierten en meras secretarías de agendamiento para los jueces⁸⁰.

La autonomía, las competencias y el nivel de articulación de las oficinas de gestión integral con las áreas de gobierno judicial pueden ser indicadores válidos para evaluar la capacidad de estas estructuras de provocar realmente un cambio en la distribución de poder al interior de la organización. No casualmente en las primeras etapas de funcionamiento de estas oficinas, bajo condiciones de fuerte apoyo político de las cortes o los tribunales superiores, su capacidad transformadora fue más evidente. Tan así que en muchos casos se generaron conflictos con los jueces, revelando las resistencias de los magistrados a la pérdida de poder⁸¹.

Más allá de los resultados que estas oficinas generaron en cada caso —que escapa al objetivo de este artículo—, estos intentos reflejan los sentidos que adquiere la gestión judicial bajo un paradigma político, al tiempo que revelan las dificultades concretas que ha supuesto su efectiva puesta en práctica.

CONCLUSIONES

En las últimas tres décadas la justicia penal latinoamericana ha atravesado una revolución de la mano de las reformas procesales penales. La mayoría de los países han abandonado el sistema inquisitivo y han sancionado nuevos códigos y nuevas normas para la puesta en

⁸⁰ Véase los planteos de GUTIÉRREZ VELÁSQUEZ (2025) sobre la puesta en marcha de las oficinas gestoras de procesos en Bolivia.

⁸¹ Véase los planteos de PAULSEN (2025) sobre la experiencia Chilena en la relación entre administradores y jueces, y LANZON (2020) en torno a las tensiones entre la gestión y la jurisdicción penal.

marcha del sistema adversarial. Sin embargo, el recorrido histórico por la reforma demuestra que la gestión judicial no ha sido considerada siempre como un problema central de la agenda. Al inicio del artículo nos preguntábamos cómo se entendió la gestión judicial en las distintas etapas de la reforma de la justicia penal en América Latina; cuál es el núcleo de la disputa hoy, qué orientaciones de gestión judicial pueden identificarse, y en qué medida contribuyen al objetivo de una justicia penal democrática. En el recorrido del artículo se demostró que la gestión judicial transitó por distintos momentos según la etapa de la reforma. El análisis refleja un movimiento que va de la ausencia a la centralidad, pero también un proceso de acumulación de tensiones no resueltas. La primera etapa ignoró la gestión porque apostó a que el cambio normativo sería suficiente; la segunda la incorporó como problema urgente. La etapa actual revela que antes que un problema técnico hay una disputa política sobre qué modelo de tribunal requiere la democracia constitucional. La coexistencia, bajo el rótulo de “gestión judicial” u “oficina judicial”, de orientaciones con premisas y objetivos distintos no es un problema de denominación: es la manifestación de que la reforma procesal penal latinoamericana todavía no ha resuelto, en el plano organizacional, la tensión fundante que le dio origen. Es, en definitiva, la respuesta que cada orientación ofrece a la pregunta que guía este artículo: qué debe producir la gestión judicial y para qué sirve. Por eso decimos que la trayectoria de la gestión judicial no es accidental: refleja las dificultades —conceptuales, políticas e institucionales— de construir un modelo de organización judicial verdaderamente al servicio del proceso penal adversarial y, más profundamente, de la reconfiguración democrática del Poder Judicial.

Las tensiones entre las orientaciones modernizadora-gerencialista y la político- estructural reflejan concepciones distintas sobre la organización judicial, la distribución del poder y la relación entre los componentes administrativos y jurisdiccionales. La mirada organizacional sirve para comprender que detrás de cada orientación hay una forma de organización del trabajo que puede estar orientada a la celebración de audiencias o librada a una inercia que reconfigura las prácticas inquisitivas escriturizadas. Hay formas de administración modernas que son aplicables a una organización verticalista y estanca, pero lo que

necesita un Poder Judicial democrático son formas de administración modernas que materialicen la oralidad. Con el aparato conceptual de la teoría organizacional aprendimos que la gestión es un proceso que siempre sirve a una finalidad, declarada o implícita, pero nunca debe consagrarse como fin en sí mismo. Por eso subrayamos que, cuando la reforma pierde fuerza, y la democratización y oralización dejan de posicionarse como el objetivo institucional privilegiado, los tribunales tienden a reacomodar su funcionamiento a la matriz inquisitorial heredada.

Siguiendo con la mirada organizacional, se entiende mejor que los problemas de funcionamiento de las organizaciones no pueden ser explicados como meros problemas de diseño organizacional, aunque este sea un aspecto relevante para sostener o transformar las prácticas organizacionales. Dicho en otros términos, podemos crear oficinas judiciales y conservar problemas severos en relación a la separación de funciones jurisdiccionales de administrativas, y concluir que dicha reforma no fue en absoluto suficiente para provocar un cambio en la distribución del poder al interior de los tribunales.

Desde una mirada organizacional, la pregunta que debe guiar la gestión judicial es en qué medida los nuevos dispositivos de administración logran producir audiencias orales. Recordamos aquí que definimos la gestión judicial como un proceso dirigido a garantizar que los tribunales cumplan con su objetivo de pacificar los conflictos, una tarea que en términos estrictos es exclusiva responsabilidad de los jueces y juezas en el marco de audiencias orales. Este proceso comprende un conjunto de tareas y funciones de apoyo e infraestructura que permiten a los jueces desempeñar las funciones jurisdiccionales del tribunal, pero no engloba lo jurisdiccional como una función que le es propia. La separación de funciones sigue siendo el cambio organizacional con más potencial para impactar en las prácticas institucionales y lograr que la oralidad se internalice como metodología de trabajo. Para ello es necesario pensar la gestión judicial en su doble incumbencia, como la dirección y gerencia de los tribunales, materializada en nuevas estructuras al interior de los tribunales con la capacidad de desarrollar la gestión integral de los mismos.

Con la experiencia acumulada de más de 30 años y la claridad suficiente para entender que la transformación de la justicia penal es un proceso de largo plazo con altos y bajos, es preciso volver a alinear los

esfuerzos de modernización de la gestión con la búsqueda permanente de una justicia oral como exige la democracia. No es casual que muchos de los debates inaugurales de la reforma sigan estando vigentes. Más de cientos de años de colonialismo e inquisición exigen un esfuerzo permanente por tratar de conducir las prácticas judiciales hacia la democratización de los sistemas de justicia. La disputa por la gestión judicial condensa en buena medida estos desafíos.

BIBLIOGRAFÍA

AIKMAN, Alexander (2007). *The art and practice of court administration*. New York: CRC Press.

ANNUNZIATA, Rocío (2016). “La democracia exigente. La teoría de la democracia de Pierre Rosanvallon”. *Andamios* [online], vol. 13, n. 30, pp. 39-62. DOI: <https://doi.org/10.29092/uacm.v13i30.2>

ARDUINO, Ileana (2007). “La reforma procesal penal en Bolivia”. In: CEJA. *Reformas procesales penales en América Latina: resultados del proyecto de seguimiento. IV etapa*. Santiago: CEJA.

BARROSO GRIFFITHS, R.; NIETO DI BIASE, M. F. (2010). *La reforma procesal penal en Chubut: implementación de una nueva gestión judicial*. Santiago: CEJA.

BERGALLI, Roberto (1999). *Hacia una cultura de la jurisdicción: ideología de jueces y fiscales*. Buenos Aires: Ad-Hoc.

BINDER, Alberto (1997). *Política criminal. De la formulación a la praxis*. Buenos Aires: Ad-Hoc.

BINDER, Alberto (2002). “La Reforma de la Justicia Penal: entre el corto y el largo plazo”. *Sistemas Judiciales*, CEJA/INECIP, Año 2, n° 3.

BINDER, Alberto (2011). *Política judicial y democracia*. Buenos Aires: Ad-Hoc.

BINDER, Alberto (2013). *Derecho Procesal Penal. Tomo I*. Buenos Aires: Ad-Hoc.

BINDER, Alberto (2016). “La reforma judicial en América Latina como política de largo plazo”. In: NIÑO, Catalina (coord.). *La reforma a la justicia en América Latina: las lecciones aprendidas*. Colombia: Friedrich Ebert.

BINDER, Alberto (2019). *La nueva justicia penal de América Latina. Etapas y desarrollo del proceso de cambio*. Buenos Aires: Ad-Hoc.

BINDER, Alberto (2022). *Derecho procesal penal. Tomo VI. Teoría del juicio de conocimiento. Condiciones de verificación. Juicio imparcial*. Buenos Aires: Ad-Hoc.

BINDER, Alberto; OBANDO, Jorge (2004). *De las “Repúblicas Aéreas” al Estado de derecho*. Buenos Aires: Ad-Hoc.

BLAU, Peter (1971). *La burocracia en la sociedad moderna*. Buenos Aires: Paidós.

BURKE, Warner (2018). *Organization Change: Theory and Practice*, 5th Edition. California: SAGE Publications.

CAMERON, Esther; GREEN, Mike (2009). *Making sense of change management*. London: Kogan Page.

CEJA (2003). *Informe comparativo: Proyecto de seguimiento de los procesos de reforma judicial en América Latina*. Santiago: CEJA. Disponible en: <www.cejamericas.org>. Acceso en: 30 mar. 2026.

CORTEZ SALINAS, Josafat (2025). “¿Qué es la gestión judicial?”. In: RÍOS FIGUEROA, Julio (coord.). *La gestión judicial en perspectiva comparada*. México: Tirant Lo Blanch.

CROZIER, Michel (1969). *El fenómeno burocrático*. Buenos Aires: Amorrortu.

DUCE, Mauricio (2007). “La oralidad en las etapas previas al juicio: la experiencia de Quetzaltenango, Guatemala”. In: CEJA. *Reformas procesales penales en América Latina: resultados del proyecto de seguimiento. IV etapa*. Santiago: CEJA.

ERBETTA, Daniel (2015). “La reforma procesal penal como política pública”. *Revista Derecho Penal*, Año IV, n° 10. Buenos Aires: INFOJUS.

ETKIN, Jorge (1985). *Viabilidad de las organizaciones*. Buenos Aires: Ediciones Macchi.

ETKIN, Jorge (2000). *Política, gobierno y gerencia de las organizaciones. Acuerdos, dualidades y divergencias*. Buenos Aires: Prentice Hall.

ETKIN, Jorge (2020). *Política, ideología y poder aplicados a organizaciones*. Buenos Aires: Granica.

ETKIN, Jorge; SCHVARSTEIN, Leonardo (2000). *Identidad de las organizaciones. Invariancia y cambio*. Buenos Aires: Paidós.

FUCHS, Marie-Christine; FANDIÑO, Marco; GONZÁLEZ, Leonel (dirs.) (2018). *La justicia penal adversarial en América Latina. Hacia la gestión del conflicto y la fortaleza de la ley*. Santiago: CEJA.

GARCÍA YOMHA, Diego; MARTÍNEZ, Santiago (2014). *La etapa preparatoria en el sistema adversarial*. Buenos Aires: Editores del Puerto.

GUTIÉRREZ VELÁSQUEZ, José Manuel (2025). “Oficinas gestoras de procesos en Bolivia”. *Revista Sistemas Judiciales*, N° 25. Buenos Aires: INECIP. pp. 25-37.

IBÁÑEZ, Perfecto Andrés (2015). *Tercero en discordia. Jurisdicción y juez del Estado constitucional*. Madrid: Trotta.

JUÁREZ, Erick (s/f). “Las Judicaturas gerenciales”. Disponible en: <www.cejamericas.org>. Acceso en: 30 mar. 2026.

KLOFAS, John; SOTJKOVIC, Stand; KALINICH, David (1990). *Criminal justice organization. Administration and management*. California: Brooks/Cole.

KOONTS, Harold; WEIHRICH, Heinz (2013). *Elementos de administración. Un enfoque internacional y de innovación*. México: Mc Graw Hill.

LANGER, Máximo (2007). “Revolución en el proceso penal latinoamericano: difusión de ideas legales desde la periferia”. *American Journal of Comparative Law*, n° 4. Trad. al español publicada por CEJA.

LANGER, Máximo; SOZZO, Máximo (coords.) (2023). *Justicia penal y mecanismos de condena sin juicio*. Madrid: Marcial Pons.

LANZON, Roman (2020). “Tensiones entre la gestión y la jurisdicción penal: necesidad de un trabajo coordinado y eficaz”. *Revista de derecho penal y criminología*, Año X, n° 11, pp. 76-86.

LAWSON, Harry; HOWARD, Dennis (1991). “Development of the Profession of Court Management: A History with Commentary”. *The Justice System Journal*, v. 15, n. 2, pp. 580-604. Disponible en: <http://www.jstor.org/stable/27976765>.

MAIER, Julio B. J. (2013). *Derecho Procesal Penal. Tomo II*. Buenos Aires: Editores del Puerto.

MAIER, Julio B. J.; AMBOS, Kai; WOISCHNIK, Jan (coords.) (2000). *Las reformas procesales penales en América Latina*. Buenos Aires: Ad-Hoc.

NACM (2017). *The Court Administrator. Court Administration: A Guide to the Profession*. Williamsburg: National Center for State Courts. Disponible en: <www.nacmnet.org>. Acceso en: 30 mar. 2026.

OSTROM, Brian; OSTROM, Charles; HANSON, Roger; KLEIMAN, Matthew (2007). *Trial courts as organizations*. Philadelphia: Temple University Press.

PALMA, Luis María (2016). “Administración y modernización judicial en un mundo en cambio”. *Revista RAP*, Sección Doctrina Especial. Buenos Aires: Ediciones Rap.

PALMA, Luis María (2017). “Modernización judicial, gestión y administración de América Latina”. *Acta sociológica*, n° 72, enero-abril 2017. México: UNAM. pp. 143-203. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.acso.2017.06.007>

PÁSARA, Luis (2014). *Una reforma imposible. La justicia latinoamericana en el banquillo*. Lima: PUCP.

PAULSEN, Patricio (2025). “Una reforma necesaria. Problemas de gestión y organización del sistema judicial chileno”. *Revista Sistemas Judiciales*, n° 25. Buenos Aires: INECIP. pp. 66-88.

PÉREZ GALIMBERTI, Alfredo (2014). “La reforma procesal penal: las experiencias de Chubut y Neuquén”. *Infojus Noticias*, 11 de octubre de 2014. Disponible en: <http://infojusnoticias.gov.ar/opinion/la-reforma-procesal-penal-las-experiencias-de-chubut-y-neuquen-139.html>. Acceso en: 15 may. 2026.

PORTERIE, Sidonie; ROMANO, Aldana (2026). “La reforma inconclusa: ideas para repensar la organización de los tribunales”. In: RUSCONI, Maximiliano; RUA, Gonzalo (eds.). *Justicia Penal y Estado de Derecho*. Buenos Aires: Ad-Hoc. pp. 463-484.

ROMANO, Aldana; PORTERIE, Sidonie (2025). “Editorial: ¿Cómo están las oficinas judiciales 20 años después?”. *Revista Sistemas Judiciales*, n° 25. Buenos Aires: INECIP. pp. 7-12.

ROSANVALLON, Pierre (2009). *La legitimidad democrática. Imparcialidad, reflexividad, proximidad*. Buenos Aires: Manantial.

SÁEZ, Jorge (2007). *La organización y administración de los nuevos Tribunales*. Santiago: Editorial Metropolitana.

SARTORI, Giovanni (2007). *Elementos de teoría política*. Madrid: Alianza Editorial.

SOZZO, Máximo (coord.) (2020). *Reforma de la justicia penal en América Latina. Promesas, prácticas y efectos*. Buenos Aires: Didot.

VARGAS, Juan Enrique (2005). “Herramientas para el diseño de despachos judiciales”. *Sistemas Judiciales*, CEJA/INECIP, vol. 4, n° 8.

Authorship information

Leonel González. Magíster en Derecho Penal y Procesal Penal por Osgoode Hall Law School de la Universidad de York (Canadá). Profesor de la Facultad de Derecho de la Universidad Alberto Hurtado e investigador del Instituto de Estudios Comparados en Ciencias Penales y Sociales (INECIP). lgonzalezp@uahurtado.cl

Sidonie Porterie. Licenciada en Ciencia Política por la Universidad de Buenos Aires (Argentina). Profesora de la Facultad de Derecho de la Universidad de Flores e investigadora del Instituto de Estudios Comparados en Ciencias Penales y Sociales (INECIP). sidoporterie@gmail.com

Aldana Romano. Licenciada en Ciencia Política por la Universidad de Buenos Aires (Argentina). Profesora de la Facultad de Derecho de la Universidad de Flores e investigadora del Instituto de Estudios Comparados en Ciencias Penales y Sociales (INECIP). aromanobordagaray@gmail.com

Additional information and author's declarations (scientific integrity)

Conflict of interest declaration: the authors confirm that there are no conflicts of interest in conducting this research and writing this article.

Declaration of authorship: all and only researchers who comply with the authorship requirements of this article are listed as authors; all coauthors are fully responsible for this work in its entirety.

- *Leonel González:* data curation, investigation, writing – original draft, validation, writing – review and editing, final version approval.
- *Sidonie Porterie:* conceptualization, methodology, data curation, investigation, writing – original draft, validation, writing – review and editing, final version approval.
- *Aldana Romano:* conceptualization, methodology, data curation, investigation, writing – original draft, validation, writing – review and editing, final version approval.

Declaration of originality: the authors assure that the text here published has not been previously published in any other resource and that future republication will only take place with the express indication of the reference of this original publication; they also attest that there is no third party plagiarism or self-plagiarism.

Data Availability Statement: In compliance with open science policies, all data generated or analyzed during this study are included in this published article.

IA Statement: The authors declare that they are aware that the use of artificial intelligence must not supplant the human originality of the research, and that full responsibility for any errors or plagiarism rests entirely with the authors. No IA was used in the preparation of this research.

Editorial process dates (<https://revista.ibraspp.com.br/RBDPP/about>)

- Submission: 30/03/2026
- Desk review and plagiarism check: 31/03/2026
- Review 1: 09/04/2026
- Review 2: 27/03/2026
- Preliminary editorial decision: 10/05/2026
- Correction round return 1: 18/05/2026
- Final editorial decision: 23/05/2026

Editorial team

- Editor-in-chief: 1 (VGV)
- Associated-editor: 1 (EK)
- Reviewers: 2

HOW TO CITE (ABNT BRAZIL):

GONZÁLEZ, Leonel; PORTERIE, Sidonie; ROMANO, Aldana.

La gestión judicial en las reformas procesales penales latinoamericanas: etapas, tensiones y disputas no resueltas.

Revista Brasileira de Direito Processual Penal, vol. 12, n. 2, e1458, mai./ago. 2026. <https://doi.org/10.22197/rbdpp.v12i2.1458>



License Creative Commons Attribution 4.0 International.

Criminal procedural reform in Chile and its impact on incarceration rates¹

A reforma processual penal no Chile e o seu impacto nas taxas de encarceramento

Silvio Cuneo²

Universidad Central de Chile – Santiago, Chile

silvio.cuneo@ucentral.cl

 <http://orcid.org/0000-0003-1072-745X>

Fernanda Tapia³

Universidad Central de Chile – Santiago, Chile

fernanda.tapia@ucentral.cl

 <https://orcid.org/0009-0005-9995-908X>

ABSTRACT: This article analyzes the exponential growth of the Chilean prison population since the implementation of the criminal procedure reform between 2000 and 2005. The study shows that Chile went from just over 33,000 incarcerated individuals in 2000 to nearly 65,000 in 2025, while its imprisonment rate also increased. The research problem addressed by this article is to explain why, despite being presented as a rights-based modernization aimed at strengthening due process and protecting fundamental rights, the criminal procedure reform ultimately functioned as a mechanism that facilitated mass incarceration. Accordingly, the study asks: in what ways did the Chilean criminal procedure reform contribute to the rise in imprisonment, and what political, economic, and cultural factors made this phenomenon possible?

¹ This work is part of the project Fondecyt de Iniciación N°11240190: “Propuestas de mejoras para los Tribunales de Tratamientos de Drogas en Chile. Énfasis particular de la situación de las mujeres”, and its responsible researcher is Dr. Silvio Cuneo.

² PhD in Law, Academic at the Universidad Central de Chile.

³ PhD in Law, Academic at the Universidad Central de Chile.

After examining both the immediate and underlying causes of the increase in incarceration, the article concludes that the criminal procedure reform, far from reducing the use of imprisonment, became a mechanism that contributed to mass incarceration. The study warns that mass incarceration deteriorates prison conditions, deepens social exclusion, and undermines respect for human dignity. It therefore proposes revising both substantive criminal law and procedural rules in order to reduce imprisonment and bring the Chilean criminal justice system into line with international human rights standards.

KEYWORDS: Mass incarceration; penal populism; dismantling of the social state; criminal procedural reform.

RESUMO: *Este artigo analisa o crescimento exponencial da população prisional chilena desde a implementação da reforma processual penal entre 2000 e 2005. O estudo demonstra que o Chile passou de pouco mais de 33.000 pessoas privadas de liberdade em 2000 para quase 65.000 em 2025, registrando também um aumento da taxa de encarceramento. O problema de pesquisa abordado neste trabalho consiste em explicar por que, apesar de a reforma processual penal ter sido apresentada como uma modernização garantista e respeitadora dos direitos fundamentais, acabou funcionando como um instrumento que facilitou o encarceramento em massa. Nesse contexto, a pesquisa procura responder à seguinte questão: de que maneira a reforma processual penal chilena contribuiu para o aumento do encarceramento e quais fatores políticos, econômicos e culturais tornaram esse fenômeno possível? Após analisar diversas causas imediatas e mediatas do aumento do encarceramento, o artigo conclui que a reforma processual penal, longe de reduzir o uso da prisão, transformou-se em um mecanismo funcional ao encarceramento em massa. O estudo adverte que o encarceramento em massa deteriora as condições carcerárias, aprofunda a exclusão social e enfraquece o respeito à dignidade humana. Por isso, propõe a revisão tanto das normas penais substantivas quanto das normas processuais, com o objetivo de reduzir o encarceramento e adequar o sistema de justiça criminal chileno aos padrões internacionais de direitos humanos.*

PALAVRAS-CHAVE: Encarceramento em massa; populismo penal; desmantelamento do Estado social; reforma do processo penal.

1. INTRODUCTION

Over the last 30 years, Chile has experienced an exponential increase in the number of persons deprived of liberty. From just over 22,000 incarcerated persons in 1996, the number reached almost 65,000 in 2025. This paper analyzes various causes of this phenomenon, placing special emphasis on the new criminal justice system as an instrument that facilitates mass incarceration.^{4 5}

The research problem addressed in this study is to explain why, despite being presented as a rights-based modernization aimed at strengthening due process and protecting fundamental rights, the criminal procedure reform ultimately functioned as a mechanism that facilitated mass incarceration. Accordingly, this article seeks to explain how the Chilean criminal procedure reform contributed to the increase in imprisonment and what political, economic, and cultural factors made this phenomenon possible.

Recognizing that the growth of incarceration is a multifaceted phenomenon with multiple causes, this study distinguishes between underlying and immediate causes. Among the underlying causes, it examines the dismantling of the welfare state during the dictatorship and the consolidation of the neoliberal model, which increased inequality, urban segregation, and the criminalization of poverty. It also analyzes, as an underlying cause, the rise of penal populism and the political use of fear of crime, fueled by the media and “tough on crime” rhetoric, which have positioned crime as a central issue on the public agenda.

Among the immediate causes, the article examines legislation that has promoted punitive policies, with particular emphasis on the role of the criminal procedure reform. Although the reform introduced

⁴ In 1996, the number of persons deprived of liberty reached 22,172, equivalent to 161 persons per 100,000 inhabitants. By 2025, the total number of inmates was 64,969, equivalent to 327 per 100,000. Data from the Chilean Gendarmerie website, available at: <https://www.gendarmeria.gob.cl/compendios.html>.

⁵ GONZÁLEZ *et al.* (2025) analyze the recent sharp growth of the Chilean prison population and examine whether the country is entering a phase comparable to the processes of mass incarceration observed in other contexts, particularly in the United States.

modern institutions and strengthened formal procedural guarantees, it also reinforced negotiated justice mechanisms and abbreviated procedures that facilitated swift convictions and a sustained increase in the number of incarcerated individuals.⁶ In addition, successive legal reforms expanded police powers and broadened the grounds for pretrial detention, thereby weakening the principle that such a measure should remain exceptional.

The study will also examine other specific statutes—such as those relating to drug offenses, domestic violence, and property crimes—that increased penalties and restricted access to alternative sanctions, thereby contributing to the sustained growth of the prison population.

In the 1990s, after the return to a limited and protected democracy, Chile initiated several structural changes in different areas. One of the most significant changes was the criminal procedural reform, which left behind an old inquisitorial criminal system in order to implement an accusatorial one, thereby modernizing our criminal justice system and, at least in theory, respecting freedoms, rights, and guarantees consistent with a democratic state. Beginning in 2000, the new criminal procedure was gradually implemented. Initially, the new process entered into force in two regions of the country. As it was extended to other regions, some adjustments were made, and in 2005 the new system was implemented nationwide. The publicity of the new process, unlike the previous one which was essentially secret, also brought an important media shift, and various actions of the criminal courts, especially in the most high-profile cases, were covered by the mass media. This media coverage has been an important factor in the growing relevance of crime and fear of crime as central issues on the political agenda.

The increase in imprisonment in Chile, while not reaching the levels of the United States, has been a relatively recent trend. If we analyze average incarceration between 1974 and 2012, we see several fluctuations up to 1992. Since 1993, the upward trend was constant until 2009, when

⁶ Along the same lines are the works of CUNEO (2017) and WILENMANN (2019). A different thesis is advanced by ARRIAGADA *et al.* (2021), who, after analyzing various causes of the increase in incarceration in Chile, conclude that there is no evidence to support the claim that the criminal procedure reform has had a direct impact on that increase.

the level fell, although it remained very high in comparison with Chile's historical levels and with other realities in the region. From 2010 to 2021, the number of incarcerated persons fell significantly.⁷ Then, from 2022 to 2025, it rose again, and the last two years constitute the highest levels of imprisonment in Chilean history.

The following table and graph show the variations in the incarceration rate in Chile between 1974 and 2025⁸

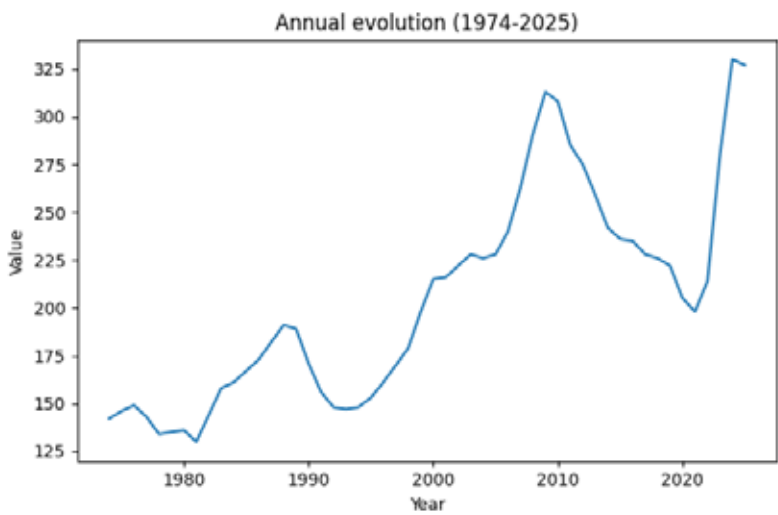
Year	Rate	Year	Rate	Year	Rate
1974	142	1992	148	2010	308
1975	146	1993	147	2011	285
1976	149	1994	148	2012	275
1977	143	1995	153	2013	259
1978	134	1996	161	2014	242
1979	135	1997	170	2015	236
1980	136	1998	179	2016	235
1981	130	1999	198	2017	228
1982	144	2000	215	2018	226
1983	158	2001	216	2019	222
1984	161	2002	222	2020	205
1985	167	2003	228	2021	198
1986	173	2004	226	2022	214

⁷ According to WILENMANN *et al.* (2024), the decline in incarceration in Chile between 2010 and 2022 constitutes a complex and multifactorial process that is more closely related to changes in the practical functioning of the criminal justice system—particularly in police activity and in the effective duration of imprisonment—than to specific legal reforms.

⁸ For the preparation of the following table and graph, the incarceration rate was calculated by combining data from the Chilean Gendarmerie website, which indicated the number of persons deprived of liberty, with data from the National Institute of Statistics, which indicates the approximate number of inhabitants.

Year	Rate	Year	Rate	Year	Rate
1987	182	2005	228	2023	280
1988	191	2006	240	2024	330
1989	189	2007	263	2025	327
1990	171	2008	291		
1991	156	2009	313		

TABLE 1. Prisoners per 100,000 inhabitants in Chile (1974-2025)



GRAPH 1. Prisoners per 100,000 inhabitants in Chile (1974-2025)

From the graph and table above, it can be observed that after the arrival of democracy (1990), there was a slight decrease in imprisonment in the first years. This is possibly because, after the atrocious human rights violations perpetrated during the dictatorship became publicly known, attention shifted toward respect for fundamental rights, which translated into a decrease in punitivism.

As David Garland⁹ argues with respect to mass incarceration in the United States, the phenomenon in Chile was not the result of a policy that was proposed, researched, costed, debated, and democratically agreed upon; rather, it is the consequence of the convergence of various policies and decisions. All the factors that determine an increase in the flow of people entering prisons, without a similar number leaving them, generate more imprisonment, but these decisions are not part of a coherent program.¹⁰

2. CAUSES OF MASS INCARCERATION IN CHILE

We will divide the analysis of the causes of mass incarceration in Chile into indirect causes and immediate causes. Among the indirect causes, we will first analyze the dismantling of the social state as a consequence of a neoliberal economic regime imposed during the military dictatorship and still in place today. This economic system has created an environment of inequality that, in the absence of social programs, manages poverty through criminal law, further deepening social and economic differences. Then, as a second indirect cause, we will analyze how punitive populism took on a leading role in democracy and was decisive in raising incarceration rates to unprecedented levels in Chile. These two indirect causes have given rise to immediate causes, namely criminal and criminal-procedural laws that favor imprisonment. Within the study of the immediate causes, special attention will be paid to the criminal procedural reform and its effects; afterwards, various rules that have contributed to an increase in the level of imprisonment will be identified.

⁹ GARLAND (2001), p. 198.

¹⁰ GARLAND (2016) analyzes various dimensions of mass incarceration in the United States, including racial disparities, the expansion of the penal net, and the stigma and loss of rights that follow criminal punishment. In explaining the complex phenomenon of rising punitiveness, Garland places particular emphasis on the way crime is perceived rather than on its actual magnitude, as well as on the electoral benefits associated with punitive political discourse. He also argues that criminal laws have less impact on the level of crime itself than on incarceration rates.

2.1 INDIRECT CAUSES

A) DISMANTLING OF THE SOCIAL STATE

When people speak of Pinochet's dictatorship (1973-1990), it is usually remembered as an authoritarian regime whose terrifying face is linked only to the mass disappearance of its political opponents, horrific human rights violations, censorship, terror, and the impunity of state agents. However, it is worth remembering that human rights are also violated in all those economic regimes that condemn millions of people to live in poverty.

Both the explicit violation of human rights (e.g., applying electricity to the genitals of a political prisoner) and the less explicit one (for example, the death of a child from pneumonia due to lack of public medical care) are incompatible with the recognition of human dignity. While the explicit violations were selective, and no less reprehensible for that reason, the economic changes affected the entire population, benefiting small groups and harming the majority of Chileans.¹¹

The dismantling of a semi-social state meant the end of basic social benefits, fostering labor precariousness and the segregation of the population by expelling the poor from city centers and abandoning them in inhospitable sectors on the urban margins. Under these new conditions of spatial segregation, the penal response accentuated its selectivity toward the most deprived groups. From these human masses rendered surplus by the new economic structures, prison populations are recruited, and the lack of a social state is complemented by more punitivism.¹²

¹¹ In this sense, the great political and social transformation promoted by the military Junta is the transformation of the liberal democratic regime that prevailed under the 1925 constitution, as CRISTI (2011), p. 119, points out: "what is sought, from the first moment, is the destruction of the pre-existing liberal democratic order and the creation of a new political order, whether a corporatist political order, as was initially thought, or an authoritarian "new democracy", protected and with corporatist remnants compatible with a full market society, as it turned out to be in the end."

¹² In the same vein, Karl Polanyi argues that allowing the market to be the sole director of the destiny of human beings would mean that they, stripped of the protective cloak of cultural institutions, "would perish from the effects of

Let us now examine how the economic transformation in Chile operated and how a neoliberal regime was implemented. It was Milton Friedman himself who advised Pinochet, “to impose a package of rapid measures for the country’s economic transformation: tax cuts, free markets, privatization of services, cuts in social spending, and general liberalization and deregulation [...] It was the most extreme capitalist transformation ever carried out anywhere”.¹³

The changes were carried out immediately as shock therapies on two fronts. On the one hand, radical economic changes were implemented, making every vestige of the social state disappear, impoverishing millions of people and enriching small groups. On the other hand, the armed forces and special police tortured and massacred political enemies, terrorizing the population and thereby making social mobilization against the changes impossible. In Klein’s words, in Chile terror was an accomplice to economic metamorphosis. In democracy, neoliberal proposals can at most take the form of measured reforms, since dismantling the social state is unpopular (e.g., Reagan and Sarkozy). “In short, Friedman’s economic model can be partially imposed in democracy, but to carry out his true vision it needs authoritarian political conditions”.¹⁴

Friedman’s ideas basically sought the elimination of market regulation, privatization, and the reduction or cessation of funding for social programs; in other words, his program could be crudely summarized in three words: deregulation, privatization, and cuts. Regarding the effects produced by a largely unregulated market, it is worth recalling that “[a]s a criterion of distribution, the market is effectively cruel, because it does not take into account how much someone needs something, but only whether they have the means to buy it”.¹⁵

In the midst of the Cold War, the administration of the U.S. government under Richard Nixon began contacting reliable sources

social exposure; they would die as victims of acute social dislocation through vice, perversion, crime and starvation”. Cited in UNDURRAGA (2014), p. 50.

¹³ KLEIN (2007), p.28.

¹⁴ Naomi KLEIN portrays the implementation of neoliberalism in Chile as a shock therapy. Whenever we refer to this, we will be following what the author proposed in her book *The Shock Doctrine: The Rise of Disaster Capitalism*.

¹⁵ ATRIA (2013), p. 152.

within the Chilean army in order to carry out a coup d'état. This does not mean that the Chicago Boys planned a coup in order to conduct their experiment. Rather, as Boeninger observes,¹⁶ the “Chicago Boys, with the collaboration of some Christian Democrats, had already prepared an economic program in anticipation of Allende’s fall and, through the Society for Manufacturing Development, had established contacts with the Navy.” Thus, the coup d'état in Chile, financed by the CIA, was the result of joint collaboration between the military and economists.

After the coup, in the first year of his rule, Pinochet privatized several state-owned companies, opened the borders to imports despite the barriers that had existed to protect domestic industry, eliminated price controls on basic goods, and cut public spending except in the military sphere. His advisers convinced him that the market would solve the economy’s problems by reducing inflation. However, things did not turn out as the Chicago Boys had predicted. In 1974 inflation reached 375% —the highest level in the world and almost double the highest level experienced during Allende’s government—and unemployment reached unprecedented figures.¹⁷ Likewise, growth rates collapsed, poverty increased, and income distribution worsened dramatically.¹⁸

With the implementation of a neoliberal regime and the reduction of state social benefits, Chile’s major cities deepened their geographical divisions. On the one hand, the poor were removed from upper-class neighborhoods; on the other, popular settlements or “land occupations” grew. This new geographical distribution of social sectors is largely the consequence of a process of forced removals carried out during the dictatorship. Between 1979 and 1985, thirty-five thousand poor families were expelled from central Santiago and abandoned on the periphery.¹⁹ Hiding poverty in order to appear to be a thriving country was a strategy to counter the high rates of disapproval directed at the economic plans advanced during the dictatorship.

¹⁶ BOENINGER (2014), p. 293.

¹⁷ KLEIN (2007), p. 114.

¹⁸ UNDURRAGA (2014), p. 87.

¹⁹ RAMOS and GUZMÁN (2000), p. 24.

The hordes of poor people expelled from middle- and upper-class neighborhoods had to settle wherever they could, usually in inhospitable places on the outskirts of cities, in areas without paving or sewage, near dumps or polluting industries, on land that had not been deforested, making them constant victims of fires and other catastrophes.

The inhabitants of these improvised settlements, lacking education and distant from official culture, began to be criminalized and controlled by the penal system. Physical differences fed Lombrosian prejudices, which very often led people to speak of subjects who “look like criminals.”

Democracy arrived in the 1990s, but the governments of the social-democratic coalition did not want to modify the economic regime implanted during the dictatorship. The most optimistic views speak, at most, of neoliberalism with a human face.²⁰ A harsher analysis is offered by Uribe, who prefers to describe Presidents Aylwin, Frei, and Lagos as enforcers of uncompromising neoliberalism, especially in terms of shrinking the state, even going so far as to suggest that they were more Pinochetist than Pinochet. Economic difference remains central, but it no longer operates alone: it is now joined by a new evaluative segmentation that helped separate people of similar economic levels into good and bad, decent people and indecent subjects, citizens who could turn to the police and those who could be detained by it.²¹

B) PUNITIVE POPULISM²²

The reality of crime and the idea people have of it do not maintain a coherent relationship, in the sense that increased fear of crime is not necessarily the consequence of an increase in crime. Behind all of this

²⁰ ATRIA (2013).

²¹ RAMOS and GUZMÁN (2000), p. 19.

²² According to PRATT (2007), penal populism emerges when criminal justice policies cease to be guided primarily by experts and instead become heavily influenced by public emotions, perceptions, and demands, particularly those related to fear of crime and feelings of insecurity. Pratt argues that penal populism is characterized by distrust of experts, the growing prominence of victims, the influence of the media, political competition, and the expansion of punishment.

there is a true fear industry that, as a central point of media politics, exercises enormous power, even deciding who can govern and, still more, who cannot govern.

Today, crime occupies a central place in news broadcasts and social media in Chile. Images of violent crimes are repeated, artificially magnifying the level of crime, increasing fear of crime, and generating ever greater empathy for victims and those close to them. In this context, it becomes unpopular to attempt an in-depth analysis of the causes of crime or the links among marginality, the economic regime, and crime. Only the simplistic response remains: vindictive and populist discourse calling for the crushing of criminals' evil. Any different attempt at explanation may be perceived as a justification of evil and as complicity with crime.

Thus, the sense of insecurity and the very high level of concern about crime do not necessarily respond to rising crime but to other factors. Although some increase in crime since the 1990s can be observed, the increase in fear and concern about criminality does not correspond to that growth.

Since 1990, in surveys conducted by the Centro de Estudios Públicos (CEP), citizens have considered crime to be the main problem the government should address almost every year. Since 2005 (the year in which the criminal procedural reform entered into force nationwide), citizens have considered crime the main problem in practically every year.²³

Just as fear of crime has no necessary relationship with, nor is it the consequence of, an increase in crime, the implementation of anti-crime measures likewise does not imply a reduction in crime and often responds more to electoral (populist) objectives than to proposals emerging from studies indicating the best possibilities for crime prevention and control. Fear leads specialized voices and coherent crime-prevention plans to be ignored, in favor of demagogic and vindictive discourses that, although inefficient and cruel, offer enormous electoral profitability.

The distorted and enlarged image of crime keeps a population frightened and demanding more prisoners, more controls, and a heavier hand. Political leaders choose easy rhetoric and show themselves inclined

²³ Data cited in JIMÉNEZ, SANTOS and MEDINA (2014), p. 70.

toward penal authoritarianism, following the U.S. example and fostering imprisonment and the restriction of rights and guarantees.

The mediatization of crime generates empathy with the victim, and presenting oneself as standing with victims, by adopting the logic of a zero-sum game, yields major electoral benefits. Thus, the discourse of greater punitiveness, heavy-handedness, zero tolerance, and war against crime is extremely useful for anyone seeking a political career, especially when speaking in the name of victims.

2.2. IMMEDIATE CAUSES. SPECIAL ANALYSIS OF THE EFFECT OF CRIMINAL PROCEDURAL REFORM

Within the immediate causes of mass incarceration, we will focus on various rules that either increase penalties, make it easier to obtain custodial convictions, or expand the grounds for pretrial detention. We will first review the criminal procedural reform and its role in the increase in imprisonment, and then examine other criminal laws.

A) CRIMINAL PROCEDURAL REFORM

With the arrival of democracy in Chile, governments committed themselves to the modernization of the state. It is in this context that a new criminal justice system began to be designed, in principle more liberal and democratic. During this same period, crime also began to assume special importance as an issue of concern to citizens and, for that reason, as a central matter on the political agenda. Criminal reform, not free from axiological contradictions, promised to be more respectful of human rights while also more efficient in meeting social demands for greater control. However, the presidential message accompanying the criminal procedure code, dated June 9, 1995, itself acknowledges that former ministers of Pinochet (Enrique Montero) and entities linked to the right wing (Instituto Libertad and Instituto Libertad y Desarrollo)²⁴

²⁴ The *Instituto Libertad*, founded in 1990, describes itself as an intellectual and policy-oriented think tank of the Chilean center-right and has been linked since its inception to *Renovación Nacional*, the political party founded in 1987

participated in the study and drafting of the bill. By contrast, human rights organizations were not invited.²⁵ Before the reform, Chile operated under an inquisitorial criminal procedural system in which the judge investigated, accused, and sentenced. In practice, because judges faced an enormous workload, much of the proceedings fell to court officials who were often not lawyers and frequently lacked legal training. The process was divided into two stages: the *sumario*—the investigative stage, which was essentially secret—and the *plenario*, the stage in which judgment was rendered. The evident partiality of the system lay mainly in the fact that the same judge who accused was also the one who had to sentence. The investigation, which formally also corresponded to the judge, was carried out by police officers, who often obtained evidence, especially confessions, through torture and ill-treatment. It was also an essentially slow process in which a high percentage of those incarcerated were defendants held in pretrial detention; technically, then, they were innocent people in prison. Moreover, this system was highly ineffective, and only 30% of cases ended with a judgment, while the remaining 70% were dismissed.

The new criminal procedure promised to safeguard constitutional guarantees and to be more efficient than its predecessor. To fulfill both principles, the reform created or reestablished different institutions: the Public Prosecutor's Office, as an independent body responsible for criminal investigation and prosecution; the Public Criminal Defense Office, responsible for providing legal assistance to all defendants; and the Guarantee Courts and Oral Criminal Courts. It also established various plea-bargaining mechanisms that, in real terms, mean the possibility of a conviction with a reduced sentence in exchange for the defendant's waiver of trial. This mechanism, with its liberal appearance—since the defendant is free to accept it or not—has proved to be a decisive factor in mass incarceration by allowing convictions and imprisonment with unprecedented speed.

This point reveals the incompatibility on which the new criminal process is based. On the one hand, it claims to be founded on respect for

that supported Augusto Pinochet in the 1988 plebiscite. Likewise, the *Instituto Libertad y Desarrollo* counts among its founders several former ministers and individuals who actively participated in the military dictatorship.

²⁵ HERNÁNDEZ (2000-2005), p. 4.

the citizen's guarantees or rights, by which the individual is protected from punitive power. But on the other hand, the principle of efficiency, very quickly, shows that the face seeking speed in proceedings—and in convictions—can perfectly well restrict procedural guarantees.²⁶ To the extent that guarantee-based criminal law, as a principle, is opposed to efficiency, the conflict has progressively been resolved in favor of the latter.²⁷

Although criminal procedural reform is usually described as guarantee-oriented, this is not necessarily so. Consider, for example, the whole arsenal of intrusive measures already set out in the very message accompanying the criminal procedure code, such as the authority of police officers, even without a judicial warrant, to search closed places on the mere claim that they heard cries for help; or the possibility of intercepting and recording the telephone communications of anyone suspected of having participated in a criminal act, etc. In practice, because of the selectivity with which the police operate, these exceptional rules end up becoming ordinary practices in poorer neighborhoods, where abuses of power are legally authorized. In addition, the code's own message repeatedly refers to "deviant conduct," a concept much broader than crime and one promoted by criminological currents whose main characteristic is the legitimization of dominant groups in society.²⁸ Such expressions reveal the intention, on the part of those who control the organs of the state, to "impose patterns of behavior on individuals that go beyond what is established and required by legal norms",²⁹ since for something or someone to be "deviant" there must first be a standard of conduct.³⁰

²⁶ With the criminal procedure reform, a new phenomenon emerged: penal managerialism, that is, the incorporation of logics of efficiency, productivity, performance monitoring, and outcome-based indicators into the institutions of the criminal justice system. GONZÁLEZ (2018).

²⁷ As discussed above, during Pinochet's dictatorship a neoliberal regime was imposed by force, generating a range of consequences for the penal apparatus. Subsequently, under democracy, this regime was maintained and even reinforced through the emergence of a managerial bureaucracy whose rationalities permeated the criminal procedure reform. HATHAZY (2013).

²⁸ BERGALLI (1980), p. 85.

²⁹ HERNÁNDEZ (2002-2005), p. 5.

³⁰ Paragraphs 17, 23 and 25.

While criminal procedural reform was being designed, the most conservative groups criticized the new model for being too guarantee-oriented. It was said that the balance between guarantees and criminal prosecution was skewed excessively in favor of the former. Twenty-five years after its implementation, given current incarceration levels, it is difficult to regard as guarantee-oriented a penal system whose numbers show it to be more punitive. Nevertheless, if we analyze, on the one hand, the type of convicted persons and their social and economic characteristics and, on the other hand, who are ideal candidates for non-punitive alternatives, we may conclude that this new system can be more punitive or more guarantee-oriented depending on the defendant's economic and social characteristics. Before the reform entered into force, many asked whether it would benefit or harm offenders (those accused or convicted). Practice has shown that the question was wrongly framed, since it benefits or harms them according to their social class.

This greater punitiveness of the new criminal process is fueled by fear of crime and has been manipulated and directed toward a clearly authoritarian orientation. Likewise, the inherent conflict between guarantees and efficiency has been resolved in favor of the latter, increasingly sidelining the rights and guarantees of defendants. As Garland³¹ warns in other contexts, the phenomenon appeared as a zero-sum game in which every recognition of defendants' guarantees or rights is understood as contempt for victims' pain. Governments and legislators, taking advantage of citizens' fear and victims' suffering, renounced all rationality and greased the punitive machine. The new criminal process made mass incarceration in Chile possible and was a necessary condition for it, and its preferred instrument was negotiated justice and the voluntary waiver of adversarial trial.

That voluntariness in accepting responsibility, required in negotiated proceedings, is questionable, since the alternative to such proceedings is to risk extremely high penalties. Thus, accepting a negotiated procedure (through admission of the offense) may become the only real possibility of avoiding enormous periods of imprisonment.

³¹ GARLAND (2005).

In this way, just as the medieval Inquisition did, we force the accused to accept guilt. We do not directly inflict torment on them, but the threat of having to spend twenty years in prison may in practice be worse than the worst medieval torture. Unlike torture, the procedure is clean in its forms, since no state agent stains his hands with blood, but through these mechanisms we make the exercise of the legitimate right to an adversarial trial extremely costly for the accused.³²

The speed of convictions can hardly be understood as an unintended effect of negotiated justice.

-Effects of the reform

The main effects of the reform are the greater number of convictions and the speed of criminal justice. In this sense, the criminal procedural reform has been functional to the prevailing discourse by making possible the increase in convictions and in the number of incarcerated persons.

One of the main effects of the reform was the quantitative and qualitative increase in admissions and terminations of judicial proceedings.³³ Unlike what happened under the old system, under the reform the number of judgments and convictions increased in absolute terms. In 1999 (one year before the reform entered into force), the conviction rate in Chile was 226 per 100,000 inhabitants. With the reform's entry into force, the conviction rate increased year after year from 2000 to 2009, reaching an unprecedented rate of 1,467 (per 100,000 inhabitants) in 2009, which means 248,140 convictions in that same year.³⁴

The following table shows how, between 2001 and 2008, convictions and acquittals in simplified and abbreviated procedures increased:^{35 36}

³² This reality was also denounced in Italy by Tullio PADOVANI in an article entitled "La soave inquisizione. Osservazioni e rilievi a proposito delle nuove ipotesi di ravvedimento" (1981).

³³ SALINERO (2012), p. 124.

³⁴ Data in SALINERO (2012), p. 127. Convictions do not necessarily imply an effective prison sentence.

³⁵ Data in SALINERO (2012), p. 131.

³⁶ Abbreviated procedures and certain simplified trials in Chile allow judges to issue a conviction without conducting a full oral trial. In these proceedings, the defendant admits the facts established during the investigation,

Year	Simplified Conviction	Simplified Acquittal	Abbreviated Conviction	Abbreviated Acquittal
2001	601	29	166	4
2002	1.300	59	1.044	6
2003	3.005	61	1.931	12
2004	12.786	226	4.797	65
2005	27.129	435	90217	123
2006	41.487	559	19.148	172
2007	52.317	840	24.569	279
2008	68.156	998	34.035	2220

TABLE 2. Trends in the Prison Population, Crime Reports (DMCS), and Victimization, 2000–2009

These negotiated-justice procedures require the waiver of an adversarial trial and, in a certain sense, of the presumption of innocence.

These procedures, based on self-incrimination, have shown sustained growth, favoring the rapid and negotiated imposition of a penalty, which in a large number of cases will be served effectively; they allow us not only to infer that they closely contribute to the current high levels of prison inflation, but also that they affect the actual punishment imposed in a possible second conviction (recidivism).³⁷

thereby avoiding an adversarial trial and obtaining a reduction in sentence in exchange for that admission. Regarding this form of “negotiated” justice, LANGER and SOZZO (2023) analyze this contemporary phenomenon in Latin America, noting that in many countries across the region the majority of convictions are no longer obtained through full oral trials, but rather through abbreviated procedures, plea agreements, admissions of responsibility, and other mechanisms inspired by the American plea bargaining system.

³⁷ SALINERO (2012), p. 132.

Acceptance of responsibility is often, rather than the reflection of a spontaneous acknowledgment of the facts by the defendant, a response to fear of a very lengthy conviction.³⁸

-Amendments to the criminal procedure code

In 2002, under the socialist government of Ricardo Lagos, Law No. 19,789 was enacted, altering identity checks. Specifically, the new rule amending Article 85 of the criminal procedure code expanded police powers by allowing a more intrusive search, extending the duration of the check, and including misdemeanors as an indication permitting such checks. The same law amended Article 134 regarding situations of flagrancy, expanding the discretionary powers of the police. The amendment authorizes the police to search the accused's clothing, luggage, or vehicle. In addition, the person may be detained if they have committed any of the misdemeanors contemplated in the criminal code. In other words, in cases involving not crimes but mere misdemeanors, defendants may be detained by the police.

In 2005, also with Lagos as president, Law No. 20,074 was enacted, amending the criminal procedure code and the criminal code. That law expanded the grounds for pretrial detention, depriving it of its character as *ultima ratio*. By amending Article 139 of the criminal procedure code, it established that pretrial detention would apply—beyond the already existing objective of ensuring the purposes of the proceedings—in order to ensure the safety of the offended party and of society. Articles 140 and 141 were likewise amended, intensifying their application. Thus, for example, the clause in Article 141 stating that “[p]retrial detention may not be imposed when it appears disproportionate in relation to the seriousness of the offense, the circumstances of its commission, and the likely sanction” was eliminated.

In 2006, the government of socialist Michelle Bachelet proposed a bill intended to improve the criminal procedural reform. This was the

³⁸ ARRIAGADA *et al.* (2021) reach a different conclusion from the one advanced here. After a meticulous analysis, they argue that the sentenced prison population had already been showing a sustained upward trend since the 1990s, prior to the implementation of the reform. Their study also concludes that the reform produced a significant reduction in the population subject to custodial pretrial measures.

so-called short anti-crime agenda, which took shape in Law No. 20,253, ultimately approved in 2008 and published on March 14 of that year with a clearly punitive orientation. The Minister of Justice himself, the Radical Party member Isidro Solís, stated on July 8, 2006, that the purpose of those bills was to toughen criminal policy in order to control crime. The following year, Minister of Justice Carlos Maldonado, also a member of the Radical Party, stated: “I am in favor of, and I am working in Congress for the approval of, the Short Agenda bill, which establishes stricter criteria regarding pretrial detention. Some judges are too guarantee-oriented.”³⁹

That rule aggravates recidivism for serious crimes, identifies flight risk as a new ground for pretrial detention, expands police powers by authorizing them to enter and search closed places even without authorization from a judge or prosecutor when there are grounds indicating that an offense has been committed, etc. In our view, these would be unconstitutional rules because they violate the inviolability of the home without a judicial order. In addition, this law introduces amendments authorizing the police to check identity when there are indications that the persons checked have committed or attempted to commit a crime. The period of flagrancy for any crime is extended to twelve hours. Likewise, this reform increases restrictions on the granting of release and curtails individual guarantees. In general terms, it is a rule that increases penal control.

Although the so-called Short Agenda implied a general increase in punitivism, the most significant point was the expansion of the grounds for pretrial detention. One of the merits that could be recognized in the reform was precisely that it had reduced the percentage of inmates in pretrial detention in relation to the total incarcerated population.

³⁹ “I will be very direct: prison is a necessary evil,” *El Mercurio*, July 14, 2007, D 10. The title of the former minister’s article is striking. If he truly believes that prison is a necessary evil, should it not be applied exceptionally and as a measure of last resort? Expanding the grounds for pretrial detention moves precisely in the opposite direction, namely, making it easier to imprison persons who are technically innocent and who, as the figures show, many times end up being acquitted. Increasing the grounds for pretrial detention means replacing the principle in *dubio pro reo* with one of in *dubio pro carcerem*.

Amendments such as these increase the imprisonment of persons whose guilt or innocence is still unknown.⁴⁰

It is senseless, and involves an enormous and irreversible human cost, to confine persons when the outcome of the proceedings against them is unknown. The figures reflect unjustifiable authoritarianism. Many men and women who have had to endure pretrial detention—that is, who have been in prison—have later been acquitted or convicted with benefits allowing them to serve their sentence in freedom. Keeping them confined, thereby putting their lives and their physical and psychological integrity at risk, is unacceptable in a democratic society. A study by Ulises Gómez⁴¹ shows that 65% of persons subjected to pretrial detention end up without a custodial sentence, either because they are acquitted or because they obtain some form of alternative measure. Another study based on statistics from the Public Criminal Defense Office⁴² shows that 22% of acquitted defendants had been held in pretrial detention.

On the other hand, Velásquez and Correa⁴³ highlight the lack of reasoning and justification provided by judges when ordering pretrial detention, particularly when invoking the ground of “danger to the safety of society.” The authors argue that, although case law requires rigorous judicial reasoning, judicial decisions are, in practice, highly mechanized and standardized. Judges tend to apply the criteria established by law as a checklist, without specifically explaining why the defendant poses a genuine danger. Moreover, the heavy workload of the criminal justice system creates pressure to resolve hearings quickly. This has allegedly encouraged bureaucratic practices and resulted in brief, repetitive, and insufficiently individualized decisions.

It is likewise contradictory that convicted persons who ultimately serve their sentence in freedom should previously have been imprisoned as defendants. According to criteria of rationality or proportionality, it cannot be defended that the “penalty” of an innocent person be more burdensome

⁴⁰ Currently, more than 35% of persons deprived of liberty are in pretrial detention, that is, they are imprisoned without a conviction.

⁴¹ GÓMEZ (2012).

⁴² MEDINA (2009), p. 23.

⁴³ VELÁSQUEZ and CORREA (2025).

than that of a convicted one. It appears that legislators act to satisfy fears and paranoias without respecting any criterion of proportionality.

If, as we have seen, this situation does not respect proportionality, then it cannot be defended on the basis of justice or retributive principles. Given the known effects of imprisonment, it is likewise implausible to find utilitarian criteria to defend this situation. We are simply faced with a brutal fact that cannot be justified or legitimized. It is only a phenomenon of power, not of law.

-The reform of the reform

In 2012, following the decision in a highly publicized case in which a confessed perpetrator who had killed a soccer supporter was not placed in pretrial detention by a guarantee court, then-President Piñera announced the reform of the reform, aimed at strengthening the fight against crime. This reform of the reform seeks to further expand the powers of the police and the Public Prosecutor's Office, extend the catalogue of precautionary measures, establish more sanctions for repeat offenders, create new measures supposedly protecting the victim, etc.

Continuing down this path will lead us to expand police powers more and more (thereby diminishing citizens' prerogatives), to increase the situations in which pretrial detention may be imposed (thus incarcerating more and more innocent persons), and to approve unconstitutional reforms contrary to human rights. These are rules that oppose international human rights law and are also useless in reducing crime or levels of social violence; the only ones who benefit are politicians who continue to promote and feed a simplistic vision of war between criminals and law-abiding citizens. Behind this progressive path toward authoritarianism lies the notion that divides people into "them and us," promoting the expansion of control into the most intimate sphere and leading ultimately to penal totalitarianism.

In 2016, under the second government of socialist Michelle Bachelet, Law No. 20,931 was enacted, known as the second short anti-crime agenda, "which facilitates the effective application of the penalties established for the crimes of robbery, theft, and receiving stolen goods and improves criminal prosecution in those crimes." Among other things, this rule expands the possibilities of negotiated justice, even offering a one-degree reduction in sentence for those who agree not to go to an

adversarial trial. Although measures of this kind may imply a lower penalty in the specific case, the mechanism makes it possible to increase convictions with less effort and can therefore favor mass incarceration. Another fundamental change introduced by this rule is the establishment of a different sentencing regime for the crimes of theft (except the least serious forms), robbery, cattle theft, and receiving stolen goods, known as the “rigid framework.” That is, for perpetrators of these offenses, the sentence may not be reduced by degree despite the existence of several mitigating circumstances, thus establishing a special and harsher regime than for other crimes. It is striking that the government and legislators showed such particular zeal in increasing penalties for crimes against property rights and not for other kinds of crimes. As noted above, that rigid framework may be altered and the sentence lowered by one degree when the defendant accepts criminal responsibility. This means that the only way to reduce the sentence is to waive a fair trial; in other words, exercising the right to go to trial entails the impossibility of requesting a reduction of sentence based on mitigating circumstances as in the majority of crimes. On the other hand, further promoting convictions without trial, the new short anti-crime agenda contemplates the possibility of imposing sanctions of up to ten years through negotiated justice; that is, a guarantee judge, in little more than five minutes, may sentence one or several defendants to ten years of imprisonment.

The aforementioned body of legislation, crafted in disregard of the data and with language revealing extreme populism, states in the presidential message that one of the purposes of the rule is to “lock the revolving door.” Regardless of the fallacies or the effects that a law like this may produce, the bill was approved with votes from both the political right and left. This cross-party support, when it comes to promoting the incarceration of misery, shows that the political class will prioritize penal populism over other public policies that might suggest more useful and humane paths, but that offer little electoral return.

B) SUBSTANTIVE LAWS

Two necessary conditions for mass incarceration are: the construction of new prisons and a procedure that allows more people

to be sent quickly to prison. Added to these conditions are increasingly punitive laws that contribute to mass incarceration.

On January 14, 2004, Law No. 19,927 on so-called “sexual offenses” was published. In general terms, this law increased punishment for various offenses and restricted the possibility of obtaining alternatives to imprisonment. Its enactment was preceded by various media scandals involving pedophilia that created an atmosphere in which Chile appeared to be a country with weak criminal legislation in the sexual sphere. Between 2006 and 2012, the number of sexual offenses reported to the prosecutor’s office increased from 94 to 131 (per 100,000 inhabitants). On October 7, 2005, Law No. 20,066 on Domestic Violence was published. That law expands criminal law by incorporating new offenses into traditional categories such as threats and bodily harm, as well as by creating new criminal types. Few offenses have seen their level of reports rise as sharply as those covered by this law, increasing from 338 in 2007 to 797 in 2012, most of which correspond to psychological or minor injuries. This rule strongly toughened criminal legislation in matters of so-called domestic violence by increasing the penalty for the offense of bodily harm (in domestic violence cases). Specifically, with regard to the persons referred to in Article 5, the sentence to be imposed is the one established for the respective offense increased by one degree. As Salinero⁴⁴ aptly illustrates, the offense of minor bodily harm carries a fine under Chilean criminal legislation. However, if those injuries are inflicted on persons the Domestic Violence law seeks to protect, the corresponding penalty ranges from 61 to 540 days of imprisonment. In addition, Article 19 of the law imposes restrictions on access to alternative resolutions, thereby favoring imprisonment.⁴⁵

- Laws on illicit drug trafficking

A special section will be devoted to Laws No. 19,366 (1995) and No. 20,000 (2005) on drug trafficking. In 1990, with the return to democracy, the Chilean government signed anti-drug agreements with the United States, which appear to have been conditions imposed by the northern country before it would later sign trade treaties. Those

⁴⁴ SALINERO (2012), p. 135.

⁴⁵ Data in JIMÉNEZ, SANTOS and MEDINA, 2014: 115.

agreements entailed increasing controls and arrests for drug trafficking, creating the National Council for the Control of Narcotic Drugs (CONACE), and implementing specific plans.

Laws No. 19,366 and No. 20,000 have entailed a disproportionate increase in penalties, in addition to a relaxation of guarantees and fundamental rights. With the entry into force of Law No. 19,366 in 1995, the number of convicted persons almost tripled in a single year, rising to nearly five times that number by 2004.⁴⁶ Later, with Law No. 20,000, convictions increased substantially. The latter law introduced the figure of so-called micro-trafficking. Before that law, when faced with trafficking involving small amounts of drugs, judges tended to reclassify the offense as a consumption-related misdemeanor or dismiss the case on the grounds that applying the high penalties contemplated for trafficking—from five years and one day to fifteen years of imprisonment—was disproportionate. In order to end this situation of impunity, Law No. 20,000 created the criminal offense of micro-trafficking with a lower penalty than that for trafficking.

Law No. 20,000, in direct conflict with the principle of the presumption of innocence, expressly establishes a presumption of guilt, shifting to the defendant the obligation to prove, under its Article 4, that he or she was not engaged in trafficking activities. This express presumption of guilt means that the mere negligence of a drug-dependent person may transform that person from user into trafficker, forcing them to face extremely high sentences. A rule of this sort ends up punishing the victims of the protected legal interest. As in the United States, thousands of drug-dependent persons begin to fill the prisons.

In 1990, the number of persons convicted to custodial sentences for drug-trafficking offenses was 704. By 1998, the figure had risen to 4,430. This 630% increase could be understood as the result of the imitation—or imposition—of U.S. criminal policies, and its projection could lead us to think that in the not-too-distant future those convicted under drug laws will constitute the majority of the prison population. In addition, drug laws have translated into a huge increase in the number of incarcerated women.

⁴⁶ SALINERO (2012), p. 138.

This situation of female imprisonment is particularly serious, given that prison, from its beginnings, has been “a tool directed fundamentally at controlling the male population”.⁴⁷ However, the war on drugs understood that the “enemy” could also be a woman. Selectivity among incarcerated women operates by imprisoning, very especially, a vulnerable group that for the most part shares three characteristics: they are women without power or influence, generally incarcerated for offenses linked to drug trafficking; they have lived in poverty; and a high proportion belong to minority ethnic groups.⁴⁸ The main reason women commit trafficking-related offenses more than others is linked to a historical role they have been required to fulfill. Women, who are often mothers, encounter greater social and cultural difficulties in separating themselves from motherhood (quite different from men with fatherhood), and drug-trafficking activity, unlike other crimes, can be carried out from the home. Thus, while fulfilling their role as mothers and homemakers, women can generate income through drug-trafficking-related activities without having to go out to seek work and neglect the household and the care of their sons and daughters. In this same sense, Anthony García⁴⁹ argues that “the limitations imposed by motherhood that prevent them from obtaining or keeping jobs (...) explain why they chose [drug-trafficking] activities.” In addition, because of the disadvantaged condition suffered by women, their role in trafficking usually corresponds to subordinate and highly visible tasks,⁵⁰ which makes them easily replaceable and easily apprehended.

Finally, given the greater growth of female imprisonment compared to male imprisonment, and noting that the majority of women deprived of liberty are serving sentences for drug-trafficking offenses and that more than 80% of incarcerated women are mothers, another question arises, whose possible answers may help us understand issues

⁴⁷ RIVERA (2009), p. 264.

⁴⁸ Carlen, cited in RIVERA (2009), p. 264.

⁴⁹ GARCÍA (2002), p. 512.

⁵⁰ MAQUEDA (2014), p. 247.

much more complex and profound than those addressed in this paper: Where do the children of imprisoned women end up?⁵¹

3.- FINAL CONSIDERATIONS

Although the criminal procedural reform established various formal guarantees in the conduct of trials, it also became a functional tool for increasing the number of persons deprived of liberty. The current figures for incarcerated persons in Chile are the highest in national history, generating overcrowding and worsening prison conditions.

Given the deplorable situation experienced by persons deprived of liberty, it is necessary to develop proposals to adjust legal frameworks, systems, criminal practices, and penitentiary practices to international standards. Let us not forget that Chile has signed and ratified international treaties and resolutions aimed at respecting human dignity. Thus, in 1991 Chile ratified United Nations General Assembly Resolution 45/111 on the treatment of prisoners, thereby undertaking to treat every prisoner with the respect owed to the inherent dignity and value of the human being, without discrimination on the basis of being deprived of liberty.

Persons deprived of liberty, subject to the limitations inherent in imprisonment, must retain the rights and freedoms enshrined in the Universal Declaration of Human Rights; the International Covenant on Economic, Social and Cultural Rights; the International Covenant on Civil and Political Rights; etc. These are not altruistic doctrines or ideas regarding persons deprived of liberty. They are norms ratified by Chile and currently in force and, therefore, binding. In this sense, the Chilean State is obliged to develop public policies aimed at respecting human dignity. To that end, it is necessary to undertake substantive

⁵¹ Although the percentage varies from country to country and, in Latin America, women deprived of liberty do not represent 10% of the prison population, the increase in female imprisonment is greater than that of male imprisonment, which gives rise to particular concern when one notes the harmful social effects of incarcerating women who are also mothers. On the figures, see: <https://www.prisonstudies.org/map/south-america> and on the effects: LIEBLING and MARUNA (2005).

reforms, but also procedural reforms, aimed at reducing the number of incarcerated persons.

It is worth remembering that imprisoning another human being is an extremely violent act, one that involves fixing a body in a tiny space, dehumanizing the person who must endure it; and dehumanizing another human being also means dehumanizing ourselves, while mass dehumanization necessarily entails the dehumanization of society. This is so even if we do not become aware of prisoners' pain. Mass incarceration, like a silent specter, corrodes everyone's freedom and ultimately deprives us of what is most precious in life itself.

On the other hand, the criminogenic effects produced by prison will also be costs paid in the future: they will translate into more crimes and higher levels of violence, which will in turn generate more prisons, more controls, more police, and, moreover, more prisoners. In this way, mass incarceration, like an upward spiral, has as its endpoint the confinement of everyone. Only a change of direction, a turn toward respect for human dignity, can help us avoid a suicidal policy.⁵²

REFERENCES

ANTHONY, Carmen. *Reflexiones sobre los procesos de criminalidad y criminalización de las mujeres de América Latina implicadas en delitos relacionados con drogas*. In: FACIO, Alda; FRIES, Lorena (org.). *Género y derecho*. Santiago: LOM, 2002. p. 511-516.

ARRIAGADA, Isabel; FARÍAS, Javiera; WALKER, Agustín. Evolución de la población penal en Chile desde 1991 a 2007: aproximación empírica a los efectos de la reforma procesal penal. *Política Criminal*, Santiago, v. 16, n. 31, 2021. <https://doi.org/10.4067/S0718-33992021000100279>.

ATRIA, Fernando. *Veinte años después: neoliberalismo con rostro humano*. Santiago: Catalonia, 2013.

BERGALLI, Roberto. La ideología del control social tradicional. *Doctrina Penal*, Buenos Aires, año 3, 1980.

BOENINGER, Edgardo. *Gobernabilidad: lecciones de la experiencia*. Santiago: Uqbar, 2014.

⁵² CUNEO (2017), P. 321.

CRISTI, Renato. *El pensamiento político de Jaime Guzmán: una biografía intelectual*. Santiago: LOM, 2011.

CUNEO, Silvio. *Encarcelamiento masivo*. Buenos Aires: Didot, 2017.

GARLAND, David. *La cultura del control: crimen y orden social en la sociedad contemporánea*. Traducción de Máximo Sozzo. Barcelona: Gedisa, 2005.

GARLAND, David. Epilogue: the new iron cage. *Punishment & Society*, v. 3, n. 1, p. 197-199, 2001.

GARLAND, David. Penalidad y Estado penal. *Delito y Sociedad*, Santa Fe, n. 42, p. 9-48, 2016.

GÓMEZ, Ulises. ¿Cómo se justifica la prisión preventiva? *Nova Criminis*, Santiago, n. 3, p. 203-318, 2012.

GONZÁLEZ, Claudio. *Gestión, gerencialismo y sistema penal*. Buenos Aires: B de F, 2018.

GONZÁLEZ, Claudio; RIQUELME, Andrés; FERNÁNDEZ, Andrea; DEL SOLAR, María José; DÍAZ, María. ¿Está comenzando un ciclo de encarcelamiento masivo en Chile? Aproximación a la evolución penitenciaria entre los años 2022-2024. *Estado, Gobierno y Gestión Pública*, Santiago, v. 23, n. 45, p. 288-324, 2025. <https://doi.org/10.5354/0717-8980.2025.80303>.

HATHAZY, Paul. Democratizing Leviathan: bureaucrats, experts and politics in the transformation of the penal state in Argentina and Chile. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) – University of California, Berkeley, Berkeley, 2013.

HERNÁNDEZ, Alfonso. El nuevo régimen procesal penal chileno: ¿justicia para todos? Valparaíso, 2002-2005. Texto no publicado.

JIMÉNEZ, Manuel; SANTOS, Tomás; MEDINA, Pablo. *Un nuevo tiempo para la justicia penal: tensiones, amenazas y desafíos*. Santiago: Editorial Universidad Central, 2014.

KLEIN, Naomi. *La doctrina del shock: el auge del capitalismo del desastre*. Traducción de Isabel Fuentes García. Barcelona: Paidós, 2007.

LANGER, Máximo; SOZZO, Máximo (comp.). *Justicia penal y mecanismos de condena sin juicio: estudios sobre América Latina*. Buenos Aires: Marcial Pons, 2023.

LIEBLING, Alison; MARUNA, Shadd (ed.). *The effects of imprisonment*. Devon: Willan Publishing, 2005.

MAQUEDA ABREU, María Luisa. *Razones y sinrazones para una criminología feminista*. Madrid: Dykinson, 2014.

MEDINA, Gonzalo. Prisión preventiva y seguridad ciudadana: una corta agenda. *Revista 93*, Santiago, ano 1, n. 1, 2009.

PADOVANI, Tullio. La soave inquisizione: osservazioni e rilievi a proposito delle nuove ipotesi di ravvedimento. *Rivista Italiana di Diritto e Procedura Penale*, Milano, v. 24, n. 2, p. 529-545, 1981.

PALACIOS, Daniel. Criminal procedure reform in Chile. In: DEZALAY, Yves; GARTH, Bryant (ed.). *Lawyers and the rule of law in an era of globalization*. Oxon: Routledge, 2011. p. 112-132.

PRATT, John. *Penal populism*. London: Routledge, 2007. <https://doi.org/10.4324/9780203963678>.

RAMOS, Marcela; GUZMÁN, Juan. *La guerra y la paz ciudadana*. Santiago: LOM, 2000.

RIVERA BEIRAS, Iñaki. *La cuestión carcelaria: historia, epistemología, derecho y política penitenciaria*. 2. ed. Buenos Aires: Editores del Puerto, 2009.

SALINERO, Sebastián. ¿Por qué aumenta la población penal en Chile? Un estudio criminológico longitudinal. *Ius et Praxis*, Talca, v. 18, n. 1, 2012. <https://doi.org/10.4067/S0718-00122012000100007>.

TIEDE, Lydia. Chile's criminal law reform: enhancing defendants' rights and citizen security. *Latin American Politics and Society*, v. 54, n. 3, p. 65-93, 2012. <https://doi.org/10.1111/j.1548-2456.2012.00172.x>.

UNDURRAGA, Tomás. *Divergencias: trayectorias del neoliberalismo en Argentina y Chile*. Santiago: Ediciones Universidad Diego Portales, 2014.

VELÁSQUEZ, Javier; CORREA, Carlos. Motivación y uso de la prisión preventiva en Chile. *Política Criminal*, Santiago, v. 20, n. 40, 2025. <https://doi.org/10.4067/S0718-33992025000200485>.

VELÁSQUEZ, Javier; RIQUELME, Ignacio. Prisión preventiva en Chile: presión de la gestión del tiempo y estandarización. *Revista Brasileira de Direito Processual Penal*, Porto Alegre, v. 10, n. 3, e998, 2024. <https://doi.org/10.22197/rbdpp.v10i3.998>.

WILENMANN, Javier. Neoliberal politics and state modernization in Chilean penal evolution. *Punishment & Society*, v. 22, n. 3, p. 259-280, 2020. <https://doi.org/10.1177/1462474518824050>.

WILENMANN, Javier; LARROULET, Pilar; ARRIAGADA, Isabel. La caída del encarcelamiento en Chile: un estudio sobre el comportamiento del sistema penal chileno y su impacto en la población penal. *Política Criminal*, Santiago, v. 19, n. 37, p. 354-385, 2024. <https://doi.org/10.4067/S0718-33992024000100354>.

Authorship information

Silvio Cuneo. PhD in Law, Academic at the Universidad Central de Chile.
silvio.cuneo@ucentral.cl.

Fernanda Tapia. PhD in Law, Academic at the Universidad Central de Chile.
fernanda.tapia@ucentral.cl.

Additional information and author's declarations (scientific integrity)

Conflict of interest declaration: the authors confirm that there are no conflicts of interest in conducting this research and writing this article.

Declaration of authorship: all and only researchers who comply with the authorship requirements of this article are listed as authors; all coauthors are fully responsible for this work in its entirety.

- *Silvio Cuneo*: conceptualization, methodology, data curation, investigation, writing – original draft, validation, writing – review and editing, final version approval.
- *Fernanda Tapia*: conceptualization, methodology, data curation, investigation, writing – original draft, validation, writing – review and editing, final version approval.

Declaration of originality: the authors assure that the text here published has not been previously published in any other resource and that future republication will only take place with the express indication of the reference of this original publication; they also attest that there is no third party plagiarism or self-plagiarism.

Data Availability Statement: In compliance with open science policies, all data generated or analyzed during this study are included in this published article.

IA Statement: The authors declare that they are aware that the use of artificial intelligence must not supplant the human originality of the research, and that full responsibility for any errors or plagiarism rests entirely with the authors. The authors declare that AI was used in the following stages of this research: language editing and reference formatting.

Editorial process dates (<https://revista.ibraspp.com.br/RBDPP/about>)

- Submission: 15/03/2026
- Desk review and plagiarism check: 20/03/2026
- Review 1: 14/04/2026
- Review 2: 24/04/2026
- Preliminary editorial decision: 10/05/2026
- Correction round return: 04/06/2026
- Final editorial decision: 04/06/2026

Editorial team

- Editor-in-chief: 1 (VGV)
- Associated-editor: 1 (EK)
- Reviewers: 2

HOW TO CITE (ABNT BRAZIL):

CUNEO, Silvio; TAPIA, Fernanda. Criminal procedural reform in Chile and its impact on incarceration rates. *Revista Brasileira de Direito Processual Penal*, vol. 12, n. 2, e1433, mai./ago. 2026. <https://doi.org/10.22197/rbdpp.v12i2.1433>



License Creative Commons Attribution 4.0 International.

Actores del sistema de justicia penal chileno: ¿Burócratas?

Members of the Chilean criminal justice system: Bureaucrats?

Javiera Araya-Moreno¹

Université de Sherbrooke – Québec, Canadá

javieraarayamoreno@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-6863-6211>

RESUMEN: El artículo explora la pregunta de si es que (y cómo) los actores del sistema de justicia penal en Chile pueden ser calificados de burócratas. Inspirándose de la literatura antropológica sobre las burocracias y basándose en un enfoque etnográfico de investigación que incluyó observaciones en tribunales de garantía y en oficinas del ministerio público en la ciudad de Santiago, el artículo examina tres características atribuidas a las burocracias y que se aplican al sistema de justicia penal: su eficacia como productor y administrador de un tipo específico de tecnología de producción de conocimiento (el derecho), su eficiencia como proveedor de un tipo específico de servicio público, y el descontento producido en la ciudadanía en razón del desfase entre las expectativas de ésta y los objetivos imputados al sistema de justicia penal. El artículo concluye argumentando que los actores del sistema de justicia penal son al mismo tiempo encargados de la aplicación del derecho y "burócratas", de tal manera que ambas lógicas, lejos de ser contradictorias, se refuerzan entre ellas.

PALABRAS CLAVE: Burocracia; Chile; sistema de justicia penal; etnografía.

ABSTRACT: *This article examines whether (and how) actors within the Chilean criminal justice system can be characterized as bureaucrats. Drawing on*

¹ Investigadora en estudios socio-jurídicos. Socióloga por la Universidad de Chile y Doctora en sociología por la Universidad de Montreal. Investigadora postdoctoral en la Facultad de Derecho de la Universidad de Sherbrooke, Canadá.

anthropological literature on bureaucracies and employing an ethnographic research approach that includes observations conducted in judicial hearings and district attorney's offices in Santiago, this article examines three characteristics attributed to bureaucracies that apply to the criminal justice system: their effectiveness as producers and managers of a specific type of knowledge-production technology (the law), their efficiency as providers of a specific type of public service, and the discontent generated among citizens due to the gap between their expectations and the objectives attributed to the criminal justice system. The article concludes by arguing that the actors in the criminal justice system are both protectors of the rule of law and "bureaucrats," such that these two logics, far from being contradictory, reinforce one another.

KEYWORDS: Bureaucracy; Chile; criminal justice system; ethnography.

INTRODUCCIÓN

La manera en que las ciencias sociales han abordado las burocracias penales se ha focalizado en el rol que éstas cumplen en fenómenos como la criminalización de ciertas prácticas y grupos sociales, en los mecanismos a través de los que se administra el castigo, en las tendencias al punitivismo en la sociedad, en la identidad profesional y la utilización de discrecionalidad por parte de los actores del sistema, y en los efectos de estos elementos en otras etapas del proceso penal². En América latina, donde una ola de reformas judiciales reemplazó los sistemas inquisitorios por sistemas acusatorios a principios del siglo XXI, los estudios en ciencias sociales sobre los sistemas de justicia penal se han interesado en la relación entre estas reformas y las características de las burocracias penales, y han denunciado que, a pesar de los objetivos de modernización del Estado, de transparencia y de eficacia que motivaron las reformas (Duce y Pérez Perdomo 2001), en la práctica se creó un sistema caracterizado por su managerialización y por la adopción de criterios de gestión propios al mundo privado, lo que González Guarda (2018) llama "gerencialismo".

² Ver, por ejemplo, Morales Peillard 2012 y Quiroz 2022.

Sin embargo, quizás porque las instituciones que forman parte del sistema de justicia penal ya han sido el objeto de escrutinio por parte de estudios que buscan evaluar en qué medida éstas han respondido a las promesas de las que son el resultado, y quizás porque están encargadas de aplicar directamente el derecho penal y de administrar el sistema de justicia penal, los estudios han privilegiado el análisis de la dimensión jurídica, interesándose por ejemplo en cuestiones de derechos fundamentales y procesales. Quizás por la misma razón por la que un juez, un fiscal o un abogado defensor se mostraría reticente a calificarse a sí mismo de “burócrata”, existen menos estudios sobre el sistema de justicia penal como burocracia. Mientras que estudios empíricos se han interesado en cómo, por ejemplo, las oficinas de instituciones públicas atienden público en Argentina (Auyero 2012) o en cómo los trabajadores del programa *Chile Solidario* interactúan con los beneficiarios (Rojas Lasch 2019), los tribunales de justicia y otras organizaciones que forman parte del sistema de justicia penal son abordados por las investigaciones principalmente a través del prisma del derecho, dejando de lado el hecho de que se trata de burocracias. ¿Por qué? ¿Qué podría explicar la aparente contradicción entre la lógica jurídica y la lógica burocrática en los análisis sobre el sistema de justicia penal? ¿Los actores del sistema de justicia penal pueden ser calificados de “burócratas”? ¿O se trata más bien de “guardianes del imperio de la ley”?

El presente artículo ofrece una respuesta a esta pregunta. Sobre la base de observaciones etnográficas realizadas en la ciudad de Santiago de Chile, se explora la posibilidad de que el sistema de justicia penal sea una burocracia en el sentido antropológico y sociológico, y no normativo, del término. En la siguiente sección, se discute una definición descriptiva de lo que son las burocracias, alejándolas de un análisis evaluativo de éstas. Luego, en el análisis, se describen tres aspectos del sistema de justicia penal como burocracia: su eficacia como productor y administrador de un tipo específico de tecnología de producción de conocimiento (el derecho), su eficiencia como proveedor de un tipo específico de servicio público, y el descontento producido en la ciudadanía debido al desfase entre las expectativas de ésta y los objetivos del sistema de justicia penal. El artículo concluye argumentando que, más allá de las diferencias que puedan existir entre ellos como individuos o categoría de interviniente

en el proceso penal, los actores del sistema de justicia penal pueden ser considerados, al mismo tiempo, como encargados de la aplicación del derecho y como “burócratas”, de tal manera que ambas lógicas, lejos de ser contradictorias, se refuerzan entre ellas. Es más, el derecho aparece como una tecnología de producción de conocimiento (Valverde 2003; Latour 2004) que estructura las burocracias, ciertamente no la única, pero sí aquella con la que las burocracias comparten un mismo proyecto de clasificación y de categorización de la realidad. Por esta razón, la distinción entre una lógica burocrática y una lógica jurídica, lejos de facilitar la comprensión del funcionamiento del sistema de justicia penal en la práctica, la dificulta.

1. ¿QUÉ SIGNIFICA SER “BURÓCRATA”?

A pesar de la connotación negativa que tiene el concepto en la cultura popular – desde Mafalda y su tortuga hasta Josef K de Kafka –, desde un punto de vista descriptivo y científico social, las burocracias son “mundos culturales” (Hoag 2011); es decir, espacios físicos y sociales en los que normas formales e informales definen maneras específicas de actuar y hacer. Las relecturas de la definición clásica de la burocracia, propuesta por Max Weber (2004[1922]) y que la concebían como la encarnación de la dominación racional-legal en la que el burócrata *sine ira et studio* – sin rabia ni pasión – aplicaba la ley, la han cuestionado y han demostrado que no se trata tanto de aplicar las leyes de manera de manera imparcial como de “internalizar y llevar a cabo una forma de ver el mundo que es política, cultural e institucionalmente específica” (traducción propia, Hoag 2011, 415). Esta forma de ver el mundo implica producir y pre-formar, en las interacciones con los ciudadanos, la indiferencia (Herzfeld 1992).

Además, según las reflexiones antropológicas sobre las burocracias, su asociación con lo público y con el Estado responde a una contingencia histórica. La mala reputación de la burocracia asociada a instituciones públicas lentas, ineficientes y obsesionadas con formularios es el resultado de un cierto imaginario y no de la evolución histórica en que, como lo argumenta David Graeber (2015), las burocracias más eficientes eran estatales, como el servicio postal que observó Weber. Cualquiera que haya intentado contactar una empresa privada para rescindir un contrato,

levantar una queja o recuperar algún tipo de reembolso sabe que las largas esperas, los mensajes sin respuesta y los trámites infructuosos no son monopolio de la administración pública (Chen 2023).

Así, más que establecer lo que las burocracias deberían ser o hacer, los estudios sobre las burocracias en ciencias sociales buscan describir lo que éstas, en la práctica, hacen – sin necesariamente juzgarlas normativamente. Adoptando esta perspectiva, este tipo de estudios han teorizado la importancia de los documentos en el funcionamiento cotidiano de las burocracias, mostrando que éstos juegan un rol más allá de su contenido, estructurando relaciones sociales (Hull 2012), volviendo burocráticamente legibles una serie de situaciones diferentes (Mathur 2015) y traduciendo materialmente la autoridad del Estado (Weller 2018). Que las burocracias requieran tanto “papeleo” o que haya que llenar formularios que parecen inadaptados a todas las situaciones no responde, según estos estudios, a una deficiencia de las burocracias. Por el contrario, es gracias a estos documentos, formularios y procedimientos estandarizados que logran llevar a cabo su función principal: clasificar la realidad (Handelman 1995). El apego a las reglas que tanto exaspera al usuario de las burocracias en su versión del sentido común es en realidad lo que permite que éstas puedan seguir haciendo lo que las define: volver la complejidad susceptible de ser comprendida y regulada (Hetherington 2020). La burocracia, entonces, lejos de ser ese Leviatán que aplasta, estructura una manera de relacionarse con el mundo a partir de un ideal de acción performativo centrado en la clasificación y la taxonomía – lo que Graeber (2015) critica como lo opuesto de la imaginación, pero que Herzfeld (2016) concibe como una “poética social”.

Preocupadas por dar cuenta de las tendencias represivas, punitivas, clasistas, gerencialistas y actuariales de las instituciones del sistema de justicia penal, las investigaciones empíricas han asociado los procedimientos cotidianos de tribunales, ministerios públicos y abogados defensores a tendencias que pueden considerarse como contrarias a los derechos fundamentales y procedurales de los justiciables. Se ha criticado, de manera certera, que arreglos organizacionales han socavado los ideales de justicia y equidad, priorizando metas gerenciales por sobre decisiones adjudicativas (Feeley 1992[1979]) y que, más que establecer la culpabilidad de alguien por una acción realizada en el pasado, el sistema

busca controlar y vigilar justiciables por lo que podrían hacer en el futuro (Feeley y Simon 1994). Cuando estas investigaciones han hablado de “la burocratización de la justicia penal” (ver por ejemplo Johnston y Pivaty 2023), han criticado la introducción de las lógicas del sector privado en instituciones públicas, mostrando que las reformas que buscan mejorar la eficiencia del sistema tienden a descuidar los derechos de los justiciables.

En el caso de Chile, los estudios han mostrado que los “mecanismos de condena sin juicio” (Langer y Sozzo 2023) han debilitado el control judicial debido a presiones del sistema (Duce 2019; Zagmutt Venegas 2019) y propiciado la condena de inocentes (Duce y Beltrán 2024). Este tipo de investigaciones han así documentado, por ejemplo, la tendencia a la rutinización y la estandarización los procedimientos cuando se trata de determinar si una persona debe quedar en prisión preventiva (Velásquez y Riquelme 2024), el hecho que una detención en flagrancia incrementa cuantitativamente la severidad de la potencial sentencia (Rochow, Quintana-Navarrete y Fondevila 2025) y que se han incorporado “un conjunto variado de nuevas herramientas de gestión” en el sistema de justicia penal, como indicadores de desempeño, uso de bases estadísticas, incentivos a la productividad, herramientas informáticas y una “división explícita de funciones gerenciales y jurídicas dentro de las organizaciones del sistema de justicia” (González Guarda 2018, 411).

No obstante, las etnografías de instituciones públicas – agrupadas en la categoría de lo que se ha denominado la “etnografía del Estado” – han constatado la inexistencia empírica de un mundo que sería exclusivamente estructurado por el derecho. En su análisis etnográfico de un programa de subsidios en Colombia, Latorre (en prensa) muestra cómo las leyes que estructuran este programa sólo pueden volverse operativas gracias a documentos, términos de referencia, archivos y bases de datos que siguen lógicas burocráticas. Según Wanderley (2009), los ciudadanos bolivianos constatan que sus “derechos” sólo tienen una existencia *de jure* – y no *de facto* – precisamente cuando buscan ejercerlos en sus interacciones con funcionarios públicos. Y etnografías que tratan específicamente sobre organizaciones encargadas de la persecución penal, como el trabajo de Mugler (2019) en Sudáfrica o de Soubise (2023) en Gales, identifican aquellas características de las prácticas de estas organizaciones que no pueden reducirse exclusivamente a lo jurídico: su trabajo cotidiano está

necesariamente atravesado por cuestiones que desbordan los límites del derecho positivo que las regula. Así, cuando se observa el funcionamiento de instituciones como fiscalías y tribunales, el derecho aparece más como un “efecto” (van Oorschot, 2021) de las prácticas de estas instituciones que como una esfera autónoma y distinguible de la lógica burocrática³. A pesar de su carácter complementario, se ha reforzado la oposición entre, por un lado, la dimensión jurídica y, por otro, la dimensión burocrática del sistema de justicia penal. Por un lado, se le concibe como un pilar del Estado de derecho y, por otro, a la burocracia como aquello que lo afecta y socava. Desde un punto de vista de estudios empíricos sobre la burocracia, reseñados en esta sección, ambas dimensiones no son contradictorias; por el contrario, ambas participan de un mismo proyecto de clasificación y de categorización de la realidad. En las páginas siguientes, a partir de una aproximación etnográfica al sistema de justicia penal chileno, reflexiono sobre la manera en que las organizaciones que lo componen son “burocracias” en el sentido descriptivo del término, de tal manera que sus actores pueden ser considerados al mismo tiempo como “guardianes del Estado de derecho” y como “burócratas”.

2. LA VIDA COTIDIANA DEL SISTEMA DE JUSTICIA PENAL EN CHILE

Uno de los terrenos de investigación⁴ en los que se basa este artículo incluyó la realización de 300 horas de observación de audiencias

³ En su investigación de corte pragmatista e inspirada de los estudios de ciencia y tecnología (STS) sobre tribunales penales de primera instancia en Países Bajos, van Oorschot (2021) deja en evidencia la productividad heurística del abandono de la presunción según la que el derecho precede y regula las prácticas y propone, en cambio, una definición performativa de éste según la que son las prácticas las que preceden y constituyen el derecho.

⁴ Las reflexiones presentadas en este artículo se inspiran en mis investigaciones doctorales y postdoctorales, las que incluyeron observaciones de audiencias judiciales, entrevistas con actores del sistema de justicia penal, y observación no participante en oficinas del ministerio público chileno. Estas investigaciones fueron financiadas por el Consejo de investigaciones en ciencias sociales y humanas de Canadá y el Fondo de investigación del Quebec. El proyecto fue aprobado por el comité de ética de la Universidad de Montreal (certificado CERAS-2017-18-219-P).

de control de detención en el Centro de Justicia de Santiago⁵ entre los años 2018 y 2020. Este tiempo incluyó los tiempos de espera antes del inicio de las audiencias, así como conversaciones informales en los pasillos con acusados, sus familias y actores del sistema de justicia penales. Las observaciones fueron complementadas con entrevistas con actores del sistema de justicia penal y con otras 300 horas de observaciones en oficinas del Ministerio Público chileno, particularmente en una “fiscalía de flagrancia”, unidad encargada de tratar los casos de las personas detenidas por la policía en virtud del artículo 130 del Código Procesal Penal. Incluyo más abajo un fragmento de mis notas de terreno, el que da cuenta de la vida cotidiana del sistema⁶:

“¿Por quién vienes aquí?, ¿te puedo ayudar en algo?” Me preguntó alguien una mañana en la que esperaba, junto a otras personas, que empezaran las audiencias de control de detención en el Centro de Justicia. “No, gracias, no vengo por nadie en particular”, le respondí al hombre joven que, vestido con terno y corbata, había también estado hablando con la gente que esperaba en los pasillos y que, descubrí luego, era un estudiante de derecho. Después de una breve conversación en la que yo le conté que estaba haciendo una investigación sociológica y que por eso me dedicaba a observar controles de detención, me dijo que estaba perdiendo el tiempo. No me lo dijo exactamente así, claro, pero fue lo que me quiso decir. Me explicó que las audiencias de control de detención no valían la pena, que eran más bien un trámite y que no se veían casos complejos. Y que, si quería observar el derecho penal en acción, mejor iba a los juicios orales, dónde podría ver cómo fiscales, defensores y jueces articulaban argumentos, organizaban y refutaban pruebas, interrogaban y contrainterrogaban testigos. En los juicios orales, según él, podría ver el verdadero derecho penal desplegarse en la práctica.

Probablemente sin saberlo, el estudiante de derecho hacía referencia a una discusión central en la sociología del derecho. ¿En qué medida interesan estos casos considerados “menores”? ¿Qué podemos aprender de ellos? El primer elemento de respuesta a estas preguntas consiste en

⁵ El Centro de Justicia es un conjunto de edificios en los que se encuentran la mayor parte de los tribunales penales de la ciudad de Santiago.

⁶ El relato corresponde, con algunas modificaciones, a una de las descripciones incluidas en mi tesis de doctorado (Araya-Moreno, 2022).

su volumen: la cantidad de casos que llega a juicio oral es mínima, son estas cuestiones “menores” las que representan la mayor parte de los casos que trata el sistema de justicia penal. El año 2025, se realizaron 223.821 audiencias de control de detención y 15.187 juicios orales⁷. Es a través de procedimientos como los controles de detención – rápidos, masivos, seriales – que la mayor parte de los justiciables van a entrar en contacto con el derecho penal. Es más, muchos de ellos lo harán como víctimas de aparentes delitos en los que el responsable no ha sido identificado, en cuyo caso probablemente recibirán una carta del Ministerio Público explicándoles que su caso fue “provisionalmente archivado”⁸, o como acusados de haber hecho algo de tan poca gravedad que sólo reciben un papel diciéndoles que tienen que pagar una multa.

El segundo elemento de respuesta respecto al interés que revisten estas audiencias para una comprensión sociológica del derecho penal está relacionado con sus efectos en términos de coordinación entre las diferentes organizaciones involucradas. Éstas constituyen una instancia privilegiada, aunque ciertamente no la única, para observar el sistema de justicia penal funcionando precisamente como un sistema – un agregado coordinado de reglas y procedimientos – en el que, más allá de las decisiones que tomen ciertos individuos y de las directivas aplicadas por cada una de las organizaciones involucradas, lo que ocurre se orienta hacia un mismo fin, deseado o no, explícito o no. En las audiencias de control de detención convergen estrategias institucionales y personales de desempeño, pero, sobre todo, un mismo objetivo práctico: pasar por todos los casos que están agendados para ese día. Muchos de mis interlocutores se refirieron en algunos momentos a lo que ocurre en el Centro de Justicia como el funcionamiento de una “máquina de moler carne pobre”, precisamente evocando su carácter mecánico y articulado, así como el tipo de casos y de personas que se encuentran más comúnmente en estas instancias⁹.

A las audiencias que observé llegan las personas que fueron detenidas durante las horas precedentes y que, por decisión de la o del fiscal, debían pasar a control de detención. Jurídicamente, se trata de asegurar

⁷ Boletín anual institucional 2025, Fiscalía de Chile, disponible <https://www.fiscaliadechile.cl/persecucion-penal/estadisticas>

⁸ Según las estadísticas del 2025, de los delitos que ingresan con imputado desconocido, un 86,06% son archivados provisionalmente.

⁹ Esta dimensión del sistema de justicia penal está tratada en Araya-Moreno (2025).

que los derechos de las personas detenidas se hayan respetado: que sólo hayan sido detenidas cuando la policía tenía razones legales para hacerlo, que les hayan informado sus derechos, que la policía no los haya agredido, entre otras cosas. En la teoría, entonces, el control de detención está enmarcado por grandes principios de justicia, de igualdad ante la ley y, en general, la idea de que todas las personas tienen derechos, más allá de que sean acusadas de haber cometido un delito. En la práctica: las policías llevan a las personas detenidas al Centro de Justicia, se las “entregan” a Gendarmería, quien pasa a estar a cargo de ellas y que las distribuye físicamente en los distintos tribunales en los que se realizarán bloques de audiencias de control de detención. En cada una de las salas, hay un juez o una jueza – que se llama “juez de garantía” – más dos funcionarios del tribunal que tienen computadores y escriben en ellos mientras se realizan las audiencias. Estos funcionarios del juzgado son indispensables para la organización del proceso y la continuación de cada uno de los casos que sean tratados: ellos llenan unos documentos con las decisiones que se tomen, escriben e imprimen, en el momento, los papeles que sean necesarios, administran la agenda del tribunal y se aseguran de que todo esto llegue al sistema informático que centraliza toda la información, entre otras tareas. Casi no aparecen en el Código Procesal Penal, pero, sin ellos, la cosa simplemente no funcionaría; ellos generan la trazabilidad administrativa de cada caso y las conexiones entre los distintos hitos relevantes en cada uno de ellos.

Como la oralidad es uno de los principios de funcionamiento del sistema penal, no es que estos funcionarios tengan que escribir lo que dice cada uno de los participantes – por el contrario, se graba el audio de la audiencia¹⁰, el que queda asociado a cada causa – sino que se aseguran de que existan los vínculos correctos entre documentos, personas, decisiones e instancias judiciales. Son ellos quienes anotarán dónde quedó grabado el audio de la audiencia en el computador,

¹⁰ Aunque aparentemente sólo un detalle técnico, la grabación de lo que digan los intervinientes al micrófono llamada coloquialmente “el audio” – resulta central para el funcionamiento del sistema. No tanto porque alguien necesariamente lo escuche, sino que más bien por la posibilidad de que alguien eventualmente lo escuche. El audio funciona entonces como un mecanismo de control al interior de cada una de las organizaciones involucradas, en las que superiores jerárquicos pueden quizás escuchar estas grabaciones. Además, en el improbable caso de que la causa llegue a una instancia judicial superior, estos audios serán analizados por la instancia superior.

escribirán detalladamente los datos de los intervinientes y transcribirán gruesamente algunas de las decisiones tomadas, sólo las decisiones, no los argumentos. Así, se encargan de que la información aparentemente marginal al caso esté claramente escrita en alguna parte y sea susceptible de ser encontrada: ¿Quién fue la jueza que dirigió la audiencia? ¿Cuál era el nombre de la fiscal y de la defensora que comparecieron? ¿Se declaró legal la detención? ¿Qué tipo de tratamiento del caso solicita la fiscalía? ¿Renunciaron los intervinientes “a los plazos”? ¿Hay orden de libertad para el imputado? ¿Quedó con cautelares? ¿Cuáles? Información aparentemente irrelevante porque no describe los hechos en sí; después de todo, aquello que podríamos calificar como “los hechos” es lo que está precisamente en cuestión a lo largo del proceso judicial, y estos serán descritos en un documento del tribunal sólo cuando haya, si es que la hay, una sentencia.

Los bloques de controles de detención que tienen lugar en el Centro de Justicia tienen, además, una especificidad en comparación con otros controles de detención u otras audiencias de formalización de casos más mediáticos o que responden a operaciones específicas llevadas a cabo por la policía según órdenes de detención¹¹. En las audiencias que describo en este artículo, el sistema de justicia penal se hace cargo de cierto tipo de casos y de cierto tipo característico de delitos y de personas que en ellas participan. Los protagonistas de estas audiencias de control de detención siguen un guión basado, en parte, en el Código Procesal Penal y en las directivas institucionales de las organizaciones que intervienen y, en parte, en costumbres y usanzas, formas de hacer las cosas que no necesariamente tienen una explicación pero que gozan de una cierta estabilidad. Como si se tratara de una obra de teatro que se presenta todos los días dos veces al día en el Centro de Justicia, los protagonistas siguen un guión que se saben bien; pero también, como no se trata de una obra de teatro sino que de una instancia judicial que tiene que adaptarse a las particularidades de cada caso, los actores

¹¹ Que los controles de detención se organicen de una determinada forma – en bloques, uno en la mañana y otro en la tarde, etc. – responde a arreglos administrativos implementados por las instituciones involucradas, y no a obligaciones legales. Por esta razón, nada impide que, mientras se cumplan las leyes, las audiencias de control de detención se organicen de otra manera. No en un bloque de audiencias, por ejemplo, sino que de manera individual. Las que me interesan en este artículo son las que se realizan rutinariamente, es decir agrupadas en dos bloques diariamente, y con personas mayoritariamente detenidas en flagrancia.

adaptan colectivamente el guión, proponiendo desarrollos alternativos de la trama, siempre dentro de un margen de maniobra que está, también, definido sólo parcialmente por el Código Procesal Penal¹².

Las múltiples audiencias de duración de algunos minutos cada una siguen un guión predefinido que varía muy poco según las características del caso. ¿Se explica esto por lo que podría calificarse de “burocratización” del sistema o, por el contrario, por una preocupación de éste por aplicar el derecho en todos los casos? ¿Es la dimensión jurídica o la dimensión burocrática la que explica la manera en que se desarrollan estas audiencias? En las próximas tres secciones del artículo analizo esta tensión entre derecho y burocracia a partir de tres atributos generalmente asociados a la burocracia: su eficacia, su eficiencia y el descontento que produce en sus usuarios. Siguiendo la lógica del estudio de caso (Abbott, 1992) como metodología de investigación, las reflexiones presentadas a partir de mi terreno de investigación en Santiago de Chile pueden ser extrapoladas a otros sistemas de justicia penal de América Latina, los que vivieron procesos de modernización similares a principios del siglo XXI (Duce y Pérez Perdomo 2001).

3. EFICACIA

A pesar de las críticas de las que es objeto, el sistema de justicia penal es muy eficaz para hacer algo que las ciencias sociales han identificado como el objetivo fundamental del derecho en la práctica: traducir la complejidad del mundo real en categorías discretas que vuelven

¹² En un esfuerzo “en miras de la mejora continua del ejercicio de la judicatura” (p. 1) y respetando los “distintos estilos y formas en que jueces y juezas a lo largo de todo Chile” (p. 1) controlan la legalidad de la privación de libertad, la Academia Judicial – el organismo que selecciona y capacita a los miembros del escalafón primario del Poder Judicial en el país – elaboró una *Guía de Apoyo Conducción de la Primera Audiencia del Proceso Penal*, en la que sugieren buenas prácticas, preguntas a hacer a la persona detenida y ejemplos prácticos con fines pedagógicos. La guía está confrontada al mismo dilema sobre el que trata este artículo: a pesar de las críticas a la “burocratización” de los procedimientos, la estandarización de prácticas busca proteger – y no socavar – los derechos de los justiciables.

legible una gran variedad de situaciones (McGee 2015)¹³. En el contexto de las audiencias de control de detención, el sistema de justicia penal es capaz de calificar todo tipo de escenario: el robo violento de un auto, la venta de marihuana, la muerte de una persona, alguien que sale del supermercado sin haber pagado la mercadería que porta. ¿Un accidente de tránsito? ¿Una mujer que piensa que su vecina quiere eliminar su mascota? ¿Un hombre que, sin razón aparente, se pone a destruir la propiedad de su vecino? ¿Una reunión de vecinos que termina cuando uno de ellos constata la desaparición de su celular de la mesa donde lo había dejado y donde además estaban las galletas para la reunión? Siguiendo una definición constructivista del derecho como un tipo de labor de producción de conocimiento que reposa sobre operaciones performativas de calificación e imputación, es posible afirmar que el sistema de justicia penal analizado es particularmente eficaz para realizar estas operaciones de calificación e imputación; no necesariamente logra “resolver” las situaciones que se le presenta, pero sí logra eficazmente traducirlas en el lenguaje de la burocracia. Como se puede observar en las notas de terreno, la manera en la que se organizan las audiencias de control de detención en el Centro de Justicia de Santiago – en bloques, de manera repetitiva, centrada en formalidades y sin entrar en grandes detalles del caso, lo que justifica el desdén con que las consideraba el estudiante de derecho – hace precisamente eso: traducir una serie de situaciones heterogéneas y disparatadas al lenguaje del derecho, representando – o *performando* – el cumplimiento del Código Procesal Penal.

La eficacia del derecho, desde esta perspectiva, tiene menos que ver con proteger los derechos de los justiciables o con la gestión de la delincuencia, que con la posibilidad de “hacer algo” (Greenberg 2020) frente a situaciones diversas. Esta eficacia es de tipo performativo, en el sentido que sus objetivos son internos al sistema de justicia penal y se desprende de la propia aplicación del derecho. Según esta perspectiva,

¹³ Esta definición del derecho como un tipo de práctica – no una esfera de la sociedad, distinta de “la economía” o “la política” –, se aleja de marcos teóricos estructuralistas. Esta definición se aleja también de los propios objetivos normativos internos del derecho, vinculados con cuestiones de justicia, democracia y Estado de derecho. Ver, entre otros, Latour 2004, McGee 2015, Van Oorschot 2021 y Valverde 2003.

el derecho logra tener un efecto sobre la realidad gracias a que, en contexto, los actores creen en su eficacia. En las palabras de Annelise Riles (2001): “la eficacia de la forma en generar el efecto de eficacia” (traducción propia Riles 2001, 172). Es decir, que el derecho es eficaz porque, gracias a su forma y a la manera en que éste es percibido, referenciado y orientado a ciertas acciones, su mera aplicación evoca ciertos principios. Así, la eficacia del derecho tiene menos que ver con cuestiones de justicia sustantiva que con cuestiones de forma: mientras se cumplan las condiciones formales de su aplicación, se le puede atribuir eficacia (Canfield 2023).

De hecho, en mis observaciones pude constatar cómo, en el contexto de investigaciones penales, descubrir qué fue lo que pasó y que dio lugar a una causa penal, o lograr necesariamente una condena, no es la prioridad (Araya-Moreno, 2025). Antes de una audiencia de control de detención, policías en terreno con funcionarios de una fiscalía al teléfono, ordenan temporal y espacialmente los supuestos hechos – ¿qué pasó primero y qué paso después? ¿dónde? – separan la información relevante de la que no lo es – ¿cuándo interesa saber si víctima e imputado se conocen, por ejemplo? ¿y cuándo no? – y hacen una clasificación preliminar de lo ocurrido, particularmente en relación con lo que los juristas llaman la “calificación jurídica” de los hechos, comparando lo que haya supuestamente pasado con algún artículo del Código Penal. Durante la audiencia de control de detención, se observa que, en la práctica, fiscales, jueces y abogados defensores intentan avanzar en el tratamiento de un caso no necesariamente profundizando en la comprensión de lo sucedido, sino que transfiriendo la responsabilidad a otra oficina, institución o instancia judicial (Araya-Moreno, 2025).

Y durante los debates en los controles de detención, los actores hacen constantemente referencia a otras instancias, documentos e instituciones. Cuando una persona detenida denuncia haber sido maltratada por la policía, se le indica que debe ir a otra oficina a hacer la denuncia. Si el tribunal niega la prisión preventiva al Ministerio Público en el control de detención, se envía el caso a la Corte de Apelaciones correspondiente, lo que en la práctica significa que otros jueces van a escuchar el audio de la primera audiencia de control de la detención. Y en diversas ocasiones de las audiencias, los actores establecen distinciones entre lo que se puede y lo que no se puede discutir en ese preciso momento, de tal manera que

la mención a lo que “no se discute en esta etapa procesal” es frecuente, refiriendo así a otras instancias futuras. De la misma manera, en distintos momentos de las audiencias los actores se dedican a distinguir lo que implica al tribunal penal de lo que debería tratarse en otra instancia, como en un tribunal de familia o en otra institución.

Que los actores del sistema de justicia penal hablen de “pasar de un caso policialmente resuelto a un caso judicialmente resuelto” para dar cuenta de la tensión entre lo que hace la policía antes de la audiencia de control de detención, y lo que hacen luego fiscales, jueces y defensores en la audiencia, ilustra también cómo la eficacia del derecho reposa sobre objetivos dispares que no son ni el arresto de un criminal – lo que busca generalmente la policía – ni su mantención en prisión preventiva – lo que busca generalmente el Ministerio Público. Cuando se observa la manera en que los casos son tratados en las primeras horas de su nacimiento administrativo, se constata que la mayor parte de las situaciones que llevaron a las personas a hacer una denuncia o a ser detenidas no serán realmente “resueltas” ni en la fiscalía ni en el control de detención. En su funcionamiento cotidiano, el sistema de justicia penal no funciona tanto resolviendo problemas como sí lo hace administrándolos y trasladándolos a otras instancias, a audiencias futuras, a otros tribunales o a algún arreglo que permita resolver judicialmente el caso sin necesariamente resolverlo social, policial o factualmente.

Si ésta es la definición de la eficacia, el sistema de justicia penal lo parece bastante; si un sistema de justicia penal es eficaz cuando logra hacer avanzar el caso a través del establecimiento de operaciones de calificación e imputación, el sistema de justicia penal chileno – con los casi dos millones de causas ingresadas anualmente a la Fiscalía de Chile, las casi 600 mil causas terminadas por los tribunales de garantía y las 13 mil causas terminadas en los tribunales de juicio oral en lo penal¹⁴ – lleva constantemente a cabo estas operaciones de calificación e imputación. Sólo si se observa el proceso que precede la realización de una audiencia de control de detención, resulta impresionante que

¹⁴ Cifras del Ministerio Público del año 2025 disponibles en <https://www.fiscaliadechile.cl/persecucion-penal/estadisticas> y del Poder Judicial de Chile, disponibles en <https://numeros.pjud.cl/>.

las diferentes instituciones involucradas – desde las policías hasta los tribunales de garantía, pasando por Gendarmería de Chile, la Defensoría Penal Pública y otras instituciones encargadas de emitir algún informe, como el Servicio Médico Legal, un servicio de atención médica de urgencia y otra, según el caso – logren coordinarse para generar una carpeta fiscal y realizar una audiencia judicial en las 24 horas que siguen a la detención de la persona imputada de un delito, cumpliendo con lo establecido en el artículo 131 del Código Procesal Penal.

4. EFICIENCIA

En los 25 años de existencia del nuevo sistema procesal penal en Chile, diversos estudios han buscado evaluar en qué medida éste logro cumplir sus promesas de transparencia, independencia y respeto de garantías constitucionales básicas (Duce y Pérez Perdomo 2001; Hoecker 2004; Rico 1997; Duce y Riego 2005). Respecto a su eficiencia, se ha afirmado que los mecanismos que se han implementado con el fin de aumentarla y que se inspiran del paradigma de la nueva administración pública – como la adopción de indicadores de desempeño y la gestión basada en resultados – han hecho que el sistema “se burocratice”, privilegiando así el llegar a metas ligadas a los plazos de tramitación o al número de causas resueltas, de audiencias realizadas o de declaraciones tomadas por sobre objetivos sustantivos de protección de derechos. En un seminario realizado con motivo de los 25 años de la reforma, un Ministro de la Corte Suprema indicaba lo siguiente:

“junto con esas promesas ... aparecieron también tensiones que no esperábamos. Si bien los jueces se libraron de instruir sumarios interminables, asumieron un nuevo tipo de carga, administrar un flujo enorme de audiencias que los impulsa a decidir sobre una amplia variedad de materias en tiempos muy breves, bajo presión constante. Esto ha provocado, al menos según sostienen importantes expertos, que en ocasión hayamos derivado hacia procesos rutinarios, con alto grado de mecanización, que amenazan el ideal de una justicia más humana, cercana y legítima. Cuando la presión por despachar una serie se impone, corremos el riesgo que la motivación – tema fundamental, ¿no cierto? – se vuelva

superficial, que los fundamentos sean más bien fórmulas, y que los usuarios del sistema se sientan atrapados en una obra de Kafka”.¹⁵

Con razón, este fragmento muestra una tensión entre, por una parte, la eficiencia entendida como una adecuada utilización de recursos – humanos, de tiempo, financieros – y los objetivos sustantivos de un sistema que aplica e interpreta el derecho penal en el país. Cuando el ministro de la Corte Suprema hace referencia a “la motivación”, no está describiendo un estado de ánimo o disposición hacia el trabajo de los actores del sistema de justicia penal; está describiendo la justificación que los jueces hacen de las decisiones que toman, el razonamiento detrás de la decisión. En este sentido, como lo pude observar en mi propio terreno de investigación y como lo han documentado otros investigadores (ver por ejemplo Hadwa Issa (2020) y Velásquez y Correa (2025)), el tratamiento de causas se realiza de manera mecánica, rutinaria y estandarizada. Ciertamente, los actores están confrontados a mecanismos externos e internos que, de distintas formas, ponen presión para que los casos sean tratados con rapidez, dejándose de lado una fundamentación detallada de las decisiones. Con audiencias judiciales que duran sólo unos minutos y que son realizadas en bloques – como lo describen mis notas de terreno –, se sugiere que “la burocratización” del sistema ha llevado al abandono de criterios jurídicos en pos de criterios de eficiencia como la duración del tratamiento de causas o la cantidad de ellas que pueden ser tratadas.

No obstante, desde una perspectiva culturalista sobre las burocracias, resulta un pleonismo afirmar que el sistema de justicia penal se ha “burocratizado”. Encargado de clasificar situaciones – no necesariamente de resolverlas –, el tratamiento mecánico y ritualizado de causas puede ser visto no como una debilidad del sistema, sino que precisamente como una garantía de su buen funcionamiento. Después de todo, ¿qué más burócrata que un juez que, *sine ira et studio*, mecánicamente analiza cada una de las causas que le son presentadas, sin manifestar mayor interés o sentido de excepcionalidad en alguna de ellas? La crítica a la burocratización del sistema definida como la estandarización de

¹⁵ Seminario “A 25 años: Evaluación e impacto de la Reforma Procesal Penal en Chile”. Intervención de Manuel Antonio Valderrama, disponible en <https://www.youtube.com/watch?v=Y7NH43PAnfY>, ver minuto 52.

procedimientos pasa por alto el hecho que los valores de ecuanimidad y equidad que caracterizan a un sistema de justicia son el resultado de procedimientos que deben ser estandarizados y ritualizados para reflejar estos valores.

De manera análoga a las promesas de eficacia, la evaluación de la eficiencia del sistema de justicia penal necesita precisión respecto a cómo ésta puede manifestarse en el contexto del sistema de justicia penal, de tal manera que el impacto de la introducción de dispositivos de la nueva gestión pública hace otra cosa que “burocratizar” el sistema. Considerar el sistema de justicia penal como una burocracia permite precisamente documentar el impacto de la introducción de estos dispositivos y cómo – y si – se alinean con criterios jurídicos. Y, en este sentido, la justicia sí es burocrática; la justicia, decía Bruno Latour, “escribe el derecho sólo a través de curvas, en otras palabras, si la justicia se negara a errar, si sólo aplicara una regla, no la podríamos considerar ni justa ni tampoco jurídica. *Para que la justicia sea justa, tiene que haber hesitado*” (traducción propia Latour 2004, 163). De hecho, resulta paradójico que un sistema que fue implementado bajo justificaciones de aumento de eficacia sea luego criticado por un exceso de ésta. De la misma manera en que mis notas de terreno reflejan cómo el derecho se vuelve eficaz gracias a las prácticas de jueces, abogados defensores, fiscales y otros funcionarios públicos que se sitúan en determinados espacios de la sala de audiencias, llenan formularios, imprimen documentos y dicen sus nombres – o guardan silencio – en el momento preciso, mis notas también reflejan un sistema de justicia penal eficiente porque capaz de desplegarse para realizar las más de 200 mil audiencias de control de detención que se realizan en un año en Chile, de tal manera que nadie podría decir que no se respeta el Código Procesal Penal. Dicho de otro modo, si más de 200 mil personas son acusadas de algún delito en Chile en un año, el tratamiento judicial de sus casos se produce gracias – y no a pesar de – la eficiencia del sistema.

5. DESCONTENTO

Cuando se acepta que el sistema de justicia penal es una burocracia desde el punto de vista de las ciencias sociales – a pesar de las críticas que el sentido común le dirige –, se abren nuevas posibilidades para

el estudio y la comprensión de los sistemas de justicia penal. Si los dispositivos de gestión afectan el trabajo de los actores del sistema, éstos están mediados por la expresión de un “orden social utópico” (Bear y Mathur 2015) en el que las relaciones entre ciudadanos y los funcionarios siguen reglas imparciales. Lo que caracteriza a las burocracias – y a “lo burocrático” – no es entonces el desapego al derecho, sino que más bien su opuesto: el apego a éste. Aunque parezca ilógico, las burocracias son un sitio de deseo precisamente porque las preferimos a lo arbitrario, lo personalizado y lo inequitativo. Una paradoja emerge así del análisis culturalista de las burocracias: “la gente critica las imperfecciones de la burocracia porque tiene la profunda creencia en que un nivel más elevado de funcionamiento ético de éstas no sólo es deseable, sino que también obligatorio” (traducción propia Lea 2021, 69). Algo que caracteriza a las burocracias desde un punto de vista antropológico es que los justiciables continúen pensando que pueden mejorar.

De hecho, múltiples fueron las conversaciones cotidianas en Santiago en las que distintas personas me compartieron sus dudas y reproches respecto a la calidad del trabajo de fiscales, jueces y otros actores del sistema de justicia penal. Imputaciones de desidia, ineptitud y corrupción, pasando ciertamente por acusaciones de indolencia y parcialidad, dejaron en evidencia el profundo descontento de la población con el trabajo del sistema de justicia penal, el que las encuestas y los medios de comunicación también han capturado. Las encuestas muestran que los ciudadanos asocian el poder judicial a corrupción y lentitud, y que sus decisiones dependen de las características de quienes juzgan, beneficiando a quienes tienen poder y dinero.¹⁶ Lo que resulta interesante de estas estadísticas, para los fines de este texto, no es que los ciudadanos estén insatisfechos con el trabajo de las instituciones públicas, es que esperen más de ellas. Si una de las características de las burocracias es que generan exasperación en sus usuarios, el sistema de justicia penal ciertamente presenta esta característica; la exasperación, sin embargo, deja también en evidencia la existencia de expectativas a su respecto.

¹⁶ Ver, entre otros, las estadísticas del Observatorio Judicial y los resultados de encuestas de opinión pública como <https://www.ipsos.com/es-cl/57-cree-que-la-corrupcion-es-el-principal-problema-del-poder-judicial-en-chile>

Es más, paradójicamente, la apreciación crítica y negativa del sistema de justicia penal en Chile es compartida por sus propios actores, quienes son ciertamente capaces de identificar los defectos de muchas de sus prácticas. El propio secretario de la Corte Suprema, quien realizó un análisis de las grabaciones de 2.244 audiencias de control de detención, encontró que éstas no cumplen con sus objetivos legales. Nos dice que el esfuerzo por realizar estas audiencias y su costo para el Estado “[n]o tiene sentido [...] cuando la audiencia no cumple el propósito previsto en la ley” (Sáez 2018, 613). Y quienes son sometidos a indicadores de desempeño y al cumplimiento de metas son los primeros en identificar cómo y en qué medida estos indicadores – como la cantidad de declaraciones tomadas, el tiempo que pasa entre el ingreso de una causa y su archivo provisional o los términos no judiciales de las causas¹⁷ – no reflejan ni lo que los ciudadanos esperan del sistema ni el esfuerzo que efectivamente se hizo en el tratamiento de una causa. Casi irónicamente, así, los mismos protagonistas del sistema de justicia penal comparten con los ciudadanos que se enfrentan a éste una evaluación crítica (Araya-Moreno, en prensa); en otras palabras, no sólo los usuarios del sistema se sienten en una novela de Kafka, también sus actores.

Considérese, por ejemplo, la manera en que los casos terminan – o, más bien, no terminan¹⁸ – cuando son tratados en las audiencias de control de detención. La mayor parte de ellos serán el objeto de lo que los juristas llaman una “salida alternativa”, generalmente una “suspensión condicional del procedimiento” en la que la persona detenida tendrá que cumplir una serie de condiciones por un determinado período. O, en otros casos, se fijarán nuevas fechas de audiencias en las que el acusado tendrá que presentarse al tribunal. En los casos más graves, que no son los más numerosos, se discutirá la posibilidad de que el acusado quede en prisión preventiva, siempre entendiéndose que su caso será investigado y discutido, en el futuro, con más profundidad. Mis notas describen una

¹⁷ Por ejemplo, en el caso de los defensores penales públicos licitados, su salario depende de indicadores como las visitas a personas privadas de libertad y el número de entrevistas con las personas imputadas de un delito.

¹⁸ Muy raramente un caso va a encontrar, en estas audiencias, un término entendido como la determinación de la culpabilidad o de la inocencia del imputado.

tal situación, las que son generalmente tratadas al final del bloque de controles de detención:

Llegamos al último caso. En la zona destinada al público de la sala de audiencias, sólo quedamos seis personas: además de mí y el guardia de la sala, las tres personas – presumiblemente miembros de una misma familia – que vinieron a ver al último imputado de este bloque de audiencias, y el abogado particular que los estuvo acompañando y que salía intermitentemente de la sala de audiencias a hablar por celular. Apenas la defensora penal pública sale por la puerta de la pared de vidrio, el abogado privado aprovecha de sentarse en la silla que antes había ocupado la defensora y las tres personas de la familia se sientan en la banca que está justo detrás. Cuando los gendarmes traen a un joven de alrededor de veinte años, una mujer que había estado esperando impaciente acerca su cabeza al vidrio y busca insistentemente hacer contacto visual con el joven, quien no parece igualmente conmovido. El guardia había ido a anotar una pequeña marca; al lado del nombre de la última persona liberada en la hoja pegada en la puerta de la sala de audiencias y, al ver a la mujer, le dice que no puede acercarse tanto al vidrio. El imputado, quien – descubro luego – es respectivamente el hermano, hijo y sobrino de las personas en el público, les lanza una mirada resignada y escucha lo que le dice el abogado privado.

Se repite la misma secuencia que en los casos anteriores. El juez le dice al joven que diga su nombre, su número de identidad y dirección. El abogado privado dice que no va a “incidentar” la detención. El fiscal “formaliza” por los delitos de receptación y de robo con intimidación, y escuchamos la historia que llevó a la detención de este joven: unos carabineros se encontraban “patrullando una población” – recordemos que la historia está contada a partir del parte policial – cuando vieron que un auto estaba detenido sospechosamente. Al hacer un control de tránsito, descubren que la patente que tiene el auto no es la misma que dicen los documentos que mostró el joven y que, además, el auto tenía “encargo”, o sea que había sido anteriormente reportado como robado. Más exactamente, había sido robado tres días antes en otra comuna, en un “portonazo” o robo violento de vehículo. El fiscal solicita la prisión preventiva, mencionando el artículo 140 del Código Procesal Penal y diciendo que el imputado “es un peligro para la seguridad de la sociedad”. Después de haber pasado ruidosamente algunas hojas en la carpeta del caso, agrega que el joven, a su edad, ya tiene en su

extracto de filiación – el documento que contiene los antecedentes penales de una persona – una condena anterior como adulto y siete condenas como menor de edad.

Viene el turno del abogado defensor del joven, cuyos datos también le fueron pedidos al inicio de la audiencia y cuyo correo electrónico fue cuidadosamente anotado por uno de los trabajadores del tribunal en el computador. Dice que este es un caso exclusivamente de receptación, no de robo con intimidación, pues nada indica que sea el joven – en sus palabras convertido en “mi cliente” – quien haya hecho el portonazo. Vuelve a intervenir el fiscal, quien menciona en algún momento “la necesidad de cautela”, “la letra b” y “que el imputado ya ha tenido 15 órdenes de detención”. Vuelve a hablar el defensor, quien dice que como la receptación es un delito menos grave que el robo con intimidación, una caución podría ser suficiente para “resguardar los fines del procedimiento” y que no es necesaria “la medida más gravosa de nuestro ordenamiento jurídico”. Durante este breve ping-pong de intervenciones, la hermana del imputado, sentada en la banca, se toma la cabeza mirando el suelo entre sus rodillas, y los dos hombres que la acompañan escuchan, atentos, en silencio. Le toca a la jueza tomar una decisión – “el tribunal va a resolver”, dice – y, retomando algunas de las expresiones que ya habían sido pronunciadas por fiscal y defensor, justifica la prisión preventiva del imputado. En ese momento, uno de los hombres sale de la sala a hablar por teléfono y la mujer empieza, discretamente, a llorar. El imputado, esposado, parece impertérrito frente a toda esta escena que, sin embargo, se realiza en torno a él. “¿Plazos?”, pregunta la jueza, y por primera vez en todo este bloque de audiencias parece que importan. “120 días”, dice el fiscal, “atendiendo a la complejidad de las diligencias que se requieren”. “Esta defensa estima que 60 días deberían ser suficientes, hay que considerar que mi cliente estará en prisión preventiva”, dice el abogado defensor. “90 días”, zanja, salomónicamente, la jueza. Dos gendarmes se llevan al joven detenido, quien mira hacia el público brevemente, como despidiéndose. “Chao hermano”, le dice la mujer, secándose las lágrimas. Después de que perdemos de vista al joven, abogado defensor, hermana, papá y tío se van caminando hacia el ascensor. Más animados, el guardia de seguridad espera que el fiscal ordene sus cosas – incluyendo, por supuesto, las carpetas de los casos que vieron en este bloque de audiencias – y la jueza conversa con los trabajadores del tribunal detrás de las pantallas del computador. “Tratemos de empezar máximo a las 4 y media”, les dice antes de irse

*de la sala, refiriéndose al nuevo bloque de audiencias que empezará en sólo algunas horas. Son las 14:30 horas*¹⁹.

¿Qué nos dice esta historia sobre el descontento que puede provocar el sistema de justicia penal como burocracia? Más allá de las reacciones individuales que pueda causar el hecho que una persona sea dejada en prisión o de la insatisfacción de la opinión pública respecto al encarcelamiento de personas consideradas como delincuentes – las que ciertamente están relacionadas con el descontento de la población con el sistema de justicia penal –, este relato deja en evidencia el carácter teleológico del derecho, orientado a algo que ocurrirá en el futuro y, por tanto, su carencia estructural, en el presente, de soluciones a los problemas que justificaron, inicialmente, su aplicación. Ese aspecto del derecho, más allá de la diversidad de situaciones y de las diferentes características de los actores involucrados – personas imputadas de delitos, jueces, fiscales, abogados defensores o miembros de la ciudadanía en general, y sus múltiples identidades en relación con su clase social e identidad de género, entre muchas otras posibles – está intrínsecamente relacionado con el descontento que el sistema de justicia penal produce de manera transversal: promete algo que necesariamente no puede cumplir. En el relato precedente, por ejemplo, ninguno de los actores podría declararse satisfecho de la conclusión de la historia, la que habrá agregado otra línea a un certificado de antecedentes, otro período de encarcelamiento a las experiencias de vida del imputado y más trabajo a jueces, fiscales y funcionarios del tribunal; improbablemente, la situación relatada habrá contribuido a la prevención de la delincuencia.

Para efectos de este artículo, lo interesante no es entonces el descontento constatado por múltiples fuentes y a través de diferentes metodologías respecto del sistema de justicia penal. Lo interesante es que este descontento confirma su carácter “burocrático”, el hecho de que sigamos colectivamente asignando a situaciones como las descritas en este artículo la facultad de tener un impacto positivo en la sociedad. Una de las características de las burocracias, nos dice la literatura, es

¹⁹ El relato corresponde, con algunas modificaciones, a una de las descripciones incluidas en mi tesis de doctorado (Araya-Moreno, 2022).

precisamente que, a pesar de su mala reputación, son una “máquina de producir esperanza” (Nuijten 2003). Al reconocer tanto las promesas del sistema de justicia penal en Chile como su aparente incapacidad para cumplirlas, se vuelve posible salir de la trampa de usar el calificativo de “burocrático” para insinuar algo negativo y recordar que, en su origen, lo burocrático evoca equidad e imparcialidad (Du Gay 2000), características que el derecho busca desplegar. Últimamente, se trata de precisar de mejor manera aquello que se critica y lo que se espera del sistema de justicia penal.

CONCLUSIONES

¿Los actores del sistema de justicia penal en Chile pueden ser calificados de “burócratas”? La respuesta a esta pregunta, a la luz de la literatura en ciencias sociales, es que sí: se trata de individuos encargados de ofrecer un servicio consistente en clasificar la realidad bajo una promesa de mejorarla. Las críticas dirigidas al sistema de justicia penal respecto a su eficacia con relación a un objetivo indeterminado y difuso – ¿Se trata de proteger el Estado de derecho? ¿De participar de la política criminal? ¿De prevenir la delincuencia? ¿De dar una respuesta a las víctimas? – y de su eficiencia con relación a la utilización de prácticas que aseguran el tratamiento de un gran número de causas, como la realización de bloques de audiencias de control de detención, la falta de justificación o motivación de decisiones judiciales, la gran cantidad de causas archivadas provisionalmente o el carácter superficial o apresurado de la toma de decisión judicial, lejos de mermarlo, confirman su carácter “utópico” (Mathur 2020). No se trata de adoptar una perspectiva autocomplaciente, sino que de reconocer e identificar las expectativas que colectivamente se asocian al sistema de justicia penal.

La supuesta contradicción entre, por un lado, una lógica asociada a la rutinización, la estandarización y la managerialización que se le ha reprochado al sistema (ver, por ejemplo, Velásquez y Riquelme (2024) o González Guarda (2018)) y, por otro, una lógica asociada al Estado de derecho, a la protección de derechos fundamentales y a la integridad del orden jurídico, oscurece la realidad empírica del sistema de justicia penal.

Como lo muestra este artículo, en las prácticas cotidianas del sistema de justicia penal, lo jurídico y lo burocrático aparecen como lógicas complementarias que se refuerzan entre ellas. La eficiencia del sistema permite darle eficacia al derecho al volver posible su aplicación en cada una de un gran volumen de causas, generando las expectativas que hacen que los justiciables, aunque descontentos, continúen esperando mucho más de lo que el sistema ofrece. Sugiero que se ganaría mayor claridad conceptual y una mejor perspectiva analítica al reconocer que los actores del sistema de justicia penal son, al mismo tiempo, “guardianes del Estado de derecho” y “burócratas”.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBOTT, Andrew. What Do Cases Do? Some notes on activity in sociological analysis. In: RAGIN, Charles; BECKER, Howard (org.). *What is a Case?* Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 53-82.

ARAYA-MORENO, Javiera. « *En flagrant délit* » : *La délinquance comme problème public au Chili*. Tesis (Doctorado en Sociología) – Universidad de Montréal, Montréal, 2022. <https://doi.org/10.71781/21217>

ARAYA-MORENO, Javiera. ¿Cómo no tener que saber? Tecnicismos jurídicos y delitos flagrantes en Santiago, Chile. *Law & Society Review*, v. 59, n. 2, p. e1-e18, 2025. <https://doi.org/10.1017/lsr.2025.12>

ARAYA-MORENO, Javiera. Public Ethnography of Criminal Justice Bureaucracies: Thoughts from Fieldwork in Santiago, Chile. *Journal of Law and Society*. En prensa.

AUYERO, Javier. *Patients of the State: The Politics of Waiting in Argentina*. Durham: Duke University Press, 2012.

BEAR, Laura; MATHUR, Nayanika Mathur. Introduction: Remaking the Public Good: A New Anthropology of Bureaucracy. *Cambridge Anthropology*, v. 33, n. 1, p. 18-34, 2015. <https://doi.org/10.3167/ca.2015.330103>

CANFIELD, Matthew C. The Anthropology of Legal Form: Ethnographic Contributions to the Study of Transnational Law. *Law & Social Inquiry*, v. 48, n. 1, 2023. <https://doi.org/10.1017/lsi.2022.19>

CHEN, Carolyn. *Work Pray Code: When Work Becomes Religion in Silicon Valley*. Princeton: Princeton University Press, 2022.

DU GAY, Paul. *In Praise of Bureaucracy*. London: SAGE Publications, 2000.

DUCE, Mauricio. Los procedimientos abreviados y simplificados y el riesgo de condenas erróneas en Chile: resultados de una investigación empírica. *Revista de derecho (Coquimbo)*, v. 26, n. 12, 2019. <http://dx.doi.org/10.22199/issn.0718-9753-2019-0012>

DUCE, Mauricio; BELTRÁN. Examining Wrongful Convictions in Chile: An Analysis of Supreme Court Exonerations in 2007-2023. *Crime and Delinquency*, v. 71, n. 13-14, 2025. <https://doi.org/10.1177/00111287241301007>

DUCE, Mauricio; PERDOMO, Rogelio Pérez. Seguridad ciudadana y reforma de la justicia penal en América latina. *Boletín Mexicano de Derecho Comparado*, v. XXXIV, n. 102, p. 755-787, 2001. <https://doi.org/10.22201/ijj.24484873e.2001.102.3691>

DUCE, Mauricio; RIEGO, Cristián. *Desafíos del Ministerio Público Fiscal en América Latina*. Santiago: CEJA, 2005.

FEELEY, Malcolm M. *The Process is the Punishment: Handling Cases in a Lower Criminal Court*. New York: Russell Sage, 1992[1979].

FEELEY, Malcolm M.; SIMON, Jonathan. Actuarial Justice: The Emerging New Criminal Law. In: NELKEN, David (org.). *The futures of criminology*. London: Sage, 1994, p. 173-201.

GONZÁLEZ GUARDA, Claudio. *Gestión, Gerencialismo y Sistema Penal*. Montevideo: B de F, 2018.

GRAEBER, David. *The Utopia of Rules: On Technology, Stupidity, and the Secret Joys of Bureaucracy*. Brooklin: Melville House, 2015.

GREENBERG, Jessica R. Law, politics, and efficacy at the European Court of Human Rights *American Ethnologist*, v. 47, n. 4, p. 417-431, 2020. <https://doi.org/10.1111/amet.12971>

HADWA ISSA, Marcelo. *La prisión preventiva y otras medidas cautelares personales*. Santiago: DER, 2020.

HANDELMAN, Don. Comment. *Current Anthropology*, v. 36, n. 2, p. 261-287, 1995.

HERZFELD, Michael. *The Social Production of Indifference: Exploring the Symbolic Roots of Western Bureaucracy*. Oxford: Berg Publishers, 1992.

HERZFELD, Michael. *Siege of the Spirits: Community and Polity in Bangkok*. Chicago: University of Chicago Press, 2016.

HETHERINGTON, Kregg. *The Government of Beans: Regulating Life in the Age of Monocrops*. Durham: Duke University Press, 2020.

HOAG, Colin. Assembling Partial Perspectives: Thoughts on the Anthropology of Bureaucracy. *PoLAR: Political and Legal Anthropology Review*, v. 34, n. 1, p. 81-94, 2011. <https://doi.org/10.1111/j.1555-2934.2011.01140.x>

HOECKER, Loreto. Modernización del Estado y de la sociedad chilena. El caso de la reforma de la justicia penal en Chile. *Revista de la Academia*, n. 9, p. 9-35, 2004.

HULL, Matthew S. *Government of paper: The materiality of bureaucracy in urban Pakistan*. Berkeley: University of California Press, 2012.

JOHNSTON, Ed; PIVATY, Anna. *Efficiency and Bureaucratisation of Criminal Justice: Global Trends*. New York: Routledge, 2023.

LANGER, Máximo; SOZZO, Máximo. *Justicia penal y mecanismos de condena sin juicio*. Madrid: Marcial Pons.

LATORRE, Sergio. The “Internal Enemy”: An Ethnographic Study of Agrarian Bureaucracy in Colombia. *Journal of Law and Society*. En prensa.

LATOUR, Bruno. *La fabrique du droit. Une ethnographie du Conseil d’État*. Paris: La Découverte, 2004.

LEA, Tess. Desiring Bureaucracy. *Annual Review of Anthropology*, v. 50, p. 59-84, 2021. <https://doi.org/10.1146/annurev-anthro-101819-110147>

MATHUR, Nayanika. *Paper Tiger: Law, Bureaucracy and the Developmental State in Himalayan India*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

MATHUR, Nayanika. Afterwords: the utopianisation of bureaucracy. *Social Anthropology/Anthropologie Sociale*, v. 28, n. 1, p. 112-120, 2020. <https://doi.org/10.1111/1469-8676.12752>

MC GEE, Kyle. *Latour and the Passage of Law*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2015. MORALES PEILLARD, Ana María. La política criminal contemporánea: Influencia en Chile del discurso de la ley y el orden. *Política criminal*, v. 7, n. 13, p. 94-146, 2012. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-33992012000100003>

MUGLER, Johanna. *Measuring Justice: Quantitative Accountability and the National Prosecuting Authority in South Africa*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

NUIJTEN, Monique. *Power, Community and the State: The Political Anthropology of Organisation in Mexico*. London: Pluto Press, 2003.

QUIROZ, Loreto. Linchamientos en Chile y Argentina: Una aproximación desde el quehacer de jueces, fiscales y defensores. *Oñati Socio-Legal Series*, v. 12, n. 2, p. 383-413, 2022. <https://doi.org/10.35295/osls.iisl/0000-0000-0000-1277>

RICO, José María. *Justicia penal y transición democrática en América latina*. México: Siglo XXI, 1997.

RILES, Annelise. *The Network Inside Out*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2001.

ROCHOW, Diego; QUINTANA-NAVARRETE, Miguel; FONDEVILA, Gustavo. 2025. "Criminal Case Processing and Cumulative Disadvantage in Chile. *Crime and Delinquency*. Online First. <https://doi.org/10.1177/00111287251384666>

ROJAS LASCH, Carolina. *Ayudar a los pobres. Etnografía del Estado social y las prácticas de asistencia*. Santiago: Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2019.

SÁEZ, Jorge. Cautela de garantías en las audiencias de control de detención. In: *Memoria XV Congreso Panameño de Derecho Procesal*. Ciudad de Panamá: Instituto Colombo Panameño de Derecho Procesal, 2018, p. 577-603.

SOUBISE, Laurène. 2023. *Professional identity, legitimacy and managerialism at the Crown Prosecution Service*. *Legal Studies*, v. 43, n. 3, p. 425-442, 2023. <https://doi.org/10.1017/lst.2022.47>

VALVERDE, Mariana. *Law's Dream of a Common Knowledge*. Princeton: Princeton University Press, 2003.

VAN OORSCHOT, Irene. *The Law Multiple: Judgement and Knowledge in Practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

VELÁSQUEZ, Javier; CORREA, Carlos. Motivación y uso de la prisión preventiva en Chile. *Política criminal*, v. 20, n. 40, p. 485-519. <http://dx.doi.org/10.4067/s0718-33992025000200485>.

VELÁSQUEZ, Javier; RIQUELME, Ignacio. Prisión Preventiva en Chile: Presión de la Gestión del Tiempo y Estandarización. *Revista Brasileira de Direito Processual Penal*, v. 10, n. 3, 2024. <https://doi.org/10.22197/rbdpp.v10i3.998>

WANDERLEY, Fernanda. Prácticas estatales y el ejercicio de la ciudadanía: encuentros de la población con la burocracia en Bolivia. *Íconos. Revista de ciencias sociales*, v. 13, n. 2, p. 67-79, 2009. <https://doi.org/10.17141/iconos.34.2009.334>

WEBER, Max. *Economía y Sociedad. Esbozo de sociología comprensiva*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 2004[1922].

WELLER, Jean-Marc. *Fabriquer des actes d'État. Une ethnographie du travail bureaucratique*. Paris: Economica, 2018.

ZAGMUTT VENEGAS, Valentina. *Procedimiento abreviado y simplificado en la práctica de audiencias chilenas. ¿Alguna vinculación con la condena de inocentes?* Santiago: Ediciones Jurídicas de Santiago, 2019.

Authorship information

Javiera Araya-Moreno. Investigadora en estudios socio-jurídicos. Socióloga por la Universidad de Chile y Doctora en sociología por la Universidad de Montreal. Investigadora postdoctoral en la Facultad de Derecho de la Universidad de Sherbrooke. javiaaraayamoren@gmail.com

Additional information and author's declarations (scientific integrity)

Acknowledgement: this research was possible thanks to funding from the Social Sciences and Humanities Research Council of Canada (Doctoral Fellowship) and the *Fonds de recherche du Québec – Société et culture* (Postdoctoral Fellowship).

Conflict of interest declaration: the author confirms that there are no conflicts of interest in conducting this research and writing this article.

Declaration of authorship: all and only researchers who comply with the authorship requirements of this article are listed as authors; all coauthors are fully responsible for this work in its entirety.

Declaration of originality: the author assures that the text here published has not been previously published in any other resource and that future republication will only take place with the express indication of the reference of this original publication; and also attests that there is no third party plagiarism or self-plagiarism.

Data Availability Statement: In compliance with open science policies, all data generated or analyzed during this study are included in this published article. Further information on how the data were produced can be found in the author's doctoral thesis, available at: <https://doi.org/10.71781/21217>

IA Statement: The authors declare that they are aware that the use of artificial intelligence must not supplant the human originality of the research, and that full responsibility for any errors or plagiarism rests entirely with the authors. No IA was used in the preparation of this research.

Editorial process dates (<https://revista.ibraspp.com.br/RBDPP/about>)

- Submission: 14/03/2026
- Desk review and plagiarism check: 20/03/2026
- Review 1: 12/04/2026
- Review 2: 22/04/2026
- Preliminary editorial decision: 10/05/2026
- Correction round return 1: 28/05/2026
- Preliminary editorial decision 2: 28/05/2026
- Correction round return 2: 28/05/2026
- Final editorial decision: 31/05/2026

Editorial team

- Editor-in-chief: 1 (VGV)
- Associated-editor: 1 (EK)
- Reviewers: 2

HOW TO CITE (ABNT BRAZIL):

ARAYA-MORENO, Javiera. Actores del sistema de justicia penal chileno: ¿Burócratas?. *Revista Brasileira de Direito Processual Penal*, vol. 12, n. 2, e1424, mai./ago. 2026. <https://doi.org/10.22197/rbdpp.v12i2.1424>



License Creative Commons Attribution 4.0 International.

**Fundamentos de
Direito Processual Penal**

*Fundamentals of
criminal procedure*

Os crimes contra a ordem tributária e o processo administrativo tributário: Um estudo sobre a prejudicialidade no Brasil e na Itália

Tax Crimes and the Definitive Tax Assessment Requirement: A Comparative Study of Brazil and Italy

José Eugênio da Silva Mendes¹

Pesquisador independente – São Paulo/SP, Brasil

j.eugeniomendes@outlook.com

 <http://lattes.cnpq.br/7216755968542670>

 <https://orcid.org/0000-0002-9382-4038>

RESUMO: A prejudicialidade do processo administrativo tributário com relação à ação penal por crime tributário é questão intrincada que suscita debates mundo a fora. Tal tema é complexo, uma vez que envolve a classificação dos crimes tributários, as nuances do sistema criminal e as medidas de política criminal adotadas por cada país, visando garantir a compatibilidade da opção selecionada com o respectivo sistema penal. No Brasil, de modo a solucionar a questão, o Supremo Tribunal Federal editou a Súmula Vinculante n. 24, que prevê que não se tipifica crime contra a ordem tributária, antes do término do referido processo administrativo, medida que não passou longe de críticas. Por outro lado, na Itália, solucionou-se a questão através de uma reforma, que alterou a classificação dos crimes tributários de materiais para formais, junto com a aplicação do princípio do duplo binário. Nesta senda, indaga-se: alguma das alterações italianas teria o condão de suprimir as críticas feitas ao atual modelo brasileiro? Por tal razão, o presente trabalho busca examinar a intersecção entre o processo administrativo tributário e a ação penal por crime tributário nos sistemas jurídicos do Brasil e

¹ Especialista em Direito Penal Econômico pela Escola de Direito de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas – FGV. Pós-graduado em Ciências Criminais pelo Grupo G7 Jurídico. Graduado em Direito pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Advogado.

da Itália, de modo a desvendar as repercussões legais da adoção de cada modelo de prejudicialidade para a instauração de ações penais em crimes tributários. Para tanto, analisa-se o histórico da legislação pertinente de cada um dos países, para entender as raízes do funcionamento dos dois sistemas. A metodologia adotada consiste em pesquisa bibliográfica e documental, baseada no levantamento do estado da arte em livros, artigos científicos, legislação e jurisprudência, nacionais e estrangeiros, com posterior sistematização e tratamento dos conceitos identificados. Parte-se da incerteza quanto à adequação dogmática da alternativa implementada pelo Brasil através do artigo 1º da Lei n. 8.137/1990. Ao final, a hipótese foi confirmada, evidenciando-se que as soluções italianas poderiam dar conta de retificar as incorreções do sistema brasileiro, embora mostrem incongruências com o seu próprio sistema criminal, notadamente o risco de bis in idem entre as esferas penal e administrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Crime tributário; processo administrativo; processo criminal; Súmula Vinculante 24; prejudicialidade.

ABSTRACT: *The necessity of a definitive tax assessment for the initiation of criminal proceedings related to tax crimes is an intricate issue that sparks debates worldwide. This topic is complex as it involves the classification of tax crimes, the nuances of the criminal system, and the criminal policy measures adopted by each country to ensure the compatibility of the chosen option with their respective penal systems. In Brazil, to address this issue, the Supreme Federal Court issued Binding Precedent No. 24, which stipulates that tax crimes are not constituted before the conclusion of the related administrative process, a measure that has not escaped criticism. On the other hand, in Italy, the issue was resolved through a reform that reclassified tax crimes from material to formal, along with the application of the dual-track principle. In this context, the question arises: could any of the Italian reforms suppress the criticisms directed at the current Brazilian model? Therefore, this study aims to examine the intersection between the definitive tax assessment and criminal proceedings for tax crimes in the legal systems of Brazil and Italy, to uncover the legal repercussions of adopting each model for the initiation of criminal actions in tax crimes. To this end, the historical development of the relevant legislation in each country is analyzed to understand the roots of the functioning of the two systems. The methodology adopted consists of bibliographic and documentary research, based on a survey of the state of the art in books, scientific articles, legislation,*

and case law, both domestic and foreign, followed by the systematization and treatment of the identified concepts. The analysis begins with the uncertainty regarding the doctrinal adequacy of the alternative implemented by Brazil through Article 1 of Law No. 8,137/1990. Ultimately, the final hypothesis was confirmed, demonstrating that the Italian solutions could address the inconsistencies of the Brazilian system, although they exhibit incongruities within their own criminal system, notably the risk of bis in idem between the criminal and administrative spheres.

KEYWORDS: *Tax offense; administrative tax proceedings; criminal proceedings; Binding Precedent No. 24; prejudiciality.*

SUMÁRIO: Introdução; 1. A prejudicialidade no Brasil: do processo administrativo tributário para o criminal; 1.1. A indispensável definição de conceitos tributários; 1.2. Recorte histórico da legislação pertinente; 1.3. A Súmula Vinculante 24 do STF; 1.4. As incongruências dogmáticas da Súmula Vinculante 24 e o prejuízo à persecução penal; 2. A prejudicialidade na Itália; 2.1. Recorte histórico da legislação; 2.2. A reforma nos crimes tributários; 2.3. O instituto do duplo binário; 2.4. A incongruência do sistema penal italiano; 3. Possíveis alterações no sistema penal brasileiro; Conclusão; Referências Bibliográficas.

INTRODUÇÃO

A relação entre o processo administrativo tributário e a ação penal por crime tributário é objeto de estudo em uma série de países mundo a fora, tendo alguns deles promovido reformas em seus sistemas. Isto porque, tanto pode haver uma prejudicialidade da segunda em relação ao primeiro, no sentido de que a ação não pode correr antes do fim do processo administrativo, quanto a ação penal pode ocorrer independentemente do tramitar na seara administrativa.

Para a tomada de decisão por um ou outro destes formatos, cada país deve levar em conta a categorização dos delitos fiscais, as complexidades do sistema legal e as estratégias de política criminal implementadas, com o objetivo de assegurar a harmonização da escolha feita com o seu sistema jurídico correspondente.

No contexto brasileiro, para resolver essa questão, o Supremo Tribunal Federal emitiu a Súmula Vinculante n. 24, a qual estabelece: “não se tipifica crime material contra a ordem tributária, previsto no art. 1º, incisos I a IV, da Lei 8.137/1990, antes do lançamento definitivo do tributo”. Esta opção levou em conta a política tributária do país de extinção da punibilidade em caso de pagamento do débito.

Não obstante, referida Súmula desencadeou problemas dogmáticos, tendo em vista que o lançamento do tributo não se dá com o fim do processo administrativo tributário, momento no qual será discutido tributo já lançado, conforme os ditames do Código Tributário Nacional (Lei nº 5.172, de 25 de outubro de 1966).

Na Itália, houve uma reforma afetando os crimes tributários, que transformou a classificação daqueles crimes para formais e não materiais. A partir disso, a consumação do delito passou a prescindir da ocorrência de dano, bastando que haja uma fraude para que esteja caracterizado. Soma-se à reforma a aplicação do *doppio binario*, que permite que a ação penal transcorra antes do término do processo administrativo. Não obstante, tal modelo traz consigo o risco de *bis in idem* entre as instâncias penal e administrativa, questão que também será objeto de análise. Diante desse panorama, questiona-se: alguma das alterações italianas seria capaz de responder às críticas feitas ao atual modelo brasileiro?

Por tal razão, o presente trabalho busca examinar a intersecção entre o processo administrativo tributário e a ação penal por crime tributário nos sistemas jurídicos do Brasil e da Itália. O objetivo é desvendar as repercussões legais da adoção de cada modelo de prejudicialidade para a instauração de ações penais em crimes tributários. Parte-se da incerteza quanto à adequação dogmática e de política criminal da alternativa implementada pelo Brasil através do artigo 1º da Lei n. 8.137/1990.

Para tanto, na primeira seção, analisa-se a prejudicialidade no Brasil, com uma retomada histórica da legislação e dos conceitos-chave do direito tributário, além da Súmula Vinculante n. 24 e seus problemas dogmáticos. Na segunda seção, examina-se o funcionamento da prejudicialidade na Itália, perpassando pela reforma dos crimes tributários, o instituto do duplo binário e as inconsistências do atual sistema penal tributário italiano. A terceira seção discute se as alterações italianas teriam o condão de resolver as incongruências do sistema brasileiro.

1. A PREJUDICIALIDADE NO BRASIL: DO PROCESSO ADMINISTRATIVO TRIBUTÁRIO PARA O CRIMINAL

1.1. A INDISPENSÁVEL DEFINIÇÃO DE CONCEITOS TRIBUTÁRIOS

Para que se possa compreender plenamente o objeto deste estudo, faz-se necessário esclarecer alguns conceitos do Direito Tributário, que serão, ainda que indiretamente, debatidos no presente trabalho, a começar pela própria noção de tributo. O Código Tributário Nacional o define como: “toda prestação pecuniária compulsória, em moeda ou cujo valor nela se possa exprimir, que não constitua sanção de ato ilícito, instituída em lei e cobrada mediante atividade administrativa plenamente vinculada”², e pressupõe para a sua cobrança pela Administração Pública a ocorrência de um fato, legalmente previsto, que autoriza a sua exação.

Assim, o mesmo Código prevê em seu artigo 114 que: “fato gerador da obrigação principal é a situação definida em lei como necessária e suficiente à sua ocorrência.”³. Anteriormente à constituição do débito tributário, leciona Ruy Barbosa Nogueira, a lei prevê fato abstrato da vida que, uma vez ocorrido, gerará uma obrigação de pagamento para a pessoa com ele relacionado, sendo este o fato gerador.⁴

Ocorrido o fato gerador, em que pese se instaure uma relação jurídica, não há como o sujeito ativo saber, de imediato, as circunstâncias nas quais se deu o fato jurídico tributário e o valor exato a ser cobrado⁵. Assim, é necessário um procedimento oficial que o declare, bem como apure a quantia e quem é o devedor, justamente para permitir que haja a correta cobrança do tributo decorrente.

Neste prisma, o Código Tributário Nacional traz em seu artigo 142⁶ que o tributo será constituído pelo lançamento tributário, processo

² BRASIL. *Lei nº 5.172, de 25 de outubro de 1966*, 2023.

³ Op. cit.

⁴ NOGUEIRA, Ruy Barbosa. *Doutrina do Professor Ruy Barbosa Nogueira: (centenário de nascimento)* – São Paulo, SP: IBDT, 2019. p. 241.

⁵ SCHOUERI, Luís E. *Direito tributário*. 12. ed. São Paulo: Saraiva, 2023. p. 356.

⁶ Art. 142. Compete privativamente à autoridade administrativa constituir o crédito tributário pelo lançamento, assim entendido o procedimento administrativo tendente a verificar a ocorrência do fato gerador da obrigação

administrativo através do qual se verifica a ocorrência de fato gerador, a matéria tributável, o montante devido, o sujeito passivo da obrigação e eventuais sanções a serem impostas.

Nesse sentido, o lançamento é formado por um conjunto de atos praticado pelo órgão fiscal⁷, sujeito ao princípio da legalidade, que apura os elementos legalmente constitutivos da dívida tributária de determinado contribuinte. A subordinação ao princípio da legalidade se dá uma vez que o texto de lei lhe dá existência jurídica, autorizando-o e limitando-o.

No que tange à natureza jurídica do lançamento tributário, Ricardo Alexandre⁸ explicita que o legislador do Código Tributário Nacional entendeu que não existe crédito antes do lançamento, de forma que este teria, quanto ao crédito, natureza constitutiva. O doutrinador afirma que tal tese foi expressamente adotada pelo art. 142, pois este afirma que “compete à autoridade administrativa constituir o crédito tributário pelo lançamento”.

Da mesma forma entende Luís Eduardo Schoueri⁹, para quem o Código Tributário Nacional diferenciou a obrigação tributária do crédito tributário, sendo aquela constituída com a ocorrência do fato gerador e este com a ocorrência do lançamento tributário. Assim, antes do lançamento há um dever do sujeito passivo, não dotado de executoriedade, o que se dará com a certeza e a liquidez dadas pelo lançamento do tributo.

1.2. RECORTE HISTÓRICO DA LEGISLAÇÃO PERTINENTE

Em 1964, a Lei n. 4.357, responsável por prever o crime de apropriação indébita incluiu neste tipo penal o não recolhimento das importâncias do imposto de renda, seus adicionais e empréstimos compulsórios e

correspondente, determinar a matéria tributável, calcular o montante do tributo devido, identificar o sujeito passivo e, sendo caso, propor a aplicação da penalidade cabível. BRASIL. *Lei nº 5.172, de 25 de outubro de 1966*, 2023.

⁷ NOGUEIRA, Ruy Barbosa. *Doutrina do Professor Ruy Barbosa Nogueira: (centenário de nascimento)* – São Paulo, SP: IBDT, 2019. p. 241.

⁸ ALEXANDRE, Ricardo. *Direito tributário* - 15. ed. rev., atual, e ampl. - Salvador - Ed. JusPodivm, 2021. p. 470.

⁹ SCHOUERI, Luís E. *Direito tributário*. 12. ed. São Paulo: Saraiva, 2023. p. 360.

do valor do imposto do selo (art. 11)¹⁰, mas não só isso. Referido diploma também previu como causas de extinção da punibilidade do agente o recolhimento do débito fiscal antes da decisão no processo administrativo fiscal ou a existência de créditos do infrator com a Fazenda Nacional, superiores aos tributos devidos (art. 10):

(...) § 1º O fato deixa de ser punível, se o contribuinte ou fonte retentora, recolher os débitos previstos neste artigo antes da decisão administrativa de primeira instância no respectivo processo fiscal.

§ 2º Extingue-se a punibilidade de crime de que trata este artigo, pela existência, à data da apuração da falta, de crédito do infrator, perante a Fazenda Nacional, autarquias federais e sociedade de economia mista em que a União seja majoritária, de importância superior aos tributos não recolhido, executados os créditos restituíveis nos termos da Lei n. 4.155, de 28 de novembro de 1962.¹¹

Além das referidas disposições de natureza material, a Lei n. 4.357/1964 também regulou o aspecto processual da persecução penal, determinando, em seu artigo 11, que a ação penal se iniciaria por meio de representação da Procuradoria da República, à qual a autoridade julgadora de primeira instância era obrigada a encaminhar as peças principais do feito, destinadas a comprovar a decisão final condenatória proferida na esfera administrativa.¹²

No ano seguinte, a Lei n. 4.729 definiu o crime de sonegação fiscal e trouxe uma série de outras disposições no tocante à ação penal

¹⁰ Art 11. Inclui-se entre os fatos constitutivos do crime de apropriação indébita, definido no art. 168 do Código Penal, o não-recolhimento, dentro de 90 (noventa) dias do término dos prazos legais: a) das importâncias do Imposto de Renda, seus adicionais e empréstimos compulsórios, descontados pelas fontes pagadoras de rendimentos; b) do valor do Imposto de Consumo indevidamente creditado no-s livros de registro de matérias-primas (modêlos 21 e 21-A do Regulamento do Imposto de Consumo) e deduzido de recolhimentos quinzenais, referente a notas fiscais que não correspondam a uma efetiva operação de compra e venda ou que tenham sido emitidas em nome de firma ou sociedade inexistente ou fictícia; c) do valor do Imposto do Sêlo recebido de terceiros pelos estabelecimentos sujeitos ao regime de verba especial. BRASIL. *Lei n. 4.357, de 16 de julho de 1964.*

¹¹ Op. cit.

¹² Op. cit.

por crimes tributários. Primeiro, previu como causa de extinção da punibilidade o pagamento do tributo devido, antes do início da ação fiscal na esfera administrativa.¹³

Ademais, o artigo 7º previu que a ação penal agora seria pública, independentemente de representação e que haveria a remessa obrigatória de elementos comprobatórios da ocorrência da infração ao Ministério Público, sob pena de responsabilidade.¹⁴

O rol de hipóteses de extinção da punibilidade pelo pagamento do tributo seria ampliado pelo Decreto-Lei n. 157/67. Se antes o pagamento que ensejava a extinção da punibilidade tinha que se dar antes do início do procedimento administrativo, passou naquele momento a poder ser feito durante o transcurso do procedimento administrativo até o início da ação penal.¹⁵

Também em 1967, foi publicado o Decreto-Lei n. 326, que condicionou o início da ação penal por crimes tributários ao final do processo administrativo fiscal. Isto porque, determinou que a ação penal dependeria da remessa pela autoridade administrativa tributária das peças do feito, à

¹³ Art 2º. Extingue-se a punibilidade dos crimes previstos nesta Lei quando o agente promover o recolhimento do tributo devido, antes de ter início, na esfera administrativa, a ação fiscal própria. BRASIL. *Lei n. 4.729, de 14 de julho de 1965*.

¹⁴ Art. 7º. As autoridades administrativas que tiverem conhecimento de crime previsto nesta Lei, inclusive em autos e papéis que conhecerem, sob pena de responsabilidade, remeterão ao Ministério Público os elementos comprobatórios da infração, para instrução do procedimento criminal cabível. § 1º Se os elementos comprobatórios forem suficientes, o Ministério Público oferecerá, desde logo, denúncia. § 2º Sendo necessários esclarecimentos, documentos ou diligências complementares, o Ministério Público os requisitará, na forma estabelecida no Código de Processo Penal. Op, cit.

¹⁵ Art 18. Nos casos de que trata a Lei nº 4.729, de 14 de julho de 1965, também se extinguirá a punibilidade dos crimes nela previstos se, mesmo iniciada a ação fiscal, o agente promover o recolhimento dos tributos e multas devidos, de acordo com as disposições do Decreto-lei nº 62, de 21 de novembro de 1966, ou deste Decreto-lei, ou, não estando julgado o respectivo processo depositar, nos prazos fixados, na repartição competente, em dinheiro ou em Obrigações Reajustáveis do Tesouro, as importâncias nele consideradas devidas, para liquidação do débito após o julgamento da autoridade da primeira instância”. BRASIL. *Decreto-Lei n. 157, de 10 de fevereiro de 1967*.

Procuradoria da República, logo após a decisão final¹⁶, além de tipificar uma hipótese de apropriação indébita: “Art. 2º A utilização do produto da cobrança do imposto sobre produtos industrializados em fim diverso do recolhimento do tributo (...)”¹⁷.

Posteriormente, em 1990, publicou-se a Lei n. 8.137, ainda vigente, que tipificou os crimes contra a ordem tributária (art. 1º, inc. I e II e art. 2º, inc. I), econômica e contra as relações de consumo.

Já em 1991, foi publicada a Lei n. 8.383, responsável pela criação da Unidade Fiscal de Referência (UFIR). No que toca ao presente trabalho, este diploma legislativo foi importante, pois revogou os artigos que previam a extinção da punibilidade pelo recolhimento ou compensação de um tributo devido, antes do início do processo administrativo fiscal (art. 98).¹⁸

Mais tarde, em 1995, a extinção da punibilidade pelo pagamento do tributo seria novamente tratada, desta vez pela Lei n. 9.249. Referida lei determinou que, para que se desse a extinção, o pagamento deveria ser feito até o recebimento da denúncia.¹⁹

Ainda, no Projeto de Lei n. 126/95, que viria a se tornar a Lei n. 9.249, havia um artigo que previa que o envio da representação fiscal

¹⁶ Art. 2º. (...) Parágrafo único. A ação penal será iniciada por meio de representação da Procuradoria da República, à qual a autoridade de primeira instância é obrigada a encaminhar as peças principais do feito, destinadas a comprovar a existência do crime, logo após decisão final condenatória proferida na esfera administrativa. BRASIL. *Decreto-Lei n. 326, de 8 de maio de 1967*.

¹⁷ Op, cit.

¹⁸ Art. 98. Revogam-se o art. 44 da Lei nº 4.131, de 3 de setembro de 1962, os §§ 1º e 2º do art. 11 da Lei nº 4.357, de 16 de julho de 1964, o art. 2º da Lei nº 4.729, de 14 de julho de 1965, o art. 5º do Decreto-Lei nº 1.060, de 21 de outubro de 1969, os arts. 13 e 14 da Lei nº 7.713, de 1988, os incisos III e IV e os §§ 1º e 2º do art. 7º e o art. 10 da Lei nº 8.023, de 1990, o inciso III e parágrafo único do art. 11 da Lei nº 8.134, de 27 de dezembro de 1990 e o art. 14 da Lei nº 8.137, de 27 de dezembro de 1990. BRASIL. *Lei n. 8.383, de 30 de dezembro de 1991*.

¹⁹ Art. 34. Extingue-se a punibilidade dos crimes definidos na Lei n. 8.137, de 27 de dezembro de 1990, e na Lei n. 4.729, de 14 de julho de 1965, quando o agente promover o pagamento do tributo ou contribuição social, inclusive acessórios, antes do recebimento da denúncia. BRASIL. *Lei n. 9.249, de 26 de dezembro de 1995*.

para fins penais deveria aguardar o transcurso do processo administrativo tributário (art. 34). Não obstante, o mencionado artigo fora vetado pelo Presidente da República à época, que na explicação do veto argumentou que tal previsão seria contrária ao interesse público, pois obstaría a atuação do órgão ministerial: “constituindo elemento altamente estimulador do inadimplemento de obrigações tributárias e da prática de delitos da espécie”.²⁰

Tal cenário fora alterado com a promulgação da Lei n. 9.430/96, cujo artigo 83 prevê justamente a necessidade do fim do processo administrativo tributário para o envio da representação fiscal para fins penais:

Art. 83. A representação fiscal para fins penais relativa aos crimes contra a ordem tributária previstos nos arts. 1o e 2o da Lei no 8.137, de 27 de dezembro de 1990, e aos crimes contra a Previdência Social, previstos nos arts. 168-A e 337-A do Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), será encaminhada ao Ministério Público depois de proferida a decisão final, na esfera administrativa, sobre a exigência fiscal do crédito tributário correspondente.²¹

Mais adiante, foi expedida a portaria RFB n. 1750, de 12 de novembro de 2018, que regula a Lei n. 9.430/96 sobre a representação fiscal para fins penais. Determinou-se que a remessa da representação fiscal deve se dar, entre outras hipóteses, no prazo de dez dias após a decisão administrativa definitiva (art. 15), reforçando-se assim a previsão do artigo 83 da Lei n. 9.430/96.²²

A validade deste último artigo ainda seria apreciada pelo Supremo Tribunal Federal, no julgamento da ADI 4980/DF, em 10 de março de 2022, formalizada pela Procuradoria Geral da República. Ao final, o artigo 83 foi considerado constitucional, sob os fundamentos de que se trata de mandamento voltado aos agentes da administração pública, que não altera a natureza dos crimes contra o sistema tributário, conserva

²⁰ BRASIL. *Mensagem n. 1.532, de 26 de dezembro de 1995.*

²¹ BRASIL. *Lei n. 9.430, de 27 de dezembro de 1996.*

²² BRASIL. *Portaria RFB n. 1750, de 12 de novembro de 2018.*

o direito penal como a *ultima ratio* e respeita os princípios da ordem constitucional.²³

Do percurso legislativo delineado, extraem-se duas frentes que perpassarão todo o presente trabalho: de um lado, a dimensão processual, concernente à prejudicialidade do processo administrativo tributário sobre a ação penal, cuja expressão mais acabada é o condicionamento do início da persecução penal ao término do procedimento administrativo; de outro, a dimensão material, relativa à configuração da elementar típica ‘tributo’ nos crimes contra a ordem tributária, que será central para a compreensão das incongruências dogmáticas da Súmula Vinculante n. 24.

1.3. A SÚMULA VINCULANTE N. 24 DO STF

A Súmula Vinculante n. 24 do STF foi elaborada após uma série de discussões na Suprema Corte, em julgamentos relacionados ao tema da prejudicialidade do processo administrativo tributário sobre a ação penal, os quais se passam a analisar.

O primeiro deles foi o *habeas corpus* n. 77.002/RJ²⁴, de relatoria do Ministro Néri da Silveira, impetrado após o indeferimento de outro remédio heroico pelo Superior Tribunal de Justiça, no qual se entendia haver constrangimento ilegal, entre outras razões, porque o paciente estava sendo processado por crime contra a ordem tributária, sendo que ainda pendia decisão administrativa relacionada ao tributo, de modo que faltaria condição de procedibilidade para a ação penal.

Naquela oportunidade o relator entendeu que a disposição do artigo 83 da Lei n. 9.430/96, que prevê que a representação fiscal para fins penais seria enviada ao Ministério Público após proferida a decisão final na esfera administrativa, se prestaria a reger atos da administração fazendária, e que por isso não haveria qualquer óbice a uma denúncia do órgão ministerial, à luz do artigo 129, inc. I, da Constituição Federal.²⁵

²³ BRASIL. Supremo Tribunal Federal. *ADI: 4980 DF*, Relator: Nunes Marques, Data de Julgamento: 10/03/2022, Tribunal Pleno.

²⁴ BRASIL. Supremo Tribunal Federal. *HC: 77002 RJ*, Relator: Min. Néri Da Silveira, Data de Julgamento: 21/11/2001, Segunda Turma.

²⁵ Op. cit.

Em que pese o julgamento tenha terminado com a declaração da perda do objeto, pelo fim das ações penais, houve importante voto divergente do Ministro Nelson Jobim, acompanhado pelo Ministro Sepúlveda Pertence. Para ele, a ação penal por crime fiscal dependeria da existência de débito constituído, não podendo o contribuinte ser constrangido a não discutir o débito fiscal por uma ameaça de ação penal. Assim, assentou que nestas hipóteses, far-se-ia necessário aguardar a decisão administrativa.²⁶

Posteriormente, a Suprema Corte voltou a analisar a prejudicialidade no *habeas corpus* n. 81.611/DF, de relatoria do Ministro Sepúlveda Pertence. A impetração do *writ* se deu a fim de trancar ação penal por crime tributário, cuja denúncia fora recebida enquanto pendente apreciação de impugnação do lançamento, feito pela via administrativa.²⁷

Em seu voto, o então Ministro relator assentou que os crimes previstos no artigo 1º da Lei n. 8.137/90 são tipos mistos alternativos, mas de resultado, já que o núcleo do tipo das condutas é “reduzir” ou “suprimir”, sendo imprescindível para a sua consumação que haja a redução ou a supressão de um tributo. Também, que o processo administrativo tributário possui eficácia preclusiva no que tange à decisão favorável ao contribuinte, o que significa que haverá irreversibilidade se a administração fazendária entender que não houve supressão ou redução de algum tributo.²⁸

Deste modo, fundamentou o Ministro Sepúlveda Pertence que a punibilidade da conduta do agente está nesses casos subordinada à decisão de outra autoridade, diversa do juiz da ação penal. Caso contrário, haveria uma usurpação de competência privativa da Administração Pública para a constituição do crédito tributário, nos termos do artigo 142 do Código Tributário Nacional.

Para mais, também a extinção da punibilidade pelo pagamento do tributo, antes do recebimento da denúncia, prevista no artigo 34 da Lei n. 9.249/95, fora apontada como razão para que se aguarde o fim do processo administrativo tributário como necessário, pois só neste momento haverá

²⁶ Op. cit.

²⁷ BRASIL. Supremo Tribunal Federal. HC: 81611 DF, Relator: Min. Sepúlveda Pertence, Data de Julgamento: 10/12/2003, Tribunal Pleno.

²⁸ Op. cit.

um crédito líquido, certo e exigível, passível de pagamento pelo devedor, que se livra da ação penal. Ao final daquele julgamento a Suprema Corte decidiu, por maioria, pela concessão da ordem.

Ainda, houve importante discussão na ADI n. 1.571, de relatoria do Ministro Gilmar Mendes, relativa à representação fiscal para fins penais. Assentou-se que o mandamento previsto no artigo 83 da Lei n. 9.430/96²⁹ não se chocava com a previsão do art. 129, inc. I, da Constituição Federal³⁰, uma vez que o Ministério Público poderia propor a ação penal independentemente da representação fiscal para fins penais, tratando-se de determinação para o agente fiscal.³¹

Posteriormente, frente a uma série de julgamentos do Supremo Tribunal Federal sobre o tema e da adoção da tese encampada no *habeas corpus* n. 81.611/DF, o tribunal pleno da Suprema Corte julgou a proposta de Súmula Vinculante n. 29, que viria a dar origem à Súmula Vinculante n. 24.

Em que pese a proposta tenha sido aprovada, não o foi sem ressalvas. Ao analisá-la, o Ministro Cezar Peluso esclareceu que, naquele momento, a jurisprudência tinha dúvidas não em relação à possibilidade de transcurso da ação penal antes do término do processo administrativo tributário, o que já parecia assentado, mas quanto aos fundamentos para que tal impedimento se desse, podendo haver uma condição de procedibilidade ou a inexistência de elemento normativo do tipo, entre outras teses que determinam a ocorrência desta prejudicialidade. Na proposta do Ministro Peluso, a Súmula Vinculante enunciaria que: “não se tipifica

²⁹ Art. 83. A representação fiscal para fins penais relativa aos crimes contra a ordem tributária previstos nos arts. 1o e 2o da Lei no 8.137, de 27 de dezembro de 1990, e aos crimes contra a Previdência Social, previstos nos arts. 168-A e 337-A do Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), será encaminhada ao Ministério Público depois de proferida a decisão final, na esfera administrativa, sobre a exigência fiscal do crédito tributário correspondente. BRASIL, *Lei nº 9.430, de 27 de dezembro de 1996*.

³⁰ Art. 129. São funções institucionais do Ministério Público: I - promover, prioritariamente, a ação penal pública, na forma da lei. BRASIL, *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*.

³¹ BRASIL. Supremo Tribunal Federal. *ADI: 1571*, Relator: Gilmar Mendes, Data de Julgamento: 10/12/2003, Tribunal Pleno, Data de Publicação: 30/04/2004.

crime material contra a ordem tributária, previsto no artigo 1º, incisos I a IV, da Lei n. 8.137/90, antes do lançamento definitivo do tributo”.³²

O Ministro Joaquim Barbosa iniciou a divergência, acompanhado pela Ministra Ellen Gracie, argumentando que a proposta se mostrava incompleta e imatura, por não tratar da prescrição nos crimes tributários, omissão que não poderia ser superada. A Ministra ainda apontou que a redação proposta era vaga e que o tema, caro à sociedade, ainda não estava consolidado na Corte.³³

No entanto, a maioria dos Ministros do Supremo Tribunal Federal entendeu naquele momento que a Súmula, pela forma na qual estava sendo editada, tão somente caracterizava o crime, o que não favoreceria a impunidade uma vez que a prescrição só passa a correr a partir do dia em que o crime se consumou, o que só se daria com a constituição do crédito. Desta forma, aprovou-se a proposta de Súmula, nos seguintes termos: “não se tipifica crime material contra a ordem tributária, previsto no art. 1º, incisos I a IV, da Lei n. 8.137/90, antes do lançamento definitivo do tributo.”³⁴. Essa redação, hoje consagrada na Súmula Vinculante n. 24, que não se manteve longe de críticas desde a sua aprovação, conforme se tratará a seguir.

1.4. AS INCONGRUÊNCIAS DOGMÁTICAS DA SÚMULA VINCULANTE N. 24 E O PREJUÍZO À PERSECUÇÃO PENAL

Malgrado haja uma série de críticas também em relação aos aspectos formais da Súmula Vinculante n. 24, o presente trabalho tratará daquelas relacionadas à dogmática. Esta Súmula abrange institutos do Direito Penal e do Direito Tributário e, sob a perspectiva dogmática, em ambas as áreas, há inconsistências que evidenciam sua falibilidade.

Nos delitos previstos na Lei n. 8.137/90, há elementos normativos que derivam do Direito Tributário, de modo que a caracterização

³² BRASIL. Supremo Tribunal Federal. *PSV: 29 DF*, Relator: Min. Cezar Peluso, Data de Julgamento: 13/10/2009.

³³ Op. cit.

³⁴ BRASIL. Supremo Tribunal Federal. *PSV: 29 DF*, Relator: Min. Cezar Peluso, Data de Julgamento: 13/10/2009.

do crime requer, primeiramente, uma transgressão relativa à obrigação tributária. No caso do artigo 1º, seu tipo penal refere-se à supressão ou redução de tributo³⁵, cuja definição se encontra no artigo 3º do Código Tributário Nacional, conforme já exposto.³⁶

Por outro lado, Ruy Barbosa Nogueira explicita que o lançamento do tributo é o momento a partir do qual o dever jurídico, nascido da previsão legal e da ocorrência do fato gerador, se torna passível de cobrança e inscrição na dívida ativa pelo sujeito ativo.³⁷ Ou seja, o lançamento não se confunde com a definição de tributo.

Assim, as incongruências da Súmula Vinculante n. 24 do STF surgem quando o término do procedimento administrativo tributário é utilizado como elemento normativo do tipo penal, o que não se sustenta frente à dogmática do Direito Tributário, onde se encontra sua definição. Relembre-se que a redação da Súmula prevê: “Não se tipifica crime material contra a ordem tributária, previsto no art. 1º, incisos I a IV, da Lei 8.137/1990, antes do lançamento definitivo do tributo.”

A própria classificação de “crime material”, utilizada pela Súmula é questionada pela doutrina. Heloísa Estellita e Marcelo Cavali sustentam que a categorização dos crimes tributários como formais ou materiais é irrelevante para a *ratio* que inspira a Súmula Vinculante n. 24, pois o critério determinante não é a natureza dogmática do crime, mas a necessidade ou não de lançamento de ofício pela administração tributária.³⁸

O lançamento, por sua vez, além de não ser sinônimo de tributo, também não é responsável por sua constituição, sendo ele necessário para a caracterização do crédito a ser cobrado pelo sujeito ativo da obrigação tributária. Portanto, do ponto de vista dogmático, não é correto

³⁵ Art. 1º Constitui crime contra a ordem tributária suprimir ou reduzir tributo, ou contribuição social e qualquer acessório, mediante as seguintes condutas: (...). BRASIL. Lei n. 8.137, de 27 de dezembro de 1990.

³⁶ BRASIL. Lei nº 5.172, de 25 de outubro de 1966, 2023.

³⁷ NOGUEIRA, Ruy Barbosa. *Doutrina do Professor Ruy Barbosa Nogueira: (centenário de nascimento)* – São Paulo, SP: IBDT, 2019. p. 244.

³⁸ ESTELLITA, Heloísa; CAVALI, Marcelo Costenaro. *Crimes tributários são crimes de lesão ou de perigo, de mera conduta ou de resultado, formais ou materiais?* Revista do Instituto de Ciências Penais, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 353–370, 2022. p. 365.

subordinar a ocorrência do elemento normativo típico tributo ao seu lançamento definitivo. Nesse sentido, ilustram Maria Thereza de Assis Moura e Marcelo Cavali:

Não é no momento em que o legista realiza o exame do cadáver e declara que a vítima faleceu que o resultado morte ocorreu. É muito mais convincente ver no término do procedimento administrativo fiscal não um elemento do tipo penal, mas um robusto indício de materialidade da ocorrência do delito.³⁹

Ainda, com a atual redação, a referida Súmula condiciona o preenchimento da tipicidade objetiva à conduta de terceiro (a autoridade fiscal) que não concorreu para a ação delituosa. Conforme esclarece Taffarello, não há confundir a realização de elemento normativo do tipo com a demonstração de sua materialidade: o lançamento definitivo do tributo deve ser compreendido como indicativo idôneo da materialidade delitiva, a exemplo de um laudo de corpo de delito, e não como elemento constitutivo do tipo penal. A consumação do crime aperfeiçoa-se na data do vencimento da obrigação tributária inadimplida, sendo o lançamento definitivo necessário apenas para fazer prova da materialidade do delito. Desse modo, o momento consumativo do crime não pode ficar subordinado a ato exclusivo da administração pública, alheio à vontade do agente, sob pena de afronta ao princípio da responsabilidade pessoal e de indeterminação do prazo prescricional penal, na medida em que o procedimento administrativo fiscal perdura por quantidade incerta de anos.⁴⁰

Do ponto de vista prático, conforme leciona Fernanda Vilares, a Súmula Vinculante n. 24 representa um entrave para a investigação dos crimes tributários, pois impede atos de persecução penal antes do

³⁹ MOURA, Maria Thereza Rocha de Assis; CAVALI, Marcelo Costenaro. Ainda sobre a Súmula Vinculante n. 24: inconsistências, incoerências e indesejáveis consequências de sua aplicação. *Revista do Advogado, São Paulo*, v. 154, 2022. p. 109.

⁴⁰ TAFFARELLO, Rogério Fernando. Improriedades da Súmula Vinculante nº 24 do SF e insegurança jurídica em matéria de crimes tributários. *Direito penal econômico: questões atuais*. São Paulo: Revista dos Tribunais, p. 299-338, 2011. p. 324-328.

lançamento definitivo do tributo, uma vez que não haveria subsunção do fato ao elemento normativo do tipo ‘tributo’.⁴¹

Deste modo, não se permite que haja, ainda que presentes indícios e demais elementos necessários, medidas cautelares para a produção de provas tais como buscas e apreensões e interceptações telefônicas, que se mostram ilegais e inconstitucionais frente à ausência de materialidade. Da mesma forma, não é possível iniciar um inquérito policial ou qualquer outro procedimento de investigação criminal enquanto não concluído o processo administrativo.

Isso ocorre porque a representação fiscal para fins penais só é enviada à Polícia Federal, órgão responsável pela investigação, e ao Ministério Público, após o término do processo administrativo, o que atrasa a investigação eficaz dos fatos. Como consequência, temos que há um prejuízo para a obtenção de provas, quando da análise do elemento subjetivo, pelo decurso do tempo até o fim do procedimento fiscal, bem como a impossibilidade de reparação de vítimas, principalmente quando há concurso de crimes.⁴²

Frente a tal panorama, tem-se entendido que uma revisão da referida Súmula é necessária, o que se confirma também pelas mitigações feitas à sua aplicação pelo Supremo Tribunal Federal, desde a sua aprovação pelo Plenário da Corte. Deste ponto, vê-se que acertada a previsão do Ministro Joaquim Barbosa, quando disse que a multifacetariedade do direito penal levaria a Súmula a obsolescência e a uma necessária revogação ou clarificação.⁴³

⁴¹ VILARES, Fernanda Regina. A dinâmica do processo penal nos crimes contra a ordem tributária: o papel do processo administrativo fiscal e a necessária revisão da SV n. 24 do STF. In BOSSA, Gisele, RUIVO, Marcelo Almeida (coord.) *Crimes contra a ordem tributária: do direito tributário ao direito penal*. São Paulo: Almedina, 2019. p. 222.

⁴² VILARES, Fernanda Regina. A dinâmica do processo penal nos crimes contra a ordem tributária: o papel do processo administrativo fiscal e a necessária revisão da SV n. 24 do STF. In BOSSA, Gisele, RUIVO, Marcelo Almeida (coord.) *Crimes contra a ordem tributária: do direito tributário ao direito penal*. São Paulo: Almedina, 2019. p. 223.

⁴³ BRASIL. Supremo Tribunal Federal. PSV: 29 DF, Relator: Min. Cezar Peluso, Data de Julgamento: 13/10/2009.

2. A PREJUDICIALIDADE NA ITÁLIA

2.1. RECORTE HISTÓRICO DA LEGISLAÇÃO

Assim como ocorre no Brasil hoje, a Itália também já adotou a prejudicialidade do processo administrativo tributário, em relação ao processo criminal. O último parágrafo do artigo 21 da Lei de 7 de janeiro de 1929, n. 4 previa que, em relação aos impostos diretos, uma ação penal só poderia existir caso houvesse uma conclusão definitiva a respeito do tributo. Tal determinação se dava nos casos em que havia um pré-julgamento em relação à existência e/ou ao valor do débito fiscal.⁴⁴

Por outro lado, tal procedimento não se aplicava aos demais tributos, uma vez que o artigo 22 da Lei de 7 de janeiro de 1929, n. 4, determinava que se a existência de um crime dependesse da resolução de uma disputa relacionada ao tributo, o tribunal responsável pelo crime também decidiria sobre a disputa tributária, seguindo as formas estabelecidas pelo código de processo penal e com a mesma sentença que define o julgamento criminal. Portanto, estabeleceu-se uma regra geral para os tributos, enquanto para os tributos diretos se aplicaria a prejudicialidade. Tal comando era, inclusive, reforçado pelo artigo 60 do mesmo código.⁴⁵

Posteriormente, o Decreto Presidencial n. 633, de 26 de outubro de 1972, alterou a legislação para estatuir que também o imposto sobre valor agregado (IVA), tributo incidente sobre a cessão de bens e prestações de serviço no território italiano⁴⁶, estaria sujeito à prejudicialidade. O artigo 58 do referido Decreto determinou que no caso de crime, a ação penal correria apenas depois do lançamento do imposto se tornar definitivo, com a suspensão da prescrição até esta data. Mais tarde, referida regra seria reforçada pelo Decreto Presidencial n. 600 de 29 de setembro de

⁴⁴ VIOTTO, Antonio et al. Evoluzione del sistema sanzionatorio penale tributario e prospettive di riforma. *Rivista trimestrale di diritto tributario*, v. 2, p. 547-579, 2015. p. 558.

⁴⁵ ITALIA. *Legge 7 gennaio 1929, n. 4*.

⁴⁶ ITALIA. *Decreto del presidente della repubblica 26 ottobre 1972, n. 633*.

1973, cujo artigo 56 previa que a ação penal não pode ser iniciada ou continuada antes que a avaliação fiscal se torne definitiva.⁴⁷

As críticas à prejudicialidade se davam, primeiro, porque ela obstava que o processo penal tivesse seguimento no aguardo do término do processo administrativo tributário, de modo que as sanções, apesar de previstas, nunca conseguiam ser impostas. Segundo, porque consagrava uma supremacia da administração pública sobre o Poder Judiciário, em um primado do Poder Executivo.⁴⁸

Tal panorama se alteraria em 1982, no julgamento n. 88 da Corte Constitucional italiana, no qual se discutiu o livre convencimento do magistrado, frente à prejudicialidade do processo administrativo tributário sobre o criminal. Para os julgadores, a aplicação dos artigos 21 e 22 da Lei de 7 de janeiro de 1929 vinculava o Juiz criminal ao que decidido em âmbito administrativo, sendo que o livre convencimento deve ser ainda mais forte na seara penal. Por este motivo, entendeu-se haver ofensa ao artigo 101 da Constituição italiana, julgando-se os artigos 21 e 22 da Lei de 7 de janeiro de 1929 incompatíveis com a Carta Magna.⁴⁹ No mesmo ano, houve o julgamento n. 89, no qual aquela Corte reafirmou sua própria posição, explicitando que a decisão fiscal prejudicial também resultou em uma violação injustificada do princípio da obrigatoriedade da ação penal, conforme estabelecido no artigo 112 da Constituição italiana.⁵⁰

O abandono da prejudicialidade, iniciado pelos julgados da Corte Constitucional foi seguido pela legislação, quando da promulgação do Decreto-Lei n. 429 de 1982, que mais tarde se converteria na Lei n. 516 de 1982. Em seu artigo 12, previa-se que derogando a previsão do artigo 3º do Código de Processo Penal, o processo tributário não poderia ser suspenso pelo transcorrer da ação penal, que somente teria efeitos

⁴⁷ ITALIA. Agenzia delle Entrate. *Decreto del Presidente della Repubblica del 29/09/1973 n. 600*.

⁴⁸ VELLOSO, Andrei Pitten. *A pregiudiziale tributaria: análise da jurisprudência brasileira à luz das experiências italiana e espanhola*. p. 2. Disponível em: <https://bdjur.stj.jus.br/jspui/bitstream/2011/60910/prejudiziale_tributaria_analise_jurisprudencia.pdf>. Acesso em 22/05/2024

⁴⁹ ITALIA. Corte Costituzionale. *Sentenza 27 Aprile 1982 n. 88*.

⁵⁰ ITALIA. Corte Costituzionale. *Sentenza 27 Aprile 1982 n. 89*.

vinculativos sobre os impostos sobre renda e IVA em caso de decisão transitada em julgado.⁵¹

Finalmente, em 2000, foi publicado o Decreto Legislativo n. 74, de 10 de março de 2000, que, em seu artigo 20, prevê: “O procedimento administrativo de apuração e o processo tributário não podem ser suspensos pela pendência do processo penal que tenha por objeto os mesmos fatos ou fatos dos quais dependa sua definição.” (tradução nossa).⁵² Esse mandamento permanece em vigor e consagra o *doppio binario*.

O histórico italiano revela, portanto, que a superação da prejudicialidade na Itália se deu tanto no plano processual, com a adoção do *doppio binario*, quanto no plano material, com a transformação dos crimes tributários de materiais em formais, duas faces de uma mesma reforma que serão examinadas nas subseções seguintes.

2.2. A REFORMA NOS CRIMES TRIBUTÁRIOS E O INSTITUTO DO DUPLO BINÁRIO

A Lei n. 516 de 1982 não tratou somente de alterar o panorama processual, no que tange a vigência da *pregiudiziale*, promovendo uma inovação também em relação ao plano material dos delitos tributários. Tal mudança teve como escopo intensificar a função geral-preventiva do sistema penal italiano, frente ao grande volume de evasão fiscal enfrentado no país naquele momento. O que se entendia, é que a eficiência do sistema sancionatório não podia ser medida apenas com a capacidade de reprimir, mas sim com a de prevenir e de dissuadir o agente.⁵³

Assim sendo, a referida lei passou a reprimir criminalmente violações formais e preparatórias, ao invés de focar nos fatos que representavam uma lesão ao interesse fiscal material. Aqui o interesse tutelado era, na realidade, a transparência fiscal do contribuinte, ou seja, a confiança,

⁵¹ ITALIA. Gazzetta Ufficiale della Repubblica Italiana. *Decreto-Legge 10 Luglio 1982*, n. 429.

⁵² “Il procedimento amministrativo di accertamento ed il processo tributario non possono essere sospesi per la pendenza del procedimento penale avente ad oggetto i medesimi fatti o fatti dal cui accertamento comunque dipende la relativa definizione.”. ITALIA. *Decreto Legislativo 10 marzo 2000*, n. 74.

⁵³ BASSO, Ezio D.; VIGLIONE, Alessandro. *Diritto penale tributario*. G Giappichelli Editore, 2021. p. 5.

transformando os crimes desta natureza em crimes de perigo.⁵⁴ Como exemplo, tem-se que a referida lei previu a punição de quem:

Emite ou utiliza faturas ou outros documentos para operações total ou parcialmente inexistentes ou que indiquem valores ou o imposto sobre valor acrescentado em quantia superior à real; ou emite ou utiliza faturas ou outros documentos que indiquem nomes diferentes dos verdadeiros de modo que impeça a identificação dos sujeitos aos quais se referem. (tradução nossa).⁵⁵

Neste caso, o tributo não consta dos elementos normativos do tipo, senão a fraude perpetrada pelo agente através da emissão de faturas falsas, razão pela qual o não pagamento do tributo ou o transcurso do procedimento administrativo fiscal não obstam que o crime se entenda caracterizado. Sobre tais mudanças, leciona Hugo de Brito Machado que:

(...) a lei anterior definia como crime a evasão, por isto mesmo se considerava indispensável o prévio lançamento do tributo, ou, em outras palavras, a determinação da ocorrência da efetiva supressão, ou redução de um tributo legalmente devido, constituía uma circunstância prejudicial. Tinha-se a prejudicial tributária. E para afastá-la, a reforma penal alterou a definição do crime, que deixou de ser um crime material, de resultado, para tornar-se um crime de mera conduta, ou crime formal.⁵⁶

Elucidam Ezio Basso e Alessandro Viglione que a reforma de 1982, com a introdução de figuras criminosas estruturadas principalmente como crimes de perigo abstrato, a verificação dos ilícitos tributários foi

⁵⁴ SOANA, Gian Luca. *I reati tributari*. Giuffrè Editore, 2009. p. 251-253.

⁵⁵ Emette o utilizza fatture o altri documenti per operazioni in tutto o in parte inesistenti o recanti l'indicazione dei corrispettivi o della imposta sul valore aggiunto in misura superiore a quella reale; ovvero emette o utilizza fatture o altri documenti recanti la indicazione di nomi diversi da quelli veri in modo che ne risulti impedita la identificazione dei soggetti cui si riferiscono. ITA-LIA. *Legge 7 agosto 1982*, n. 516.

⁵⁶ DE BRITO MACHADO, Hugo. Prévio Esgotamento da Via Administrativa e Ação Penal nos Crimes Contra a Ordem Tributária. *Revista Brasileira de Ciências Criminais, IBCCRIM/Revista dos Tribunais*, São Paulo, nº 15, julho-setembro de 1996, p. 234.

completamente desvinculada da verificação da evasão e foram sancionados todos os comportamentos anteriores e preparatórios a ela, bem como as meras violações formais. Foram, ainda, abolidos alguns institutos considerados obsoletos. O sistema processual administrativo havia se mostrado lento e complicado, tornando bastante difícil, senão impossível, instruir o processo, necessariamente subsequente, perante o juiz penal.⁵⁷

Não obstante essa alteração na natureza dos crimes tributários, com a publicação do Decreto Legislativo n. 74, de 10 de março de 2000, o legislador optou por restringir a repressão penal aos fatos diretamente relacionados a lesões ao interesse fiscal, renunciando à punição das violações meramente formais, com exceção dos artigos 8 e 10.⁵⁸

Tais alterações no plano material foram acompanhadas de uma correspondente reforma no plano processual, que também abandonou a prejudicialidade tributária. Conforme já explicitado, antes da reforma nos crimes tributários italianos, vigorava em seu ordenamento jurídico penal a prejudicialidade tributária, a partir do artigo 21, parágrafo 3º da Lei 7 de janeiro de 1929, n. 4. Referido princípio previa, assim como ocorre no Brasil atualmente, que a ação penal só poderia ocorrer após a autuação do imposto e sua definição definitiva, de acordo com as leis aplicáveis à matéria, para os impostos diretos.⁵⁹

Conforme esclarece Irene Pini, o objetivo de tal princípio era evitar a possibilidade de decisões conflitantes entre a sentença penal e a avaliação administrativa tributária. Assim, à época, preferiu-se que a decisão do Juiz criminal estivesse vinculada à decisão tributária.⁶⁰

Apesar disso, o sistema italiano se viu diante de algumas imperfeições que, à vista do legislador, precisavam ser corrigidas. A primeira era relativa ao lapso inaceitável dos prazos de intervenção na

⁵⁷ BASSO, Ezio D.; VIGLIONE, Alessandro. *Diritto penale tributario*. G Giappichelli Editore, 2021. p. 5.

⁵⁸ SOANA, Gian Luca. *I reati tributari*. Giuffrè Editore, 2009. p. 251.

⁵⁹ ITALIA. *Legge 7 gennaio 1929, n. 4*.

⁶⁰ PINI, Irene. *Osservazioni sul tema del doppio binario sanzionatorio tributario e penale*. INNOVAZIONE E DIRITTO, 2015. p. 183 Disponível em: <<https://www.innovazioneDiritto.it/osservazioni-sul-tema-del-doppio-binario-sanzionatorio-tributario-e-penale>>. Acesso em 22/11/2023

decisão, efetivamente enfraquecendo a resposta punitiva para os crimes tributários.⁶¹

Para solucionar tais questões, surge o princípio do *doppio binário* ou duplo binário, ainda vigente, que se encontra no artigo 20 do Decreto Legislativo n. 74, de 10 de março 2000: “O processo administrativo de apuração e o processo tributário não podem ser suspensos pela pendência do processo penal relacionado aos mesmos fatos ou fatos dos quais, de qualquer forma, depende sua definição.” (tradução nossa).⁶² Com tal previsão, referido princípio elimina qualquer tipo de prejudicialidade ou condicionamento recíproco.⁶³

Malgrado os dois processos possam correr simultaneamente, há disposição especial relativa ao resultado destes, visando que não haja decisões conflitantes. Nesse sentido, preveem os artigos 19 e 21 do Decreto Legislativo n. 74, de 10 de março de 2000 que, ao final de ambos os processos, em caso de condenação prevalecerá a norma especial, qual seja a criminal (princípio da especialidade).⁶⁴

Caso o processo administrativo chegue a seu termo, a exequibilidade da sanção imposta fica suspensa, até que também termine o processo penal tributário relativo aos mesmos fatos. Deste modo, embora o acusado tenha que enfrentar os dois processos, só deverá arcar com uma das penas impostas.⁶⁵ Em razão desta previsão, o sistema italiano é também conhecido como *doppio binário* alternativo.⁶⁶

⁶¹ BASSO, Ezio D.; VIGLIONE, Alessandro. *Diritto penale tributario*. G Giappichelli Editore, 2021. p. 4-5.

⁶² Il procedimento amministrativo di accertamento ed il processo tributario non possono essere sospesi per la pendenza del procedimento penale avente ad oggetto i medesimi fatti o fatti dal cui accertamento comunque dipende la relativa definizione. ITALIA. *Decreto Legislativo 10 marzo 2000*, n. 74.

⁶³ VIOTTO, Antonio et al. Evoluzione del sistema sanzionatorio penale tributario e prospettive di riforma. *Rivista trimestrale di diritto tributario*, v. 2, p. 547-579, 2015. p. 559.

⁶⁴ ITALIA. *Decreto Legislativo 10 marzo 2000*, n. 74.

⁶⁵ Op. cit.

⁶⁶ ARDIZZONE, Giorgio Maria. Il “volto attuale” del ne bis in idem europeo nel sistema penal-tributario. *Diritto Penale Contemporaneo – Rivista Trimestrale*, Milano, n. 4, p. 212-250, 2022. p. 213. Disponível em: <https://>

Tal sistema, contudo, foi objeto de reforma mais recente pelo Decreto Legislativo n. 87, de 14 de junho de 2024, que introduziu alterações significativas no Decreto Legislativo n. 74/2000. No plano da eficácia das decisões entre as esferas, o novo artigo 21-bis conferiu eficácia de coisa julgada, no processo tributário, à sentença penal absolutória transitada em julgado, quando se entender que não houve prova da existência do fato ou de que o acusado não o tiver cometido. Por fim, no plano sancionatório, o novo artigo 21-ter estabeleceu a obrigação expressa de compensação recíproca de sanções: tanto o juiz penal quanto a autoridade administrativa devem considerar, ao fixar a sanção de sua competência, aquelas já aplicadas definitivamente pela outra esfera, reduzindo-as proporcionalmente.⁶⁷ Tais mecanismos representam a positivação, no direito italiano, dos critérios que o Tribunal Europeu de Direitos Humanos estabeleceu em A e B contra a Noruega como condição de validade da cumulação penal e administrativa

2.3. A INCONGRUÊNCIA DO SISTEMA PENAL ITALIANO

Em que pese as alterações realizadas no sistema penal tributário italiano tenham solucionado questões que ainda precisam ser decifradas em nosso sistema, trouxeram um novo problema que ora é o enfoque daquele país, o *bis in idem* entre a punição penal e a administrativa. Para compreender a questão desde o início, é necessário levar em consideração que a legislação italiana previa, para os crimes de manipulação de mercado, o mesmo sistema duplo binário, para que o processo administrativo e o penal pudessem transcorrer ao mesmo tempo, previsto no Decreto Legislativo n. 58 de 24 de fevereiro de 1998 (artigo 185)⁶⁸.

dpc-rivista-trimestrale.criminaljusticenetwork.eu/pdf/DPC%20Riv.%20Trim.%204_2022_aridizzone.pdf.>. Acesso em 28/02/2024

⁶⁷ ITALIA. *Decreto Legislativo 14 giugno 2024, n. 87*. Disponível em: <<https://www.normattiva.it/uri-res/N2Ls?urn:nir:stato:decreto.legislativo:2024-06-14;87>>. Acesso em: 01/06/2026

⁶⁸ O artigo 185 do Decreto Legislativo n. 58 de 24 de fevereiro de 1998 foi analisado pela Corte Europeia de Direitos Humanos no caso Grande Stevens e outros contra a Itália. O caso começou com a condenação da FIAT por manipulação de mercado pela CONSOB, a agência italiana de regulamentação do mercado de

Ocorre que, para a Corte Europeia de Direitos Humanos o *bis in idem* se fará presente quando se verificar que um fato, na sua dimensão concreta, já foi objeto de sentença em que foi pronunciada decisão final, mesmo que em relação a um delito diferente. Não obstante, este ilícito precisa ter caráter penal, prescindindo que seja da esfera penal, de modo que tal princípio estaria afetado quando de julgamento de ilícitos no âmbito administrativo, conforme estabelecido no Caso Grande Stevens e outros vs. Itália, julgado pela Corte Europeia de Direitos Humanos em 2014.⁶⁹

Não obstante, o entendimento firmado no Caso Grande Stevens seria posteriormente matizado pelo Caso A e B contra a Noruega, julgado pela Grande Câmara do Tribunal Europeu de Direitos Humanos em 15 de novembro de 2016, que admitiu a cumulação de processos penal e administrativo pelo mesmo fato, desde que haja conexão material e temporal suficientemente estreita entre eles. A Grande Câmara estabeleceu quatro critérios para aferir essa conexão substancial: (i) que os procedimentos persigam finalidades complementares, tratando aspectos distintos da mesma conduta; (ii) que a dupla persecução seja consequência previsível para o acusado, tanto em lei quanto na prática; (iii) que os procedimentos evitem a duplicação na coleta e avaliação de provas, mediante interação adequada entre as autoridades competentes; e (iv) que a sanção imposta no processo encerrado primeiro seja considerada pelo segundo, de modo a evitar que o indivíduo suporte ônus desproporcional. Tal decisão, proferida especificamente no contexto de infrações tributárias norueguesas,

valores mobiliários. Posteriormente, os responsáveis também foram processados criminalmente, e a defesa argumentou que isso violava o princípio do *ne bis in idem*, conforme o artigo 4 do Protocolo n. 7 à Convenção Europeia dos Direitos Humanos. O Estado italiano sustentava que as punições da CONSOB não eram de natureza penal, o que afastaria a aplicação desse princípio. Apesar de o Tribunal de Recurso de Turim ter condenado os envolvidos criminalmente, a Corte Europeia entendeu que o julgamento foi baseado nos mesmos fatos e que a decisão da CONSOB tinha caráter penal. Assim, a Corte concluiu que houve violação do artigo 4 do Protocolo n. 7 e configurou o *bis in idem* no caso. Corte Europeia de Direitos Humanos. *Caso Grande Stevens e outros vs. Itália*. Disponível em: <<https://hudoc.echr.coe.int/eng?i=001-141794>>. Acesso em 19/05/2024

⁶⁹ PINI, I. et al. Osservazioni sul tema del doppio binario sanzionatorio tributario e penale. *INNOVAZIONE E DIRITTO*, 2015. p. 203. Disponível em:<https://boa.unimib.it/bitstream/10281/198312/1/Innovazione_Diritto_2015_05_09-6.pdf>. Acesso em 19/05/2024

em que a multa administrativa de 30% e a condenação criminal correram em paralelo, compartilharam provas e a pena foi atenuada em razão da multa já paga, é indica que a coexistência dos processos não viola necessariamente o *bis in idem*, desde que o sistema garanta mecanismos adequados de coordenação e proporcionalidade

No que tange ao processo administrativo tributário e ao processo penal por crimes fazendários, Irene Pini ressalta que apesar de a previsão do Decreto Legislativo n. 74, de 10 de março de 2000, tentar solucionar esta questão, a interpretação da Suprema Corte italiana tem levado a este exato problema apontado pela Corte Europeia, uma vez que permite que um tribunal administrativo e um penal julguem os mesmos fatos e os punam duplamente, incorrendo em um *bis in idem*.⁷⁰

Da mesma forma destaca Giorgio Ardizzone, para quem a *Corte di Cassazione*, que exerce função correspondente a do Superior Tribunal de Justiça em nosso ordenamento, frequentemente nega a relação entre a norma administrativa sancionatória e a norma penal, provocando um acúmulo de processos e de sanções.⁷¹

Deste modo, apesar de todas as alterações promovidas no sistema penal tributário italiano, ainda há uma incongruência com outra norma vigente naquele país, na Convenção para a Salvaguarda dos Direitos do Homem e das Liberdades Fundamentais que prevê o *bis in idem*, questão que ora tenta-se solucionar.

3. POSSÍVEIS ALTERAÇÕES NO SISTEMA PENAL BRASILEIRO

Tendo em vista o atual panorama do sistema penal tributário, com a vigência da Súmula Vinculante n. 24 do STF, uma mudança é imperiosa tanto para que haja uma adequação dogmática, quanto para que na *práxis* os atuais problemas expostos alhures não se perpetuem.

⁷⁰ Op. cit. p. 204.

⁷¹ ARDIZZONE, Giorgio Maria. Il “volto attuale” del ne bis in idem europeo nel sistema penal-tributario. *Diritto Penale Contemporaneo – Rivista Trimestrale*, Milano, n. 4, p. 212-250, 2022. p. 214. Disponível em: https://dpc-rivista-trimestrale.criminaljusticenetwork.eu/pdf/DPC%20Riv.%20Trim.%204_2022_ardizzone.pdf. Acesso em 28/02/2024

Uma das possíveis mudanças, que se aproximaria daquela optada pela Itália, com a extinção da prejudicialidade, seria o próprio cancelamento da Súmula. Conforme aponta Vinicius Canesin, a partir de tal saída, o fim do procedimento administrativo fiscal não seria mais necessário para a ocorrência delitiva, pois a realização de todos os elementos típicos se daria com a redução ou supressão do tributo. Ainda, a persecução penal poderia ocorrer a partir do lançamento tributário, que conforme o artigo 142 do Código Tributário Nacional é o mecanismo apto a ratificar a existência do tributo, sendo necessário compatibilizar tal mudança com o restante do sistema penal-tributário.⁷²

Diferentemente da experiência italiana, onde a prejudicialidade estava prevista em lei, no Brasil ela decorre de construção jurisprudencial, consubstanciada na referida Súmula, razão pela qual sua superação pode se dar pela mesma via, sem necessidade de reforma legislativa. A eventual reclassificação dos crimes tributários de materiais para formais, por sua vez, demandaria alteração legislativa, mas não constitui condição necessária para o fim da prejudicialidade.

Para Douglas Fischer, o cancelamento da Súmula, com o fim da prejudicialidade no Brasil, demandaria uma modulação de efeitos pelo Supremo Tribunal para que todas as ações penais por crimes tributários que hoje correm na justiça não fossem fulminadas pela prescrição, devendo-se determinar um efeito *ex nunc*. Nestes moldes, teríamos tal qual ocorreu na Itália, com a alteração dos crimes tributários para crimes formais, a consumação do crime no momento da ação ou omissão, conforme o artigo 111, inc. I, do Código Penal, muito antes do fim do procedimento administrativo tributário.⁷³

Complementarmente, apontam Maria Thereza de Assis Moura e Marcelo Cavali que sem uma nova política criminal a simples revogação da Súmula poderia trazer mais insegurança jurídica. Nesta esteira, entendem que a ausência de decisão no processo administrativo não deve obstar a

⁷² CANESIN, Vinicius Bonalumi. *A relevância penal do lançamento tributário e do término do procedimento administrativo fiscal em relação ao artigo 1º da lei n.º 8.137/1990: diagnósticos e prognósticos*. Dissertação de mestrado em Direito – Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2023. p. 115-117.

⁷³ FISCHER, Douglas. *Os equívocos técnico, dogmático, sistemático e lógico da Súmula Vinculante nº 24 do STF*. V. 15, 2021. p. 33-35.

instauração de um inquérito policial, sendo a existência do lançamento, indício suficiente da existência do tributo. Com isso estaria solucionada a dificuldade probatória que hoje vige, pelo decurso do tempo.⁷⁴

Entendem ainda os doutrinadores, que em uma nova configuração sistemática, seria possível autorizar denúncias antes do fim do processo administrativo fiscal, nos casos em que se apurasse que houve um crime tributário e a discussão no âmbito administrativo se restringisse à quantia devida pelo agente.⁷⁵

Por outro lado, Fernanda Vilares leciona que outra possível mudança é a alteração da redação da Súmula, para que a justa causa para as ações penais tributárias seja considerada existente após o fim do procedimento administrativo, cenário no qual haveria conformidade com a dogmática. Não obstante, para solucionar o problema da persecução penal, seria necessário também que, em casos excepcionais, fosse possível reconhecer a existência de justa causa em momento anterior, como em casos de investigações que envolvam outros crimes e haja uma sonegação certa.⁷⁶

Também se deveria dispender, à luz da experiência do sistema penal tributário italiano, um cuidado com o *bis in idem* na relação entre o processo penal e o administrativo tributário. Assim como no país ítaló, há no Brasil previsão legal deste princípio, insculpida no artigo 8º, alínea 4 do Pacto de San José da Costa Rica.

Segundo Patrícia Gondim, o *bis in idem* pode ser traduzido tanto como a proibição de duplo julgamento sancionatório pelo mesmo fato quanto como a vedação de sanção pelo mesmo fato.⁷⁷ Assim, para ela, uma reforma no Brasil que respeitasse este princípio demandaria que,

⁷⁴ MOURA, Maria Thereza Rocha de Assis; CAVALI, Marcelo Costenaro. Ainda sobre a Súmula Vinculante n. 24: inconsistências, incoerências e indesejáveis consequências de sua aplicação. *Revista do Advogado*, São Paulo, v. 154, 2022. p. 112.

⁷⁵ Op. cit.

⁷⁶ VILARES, Fernanda Regina. A dinâmica do processo penal nos crimes contra a ordem tributária: o papel do processo administrativo fiscal e a necessária revisão da SV n. 24 do STF. In BOSSA, Gisele, RUIVO, Marcelo Almeida (coord.) *Crimes contra a ordem tributária: do direito tributário ao direito penal*. São Paulo: Almedina, 2019. p. 234-235.

⁷⁷ PEREIRA, Patrícia Gondim Moreira et al. *Multa qualificada e o crime de sonegação fiscal: uma investigação sobre a pluralidade de respostas sancionatórias e o espectro de proteção do princípio do ne bis in idem*. 2019. p. 67.

em caso de condenação na esfera penal, se descontasse da sanção a pena administrativa, a fim de se alcançar uma proporcionalidade.⁷⁸

Mais do que isto, a autora ainda ressalta que o *bis in idem* seja observado como um todo, caso não haja o pagamento do tributo pelo contribuinte, quando o processo administrativo apontar que houve a ocorrência de um ilícito penal, este deve ser suspenso, dando-se seguimento ao processo penal. Caso houvesse uma absolvição por inexistência de prova do fato ou de que o agente não concorreu para a infração, estaria obstada a punição pela autoridade fazendária. Se extinta por outras razões, a Fazenda estaria autorizada a iniciar a execução do crédito tributário. Porém, em caso de condenação na esfera criminal, proibir-se-ia qualquer outra sanção no âmbito administrativo.⁷⁹

4. CONCLUSÃO

Este estudo empreendeu uma análise da interação entre os crimes contra a ordem tributária e o processo administrativo tributário no Brasil e na Itália, focando na prejudicialidade entre este e aquele.

No contexto brasileiro, a Súmula Vinculante n. 24 determina que a ação penal por crimes tributários somente pode ser iniciada após a conclusão do processo administrativo, o que tem gerado diversas críticas e entraves na prática jurídica. Esta exigência compromete a eficiência da persecução penal, permitindo que crimes tributários permaneçam impunes por longos períodos, além de complicar a obtenção de provas e a aplicação de sanções adequadas, criando barreiras significativas para a justiça tributária.

Na Itália, o princípio do duplo binário permite a coexistência e independência entre os processos administrativo e penal, o que oferece uma perspectiva interessante para a reforma do sistema brasileiro. As reformas italianas reclassificaram os crimes tributários e ajustaram a legislação para permitir que as ações penais avancem sem depender da

⁷⁸ Op. cit. p 107.

⁷⁹ PEREIRA, Patrícia Gondim Moreira et al. *Multa qualificada e o crime de sonegação fiscal: uma investigação sobre a pluralidade de respostas sancionatórias e o espectro de proteção do princípio do ne bis in idem*. 2019. p 107.

conclusão do processo administrativo. No entanto, este sistema não é isento de problemas e críticas. A independência dos processos pode levar a inconsistências e duplicidade de esforços, além de possíveis conflitos entre as decisões administrativas e judiciais.

Tais inconsistências foram reconhecidas pelo próprio legislador italiano, que, por meio do Decreto Legislativo n. 87, de 2024, introduziu mecanismos de coordenação entre as esferas penal e administrativa: a compensação recíproca obrigatória de sanções, a eficácia de coisa julgada da absolvição penal no processo tributário e o compartilhamento formal de provas entre os procedimentos. A reforma demonstra que o *doppio binario* constitucionalmente válido exige não apenas a independência, mas também a integração dos procedimentos.

Diante do exposto, é possível responder à questão central deste trabalho: as alterações italianas são capazes de responder às críticas feitas ao atual modelo brasileiro, ainda que não de forma plena, a experiência italiana demonstra que é possível criar um sistema mais ágil e eficaz na punição de crimes tributários, desde que haja um equilíbrio cuidadoso entre os direitos dos contribuintes e a necessidade de que a persecução penal possa cumprir seu papel regularmente. Da experiência italiana, extrai-se que o fim da prejudicialidade e a alteração dos crimes tributários de materiais para formais ou de mera conduta, aliado a outras modificações, poderiam pôr fim às críticas hoje recebidas pela malfadada Súmula Vinculante n. 24.⁸⁰ A separação entre os processos administrativo fiscal e criminal não precisa significar a paralisia da persecução penal sendo a independência deles possivelmente benéfica, se bem regulamentada. A experiência italiana mais recente reforça essa conclusão: mesmo após a

⁸⁰ Embora Estellita e Cavali sustentem que a distinção entre crimes formais e materiais seja dogmaticamente irrelevante para a *ratio* da Súmula Vinculante n. 24, a experiência italiana demonstra que o legislador pode recorrer precisamente a essa reclassificação como instrumento de política criminal para romper com a prejudicialidade, evidenciando que a categoria, por si só insuficiente do ponto de vista dogmático, pode funcionar como veículo normativo de uma reforma mais ampla. ESTELLITA, Heloisa; CAVALI, Marcelo Costenaro. Crimes tributários são crimes de lesão ou de perigo, de mera conduta ou de resultado, formais ou materiais? *Revista do Instituto de Ciências Penais*, v. 7, n. 2, p. 353-370, 2022, p. 365.

adoção do duplo binário, foi necessária uma segunda reforma legislativa, o que evidencia que a separação entre os processos, por si só, é insuficiente

Ressalte-se que o objetivo deste artigo não foi apresentar soluções definitivas, tampouco sugerir que a simples adoção das práticas italianas seria suficiente sem adaptações sistêmicas. O contexto jurídico brasileiro possui particularidades que qualquer mudança normativa deve considerar. Não obstante, as soluções italianas oferecem um ponto de partida valioso para repensar a abordagem brasileira à prejudicialidade nos crimes tributários, visando um sistema mais cogente, visando um sistema simultaneamente mais ágil, coordenado e compatível com as garantias fundamentais do acusado

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Ricardo. *Direito tributário*. 15. ed. rev., atual e ampl. Salvador: JusPodivm, 2021

ARDIZZONE, Giorgio Maria. *Ne bis in idem e reati tributari*. 2022. Disponível em: <<http://tesi.luiss.it/32412/>>. Acesso em 28/02/2024

ARDIZZONE, Giorgio. Il “volto attuale” del ne bis in idem europeo nel sistema penal-tributario. *Diritto Penale Contemporaneo – Rivista Trimestrale*, Milano, n. 4, p. 212-250, 2022. Disponível em: https://dpc-rivista-trimestrale.criminaljusticenetwork.eu/pdf/DPC%20Riv.%20Trim.%204_2022_ardizzone.pdf>. Acesso em 28/02/2024

BASSO, Ezio D.; VIGLIONE, Alessandro. *Diritto penale tributario*. G Giappichelli Editore, 2021.

BITENCOURT, Cezar R.; MONTEIRO, Luciana de O. *Crimes contra a ordem tributária*. São Paulo: Editora Saraiva, 2023. E-book. ISBN 9786553626980.

BRASIL. *Parecer n. 1.576*, Disponível em: <<chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpgclclefindmkaj/https://www.conjur.com.br/dl/pls-23612-reforma-codigo-penal-relatado.pdf>>. Acesso em 16/02/2024

CANESIN, Vinicius Bonalumi. *A relevância penal do lançamento tributário e do término do procedimento administrativo fiscal em relação ao artigo 1º da lei n.º 8.137/1990: diagnósticos e prognósticos*, 2023. Dissertação de mestrado em Direito – Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2023.

Conseil de L'Europe. *Protocollo n. 7 alla Convenzione per la salvaguardia dei Diritti dell'Uomo e delle Libertà fondamentali*, 1984. Disponível em: <<https://rm.coe.int/168007a0f7>>. Acesso em 19/05/2024

Corte Europeia de Direitos Humanos. *Caso Grande Stevens e outros vs. Itália*. Disponível em: <<https://hudoc.echr.coe.int/eng?i=001-141794>>. Acesso em 19/05/2024

Corte Europeia de Direitos Humanos. *Caso A e B vs. Noruega*. Disponível em: <<https://hudoc.echr.coe.int/eng?i=001-168972>>. Acesso em 30/05/2026

ESTELLITA, Heloísa; CAVALI, Marcelo Costenaro. Crimes tributários são crimes de lesão ou de perigo, de mera conduta ou de resultado, formais ou materiais? *Revista do Instituto de Ciências Penais*, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 353–370, 2022. <https://doi.org/10.46274/1809-192XRICP2022v7n2p353-370>

MACHADO, Hugo de Brito. *A irretroatividade da Súmula Vinculante 24 e a prescrição impeditiva da ação penal*. Nomos: Revista do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFC, v. 33, n. 1.

MACHADO, Hugo de Brito. Prévio Esgotamento da Via Administrativa e Ação Penal nos Crimes Contra a Ordem Tributária. *Revista Brasileira de Ciências Criminais, IBCCRIM/Revista dos Tribunais*, São Paulo, n. 15, julho-setembro de 1996.

Dicionário Online Priberam. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/fato>>. Acesso em 03/03/2024

FISCHER, Douglas. *Os equívocos técnico, dogmático, sistemático e lógico da Súmula Vinculante nº 24 do STF*, 2021. Disponível em: <https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/criminal/artigos/processo_penal/os_equivocos_tecnico_dogmatico_sistematico_e_logico_da_sumula_vinculante_no_24_do_stf.pdf>. Acesso em: 29/05/2024.

FRIDENBERG, Juan Pablo. *Procedimiento penal tributario*. Buenos Aires: Ad-Hoc, 2012.

GRIGORAS, Ioana A. Aproximación a los delitos tributarios en el ordenamiento jurídico italiano. *Revista General de Derecho Penal - Iustel*. n. 35. 2021. Disponível em: <https://www.iustel.com/v2/revistas/detalle_revista.asp?id_noticia=423613&d=1>. Acesso em 29/12/2023

ITALIA. Agenzia delle Entrate. *Decreto del Presidente della Repubblica del 29/09/1973 n. 600*. Disponível em: <https://www.agenziaentrate.gov.it/portale/documents/20143/295696/Decreto+del+Presidente+della+Repubblica+del+29_09_1973+n.+600+-+.pdf/4f92a234-eb0b-9751-e68b-7e7c3225a8ec>. Acesso em 05/05/2024.

ITALIA. Corte Costituzionale. *Sentenza 27 Aprile 1982 n. 88*. Disponível em: <<https://www.cortecostituzionale.it/stampaPronunciaServlet?>

anno=1982&numero=88&tipoView=P&tipoVisualizzazione=O>. Acesso em 07/05/2024.

ITALIA. Corte Costituzionale. *Sentenza 27 Aprile 1982 n. 89*. Disponível em: < <https://www.cortecostituzionale.it/stampaPronunciaServlet?anno=1982&numero=89&tipoView=P&tipoVisualizzazione=O>>. Acesso em 07/05/2024.

ITALIA. *Decreto del Presidente della Repubblica 29 settembre 1973, n. 600*. Disponível em: <<https://www.normattiva.it/uri-res/N2Ls?urn:nir:presidente.repubblica:decreto:1973-09-29;600>>. Acesso em 05/05/2024.

ITALIA. *Decreto Legislativo 10 marzo 2000, n. 74*. Disponível em: <<https://www.normattiva.it/uri-res/N2Ls?urn:nir:stato:decreto.legislativo:2000-03-10;74>>. Acesso em 07/05/2024.

ITALIA. *Decreto Legislativo 14 giugno 2024, n. 87*. Disponível em: <<https://www.normattiva.it/uri-res/N2Ls?urn:nir:stato:decreto.legislativo:2024-06-14;87>>. Acesso em: 01/06/2026

ITALIA. Gazzetta Ufficiale della Repubblica Italiana. *Decreto-Legge 10 Luglio 1982, n. 429*. Disponível em: <<https://www.normattiva.it/uri-res/N2Ls?urn:nir:stato:decreto.legislativo:2000-03-10;74>>. Acesso em 08/05/2024.

ITALIA. *Legge 7 agosto 1982, n. 516*. Disponível em: < <https://www.normattiva.it/atto/caricaDettaglioAtto?atto.dataPubblicazioneGazzetta=1982-08-07&atto.codiceRedazionale=082U0516&tipoDettaglio=originario&qId=>>>. Acesso em 05/06/2024.

ITALIA. *Legge 7 gennaio 1929, n. 4*. Disponível em: <<https://www.normattiva.it/uri-res/N2Ls?urn:nir:stato:legge:1929-01-07;4~art37>>. Acesso em 22/11/2023

LOPES JR., Aury. *Direito Processual Penal* – 18ª ed. – São Paulo: Saraiva Educação, 2021.

MANZINI, Vincenzo. *Tratado de derecho procesal penal. tomo I*. Buenos Aires: El Foro, 1951.

MOURA, Maria Thereza Rocha de Assis; CAVALI, Marcelo Costenaro. Ainda sobre a Súmula Vinculante n. 24: inconsistências, incoerências e indesejáveis consequências de sua aplicação. *Revista do Advogado, São Paulo*, v. 154, p. 2-10, 2022.

MUSCO, Enzo; ARDITO, Francesco. *Diritto penale tributario* – 3ª ed. – Bologna, Itália: Zanichelli, 2016.

NOGUEIRA, Ruy Barbosa. *Doutrina do Professor Ruy Barbosa Nogueira: (centenário de nascimento)* – São Paulo, SP: IBDT, 2019.

OECD. Effective Inter-Agency Co-operation in Fighting Tax Crimes and Other Financial Crimes. *Third Edition*, OECD Publishing, Paris, 2017. Disponível em: <<http://www.oecd.org/tax/crime/effective-inter-agency-co-operation-in-fighting-tax-crimes-and-other-financial-crimes.htm>>. Acesso em 10/11/2023 <https://doi.org/10.1787/af874d4a-en>

PEREIRA, Patrícia Gondim Moreira et al. *Multa qualificada e o crime de sonegação fiscal: uma investigação sobre a pluralidade de respostas sancionatórias e o espectro de proteção do princípio do ne bis in idem*. 2019.

PINI, I. et al. *Osservazioni sul tema del doppio binario sanzionatorio tributario e penale*. INNOVAZIONE E DIRITTO, 2015. Disponível em: Disponível em: <<https://www.innovazionediritto.it/osservazioni-sul-tema-del-doppio-binario-sanzionatorio-tributario-e-penale>>. Acesso em 19/05/2024

RANGEL, Paulo. *Direito Processual Penal* – 12ª edição. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2017.

SALVINI, Livia et al. *Manuale professionale di diritto penale tributario: imposte sui redditi, IVA, accise, autoriciclaggio, 231 fiscale*. Giappichelli, 2022.

SCHOUERI, Luís E. *Direito tributário*. São Paulo: Saraiva, 2023.

SOANA, Gian Luca. *I reati tributari*. Giuffrè Editore, 2009.

TAFFARELLO, Rogério Fernando. Impropriedades da Súmula Vinculante nº 24 do SF e insegurança jurídica em matéria de crimes tributários. *Direito penal econômico: questões atuais*. São Paulo: Revista dos Tribunais, p. 299-338, 2011.

TENÓRIO, Igor. *Direito penal tributário*. São Paulo: J. Bushatsky, 1973.

VELLOSO, Andrei Pitten. *A pregiudiziale tributaria: análise da jurisprudência brasileira à luz das experiências italiana e espanhola*. Disponível em: <https://bdjur.stj.jus.br/jspui/bitstream/2011/60910/prejudiziale_tributaria_analise_jurisprudencia.pdf>. Acesso em 22/05/2024

VILARES, Fernanda R. A dinâmica do processo penal nos crimes contra a ordem tributária: o papel do processo administrativo fiscal e a necessária revisão da SV n. 24 do STF. In BOSSA, Gisele, RUIVO, Marcelo Almeida (coord.) *Crimes contra a ordem tributária: do direito tributário ao direito penal*. São Paulo: Almedina, 2019. p. 213-236.

VILARES, Fernanda R. *Precisamos falar sobre a Súmula Vinculante 24 do STF*. Disponível em: <<https://www.jota.info/opiniao-e-analise/artigos/sumula-vinculante-24-do-stf-08112018>>. 07/12/2023

VIOTTO, Antonio et al. Evoluzione del sistema sanzionatorio penale tributario e prospettive di riforma. *Rivista Trimestrale di Diritto Tributario*, v. 2, p. 547-579, 2015.

Authorship information

José Eugênio da Silva Mendes. Specialist in Economic Criminal Law, São Paulo Law School, Fundação Getúlio Vargas (FGV). Postgraduate certificate in Criminal Sciences, Grupo G7 Jurídico. LL.B., Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Attorney. j.eugeniomendes@outlook.com

Additional information and author's declarations (*scientific integrity*)

Conflict of interest declaration: the author confirms that there are no conflicts of interest in conducting this research and writing this article.

Declaration of authorship: all and only researchers who comply with the authorship requirements of this article are listed as authors; all coauthors are fully responsible for this work in its entirety.

Declaration of originality: the author assures that the text here published has not been previously published in any other resource and that future republication will only take place with the express indication of the reference of this original publication; he also attests that there is no third party plagiarism or self-plagiarism.

Data Availability Statement: In compliance with open science policies, all data generated or analyzed during this study are included in this published article.

IA Statement: The authors declare that they are aware that the use of artificial intelligence must not supplant the human originality of the research, and that full responsibility for any errors or plagiarism rests entirely with the authors. The author declares that AI was used in the following stages of this research: language editing and paragraph coherence review, carried out after the first round of peer review corrections.

Editorial process dates (<https://revista.ibraspp.com.br/RBDPP/about>)

- Submission: 24/03/2026
- Desk review and plagiarism check: 30/03/2026
- Review 1: 03/04/2026
- Review 2: 16/04/2026
- Review 3: 22/04/2026
- Review 4: 27/04/2026
- Preliminary editorial decision: 10/05/2026
- Correction round return: 02/06/2026
- Final editorial decision: 04/06/2026

Editorial team

- Editor-in-chief: 1 (VGV)
- Assistant-editor: 1 (FRV)
- Reviewers: 4

HOW TO CITE (ABNT BRAZIL):

MENDES, José Eugênio S. Os crimes contra a ordem tributária e o processo administrativo tributário: Um estudo sobre a prejudicialidade no Brasil e na Itália. *Revista Brasileira de Direito Processual Penal*, vol. 12, n. 2, e1450, mai./ago. 2026. <https://doi.org/10.22197/rbdpp.v12i2.1450>



License Creative Commons Attribution 4.0 International.

**Persecução penal:
investigação, júízo
oral e etapa recursal**

*Criminal prosecution:
investigation, public
oral trial and appeal*

Relativização da Súmula 593/STJ em casos de estupro de vulnerável: uma análise empírica das premissas fáticas mobilizadas pelo STJ para o *distinguishing*

Relativization of Summary 593/STJ in cases of rape of vulnerable persons: an empirical analysis of the statement of material facts mobilized by the STJ for distinguishing

Roberta Simões Nascimento¹

Universidade de Brasília – Brasília/DF, Brasil

betasimoes@hotmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/6625822957457851>

 <https://orcid.org/0000-0001-8461-2562>

Frederico Leandro Gomes²

Universidade de Brasília – Brasília/DF, Brasil

fleandro@stj.jus.br

 <http://lattes.cnpq.br/2345391962395513>

 <https://orcid.org/0009-0007-1564-44665>

Maria Luiza Campos³

Universidade de Brasília – Brasília/DF, Brasil

betasimoes@hotmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/4588706414956407>

 <https://orcid.org/0009-0009-5575-6300>

¹ Professora adjunta da Faculdade de Direito da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Direito pela *Universidad de Alicante* (Espanha). Doutora e Mestra em Direito pela Unb. Advogada do Senado Federal.

² Mestrando em Direito, Regulação e Políticas Públicas na Universidade de Brasília (UnB). Analista Judiciário e Assessor de Ministro do Superior Tribunal de Justiça.

³ Mestre em Ciência Comportamental pela *London School of Economics* (LSE). Bacharel em Economia (UnB).

RESUMO: O trabalho analisa a aplicação da técnica do *distinguishing* pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ) na relativização da Súmula 593/STJ em casos de estupro de vulnerável (art. 217-A do CP), à luz do Tema 918/STJ. Mediante investigação empírica, quantitativa, qualitativa, de caráter observacional e retrospectivo, foram examinados 136 acórdãos colegiados proferidos entre 2015 e 2025. A pesquisa empregou a Metodologia de Análise de Decisão (MAD) para mapear as premissas fáticas mobilizadas pelo tribunal como vetores de distinção, destacando-se (i) idade da vítima, (ii) idade do réu, (iii) o vínculo afetivo, (iv) a coabitação, (v) a existência de filhos; (vi) consentimento da família; e (vii) consentimento da vítima. Os resultados evidenciam que o consentimento familiar, a existência de filhos e a faixa etária do réu são determinantes estatisticamente significativos para o desfecho dos casos (absolvição ou condenação). Conclui-se que a atuação do STJ, embora não prevista legislativamente, conforma critérios empíricos minimamente consistentes, cuja análise contribui para o debate sobre estabilidade, previsibilidade e legitimidade do sistema de precedentes em matéria penal.

PALAVRAS-CHAVE: Súmula 593/STJ; Tema 918/STJ; Estupro de vulnerável; *Distinguishing*; Pesquisa empírica.

ABSTRACT: The article examines the application of the *distinguishing* technique by the Superior Court of Justice (STJ) in the relativization of Binding Precedent 593/STJ in cases of statutory rape (art. 217-A of the Brazilian Penal Code), in light of Theme 918/STJ. Based on an empirical investigation – quantitative, qualitative, observational, and retrospective in nature – the study analyzed 136 collegiate judgments issued between 2015 and 2025. The research employed the Decision-Making Analysis (DMA) methodology to map the factual premises invoked by the Court as *distinguishing* factors, namely: (i) the victim's age, (ii) the defendant's age, (iii) the existence of an affective relationship, (iv) cohabitation, (v) the presence of children, (vi) the family's consent, and (vii) the victim's consent. The findings show that family consent, the existence of children, and the age group of the defendant are statistically significant determinants for the outcome of cases (acquittal or conviction). It can be concluded that the STJ's actions, although not provided for by law, conform to minimally consistent empirical criteria, the analysis of which contributes to the debate on the stability, predictability, and legitimacy of the system of precedents in criminal matters.

KEYWORDS: Precedent Summary 593/STJ; Theme 918/STJ; Rape of vulnerable persons; *Distinguishing*; Empirical research.

SUMÁRIO: Introdução; 1. Metodologia empregada; 1.1 Perguntas e hipóteses de pesquisa; 1.2 Pesquisa de jurisprudência e coleta, extração e categorização dos dados; 1.3 Análise de inferência: modelo de regressão logística multivariada; 2. Identificação da *ratio decidendi* do Tema 918 do STJ como etapa preliminar ao emprego da técnica de *distinguishing*; 3. Análise dos acórdãos e mapeamento das categorias das premissas fáticas para relativização da Súmula 593/STJ; 3.1 Papel das premissas fáticas na dinâmica decisória do STJ e consolidação dos critérios para *distinguishing* (2021–2025); 3.2 Resultados do modelo de regressão logística multivariada; 3.2.1 A escolha de variáveis relevantes; 3.2.2 Os resultados e inferências do modelo logístico; 3.2.3 Discussão dos resultados; Considerações finais; Referências.

INTRODUÇÃO

No contexto da jurisprudência penal produzida pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ), tem-se observado um fenômeno que contrasta com os pressupostos formais da vinculação aos precedentes qualificados: trata-se da relativização do enunciado da Súmula 593/STJ⁴, segundo a qual, nos crimes de estupro de vulnerável⁵ tipificados no art. 217-A do

⁴ BRASIL. Superior Tribunal de Justiça. *Súmula n. 593*. O crime de estupro de vulnerável se configura com a conjunção carnal ou prática de ato libidinoso com menor de 14 anos, sendo irrelevante eventual consentimento da vítima para a caracterização do delito. Aprovada em: 25 out. 2017. Publicada no Diário da Justiça Eletrônico em: 6 nov. 2017.

⁵ *Disclaimer*: A finalidade do presente artigo é exclusivamente informativa e acadêmica. Não se pretende, em nenhuma hipótese, relativizar a gravidade da conduta típica objeto da pesquisa. Tampouco se desconhece a delicadeza do tema e a sensibilidade que acompanha a discussão sobre o crime de estupro de vulnerável. Exatamente por isso, neste trabalho acadêmico, optou-se por conter a carga emotiva da linguagem e tratar a questão com neutralidade e tecnicidade, sem prejuízo do reconhecimento da seriedade da matéria examinada. A opção pelo tom menos carregado se justifica porque, em tema dessa natureza, a forma de descrição dos fatos pode desencadear reações emocionais no leitor, o que se buscou evitar não apenas por cautela expositiva, mas também para impedir que a linguagem interferisse na leitura dos dados, na apresentação dos achados empíricos e nas conclusões do artigo.

Código Penal (CP), a presunção de vulnerabilidade é absoluta e independe do consentimento da vítima. A súmula, aprovada em 2015, por ocasião do julgamento do REsp 1.480.881/PI⁶, que resultou no estabelecimento do Tema 918/STJ, consolidou a diretriz hermenêutica da irrelevância dos aspectos objetivos e subjetivos da vítima para fins de caracterização do tipo penal.

Não obstante tal formalização, o próprio STJ, em decisões proferidas após a fixação do referido precedente qualificado, sob o rito dos recursos repetitivos, tem recorrido com alguma frequência à técnica do *distinguishing* para afastar a súmula em casos concretos. Nesse contexto, o objeto da presente pesquisa consiste na análise empírica dessas decisões excetuentes – isto é, do julgados nos quais, não obstante a subsunção formal dos fatos ao tipo penal mencionado, operou-se a mitigação da tese vinculante por meio da valoração de premissas fáticas como: a reduzida diferença etária entre vítima e réu, a alegação de vínculo afetivo, a existência de prole comum, a coabitação entre os envolvidos, entre outros aspectos invocados como justificativa para o afastamento do enunciado sumular.

A justificativa para a investigação empírica sobre o tema reside na observação de que a aplicação da *ratio decidendi* da súmula não tem se dado de forma uniforme nem automática, o que denotaria casuísmo na mobilização seletiva de determinadas circunstâncias fáticas como critérios de distinção. Ao mesmo tempo, tais decisões trazem uma valoração judicial subjacente: frequentemente, a Corte formula juízos implícitos sobre a legitimidade das relações interpessoais descritas nos autos, atribuindo-lhes maior ou menor relevância jurídica. Com isso, os fatores de distinção deixam de ser simples dados do caso e passam a atuar como vetores de juízos valorativos incorporados à decisão. Justifica-se, assim, uma pesquisa de natureza observacional e retrospectiva, apta a mapear os dados empíricos tomados como referência pelo STJ, de modo a reconstruir as categorias fáticas que têm orientado o afastamento da Súmula 593/STJ sob a técnica do *distinguishing*.

Parte-se da hipótese de que as circunstâncias mencionadas, especialmente a diferença etária entre os envolvidos, a configuração de

⁶ REsp n. 1.480.881/PI, relator Ministro Rogerio Schietti Cruz, Terceira Seção, julgado em 26/8/2015, DJe de 10/9/2015.

vínculos afetivos ou conjugais, a coabitação e a existência de filhos em comum, têm sido valoradas pelo STJ como marcadores legítimos para a individualização das decisões, ainda que ausente uma diretriz legislativa explícita sobre sua aplicação. Em caráter alternativo, cogita-se que tais elementos não estejam articulados de forma consistente no interior da jurisprudência, configurando antes uma prática casuística, com critérios de relevância jurídica variáveis e eventualmente contraditórios entre as turmas julgadoras. Para testar tais hipóteses, o estudo recorre à Metodologia de Análise de Decisão (MAD)⁷, com base em um *corpus* de acórdãos selecionados entre 2015 e 2025, extraído das bases públicas do STJ, exclusiva nas decisões colegiadas.

Ao privilegiar o recorte empírico das decisões que relativizam o entendimento sumulado, o trabalho não se ocupa da dogmática penal em sentido estrito, tampouco se propõe a discutir a suficiência ou correção dos fundamentos jurídicos invocados nas decisões analisadas. Trata-se de um esforço de natureza analítica e reconstrutiva, cujo foco reside na identificação das premissas fáticas utilizadas pelo STJ para aplicação da técnica de *distinguishing*. Ao recuperar tais aspectos contextuais destacados na fundamentação e agrupá-los por meio de categorias indutivas, pretende-se lançar luz sobre a racionalidade – ou, ao menos, a recorrência – das práticas que vêm sustentando a inaplicabilidade da Súmula 593/STJ.

A análise dos acórdãos tem revelado, como será detalhado nesse trabalho, que os critérios empregados pelo STJ para operar o afastamento do precedente sumulado não advêm de critérios previamente definidos em lei, mas emergem de uma conjugação de aspectos fáticos cuja relevância jurídica é construída na própria decisão. Observa-se a formação de um novo padrão jurisprudencial determinado por elementos fáticos mobilizados e valorizados pelos julgadores. A inexistência de uma matriz legislativa expressa para tais fatores impõe a necessidade de uma análise empírica que evidencie esses padrões e permita avaliar, *a posteriori*, a sua racionalidade e a sua adequação à técnica do *distinguishing* e à justiça no caso concreto.

⁷ FREITAS FILHO, Roberto; LIMA, Thalita Moraes. Metodologia de análise de decisões - MAD. *Universitas Jus*, Brasília, n. 21, p. 1-17, jul./dez. 2010.

Nesse sentido, o emprego da técnica do *distinguishing* pelo STJ, em sede penal, adquire contornos específicos, na medida em que não apenas reconfigura o alcance de precedente obrigatório, como também redefine o próprio conteúdo do tipo penal de estupro de vulnerável. Ao eleger certas premissas fáticas como juridicamente relevantes para exceção à tese consolidada, o STJ opera uma reconstrução do significado normativo do art. 217-A do CP. A presente pesquisa, ao proceder à sistematização dos critérios de distinção que vêm sendo empregados pelo STJ, busca verificar se há inteligibilidade às estratégias decisórias que vêm sendo articuladas quanto ao Tema 918/STJ.

O trabalho tem a estrutura seguinte: na seção 1, descreve-se a metodologia adotada, com a explicação dos critérios de seleção do *corpus*, dos procedimentos empregados na extração dos dados e do modelo de análise estatística descritiva utilizado. Na seção 2, analisa-se o Tema 918/STJ, apresentando sua *ratio decidendi* como etapa prévia ao manejo adequado do *distinguishing*. A seção 3 dedica-se à análise dos acórdãos selecionados, com mapeamento das categorias das premissas fáticas mobilizadas pelo STJ como fundamento para afastar a Súmula 593/STJ; bem como à sistematização dos padrões de valoração judicial atribuídos a cada uma dessas premissas. A conclusão retoma os principais achados e aponta suas implicações para a estabilidade do regime de precedentes em matéria penal, além de sugerir novas agendas pesquisa.

1. METODOLOGIA

1.1. PERGUNTAS E HIPÓTESES DE PESQUISA

A presente pesquisa é uma investigação a respeito das premissas que afetam o processo decisório no âmbito do STJ ao julgar casos de estupro de vulnerável relacionado ao Tema 918/STJ, o qual deu origem à Súmula 593/STJ, como mencionado na introdução. Pretende-se responder a duas perguntas de pesquisa centrais: (1) quais são as premissas fáticas consideradas relevantes pelo STJ no processo de julgamento de casos de estupro de vulnerável para afastar a Súmula 593/STJ? e (2) como tais premissas afetam a decisão do julgamento?

Para responder à primeira pergunta de pesquisa, foi conduzida uma análise qualitativa temática indutiva dos acórdãos do STJ. O processo de triagem dos processos relevantes e a extração de dados secundários para a estruturação da base final será detalhado na subseção 1.2. A partir da base final, um modelo de inferência estatística usando a metodologia de Regressão Logística Multivariada foi criado para responder à segunda pergunta central. Assim, o modelo de inferência proposto busca testar as seguintes hipóteses de pesquisa:

H_0 : Nenhuma das premissas identificadas afeta, de forma significativa, o resultado do julgamento.

H_1 : Pelo menos uma das premissas identificadas afeta, de forma significativa, o resultado do julgamento.

1.2. PESQUISA DE JURISPRUDÊNCIA E COLETA, EXTRAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO DOS DADOS

Inicialmente, a pesquisa fez uma incursão exploratória, voltada à identificação dos acórdãos sobre o Tema 918/STJ. Essa etapa preliminar teve por escopo a constituição de um *corpus* decisório apto a subsidiar, posteriormente, a análise empírica dos dados.

Para tanto, delimitou-se como marco temporal o intervalo compreendido entre a publicação do acórdão representativo da controvérsia, em agosto de 2015, e o mês de setembro de 2025. A escolha desse recorte buscou abarcar o maior número possível de decisões exaradas durante o período de vigência da tese firmada. A coleta se deu no site do STJ, pela pesquisa de jurisprudência, selecionando somente julgados colegiados, em virtude da expressiva quantidade de decisões monocráticas sobre a matéria – superior a cinco mil, até a data do levantamento.⁸

A triagem dos acórdãos foi feita mediante critérios textuais específicos: menção ao art. 217-A do CP, à Súmula 593/STJ e expressões indicativas de elementos contextuais relevantes – como alegações de consentimento, vínculo afetivo entre as partes, convivência anterior,

⁸ O conjunto de dados analisados foi depositado no ScieloData, acessível a partir do seguinte link: <https://doi.org/10.48331/SCIELODATA.5EIHKX>.

dentre outros aspectos que, no caso concreto, poderiam ter motivado a Corte empregar a técnica de *distinguishing*.⁹

Como resultado, foram localizados 346 acórdãos.¹⁰ Entre esses, cerca de 112 apresentaram na ementa¹¹ aderência à *ratio decidendi* firmada no Tema 918/STJ. Tais decisões refletem a tese segundo a qual, nos delitos previstos no art. 217-A do CP, incide a presunção absoluta de vulnerabilidade, sendo irrelevante o consentimento da vítima ou sua experiência sexual pretérita. Dessa forma, como aplicaram *in totum* o entendimento sumular e, portanto, não interessavam a esta pesquisa,

⁹ Para a seleção de julgados que aplicaram o Tema, foram utilizados os seguintes critérios de pesquisa: (((((estupr\$ adj2 vulneravel ou “217- a” ou “0217a”) com (consenti\$ ou aquiesc\$ ou vontade\$ ou namor\$ ou relacionament\$ ou virg\$ ou “experiencia sexual” ou amor\$)) ou ((resp ou recurso adj especial) adj3 (1480881 ou 1480881/pi ou 1480881-pi ou 1.480.881 ou 1.480.881/pi ou 1.480.881-pi)) ou (tema adj5 (918 ou 918-stj ou 918/stj ou 000918)) ou (sum\$ prox4 (“593” ou “000593” ou 593-stj ou 593/stj)))) e @dtpb>=20150826). Já para a seleção de julgados que afastaram a aplicação do Tema, os seguintes argumentos foram empregados: (((((estupr\$ adj2 vulneravel ou “217- a” ou “0217a”) com (consenti\$ ou aquiesc\$ ou vontade\$ ou namor\$ ou relacionament\$ ou virg\$ ou “experiencia sexual” ou amor\$)) ou ((resp ou recurso adj especial) adj3 (1480881 ou 1480881/pi ou 1480881-pi ou 1.480.881 ou 1.480.881/pi ou 1.480.881-pi)) ou (tema adj5 (918 ou 918-stj ou 918/stj ou 000918)) ou (sum\$ prox4 (“593” ou “000593” ou 593-stj ou 593/stj)))) e @dtpb>=20150826) e (distinção ou distinguish ou relativiz\$ ou absolver ou “manter a absolvição” ou “afastar a condenação”).

¹⁰ Vale reiterar que a busca foi realizada em setembro/2025 e que a pesquisa jurisprudencial por ou palavras-chave pode apresentar variações no número de julgados encontrados a depender da data em que é realizada. Isso ocorre, entre outros fatores, em razão da atualização contínua dos bancos de dados dos tribunais, da inclusão de novos acórdãos e decisões monocráticas, da reindexação dos sistemas de busca, bem como de eventuais alterações nos critérios de classificação, ementação ou consolidação dos precedentes. Além disso, decisões anteriormente indisponíveis ou não indexadas podem passar a integrar o acervo pesquisável ao longo do tempo, impactando os resultados obtidos.

¹¹ Com base nos critérios de pesquisa jurisprudencial definidos, realizou-se a leitura das ementas a fim de verificar a pertinência dos casos ao objeto do estudo. Esse procedimento resultou na redução do número inicial de acórdãos, à medida que se identificava a efetiva correspondência com a temática em análise. Conforme previamente delimitado, foram excluídas as decisões monocráticas, de modo que a amostra final se concentrou apenas nos acórdãos colegiados que examinaram o mérito relativo à aplicação, ou não, da Súmula 593/STJ.

foram eliminadas da base, restando 234 acórdãos. Quanto aos acórdãos aplicando técnica do *distinguishing*, foram identificados 75 acórdãos, dos quais 24 contêm referências explícitas para justificar o afastamento do enunciado sumular. Foram desconsideradas duplicidades decorrentes da sobreposição de registros processuais, eliminando-se da base mais 98 acórdãos, de modo que cada acórdão foi contabilizado uma única vez. Após a limpeza, a base líquida contou 136 acórdãos colegiados proferidos pelo STJ entre 2015 e 2025.

Para analisar tais dados, a pesquisa valeu-se da Metodologia de Análise de Decisão (MAD)¹², a qual permitiu o rastreamento, com base nos próprios acórdãos do STJ, de dados fáticos que operaram como vetores de afastamento da Súmula 593/STJ. A análise não incidiu sobre a suficiência dos argumentos jurídicos expendidos, mas sobre a regularidade dos elementos fáticos que precederam e, em tese, ensejaram a distinção.

Estruturou-se um protocolo de leitura e categorização dos acórdãos pautado por critérios de precisão, uniformidade e controle metodológico. A operacionalização dessa etapa valeu-se de modelo de linguagem de larga escala (LLM) – ADAPTAONE – GPT 4.1¹³, parametrizado por comandos em linguagem natural, inseridos por meio de *prompt*¹⁴, com o propósito de viabilizar a extração dirigida de um conjunto fechado de variáveis previamente delimitadas.¹⁵

¹² FREITAS FILHO, Roberto; LIMA, Thalita Moraes. Metodologia de análise de decisões - MAD. *Universitas Jus*, Brasília, n. 21, p. 1-17, jul./dez. 2010.

¹³ ADAPTA. Home-v2. Disponível em: <https://adapta.org/home-v2?>. Acesso em: 04 jul. 2025.

¹⁴ O *prompt* configura-se como um enunciado diretivo formulado pelo usuário, cuja função é orientar a atuação do sistema computacional – notadamente daqueles baseados em modelos de inteligência artificial –, com vistas à obtenção de uma resposta textual ou à execução de uma tarefa específica, a partir dos parâmetros semânticos nele contidos. A conferir: PORTO, Fábio; ARAUJO, Valter; GABRIEL, Anderson. 5. Prompt. In: PORTO, Fábio; ARAUJO, Valter; GABRIEL, Anderson (org.). *Inteligência Artificial Generativa no Direito*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2024.

¹⁵ Todo o conteúdo gerado com auxílio dessas ferramentas foi cuidadosamente revisado, editado e validado pelos autores, que assumem integral responsabilidade pela integridade, originalidade, precisão científica e conformidade ética do texto final.

Cada lote de análise foi composto por cinco acórdãos, os quais foram submetidos, individualmente, a no mínimo dez ciclos de leitura reiterada, como expediente metodológico destinado a reduzir eventuais inconsistências na extração e, ao mesmo tempo, maximizar a fidedignidade entre os dados tabulados e as premissas fáticas efetivamente mobilizadas no âmbito decisório. As variáveis coletadas foram organizadas em planilha estruturada segundo os critérios formais estabelecidos pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), abrangendo: identificação do processo com indicação da origem do estado federativo; ano do fato; idade da vítima; idade do réu; desfecho do julgamento (condenação ou absolvição); existência de vínculo afetivo; situação de coabitação; descendência comum; consentimento familiar; consentimento da vítima. Com o propósito de induzir rigor metodológico, previu-se, ainda, mecanismo simbólico de controle de qualidade interno¹⁶.

A utilização do modelo de linguagem não substituiu a leitura dos acórdãos nem a validação humana dos dados extraídos. Após a extração assistida, os registros lançados na planilha foram confrontados manualmente com o teor dos respectivos julgados, com atenção especial às variáveis centrais da pesquisa: idade da vítima, idade do réu, existência de vínculo afetivo, coabitação, existência de filho comum, consentimento familiar e resultado do julgamento. Nos casos em que havia ambiguidade, insuficiência de elementos ou dúvida quanto ao enquadramento da informação em determinada categoria, procedeu-se à revisão direta do texto decisório, a fim de evitar que fosse atribuída ao julgado premissa fática não expressamente indicada no acórdão.

A checagem humana, portanto, não teve caráter amostral. Ela incidiu sobre a correspondência entre as categorias registradas e o conteúdo dos acórdãos incluídos na base, de modo a preservar o modelo de

¹⁶ Na etapa de extração dos dados dos acórdãos por meio de inteligência artificial, foi estabelecido um mecanismo apenas simbólico de penalidade: o *prompt* utilizado simulava a aplicação de “pontos negativos” caso a classificação das informações estivesse incorreta. Essa medida não tinha efeito real sobre o sistema, mas operou como recurso heurístico para induzir a IA a ser mais precisa na extração e organização dos dados. Importante destacar que se procedeu à análise qualitativa com o objetivo de aferir a correspondência efetiva dos dados obtidos pela IA a partir da extração realizada nos acórdãos.

linguagem como ferramenta auxiliar de organização e extração dirigida dos dados, e não como instância autônoma de classificação ou validação dos resultados.

Convém assinalar que todas as etapas concernentes à extração e tratamento dos dados observaram diretrizes de confidencialidade e anonimização, de modo a resguardar a proteção de dados sensíveis eventualmente constantes dos autos judiciais. Embora os feitos tramitem sob sigredo de justiça, os acórdãos analisados constituem documentos de acesso público, disponibilizados pelas bases institucionais do STJ, sendo sua utilização restrita à finalidade acadêmica e dissociada de qualquer divulgação de informações aptas à identificação das partes, conforme art. 34, inciso I, da Resolução n° 215/215 do CNJ¹⁷.

Posteriormente, uma análise qualitativa temática indutiva foi conduzida para a identificação das premissas julgadas como relevantes pelo STJ¹⁸. Nesse sentido, as premissas identificadas emergiram a partir da interação com os dados contidos nos acórdãos, não sendo pré-definidas à coleta e à análise. Assim, o processo se torna indutivo, isto é, a categorização dos dados qualitativos se adapta ao desenvolvimento

¹⁷ CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA (Brasil). *Resolução n. 215, de 16 de dezembro de 2015*. Dispõe, no âmbito do Poder Judiciário, sobre o acesso à informação e a aplicação da Lei 12.527, de 18 de novembro de 2011. Texto compilado a partir da redação dada pelas Resoluções n. 260/2018, n. 265/2018, n. 273/2018, n. 389/2021, Portaria n. 67/2020, Portaria n. 57/2023 e Consulta n. 0005282-19.2018.2.00.0000. Disponível em: <https://atos.cnj.jus.br/files/compilado1302562024020165bb9680a11c2.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2025.

¹⁸ No que toca à construção da base qualitativa que serviu de substrato à análise, cumpre reconhecer a inerente dificuldade de padronização de categorias e de redução da margem de discricionariedade do pesquisador na classificação de dados textuais. O esforço de categorização, por mais atento que seja aos limites metodológicos, não elimina o elemento subjetivo implicado nesse tipo de análise. Isso significa, em termos rigorosos, que a replicabilidade da pesquisa se encontra condicionada ao grau de uniformidade dos critérios adotados e à existência de procedimentos minimamente padronizados de registro e sistematização dos dados. Em cenário ideal, a padronização dos processos e o aprimoramento dos mecanismos institucionais de coleta promoveriam ganhos relevantes em termos de replicabilidade e robustez dos resultados, mitigando o risco de viés analítico.

da análise, conforme há maior compreensão dos textos analisados¹⁹. O quadro abaixo fornece uma revisão detalhada da base final.

QUADRO 1. Variáveis coletadas da base de dados sobre o *distinguishing* do Tema 918/STJ

Variável	Classificação	Formato	Descrição
ID do processo	Não utilizada	Número	Número do processo
Classe Processual	Não utilizada	String	Classe Processual
Estado	Não utilizada	String	Estado que o processo foi julgado.
Ano dos Fatos	Não utilizada	Número	Ano em que houve a consumação do estupro de vulnerável.
Idade da Vítima	Variável Independente	Categórica Binária	Menor que 12 anos = 0; maior ou igual a 12 anos = 1.
Idade do Réu	Variável Independente	Categórica Binária	Menor que 25 anos = 0; maior ou igual a 25 anos = 1.
Coabitação	Variável Independente	Categórica Binária	“Coabitação” é definido como convivência entre réu e vítima sob o mesmo texto. Não = 0; Sim = 1.

¹⁹ MACHADO, Bruno Amaral; PEREIRA, Pablo Rangell Mendes Rios. A análise de conteúdo como técnica para a análise jurídico-institucional de políticas públicas. *Revista de Direito e Práxis*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 1-32, 2024; NAEEM, Muhammad; OZUEM, Wilson; HOWELL, Kerry; RANFAGNI, Silvia. A step-by-step process of thematic analysis to develop a conceptual model in qualitative research. *International Journal of Qualitative Methods*, v. 22, p. 1-18, 2023; e THOMAS, David R. A general inductive approach for analyzing qualitative evaluation data. *American Journal of Evaluation*, v. 27, n. 2, p. 237-246, June 2006.

Variável	Classificação	Formato	Descrição
Categoria de Vínculo	Variável Independente	Catégorica Binária	Afetivo é toda e qualquer relação que há afeto, namoro, casamento, relação sexual íntima, relação casual seguida de paixão. Sem afeto ou não afetivo é quando há abuso. Afetivo = 1; não afetivo = 0.
Existência de Filhos	Variável Independente	Catégorica Binária	Se há ou não filhos fruto da relação. Não = 0; Sim = 1.
Consentimento Familiar	Variável Independente	Catégorica Binária	Consentimento: os pais ou familiares sabiam da relação e aprovaram o relacionamento. Não = 0; Sim = 1.
Consentimento da Vítima	Variável Independente	Catégorica Binária	Consentimento: a vítima concordava em ter relacionamento amoroso e/ou sexual com o réu. Categorias: Não = 0; Sim = 1
Resultado do Julgamento	Variável Dependente	Catégorica Binária	Absolvido = 0; condenado = 1.

1.3. ANÁLISE DE INFERÊNCIA: MODELO DE REGRESSÃO LOGÍSTICA MULTIVARIADA

A metodologia utilizada para inferência estatística é a Regressão Logística Multivariada – modelo do tipo *logit*. Esse modelo é adequado quando a variável dependente analisada é do tipo catégorica binária discreta, isto é, assume valores inteiros iguais a 0 ou 1. Este é exatamente o caso examinado, em que a variável dependente é o resultado do julgamento, podendo assumir duas categorias principais: absolvido (0) ou condenado (1).²⁰

²⁰ A análise de dados por *logit* é apropriada para a apreensão de certos fenômenos sociais, em particular quando incide sobre a articulação entre variáveis catégoricas por essência e um desfecho de natureza dicotômica, isto

O modelo de inferência estatística tem por escopo responder à pergunta de pesquisa (2): de que modo as premissas identificadas incidem sobre a decisão judicial?

Na especificação que se apresenta, $Y=1$ denota a probabilidade de que o processo, na amostra, tenha sido julgado como condenado; β_0 corresponde ao intercepto; e exprime o conjunto de variáveis categóricas binárias e discretas, decorrentes da codificação operacional das premissas elencadas na análise qualitativa indutiva, destinadas a permitir a estimação do efeito diferencial de cada pressuposto sobre o desfecho decisório.

Cada variável é multiplicada por um coeficiente β que, no caso de um modelo de regressão logística multivariada, representa o logaritmo natural da razão de chances (log-odds) de $Y=1$ ocorrer, dado a ocorrência da respectiva variável independente x_i . O log-odds é uma operação estatística necessária neste caso para tornar a relação entre as variáveis independentes e a variável dependente linear, viabilizando o modelo de regressão²¹.

$$\text{logit}(P(Y=1)) = \beta_0 + \sum_{i=1}^k \beta_i x_i$$

é, discreto na nomenclatura estatística. Na terminologia estatística, o termo discreto designa variáveis cujos valores são distintos e separados, sem possibilidade de assumir intervalos contínuos. Diferentemente das variáveis contínuas – como renda, tempo ou idade –, as variáveis discretas expressam categorias finitas e enumeráveis, como o número de filhos ou a ocorrência de um evento (por exemplo, “sim” ou “não”). Nesse sentido, a regressão logística opera sobre desfechos dicotômicos, isto é, resultados que se limitam a duas alternativas mutuamente excludentes (como condenado/absolvido), razão pela qual se afirma que o desfecho é “discreto na nomenclatura estatística”. As variáveis são extraídas e codificadas a partir da legislação, da jurisprudência e, de modo amplo, das instituições jurídicas, cujo cruzamento com o resultado processual ou decisório permite distinguir polos normativos e fáticos tais como sucesso e insucesso, deferimento ou indeferimento, julgamento ou ausência de julgamento (GOMES NETO, José Mário Wanderley; BARBOSA, Luis Felipe Andrade; VIEIRA, Jorge Luiz Gonzaga. Explicando decisões: as aplicações da análise por regressão logística (Logit) no estudo do comportamento judicial. *RDU*, Porto Alegre, v. 15, n. 82, p. 214-231, jul./ago. 2018, p. 216).

²¹ KLEINBAUM, David G.; KLEIN, Mitchel. *Logistic Regression: a self-learning text*. 3. ed. New York: Springer, 2010.

A razão de chance – mais comumente utilizada – é obtida a partir da exponencial dos coeficientes²². Na sessão de resultados, a razão de chances é também reportada, junto com os coeficientes estimados, com o objetivo de tornar os resultados da regressão mais interpretáveis.²³

Encerrada a exposição da metodologia, passa-se à reconstrução dos referenciais conceituais necessários à compreensão do objeto pesquisado.

2. IDENTIFICAÇÃO DA *RATIO DECIDENDI* DO TEMA 918 DO STJ E O EMPREGO DA TÉCNICA DE *DISTINGUISHING*

A identificação da *ratio decidendi* constitui etapa indispensável para avaliar a correção do *distinguishing*. No processo penal, essa cautela assume relevância, pois a aplicação ou o afastamento de precedentes incide sobre matéria vinculada à liberdade, à imputação penal e à igualdade de tratamento entre jurisdicionados²⁴. A *ratio decidendi* deve ser extraída da motivação da decisão e corresponde à razão essencial do julgamento, distinta dos argumentos laterais ou prescindíveis. Daí a necessidade de

²² Idem.

²³ Na tabela a seguir, há uma explicação mais detalhada de como interpretar a razão de chances.

Razão de Chances	Interpretação
Igual a 1	Não há associação entre as variáveis (risco igual nos dois grupos).
< 1	O evento é menos provável no grupo de interesse, 1 (em relação ao grupo base, 0).
> 1	O evento é mais provável no grupo de interesse, 1 (em relação ao grupo base, 0).
Igual a zero	Indica que uma das células da tabela de contingência tem zero, força máxima aparente de associação (cuidado na interpretação).

Fonte: Kleinbaum, D., & Klein, M. (2010).

²⁴ GALVÃO, Danyelle da Silva. *Precedentes judiciais no processo penal*. Tese (Doutorado em Direito Processual) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019, p. 23-25.

examinar não apenas o enunciado abstrato da súmula ou da tese repetitiva, mas também os fatos materialmente relevantes do caso paradigma e os fundamentos que efetivamente sustentaram a conclusão adotada.

Por essa razão, antes de examinar os acórdãos que afastaram a Súmula 593/STJ, este artigo reconstrói a *ratio* do Tema 918/STJ. A análise parte do inteiro teor do precedente qualificado, com atenção ao contexto fático que deu origem à tese, aos fundamentos jurídicos centrais e aos limites de aplicação da orientação firmada. Esse procedimento permite distinguir, no momento seguinte, entre a diferenciação fundada em peculiaridades relevantes do caso concreto e a simples mitigação do entendimento sumulado por critérios externos à razão de decidir do precedente.

Nesse contexto, a *ratio decidendi* consubstancia o núcleo normativo da decisão judicial – a regra jurídica abstratamente extraída do caso concreto – apta a fundamentar o desfecho da controvérsia. A *holding*, na terminologia da *common law* americana²⁵, advém precisamente da interseção entre os fatos juridicamente relevantes e a solução normativa construída pelo julgador, permitindo sua transposição racional e sistemática a outras hipóteses que guardem identidade essencial.

Trata-se, pois, do elemento vinculante do julgado, cuja força obrigatória reside na generalidade normativa extraída dos fatos relevantes²⁶. Do ponto de vista analítico, a *ratio* é formada pela tríade estruturante composta: (i) pela identificação dos fatos juridicamente relevantes (*statement of material facts*); (ii) pela construção lógico-dedutiva que integra o raciocínio jurídico aplicado (*legal reasoning*); e (iii) pelo juízo valorativo que dá solução ao caso (*judgment*)²⁷. Nada obstante, deve-se

²⁵ WAMBAUGH, Eugene. The study of cases: a course of instruction in reading and stating reported cases, compositing headnotes and briefs, criticizing and comparing authorities and compiling digests. Boston: Little, 1892 *apud* MATTEI, Ugo. *Stare decisis: il valore del precedente giudiziario negli Stati Uniti d'America*. Milano: Giuffrè, 1998, p. 201-202.

²⁶ LESSA, Guilherme et al. O conceito de precedente judicial. In: LESSA, Guilherme et al. *Precedentes judiciais e raciocínio jurídico*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2022.

²⁷ DEFLORIAN, Luisa Antoniolli. Il ruolo del precedente giudiziale nel common law inglese. In: VICENTI, Umberto et al. *Il valore dei precedenti giudiziali nella tradizione europea*. Padova: CEDAM, 1998, p. 178; FAVELA, José Ovalle. Tradizioni giuridiche, precedente e giurisprudenza. *Rivista Trimestrale di Diritto*

registrar que não existe consenso sobre metodologia empregada para a extração da *ratio decidendi*, muito embora o procedimento sempre envolva a identificação dos fatos materiais do precedente²⁸.

Com efeito, a consolidação do sistema de precedentes no ordenamento jurídico brasileiro implicou a admissão de que a atividade jurisdicional não se subordina somente ao texto normativo, mas também às decisões judiciais pretéritas dotadas de autoridade. Esse deslocamento valorativo conferiu protagonismo aos fatos do caso, cuja análise é etapa imprescindível para a aferição da similitude necessária à incidência do precedente²⁹. É nesse âmbito que se projeta a técnica do *distinguishing*, cuja aplicação exige do julgador – e, em igual medida, da parte – a demonstração de divergência material relevante entre os quadros fáticos confrontados³⁰, a fim de legitimar o afastamento da tese vinculante.

Nesse sentido, outra metodologia para a delimitação da *ratio decidendi* propõe que a decisão seja dissecada a partir de quatro dimensões analíticas: material, temporal, espacial e subjetiva³¹. O *aspecto material* consiste no comando normativo nuclear extraído do precedente, que impõe

e Procedura Civile, Padova, anno 54, n. 3, p. 867-888, sett. 2005. p. 876. De outro modo, cf.: MELLO, Patrícia Perrone Campos; BARROSO, Luís Roberto. Trabalhando com uma nova lógica: a ascensão dos precedentes no direito brasileiro. *Revista da AGU*, Brasília-DF, v. 15, n. 03, p. 9-52, 2016, p. 27.

²⁸ MARINONI, Luiz Guilherme. *A força dos precedentes: estudos dos cursos de Mestrado e Doutorado em Direito Processual Civil da UFPR*. 2. ed. Salvador: Juspodivm, 2012; MARINONI, Luiz Guilherme. *Elaboração dos conceitos de ratio decidendi (fundamentos determinantes da decisão) e obiter dictum no direito brasileiro*. In: MARINONI, Luiz Guilherme. *A força dos precedentes: estudos dos cursos de Mestrado e Doutorado em Direito Processual Civil da UFPR*. Salvador: Juspodivm, 2010; e MARINONI, Luiz Guilherme. *Precedentes obrigatórios*. 6. ed. São Paulo: Thomson Reuters Brasil, 2019.

²⁹ MARINONI, Luiz. 3. Pautas para a Identificação de Um Precedente ou, Mais Precisamente, das “Razões Determinantes” Da Decisão. In: MARINONI, Luiz. *O STJ Enquanto Corte de Precedentes*. São Paulo: Revista dos Tribunais. 2020.

³⁰ HORTA, André Frederico; NUNES, Dierle. Aplicação dos precedentes e *distinguishing* no CPC/2015: uma breve introdução. In: DIDIER JR., Fredie et al. (coord.). *Precedentes*. Salvador: JusPodivm, 2015, p. 310.

³¹ QUINTAS, Fábio Lima; NASCIMENTO, Roberta Simões; SILVA, Rafael Santos de Barros e. A distinção (*distinguishing*) de precedentes na teoria e na prática: elementos para identificação e realidade nos tribunais de apelação. *Revista de Processo*, v. 356, ano 49, p. 309-331, 2024, p. 314.

uma ação, omissão, prestação ou declaração quanto à existência, inexistência ou conformação jurídica de determinada situação. Esse núcleo normativo, usualmente condensado no verbo jurídico da decisão, pode envolver também elementos objetivos da controvérsia, como o bem jurídico tutelado ou a natureza do vínculo entre as partes litigantes. O *aspecto temporal*, por sua vez, delimita o intervalo de incidência da norma judicial enunciada. Embora, em regra, os efeitos dos precedentes se projetem de modo contínuo, é possível que sua eficácia fique circunscrita a determinado período, seja por disposição expressa, seja em razão de alteração superveniente no quadro fático ou normativo subjacente. O *aspecto espacial* concerne ao alcance geográfico da decisão, geralmente vinculado à esfera de competência territorial do órgão prolator. Assim, a pretensão de aplicar a mesma *ratio* a situações ocorridas fora dos limites jurisdicionais originários pode revelar-se indevida. Por fim, o *aspecto subjetivo* diz respeito ao conjunto de destinatários do precedente – isto é, aos sujeitos que, diante de determinadas condições pessoais, estarão legitimados a invocar a autoridade da decisão. Tais condições podem incluir não apenas elementos objetivos, como a qualificação jurídica da parte, mas também dados subjetivos, a exemplo da existência de dolo ou culpa na conduta examinada.

A partir disso, tem-se que a *ratio decidendi* firmada no REsp 1.480.881/PI (Tema 918/STJ) vai no sentido de que, uma vez demonstrada a ocorrência de conjunção carnal ou outro ato de natureza libidinoso com pessoa menor de catorze anos, se mostram juridicamente irrelevantes o eventual consentimento da vítima, sua experiência sexual anterior ou qualquer vínculo afetivo eventualmente existente com o agente, não havendo espaço normativo para a consideração desses elementos como excludentes de tipicidade³².

³² Aqui, deixa-se de proceder a uma reconstrução dogmático-penal do crime do art. 217-A do CP, em razão do limite de páginas da submissão e por fugir ao escopo da presente pesquisa, de corte empírico, voltada para examinar como determinadas premissas fáticas foram valoradas nos acórdãos analisados. A referência ao núcleo típico do art. 217-A do CP teria uma função restrita dentro da proposta da pesquisa: situar o limite normativo das premissas mobilizadas nos julgados, uma vez que alguns dos critérios identificados nos acórdãos do STJ não integram os elementos do tipo penal. Entretanto, a Súmula 593/STJ, ao afirmar a irrelevância do consentimento da vítima, de sua experiência sexual anterior e da existência de relacionamento amoroso com o agente, já reforça a

No que tange aos fatos jurídicos relevantes (*statement of material facts*), o panorama fático orientado pelas instâncias ordinárias evidencia: (i) a manutenção de prática sexual reiterada, iniciada quando a vítima contava apenas onze anos de idade – sendo o réu, à época, um adulto de vinte e cinco anos –, antecedida por vínculo afetivo estabelecido desde que a infante tinha entre oito e nove anos de idade; (ii) o ingresso do agente no ambiente doméstico da criança, sob a égide de uma relação de confiança; (iii) ausente qualquer aquiescência parental quanto ao vínculo amoroso entre o adulto e a menor; (iv) o reconhecimento expresso, pela própria ofendida, da existência de relação de natureza consensual; e (v) a plena ciência, por parte do réu, quanto à menoridade da vítima e à ilicitude do comportamento perpetrado. Tais elementos corroboram a subsunção do fato à moldura normativa do art. 217-A do CP.

Referente ao raciocínio lógico-dedutivo (*legal reasoning*), a decisão ancora-se na premissa normativa de que a presunção de vulnerabilidade do art. 217-A do CP ostenta caráter objetivo e inderrogável, insuscetível, pois, de flexibilização à luz de elementos subjetivos derivados da conduta da vítima. A decisão refuta de forma categórica a solução absolutória acolhida pela instância ordinária, fundada em suposto discernimento da vítima, denunciando a reprodução de estereótipos de gênero e racionalidades patriarcais que deslocam o foco da análise da conduta do agente – *locus* normativo de imputação – para o comportamento da criança. Por fim,

necessidade de cautela quando tais circunstâncias extratípicas são utilizadas como fundamento de distinção. O ponto interessa à pesquisa apenas na medida em que permite compreender os limites normativos da valoração judicial dos dados empíricos encontrados no *corpus* analisado, sem interferir nos achados: quais elementos vêm sendo considerados nos julgamentos concretos. Registre-se, ainda, que o contexto jurisprudencial examinado nesta pesquisa é anterior à inclusão dos §§ 4º-A e 5º do art. 217-A do CP pela Lei n. 15.353/2026, que fixou o caráter absoluto da presunção de vulnerabilidade da vítima, sendo inadmissível sua relativização, bem como estabeleceu expressamente a aplicação das penas independentemente do consentimento da vítima, de sua experiência sexual, do fato de ela ter mantido relações sexuais anteriormente ao crime ou da ocorrência de gravidez resultante da prática do crime. A referida alteração legislativa não integra o horizonte normativo dos acórdãos examinados, mas tampouco prejudica os achados, já que a nova lei apenas reforça, em plano legislativo, a diretriz já afirmada pela Súmula 593/STJ e pelo Tema 918/STJ.

rejeita-se a invocação do argumento da *adequação social* como excludente da ilicitude em contextos socioculturais específicos.

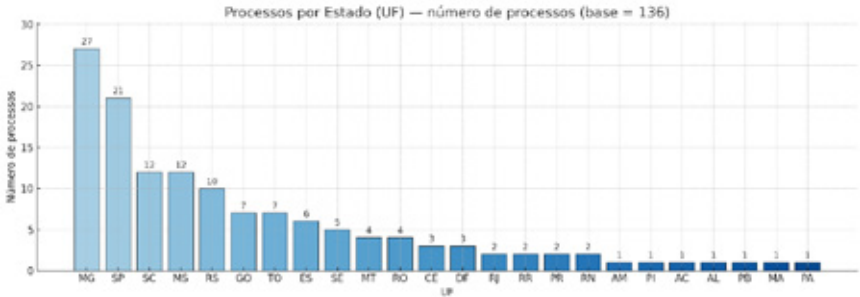
No plano valorativo da decisão – *judgment* –, a fundamentação jurisdicional é estruturada a partir da centralidade do princípio da proteção integral da criança e do adolescente, consagrado no art. 227 da Constituição e na Convenção sobre os Direitos da Criança (Decreto nº 99.710, de 21 de novembro de 1990), com força vinculante no ordenamento brasileiro. O julgado adota a presunção de vulnerabilidade, ancorada em critério etário objetivo, com caráter absoluto, que consubstancia cláusula de interdição jurídico-normativa à adultização precoce e à naturalização de práticas de exploração sexual infantojuvenil. Assim, descabe ao intérprete sua relativização sob quaisquer argumentos, porquanto se cuida de bem jurídico indisponível, cuja tutela se impõe de maneira incondicionada.

À luz dos quatro aspectos material, temporal, espacial e subjetivo, a *ratio decidendi* consolidada no Tema 918/STJ reside na afirmação de que a realização de qualquer conduta sexual com pessoa menor de 14 anos se subsume, de modo irrecusável, à figura típica do art. 217-A do CP, sendo destituídos de relevância jurídica outros elementos. O aspecto temporal do precedente delimita-se à vigência da Lei 12.015/2009, enquanto a eficácia espacial é nacional, dada a função uniformizadora conferida ao STJ. Sob o prisma subjetivo, a orientação vincula todos os agentes maiores de 18 anos – penalmente imputáveis – e protege, de forma irrestrita, vítimas menores de 14 anos, à luz da presunção de vulnerabilidade absoluta. Em resumo, a *ratio decidendi* extraída afirma a tipicidade objetiva da conduta, e rechaça argumentos fundados na anuência da vítima, em relações afetivas, prole comum ou em experiências pregressas.

3. ANÁLISE DOS ACÓRDÃOS E MAPEAMENTO DAS CATEGORIAS DAS PREMISSAS FÁTICAS PARA RELATIVIZAÇÃO DA SÚMULA 593/STJ

A presente seção tem por objetivo examinar os acórdãos selecionados e mapear as categorias das premissas fáticas relevantes. O ponto de partida consiste na apresentação dos dados referentes à distribuição dos processos por unidade da federação e por macrorregião, de modo a oferecer um panorama inicial em matéria de estupro de vulnerável no âmbito do STJ a partir da aplicação da Súmula 593/STJ.

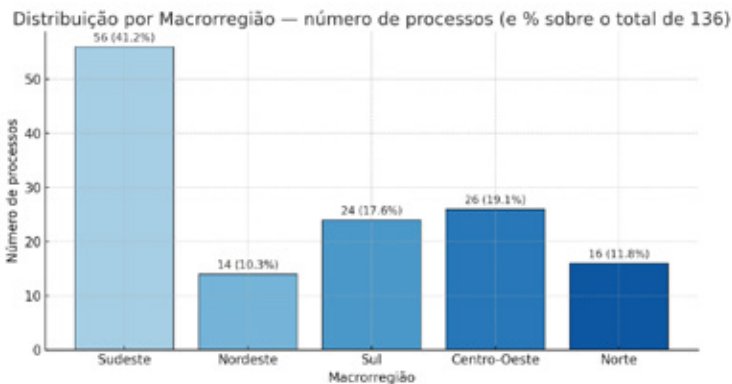
GRÁFICO 1. Distribuição por Estado dos casos de *distinguishing* da Súmula 593/STJ



Fonte: Elaboração própria.

A distribuição por unidade federativa evidência que Acre, Alagoas, Amazonas, Maranhão, Pará, Paraíba e Piauí figuram com apenas 1 decisão cada, denotando presença residual na base examinada. Minas Gerais concentra 27 acórdãos e São Paulo 21, números superiores aos observados nos demais estados. Mato Grosso do Sul e Santa Catarina reúnem 12 casos cada; o Rio Grande do Sul, 10; Goiás, 7; e Tocantins, 7. Espírito Santo apresenta 6, Sergipe 5, e Mato Grosso e Rondônia 4 cada. Ceará e Distrito Federal contam com 3 decisões, ao passo que Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e Roraima registram 2 cada. No total, a base considerada compreende 136 processos.

GRÁFICO 2. Distribuição por Macrorregião dos casos de *distinguishing* da Súmula 593/STJ



Fonte: Elaboração própria.

A distribuição regional dos acórdãos revela predominância do Sudeste, com 56 decisões, correspondente a pouco mais de 41% da base considerada. Em seguida, figura o Centro-Oeste com 26 casos, enquanto a Região Sul apresenta 24. Já Norte e Nordeste registram quantitativos 16 e 14 respectivamente cada. A leitura desses dados evidencia concentração acentuada no Sudeste. Uma possível explicação pode ser o maior número de processos, em geral, oriundos dessa região, o que naturalmente impacta na amostra. Entretanto, não se descartam outros fatores correlacionados, por exemplo, o maior nível de instrução (e de desenvolvimento em geral) ou a subnotificação dos casos envolvendo o art. 217-A do CP em outras regiões. Seria necessário aprofundar as investigações para confirmar essas hipóteses, ficando a sugestão dessa agenda de pesquisa futura.

O recorte empírico considerado não corresponde a uma amostra probabilística do universo de processos por estupro de vulnerável. A base examinada reúne apenas os acórdãos cujo objeto foi a aplicação ou o afastamento da Súmula 593/STJ, independentemente da classe processual (REsp, AREsp, HC, RHC, etc.), e apreciados colegiadamente pela Quinta Turma, pela Sexta Turma ou pela Terceira Seção do STJ.

As distribuições por unidade da federação ou por macrorregião não necessariamente refletem a incidência material dos delitos, mas podem sinalizar padrões de litigiosidade e estratégias processuais, conforme a atuação das defesas, a postura dos órgãos acusatórios e a orientação adotada pelas cortes locais.³³

O agrupamento das variáveis empíricas em oito categorias –idade da vítima, idade do acusado, vínculo afetivo, coabitação, presença de filhos, consentimento da família, consentimento da vítima e resultado do julgamento (condenado ou absolvido) – revelou-se metodologicamente eficaz para mapear a carga valorativa atribuída às circunstâncias fáticas nos julgamentos do STJ analisados nos acórdãos selecionados³⁴.

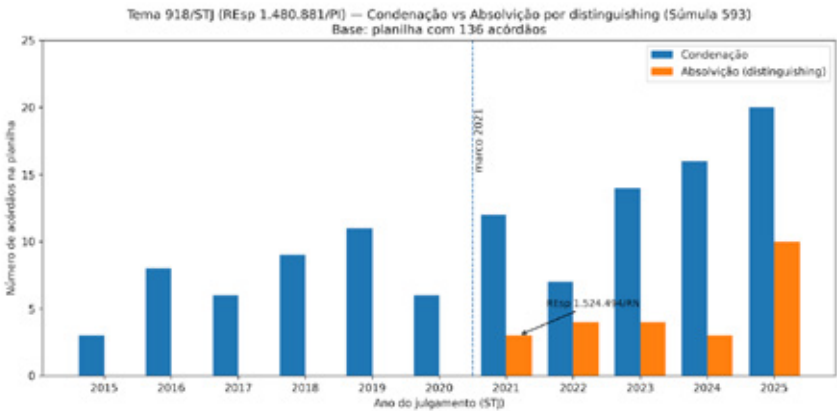
³³ Qualquer inferência sobre o índice de criminalidade desse tipo reclamaria uma triangulação com estatísticas oficiais ou, ao menos, a aplicação de pesos corretivos que levem em conta variáveis demográficas, taxas de denúncia e propensão recursal de cada ente federado. Entretanto, esse não foi o objeto desta pesquisa.

³⁴ Referem-se aos julgados analisados na pesquisa empírica, incluído o processo relativo ao Tema 918/STJ. A) Julgados em que foi mantida a condenação:

REsp 1.480.881 - PI (Tema 918/STJ); AgRg no REsp 2.033.544 - SC; AgRg no REsp 2.112.802 - MG; AgRg no AREsp 2.645.163 - PR; AgRg no HC 849.912 - MG; AgRg no HC 804.741 - MS; AgRg no AgRg no AREsp 2.543.522 - DF; REsp 2.024.222 - MT; AgRg no AREsp 2.240.102 - SP; AgRg no REsp 2.002.219 - MG; REsp 1.842.625 - GO; REsp 1.320.924 - MG; AgRg no HC 835.236 - TO; REsp 1.730.287 - SC; AgRg no REsp 1.918.000 - MG; AgRg no REsp 1.934.812 - TO; AgRg no REsp 1.934.818 - TO; AgRg no HC 694.900 - SP; AgRg no REsp 1.847.890 - MG; AgRg no REsp 1.745.594 - MS; AgRg no REsp 1.439.120 - MG; AgRg nos EDcl no AREsp 2.807.826 - GO; AgRg no REsp 2.002.216 - MG; AgRg no REsp 2.154.583 - RS; AgRg no HC 885.416 - RR; AgRg no HC 913.497 - SP; AgRg no REsp 2.083.330 - MG; AgRg no REsp 2.128.400 - RS; HC 871.265 - SC; AREsp 2.493.855 - MS; AREsp 1.574.432 - MS; AREsp 2.390.688 - SP; AREsp 2.590.057 - MS; AgRg no REsp 1.768.988 - SC; AgRg no REsp 1.769.793 - SC; HC 527.774 - SP; REsp 1.715.319 - DF; AgRg no REsp 1.765.591 - ES; AgRg no REsp 1.694.526 - RO; AgRg no REsp 1.496.359 - RR; AgRg no REsp 1.756.188 - SP; AgRg no AREsp 1.403.720 - TO; AgRg no AREsp 1.436.727 - SP; AgRg no AREsp 1.557.424 - SP; AgRg no AREsp 1.587.765 - MG; AgRg no AREsp 2.314.537 - GO; AgRg no AREsp 1.347.808 - MG; REsp 1.951.647 - RS; AgRg no HC 831.541 - MA; AgRg no HC 800.685 - SE; AgRg no HC 795.482 - SP; AgRg no REsp 2.109.525 - MG; AgRg no REsp 2.086.023 - RS; AgRg no HC 722.014 - PB; AgRg no HC 681.080 - MG; AgRg no HC 676.155 - SP; AgRg no REsp 1.979.739 - MT; AgRg no REsp 1.971.992 - SC; AgRg no AREsp 2.086.318 - AL; AgRg no AREsp 2.379.573 - SP; AgRg no REsp 1.476.192 - GO; AgRg no REsp 1.830.642 - MS; AgRg no AREsp 1.695.514 - ES; AgRg no AREsp 2.084.892 - GO; AgRg no AREsp 2.261.532 - MG; REsp 1.852.598 - RO; HC 630.372 - SP; AgRg no REsp 1.885.012 - PR; AgRg nos EDcl no REsp 1.899.901 - DF; AgRg no REsp 1.427.049 - TO; AgRg no AREsp 1.638.315 - MS; AgRg no REsp 1.536.880 - ES; AgRg no HC 379.763 - SC; AgRg no HC 477.088 - MS; HC 382.196 - SP; HC 387.667 - SP; REsp 1.607.392 - RO; AgRg no REsp 1.854.376 - SC; AgRg no REsp 1.635.959 - AC; AgRg no REsp 1.762.545 - SP; AgRg no REsp 1.710.101 - SP; AgRg no AREsp 1.360.050 - TO; AgRg no AREsp 1.650.914 - MS; AgRg no REsp 1.553.474 - SP; AgRg no REsp 1.585.111 - MG; AgRg no REsp 1.622.163 - MG; AgRg nos Edcl no REsp 1.540.152 - MG; AgRg AREsp 728.575 - ES; AREsp 1.104.192 - RS; AREsp 2.834.705 - RS; HC 966.382 - SP; REsp 1.707.920 - RJ; AgRg no REsp 2.165.348 - MG; AgRg no HC 961.744 - ES; AgInt no REsp 1.592.176 - RJ; AREsp 2.700.981 - GO; AgRg no REsp 2.118.508 - SC; AgRg no REsp 2.147.648 - MT; AgRg no AREsp 2.316.987 - AM; AgRg no AREsp 2.480.591 - SE; AgRg no AREsp 2.792.358 - RO; AgRg no REsp 1.721.889 - MS; AgRg no AREsp 1.183.686 - SE; AgRg no AREsp 2.218.588 - RS; HC 976.227 - RS; HC 1.014.783 - MG; AgRg no AREsp 2.931.187 - SP; AgRg no AREsp 2.839.319 - MG. B) Julgados em que houve absolvição do réu por relativização da Súmula 593/STJ: AgRg no AREsp 2.305.729 - SE; AgRg no REsp 2.015.310 - MG; AgRg no AREsp 2.652.545 - MS; AgRg no AREsp 2.405.738 - MG; AgRg no AREsp 2.389.611 - MG; AgRg no REsp 2.019.664 - CE; AgRg no REsp 2.029.697 - MG; AgRg no REsp

3.1. PAPEL DAS PREMISSAS FÁTICAS NA DINÂMICA DECISÓRIA DO STJ E CONSOLIDAÇÃO DOS CRITÉRIOS PARA *DISTINGUISHING* NO STJ (2021-2025)

Entre os achados, o trabalho identificou um marcador temporal a partir de quando as premissas fáticas passaram a receber uma maior carga valorativa para fins de *distinguishing*: a partir de 2021, nos julgamentos em que o ministro Ribeiro Dantas figurou como relator. O Gráfico 3 ilustra o marco em questão:



Fonte: Elaboração própria.

No REsp 1.524.494/RN³⁵ consideraram-se relevantes: (a) a ocorrência da relação sexual entre o acusado, então com 19 anos, e a vítima, com 11 a 12 anos, no âmbito de namoro que redundou no nascimento de uma filha; (b) o fato de, sete anos após os acontecimentos, a vítima, já com 21 anos, ter manifestado expressamente o desejo de absolvição do réu, reconhecendo-o como pai presente e provedor, tanto no plano

2.064.843 - SE; AgRg no REsp 2.045.280 - SC; AgRg no REsp 2.029.009 - RN; AREsp 1.555.030 - GO; AgRg no HC 897.015 - PA; AgRg no AgRg no AREsp 2.177.806 - CE; AgRg no REsp 2.118.545 - SC; AgRg no REsp 2.101.617 - TO; REsp 1.977.165 - MS; REsp 1.524.494 - RN; HC 772.844 - MT; AgRg no REsp 2.103.963 - MG; AgRg no REsp 1.919.722 - SP; REsp 2.021.464 - MG.

³⁵ REsp n. 1.524.494/RN, relator Ministro Ribeiro Dantas, Quinta Turma, julgado em 18/5/2021, DJe de 28/5/2021.

financeiro quanto afetivo; e (c) a circunstância de que a imposição de pena privativa de liberdade ao acusado importaria nova vitimização da ofendida, que passaria a arcar sozinha com a criação e o sustento da filha, privada do apoio paterno.

Da mesma forma, no AREsp 1.555.030/GO³⁶ atribuiu-se relevo a: (a) a relação sexual inicial entre o réu, então com 19 anos, e a vítima, com 13 anos, na relação de padrasto e enteada, culminando no nascimento de uma filha; (b) a manutenção da convivência após a maioridade da ofendida, com posterior casamento; (c) a constituição de família, inclusive com o nascimento de um segundo filho; e (d) a opção, já em idade adulta, da ofendida pela permanência da união, de modo que a imposição de pena ao réu acarretaria a desestruturação do núcleo familiar, impondo-lhe, em exclusividade, o encargo pela criação e sustento dos filhos.

Esses julgados acrescentam um elemento temporal ao emprego do *distinguishing*. Neles, a distinção não se apoia somente nas circunstâncias presentes no momento da prática do fato, mas também em dados posteriores à sua consumação, como a manifestação da vítima já adulta, a manutenção da convivência familiar, a constituição posterior de núcleo familiar e a avaliação dos efeitos atuais da condenação sobre filhos e dependentes. A técnica decisória passa, assim, a combinar a valoração do fato típico no momento de sua ocorrência – centrada na idade da vítima e na incidência objetiva do art. 217-A do CP – com a apreciação posterior do contexto familiar que se consolidou depois.

Essa forma de decidir chama atenção porque parte da fundamentação já não se limita aos elementos contemporâneos ao fato, passando a incorporar consequências familiares verificadas anos depois, o que ajuda a compreender a importância atribuída, nesses julgados, à existência de filhos, à permanência da união e à manifestação posterior da vítima.

A partir daí, o STJ passou a circunscrever com mais nitidez as categorias de premissas fáticas aptas a relativizar a Súmula 593/STJ. Não obstante, conforme o Quadro 2, composições factuais análogas continuam a ensejar desfechos distintos, ora absolvição, ora condenação, o que indica ausência de regularidade na aplicação dos critérios.

³⁶ AREsp n. 1.555.030/GO, relator Ministro Ribeiro Dantas, Quinta Turma, julgado em 18/5/2021, DJe de 21/5/2021.

QUADRO 2. Casos sem filhos

Idade da vítima	Idade do réu	Vínculo	Consentimento da vítima	Processos que implicaram condenação do réu ³⁷	Processos que implicaram absolvição do réu ³⁸
13 anos	18 anos	Namoro	Sim	AgRg no REsp 2.112.802 - MG; AgRg no REsp 1.765.591 - ES; AgRg no Resp 2.202.617 - MG	HC 772.844 - MT; AgRg no REsp 2.103.963 - MG; REsp 2.210.393 - MG
13 anos	19 anos	Namoro	Sim	AgRg no HC 722.014 - PB; REsp 1.852.598 - RO	AgRg no REsp 2.029.009 - RN

Fonte: Elaboração própria a partir dos acórdãos do STJ referentes ao Tema 918 e à Súmula 593.

Do exame do Quadro 2 resulta que, apesar da coincidência de premissas fáticas – idade da vítima, idade do réu, vínculo afetivo e manifestação expressa de concordância – o STJ profere decisões divergentes: embora assentadas nas mesmas circunstâncias materiais, receberam valorações finais distintas. A mesma alternância decisória é verificada nos casos em que há filhos entre as partes, conforme o Quadro 3:

³⁷ AgRg no REsp n. 2.112.802/MG, relator Ministro Rogerio Schietti Cruz, Sexta Turma, julgado em 11/3/2024, DJe de 15/3/2024; AgRg no REsp n. 1.765.591/ES, relatora Ministra Laurita Vaz, Sexta Turma, julgado em 23/4/2019, DJe de 30/4/2019; AgRg no REsp n. 2.202.617/MG, relator Ministro Messod Azulay Neto, Quinta Turma, julgado em 12/8/2025, DJEN de 18/8/2025; AgRg no HC n. 722.014/PB, relatora Ministra Laurita Vaz, Sexta Turma, julgado em 22/2/2022, DJe de 3/3/2022; e REsp n. 1.852.598/RO, relator Ministro Nefi Cordeiro, Sexta Turma, julgado em 2/2/2021, DJe de 8/2/2021.

³⁸ HC n. 772.844/MT, relator Ministro Reynaldo Soares da Fonseca, Quinta Turma, julgado em 8/11/2022, DJe de 21/11/2022; AgRg no REsp n. 2.103.963/MG, relator Ministro Joel Ilan Paciornik, Quinta Turma, julgado em 9/4/2025, DJEN de 14/4/2025; REsp n. 2.210.393/MG, relator Ministro Ribeiro Dantas, Quinta Turma, julgado em 2/9/2025, DJEN de 10/9/2025; e AgRg no REsp n. 2.029.009/RN, relator Ministro Reynaldo Soares da Fonseca, Quinta Turma, julgado em 6/12/2022, DJe de 14/12/2022.

QUADRO 3. Casos com filhos

Idade da vítima	Idade do réu	Vínculo	Consentimento da vítima	Filhos	Processos condenados	Processos absolvidos
12 anos	22 anos	União estável	Sim	Sim	AgRg no AREsp 1.403.720 - TO ³⁹	AgRg no AREsp 2.652.545 - MS ⁴⁰
12 anos	19 anos	Namoro	Sim	Sim	HC 387667 - SP ⁴¹	REsp 1.977.165 - MS ⁴²
13 anos	20 anos	União estável	Sim	Sim	AgRg no AREsp 1.650.914 - MS ⁴³	AgRg no REsp 2.118.545 - SC; AgRg no REsp 1.919.722 - SP ⁴⁴
13 anos	18 anos	União estável	Sim	Sim	AgRg no REsp 2.147.648 - MT ⁴⁵	AgRg no HC 897.015 - PA ⁴⁶

Fonte: Elaboração própria a partir dos acórdãos do STJ referentes ao Tema 918 e à Súmula 593.

³⁹ AgRg no AREsp n. 1.403.720/TO, relatora Ministra Laurita Vaz, Sexta Turma, julgado em 22/10/2019, DJe de 19/11/2019.

⁴⁰ AgRg no AREsp n. 2.652.545/MS, relator Ministro Antonio Saldanha Palheiro, Sexta Turma, julgado em 1/4/2025, DJEN de 7/4/2025.

⁴¹ HC n. 387.667/SP, relator Ministro Reynaldo Soares da Fonseca, Quinta Turma, julgado em 25/4/2017, DJe de 3/5/2017.

⁴² REsp n. 1.977.165/MS, relator Ministro Olindo Menezes (Desembargador Convocado do TRF 1ª Região), relator para acórdão Ministro Sebastião Reis Júnior, Sexta Turma, julgado em 16/5/2023, DJe de 25/5/2023.

⁴³ AgRg no AREsp n. 1.650.914/MS, relator Ministro Ribeiro Dantas, Quinta Turma, julgado em 9/6/2020, DJe de 18/6/2020.

⁴⁴ e AgRg no REsp n. 2.118.545/SC, relator Ministro Joel Ilan Paciornik, Quinta Turma, julgado em 19/2/2025, DJEN de 24/2/2025; e AgRg no REsp n. 1.919.722/SP, relator Ministro Reynaldo Soares da Fonseca, Quinta Turma, julgado em 17/8/2021, DJe de 20/8/2021.

⁴⁵ AgRg no REsp n. 2.147.648/MT, relatora Ministra Daniela Teixeira, Quinta Turma, julgado em 26/2/2025, DJEN de 5/3/2025.

⁴⁶ AgRg no HC n. 897.015/PA, relator Ministro Otávio de Almeida Toledo (Desembargador Convocado do TJSP), Sexta Turma, julgado em 24/9/2024, DJe de 27/9/2024.

Da investigação empírica, depreende-se que até existem critérios; entretanto, ainda estão em processo de consolidação, já que vêm sendo aplicados de forma desigual.

3.2. RESULTADOS DO MODELO DE REGRESSÃO LOGÍSTICA MULTIVARIADA

3.2.1. A ESCOLHA DE VARIÁVEIS RELEVANTES

Procedeu-se à elaboração de matriz de correlações por intermédio do método V de Cramer, expediente apropriado para aferir eventual redundância e multicolinearidade entre as premissas fáticas previamente identificadas. O V de Cramer é adequado à mensuração da associação entre variáveis categóricas binárias, respeitando a natureza discreta das variáveis supramencionadas⁴⁷. No âmbito da boa prática estatística, é necessário selecionar, para fins de modelagem, apenas aquelas variáveis cuja correlação não se situe em patamar moderado ou elevado, o que se convencionou admitir para valores superiores a 0,3. A boa prática em estatística é escolher entre variáveis que apresentam correlação moderada (igual a 0.3 e menor que 0.5) a forte (maior que 0.5)⁴⁸.

A análise da matriz de correlações impõe a exclusão de determinados predicados, porquanto se revela incontroverso o grau de sobreposição informacional verificado entre eles. Observa-se, inicialmente, que a categoria de vínculo apresenta associação de 0,45 com a *faixa etária* da vítima e de 0,94 com o consentimento da vítima, circunstâncias que desautorizam sua permanência no modelo em razão da duplicidade de informação. De igual modo, a variável *coabitação* ostenta correlação de 0,41 com o consentimento familiar, ao passo que o consentimento da vítima guarda relação de 0,46 com a faixa etária da vítima e de 0,94 com a categoria de vínculo, reiterando o quadro de redundância.

⁴⁷ BM COGNOS ANALYTICS. Cramér's V. 17 abr. 2025. Disponível em: <https://www.ibm.com/docs/en/cognos-analytics/12.1.0?topic=terms-cramers-v>. Acesso em: 25 set. 2025.

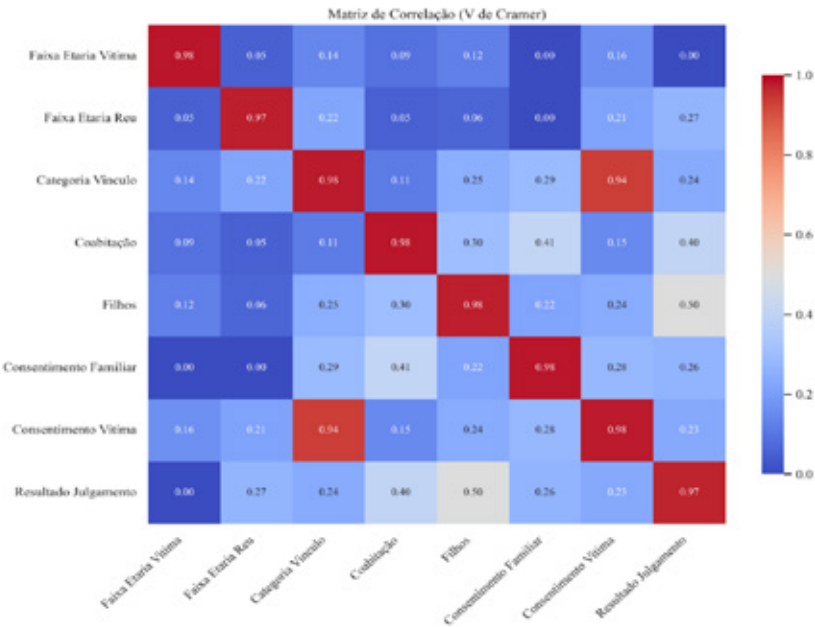
⁴⁸ SPSS TUTORIALS. Cramér's V – Beginners Tutorial. [S. l.: s. n.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.spss-tutorials.com/cramers-v-what-and-why/>. Acesso em: 25 set. 2025.

Nesse contexto, o modelo de regressão logística multivariada contempla apenas as premissas atinentes ao *consentimento familiar*, à *faixa etária do réu* e à *existência de filhos*. Destaca-se que a remoção da variável *faixa etária da vítima* decorre do fenômeno de separação perfeita, uma vez que, na amostra, a idade se revela fator determinante do desfecho – inexistente, nos acórdãos analisados, hipótese de absolvição nos casos em que a vítima conta menos de 12 anos⁴⁹. Tal constatação inviabiliza a estimação adequada dos parâmetros, além de comprometer a estabilidade do modelo.

Importa advertir, entretanto, que a racionalidade subjacente à inferência estatística não se confunde, por vezes, com a lógica jurídico-normativa. Com efeito, variáveis que, sob a perspectiva técnica, possam ser afastadas em virtude de correlação elevada ou sobreposição de conteúdo, frequentemente detêm expressivo valor interpretativo ou normativo para a análise judicial. Por essa razão, a exclusão desses elementos pode encontrar resistência no campo jurídico, notadamente quando sua presença se mostra fundamental para a construção argumentativa ou para a fundamentação das decisões.

⁴⁹ Observe-se que, nos casos examinados, a ausência de variabilidade no desfecho judicial – traduzida pela inexistência de absolvições quando a vítima é menor de doze anos (<12 anos) – impede a estimação de qualquer relação estatística significativa. Nessas circunstâncias, o modelo matemático apenas reproduz o padrão fixo já observado, sem capacidade de identificar nuances ou tendências subjacentes. Tal constatação não autoriza, por si, a atribuição de valor absoluto à idade da vítima como fator determinante do resultado, sobretudo diante da limitação amostral enfrentada. Apenas com a ampliação do universo empírico seria possível aferir se a variável em questão se confirma como elemento preditivo dotado de robustez analítica.

GRÁFICO 4. Matriz de Correlação (V de Cramer)



Fonte: Elaboração própria.

Dessa forma, o modelo final de inferência estatística, consubstanciado em regressão logística multivariada, passará a contemplar, exclusivamente, as seguintes premissas: “Consentimento Familiar”, “Faixa Etária do Réu” e “Existência de Filhos”. Tal seleção metodológica visa a conferir maior robustez ao modelo, mitigando riscos de redundância, viés e instabilidade dos coeficientes estimados.

Por derradeiro, convém reconhecer que a racionalidade estatística, embora necessária à depuração técnica do modelo, não abrange a totalidade do sentido normativo que determinadas variáveis podem assumir no interior da decisão judicial. A exclusão de elementos como *vínculo familiar* e *coabitação*, ainda que justificada por critérios de correlação e redundância informacional, não afasta a possibilidade de que esses mesmos aspectos sejam valorizados juridicamente. Em numerosos acórdãos do STJ, tais circunstâncias figuram como indicativos da natureza da relação

entre os envolvidos, funcionando como signos interpretativos a partir dos quais se delinea o juízo de relevância das condutas e das interações apreciadas pela Corte.

A utilização de técnicas de inferência, nesse cenário, visa a conferir racionalidade e controle à análise empírica, sem, contudo, substituir o processo de atribuição de sentido que se desenvolve no plano jurídico. A lógica estatística organiza dados; a decisão judicial constrói significados. Dessa forma, o procedimento analítico, ainda que estruturado sob critérios de rigor metodológico, não ignora que, no campo jurídico, certas categorias subsistem como formas de valoração e não apenas como ocorrências empíricas.

3.2.2. OS RESULTADOS E INFERÊNCIAS DO MODELO LOGÍSTICO

A Tabela 1 expõe os resultados do modelo de regressão logística multivariada adotado para a análise. As premissas que se revelaram estatisticamente relevantes na predição do desfecho do julgamento, no âmbito da amostra examinada, foram: (i) consentimento familiar; (ii) faixa etária do réu; e (iii) existência de descendência comum entre as partes. Cumpre destacar que, entre tais variáveis, tanto a existência de filhos quanto a faixa etária do réu apresentou p-valor substancialmente inferior a 0,05, situando-se no patamar de significância de 1%. Tal resultado autoriza a rejeição da hipótese nula estabelecida na seção 2 (metodológica), indicando que o efeito dessas variáveis independentes sobre a probabilidade de condenação não é nulo.

TABELA 1. Determinantes do processo decisório no caso de estupro de vulnerável

<i>Variável Dependente: Resultado do Julgamento</i>	
<i>Variáveis independentes</i>	(1)
Constante	1.776***
	(0.598)
Consentimento Familiar	-1.263**
	(0.600)

Faixa Etária do Réu	1.789***
	(0.652)
Existência de Filhos	-2.641***
	(0.615)
Observações	123
Pseudo R ²	0.336
Note:	*p<0.1; **p<0.05; ***p<0.01

Fonte: Elaboração própria.

Tanto “Consentimento Familiar” quanto “Existência de Filhos” apresentam a razão de chances abaixo de 1 – 0.028 e 0.07, respectivamente, como ilustra a Tabela 2 abaixo. Isso significa que o evento em questão, isto é, ser condenado em casos de estupro de vulnerável, é *menos provável* quando há consentimento familiar e quando há filhos entre as partes. A premissa “Faixa Etária do Réu”, por sua vez, apresenta razão de chances maior que 1 – 5.982. Em outras palavras, as chances de ser condenado por estupro de vulnerável *aumentam consideravelmente* com o aumento da idade do réu.

TABELA 2. Análise pela Razão de Chances

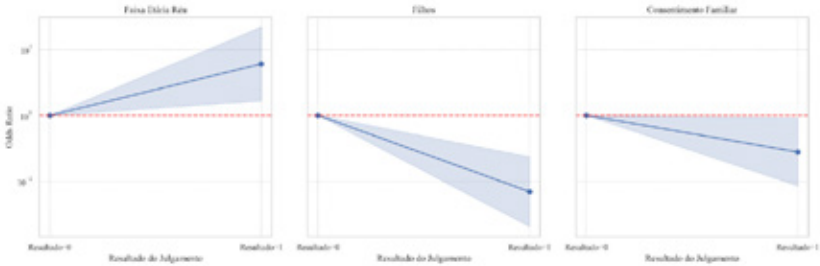
Variável	Coeficiente	Erro Padrão	P-valor	Odds Ratio	Interpretação
Consentimento Familiar	-1.263	0.600	0.035	0.283	Réus com consentimento familiar têm redução de 72% na chance de condenação comparado aos sem consentimento.
Faixa Etária do Réu	1.798	0.652	0.006	5.982	Réus com idade ≥ 25 anos têm ~6 vezes mais chance de condenação que réus com idade < 25 anos.

Variável	Coeficiente	Erro Padrão	P-valor	Odds Ratio	Interpretação
Existência de Filhos	-2.641	0.615	0.000	0.071	Réus com filhos têm redução de ~93% na chance de condenação em relação a réus sem filhos.

Fonte: Elaboração própria.

No painel a seguir, delinea-se o comportamento das variáveis estatisticamente relevantes no âmbito do modelo adotado. A linha vermelha tracejada assinala o valor de referência para a razão de chances igual a um, indicando, assim, a inexistência de associação estatisticamente relevante entre a variável independente e o desfecho judicial examinado. Observa-se que nenhuma das curvas estimadas incide sobre tal referência, o que denota a presença de efeitos estatisticamente significativos, com razões de chances superiores ou inferiores à unidade. No que concerne à faixa etária do réu, depreende-se tendência ascendente, evidenciando que condenações se mostram mais prováveis para indivíduos com 25 anos ou mais. Em sentido oposto, as variáveis “existência de filhos” e “consentimento familiar” apresentam padrão decrescente, sugerindo que a presença dessas condições se associa à redução da razão de chances nos casos comparados.

PAINEI 1. Variáveis significativas no Modelo de Regressão Logística Multivariada⁵⁰



Fonte: Elaboração própria.

3.2.3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Como explicado no item 2, a *ratio decidendi* extraída do Tema 918/STJ fixa a absoluta irrelevância jurídico-penal do consentimento da vítima, de sua experiência sexual pretérita e da eventual existência de vínculo afetivo para a configuração típica do art. 217-A do CP. Para o *distinguishing*, é necessário invocar premissas fáticas dotadas de relevo substancial para justificar a diferença entre o paradigma e o caso sob julgamento. Quanto a esse aspecto, os resultados oriundos do *logit* ofereceram substrato empírico apto a testar a suficiência dessas premissas para sustentar distinções.

No que tange à variável *faixa etária do réu*, verifica-se associação positiva, estatisticamente precisa, com a probabilidade de condenação: coeficiente de 1,798 (EP 0,652; p=0,006), com OR≈6. Em termos substantivos,

⁵⁰ O tamanho reduzido da amostra impacta, ainda, o grau de precisão das estimativas derivadas da análise estatística, circunstância evidenciada pela amplitude dos intervalos de confiança – representada, graficamente, pela área sombreada ao redor das curvas de tendência. Quanto mais largos tais intervalos, menor a precisão epistêmica das estimativas obtidas, de modo que a identificação de um efeito estatisticamente detectável, nessas condições, não autoriza afirmações peremptórias sobre sua magnitude. Esse dado impõe cautela adicional na interpretação dos achados: a demonstração de associação estatística é, por si só, insuficiente para sustentar conclusões robustas quanto à intensidade do fenômeno investigado.

constata-se maior propensão à condenação nos casos em que o réu possui 25 anos ou mais, o que se traduz, também, no gradiente ascendente observado no Painel 1, sem que haja superposição à linha indicativa de ausência de associação. De fato, tal premissa fática conforma elemento de distinção compatível com a *ratio*, na medida em que a maior desproporção etária reforça a tutela protetiva do art. 217-A do CP e restringe o espaço para a relativização da Súmula 593/STJ, tornando improvável a admissão do *distinguishing* em casos análogos (cf. Quadro 3; Painel 1).

Relativamente à *existência de filhos*, o efeito captado é negativo, de magnitude expressiva e precisão estatística elevada: coeficiente -2,641 (EP 0,615; $p < 0,001$), $OR \approx 0,07$. Tal resultado evidencia expressiva redução das chances de condenação quando há descendência comum. A rigor, trata-se de premissa fática descolada da *ratio decidendi* consolidada e que, de acordo com os dados, tem sido decisivamente considerada como fundamento para o *distinguishing*: a presença de filhos tem servido de fundamento para a diferenciação por “contexto familiar consolidado” e potenciais repercussões sociais da condenação, o que desafia a diretriz fixada pelo Tema 918/STJ e reclama fundamentação explícita, sob pena de se deslocar indevidamente o foco do tipo objetivo para elementos extratípicos (cf. Tabela 1; Quadro 3).

No tocante ao denominado *consentimento familiar*, depreende-se, igualmente, efeito redutor dotado de relevância estatística, a teor do coeficiente estimado em -1,263 (erro-padrão de 0,600; $p = 0,035$), com razão de chances aproximada de 0,28. Tal resultado indica, em termos substanciais, diminuição expressiva da probabilidade de condenação quando presente a anuência dos responsáveis legais. Do ponto de vista normativo, contudo, impende recordar que a *ratio* fixada no Tema 918/STJ repele, de modo categórico, a consideração de adequação social como fundamento hábil a elidir a tipicidade penal. Assim, a utilização dessa circunstância como suporte para *distinguishing* somente se é legítima caso se evidencie, de maneira precisa, diferença material compatível com o núcleo vinculante do precedente; do contrário, instaurar-se-á mitigação indevida do enunciado sumular (cf. Quadro 3).

No Painel 1, as curvas das variáveis estatisticamente significativas mantêm distância da linha tracejada de $OR=1$, o que robustece a leitura de que apenas *faixa etária do réu*, *filhos* e *consentimento familiar*

produzem efeitos substanciais no desfecho condenatório. Tal constatação se coaduna, ainda, com a leitura das Tabelas 1 e 2, permitindo articular os seguintes pontos: (i) maior idade do réu reforça decisões alinhadas à *ratio*, reduzindo o espaço para o *distinguishing*; (ii) existência de filhos e anuência familiar, embora operem como gatilhos de distinção na *práxis* decisória, carecem de lastro normativo e exigem fundamentação rigorosa para que não afrontem a prescrição vinculante (cf. Painel 1; Quadro 3).

Dessa integração entre achados empíricos e tese jurídica, conclui-se que as premissas fáticas mobilizadas pelo STJ ostentam graus diversos de adequação à técnica de *distinguishing*: a idade do réu sustenta distinções que restringem o alcance do precedente (aderência à *ratio*); a existência de filhos e a anuência familiar atuam, empiricamente, como vetores de flexibilização⁵¹, afastando a incidência da Súmula 593/STJ⁵². No que concerne à faixa etária da vítima, a análise estatística encontrou separação perfeita, o que impossibilitou a estimação do seu efeito no modelo multivariado; ainda assim, a leitura qualitativa dos acórdãos evidência, como tendência observada – embora limitada pelo tamanho e perfil da amostra –, que a aplicação da técnica do *distinguishing* não tem sido admitida nos casos que envolvem crianças, ou seja, menores de 12 anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho abordou a relativização da Súmula 593/STJ em casos de estupro de vulnerável, valendo-se de uma análise empírica para mapear as premissas fáticas mobilizadas pelo STJ para o *distinguishing*.

⁵¹ A idoneidade jurídica da consideração desses elementos fáticos (existência de filhos e a anuência familiar) dependerá da fundamentação que evidencie diferença material relevante, sem a reintrodução oblíqua de elementos tornados juridicamente irrelevantes pelo precedente. Em todo caso, a pesquisa evidencia que tais elementos vêm sendo utilizados nas decisões.

⁵² Como afirmado na nota de rodapé n. 31, o propósito da presente pesquisa foi apresentar como determinados elementos fáticos – ainda que extratípicos – aparecem nos acórdãos do *corpus* investigado. Seria necessário outro trabalho para examinar como tais elementos de distinção encontrados nesta pesquisa dialogam com as categorias do tipo penal do art. 217-A do CP, o bem jurídico protegido, os elementos subjetivos e objetivos, etc. Assim, justifica-se o corte descritivo, sem pretensão de avaliar o grau de correção ou equívoco dos entendimentos da base.

O ponto de partida residiu na identificação da *ratio decidendi* firmada no Tema 918/STJ, que estabelece a presunção absoluta de vulnerabilidade, para então contrastá-la com a prática jurisprudencial de afastamento desse enunciado sumular.

Por meio de uma investigação de caráter quantitativo, qualitativo, observacional e retrospectivo, foram examinados 136 acórdãos colegiados proferidos pelo STJ entre 2015 e 2025. A metodologia empregou a Metodologia de Análise de Decisão (MAD) e um modelo de Regressão Logística Multivariada, após um processo de seleção e tratamento de variáveis. A análise estatística, em particular, buscou inferir como as premissas fáticas afetam o resultado do julgamento (condenação ou absolvição).

A leitura desses achados deve ser feita à luz dos limites inferenciais próprios do desenho de pesquisa adotado. A base examinada não corresponde a uma amostra probabilística da jurisprudência do STJ sobre a Súmula 593/STJ. Trata-se, antes, de um *corpus* compostos por acórdãos colegiados, reunidos mediante critérios de busca e triagem orientados à identificação de decisões em que o Tribunal enfrentou a aplicação ou o afastamento do enunciado sumular, com atenção especial aos casos em que se verificou o emprego da técnica do *distinguishing*.

Assim, os resultados não permitem extrair inferências estatísticas sobre todo o universo decisório do STJ, nem sobre decisões monocráticas ou processo os quais não tenham sido alcançados pelos critérios de pesquisa. Sua contribuição está na descrição controlada dos padrões decisórios observáveis no conjunto analisado e na identificação de critérios extratípicos que, nesse recorte, foram mobilizados como razões de distinção.

Os resultados empíricos revelaram que, dentre as premissas fáticas consideradas para afastar a Súmula 593/STJ, o consentimento familiar, a existência de filhos e a faixa etária do réu são determinantes estatisticamente significativos para o desfecho dos casos. Verificou-se que a presença de consentimento familiar reduziu em 72% (setenta e dois por cento) a probabilidade de condenação (*Odds Ratio* = 0.283), enquanto a existência de filhos entre as partes correlacionou-se com uma redução de 93% (noventa e três por cento) na chance de condenação (*Odds Ratio* = 0.071). Inversamente, réus com idade igual ou superior a 25 (vinte e cinco) anos apresentaram seis vezes mais chance de condenação (*Odds Ratio* = 5.985) em comparação com réus mais jovens.

Embora a *ratio decidendi* do Tema 918/STJ afirme categoricamente a irrelevância do consentimento da vítima, de sua experiência sexual anterior ou de vínculo afetivo, a prática jurisprudencial do STJ demonstra uma valoração empírica desses fatores, ou de premissas a eles interligadas (como o consentimento familiar e a existência de prole), para afastar a incidência da Súmula 593/STJ. A identificação de um marco temporal a partir de 2021, em julgados nos quais se atribuiu maior carga valorativa a circunstâncias como a filiação e o desejo da vítima já adulta pela absolvição do réu, corrobora a emergência de padrões de distinção.

Contudo, a investigação também apontou para a persistência de desfechos decisórios divergentes em quadros fáticos coincidentes, conforme os Quadros 2 e 3. Essa alternância decisória, em que premissas fáticas idênticas recebem valorações contrapostas (condenação vs. absolvição), sugere uma ausência de uniformidade na aplicação dos critérios de distinção pelo STJ. A constatação da mobilização seletiva de premissas fáticas, aliada à inconsistência na valoração de cenários fático-normativos similares, demandam maior análise a fim de identificar microvariações nos julgados que fugiu ao escopo da presente investigação, mas permanece como agenda de pesquisa futura.

REFERÊNCIAS

ADAPTA. Home-v2. Disponível em: <<https://adapta.org/home-v2?>>. Acesso em: 04 jul. 2025.

BM COGNOS ANALYTICS. Cramér's V. 17 abr. 2025. Disponível em: <https://www.ibm.com/docs/en/cognos-analytics/12.1.0?topic=terms-cramers-v>. Acesso em: 25 set. 2025.

BORTOLUCI, Lygia Maria de Godoy. Os precedentes judiciais no CPC/2015: a operacionalização do distinguishing. *Revista de Processo*, São Paulo, v. 322, dez. 2021, p. 4.

BRASIL. Superior Tribunal de Justiça. Súmula n. 593. O crime de estupro de vulnerável se configura com a conjunção carnal ou prática de ato libidinoso com menor de 14 anos, sendo irrelevante eventual consentimento da vítima para a caracterização do delito. Aprovada em 25 out. 2017. Publicada no Diário da Justiça Eletrônico em 6 nov. 2017. Disponível em: <https://www.stj.jus.br/internet_docs/biblioteca/clippinglegislacao/Sumula_593_2017_terceira_secao.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2025.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA (Brasil). Resolução n. 215, de 16 de dezembro de 2015. Texto compilado a partir da redação dada pelas Resoluções n. 260/2018, n. 265/2018, n. 273/2018, n. 389/2021, Portaria n. 67/2020, Portaria n. 57/2023 e Consulta n. 0005282-19.2018.2.00.0000. Disponível em: <<https://atos.cnj.jus.br/files/compilado1302562024020165bb9680a11c2.pdf>>. Acesso em: 8 jul. 2025.

DEFLORIAN, Luisa Antonioli. Il ruolo del precedente giudiziale nel common law inglese. In: VICENTI, Umberto et al. (org.). *Il valore dei precedenti giudiziali nella tradizione europea*. Padova: CEDAM, 1998. p. 178.

FAVELA, José Ovalle. Tradizioni giuridiche, precedente e giurisprudenza. *Rivista Trimestrale di Diritto e Procedura Civile*, Padova, ano 54, n. 3, p. 867-888, set. 2005.

FREITAS FILHO, Roberto; LIMA, Thalita Moraes. Metodologia de análise de decisões – MAD. *Universitas Jus*, Brasília, n. 21, p. 1-17, jul./dez. 2010.

GALVÃO, Danyelle da Silva. *Precedentes judiciais no processo penal*. 2019. 220 f. Tese (Doutorado em Direito Processual) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

GOMES NETO, José Mário Wanderley; BARBOSA, Luis Felipe Andrade; VIEIRA, Jorge Luiz Gonzaga. Explicando decisões: as aplicações da análise por regressão logística (Logit) no estudo do comportamento judicial. *RDU*, Porto Alegre, v. 15, n. 82, p. 214-231, jul./ago. 2018, p. 216.

HORTA, André Frederico; NUNES, Dierle. Aplicação dos precedentes e distinguishing no CPC/2015: uma breve introdução. In: DIDIER JR., Fredie et al. (Coord.). *Precedentes*. Salvador: JusPodivm, 2015. p. 310.

KLEINBAUM, David G.; KLEIN, Mitchel. *Logistic Regression: a self-learning text*. 3. ed. New York: Springer, 2010.

LESSA, Guilherme et al. O conceito de precedente judicial. In: *Precedentes judiciais e raciocínio jurídico*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2022.

MACHADO, Bruno Amaral; PEREIRA, Pablo Rangell Mendes Rios. A análise de conteúdo como técnica para a análise jurídico-institucional de políticas públicas. *Revista de Direito e Práxis*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 1-32, 2024.

MARINONI, Luiz Guilherme. Elaboração dos conceitos de ratio decidendi (fundamentos determinantes da decisão) e obiter dictum no direito brasileiro. In: *A força dos precedentes: estudos dos cursos de Mestrado e Doutorado em Direito Processual Civil da UFPR*. Salvador: Juspodivm, 2010.

MARINONI, Luiz Guilherme. *A força dos precedentes: estudos dos cursos de Mestrado e Doutorado em Direito Processual Civil da UFPR*. 2. ed. Salvador: Juspodivm, 2012.

MARINONI, Luiz Guilherme. *Precedentes obrigatórios*. 6. ed. São Paulo: Thomson Reuters Brasil, 2019.

MARINONI, Luiz. Pautas para a identificação de um precedente ou, mais precisamente, das “razões determinantes” da decisão. In: *O STJ enquanto corte de precedentes*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2020.

MELLO, Patrícia Perrone Campos; BARROSO, Luís Roberto. Trabalhando com uma nova lógica: a ascensão dos precedentes no direito brasileiro. *Revista da AGU*, Brasília-DF, v. 15, n. 03, p. 27, p. 9-52, 2016.

NAEEM, Muhammad; OZUEM, Wilson; HOWELL, Kerry; RANFAGNI, Silvia. A step-by-step process of thematic analysis to develop a conceptual model in qualitative research. *International Journal of Qualitative Methods*, v. 22, p. 1-18, 2023.

NASCIMENTO, Roberta; GOMES, Frederico; CAMPOS, Maria. Conjunto de dados de “Relativização da Súmula 593/STJ em casos de estupro de vulnerável: uma análise empírica das premissas fáticas mobilizadas pelo STJ para o distinguishing”, *SciELO Data*, V1, 2026. <https://doi.org/10.48331/SCIELODATA.5EIHKX>

PORTO, Fábio; ARAÚJO, Valter; GABRIEL, Anderson. 5. Prompt. In: PORTO, Fábio; ARAÚJO, Valter; GABRIEL, Anderson (org.). *Inteligência Artificial Generativa no Direito*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2024.

QUINTAS, Fábio Lima; NASCIMENTO, Roberta Simões; SILVA, Rafael Santos de Barros e. A distinção (distinguishing) de precedentes na teoria e na prática: elementos para identificação e realidade nos tribunais de apelação. *Revista de Processo*, v. 356, ano 49, p. 309-331, 2024.

SPSS TUTORIALS. Cramér’s V – Beginners Tutorial. [S. l.: s. n.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.spss-tutorials.com/cramers-v-what-and-why/>. Acesso em: 25 set. 2025.

THOMAS, David R. A general inductive approach for analyzing qualitative evaluation data. *American Journal of Evaluation*, v. 27, n. 2, p. 237-246, June 2006.

WAMBAUGH, Eugene. *The study of cases: a course of instruction in reading and stating reported cases, composing headnotes and briefs, criticizing and comparing authorities and compiling digests*. Boston: Little, 1892. Apud: MATTEI, Ugo. *Stare decisis: il valore del precedente giudiziario negli Stati Uniti d’America*. Milano: Giuffrè, 1998, p. 201-202.

Authorship information

Roberta Simões Nascimento. Professora adjunta da Faculdade de Direito da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Direito pela Universidad de Alicante (Espanha). Doutora e Mestra em Direito pela Unb. Advogada do Senado Federal. betasimoes@hotmail.com

Frederico Leandro Gomes. Mestrando em Direito, Regulação e Políticas Públicas na Universidade de Brasília (UnB). Analista Judiciário e Assessor de Ministro do Superior Tribunal de Justiça. fleandro@stj.jus.br

Maria Luiza Campos. Mestre em Ciência Comportamental pela London School of Economics (LSE). Bacharel em Economia (UnB). betasimoes@hotmail.com

Informações adicionais e declarações dos autores

Conflict of interest declaration: the authors confirm that there are no conflicts of interest in conducting this research and writing this article.

Declaration of authorship: all and only researchers who comply with the authorship requirements of this article are listed as authors; all coauthors are fully responsible for this work in its entirety.

- *Roberta Simões Nascimento:* conceptualization, methodology, investigation, writing – original draft, validation, writing – review and editing, final version approval.
- *Frederico Leandro Gomes:* conceptualization, methodology, data curation, investigation, writing – original draft, validation, writing – review and editing, final version approval.
- *Maria Luiza Campos:* methodology, data curation, investigation, validation, writing – review and editing, final version approval.

Declaration of originality: the authors assure that the text here published has not been previously published in any other resource and that future republication will only take place with the express indication of the reference of this original publication; they also attest that there is no third party plagiarism or self-plagiarism.

Data Availability Statement: In compliance with open science policies, the dataset of this article is available in an open repository at the following link: <https://doi.org/10.48331/SCIELODATA.5EIHKX>

IA Statement: The authors declare that they are aware that the use of artificial intelligence must not supplant the human originality of the research, and that full responsibility for any errors or plagiarism rests entirely with the authors. The authors declare that IA was used in the following stages of this research: for the structured extraction of data from judicial decisions, the organization and categorization of variables, and language editing. The AI system operated based on user-defined prompts to assist in identifying and systematizing pre-established variables. All outputs generated with AI support were thoroughly reviewed, edited, and validated by the authors. The use of AI did not replace the independent reading of the decisions or the human verification of the extracted data, which was conducted comprehensively rather than by sampling. The authors retain full responsibility for the integrity, originality, and accuracy of the work, and affirm that AI use did not supplant the intellectual contribution of the researchers.

Editorial process dates (<https://revista.ibraspp.com.br/RBDPP/about>)

- | | |
|--|----------------------------|
| ▪ Submission: 02/01/2026 | ▪ Editorial team |
| ▪ Desk review and plagiarism check: 18/01/2026 | ▪ Editor-in-chief: 1 (VGV) |
| ▪ Correction round return 1: 21/01/2026 | ▪ Reviewers: 2 |
| ▪ Review 1: 03/02/2026 | |
| ▪ Review 2: 16/03/2026 | |
| ▪ Preliminary editorial decision: 21/04/2026 | |
| ▪ Correction round return 2: 29/04/2026 | |
| ▪ Final editorial decision: 14/05/2026 | |
-

HOW TO CITE (ABNT BRAZIL):

NASCIMENTO, Roberta Simões; GOMES, Frederico Leandro; CAMPOS, Maria Luiza. Relativização da Súmula 593/STJ em casos de estupro de vulnerável: uma análise empírica das premissas fáticas mobilizadas pelo STJ para o *distinguishing*. *Revista Brasileira de Direito Processual Penal*, vol. 12, n. 2, e1380, mai./ago. 2026. <https://doi.org/10.22197/rbdpp.v12i2.1380>



License Creative Commons Attribution 4.0 International.

Teoria da Prova Penal

Criminal evidence theory

Da Intuição à Técnica: Efeitos de um Treinamento em Entrevista Investigativa na Formação Inicial de Policiais Civis¹

*From Intuition to Technique: Effects of Investigative
Interview Training for Civil Police Recruits*

Denis Lino²

Laboratório de Ensino e Pesquisa em Cognição e Justiça (CogJus), Atitus Educação –
Passo Fundo/RS, Brasil
denisvictorlino@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/6280959344469959>

 <https://orcid.org/0000-0001-9185-0817>

Anderson Pires Giampaoli³

Academia de Polícia “Dr. Coriolano Nogueira Cobra” (ACADEPOL) – São Paulo/SP, Brasil
agiampaoli@uol.com.br

 <https://lattes.cnpq.br/6389905236681008>

 <http://orcid.org/0000-0003-3762-6843>

Rafael Francisco Marcondes de Moraes⁴

Academia de Polícia “Dr. Coriolano Nogueira Cobra” (ACADEPOL) – São Paulo/SP, Brasil
rafaelfmmoraes@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/6946804943470891>

 <http://orcid.org/0000-0001-6515-1692>

-
- ¹ Este trabalho foi financiado pelo Norwegian Centre for Human Rights (NCHR).
 - ² Doutor em Psicologia Cognitiva na Universidade Federal de Pernambuco. Mestre em Investigative and Forensic Psychology pela University of Liverpool, Graduação em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).
 - ³ Doutorando em Direito Processual Penal pela Universidade de São Paulo. Mestre em Direito Probatório pela Universidade de Barcelona (2022). Especialista em Bases do Raciocínio Probatório pela Universidade de Girona (2021). Professor da Academia de Polícia “Dr. Coriolano Nogueira Cobra” (ACADEPOL).
 - ⁴ Doutor (2024) e mestre (2018) em Direito Processual Penal pela Universidade de São Paulo (USP). Professor da Academia de Polícia “Dr. Coriolano Nogueira Cobra” (ACADEPOL). Graduado pela Faculdade de Direito de Sorocaba (FADI). Pesquisador Associado do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (NEV-USP).

Thiago Padovese Magno⁵

Academia de Polícia “Dr. Coriolano Nogueira Cobra” (ACADEPOL) – São Paulo/SP, Brasil

prof.thiagomagno@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/6047067332013408>

 <http://orcid.org/0009-0008-3386-8304>

William Weber Cecconello⁶

Laboratório de Ensino e Pesquisa em Cognição e Justiça (CogJus), Atitus Educação –
Passo Fundo/RS, Brasil

william.cecconello@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/1782277694993596>

 <http://orcid.org/0000-0001-6890-2076>

RESUMO: Este estudo buscou identificar se um treinamento em entrevista investigativa na formação inicial de policiais civis é capaz de alterar percepções de discentes sobre práticas adequadas em oitivas e interrogatórios. O treinamento, com duração de 8 horas, abordou fundamentos teóricos, evidências científicas e práticas recomendadas para a condução de entrevistas com vítimas, testemunhas e suspeitos. Participaram 89 policiais civis, que responderam a questionários pré e pós-treinamento. A análise dos dados foi realizada por meio de estatísticas descritivas e teste-t para comparar as respostas antes e depois da intervenção. Os resultados indicaram melhorias significativas no conhecimento sobre memória humana, falsas confissões e na percepção de boas práticas, como o uso de perguntas abertas, planejamento estratégico e construção de *rapport*. Houve redução na crença em práticas

⁵ Mestre em Direito Internacional pela Must University - Florida/USA (2025). Especialista em Direitos Humanos e Segurança Pública pela Acadepol/SP (2018). Professor da Academia de Polícia “Dr. Coriolano Nogueira Cobra” (Acadepol/SP).

⁶ Doutor e Mestre em Psicologia, com ênfase em Cognição Humana pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/University of Portsmouth. Professor de Psicologia e Professor Colaborador do Programa de Pós Graduação em Direito da Atitus e Coordenador do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Cognição e Justiça (CogJus).

inadequadas, como confiar na linguagem corporal para detectar mentiras ou priorizar a obtenção de confissões. No entanto, não foram observadas mudanças significativas na autoconfiança para conduzir entrevistas, sugerindo a necessidade de treinamentos mais práticos e contínuos. Este estudo empírico demonstra os efeitos de um treinamento baseado em evidências em entrevista investigativa, apontando para a importância de sua institucionalização nas agências policiais e indicando caminhos para futuras pesquisas que avaliem o impacto dessas capacitações na prática profissional.

PALAVRAS-CHAVE: Entrevista Investigativa; Interrogatório; Oitiva; Polícia; Treinamento.

ABSTRACT: *The present study aimed to identify whether an investigative interview training for civil police recruits in São Paulo can alter participants' perception on recommended practices on investigative interviewing. The 8-hour training covered theoretical foundations, scientific evidence, and best practices for conducting interviews with victims, witnesses, and suspects. Eighty-nine civil police officers participated and completed pre- and post-training questionnaires. Descriptive analysis and t-test comparative analyses were run to compare responses before and after intervention. The results indicated significant improvements in knowledge about human memory, false confessions, and perceptions of best practices, such as the use of open-ended questions, strategic planning, and rapport building. There was a reduction in beliefs about inappropriate practices, such as relying on body language to detect lies or prioritizing confessions. However, no significant changes were observed in self-confidence when conducting interviews, suggesting the need for more practical and ongoing training. This empirical study demonstrates the effects of evidence-based investigative interview training, highlighting the importance of its institutionalization within police forces and indicating avenues for future research to assess the impact of these trainings on professional practice.*

KEYWORDS: Hearing; Interrogation; Investigative Interview; Police; Training.

SUMÁRIO: Introdução; 1. Entrevista Investigativa; 2. Método; 3. Resultados; 4. Discussão; 5. Implicações Práticas e Científicas; 6. Limitações; Conclusões; Referências.

INTRODUÇÃO

A condução de oitivas policiais (declarações de vítimas, depoimentos de testemunhas e interrogatórios de suspeitos) consiste em um dos momentos mais críticos da investigação criminal, pois influencia diretamente a qualidade das informações obtidas, o rumo da apuração e a integridade do processo em juízo..

Nas últimas décadas, um conjunto robusto de pesquisas científicas tem demonstrado os impactos positivos da entrevista investigativa, definida como o processo policial estruturado de coleta de informações com vítimas, testemunhas, suspeitos ou outras pessoas de interesse (Williamson, 1993).

Evidências apontam que essa abordagem supera métodos tradicionais de interrogatório na quantidade e qualidade das informações obtidas, ao proteger direitos, respaldar a atuação policial e reduzir falsas confissões, contaminação do relato e vieses cognitivos (Baker-Eck & Bull, 2022; Demirden, 2023; Meissner et al., 2014; Walsh & Bull, 2010; Meissner, Kleinman, Mindthoff, Phillips & Rothweiler, 2023). Países como Reino Unido, Noruega, Canadá e Nova Zelândia incorporaram protocolos estruturados, substituindo práticas coercitivas voltadas prioritariamente à obtenção de confissões (Walsh, Bull & Areh, 2024).

No Brasil, cerca de 90% dos operadores do Direito apontam a prova testemunhal como a mais valiosa (Stein & Ávila, 2015), com papel central nas fases investigativa e judicial. A confissão ainda é vista por muitos como o “padrão de ouro” das provas (Lackey, 2020). Entrevistar vítimas, testemunhas e suspeitos é, portanto, atividade-chave para esclarecer crimes, seja para obter relatos em primeira mão, reconstruir fatos por meio de testemunhos ou avaliar hipóteses que considerem o estado de inocência em solo extrajudicial (Machado, 2018), a assegurar imparcialidade e eficiência investigativa (Moraes, 2025). Além disso, o uso de técnicas adequadas e cientificamente validadas resulta em elementos probatórios epistemicamente confiáveis, de modo a enriquecer o conhecimento processual a respeito do juízo sobre os fatos (Giampaoli, Costa, Silva, 2026).

A despeito dessa relevância, a adoção de modelos baseados em evidências no Brasil ainda é incipiente (Moscatelli, 2020). Embora haja

crescente interesse acadêmico e profissional (Gomes & Lopes, 2025), há lacuna significativa na produção científica e na implementação prática em instituições de segurança pública.

A formação policial, em grande parte, mantém-se pautada por práticas empíricas e intuitivas, com pouco espaço para treinamentos estruturados. Análise de cursos para delegados e delegadas em Estados brasileiros mostrou que técnicas de entrevista investigativa ocupam entre 3% e 17,7% da carga horária total (Ballardin, 2010).

Essa limitação torna-se crítica diante dos riscos de entrevistas mal conduzidas, com consequentes erros do sistema de justiça criminal, comprometimento da qualidade probatória e desgaste da relação polícia-comunidade (Catlin et al., 2023; Kassin et al., 2025). Estudos internacionais confirmam que treinamentos específicos melhoram competências comunicacionais, ampliam a obtenção de informações detalhadas e reduzem práticas coercitivas (Akca, Larivière & Eastwood, 2021; Alison, Alison, Shortland & Sumon-Bhor, 2021; Russano et al., 2024). Contudo, não há trabalhos empíricos nacionais avaliando sistematicamente os efeitos de treinamentos nesse modelo.

Diante disso, o presente estudo buscou responder à seguinte pergunta de pesquisa: um treinamento em entrevista investigativa aplicado na formação inicial de policiais civis brasileiros é capaz de promover melhorias na percepção dos participantes sobre como conduzir entrevistas investigativas baseadas em evidências? Conduziu-se um estudo quase-experimental, com medidas pré e pós-treinamento para responder essa questão. O artigo apresenta, na sequência, revisão teórica sobre entrevista investigativa, etapas e recomendações baseadas em evidências, descrição metodológica, resultados e discussão à luz da literatura, além das implicações práticas, limitações e conclusões.

1. ENTREVISTA INVESTIGATIVA

A entrevista investigativa representa uma mudança de paradigma na condução de entrevistas no contexto criminal (Williamson, 1993). Essa transformação ocorreu como resposta a décadas de práticas voltadas prioritariamente à obtenção de confissões, frequentemente associadas

a métodos coercitivos e manipulativos, nos quais policiais recorriam a pressão psicológica e, em alguns casos, a violência física (Bull, 2023). Estudos demonstraram que tais práticas resultavam em confissões falsas, gerando erros judiciais e reduzindo a confiança no trabalho policial (Gudjonsson, 2003; Kassin et al., 2025). Tais evidências motivaram a revisão das técnicas empregadas para entrevistar vítimas, testemunhas e suspeitos, revelando que métodos tradicionais, baseados na presunção de culpa, além de suscitar questões éticas, apresentavam baixa eficácia na obtenção de informações precisas, completas e verificáveis (Fisher, Geiselman, & Raymond, 1987; Baldwin, 1993).

A adoção da entrevista investigativa foi uma resposta a evidências sobre os riscos dos métodos confrontativos. A partir da década de 1990, diversos países reformularam seus procedimentos, incorporando princípios científicos que deslocam o foco da busca pela confissão para a obtenção da máxima quantidade e qualidade de informações (Cecconello, Milne & Stein, 2022; Clarke & Milne, 2001). Os fundamentos científicos da entrevista investigativa estão relacionados ao funcionamento da memória humana. A memória envolve processos de codificação, armazenamento e recuperação, sendo influenciada pelo tempo decorrido entre o evento e a recordação. Diferente de um registro exato, a memória é suscetível a distorções e omissões. Entre os fenômenos estudados está a formação de falsas memórias, lembranças que, conquanto percebidas como reais pelo indivíduo, não correspondem ao ocorrido. Um exemplo é a recordação incorreta de ter visto um veículo de determinada cor quando essa informação não se confirma na realidade (Eysenck & Keane, 2017).

Falsas memórias podem surgir por influência externa, como perguntas sugestivas ou conversas sobre o evento, ou de maneira espontânea, quando lacunas são preenchidas inadvertidamente. Além disso, condições ambientais e emocionais, como emprego de arma, iluminação, distância, tempo de observação, estresse ou ansiedade, afetam a codificação e a recuperação da memória. Situações de confronto ou julgamento tendem a reduzir a quantidade e a qualidade das informações recordadas, enquanto eventos traumáticos podem ser lembrados com maior vividez (Baddeley, Eysenck, & Anderson, 2011).

Com base nesses conhecimentos, foram desenvolvidos diversos protocolos de entrevista investigativa, como PRICE, Kreativ, FAIR e

Achieving Best Evidence (Halley, Walsh, Myklebust & Bjerknes, 2023). O modelo mais difundido é o PEACE, que organiza a entrevista em cinco etapas: preparação e planejamento; engajamento e explicação; relato e clarificação; encerramento; e avaliação (Bull, 2023; Moscatelli, 2020).

Outro avanço nesta área foram os chamados Princípios Méndez, formalizados como diretrizes internacionais para entrevistas eficazes em investigações e coleta de informações (Association for the Prevention of Torture [APT], 2021). Fundamentados em evidências empíricas, esses princípios consolidam padrões internacionais que rejeitam práticas coercitivas e defendem entrevistas conduzidas com base na ciência, ética e legalidade, reforçando a adoção universal de modelos como o PEACE e outros protocolos estruturados. De modo geral, protocolos baseados em evidências compartilham essa estrutura e enfatizam planejamento, estabelecimento de *rapport*, uso adequado de perguntas e fechamento apropriado da entrevista (Halley et al., 2023).

O planejamento é a primeira etapa da entrevista investigativa e sua eficácia depende diretamente da qualidade dessa preparação (APT, 2021). Um planejamento estruturado maximiza a obtenção de informações confiáveis, reduz vieses cognitivos, como o viés de confirmação, previne erros investigativos e diminui riscos de contaminação da memória (ONU, 2024; Nickerson, 1998). A ausência desse processo aumenta a probabilidade de uso não intencional de perguntas fechadas, direcionadas ou sugestivas, bem como de entrevistas desorganizadas, prejudicando a quantidade e a precisão das informações obtidas (Baldwin, 1993; Lino & Roazzi, 2025).

Pesquisas indicam que, sob influência do viés de confirmação, entrevistadores tendem a utilizar estratégias coercitivas, priorizando a confissão, formulando perguntas inadequadas e negligenciando outras linhas investigativas plausíveis (Brimbal, Atkinson & Meissner, 2024; Kassin, Goldstein & Savitsky, 2003; Lidén, Gräns & Juslin, 2018). Um planejamento eficaz envolve a análise detalhada das informações disponíveis sobre o caso, a pessoa a ser entrevistada e o contexto do evento, incluindo documentos, registros, relatos prévios e evidências forenses, para definir objetivos, tópicos e linhas investigativas (ONU, 2024).

No início da entrevista, é fundamental estabelecer o denominado *rapport*, entendido como uma relação de respeito, empatia, confiança e

cooperação mútua entre entrevistado/a e entrevistador/a (Lino, Bernardes, Cecconello & dos Santos, 2023). O *rapport* deve ser considerado uma aliança de trabalho entre os envolvidos na entrevista, em que é papel de entrevistadores garantir que o entrevistado se sinta acolhido e ouvido (Vanderhallen et al., 2011). Isto é, aqueles que entrevistam devem se esforçar para manter e demonstrar interesse no conteúdo trazido pelo entrevistado, não expor ou fazer julgamentos morais ou éticos sobre o que é dito ou sobre a pessoa do entrevistado, entre outros comportamentos (Alison et al., 2021).

Rapport, portanto, não se trata de se tornar amigo, ignorar os atos ou minimizar as condutas delitivas do entrevistado. Em realidade, o *rapport* consubstancia uma relação respeitosa resultante de uma postura, por parte do/a entrevistador/a, genuinamente interessada no conteúdo, sentimentos e visão de mundo do/a entrevistado/a (College of Policing, 2022).

Essa relação deve ser mantida durante toda a interação (Walsh & Bull, 2012) e está diretamente associada à qualidade, quantidade e confiabilidade das informações obtidas (Kassin et al., 2025). Ambientes marcados pela empatia e ausência de julgamento favorecem relatos mais detalhados e precisos (Lino et al., 2023), enquanto contextos hostis prejudicam a recuperação da memória (Deffenbacher et al., 2004; Vrij, Hope & Fisher, 2014). Essa abordagem é coerente com os Princípios Méndez, que enfatizam dignidade humana, salvaguardas legais e comunicação empática (ATP, 2021). Estratégias para construção e manutenção do *rapport* incluem verificar necessidades básicas do entrevistado, praticar escuta ativa, utilizar o nome da pessoa e adotar postura profissional isenta de julgamentos (Gabbert et al., 2021; Lino et al., 2023; Alison et al., 2021). A imparcialidade, além de valor jurídico, constitui condição epistêmica para um relato livre e confiável (APT, 2021).

Além do planejamento e do *rapport*, o uso adequado de perguntas é um dos componentes centrais na condução de entrevistas investigativas eficazes e éticas. É pacífico na literatura científica que o tipo de pergunta exerce influência direta sobre a qualidade, a precisão e a quantidade das informações obtidas (Fisher & Geiselman, 1992; Oxburgh, Myklebust, & Kebbell, 2010; Snook, Luther, Quinlan & Milne, 2012). Desde o estudo pioneiro de Loftus e Palmer (1974), sabe-se que a simples alteração de

uma palavra na pergunta pode levar os participantes a lembrarem de uma mesma cena de maneiras diferentes, assim como a se recordarem de detalhes que não estavam presentes.

As perguntas são comumente classificadas em alguns tipos. Perguntas abertas permitem respostas livres e narrativas, convidando o entrevistado a relatar tudo o que lembra e, assim, possuem menor risco de sugestionar a resposta do entrevistado (e.g., “Conte-me tudo o que se lembra sobre...”). Perguntas específicas direcionam para tópicos, na tentativa de explorar informações que não foram obtidas pelo relato livre (e.g., “O que você viu depois que entrou na sala?”). Perguntas fechadas buscam informações específicas e geralmente podem ser respondidas com “sim” ou “não” (e.g., “Ele estava usando uma jaqueta azul?”). Perguntas de escolha forçada limitam as opções para o entrevistado e, frequente e indevidamente, impõem pressupostos sobre o que ocorreu (e.g., “Ele fugiu a pé ou de carro?”). Perguntas múltiplas são aquelas em que entrevistadores formulam vários questionamentos de uma única vez, dificultando a recordação do entrevistado e geralmente obtendo resposta apenas de uma das perguntas realizadas (e.g., “Como ele era? Ele era alto? Ele tinha tatuagem? Ele tinha algum *piercing*?”). Perguntas sugestivas induzem uma resposta, muitas vezes incluindo informações não fornecidas anteriormente pelo entrevistado (e.g., “Foi aí que você viu a arma dele não foi?”) (Cecconello et al., 2022).

Pesquisas acumuladas desde os anos 1980 demonstram que perguntas sugestivas, múltiplas ou de escolha forçada limitam a quantidade de informações e induzem o entrevistado a erros, seja por contaminação da memória, seja por tentativas de agradar quem está entrevistando (Loftus, 2019; Gudjonsson, 2003). Por outro lado, perguntas abertas aumentam a quantidade de informações e diminuem o risco de gerar falsas memórias e relatos nos quais o entrevistado deseja agradar quem o entrevista (Fisher & Geiselman, 1992; Cecconello et al., 2022). O desenvolvimento dessas competências em entrevista investigativa não vem apenas com a prática e a experiência. Exige capacitação especializada. A literatura científica confirma que a capacidade de conduzir entrevistas de alta qualidade não é uma habilidade inata, mas sim uma competência que requer treinamento estruturado, baseado em evidências empíricas e princípios científicos (Griffiths & Milne, 2006).

Na ausência de capacitações em métodos de entrevista investigativa, policiais entrevistadores tendem a utilizar de seu conhecimento sobre interações sociais do dia a dia para a sala de entrevista, o que pode incrementar riscos de resultados insatisfatórios e erros estatais. Pesquisas empíricas demonstram como entrevistas realizadas por profissionais sem a capacitação adequada tendem a apresentar prevalência de práticas pouco eficazes, como o uso excessivo de perguntas fechadas, sugestivas ou direcionadas, a ausência de estratégias para facilitar o relato livre, pouco ou nenhum *rapport* estabelecido, ausência de planejamento, presunção de culpa que guia a entrevista de suspeitos, entre outras falhas corrigíveis (Baldwin, 1993; Fisher et al., 1987).

Ademais, filmes e séries frequentemente retratam o interrogatório policial como um campo de batalha psicológico, em que a manipulação, o confronto e até o engodo são vistos como estratégias válidas de extração de uma pretensa verdade. Essa narrativa, embora fictícia, ainda molda a percepção de profissionais da segurança pública e contribui para a manutenção de práticas intuitivas, espúrias ou coercitivas. Nesse contexto, torna-se imprescindível que programas de formação policial abordem criticamente tais influências culturais, promovendo a substituição de crenças empíricas por metodologias baseadas em evidência científica, como as preconizadas no modelo PEACE e nos Princípios Méndez (Magno, 2025).

A mudança dessa cultura, dentro e fora das instituições policiais, perpassa pela capacitação dos profissionais em técnicas adequadas para entrevistar. É necessário apresentar a entrevistadores as falhas das técnicas convencionais de entrevista (e.g., falsas memórias, poucas informações e falsas confissões), o aporte teórico e como realizar as etapas da entrevista investigativa. Uma síntese crítica da literatura realizada por Akca e colegas (2021) oferece uma análise da eficácia dos treinamentos em entrevista investigativa. A revisão sistemática conduzida pelos autores identificou que treinamentos baseados em modelos estruturados, como o PEACE, estão associados a melhorias consistentes na aplicação de boas práticas, mormente no aumento do uso de perguntas abertas e na construção de *rapport*, fatores essenciais para uma boa entrevista investigativa.

O treinamento enquanto processo necessário para entrevistas eficazes é expressamente reconhecido nos Princípios Méndez (ATP, 2021). O princípio quatro trata justamente dessa necessidade, salientando

que entrevistas eficazes constituem uma atividade profissional que requer formação específica. Essa formação deve incluir as bases teóricas que sustentam a entrevista investigativa, assim como oportunidades de praticar o que está sendo aprendido.

De acordo com os Princípios Méndez, o policial deve ser capacitado a manter uma mente aberta e evitar preconceitos, planejar-se e preparar-se estrategicamente, criar e manter *rapport*, empregar técnicas de como fazer perguntas com bases científicas, usar habilidades de escuta ativa e permitir que as pessoas entrevistadas respondam às perguntas integralmente, sempre respeitando a dignidade e os direitos da pessoa entrevistada.

2. MÉTODO

A presente pesquisa, empírica, interdisciplinar, de natureza quantitativa e amostra probabilística, avaliou os efeitos de um treinamento, durante a formação inicial, sobre a percepção de policiais civis a respeito de práticas de entrevista investigativa. Objetivando coletar, de maneira sistemática, dados e informações de determinado grupo, foram utilizados questionários pré e pós-treinamento, além de análises estatísticas comparativas para testar os possíveis efeitos de mudança.⁷

2.1. PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa 89 policiais civis em formação no Estado de São Paulo. A maioria dos participantes é do sexo masculino (n=60; 68,2%), com idade média aproximada de 37 anos (SD = 10,84). Todos os participantes haviam concluído ao menos o ensino superior, tendo em vista o requisito do concurso para a Polícia Civil. Além da graduação, 57,3% haviam completado uma especialização, 1,1% concluíram mestrado e 2,2% concluíram doutorado. Apenas dois participantes (2,2%) estavam em formação para o cargo de investigador/a de polícia, a maioria

⁷ Os dados anonimizados e instrumentos de coleta estão disponíveis em <https://doi.org/10.48331/SCIELODATA.A24QAE>.

da amostra (60,7%) estava em formação para se tornarem escrivães de polícia, enquanto 37,1% estavam em formação para delegado/a de polícia.

2.2. PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Os autores AG, RM e TM são professores do eixo intitulado “Provas Dependentes da Memória”, inserido na matriz curricular das carreiras supramencionadas. Logo, os participantes foram recrutados para a pesquisa em sala de aula, durante o curso de formação técnico-profissional das carreiras da Polícia Civil em São Paulo. O treinamento em técnicas de entrevista, inserto no referido eixo, tem duração de 8 horas, no qual discentes policiais aprendem um conjunto de informações desde a evolução histórica da entrevista investigativa até as etapas para sua aplicação contemporânea. Ao longo do treinamento, discentes aprenderam sobre os fundamentos científicos do funcionamento da memória humana, tomada de decisão investigativa e vieses cognitivos com foco especial no viés de confirmação. Instrutores ministraram sobre o desenvolvimento das técnicas de entrevista investigativa, erros ocorridos no passado e evidências científicas que justificam o seu uso na atualidade. Alunos também aprenderam como as etapas da entrevista devem ser conduzidas de acordo com o proposto no modelo PEACE: planejamento e preparação, engajamento e explicação, relato livre e clarificação, fechamento e avaliação.

Antes do início do módulo, discentes foram convidados a participar da pesquisa. Primeiro, foram esclarecidas as questões relativas à voluntariedade da participação e o anonimato. Aqueles que optaram por participar eram convidados a responder um formulário online, na plataforma Qualtrics, que poderia ser acessado via link apresentado a toda a turma. A primeira página explicava novamente as questões éticas da pesquisa, disponibilizava o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para assinatura e download. Apenas aqueles que aceitavam os termos poderiam prosseguir para responder o formulário. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Humanos da Atitus Educação.

O formulário era composto por seis questionários de temas específicos:

1. *Questionário sociodemográfico*: composto por quatro perguntas objetivas, seu foco era obter informações sociodemográficas e de formação profissional dos participantes. As informações coletadas foram a idade; gênero; escolaridade e cargo na Polícia Civil de São Paulo.
2. *Questionário autoavaliativo em entrevistas*: composto por três afirmações sobre como o participante avalia sua capacidade de conduzir uma boa entrevista com vítima, suspeito ou testemunha. As respostas seguem uma escala Likert de 1 a 5 (1 = discordo completamente; 5 = concordo completamente).
3. *Questionário sobre a memória humana e confissões*: o objetivo desse questionário é apreender a compreensão dos participantes sobre como funciona a memória humana, seus limites e falibilidade, assim como a existência e possíveis causas de confissões e falsas confissões. O questionário é composto por nove afirmações, incluindo afirmações verídicas e mitos sobre os temas, nas quais o participante indica seu grau de concordância de acordo com uma escala Likert de 1 a 5 (1 = discordo completamente; 5 = concordo completamente).
4. *Questionário sobre práticas de entrevista com vítimas e testemunhas*: esse questionário objetiva compreender como os participantes percebem algumas práticas na entrevista de vítimas e testemunhas. Ele é composto por 12 afirmações, concernente a atitudes e comportamentos recomendados e não recomendados pelas evidências científicas, em que o participante indica seu grau de concordância de acordo com uma escala Likert de 1 a 5 (1 = discordo completamente; 5 = concordo completamente).
5. *Questionário sobre práticas de interrogatório com suspeitos*: esse questionário visa entender como os participantes percebem algumas práticas no interrogatório de suspeitos. Ele é composto por 16 afirmações, incluindo atitudes e comportamentos recomendados e não recomendados pelas evidências científicas, nas quais o participante indica seu grau de concordância de acordo com uma escala Likert de 1 a 5 (1 = discordo completamente; 5 = concordo completamente).

6. *Questionário sobre uso de rapport em entrevistas*: esse questionário tem por objetivo identificar a importância que os participantes dão à utilização do *rapport* com diferentes entrevistados. Ele é composto por três afirmações sobre o uso de *rapport* com vítimas, testemunhas ou suspeitos, nas quais o participante indica seu grau de concordância de acordo com uma escala Likert de 1 a 5 (1 = discordo completamente; 5 = concordo completamente).

A grande quantidade de discentes no curso de formação inicial para a Polícia Civil de São Paulo levou à criação de várias turmas. A depender da carreira, a formação inicial dos policiais levou de quatro meses (escrivães e investigadores) a cinco meses e meio de curso (delegados/as de polícia), interregno de tempo em que o treinamento em técnicas de entrevista foi ministrado. Após a sua conclusão, todos participantes receberam em seu e-mail institucional o pedido para responder novamente ao questionário da pesquisa que participaram em sala. 463 responderam ao pré-teste (antes do módulo de Provas Dependentes da Memória), mas apenas 89 destes responderam ao pós-teste. Logo, a amostra é composta apenas por participantes que responderam o pré e o pós-teste.

No questionário do pós-teste, foram adicionadas duas questões para avaliar a percepção subjetiva dos participantes sobre o treinamento. A primeira pedia para que os participantes indicassem em uma escala de 0 a 10 o quão útil foram os aprendizados para sua prática (0 = nada útil; 10 = muito útil). A segunda pergunta era um questionamento se o participante recomendava o treinamento para outros colegas da Polícia Civil, devendo responder com “Sim” ou “Não”.

Tendo em vista que o Questionário de Práticas foi desenvolvido pela equipe de pesquisa, o coeficiente alfa de Cronbach foi calculado para avaliar sua confiabilidade e consistência interna. Verificou-se que o instrumento de 28 itens (a soma dos itens referentes à entrevista com vítimas, testemunhas e suspeitos) é dividido em duas subescalas: práticas adequadas na entrevista investigativa (13 itens; $\alpha = 0,74$); e práticas inadequadas na entrevista investigativa (15 itens; $\alpha = 0,74$). Considerando que valores de alfa de Cronbach aceitáveis variam de 0,70 a 0,90, as características de confiabilidade e consistência do instrumento utilizado estão apropriadas (Tavakol & Dennick, 2011).

2.3. ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram analisados por intermédio do software SPSS. Foram conduzidas análises descritivas para caracterizar a amostra em termos sociodemográficos. A comparação entre os resultados antes e depois do treinamento foi realizada pelo teste-t para amostras dependentes. Apesar da amostra apresentar resultados não-paramétricos nos principais instrumentos, a literatura indica que ele apresenta robustez, frente à violação da normalidade, especialmente em amostras maiores que 30 participantes (Fagerland, 2012; Lumley, Diehr, Emerson & Chen, 2002).

Como a presente pesquisa utiliza uma amostra de 89 participantes, os efeitos da não normalidade são minimizados, sendo possível aplicar o teste paramétrico de maneira válida. Ademais, apresentação de resultados por médias e desvio padrão são mais facilmente interpretáveis e visualmente compreensíveis em comparação aos postos ranqueados como apresentado pela opção não-paramétrica do teste de Wilcoxon.

3. RESULTADOS

A apresentação dos resultados será realizada de acordo com temas, aglutinando informações referentes a um mesmo assunto para facilitar o entendimento e discussão posterior.

3.1. CONHECIMENTOS SOBRE MEMÓRIA E FALSAS CONFISSÕES

Observou-se um aumento significativo no conhecimento dos participantes sobre os limites da memória humana e a possibilidade de falsas confissões. Houve diferença estatisticamente expressiva em cinco das nove afirmações analisadas. A crença de que a forma como uma pessoa é perguntada pode influenciar sua memória apresentou aumento marcante ($M_{pré} = 4,81$; $M_{pos} = 4,98$; $t(88) = -3,92$; $p < ,001$), assim como o entendimento de que informações incorretas relatadas por testemunhas não são necessariamente devido a mentiras ($M_{pré} = 1,61$; $M_{pos} = 1,28$; $t(88) = 3,23$; $p = ,002$). Também foi observada mudança na compreensão sobre a influência de informações externas na memória de testemunhas ($M_{pré} = 4,73$; $M_{pos} = 4,93$; $t(88) = -3,63$; $p < ,001$).

No tocante à compreensão sobre confissões e falsas confissões, destaca-se o aumento considerável na compreensão de que suspeitos podem confessar crimes que não cometeram devido à pressão policial ($M_{pré} = 3,75$; $M_{pos} = 4,31$; $t(88) = -3,91$; $p < ,001$), assim como maior concordância com a ideia de que pessoas podem lembrar-se de eventos que não ocorreram quando pressionadas ($M_{pré} = 4,40$; $M_{pos} = 4,69$; $t(88) = -2,68$; $p = ,009$).

TABELA 1. *Impacto do treinamento no conhecimento dos participantes sobre Memória e Interrogatório (n = 89)*

Afirmação	Pré-teste M (DP)	Pós-teste M (DP)	t	p
A forma como uma pessoa é perguntada sobre um evento vivenciado pode influenciar na memória sobre esse evento	4,81 (0,42)	4,98 (0,15)	-3,92	< ,001
A memória de uma testemunha sobre um fato muitas vezes reflete não apenas o que uma testemunha realmente viu, mas também informações obtidas posteriormente de outras testemunhas, da polícia, da mídia, etc.	4,73 (0,47)	4,93 (0,25)	-3,63	< ,001
A memória humana funciona como uma câmera de vídeo, registrando com precisão os eventos que vemos e ouvimos, o que possibilita que possamos relembrar do evento com perfeição.	1,49 (0,81)	1,37 (0,97)	0,96	,339
Às vezes as pessoas tornam-se testemunhas de acontecimentos dramáticos. A memória para tais eventos é menos detalhada em comparação com a memória para eventos cotidianos	3,35 (1,42)	3,09 (1,44)	1,42	,160
Depois de vivenciar um evento e formar uma memória dele, essa memória não muda	1,61 (0,90)	1,48 (0,91)	0,94	,350

Afirmação	Pré-teste M (DP)	Pós-teste M (DP)	t	p
Os suspeitos de crimes podem confessar crimes que sabem não ter cometido porque são pressionados pela polícia.	3,75 (1,15)	4,31 (0,90)	-3,91	< ,001
Os suspeitos de crimes podem confessar um crime que não cometeram (ou seja, confessar falsamente).	4,40 (0,75)	4,56 (0,67)	-1,97	,052
Uma pessoa pressionada a lembrar-se de algo pode, honestamente, recordar-se de coisas que na verdade não aconteceram ou detalhes que não condizem com a realidade	4,40 (0,84)	4,69 (0,63)	-2,68	,009
Uma testemunha sempre está mentindo quando recorda de um falso detalhe do crime (e.g., o carro era prata, mas câmeras de segurança mostram o carro como sendo de outra cor)	1,61 (0,79)	1,28 (0,62)	3,23	,002

3.2. ENTREVISTAS COM VÍTIMAS E TESTEMUNHAS

Os dados revelaram mudanças significativas nas percepções sobre boas práticas em entrevistas com vítimas e testemunhas. A importância atribuída ao planejamento da entrevista aumentou substancialmente (Mpré = 4,65; Mpos = 4,90; $t(88) = -3,52$; $p = ,001$), assim como a relevância da construção do *rapport* (Mpré = 3,85; Mpos = 4,58; $t(88) = -6,61$; $p < ,001$). Outrossim, os participantes demonstraram maior compreensão sobre a importância das perguntas abertas (Mpré = 4,08; Mpos = 4,85; $t(88) = -7,79$; $p < ,001$), da escuta ativa (Mpré = 4,51; Mpos = 4,80; $t(88) = -3,22$; $p = ,002$) e da oitiva como oportunidade da vítima ou testemunha relatar sua versão dos fatos (Mpré = 4,42; Mpos = 4,83; $t(88) = -5,12$; $p < ,001$). Os participantes demonstraram ainda menor adesão à crença de que a linguagem corporal é um bom indicativo de mentira (Mpré = 3,76; Mpos = 2,43; $t(88) = 9,03$; $p < ,001$), que a intuição é central para

a entrevista (Mpré = 3,48; Mpos = 2,97; $t(88) = 3,68$; $p < ,001$), que o foco deve ser obter respostas objetivas (Mpré = 1,49; Mpos = 1,13; $t(88) = 4,23$; $p < ,001$) e que usar perguntas fechadas na entrevista é uma boa estratégia (Mpré = 2,48; Mpos = 1,37; $t(88) = 7,96$; $p < ,001$).

TABELA 2. *Impacto do treinamento na percepção de práticas de entrevista com vítimas e testemunhas (n = 89)*

Afirmção	Pré-teste M (DP)	Pós-teste M (DP)	t	p
Antes da oitiva com uma vítima ou testemunha, é importante planejar os tópicos a serem abordados na entrevista	4,65 (0,62)	4,90 (0,37)	-3,52	,001
A sala onde vai ocorrer uma oitiva de vítima ou testemunha deve ser organizada para ser um local desconfortável para a vítima	1,37 (1,10)	1,29 (1,01)	0,47	,637
Prestar atenção e atender às necessidades básicas da vítima ou testemunha (e.g., se ela está confortável, se precisa de água, ir ao banheiro) facilita para conseguir a sua cooperação.	4,90 (0,30)	4,88 (0,50)	0,39	,697
A intuição é uma das ferramentas mais valiosas do investigador ao entrevistar uma vítima ou testemunha.	3,48 (1,07)	2,97 (1,20)	3,68	< ,001
É importante despende tempo para criar uma boa relação com a vítima ou testemunha para uma boa oitiva.	3,85 (0,97)	4,58 (0,72)	-6,61	< ,001
Em uma oitiva com vítimas ou testemunhas, o foco deve ser em obter somente respostas objetivas, como sim e não.	1,49 (0,69)	1,13 (0,43)	4,23	< ,001
Em uma oitiva, o policial deve demonstrar interesse em ouvir a versão da vítima ou testemunha (ex: assentindo com a cabeça e evitando interromper)	4,51 (0,69)	4,80 (0,59)	-3,22	,002

Afirmação	Pré-teste M (DP)	Pós-teste M (DP)	t	p
A oitiva é uma oportunidade para a vítima ou testemunha apresentar sua perspectiva dos fatos (mesmo que esta vá contra as evidências já identificadas na investigação).	4,42 (0,77)	4,83 (0,51)	-5,12	< ,001
Em uma oitiva de vítimas ou testemunhas, deve-se priorizar perguntas abertas que estimulem o relato livre (ex: “Me conte tudo o que você lembra. Pode levar o tempo que achar necessário”).	4,08 (1,03)	4,85 (0,47)	-7,79	< ,001
Em uma oitiva de vítimas ou testemunhas, deve-se priorizar perguntas fechadas (ex: “você viu alguma arma?”)	2,48 (1,18)	1,37 (0,83)	7,96	< ,001
É possível saber se a vítima ou testemunha está mentindo com base em sua linguagem corporal (expressões, olhar, tom de voz).	3,76 (0,98)	2,43 (1,36)	9,03	< ,001
O policial deve interromper a vítima ou testemunha quando acredita que ele está ocultando informações ou mentindo.	2,56 (1,10)	1,53 (0,93)	7,71	< ,001

3.3. ENTREVISTAS COM SUSPEITOS

Da mesma forma, foram observadas mudanças importantes na percepção dos participantes sobre o interrogatório de suspeitos. Dentre as 16 afirmações, apenas uma, referente ao planejamento da entrevista para obter confissão, não demonstrou mudança notável. Houve maior valorização do planejamento dos tópicos a abordar na entrevista ($M_{pré} = 4,76$; $M_{pos} = 4,91$; $t(88) = -2,66$; $p = ,009$), do estabelecimento de *rappport* ($M_{pré} = 3,60$; $M_{pos} = 4,28$; $t(88) = -6,94$; $p < ,001$), da atenção às necessidades básicas do suspeito para estabelecer *rappport* ($M_{pré} = 4,24$;

Mpos = 4,65; $t(88) = -3,51$; $p = ,001$) e do uso de perguntas abertas (Mpré = 3,93; Mpos = 4,82; $t(88) = -8,93$; $p < ,001$). Os participantes deram mais importância à escuta ativa (Mpré = 4,22; Mpos = 4,70; $t(88) = -4,61$; $p < ,001$), à presunção (estado) de inocência (Mpré = 3,85; Mpos = 4,15; $t(88) = -2,32$; $p = ,023$) e ao interrogatório como oportunidade de defesa do interrogado (Mpré = 4,36; Mpos = 4,78; $t(88) = -4,93$; $p < ,001$).

Observou-se também redução na crença de que se pode identificar mentiras pela linguagem corporal (Mpré = 3,62; Mpos = 2,43; $t(88) = 7,63$; $p < ,001$), que a intuição é central para a condução do interrogatório (Mpré = 3,57; Mpos = 3,06; $t(88) = 4,04$; $p < ,001$), que o suspeito deve estar em uma sala desconfortável (Mpré = 2,04; Mpos = 1,39; $t(88) = 4,50$; $p < ,001$) e que apresentar as evidências no início da entrevista (Mpré = 2,00; Mpos = 1,21; $t(88) = 7,22$; $p < ,001$) ou afirmar saber da culpa do interrogado são boas estratégias (Mpré = 1,57; Mpos = 1,17; $t(88) = 4,24$; $p < ,001$). Por fim, percebeu-se que os participantes reduziram a ênfase no uso de perguntas fechadas (Mpré = 2,48; Mpos = 1,34; $t(88) = 8,20$; $p < ,001$) e a interrupção da fala do suspeito quando acredita que ele está mentindo (Mpré = 2,60; Mpos = 1,54; $t(88) = 8,73$; $p < ,001$).

TABELA 3. *Impacto do treinamento na percepção de práticas de entrevista com suspeitos (n = 89). ¹ Itens recomendados pela Entrevista Investigativa; ² Itens não recomendados pela Entrevista Investigativa.*

Afirmção	Pré-teste M (DP)	Pós-teste M (DP)	t	p
Antes do interrogatório com um suspeito, é importante planejar os tópicos a serem abordados na entrevista ¹	4,76 (0,50)	4,91 (0,33)	-2,69	,009
Antes do interrogatório com um suspeito, é importante planejar como usar o momento para obter a confissão ²	3,90 (1,23)	3,99 (1,33)	-0,66	,511
A sala onde vai ocorrer um interrogatório de suspeito deve ser organizada para ser um local desconfortável para o suspeito ²	2,04 (1,22)	1,39 (0,79)	4,50	< ,001

Afirmação	Pré-teste M (DP)	Pós-teste M (DP)	t	p
Prestar atenção e atender às necessidades básicas do suspeito (e.g., se ele está confortável, se precisa de água, ir ao banheiro) facilita para conseguir a sua cooperação ¹	4,24 (0,81)	4,65 (0,77)	-3,51	,001
A intuição é uma das ferramentas mais valiosas do investigador ao interrogar um suspeito ²	3,57 (1,14)	3,06 (1,09)	4,04	< ,001
O investigador deve sempre considerar a hipótese que o suspeito sendo interrogado é, na verdade, inocente ¹	3,85 (1,19)	4,15 (0,98)	-2,32	,023
É importante despender tempo para criar uma boa relação com o suspeito para um bom interrogatório ¹	3,60 (1,08)	4,28 (0,83)	-5,91	< ,001
Em um interrogatório com suspeitos, o foco deve ser em obter somente respostas objetivas, como sim e não ²	1,74 (0,86)	1,18 (0,56)	5,30	< ,001
Em um interrogatório, o policial deve demonstrar interesse em ouvir a versão do suspeito (ex: assentindo com a cabeça e evitando interromper) ¹	4,22 (0,89)	4,70 (0,80)	-4,61	< ,001
O interrogatório é uma oportunidade para o suspeito apresentar sua perspectiva dos fatos (mesmo que esta vá contra as evidências que o incriminam) ¹	4,36 (0,74)	4,78 (0,54)	-4,93	< ,001
Apresentar as evidências contra o suspeito (se houver evidências disponíveis) antes que ele comparetinha seu relato sobre o crime é uma estratégia eficaz ²	2,00 (0,97)	1,21 (0,67)	7,22	< ,001

Afirmação	Pré-teste M (DP)	Pós-teste M (DP)	t	p
Em um interrogatório com suspeitos, deve-se priorizar perguntas abertas que estimulem o relato livre (ex: “Me conte tudo o que você lembra. Pode levar o tempo que achar necessário”) ¹	3,93 (0,95)	4,82 (0,49)	-8,73	< ,001
Em um interrogatório com suspeitos, deve-se priorizar perguntas fechadas (ex: “você viu alguma arma?”) ²	2,48 (1,13)	1,34 (0,77)	8,20	< ,001
É possível saber se o suspeito está mentindo com base em sua linguagem corporal (expressões, olhar, tom de voz) ²	3,62 (1,09)	2,43 (1,27)	8,56	< ,001
O policial deve interromper o suspeito quando acredita que ele está ocultando informações ou mentindo ²	2,60 (1,13)	1,54 (0,81)	8,73	< ,001
Se o entrevistador está interrogando um suspeito, ele deve deixar bem claro para o suspeito que sabe que ele é o culpado ²	1,57 (0,78)	1,17 (0,48)	4,24	< ,001

3.4. *RAPPORT*

Em relação à aplicação do *rapport* com diferentes tipos de entrevistados, houve aumento significativo na concordância com sua utilização com testemunhas (Mpré = 4,33; Mpos = 4,92; t(38) = -3,53; p = .001), vítimas (Mpré = 4,26; Mpos = 4,95; t(38) = -4,00; p < .001) e suspeitos (Mpré = 4,21; Mpos = 4,79; t(38) = -4,05; p < .001).

TABELA 4. *Impacto do treinamento na percepção do uso de rapport em entrevistas (n = 89)*

Afirmção	Pré-teste M (DP)	Pós-teste M (DP)	t	p
O policial civil deve usar de <i>rapport</i> com uma testemunha durante a oitiva	4,33 (1,03)	4,92 (0,27)	-3,53	,001
O policial civil deve usar de <i>rapport</i> com uma vítima durante a oitiva	4,26 (1,07)	4,95 (0,22)	-4,00	< ,001
O policial civil deve usar de <i>rapport</i> com um suspeito durante interrogatório	4,21 (0,92)	4,79 (0,47)	-4,05	< ,001

3.5. AUTOCONFIANÇA NA CONDUÇÃO DE ENTREVISTAS

Foi avaliado o impacto do treinamento sobre a autoconfiança dos participantes na condução de entrevistas. Embora as médias de autoavaliação tenham aumentado levemente, nenhuma das diferenças foi estatisticamente significativa ($p > 0,05$).

TABELA 5. *Impacto do treinamento na autoconfiança em conduzir entrevistas (n = 89)*

Afirmção	Pré-teste M (DP)	Pós-teste M (DP)	t	p
Eu me sinto capaz de realizar um bom interrogatório com suspeito	3,74 (0,97)	3,90 (0,83)	-1,67	,099
Eu me sinto capaz de realizar uma boa oitiva de vítima	3,97 (0,99)	4,10 (0,72)	-1,37	,176
Eu me sinto capaz de realizar uma boa oitiva de testemunha	4,01 (0,94)	4,09 (0,70)	-0,81	,422

3.6. AVALIAÇÃO DO TREINAMENTO

Por fim, foi observada a percepção dos participantes sobre a utilidade do treinamento. A nota média do treinamento foi 9,92 (SD = 0,38), um participante (1,1%) deu nota 7, quatro participantes (4,5%) deram nota 9 e os demais participantes (n = 84; 94,4%) avaliaram com nota máxima. Perguntados se eles recomendariam o treinamento para outros colegas da Polícia Civil, 98,9% afirmaram que sim.

4. DISCUSSÃO

O presente estudo buscou verificar se um treinamento teórico sobre entrevista investigativa com 8hrs de duração é capaz de gerar alterações significativas no conhecimento e na percepção dos discentes de formação inicial da polícia civil acerca do funcionamento da mente humana e práticas recomendadas na entrevista com vítimas, testemunhas e suspeitos. Antes da intervenção, os dados indicaram que os participantes já possuíam, em média, um padrão de respostas coerente com as boas práticas recomendadas pela entrevista investigativa. Nos itens que descreviam condutas adequadas, as médias pré-teste estavam consistentemente acima do ponto médio da escala, refletindo concordância prévia com práticas como planejamento da entrevista, uso de perguntas abertas, consideração da hipótese de inocência e atenção às necessidades básicas do entrevistado.

De maneira complementar, nos itens que descreviam práticas inadequadas, as médias pré-teste se mantinham abaixo do ponto médio, sinalizando discordância inicial em relação a estratégias como criar desconforto intencional, interromper o entrevistado, confiar na intuição como principal ferramenta ou priorizar perguntas fechadas. Esse padrão foi observado tanto para entrevistas com vítimas/testemunhas quanto com suspeitos, embora no caso das vítimas/testemunhas as médias iniciais para práticas adequadas tenham sido ainda mais altas, sugerindo maior alinhamento prévio com recomendações internacionais para esse público específico.

O treinamento teve como objetivo fornecer a discentes conhecimento teórico sobre o funcionamento da memória humana e os efeitos da

atuação de terceiros na coleta de informações. Os resultados indicam que o treinamento ampliou o conhecimento dos participantes sobre os limites da memória e os riscos de falsas confissões, atendendo a esse objetivo. Observou-se maior reconhecimento da relação entre interrogatórios e falsas confissões, especialmente quanto à influência da pressão policial sobre indivíduos inocentes, fenômeno já documentado na literatura (Kassin et al., 2025). Esta foi a afirmação com maior variação média nas respostas ($M_{dif} = 0,56$). Também houve aumento na percepção de que a pressão em entrevistas pode induzir falsas memórias, o que sugere maior compreensão sobre os processos cognitivos envolvidos na memória de vítimas, testemunhas e suspeitos. Na prática, isso pode levar os policiais recém-formados a adotar maior cautela ao entrevistar, evitando condutas que comprometam a confiabilidade das informações obtidas.

Verificou-se ainda que os participantes ampliaram seus conhecimentos sobre falsas memórias e suas causas. Após o treinamento eles concordaram mais fortemente que uma informação falsa relatada por uma testemunha não é necessariamente uma mentira (podendo ser uma falsa memória), que informações obtidas após o evento e a forma como perguntas são formuladas pode impactar diretamente na memória dos entrevistados. Tais conhecimentos estão alinhados com o que se sabe sobre o funcionamento e a falibilidade da memória (Loftus, 2019).

Tudo isso pode servir como baliza para que os policiais civis formados reduzam o risco de realizar interpretações equivocadas durante investigações criminais, tais como avaliações de credibilidade baseadas apenas na inconsistência de relatos, desconsiderando a fragilidade natural da memória humana. Além disso, espera-se que eles tenham maior cuidado nas perguntas realizadas, evitando questionamentos sugestivos devido ao conhecimento que pode impactar a memória do entrevistado (Cecconello et al., 2022).

Por outro lado, quatro afirmações não apresentaram diferenças estatisticamente significativas. Esse achado sugere que certos conhecimentos prévios sobre a natureza da memória já estavam bem estabelecidos entre os participantes. A título de exemplo, que a memória não funciona como uma câmera ou que a memória não sofre alterações. Tal percepção difere de pesquisas com a população geral, segundo as quais de 28% a 63% de respondentes em países como Canadá e Estados Unidos acreditavam

em afirmações sobre a memória ser imutável ou funcionar como uma gravação de vídeo (Lynn, Evans, Laurence & Lilienfeld, 2015).

A ideia de que suspeitos podem confessar por crimes que não cometeram também não sofreu alteração, com índice de concordância elevado tanto antes quanto depois do treinamento, provavelmente em razão de os participantes terem a percepção de que uma mãe pode confessar um crime cometido pelo filho para protegê-lo, ou membros de uma mesma organização criminosa confessarem o delito cometido por outros.

Os resultados obtidos também demonstram avanços significativos na percepção dos participantes sobre as boas práticas na condução de entrevistas com vítimas, testemunhas e suspeitos, indicando a efetividade do treinamento baseado em princípios da entrevista investigativa não coercitiva. Dentre todas as 28 afirmações, apenas três delas não apresentaram mudança estatisticamente significativa. Duas dizem respeito ao tratamento e *rappport* com vítima e testemunha, indicando que os participantes já compartilhavam de uma visão que tais entrevistados devem estar confortáveis durante a entrevista. A outra afirmação refere-se ao planejamento da entrevista para obter a confissão do suspeito.

Os participantes mantiveram uma crença de que a entrevista deve ser planejada para obter a confissão do suspeito, contrariando o que é defendido pelas práticas baseadas em evidências, manuais e recomendações internacionais (ATP, 2021; Lino & Roazzi, 2025, ONU, 2024). Tal visão sobre a função e objetivo da entrevista com suspeito abre espaço para o viés de confirmação, que limita a atuação de entrevistadores, facilita o uso de perguntas e comportamentos inadequados e pode levar a falsas confissões (Brimbal *et al.*, 2024; Kassin, *et al.*, 2003; Lidén, *et al.*, 2018).

Apesar disso, várias alterações significativas foram identificadas na percepção dos participantes sobre como entrevistas investigativas devem ser conduzidas. Referente à etapa de planejamento, percebeu-se que os participantes deram mais valor a pensar os tópicos da entrevista tanto com vítimas e testemunhas quanto com suspeitos. Essa é uma prática recomendada que possibilita entrevistadores terem bem definido quais são as informações que precisam ser obtidas naquela entrevista (ONU, 2024). A partir dessa perspectiva mais técnica, os participantes também reduziram sua crença de que a intuição é central para uma boa entrevista.

O importante, portanto, não é ter uma ideia subjetiva de como agir na entrevista, mas planejar para saber quais linhas investigativas precisam ser verificadas (inclusive a hipótese de inocência do suspeito), quais tópicos devem ser abordados e quais perguntas realizar, garantindo mais profissionalismo e o aumento de chances na obtenção de informações necessárias e de qualidade (Lino & Roazzi, 2025).

No tocante ao *rappport*, o corpo discente deu mais valor à criação de um ambiente propício para a entrevista com o suspeito. Houve uma discordância mais forte de que o local deve ser desconfortável para essa entrevista e os participantes passaram a dar mais importância a verificar e atender às necessidades básicas do suspeito para facilitar a colaboração na entrevista assim como o exercício de garantias fundamentais como a defesa (Bermudez, 2021). Além disso, participantes notaram a importância do *rappport* com entrevistados em toda qualidade (vítima, testemunha ou suspeito).

Esses achados são extremamente significativos, reforçando a ideia de que o *rappport* é considerado o fio condutor da entrevista e que sem ele o entrevistado será mais relutante em cooperar e terá mais dificuldade em recordar dos fatos para relatar (Lino et al., 2023). Logo, a partir do momento que os policiais percebem a relevância e o efeito de tratar os entrevistados com respeito e sem julgamentos, passam a criar um ambiente mais propício para a entrevista, atuando também em consonância com as melhores práticas, tanto em termos de evidências científicas quanto de respeito aos direitos dos entrevistados.

Ademais, despende tempo para construir o *rappport* deixa de ser visto como desperdício e passa a assumir um papel de investimento, reconhecendo que esse momento inicial, mesmo adicionando alguns minutos na entrevista, pode gerar resultados extremamente positivos.

Todas as afirmações referentes ao uso de perguntas com vítimas, testemunhas e suspeitos sofreram modificações significativas na comparação antes e depois do treinamento. Os participantes passaram a valorizar mais as perguntas abertas, a escuta ativa para estender o relato livre dos entrevistados, e a rejeitar a ideia de que o entrevistado deve dar respostas curtas e objetivas. As alterações de percepção alcançadas são extremamente positivas, pois sabe-se que perguntas abertas garantem maior quantidade de informações com reduzido risco de gerar falsas

memórias ou induzir a fala do entrevistado (Griffiths & Milne, 2006; Snook, et al., 2012).

Diante disso, espera-se que os policiais formados sejam mais propensos a utilizar perguntas desse tipo, utilizando perguntas fechadas apenas quando necessário e evitando perguntas inadequadas (e.g., escolha forçada, múltiplas e sugestivas). Tendo em vista que o objetivo da entrevista investigativa é a obtenção de informações, o treinamento possibilitou alinhar mais as percepções dos participantes com recomendações da literatura científica. Outrossim, o uso de perguntas abertas em uma entrevista está relacionado com uma redução da influência do viés da confirmação (Powell, Hughes-Scholes & Sharman, 2012). Logo, essa prática pode servir como uma medida de prevenção contra um interrogatório focado na confissão. Em outras palavras, mesmo que os policiais percebam como importante planejar a entrevista para obter confissões de suspeitos, o uso de perguntas abertas pode evitar que as entrevistas sejam demasiadamente enviesadas.

A redução significativa na crença de que a linguagem corporal é um bom indicativo de mentira é particularmente relevante. Décadas de pesquisa demonstram que a detecção de mentiras baseada em sinais não verbais é pouco confiável e pode levar a erros do sistema de justiça (Vrij, Hartwig & Granhag, 2019). Os achados da presente pesquisa representam um avanço crucial, dado que muitos operadores do sistema de justiça ainda apoiam suas avaliações na interpretação equivocada de sinais comportamentais (Bogaard, Meijer, Vrij & Merckelbach, 2016).

A recomendação científica é que o policial deixe o entrevistado falar livremente, mesmo que sua fala seja contraditória com as evidências da investigação, apresentando as evidências e explorando essas contradições apenas posteriormente (Hartwig & Granhag, 2023). Esta prática também foi endossada pelos participantes após o treinamento, no qual eles concordaram mais fortemente que apresentar as evidências no início da entrevista com o suspeito não é uma estratégia eficaz assim como o policial não deve interromper o entrevistado quando acredita que ele está ocultando informações ou mentindo.

A avaliação subjetiva do treinamento foi extremamente positiva, com nota média de 9,92 (SD = 0,38) e quase a totalidade dos participantes recomendaram a capacitação a outros colegas. Esse dado reforça tanto

a relevância percebida dos conteúdos quanto a aceitação do modelo defendido de entrevista investigativa. Apesar disso e independentemente de uma aproximação das práticas baseadas em evidências, a confiança dos participantes em realizar entrevistas investigativas com vítimas, testemunhas ou suspeitos não apresentou alterações estatisticamente expressivas, embora tenha havido aumento nas médias.

O fato de os discentes indicarem certa confiança em realizar entrevistas deixou pouco espaço para melhorias. Isso coloca em destaque uma crença de que entrevistar pessoas é uma habilidade inata e que todos conseguem fazer, pois já há a prática de conversação na vida social. No presente estudo, os participantes eram membros da população geral, em formação para se tornarem policiais civis, mas que mesmo assim já se sentiam confiantes em conduzir entrevistas investigativas antes mesmo de uma formação especializada. Esses achados reforçam a necessidade de modificar essa cultura e pensamento social, pois “entrevistas eficazes constituem uma atividade profissional que requer formação específica” (APT, 2021).

Por outro lado, o desenvolvimento da autoconfiança pode demandar experiências práticas mais extensivas, com oportunidades para aplicação supervisionada, *feedback* construtivo e consolidação gradual das habilidades. Considerando que a formação inicial despendeu apenas 8 horas para abordar a entrevista investigativa, não houve tempo suficiente para realizar várias práticas em sala ou aplicação supervisionada. Dessa forma, é provável que participantes tiveram oportunidades de conhecer o que fazer (cognitivamente), mas não conseguiram desenvolver essas habilidades na prática (realizar os procedimentos necessários (Anderson, 1982). Portanto, programas formativos futuros devem considerar estratégias que ampliem o espaço para práticas simuladas, *role-play* estruturado e acompanhamento no contexto real.

A referida necessidade está alinhada com o estudo de Acka et al (2021) e Griffiths e Milne (2006), cujos resultados apontam que a eficácia dos treinamentos tende a diminuir ao longo do tempo caso não sejam acompanhados de reforços periódicos, supervisão continuada e *feedback* prático, um aspecto crítico frequentemente negligenciado nos programas institucionais.

À luz dessas evidências, é possível afirmar que o treinamento em entrevista investigativa deve ir além da transmissão de conhecimentos. Ele deve incorporar metodologias ativas, como simulações realísticas, análise de vídeos, *feedback* e acompanhamento longitudinal. Programas bem-sucedidos devem ensinar o que fazer, mas também oferecer a oportunidade para discentes praticarem em um ambiente seguro e controlado de sala de aula, permitindo que em seguida e na atividade-fim possam praticar e ter *feedback* sobre sua performance em casos reais.

5. IMPLICAÇÕES PRÁTICAS E CIENTÍFICAS

O presente estudo oferece implicações diretas e robustas para a prática policial no Brasil. Os resultados encontrados evidenciam que treinamentos curtos, porém bem estruturados e fundamentados em evidências, são capazes de gerar mudanças expressivas no conhecimento teórico e na percepção dos profissionais sobre como conduzir entrevistas investigativas.

Práticas como o planejamento estratégico, a construção de *rapport*, o uso de perguntas abertas e a escuta ativa podem elevar substancialmente a qualidade dos relatos obtidos, tanto de vítimas e testemunhas quanto de suspeitos. Isso, por sua vez, contribui para a redução de erros estatais, de falsas confissões e da revitimização. O estudo também reforça a necessidade de que instituições de segurança pública no Brasil incorporem, de maneira sistemática, treinamentos periódicos e continuados em entrevista investigativa, não apenas na formação inicial, mas também como parte da capacitação permanente. O fortalecimento dessas competências deve ser entendido como uma política institucional de aprimoramento da qualidade das investigações criminais e de proteção dos direitos fundamentais dos cidadãos.

No contexto acadêmico, o presente trabalho representa um marco na produção científica nacional sobre entrevista investigativa, sendo pioneiro na avaliação empírica dos efeitos de um treinamento desse tipo no Brasil. A partir dos achados, surgem agendas de pesquisa que merecem ser exploradas.

É necessário desenvolver estudos longitudinais que avaliem se as mudanças percebidas imediatamente após o treinamento se mantêm ao longo do tempo e, mais importante, se elas se traduzem em mudanças concretas no comportamento dos policiais durante entrevistas reais. Também é relevante investigar quais métodos (supervisão, *feedback* prático, reciclagens periódicas) são mais eficazes para consolidar e manter essas competências. Nesse sentido, torna-se necessário o desenvolvimento e a validação de instrumentos de mensuração mais precisos para avaliar competências em entrevista investigativa, incluindo análises observacionais de entrevistas simuladas e reais, que superem as limitações dos questionários autoavaliativos.

6. LIMITAÇÕES

Apesar das contribuições significativas, o presente estudo possui limitações que devem ser reconhecidas. A primeira delas diz respeito ao desenho quase-experimental, sem grupo controle, o que limita a capacidade de atribuir causalidade direta aos efeitos observados. A presença de um grupo controle poderia oferecer maior robustez e certeza do impacto do treinamento oferecido, porém não foi possível a criação desse grupo tendo em vista que todos discentes do curso de formação obrigatoriamente deveriam assistir ao módulo de entrevista analisado neste trabalho. Ainda, considera-se improvável que as alterações identificadas sejam resultantes de outros módulos do curso de formação ou maturação natural do participante ao longo de sua jornada de aprendizagem tendo em vista que o único módulo específico sobre o tema é o que está sob análise no artigo.

Uma outra limitação do estudo é a taxa considerável de evasão entre o pré-teste ($n = 463$) e o pós-teste ($n = 89$), o que pode introduzir vieses na composição final da amostra. Reconhece-se que isto pode ter sido motivado por ser uma participação voluntária em um período em que os participantes estão bastante ocupados e preocupados em finalizar seu curso de formação com êxito. Entretanto, isto não exclui a probabilidade de que aqueles que optaram por responder ao pós-teste são participantes mais engajados com a disciplina e tema estudado, o que pode inflar os dados positivos encontrados.

O estudo foi realizado em uma única instituição policial, no contexto específico do Estado de São Paulo, o que limita, em alguma medida, a generalização dos resultados para outros contextos e realidades institucionais no Brasil. Ademais, o treinamento, apesar de eficaz, teve duração reduzida (8 horas), o que pode ter sido insuficiente para promover mudanças mais profundas na autoconfiança e nas competências práticas dos participantes. Isto está em consonância com os instrumentos de coleta de dados utilizados que se referem a medidas perceptivas e de autoconhecimento, o que não necessariamente se traduz, de imediato, em mudanças comportamentais na prática profissional. Por outro lado, também cabe apontar que o objetivo foi medir respostas de participantes acerca de percepções e conhecimento, e não a prática em si (e.g., por meio de gravações de interrogatórios reais), de modo que estudos futuros podem explorar estas possibilidades.

CONCLUSÕES

O presente estudo oferece evidências iniciais, porém robustas, de que treinamentos em entrevista investigativa baseados em evidências científicas são eficazes para promover mudanças nas percepções de policiais civis brasileiros. Os participantes passaram a valorizar práticas recomendadas pela literatura, como o planejamento da entrevista, o uso de perguntas abertas e a construção de *rapport*, ao mesmo tempo em que reduziram a adesão a crenças equivocadas sobre linguagem corporal e métodos confrontativos.

Esses achados reforçam a urgência de que as agências policiais no Brasil adotem, de maneira sistemática e institucional, programas de formação continuada em entrevista investigativa, alinhados às melhores práticas internacionais. Ademais, o estudo contribui com uma linha de pesquisa crescente e essencial para o fortalecimento de práticas policiais baseadas em evidências no Brasil, apontando a necessidade de investigações futuras que explorem os impactos desse tipo de treinamento na prática profissional, no desempenho investigativo e na promoção de justiça.

Investir na capacitação de agentes encarregados da atividade de persecução, incrementando a compreensão a respeito da importância do

uso de técnicas cientificamente validadas para a coleta de informações codificadas na memória de suspeitos, vítimas e testemunhas, contribui com a edificação de um processo penal epistemicamente orientado e comprometido com a diminuição de falsos positivos (condenação de inocentes) e negativos (absolvição de culpados).

REFERÊNCIAS

AKCA, Davut; LARIVIÈRE, Cassandre Dion; EASTWOOD, Joseph. Assessing the efficacy of investigative interviewing training courses: A systematic review. *International Journal of Police Science & Management*, v. 23, n. 1, p. 73-84, 2021. <https://doi.org/10.1177/14613557211008470>

ALISON, Laurence; ALISON, Emily; SHORTLAND, Neil; SURMON-BOHR, Francis. *ORBIT: The science of rapport-based interviewing for law enforcement, security, and military*. Oxford: Oxford University Press, 2021. <https://doi.org/10.1093/med-psych/9780197545959.001.0001>

ANDERSON, John. Acquisition of cognitive skill. *Readings in Cognitive Science*, v. 89, n. 4, p. 369, 1982. <https://doi.org/10.1016/b978-1-4832-1446-7.50032-7>

ASSOCIATION FOR THE PREVENTION OF TORTURE. *Principles on effective interviewing for investigations and information gathering*. Disponível em: <https://www.apr.ch/en/resources/publications/new-principles-effective-interviewing-investigations-and-information>. Acesso em: 09 jun. 2025.

BADDELEY, Alan; EYSENCK, Michael; ANDERSON, Michael. *Memória*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BALDWIN, John. Police interview techniques: Establishing truth or proof? *British Journal of Criminology*, v. 33, n. 3, p. 325-352, 1993. <https://doi.org/10.1093/oxfordjournals.bjc.a048329>

BALLARDIN, Maria da Graça. *A entrevista investigativa e o policial entrevistador*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

BERMUDEZ, André Luiz. *A investigação criminal orientada pela teoria dos jogos*. 3. ed. Florianópolis: Emais, 2021.

BULL, Ray. Improving the Interviewing of Suspects Using the PEACE Model: A Comprehensive Overview. *Canadian Journal of Criminology and Criminal Justice*, v. 65, n. 1, p. 80-91, 2023. <https://doi.org/10.3138/cjccj.2023-0003>

CATLIN, Mary.; WILSON, David. B.; REDLICH, Allison. D.; BETTENS, Talley.; MEISSNER, Christian.; BHATT, Sujeeta.; BRANDON, Susan. PROTOCOL: Interview and interrogation methods and their effects on true and false confessions: An update and extension. *Campbell systematic reviews*, v. 19, n. 1, e1314, 2023. <https://doi.org/10.1002/cl2.1314>

CECCONELLO, William W.; MILNE, Rebecca.; STEIN, Lilian. M. Oitivas e interrogatórios baseados em evidências: considerações sobre entrevista investigativa aplicado na investigação criminal. *Revista Brasileira de Direito Processual Penal*, v. 8, p. 489-510, 2022. <https://doi.org/10.22197/rbdpp.v8i1.665>

CLARKE, Colin; MILNE, Rebecca. *National evaluation of the PEACE investigative interviewing course*. Home Office, 2001.

COLLEGE OF POLICING. *Investigative interviewing*. Disponível em: <https://www.college.police.uk/app/investigation/investigative-interviewing/investigative-interviewing>. Acesso em: 04 maio 2026. DEMIRDEN, A. Psychology of investigative interviewing: implications of Mendez principles in advancing the field. *Law and Justice Review*, v. 26, p. 141-173, 2023.

EYSENCK, Michael. W.; KEANE, Mark. T. *Manual de Psicologia Cognitiva*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2017.

FISHER, Ronald. P.; GEISELMAN, R. Edward. *Memory enhancing techniques for investigative interviewing: The cognitive interview*. Charles C Thomas Publisher, 1992.

FISHER, Ronald. P.; GEISELMAN, R. Edward.; RAYMOND, David. S. Critical analysis of police interviewing techniques. *Journal of Police Science & Administration*, v. 15, n.3, p. 177-185, 1987.

PIRES GIAMPAOLI, Anderson; ERTAL ALVES DA COSTA, Diogo; DE LIMA E SILVA, Roberta. (2026). A entrevista investigativa de potenciais vítimas de violência doméstica: novas perspectivas a partir do olhar de policiais civis atuantes na DDM On-line. *Revista Brasileira de Direito Processual Penal*, 12(1). <https://doi.org/10.22197/rbdpp.v12i1.1237>

GRIFFITHS, Andy.; MILNE, Rebecca. Will it all end in tiers? Police interviews with suspects in Britain. In: WILLIAMSON, T. (org.). *Investigative Interviewing: Rights, Research, Regulation*. Willan Publishing, 2006. p. 167-189.

GUDJONSSON, Gísli. H. *The psychology of interrogations and confessions: A handbook*. John Wiley & Sons Ltd, 2003.

HALLEY, John.; WALSH, Dave.; MYKLEBUST, Trond.; BJERKNES, Ole. T. Structured Models of Interviewing. In: OXBURGH, G. E.; MYKLEBUST, T.; FALLON, M.; HARTWIG, M. (org.). *Interviewing and Interrogation: A Review of Research and Practice Since World War II*. Brussels: Torkel Opsahl Academic EPublisher, 2023. p. 257-282.

HARTWIG, Maria.; GRANHAG, Pär-Anders. Strategic Use of Evidence: A Review of the Technique and Its Principles. In: OXBURGH, G. E.; MYKLEBUST, T.; FALLON, M.; HARTWIG, M. (org.). *Interviewing and Interrogation: A Review of Research and Practice Since World War II*. Brussels: Torkel Opsahl Academic EPublisher, 2023. p. 299-318.

KASSIN, Saul. M.; CLEARY, Hayley. M. D.; GUDJONSSON, Gísli. H.; LEO, Richard. A.; MEISSNER, Christian. A.; REDLICH, Allison. D.; SCHERR, Kyle. C. Police-induced confessions, 2.0: Risk factors and recommendations. *Law and Human Behavior*, v. 49, n. 1, p. 7-53, 2025. <https://doi.org/10.2139/ssrn.5151782>

KASSIN, Saul. M.; GOLDSTEIN, Christine. C.; SAVITSKY, Kenneth. Behavioral confirmation in the interrogation room: On the dangers of presuming guilt. *Law and Human Behavior*, v. 27, n. 2, p. 187-203, 2003. <https://doi.org/10.1023/a:1022599230598>

LACKEY, Jennifer. False Confessions and Testimonial Injustice. *Journal of Criminal Law and Criminology*, v. 110, n. 1, p. 43-68, 2020.

LINO, Denis. Dados de replicação para: Da Intuição à Técnica: Efeitos de um Treinamento em Entrevista Investigativa na Formação Inicial de Policiais Cíveis. SciELO Data. 2026. <https://doi.org/10.48331/SCIELODATA.A24QAE>, SciELO Data, V1, UNF:6:uJlXiRfOLhdyTK1Pg6IPbQ== [fileUNF]

LINO, Denis.; ROAZZI, Antonio. Tomada de Decisão Investigativa e a Entrevista com Suspeitos. In: GOMIDE, P. I. C.; CALIXTO, A. G. C. (org.). *Direito e Psicologia Forense: Tomada de decisão baseada no Direito e na Psicologia*. Curitiba: Editora Clássica, 2025. p. 94-115.

LINO, Denis.; BERNARDES, Monica.; CECCONELLO, William. W.; SANTOS, Natália. S. O Rapport como técnica para obtenção de informações em Entrevistas Investigativas. *Revista Brasileira de Segurança Pública*, v. 17, n. 2, p. 184-201, 2023. <https://doi.org/10.31060/rbsp.2023.v17.n2.1584>

LOFTUS, Elizabeth F. Eyewitness testimony. *Applied Cognitive Psychology*, v. 33, n. 4, p. 498-503, 2019. <https://doi.org/10.1002/acp.3542>

LUMLEY, Thomas.; DIEHR, Paula.; EMERSON, Scott.; CHEN, Lu. The importance of the normality assumption in large public health data sets. *Annual review of public health*, v. 23, n. 1, p. 151-169, 2002. <https://doi.org/10.1146/annurev.publhealth.23.100901.140546>

LYNN, Steven. J.; EVANS, James.; LAURENCE, Jean-Roch.; LILIENFELD, Scott. O. What do people believe about memory? Implications for the science and pseudoscience of clinical practice. *The Canadian Journal of Psychiatry*, v. 60, n. 12, p. 541-545, 2015. <https://doi.org/10.1177/070674371506001204>

MACHADO, Leonardo M. *Introdução crítica à investigação preliminar*. Editora D'Plácido, 2018.

MAGNO, Thiago. P. *A entrevista investigativa na polícia judiciária: fundamentos científicos para uma investigação policial epistemicamente orientada*. Dissertação (Mestrado em Estudos Jurídicos) – Must University, Miami, 2025.

MEISSNER, Christian. A.; REDLICH, Allison. D.; MICHAEL, Stephen. W.; EVANS, Jacqueline. R.; CAMILLETTI, Catherine. R.; BHATT, Sujeeta.; BRANDON, Susan. Accusatorial and information-gathering interrogation methods and their effects on true and false confessions: A meta-analytic review. *Journal of Experimental Criminology*, v. 10, n. 4, p. 459-486, 2014. <https://doi.org/10.1007/s11292-014-9207-6>

MORAES, Rafael. F. M. *Inquérito policial constitucional e devida investigação criminal*. São Paulo: Juspodivm, 2025.

MORAES, Rafael; GIAMPAOLI, Anderson. P. Provas dependentes da memória e investigação criminal: avanços no ensino da Academia de Polícia “Dr. Coriolano Nogueira Cobra”. *Revista Arquivos da Polícia Civil*, São Paulo, v. 62, p. 94-123, 2024.

MOSCATELLI, Livia. Y. N. Considerações sobre a confissão e o método Reid aplicado na investigação criminal. *Revista Brasileira de Direito Processual Penal*, v. 6, n. 1, p. 361-394, 2020. <https://doi.org/10.22197/rbdpp.v6i1.331>

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Manual on Investigative Interviewing for Criminal Investigation*. Disponível em: <https://www.jus.uio.no/smr/english/about/id/news/2024/un-manual-published.html>. Acesso em: 04 de maio de 2026.

POWELL, Martine. B.; HUGHES-SCHOLES, Carolyn. H.; SHARMAN, Stefanie. J. Skill in interviewing reduces confirmation bias. *Journal of Investigative Psychology and Offender Profiling*, v. 9, n. 2, p. 126-134, 2012. <https://doi.org/10.1002/jip.1357>

RUSSANO, Melissa. B.; MEISSNER, Christian. A.; ATKINSON, Dominick. J.; BRANDON, Susan. E.; WELLS, Simon; KLEINMAN, Steven. M.; JONES, Matthew. S. Evaluating the effectiveness of a 5-day training on science-based methods of interrogation with US federal, state, and local law enforcement investigators. *Psychology, Public Policy, and Law*, v. 30, n. 2, p. 105, 2024. <https://doi.org/10.1037/law0000422>

STEIN, Lilian. M.; ÁVILA, Gustavo. N. *Avanços científicos em psicologia do testemunho aplicados ao reconhecimento pessoal e aos depoimentos forenses*. Brasília: Ministério da Justiça, 2015. Disponível em: http://pensando.mj.gov.br/wp-content/uploads/2016/02/PoD_59_Lilian_web-1.pdf. Acesso em: 09 mar. 2025.

TAVAKOL, Mohsen; DENNICK, Reg. Making sense of Cronbach's alpha. *International journal of medical education*, v. 2, p. 53-55, 2011. <https://doi.org/10.5116/ijme.4dfb.8dfd>

VANDERHALLEN, Miet; VERVAEKE, Geert; HOLMBERG, Ulf. Witness and Suspect Perceptions of Working Alliance and Interviewing Style. *Journal of Investigative Psychology and Offender Profiling*, v. 8, n. 2, p. 110-130, 2011. <https://doi.org/10.1002/jip.138>

VRIJ, A.; HARTWIG, M.; GRANHAG, P. A. Reading lies: nonverbal communication and deception. *Annual Review of Psychology*, v. 70, p. 294–317, 2019. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-010418-103135>

WALSH, Dave; BULL, Ray. What really is effective in interviews with suspects? A study comparing interviewing skills against interviewing outcomes. *Legal and Criminological Psychology*, v. 15, n. 2, p. 305–321, 2010. <https://doi.org/10.1348/135532509X463356>

WALSH, Dave; BULL, Ray. Examining rapport in investigative interviews with suspects: Does its building and maintenance work?. *Journal of police and criminal psychology*, v. 27, n. 1, p. 73-84, 2012. <https://doi.org/10.1007/s11896-011-9087-x>

WALSH, Dave; BULL, Ray; AREH, Igor. (org.). *Routledge International Handbook of Investigative Interviewing and Interrogation*. Londres: Routledge, 2024. <https://doi.org/10.4324/9781003424444>

WILLIAMSON, Thomas. From interrogation to investigative interviewing: Strategic trends in police questioning. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, v. 3, n. 2, p. 89–99, 1993. <https://doi.org/10.1002/casp.2450030203>

Authorship information

Denis Victor Lino de Sousa. Doutor em Psicologia Cognitiva na Universidade Federal de Pernambuco. Mestre em Investigative and Forensic Psychology pela University of Liverpool, Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Pesquisador do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Cognição e Justiça (CogJus). E-mail: denisvictorlino@gmail.com

Anderson Pires Giampaoli. Doutorando em Direito Processual Penal pela Universidade de São Paulo. Mestre em Direito Probatório pela Universitat de Barcelona (Espanha). Especialista em Bases do Raciocínio Probatório pela Universidade de Girona. Professor da Academia de Polícia “Doutor Coriolano Nogueira Cobra” (ACADEPOL). Integrante do Grupo de Pesquisa “O Novo Direito Probatório”, vinculado à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e coordenado pelo professor Vitor de Paula Ramos. Membro do Grupo de Professores Supervisores em Entrevista Investigativa do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Cognição e Justiça (GPS-CogJus). Docente integrante da iniciativa “Provas Dependentes da Memória e Polícia Judiciária: ciência a serviço da melhoria do sistema de justiça criminal”, da Academia de Polícia “Doutor Coriolano Nogueira Cobra” (ACADEPOL), vencedora do 21º Prêmio Innovare 2024 na categoria Justiça e Cidadania. Delegado de polícia na Polícia Civil do Estado de São Paulo. E-mail: agiampaoli@uol.com.br.

Rafael Francisco Marcondes de Moraes. Doutor e Mestre pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP). Professor da Academia de Polícia “Dr. Coriolano Nogueira Cobra” (ACADEPOL). Graduado pela Faculdade de Direito de Sorocaba (FADI). Pesquisador Associado do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (NEV-USP). Membro do Grupo de Professores Supervisores em Entrevista Investigativa do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Cognição e Justiça (GPS-CogJus). Docente integrante da iniciativa “Provas Dependentes da Memória e Polícia Judiciária: ciência a serviço da melhoria do sistema de justiça criminal”, da Academia de Polícia “Dr. Coriolano Nogueira Cobra” (ACADEPOL), vencedora do 21º Prêmio Innovare na categoria Justiça e Cidadania. Delegado de Polícia do Estado de São Paulo. E-mail: rafaelfmmoraes@gmail.com.

Thiago Padovese Magno. Mestre em Direito Internacional pela Must University – Florida (Must). Especialista em Direitos Humanos e Segurança Pública no Brasil pela Academia de Polícia “Dr. Coriolano Nogueira Cobra” (Acadepol). Membro do Grupo de Professores Supervisores em Entrevista Investigativa do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Cognição e Justiça (GPS-CogJus). Docente integrante da iniciativa “Provas Dependentes da Memória e Polícia Judiciária: ciência a

serviço da melhoria do sistema de justiça criminal”, da Academia de Polícia “Dr. Coriolano Nogueira Cobra” (ACADEPOL), vencedora do 21º Prêmio Inovare na categoria Justiça e Cidadania. Investigador de Polícia do Estado de São Paulo. E-mail: prof.thiagomagno@gmail.com

William Weber Cecconello. Doutor e Mestre em Psicologia, com ênfase em Cognição Humana pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/University of Portsmouth. Professor de Psicologia e Professor Colaborador do Programa de Pós Graduação em Direito da Atitus e Coordenador do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Cognição e Justiça (CogJus). E-mail: william.cecconello@gmail.com

Additional information and author's declarations (scientific integrity)

Acknowledgement: Este trabalho foi financiado pelo Norwegian Centre for Human Rights (NCHR).

Conflict of interest declaration: the authors confirm that there are no conflicts of interest in conducting this research and writing this article.

Declaration of authorship: all and only researchers who comply with the authorship requirements of this article are listed as authors; all coauthors are fully responsible for this work in its entirety.

- *Denis Lino:* conceptualization, methodology, writing – original draft, writing – review and editing, final version approval.
- *Anderson Giampaoli:* conceptualization, data curation, investigation, writing – review and editing, final version approval.
- *Rafael Moraes:* data curation, investigation, writing – review and editing, final version approval.

- *Thiago Magno*: data curation, investigation, writing – review and editing, final version approval.
- *William Weber Cecconello*: conceptualization, methodology, data curation, investigation, writing – review and editing, final version approval.

Declaration of originality: the authors assure that the text here published has not been previously published in any other resource and that future republication will only take place with the express indication of the reference of this original publication; they also attest that there is no third-party plagiarism or self-plagiarism.

Data Availability Statement: In compliance with open science policies, the dataset of this article is available in an open repository at the following link: <https://doi.org/10.48331/SCIELODATA.A24QAE>

IA Statement: The authors declare that they are aware that the use of artificial intelligence must not supplant the human originality of the research, and that full responsibility for any errors or plagiarism rests entirely with the authors. No IA was used in the preparation of this research.

Editorial process dates (<https://revista.ibraspp.com.br/RBDPP/about>)

- | | |
|--|----------------------------|
| ▪ Submission: 20/08/2025 | Editorial team |
| ▪ Desk review and plagiarism check: 03/09/2025 | ▪ Editor-in-chief: 1 (VGV) |
| ▪ Correction round return 1: 18/09/2025 | ▪ Reviewers: 3 |
| ▪ Review 1: 06/11/2025 | |
| ▪ Review 2: 11/11/2025 | |
| ▪ Review 3: 14/11/2025 | |
| ▪ Transfer to V12N2: 20/11/2025 | |
| ▪ Preliminary editorial decision: 01/05/2026 | |
| ▪ Correction round return 2: 15/05/2026 | |
| ▪ Final editorial decision: 23/05/2026 | |

HOW TO CITE (ABNT BRAZIL):

LINO, Denis; GIAMPAOLI, Anderson P.; MORAES, Rafael F. M.; MAGNO, Thiago P.; CECCONELLO, William W. Da Intuição à Técnica: Efeitos de um Treinamento em Entrevista Investigativa na Formação Inicial de Policiais Cíveis. *Revista Brasileira de Direito Processual Penal*, vol. 12, n. 2, e1291, mai./ago. 2026. <https://doi.org/10.22197/rbdpp.v12i2.1291>



License Creative Commons Attribution 4.0 International.

O Controle de Admissibilidade das Convenções Probatórias no Processo Penal sob uma Perspectiva Epistêmica

*The Admissibility Control of Evidentiary Agreements in
Criminal Procedure from an Epistemic Perspective*

Matheus Morelli Sindona Bellizia¹

Fundação Getúlio Vargas – São Paulo/São Paulo, Brasil

math_bellizia@hotmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/8211969997860175>

 <https://orcid.org/0000-0002-8101-8274>

RESUMO: As convenções probatórias são atos processuais em que as partes estabelecem fatos e circunstâncias relevantes ao julgamento da causa sobre os quais não recaem controvérsias e que deixarão de ser objeto de discussão na fase instrutória. Na seara processual penal, a legitimação do poder punitivo deve obedecer a proteção de garantias constitucionais, com a máxima mitigação de erros judiciais, de forma que as estipulações probatórias encontram particular empecilho na validação da verdade, nesse contexto obtida pelo consenso entre acusação em defesa e não necessariamente a partir a correta verificação dos fatos que levam à correspondência de seus enunciados com o mundo empírico. Tendo isso em vista, e por meio de abordagem limitada à análise de ordenamentos normativos de países da América Latina, o presente estudo tem como objetivo compreender a extensão do juízo de admissibilidade — ou, simplesmente, de validade — das convenções probatórias à luz da epistemologia judiciária, que se presta a minimizar erros decorrentes da assunção de enunciados fácticos como verdadeiros sem a sua verificação cognoscitiva, enquanto preserva o caráter utilitário de tal instituto, que preza pela simplificação e economicidade processual, resguardando-se uma sentença justa ao fim do processo.

¹ Pós-graduando em Direito Penal Econômico pela Fundação Getúlio Vargas/SP. Graduado em Direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP. Advogado.

PALAVRAS-CHAVE: Convenções probatórias; controle de admissibilidade; epistemologia judiciária.

ABSTRACT: *Evidentiary agreements are procedural acts in which the parties establish facts and circumstances relevant to the judgment of the case that are not subject to dispute and will not be discussed during oral proceedings. In the field of criminal procedure, the legitimization of punitive power must comply with the protection of constitutional rights, aiming at the maximum reduction of judicial errors. Considering that, evidentiary agreements face obstacles concerning the validation of truth as they are based on consensus between prosecution and defense, and not necessarily on the accurate verification of facts that ensures the correspondence of the statements made with the empirical world. Therefore, and through an approach limited to the analysis of normative systems in Latin American countries, the present study seeks to comprehend the scope of the admissibility judgment – or simply, the validity – of evidentiary agreements in view of judicial epistemology. This epistemological framework seeks to minimize judicial errors resulting from the acceptance of factual statements as true without cognitive verification, while preserving the utilitarian nature of such an instrument, which values procedural simplification and cost-efficiency, ultimately safeguarding a fair decision at the conclusion of the trial.*

KEYWORDS: *Evidentiary agreements; admissibility control; judicial epistemology.*

SUMÁRIO: 1. Introdução; 2. Convenções Probatórias; 2.1. Notas Conceituais; 2.2. Epistemologia, Verdade e Verdade Consensual; 2.3. Duas Premissas Epistêmicas; 3. Fase Intermediária e as Convenções Probatórias; 3.1. Notas Conceituais; 3.2. Sobre a “Filtragem” das Convenções Probatórias; 4. O Controle das Convenções Probatórias; 4.1. Com Relação aos Enunciados Fáticos Convencionados; 4.2. Com Relação aos Elementos de Informação e Antecedentes Investigativos; 5. Conclusões; Bibliografia.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo estudar o controle de admissibilidade das convenções probatórias no processo penal à ótica da

epistemologia judiciária. Mais especificamente, procura-se compreender a atuação judiciária exercida na admissão dessas estipulações para determinar sua legitimidade, de forma a se responder o seguinte questionamento: “na seara processual penal, em que circunstâncias não se deve reconhecer a consensualidade das partes convenientes para preservar a justiça de uma sentença?”.

A relevância do tema está relacionada ao reconhecido caráter contra-epistêmico das convenções probatórias. Trata-se de acordos processuais por meio dos quais as partes estabelecem fatos e circunstâncias não controvertidos e/ou meios de provas que os darão como provados, subvertendo-se a lógica probatória epistêmica fundada na busca pela verdade e reconstrução histórica dos fatos, com o seu concebimento pautado na consensualidade.

A questão, também, esbarra na concepção de verdade consensual, da relevância dos enunciados acordados pelos sujeitos processuais e das noções de controle de admissibilidade dos elementos de informação na fase de preparação do juízo oral, quando, em contrapartida, as estipulações probatórias signifiquem um “sacrifício epistêmico” assumido pelo legislador, visam garantir maior celeridade ao processo e podem figurar como estratégia defensiva.

Destarte, faz-se relevante o exame dos limites das convenções probatórias e a atuação judiciária para o equilíbrio entre a economicidade desse mecanismo com a epistemologia jurídica, responsável por operar critérios racionais na escolha por enunciados fáticos preferíveis — dando-se enfoque à diminuição de erros judiciários com base em revisão bibliográfica, análise das disposições normativas de países latino-americanos que preveem tais estipulações em matéria processual penal e uma aproximação do tema ao cenário jurídico-criminal brasileiro.

2. CONVENÇÕES PROBATÓRIAS EM MATÉRIA PROCESSUAL PENAL

2.1. NOTAS CONCEITUAIS

As convenções probatórias são atos processuais em que os sujeitos do processo, defesa e acusação, dão como “provados” fatos e circunstâncias

que entendem não controvertidos — isto é, sobre os quais não recaem controvérsias² — e por isso não seriam objeto de discussão em juízo oral.³ Esses acordos são submetidos à apreciação judicial, podendo-se, à título de exemplo, estabelecer como incontroversos quais teriam sido os meios utilizados, ou não, para a prática de um crime patrimonial (v.g., roubo ou furto), resultando nesse caso em consenso acerca da reprovabilidade da conduta imputada e não incidência de qualificadoras, desde que não haja convênio sobre a culpa, com possíveis reflexos na dosimetria da pena se sobrevier condenação.

O antecedente imediato dessas estipulações é atribuído ao *Discovery* do direito anglo-saxão,⁴ que define o direito das partes “ao conhecimento das fontes de prova que cada uma delas possui para a condução adequada do julgamento oral (tradução livre)”⁵. Isso porque sua formalização pressupõe que os sujeitos processuais tenham a

² As referências relacionadas ao termo “controvérsia” se resumem às controvérsias fáticas que, no processo penal, se dão com a imputação de condutas penalmente relevantes pelo Ministério Público, ou querelante, e a sua negativa pela defesa — BADARÓ, Gustavo Henrique. *Processo Penal*. 8. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Thomson Reuters Brasil, 2020, p. 425.

³ HORVITZ LENNON, María Inés; LOPEZ MASLE, Julian. *Derecho procesal penal chileno*. Tomo II. Santiago: Editorial Jurídica del Chile, 2002, p. 41; GUERRERO PERALTA, Oscar Julián. *Fundamentos teórico constitucionales del nuevo procesal penal*. 2. ed. ampl. Bogotá: Ediciones Nova Jurídica, 2007, p. 305; ORÉ GUARDIA, Arsenio. *Derecho procesal penal peruano: análisis y comentarios al Código Procesal Penal*. Tomo II. Lima: Gaceta Jurídica, 2016, p. 444. Como “juízo oral”, entende-se a fase processual da persecução, posterior à admissão da acusação formal promovida pela acusação, pautada na busca pela reconstrução histórica dos fatos, tal como no “respeito ao contraditório e à ampla defesa, objetivando a verificação da acusação imputada e admitida na fase intermediária” — VASCONCELLOS, Vinícius Gomes de. Fundamento e função do processo penal: a centralidade do juízo oral e sua relação com as demais fases da persecução penal para a limitação do poder punitivo. *Revista Eletrônica de Direito Processual – REDP*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 229-260, mai./ago. 2018, p. 236-237.

⁴ ROSAS YATACO, Jorge. *La prueba en el nuevo proceso penal*. Volume I. Lima: Ediciones Legales E.I.R.L., 2016, p. 361.

⁵ “El discovery intenta facilitar a las partes la adquisición del conocimiento de las fuentes y elementos de prueba que posee cada una de ellas para el correcto desarrollo del juicio oral” — GUERRERO PERALTA, Oscar Julián. *Fundamentos teórico constitucionales ... op. cit.*, p. 292.

oportunidade de conhecer o material probatório da parte contrária antes da instrução processual; e somente com o conhecimento das provas que intentam a acusação e defesa é que se pode considerar as celebrar convenções probatórias.

Quanto à sua extensão e aplicabilidade, podem variar de acordo com a cultura jurídico-normativa dos ordenamentos que as positivam. Nos sistemas processuais chileno e colombiano, estipula-se sobre fatos e circunstâncias;⁶ enquanto no processo penal peruano⁷, pode-se convenicionar, inclusive, os meios de prova pelos quais se buscará demonstrar os fatos e/ou circunstâncias não controvertidas.⁸

Em linhas gerais, o extrato normativo que permeia esse instituto permite a conclusão de que os sujeitos processuais têm a faculdade de estabelecer enunciados não controvertidos — com os quais tanto a defesa quanto a acusação concordam ser críveis, sempre sob controle judicial —, viabilizando-se uma melhor depuração do tema *probandi* e, assim, protegendo a integridade do juízo oral para evitar debates infrutíferos, simulados ou derivados da atuação unilateral do Ministério Público em matéria probatória.⁹

O consenso acerca desses enunciados permite evitar dilações sobre tópicos que não gozam de interesse da acusação, conferindo maior economicidade aos atos processuais — principalmente àqueles relacionados ao juízo oral —, e celeridade como um todo ao procedimento

⁶ HORVITZ LENNON, María Inés; LOPEZ MASLE, Julian. Derecho procesal penal ... *op. cit.*, p. 41; ARANGO GIRALDO, Andres Felipe; BUSTAMANTE RÚA, Mónica María. Estipulaciones probatorias y verdades negociadas: una reflexión sobre los acuerdos probatorios en el sistema procesal penal colombiano. *Revista Brasileira de Direito Processual Penal — RBDPP*, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 1137-1172, set.-dez. 2023, p. 1147.

⁷ ROSAS YATACO, Jorge. La prueba en el nuevo ... *op. cit.*, p. 363.

⁸ No Brasil, por sua vez, esse mecanismo processual só encontra disposição na seara processual civil, na fase de saneamento do processo, conforme o art. 357, § 2º, do Código de Processo Civil. Sobre o tema, recomenda-se: YAR-SHELL, Flávio Luiz. Breves notas sobre a convenção das partes e poderes do juiz em matéria probatória. *Revista da Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro — EMERJ*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, jan./abr. 2018, p. 240-258.

⁹ ARANGO GIRALDO, Andres Felipe; BUSTAMANTE RÚA, Mónica María. Estipulaciones probatorias ... *op. cit.*, p. 1165.

penal.¹⁰ Também, promove-se uma maior participação da defesa na atividade probatória, sendo a instituição dessas convenções artifício útil ao desenvolvimento de estratégias defensivas e maior aproximação dos defensores com o órgão acusatório.

No entanto, embora as estipulações probatórias se prestem à agilidade da justiça criminal e ao direcionamento do curso probatório, a simplificação dos procedimentos deve ser sempre analisada com cuidado nas suas mais variadas formas.¹¹ Marina Gascón Abellán pontua que a resolução simplificada dos ditames processuais relacionada à consensualidade, com a finalidade de abreviá-los, tem o potencial de substituir “o conceito de verdade como ‘adequação ou correspondência’ pelo conceito de verdade como ‘consenso’”.¹²

Seria dizer que o consenso sobre fatos relevantes à causa teria o condão de desprender a “verdade” das concepções epistêmicas que guiam a sua busca no processo penal, angariando sentenças naquilo que delimitam as partes, em discrepância com a necessidade de verificação

¹⁰ HORVITZ LENNON, María Inés; LOPEZ MASLE, Julian. Derecho procesal penal ... *op. cit.*, p. 42; ROSAS YATACO, Jorge. La prueba en el nuevo ... *op. cit.*, p. 363; ARANGO GIRALDO, Andres Felipe; BUSTAMANTE RÚA, Mónica María. Estipulaciones probatorias ... *op. cit.*, p. 1155-1157.

¹¹ FERNANDES, Antonio Scarance. *Teoria geral do procedimento e o procedimento no processo penal*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2005, p. 60-61.

¹² GASCÓN ABELLÁN, Marina. *Os fatos no Direito: bases argumentativas da prova*. Tradução: Ravi Peixoto. São Paulo: Editora JusPodvim, 2022, p. 203 — A autora traz essa reflexão à ótica da justiça penal negociada, que também redunde de um consenso entre a acusação e defesa. No ponto, opta-se, aqui, por não classificar as convenções probatórias como um instituto da justiça negocial propriamente dita, já que melhor se encaixa na definição de justiça consensual (*latu sensu*) concebida por Françoise Tulkens e Michel Van de Kerchove: “um modelo que concede um lugar mais ou menos importante ao consentimento das partes interessadas, seja na forma positiva de aceitação, seja na forma negativa de ausência de recusa (tradução livre)”, muito embora as estipulações não sejam, em sua essência, ferramentas para a resolução de um caso penal, e sim para a fixação de um consenso sobre seus aspectos fácticos posteriormente valorado pelo julgador — La justice pénale : justice imposée, justice participative, justice consensuelle ou justice négociée? *Presses Universitaires Saint-Louis*, Bruxelas, p. 529-579, mai. 1996, [s.p.]. Em termos semelhantes: BADARÓ, Gustavo Henrique. *Epistemologia Judiciária e Prova Penal*. 2. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Thomson Reuters Brasil, 2023, p. 89 (v. nota de rodapé 27).

fática cognitivista¹³ e devida aplicação das normas penais, aspectos condicionados à validade de uma decisão penal.¹⁴ No ensinamento de Scarance Fernandes, a melhor solução para tal problemática está “em descobrir o ponto de equilíbrio entre a tensão decorrente da necessidade de um sistema processual viável, eficaz, e a imprescindibilidade de serem asseguradas as garantias da acusação e da defesa”.¹⁵

Referido equilíbrio reforça a importância do controle das convenções probatórias, intrinsecamente relacionado à atuação do magistrado na sua admissibilidade e verificação adequada dos fatos — sem a qual não se pode conceber uma decisão justa, resguardando-se o respeito às garantias constitucionais do acusado.¹⁶ Para a plena compreensão dessa problemática, os aspectos ligados à epistemologia judiciária, busca pela verdade e aos reflexos da verdade consensual merecem maiores considerações.

2.2. EPISTEMOLOGIA, VERDADE E VERDADE CONSENSUAL

Por definição, a epistemologia pós-cartesiana dá maior enfoque às rotas sociais de conhecimento e visa analisar os muitos caminhos para a crença que apresentam interações com agentes externos ao pensamento, surgindo da “natureza profundamente colaborativa e interativa da busca de conhecimento, especialmente no mundo moderno (tradução livre)”.¹⁷

¹³ “Uma atividade cognitiva, ainda que inclua inevitavelmente opções, convenções e momentos decisórios, não pode, por princípio, submeter-se a imperativos que não aqueles inerentes à procura da verdade” — FERRAJOLI, Luigi. *Direito e razão: Teoria do garantismo penal*. 3. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2002, p. 437.

¹⁴ *Ibid.*, p. 431-439.

¹⁵ FERNANDES, Antonio Scarance. Teoria geral do procedimento ... *op. cit.*, p. 61.

¹⁶ Nesse sentido, em particular, cf.: ZILLI, Marcos Alexandre Coelho. *A iniciativa instrutória do juiz no processo penal*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2003, p. 114-115.

¹⁷ “But given the deeply collaborative and interactive nature of knowledge seeking, especially in the modern world, individual epistemology needs a social counterpart: social epistemology” — GOLDMAN, Alvin. *Knowledge in a social world*. Nova Iorque: Oxford University Press Inc., 1999, p. 04. Como anota o autor, ao invés de se concentrar em um único indivíduo, como fez

Goldman leciona que, nesse espectro social, a epistemologia possui uma dimensão verificativa, que se preocupa com a determinação da verdade a partir da compreensão de práticas favoráveis ao conhecimento — em contraste com o erro e a ignorância.¹⁸

Essa dimensão do conhecimento epistêmico se volta à ciência processual para esclarecer se os procedimentos e regras que estruturam a regulação do processo conduzem genuinamente à averiguação da verdade,¹⁹ de forma que a epistemologia judiciária não representa um campo independente da ciência epistêmica, mas a sua incidência aos problemas que surgem da aplicação da lei.²⁰ Considerando-se que o enunciado fático é o objeto do processo penal, e não os fatos em si,²¹ a verificação de sua veracidade figura primordial ao embate de eventuais arbítrios e a consequente fragmentação de garantias.²²

Sobre a definição da “verdade”, trata-se de conceito amplo e que envolve discussões de giro linguístico, filosófico e político. Na esfera processual penal, entretanto, toma-se a sua noção correspondista, ou seja, de que a verdade deve ser entendida como a correspondência da descrição dos fatos à respectiva realidade, ao mundo real, empírico ou extraprocessual.²³ É dizer: cada enunciado fático é verdadeiro ou falso

a epistemologia cartesiana, a ciência epistêmica pós-cartesiana aborda a distribuição de conhecimento ou erro/ignorância dentro do conjunto social mais amplo.

¹⁸ *Ibid.*, p. 05.

¹⁹ LAUDAN, Larry. *Verdad, error y proceso penal*. Un ensayo sobre epistemología jurídica. Tradução: Carmen Vázquez e Edgar Aguilera. Madrid: Marcial Pons, 2013, p. 23.

²⁰ HAACK, Susan. *Evidence Matters: Science, Proof, and Truth in the Law*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2014, p. 06.

²¹ BADARÓ, Gustavo Henrique. Epistemologia Judiciária ... *op. cit.*, p. 70-73.

²² Como coloca Ferrajoli: “Podemos dizer, atendendo a uma antiga *hendíasis*, que se a ética é ‘sem verdade’, por serem os juízos éticos valorativos e não cognitivos, uma justiça penal não arbitrária deve ser em certa medida ‘com verdade’, quer dizer, baseada sobre juízos penais predominantemente cognitivos (de fato) e recognitivos (de direito), sujeitos como tais à verificação empírica” — Direito e razão: Teoria do garantismo penal ... *op. cit.*, p. 32-33.

²³ BADARÓ, Gustavo Henrique. Epistemologia Judiciária ... *op. cit.*, p. 83-90; TARUFFO, Michele. *Uma simples verdade*. O Juiz e a construção dos fatos. Tradução: Vitor de Paula Ramos. São Paulo: Marcial Pons, 2016, p. 95-101;

em função da existência ou inexistência do evento que descreve porque “a realidade externa existe e constitui a medida, o critério de referência que determina a veracidade ou falsidade dos enunciados que dela se ocupam”.²⁴ A adoção da verdade por correspondência possibilita a busca pela verificação válida, objetiva e racional de enunciados fáticos em contextos nos quais são postos em efeito procedimentos cognoscitivos, tornando-a um objeto de descoberta e apuração.²⁵ Com isso, a noção do que se tem por verídico é ordenada por valores epistêmicos instituídos para prover um conhecimento confiável sobre a realidade dos acontecimentos tidos no mundo extraprocessual.

Segundo Michele Taruffo, isso se reflete no âmbito processual com a possibilidade de se alcançar uma verdade *real* — e não meramente *formal* — acerca de fatos relevantes à tomada da decisão final através do emprego de instrumentos probatórios adequados e da atividade cognitiva que concerne à averiguação.²⁶

Daí, sobrevém a importância da atividade probatória guiada por valores epistêmicos, não apenas com enfoque na evidência e sua valoração, mas com detalhamento suficiente para compreender questões levantadas pelos procedimentos probatórios em suas mais variadas facetas.²⁷ Afinal, como ensina Jordi Ferrer-Beltrán, “a finalidade da prova como instituto jurídico é a de permitir alcançar o conhecimento acerca da verdade dos

FERRER-BÉLTRAN, Jordi. *Prova e Verdade no Direito*. Tradução: Vitor de Paula Ramos. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2017, p. 72-77 (v. nota de rodapé 27); GASCÓN ABELLÁN, Marina. Os fatos no Direito ... *op. cit.*, p. 75 e ss.

²⁴ TARUFFO, Michele. Uma simples verdade ... *op. cit.*, p. 100-101.

²⁵ TARUFFO, Michele. Verdade Negociada? Tradução: Pedro Gomes de Queiroz. *Revista Eletrônica de Direito Processual – REDP*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 13, p. 634-657, jan./jun. 2014, p. 638.

²⁶ Isso permite que o conhecimento produzido a partir das inferências na busca pela verdade se desvincule de aspectos mentais (subjetivos) do sujeito que as elaborou, mantendo a objetividade, racionalidade e confiabilidade dos enunciados — TARUFFO, Michele. Verdade Negociada? ... *op. cit.*, p. 639.

²⁷ “What we need is not only epistemological theory focused centrally on evidence and its evaluation [...] but also epistemological detailed enough to get a serious grip on specific questions raised by evidentiary procedures in the law; and, of course — well, true epistemological theory” — HAACK, Susan. Evidence Matters ... *op. cit.*, p. 06-07.

enunciados fáticos do caso”, devendo o julgador incorporar a proposição de enunciados e o resultado da prova a seu raciocínio.²⁸

Estabelecidas as definições de epistemologia e verdade no processo penal, parte-se agora ao estudo das noções de verdade por consenso, típica à aplicação das convenções probatórias, em se tratando de mecanismo baseado na consensualidade.²⁹ Inicialmente, destaca-se que a verdade *consensual* trava relação direta com o fenômeno do *construtivismo*, traduzido na ideia de que a verdade é constituída (ou “construída”) por consensos sociais, com o seu concebimento obtido da concordância entre os sujeitos que a determinam.³⁰

Ocorre que, no construtivismo, o saber não “entra em contato com os conhecimentos que [se] pretende conhecer” — em outras palavras, com a realidade empírica —, exaurindo-se no âmbito das construções mentais dos sujeitos.³¹ Isso se dá porque o consenso produz resultados aceitáveis sobre condições que sequer dependem da correspondência “enunciado x realidade”, partindo de inferências potencialmente subjetivas.³²

Além do mais, como delinea Gustavo Henrique Badaró, a crença (no sentido de estado psicológico, e não espiritual, ou dogmático) na qual se funda um consenso não precisa ter qualquer relação com a verdade empírica dos acontecimentos; do mero sentimento de certeza não se pode extrair qualquer conclusão a respeito da procedibilidade do que se crê.³³ E a verdade de uma proposição não só não requer consenso absoluto, como não exige que ninguém acredite nela.³⁴

Não se ignora que a alegação de um fato significa tão somente um ato de giro linguístico, de asserção meramente locutória e que não perpassa o status hipotético, justamente porque não houve a verificação

²⁸ FERRER-BÉLTRAN, Jordi. Prova e Verdade ... *op. cit.*, p. 79.

²⁹ ARANGO GIRALDO, Andres Felipe; BUSTAMANTE RÚA, Mónica María. Es-tipulaciones probatórias ... *op. cit.*, p. 1145.

³⁰ GOLDMAN, Alvin. Knowledge in a social ... *op. cit.*, p. 16-17.

³¹ TARUFFO, Michele. Verdade Negociada? ... *op. cit.*, p. 639.

³² BADARÓ, Gustavo Henrique. Epistemologia Judiciária ... *op. cit.*, p. 89.

³³ *Ibid.*, p. 89-90.

³⁴ GOLDMAN, Alvin. Knowledge in a social ... *op. cit.*, p. 12.

de sua veracidade ou falsidade.³⁵ No processo, a relação de correspondência entre uma alegação — seja de teor acusatório, seja defensivo — e a realidade extraprocessual permanece incerta até ser resolvida em sentença com base no êxito das provas, advertindo Mirjan Damaška que nos sistemas em que as partes determinam os fatos tidos como provados, inexistem motivos para se crer que não possam elas sentir-se motivadas a ocultar a verdade.³⁶ E mais, a verdade consensual coloca em risco o escopo político-processual inerente ao processo penal, instrumento de proteção de garantias e legitimação do poder estatal punitivo,³⁷ que em sua estrutura original de apuração certifica o valor de Justiça.³⁸

Assim, um instituto processual pautado na consensualidade sobre enunciados que importam à causa penal, tal qual ocorre nas estipulações probatórias, é de caráter proeminentemente *contra-epistêmico*,³⁹ já que a epistemologia judiciária tem como maiores premissas o cognitivismo e a produção de julgamentos precisos sobre eventos passados, maximizando a probabilidade de que esses julgamentos sejam, de fato, corretos, pois a busca pela verdade como condição da aplicação normativa tem elevado valor jurídico-social.⁴⁰ A ideia de que as partes possam versar sobre os fatos que embasarão uma decisão judicial soa estranha a esses valores, “como se da verdade dos fatos se pudesse ‘dispor’, com um negócio assim eficaz a vincular o juiz a ter por verdadeiro aquele fato sem nem ‘convencer-se da sua existência’”.⁴¹

³⁵ TARUFFO, Michele. Verdade Negociada? ... *op. cit.*, p. 648.

³⁶ DAMAŠKA, Mirjan. *Las caras de la justicia y el poder del Estado. Análisis comparado del proceso legal*. Santiago: Editorial Jurídica de Chile, 2000, p. 211.

³⁷ BADARÓ, Gustavo Henrique. Epistemologia Judiciária ... *op. cit.*, p. 90.

³⁸ ZILLI, Marcos Alexandre Coelho. Pelo movimento antropófago do processo penal: to bargain or not to bargain? Eis a questão. In: MALAN, Diogo (*et al.*) (Org.). *Processo penal humanista. Escritos em homenagem a Antonio Magalhães Gomes Filho*. Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2019, p. 172.

³⁹ Essa classificação é feita por Martina Cociña Cholaky: La dinámica entre la búsqueda de la verdad y las convenciones probatorias en le proceso penal. *Revista de Estudios de la Justicia*, — *REJ*, [s. l.], n. 18, p. 137-160, jan./jun. 2013, p. 148-150.

⁴⁰ ANDERSON, Terence; SCHUM, David; TWINING, William. *Analysis of Evidence*. 2. ed. Nova Iorque: Cambridge University Press Inc., 2005, p. 79-80.

⁴¹ TARUFFO, Michele. Verdade Negociada? ... *op. cit.*, p. 652.

2.3. DUAS PREMISSAS EPISTÊMICAS

O aspecto contra-epistêmico das estipulações probatórias, porém, não faz desse mecanismo de todo incompatível com a busca pela verdade no processo penal.

Tendo-se em vista que a apuração da verdade é o fim prioritário do processo em matéria de prova — mas não o seu *único*, havendo outras finalidades processuais —, a racionalidade instrumental das regras procedimentais não pode ser avaliada *apenas* com base na busca pela verdade, mas, também, com fundamento na finalidade a que esses ditames respondem em cada caso.⁴² Quer dizer, então, que tais regras perseguem fins outros do processo que não necessariamente condizem com o esclarecimento dos fatos — no caso das convenções probatórias, promovem a economicidade e simplificação do processo a que se prestam —, impondo para sua instituição um “sacrifício epistêmico”⁴³ a ser tomado pelo legislador.

Sem embargo, o sacrifício “verdade x economicidade” tomado com a incorporação das convenções probatórias abre uma margem de erro de 50% ao julgador porquanto o enunciado estipulado entre as partes, e não verificado por meios cognoscíveis, pode ser verdadeiro ou falso na mesma medida,⁴⁴ “incerteza binária” advinda de “uma possibilidade em duas que a decisão fundada sobre aquele enunciado seja errada”.⁴⁵ Isso implica possível aplicação indevida (injusta) dos ditames penais, de modo que é necessária a formulação de duas premissas de natureza epistêmica úteis à minimização dessa margem para somente depois se aprofundar sobre o controle de admissibilidade das estipulações probatórias — questão central ora discutida, e que também se presta a esse propósito —,

⁴² FERRER-BELTRÁN, Jordi. *Valoração Racional da Prova*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora JusPodvim, 2022, p. 114; LAUDAN, Larry. Verdade, error y proceso ... *op. cit.*, p. 24-25; TARUFFO, Michele. Uma simples verdade ... *op. cit.*, 160-161.

⁴³ A expressão é de Ferrer-Beltrán; *Ibid.*, p. 114-115.

⁴⁴ TARUFFO, Michele. Verdade Negociada? ... *op. cit.*, p. 654. O termo “erro” a que se diz respeito é dotado de sentido estritamente lógico e epistêmico, representando a assunção de fatos relevantes à causa penal como verdadeiros quando falsos, ou falsos quando verdadeiros — LAUDAN, Larry. Verdade, error y proceso ... *op. cit.*, p. 33-34.

⁴⁵ TARUFFO, Michele. Verdade Negociada? ... *op. cit.*, p. 654.

buscando-se o equilíbrio entre epistemologia, economicidade processual e estipulações probatórias.

A primeira delas diz respeito à necessidade da proposição ou existência de elementos que embasem os enunciados fáticos convencionados. Sistemas processuais como o equatoriano, chileno, venezuelano e colombiano não fazem menção expressa a essa exigência ou não determinam que as estipulações probatórias devem estar instruídas por esses dados; enquanto a legislação panamenha, mexicana, peruana, uruguaia e porto-riquenha dispõe que a validade das convenções está vinculada ao embasamento das hipóteses estipuladas.⁴⁶ Crê-se que o último modelo jurídico-normativo é o mais acertado. A segunda premissa, por sua vez, é a de que o enunciado fático estipulado pelas partes não deve, mesmo se devidamente acompanhado por elementos que o sustente, vincular o raciocínio do julgador na decisão final.

Ambas essas condições encontram fundamento na eventual sobreposição do consenso à verificação racional dos fatos na medida que, do contrário, o consenso deveria ser instruído por elementos que o justifiquem.

Na defesa de seus interesses, o objetivo das partes consistem em desenvolver narrativas persuasivas que minimizem pontos vulneráveis aos contra-argumentos da parte contrária.⁴⁷ De tal maneira, apesar de necessárias para que “fragmentos de informação esparsos” e “pedaços de acontecimentos” sejam inseridos em um complexo de fatos próprio à causa penal, a imprecisão das versões convencionadas sem alicerce empírico deriva da inexactidão extraprocessual de narrativas “abertas à

⁴⁶ Para uma visão geral e bem detalhada da aplicabilidade das convenções probatórias nos países da América do Sul e Central, com menção expressa às disposições normativas referentes e um mapeamento jurídico do tema em matéria internacional, recomenda-se.: ARANGO GIRALDO, Andres Felipe; BUSTAMANTE RÚA, Mónica María. Estipulaciones probatórias ... *op. cit.*, p. 1157-1164 (em especial, v. notas de rodapé 60-73).

⁴⁷ Por narrativas, tem-se um dispositivo analítico que pode ser usado para construir histórias complementando — mas não substituindo, uma análise detalhada do caso: “The narrative, as an analytical device, can be used to construct logical stories that could be supported by the evidence. A narrative is a device that complements, but cannot substitute for, a detailed analysis” — ANDERSON, Terence; SCHUM, David; TWINING, William. *Analysis of Evidence ... op. cit.*, p. 148.

suspeição”, traçando-se caminhos para se manipular a reconstrução histórica dos fatos, o que varia de acordo com o ponto de vista e interesses daqueles que constroem as versões fáticas.⁴⁸

Ter enunciados potencialmente inseridos com fim do encobrimento da verdade como *provados* pelo consenso seria desconsiderar a importância da prova, que possui o condão de dar confiabilidade a uma hipótese e promover cognição judicial imersa na motivação racionalista — isto é, relacionada à integração experimental e explanatória da matéria da evidência e sua relação com a hipótese tida como preferível.⁴⁹

Nos momentos iniciais do processo, em que são celebradas as estipulações probatórias, a contribuição das narrativas se limita à identificação de *espaços* cronológico-factuais que serão preenchidos por evidências.⁵⁰ Logo, pressupõe-se que os elementos de informação ou antecedentes investigativos nos quais as versões fáticas devem se suportar sejam, no mínimo, conduzidos à instrução processual para a produção de prova sob o crivo do contraditório, validação dos fatos condicionantes à aplicação da norma e determinação do valor de verdade dos enunciados que descrevem a sua ocorrência.⁵¹

A aplicação do direito sobre fatos não suficientemente demonstrados é, na expressão de Ada Pellegrini Grinover, “simplesmente inaceitável”, sendo imprescindível que o magistrado diligencie para alcançar o

⁴⁸ As expressões são de Michele Taruffo; Uma simples verdade ... *op. cit.*, p. 54-55, que alerta: “[...] perigos de erro, de incompletude, de manipulações e de reconstruções incorreta dos fatos são particularmente frequentes e sérios, podendo levar a equívocos dramáticos e a erros substanciais na decisão final da controvérsia” — *Ibid.*, p. 55.

⁴⁹ Tradução livre das expressões “experiential anchoring” e “explanatory integration” adotadas por Susan Haack em: *Evidence and Inquiry. Towards Reconstruction in Epistemology*. Oxford: Blackwell Publishers, 1993, p. 139 — “Justification is a matter of the experiential anchoring and explanatory integration of the subject’s evidence with respect to a belief; an explication in terms of the truth-conduciveness of belief-forming processes simply uses the wrong concepts, and consequently yields counter-intuitive consequences”.

⁵⁰ ANDERSON, Terence; SCHUM, David; TWINING, William. *Analysis of Evidence* ... *op. cit.*, p. 148.

⁵¹ FERRER-BELTRÁN, Jordi. Prova e Verdade ... *op. cit.*, p. 76; GOMES FILHO, Antonio Magalhães. *Direito à prova no processo penal*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1997, p. 55-56.

maior grau de probabilidade acerca dos fatos apurados no processo.⁵² Esse “poder” de apuração fática não pode ser exercido de maneira preponderante e sufocadora à atividade das partes, mas concretizado por meio de atuação esporádica voltada “à busca e ao recolhimento de elementos úteis para o melhor acerto fático”;⁵³ e muito menos se refere a uma tarefa investigativa, mas que se volta à instrução do processo para o concebimento de uma decisão justa ao seu fim.⁵⁴ Marcos Alexandre Coelho Zilli assevera que, em tese, a negociação sobre enunciados fáticos e seus efeitos jurídicos-penais não são intrinsecamente incompatíveis com um modelo ideal de justiça, mormente com o efetivo combate de influência utilitarista a um modelo processual excessivamente lento e demandante, mas a “grande discrepância entre a solução negociada e aquela obtida após o regular processo também lança sérias dúvidas sobre a aproximação da Justiça ao plano real”.⁵⁵

Isto posto, o consenso sobre enunciados fáticos não corresponde à sua veracidade ou falsidade, motivo pelo qual deve estar acompanhado de elementos que o suportem posteriormente submetidos ao crivo do contraditório e avaliação do magistrado (primeira premissa). Esse consenso, em adição, não deve vincular a decisão final (segunda premissa), figurando apenas como objeto de valoração do magistrado, até porque após a submissão dos seus elementos-suporte à instrução processual pode haver a produção de prova em contrário ao estipulado — seja por desconhecimento desses elementos à época em que foi celebrada a convenção, seja em função do que indica o conjunto de provas ao fim do processo.⁵⁶

⁵² GRINOVER, Ada Pellegrini. A iniciativa instrutória do juiz no processo penal acusatório. *Revista Brasileira de Ciências Criminais — IBCCRIM*, São Paulo, v. 07, n. 27, p. 71-79, jul./set. 1999, p. 74-75.

⁵³ ZILLI, Marcos Alexandre Coelho. A iniciativa instrutória ... *op. cit.*, p. 117.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 54.

⁵⁵ ZILLI, Marcos Alexandre Coelho. Pelo movimento antropófago ... *op. cit.*, p. 172. Sobre a necessidade de maiores expressões do consenso no processo penal, recomenda-se: OLIVEIRA, Rafael Serra. *Consenso no processo penal*. Uma alternativa para a crise do sistema criminal. São Paulo: Almedina Brasil, 2015.

⁵⁶ HORVITZ LENNON, María Inés; LOPEZ MASLE, Julian. Derecho procesal penal ... *op. cit.*, p. 43 (v. nota de rodapé 92, com menção à doutrina em sentido contrário).

Cumpre-se, conseqüentemente, uma função epistêmica na busca pela verdade que não esvazia a economicidade processual perseguida pelas convenções probatórias, mas minimiza os riscos de erro e garante a continuidade do modelo processual cognitivista de verificação. As duas premissas permitem que as versões fáticas lançadas ao processo permaneçam epistemicamente incertas para se afastar o subjetivismo das inferências realizadas por quem consente e preservar, futuramente, sua preferência (ou não) racionalmente motivada com base no arcabouço probatório constante na ação penal.

3. FASE INTERMEDIÁRIA E AS CONVENÇÕES PROBATÓRIAS

3.1. NOTAS CONCEITUAIS

A fase intermediária consiste no juízo de viabilidade da acusação no qual se verifica a sua admissão para que, caso aceita, seja instaurada a ação penal.⁵⁷ Esse momento permite ao acusado uma reação mais eficiente à imputação trazida, apreciando a precisão e clareza de todas as suas circunstâncias e razões acusatórias,⁵⁸ criando-se a concepção de um processo penal trifásico composto pela fase preliminar (ou fase investigatória), intermediária (elo entre o momento pré-processual e processual) e oral (fase instrutória).

No processo penal chileno, por exemplo, a denominada etapa de *preparación del juicio oral* se presta não apenas para a atividade voltada à admissão ou rejeição da peça acusatória; há possibilidade de se requerer a correção de vícios formais da acusação, exceções defensivas, suspensão condicional do processo, acordos de reparação, produção de prova antecipada ou sua exclusão etc.⁵⁹

⁵⁷ VASCONCELLOS, Vinícius Gomes de. Fundamento e função do ... *op. cit.*, p. 235.

⁵⁸ FERNANDES, Antonio Scarance. Teoria geral do procedimento ... *op. cit.*, p. 104-105.

⁵⁹ HORVITZ LENNON, María Inés; LOPEZ MASLE, Julian. Derecho procesal penal ... *op. cit.*, p. 35.

E é nessa oportunidade em que são estabelecidas as estipulações probatórias, lógica procedimental que se verifica de diversas legislações processuais penais, pois o controle de legalidade da acusação — exercido sob perspectiva ampla — engloba também o conhecimento das fontes de prova pela defesa, antes suprimidos como estratégia inquisitória e hoje remediados pelo *Discovery*,⁶⁰ antecedente imediato das convenções probatórias.

3.2. SOBRE A “FILTRAGEM” DAS CONVENÇÕES PROBATÓRIAS

O substrato normativo dos países latino-americanos que incorporaram esse instituto ao cenário processual penal condiciona a validade das estipulações probatórias à decisão do juiz de garantias,⁶¹ que avalia a sua procedência e legalidade para serem incorporadas ao juízo oral.

Exerce-se, assim, uma espécie de filtragem do convencionado, e, considerando-se a estabelecida premissa de que os enunciados fáticos acordados devem ser instruídos por elementos de informação e/ou antecedentes investigativos, esse filtro se estende a esses dados. Então, a atividade do magistrado na decisão sobre a validade das estipulações probatórias está diretamente ligada ao controle dos elementos inseridos no processo pelas partes (elementos de informação) e/ou produzidos na fase preliminar (antecedentes investigativos), funcionando como verdadeiro *filtro epistemológico*.⁶²

⁶⁰ PRADO, Geraldo. *A cadeia de custódia da prova no processo penal*. 1. ed. São Paulo: Marcial Pons, 2019, p. 72-74.

⁶¹ Por exemplo: no México (*Código Nacional de Procedimientos Penales*. Decreto CNPP, Diário Oficial da Federação em 5 de março de 2014. Art. 345), no Uruguai (*Código del Proceso Penal*. Ley no 19.293, de 19 de dezembro de 2014. Art. 268.3) e no Panamá (*Código Procesal Penal da República de Panamá*. Lei n.º 63, de 28 de agosto de 2008. Art. 343). Na Colômbia, de maneira diversa, o juiz que toma conhecimento da acusação, desenvolve o controle dos elementos de informação e estipulações probatórias na fase intermediária é o mesmo responsável pelo processo de conhecimento — ARANGO GIRALDO, Andres Felipe; BUSTAMANTE RÚA, Mónica María. *Estipulaciones probatorias ... op. cit.*, p. 1163-1164.

⁶² A expressão é de Renato Stanzziola Vieira na obra *Controle da Prova Penal: Obtenção e Admissibilidade*. 1. ed. São Paulo: Thomson Reuters Brasil, 2021,

Com isso, evita-se risco de que o juiz da causa questione tardiamente (v.g.) a licitude, pertinência e relevância dos elementos inseridos no processo, transportando-se as regras de admissão da prova e da convenção celebrada ao momento da sentença, de ônus mais pesado ao julgador na medida que maior e mais complexa a instrução, de modo a assegurar “que ao juiz seja endereçada a correspondência possível entre o material cognitivo válido e o evento que será julgado”.⁶³

Os enunciados acordados entre acusação e defesa, por lógica procedimental, igualmente devem estar sujeitos a esse controle. Da mesma forma que não se pode conceber estipulações probatórias fundadas em elementos de informação e antecedentes investigativos inadmissíveis, não se crê que aspectos fáticos (v.g.) irrelevantes à reconstrução histórica dos fatos (por contrariarem a economicidade almejada pelas estipulações probatórias) ou que versem positivamente sobre a culpabilidade do réu (renúncia ao direito à não autoincriminação) possam ser transponíveis na condição de “não controvertidos” ao juízo oral e objetos de valoração pelo julgador.

Em linhas gerais, o papel do magistrado no controle das convenções probatórias se traduz na aprovação de um ato processual formal e bilateral que só com a sua admissão terá virtualidade jurídica, em atenção à sua legalidade e utilidade,⁶⁴ tal como à natureza do objeto da convenção (enunciados) e dos elementos que o acompanham (embasamento).⁶⁵

p. 218. Sobre o tema e sua aplicação normativa no sistema processual latino-americano, recomenda-se o recorte feito pelo autor (p. 239-244), com especial atenção à nota de rodapé 47, que ensejou o questionamento objeto deste estudo.

⁶³ *Ibid.*, p. 253.

⁶⁴ Não se descarta que a avaliação de sua utilidade toma dois sentidos relevantes à eficácia das convenções probatórias: o de utilidade para esclarecimento dos fatos e sua reconstrução, com maior participação defensiva na produção de provas e nas fases do procedimento probatório; e utilidade para simplificação do processo e depuração probatória, prezando pelo propósito das estipulações realizadas.

⁶⁵ “A través del control judicial el juez evalúa la legalidad del acuerdo, además de la relación que debe existir entre el objeto de la convención con el objeto de prueba (pertinencia), que el objeto de la convención no esté prohibido por el ordenamiento (conducencia) y, finalmente, que los términos de la convención sean relevantes en función del hecho que se pretende acreditar

4. O CONTROLE DAS CONVENÇÕES PROBATÓRIAS

Viu-se que o instituto das convenções probatórias é pautado na consensualidade e no sacrifício epistêmico tomado pelo legislador para resguardar a simplificação processual, a duração razoável do processo e sua economicidade, princípios tutelados por instrumentalidade legal aquém daquela inerente à busca pela verdade.

Em seguida, foram estabelecidas duas premissas para a minimização da margem de erro de 50% tida com a assunção de enunciados fáticos por “verdadeiros” a partir do consenso, a saber: (primeira premissa) as convenções probatórias devem vir instruídas por elementos de informação ou estarem embasadas em antecedentes investigativos que as suportem; (segunda premissa) e as convenções probatórias não vinculam a atividade decisória do juiz, figurando, na realidade, como objeto de valoração judicial em conjunto com as provas produzidas ao longo da instrução.⁶⁶

Por fim, observou-se que o seu controle das estipulações probatórias é feito na fase intermediária, ou preparatória, da ação penal. Nesse momento, o magistrado avalia a sua validade e decide se a convenção comporta admissibilidade, seguindo para o juízo oral depois de um filtro das versões fáticas não controvertidas e dos elementos que as sustentam. Resta compreender a extensão e qualidade desse filtro, destrinchada adiante, em primeiro lugar, com relação aos enunciados fáticos convencioneados e, em segundo lugar, aos elementos de informação e/ou antecedentes investigativos respectivos.

4.1. COM RELAÇÃO AOS ENUNCIADOS FÁTICOS CONVENCIONADOS

Pensando-se na qualidade dos enunciados fáticos convencioneados, é indispensável, sobretudo, que sejam eles relevantes ao esclarecimento

(utilidad)” — ORÉ GUARDIA, Arsenio. Derecho procesal penal peruano ... *op. cit.*, p. 448.

⁶⁶ Como observa Cociña Cholaky, “las convenciones implican una aceleración del proceso, pero no la renuncia al juicio oral, pues aunque en estas exista una importante intervención de la voluntad de los intervinientes, solo persiguen reducir el tiempo de duración de los procedimientos” — La dinámica entre la búsqueda ... *op. cit.*, p. 150.

dos fatos apurados no processo. Afinal, a convenção sobre enunciados que não importam à reconstrução histórica ou não travam qualquer relação com o *thema probandum* torna o consenso entre partes inócuo e carente de sentido procedimental.

Contudo, as estipulações que versam sobre determinados enunciados não devem ser admitidas mesmo que envolvam conteúdo relevante para o esclarecimento dos fatos. Passa-se, a seguir, à análise desses enunciados por partes.

Quanto à sua conexão com o objeto da prova, existe uma classificação dupla de “fatos juridicamente relevantes”: os primários (principais, constitutivos, extintivos ou impeditivos), que representam a condição ou pressuposto para a aplicação dos efeitos penais (v.g., o ato do acusado de fazer inserir declaração falsa em documento público); e os secundários (simples ou periféricos) — que, do contrário, não recebem qualificação jurídica —, aqueles pelos quais se pode extrair informações acerca da veracidade ou falsidade das afirmações feitas sobre os fatos primários (v.g., dados referentes ao documento ideologicamente falso).⁶⁷

Os enunciados que versam sobre fatos primários não podem ser objeto das convenções probatórias⁶⁸ porque as conjecturas que discutem hipóteses dessa natureza constituem, extinguem ou modificam a aplicação de uma sanção penal,⁶⁹ definindo — na subsunção do fato à norma —, a sua culpa ou inocência.

⁶⁷ TARUFFO, Michele. *La Prueba de los Hechos*. Tradução: Jordi Ferrer-Beltrán. Madrid: Editorial Trotta, 2005, p. 119-120.

⁶⁸ Nesse sentido, dentre outros: ADAROS ROJAS, Silvana. Eficacia y límites de las convenciones probatorias en el proceso penal chileno. *Revista Ius et Praxis*, Talca, v. 27, n. 01, p. 210-228, mar. 2021, p. 221-222; ARANGO GIRALDO, Andres Felipe; BUSTAMANTE RÚA, Mónica María. Estipulaciones probatorias ... *op. cit.*, p. 1148-1149 e 1156; ORÉ GUARDIA, Arsenio. Derecho procesal penal peruano ... *op. cit.*, p. 449; SUCARI CRUZ, Rolando. Las convenciones probatorias en el Código Procesal Penal: dificultades para su aplicación en el sistema procesal penal peruano. *Revista de Derecho – Universidad Nacional del Altiplano de Puno*, Puno, v. 07, n. 01, p. 42-54, jan./jun. 2022, p. 50; SAN MARTÍN CASTRO, César. *Derecho procesal penal*. 2. ed. ampl. Lima: Instituto Peruano de Criminología y Ciencias Penales, 2020, p. 848.

⁶⁹ TARUFFO, Michele. *La Prueba de ... op. cit.*, p. 119.

Caso se tenha, como enunciado fático estipulado entre as partes, que a pessoa acusada fez inserir declaração falsa em documento público, tanto a acusação quanto a defesa a assumem culpada; de maneira diversa, caso se tenha que ela não o fez, há concordância de que o acusado é inocente. Na primeira situação, a estipulação sobre a culpa redundante de sua confissão materializada na convenção e até poderia contribuir para a reconstrução histórica dos fatos se instruída por antecedentes investigativos e elementos de informação.

Todavia, para além de configurar ofensa à garantia de não autoincriminação, a concordância da parte acusatória pode se dar por impulso de sua atuação pelo processamento do acusado ou por razões políticas, ideológicas e pessoais (em especial nas ações penais privadas), viabilizando-se o emprego das convenções probatórias como aparato de coação e ocultação da verdade. Não somente, é importante se atentar à possível *contaminação* do juiz da causa, que receberá, finda a fase intermediária, o processo do juiz de garantias com a admissão do enunciado não controvertido: “a pessoa que se acusa é culpada”. No ponto, a teoria da *dissonância cognitiva*, amplamente estudada para aprimoração do princípio da imparcialidade, define que todo sujeito busca uma relação não contraditória entre seu conhecimento e suas opiniões. Bernd Schünemann aponta que da restauração da “consonância cognitiva” decorrem dois efeitos principais — extensíveis à decisão tomada ao fim do processo pelo juiz da causa: a superestima de hipóteses que foram consideradas corretas, com o menosprezo por dados contrários a tais; e a procura seletiva por inferências que sustentem essas hipóteses.⁷⁰ Ou seja, estando o processamento de informações pelo magistrado distorcido pelo primeiro contato que trava com o processo, o consenso sobre a culpa do réu tenderia à sua condenação, afetando-se diretamente a sua imparcialidade, em sentido contrário ao propósito do juízo de garantias.

Isso inclui os enunciados que indiquem de maneira implícita que a conduta punível existiu ou que o acusado foi seu autor ou partícipe⁷¹

⁷⁰ SCHÜNEMANN, Bernd. *Estudos de direito penal, direito processual penal e filosofia do direito*. GRECO, Luís (Coord.). São Paulo: Marcial Pons, 2013, p. 205-221.

⁷¹ ARANGO GIRALDO, Andres Felipe; BUSTAMANTE RÚA, Mónica María. *Estipulaciones probatorias ... op. cit.*, p. 1157.

(v.g., semi-imputabilidade), circunstâncias que alteram a responsabilização penal. Silvana Adaro Rojas relembra que esses tópicos correspondem a questões de competência exclusiva do juízo oral, “cuja determinação não pode, conseqüentemente, ser deixada à discrição das partes por meio de acordos probatórios (tradução livre)”,⁷² descartando-se a reconstrução histórica dos fatos à moda cognoscitiva com risco de atribuir às estipulações probatórias a qualidade de mecanismo de resolução antecipada do processo.⁷³ Sob outro prisma, Rolando Sucari Cruz discorre que as estipulações probatórias podem versar sobre fatos primários ligados aos elementos do tipo, que possivelmente alterem a tipificação penal (v.g., o agente não exigiu, e sim solicitou vantagem indevida em razão da sua função pública, levando-se a crer que houve corrupção passiva, e não o crime de concussão), posicionamento do qual se discorda, ao menos quando celebradas na fase de preparação do juízo oral.⁷⁴ Tal porque, se o Ministério Público concorda com essa alteração, devia incorporá-la à denúncia oferecida por meio de seu aditamento, sucedido pela reabertura do contraditório.

Na segunda situação, a convenção pela absolvição do acusado não mostra lógica procedimental. Caso a acusação entenda que a pessoa acusada é inocente, que restou comprovada excludente de ilicitude ou culpabilidade, tal como a inexistência de condição ou justa causa para a instauração da ação penal, torna-se a convenção dispensável porque o próprio processo não deveria subsistir.

⁷² “En nuestra opinión, todos estos tópicos corresponden a cuestiones que son de exclusiva competencia del Tribunal de fondo, cuya determinación no puede, en consecuencia, quedar entregada a la disponibilidad de las partes por la vía de ser establecidas mediante las convenciones probatorias” — ADAROS ROJAS, Silvana. Eficacia y límites de las convenciones ... *op. cit.*, p. 221.

⁷³ ORÉ GUARDIA, Arsenio. Derecho procesal penal peruano ... *op. cit.*, p. 449; SAN MARTÍN CASTRO, César. Derecho procesal penal ... *op. cit.*, p. 484.

⁷⁴ Importante ressaltar que o autor citado analisa o cerne da questão considerando que as convenções probatórias podem ser celebradas em diversas fases da persecução penal, e não somente na fase intermediária, que está diretamente ligada ao que se pretende abordar no presente estudo — cf.: SUCARI CRUZ, Rolando. Las convenciones probatorias ... *op. cit.*

Os fatos secundários, porém, podem ser convencioneados entre as partes.⁷⁵ Em sendo, por definição, circunstâncias através das quais se pode fazer inferências sobre a questão central do processo (fatos primários), o consenso embasado em elementos de informação e antecedentes investigativos pode contribuir para uma reconstrução mais exata e célere dos fatos apurados, sem ignorar a racionalidade inerente à verificação probatória e preservando-se o caráter epistêmico da decisão final.

Por exemplo: a defesa de uma pessoa denunciada pela prática do delito de tráfico de drogas convencionou com o Ministério Público o fato de que ela faz o uso regular de *canabidiol* e possui salvo-conduto para tanto, apresentando laudo médico e decisão judicial que atestam essas circunstâncias. Nesse caso, o fato primário permanece epistemicamente incerto se houver suspeita de traficância em função da quantidade de pés de *cannabis sativa* que cultivava em sua casa⁷⁶ e da apreensão de balanças de precisão, podendo somente ser tido como verdadeiro ou falso após a valoração de todo o conjunto probatório produzido em sede de instrução (v.g., com o cálculo de quantos pés seriam necessários para extração do óleo usado para fins terapêuticos, fim esse reduzido em laudo) — tomando-se em consideração, é claro, o convencioneado (“o acusado possui salvo-conduto para fazer o uso de *cannabis*”).

Em panorama fático diverso, no qual um transeunte foi denunciado por matar um cachorro, efetuado disparos de arma de fogo contra ele, a defesa poderia convencionar com o Ministério Público que o animal não vestia focinheira e que avançava em direção do acusado com base no registro de câmeras de segurança obtidos na investigação preliminar,

⁷⁵ Entre outros: HORVITZ LENNON, María Inés; LOPEZ MASLE, Julian. Derecho procesal penal ... *op. cit.*, p. 43-44; ORÉ GUARDIA, Arsenio. Derecho procesal penal peruano ... *op. cit.*, p. 449; SUCARI CRUZ, Rolando. Las convenciones probatorias ... *op. cit.*, p. 50-52; ADAROS ROJAS, Silvana. Eficacia y límites de las convenciones ... *op. cit.*, p. 211-212.

⁷⁶ No caso, maior do que a de 6 (seis) pés, quantidade estabelecida com o julgamento do Recurso Extraordinário nº 635.659/STF para determinar a diferença entre o uso da droga para consumo pessoal (fato atípico) e tráfico de drogas (fato típico). O parâmetro da quantidade de pés de *cannabis*, para fins de responsabilização penal, tem sido flexibilizado na jurisprudência brasileira de acordo com as circunstâncias do caso concreto (v.g., TJSP, Autos nº 1504006-83.2024.8.26.0050; TJPR, Autos nº 0130887-80.2025.8.16.0000 e 0002059-03.2025.8.16.0118).

um antecedente investigativo. Aqui, também não se convencionou diretamente sobre circunstância que alteraria a responsabilização penal do denunciado — excludente de ilicitude consistente no estado de necessidade —, mas sobre circunstâncias secundárias através das quais se pode fazer inferências úteis à reconstrução dos fatos ao fim do processo. De toda forma, permanece incerto se havia outro meio menos lesivo para repudiar a investida do animal e se ele tinha capacidade matar ou ferir gravemente alguém naquela situação, dúvida a ser sanada por meio de outras provas colhidas durante a fase instrutória. Quando não, impera em prol do acusado, preservando-se o seu estado de inocência.

Quanto à qualidade, em sentido amplo, das circunstâncias convencionadas, Arango Giraldo e Bustamante Rúa ressaltam que a ambiguidade das convenções probatórias pode afetar gravemente a estrutura do processo porque a interpretação ambígua das partes, e mesmo do juiz da causa, levaria a crer “mais do que o estipulado ou muito menos do que a intenção das partes no momento do acordo (tradução livre)”.⁷⁷ Se as partes convencionarem que o acusado de tráfico, no exemplo mencionado mais acima, não se dedica à atividades criminosas e não integra organização criminosa para a incidência de causa de diminuição de pena⁷⁸ (no ordenamento jurídico brasileiro: art. 33, § 4º, da Lei nº 11.343/2006), o estipulado deve ter claro esse fim, sob pena de ser valorado como uma circunstância judicial favorável, implicando apenas na fixação da pena no mínimo legal, menos benéfica ao réu na dosimetria da pena.

Assim, o magistrado atento aos enunciados fáticos e circunstâncias convencionadas deve declarar inválida e inadmitir as estipulações

⁷⁷ “La ambigüedad en las estipulaciones probatorias puede afectar gravemente la estructura del proceso, porque de su entendimiento por ambas partes, y del mismo operador judicial, se puede derivar que se dé por acreditado más de lo que fue objeto de estipulación o mucho menos de la intención de las partes al momento del pacto” — ARANGO GIRALDO, Andres Felipe; BUSTAMANTE RÚA, Mónica María. Estipulaciones probatorias ... *op. cit.*, p. 1156.

⁷⁸ Note-se que a aplicação de uma atenuante ou causa de diminuição de pena não alteram a responsabilização penal do acusado em si (*guilty or not guilty*), mas são circunstâncias que importam à prolação de sentença justa por considerarem a necessidade de redução da reprimenda a ser aplicada, em paralelo à verificação racional de fatos ou circunstâncias ocorridos(as) no mundo extraprocessual (v.g., com conclusão extraída de extratos bancários e contrato de trabalho).

que alterem preliminarmente o quadro de responsabilização penal do acusado, declarem implicitamente a sua culpa ou sejam ambíguas, cenário último com o qual se preocupou o legislador chileno e panamenho, já que o juiz de garantias pode propor alterações à estipulação nesses modelos processuais.⁷⁹ Essa medida deve também estar acompanhada da análise criteriosa dos elementos que sustentam os enunciados estipulados, sob risco de se comprometer tanto a eficácia da primeira premissa epistêmica aqui colocada quanto a validade das inferências tomadas no controle de admissibilidade das convenções probatórias.

4.2. COM RELAÇÃO AOS ELEMENTOS DE INFORMAÇÃO E ANTECEDENTES INVESTIGATIVOS

O direito à prova no processo penal, que se resume ao direito das partes à introdução do material probatório no processo e de sua participação em todas as fases do seu procedimento, influenciando positivamente no convencimento do juiz, não deve ser confundido com um “direito absoluto à prova” e admite restrições legítimas.⁸⁰ Dentre elas, a lógica probatória segue a imposição limites de admissibilidade da prova de teor extraprocessual (formais, ou políticos) e processual (endoprocessual), este último subdividido em caráter lógico e epistemológico.

Os limites extraprocessuais se justificam pela necessidade de proteção das garantias constitucionais do acusado, alicerce da estrutura processual penal, mesmo que signifiquem colocar em risco a descoberta da verdade. Conforme leciona Badaró, “tais provas, ainda que tenham por objeto fatos pertinentes, relevantes e sejam de elevado potencial cognitivo para a reconstrução dos fatos, não serão admissíveis”.⁸¹

⁷⁹ CHILE. *Código Procesal Penal*. Ley n.º 19.696, de 29 de setembro de 2000. Art. 275; PANAMÁ. *Código Procesal Penal ... op. cit.* Art. 343.

⁸⁰ BADARÓ, Gustavo Henrique. Direito à prova e os limites lógicos de sua admissão: os conceitos de pertinência e relevância. In: KHALED JÚNIOR, Salah (Coord.). *Sistema Penal e Poder Punitivo*. Estudos em homenagem a Aury Lopes Jr. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2020, p. 375-415, p. 381.

⁸¹ *Ibid.*, p. 385.

Caso unicamente a prova ilícita e/ou dela derivadas embasem a *opinio delicti* ministerial,⁸² a sua inadmissibilidade obedece a proteção de direitos fundamentais e tem como único caminho a absolvição do acusado;⁸³ por outro lado, a prova eivada de ilicitude poderia embasar uma estipulação probatória em benefício do réu (obedecendo-se o estabelecido no subitem anterior), desde que haja demais elementos legalmente obtidos que sustentem a hipótese acusatória e inexista fator que obste o direito de ação do Ministério Público.⁸⁴

No rol dos limites processuais, sua vertente lógica se funda na inadmissibilidade de provas impertinentes, que não travam conexão com os fatos da causa; e de provas irrelevantes, que não tem a aptidão para verificar a veracidade ou falsidade de enunciados fáticos ligados a um fato primário (fatos secundários).⁸⁵ Os limites epistemológicos, por sua vez, restringem o ingresso de elementos de provas que gerariam uma reconstrução histórica dos fatos inexata, apesar de relevantes e dotados de elevado potencial persuasivo.⁸⁶

Em matéria das convenções probatórias, às provas impertinentes e irrelevantes não cabe suportar enunciados fáticos não controvertidos por serem contraproducentes para a apuração dos fatos, o que se aplica às provas supérfluas, que geram um resultado cognoscitivo já produzido, ou que poderia ser obtido por meio diverso, situações essas em que se causa prejuízo ao utilitarismo e à celeridade processual das estipulações.⁸⁷

Suponha-se que a partes tenham o intuito de convencionar sobre o lapso temporal de solicitação, elaboração e recebimento de um parecer

⁸² Com ressalva às obtidas por fonte independente ou descobertas inevitavelmente — GRINOVER, Ada Pellegrini; FERNANDES, Antonio Scarance; GOMES FILHO, Antonio Magalhães. *As nulidades no processo penal*. 8. ed. rev., ampl. e atual. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1997, p. 192-193.

⁸³ FERNANDES, Antonio Scarance. *Processo penal constitucional*. 7. ed. rev., ampl. e atual. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2012, p. 99.

⁸⁴ *Ibid.*, p. 91-94; GRINOVER, Ada Pellegrini; FERNANDES, Antonio Scarance; GOMES FILHO, Antonio Magalhães ... *op. cit.*, p. 116.

⁸⁵ GOMES FILHO, Antonio Magalhães. *Direito à prova ... op. cit.*, p. 131.

⁸⁶ BADARÓ, Gustavo Henrique. *Direito à prova ... op. cit.*, p. 384.

⁸⁷ *Ibid.*, p. 383. Isso não impede que seja realizada convenção com base nos elementos já constantes no processo e que dão causa à superfluidade (repetitividade ou contraproducência) da prova proposta.

jurídico interno pelo diretor de empresa acusado de crime contra a ordem tributária, instruindo questões referentes a determinados tributos, lapso (fato secundário) que nesse cenário interessa ao esclarecimento do fato primário (autoria de crime tributário). Nesse panorama, o enunciado fático convencionado poderia estar baseado no próprio parecer, prova documental a ser juntada pela defesa com vistas de convencionar com o Ministério Público. Se o parecer não versar sobre os tributos supostamente suprimidos ou reduzidos de maneira ilegal, não trava relação com os fatos apurados (prova impertinente); se nele não houvesse qualquer menção às datas em que foi solicitado, elaborado e recebido pelo diretor, não teria aptidão de verificar a veracidade ou falsidade do enunciado estipulado (prova irrelevante).

Em nenhum desses cenários o parecer, como prova documental, contribuiria para a formação de convicção do julgador, com o risco de se ter o enunciado não controvertido totalmente fundamentado no consenso entre as partes, atividade contra-epistêmica que preserva a margem de erro (50%) na assunção construtivista de que um fato importante ao julgamento do processo é verdadeiro — ou falso.

Por isso, o controle dos elementos e antecedentes que embasam uma estipulação entre partes é indispensável à avaliação de sua legalidade, pertinência e utilidade, sob pena, ainda de se inutilizar o fim da simplificação e economicidade que redunde desse mecanismo e impor ao juiz da causa o ônus — já em momento processual avançado, na valoração das convenções em sede de sentença — de determinar a inadmissibilidade das provas e do acordo.

Não se olvida que, malgrado as regras epistêmicas de admissibilidade se fundem na possibilidade de se produzir outras com melhor idoneidade e potencial cognitivo,⁸⁸ isso não necessariamente significa que provas semiplenas (ou não plenas), de menor qualidade epistêmica, devam automaticamente dar causa à inadmissibilidade da estipulação correspondente.⁸⁹ Ao primeiro porque, na lição de Taruffo, tais limites

⁸⁸ *Ibid.*, p. 384-385; e, até, na proteção da integridade das inferências resultantes da futura valoração das provas — TARUFFO, Michele. Uma simples verdade ... *op. cit.*, p. 171.

⁸⁹ As provas não plenas, em essência, são aquelas que não permitem a realização de inferências seguras acerca do enunciado que se pretende provar posto

ditos epistemológicos se realizam, na verdade, *anti-epistêmicos* por impedir o ingresso e valoração de informações potencialmente úteis ao convencimento judicial; e não se admitir uma prova pela consideração antecipada de seus resultados importa em prejulgamento que afronta o direito à prova.⁹⁰ Ao segundo, em virtude da “relatividade” dessa classificação probatória. Gascón Abellán bem delimita que “uma prova poderia ser em princípio considerada plena a respeito de um certo fato, e ao mesmo não plena acerca de fatos distintos”,⁹¹ levando-se a crer que ocasionalmente seria relevante ao esclarecimento de enunciados outros.

Ao terceiro, as convenções probatórias são *objetos de valoração* do juiz da causa, que deve proceder com a análise global do conjunto probatório sem se ater apenas ao convencido. Como se viu, o magistrado não está vinculado ao consenso entre as partes, devendo contrariar o enunciado convencido quando as provas produzidas ao longo da fase processual não condizerem com o objeto da estipulação (segunda premissa). Ao quarto, por fim, as provas semiplenas estão relacionadas à quantidade de inferências necessárias para se ter como provado um enunciado fático, e não à sua exatidão, em termos estritos, servindo de “elemento secundário” para tal.⁹²

Por conseguinte, para admissibilidade da convenção pautada em provas semiplenas, deve-se atentar à existência *concomitante* de elementos ou antecedentes investigativos para sustentá-la, devidamente invocados para celebrar-se uma estipulação. Tomando-se o exemplo anteriormente mencionado, se o consenso tiver fulcro único no parecer jurídico interno que guie uma reconstrução histórica inexata dos fatos quanto ao seu aspecto cronológico (a estipulação se funda no lapso temporal em que foi

que, de maneira isolada, não restariam suficientes para provar um fato relevante à causa — GASCÓN ABELLÁN, Marina. Os fatos no Direito ... *op. cit.*, p. 154-155; GOMES FILHO, Antonio Magalhães. Notas sobre a terminologia da prova (reflexos no processo penal brasileiro). In: YARSHELL, Flávio Luiz, MORAES, Maurício Zanoide de (Coord.). *Estudos em homenagem à professora Ada Pellegrini Grinover*. São Paulo: DPJ Editora, 2005, p. 303-318, p. 311.

⁹⁰ TARUFFO, Michele. Uma simples verdade ... *op. cit.*, p. 173, 176-177; GOMES FILHO, Antonio Magalhães. Direito à prova ... *op. cit.*, p. 132-133.

⁹¹ GASCÓN ABELLÁN, Marina. Os fatos no Direito ... *op. cit.*, p. 154-155.

⁹² *Ibid.*

solicitado, elaborado e recebido), de rigor obediência à primeira premissa epistêmica estudada, decretando-se a inadmissibilidade da estipulação ante a elevada incerteza do enunciado porque o parecer, por si só, não permite inferências seguras quanto ao enunciado-objeto da convenção.

Ao revés, nesse mesmo contexto, seria admissível se no curso da investigação forem obtidos e-mails e conversas (v.g.) que de maneira conjunta se prestem a embasar o enunciado que protagoniza a estipulação, pois o parecer interno, mesmo com datas inexatas, poderia embasá-la na condição de “elemento subsidiário”, gozando de informações potencialmente relevantes à tomada da decisão final, que envolve enunciados outros além do convencionado. Isso preserva o caráter utilitário das convenções probatórias e pressupõe que o consenso encontra fundamento em dados empíricos, tornando-se, no pior dos cenários, a prova semiplena (parecer) aproveitável para fins diversos daqueles convencionados.

Finalmente, as concepções trabalhadas podem gerar dúvidas quanto à possibilidade das partes em convencionar sobre quais provas devem formar o convencimento do juiz a respeito de um determinado enunciado. No modelo processual peruano existe disposição nesse sentido, como se extrai do artigo 350.2 da legislação processual penal: “Do mesmo modo, [as partes] poderão propor acordos sobre as prova necessárias para que determinados fatos sejam considerados provados (tradução livre)”.⁹³ A consequência prática dessa disposição está na exclusividade dos elementos convencionados para provar a hipótese fática convencionada, descartando-se a análise de outros elementos e proibindo-se a sua valoração. Em outras palavras: não haveria outro meio de provar o enunciado objeto da estipulação senão aquele convencionado, como reconhece a doutrina processual penal peruana.⁹⁴

⁹³ “Art. 350.2 – Los demás sujetos procesales podrán proponer los hechos que aceptan y que el Juez dará por acreditados, obviando su actuación probatoria en el Juicio. Asimismo, podrán proponer acuerdos acerca de los medios de prueba que serán necesarios para que determinados hechos se estimen probados. El Juez, sin embargo, exponiendo los motivos que lo justifiquen, podrá desvincularse de esos acuerdos; en caso contrario, si no fundamenta especialmente las razones de su rechazo, carecerá de efecto la decisión que los desestime” — PERU. *Código Procesal Penal*. Lei nº 9024, de 22 de julho de 2004.

⁹⁴ Nesse sentido, dentre outros: ROSAS YATACO, Jorge. La prueba en el nuevo ... *op. cit.*, p. 363; ORÉ GUARDIA, Arsenio. Derecho procesal penal peruano

Entre nós, trata-se de disposição problemática. É que, mesmo que o elemento ou antecedente convencionalizado seja efetivamente o mais persuasivo para sustentar a verificação de uma hipótese, existe possibilidade em contrário que coloca em risco a atividade cognoscitiva do juiz — potencialmente adstrito a um elemento de valor persuasivo questionável. Como alerta Damaška, a “hábil orquestração das provas mas bem pode obscurecer do que esclarecer o que ocorreu na realidade (tradução livre)”.⁹⁵

Além do mais, dispor sobre quais elementos de prova terão como provados um enunciado fático não só invade o convencimento racional do julgador, a quem unicamente incumbe decidir acerca da veracidade e falsidade desses enunciados, como fere as expressões epistêmicas do *total evidence principle*, segundo o qual a racionalidade de uma decisão deve se fundar em todas as evidências disponíveis (“é irracional usar apenas a parcela ou subconjunto dos dados disponíveis”).⁹⁶

Ainda, afeta-se diretamente a figura do *standard* de prova, que opera critérios de suficiência probatória para a preferência epistêmica por um enunciado. A premissa de que elementos de prova predeterminados sejam suficientes e preferíveis anula a função do *standard* como parâmetro racional adotado na valoração da prova e como artifício por meio do qual se justifica o ato decisório;⁹⁷ a prova antes estipulada pode não ser suficiente, fundamentando uma escolha fática ilógica, e a motivação da decisão estaria calçada, principalmente, no consenso entre as partes

... *op. cit.*, p. 450; SUCARI CRUZ, Rolando. Las convenciones probatorias ... *op. cit.*, p. 45-46.

⁹⁵ “Una hábil osquestación de las pruebas más bien puede obscurecer antes que clarificar lo que ha ocurrido en realidad” — DAMAŠKA, Mirjan. Las caras de la justicia ... *op. cit.*, p. 211. Em sentido similar conclui ZILLI, Marcos Alexandre Coelho. Pelo movimento antropófago ... *op. cit.*, p. 152-153.

⁹⁶ “Um escopo maior de evidências é geralmente um indicador melhor do valor de verdade de uma hipótese do que um corpo menor e contido de evidências, desde que todas as proposições sejam verdadeiras e o que elas indicam seja corretamente interpretado (tradução livre)” — GOLDMAN, Alvin. Knowledge in a social ... *op. cit.*, p. 145. Veja-se, no mesmo sentido: TARUFFO, Michele. Uma simples verdade ... *op. cit.*, p. 165-166.

⁹⁷ GASCÓN ABELLÁN, Marina. Sobre la posibilidad de formular estándares de prueba objetivos. *Cuadernos De Filosofía Del Derecho* — DOXA, [s. l.], n. 28, p. 127-139, 2005, p. 129.

acerca de seu valor, abrindo-se margens ao erro de se ter como verdadeiro um enunciado falso, ou falso um enunciado verdadeiro.

Nada disso impede que as partes convençionem sobre enunciados secundários extraídos dos antecedentes e elementos de provas constantes na persecução penal, utilizando-os como base epistêmica (primeira premissa); muito menos que proponham provas para formar esse “alicerce epistemológico”, participando ativamente da atividade probatória ao impulsioná-la e consentir sobre as *conclusões* tiradas de seu resultado, em que pese o concreto exercício do direito de ação e de defesa esteja “essencialmente subordinado à possibilidade de representar ao juiz a realidade do fato posto como fundamento das pretensões das partes”.⁹⁸

5. CONCLUSÕES

As convenções probatórias gozam de caráter contra-epistêmico; entretanto, a celeridade e economicidade processual inerentes a esse instituto não indicam a total incongruência de sua utilidade com os fundamentos epistêmicos da prova judiciária, a preservação de uma decisão justa ao fim do processo e a minimização de erros judiciais.

Para que esse equilíbrio se opere, faz-se necessária atenção à admissibilidade das estipulações acordadas entre acusação e defesa, de modo a se restringir o ingresso de enunciados que majorem as chances erro ou contrariem princípios outros além daqueles que tutelam a atividade probatória.

Então, primordialmente, deve-se assumir as convenções probatórias como objeto de valoração do juízo — e não como um consenso que vincula o julgador —, sendo válidas somente quando embasadas em antecedentes investigativos ou elementos de informação; a uma, reduzindo a elevada porcentagem de equívoco que a assunção de hipóteses objeto de consenso promove; a duas, preservando a base epistemológica da matéria probatória com o afastamento das noções de verdade construtivistas.

⁹⁸ GRINOVER, Ada Pellegrini; FERNANDES, Antonio Scarance; GOMES FILHO, Antonio Magalhães ... *op. cit.*, p. 99.

Em soma, necessária a observância e controle das convenções no que tange aos enunciados fáticos e elementos que os fundamentam. Quanto aos enunciados, não são admissíveis as convenções que versem sobre fatos primários, fatos irrelevantes ao julgamento da causa, que indiquem e/ou pressuponham culpa do acusado e que sejam ambíguos. Quanto aos antecedentes investigativos e elementos de informação, deve o magistrado inadmitir as estipulações fundadas em dados probatórios irrelevantes ou impertinentes, com ressalvas aos limites epistemológicos da admissibilidade da prova, caso a caso, e, entre nós, não haver a convenção sobre qual antecedente ou elemento “terá como provado” determinado fato.

Todos esses cuidados preservam a atividade integridade constitucional do processo penal e dão ao juiz base objetiva para não admitir estipulações inúteis ou inválidas, conferindo direcionamento probatório e fazendo valer a maior equanimidade das partes conferida pelo *Discovery*.

BIBLIOGRAFIA

ADAROS ROJAS, Silvana. Eficacia y límites de las convenciones probatorias en el proceso penal chileno. *Revista Ius et Praxis*, Talca, v. 27, n. 01, p. 210-228, mar. 2021. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-00122021000100210>.

ANDERSON, Terence; SCHUM, David; TWINING, William. *Analysis of Evidence*. 2. ed. Nova Iorque: Cambridge University Press Inc., 2005.

ARANGO GIRALDO, Andres Felipe; BUSTAMANTE RÚA, Mónica María. Estipulaciones probatorias y verdades negociadas: una reflexión sobre los acuerdos probatorios en el sistema procesal penal colombiano. *Revista Brasileira de Direito Processual Penal — RBDPP*, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 1137-1172, set.-dez. 2023. <https://doi.org/10.22197/rbdpp.v9i3.855>.

BADARÓ, Gustavo Henrique. *Epistemologia Judiciária e Prova Penal*. 2. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Thomson Reuters Brasil, 2023.

BADARÓ, Gustavo Henrique. Direito à prova e os limites lógicos de sua admissão: os conceitos de pertinência e relevância. In: KHALED JÚNIOR, Salah (Coord.). *Sistema Penal e Poder Punitivo*. Estudos em homenagem a Aury Lopes Jr. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2020, p. 375-415.

BADARÓ, Gustavo Henrique. *Processo Penal*. 8. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Thomson Reuters Brasil, 2020.

CHILE. *Código Procesal Penal*. Ley n.º 19.696, de 29 de setembro de 2000. Disponível em: <https://www.bcn.cl/leychile/navegar?idNorma=176595>. Acesso em: 01 set. 2025.

COCINHA CHOLAKY, Martina. La dinámica entre la búsqueda de la verdad y las convenciones probatorias em le proceso penal. *Revista de Estudios de la Justicia*, — *REJ*, [s. l.], n. 18, p. 137-160, jan./jun. 2013. <https://doi.org/10.5354/rej.v0i18.29921>.

DAMAŠKA, Mirjan. *Las caras de la justicia y el poder del Estado*. Análisis comparado del proceso legal. Santiago: Editorial Jurídica de Chile, 2000.

FERNANDES, Antonio Scarance. *Processo penal constitucional*. 7. ed. rev., ampl. e atual. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2012.

FERNANDES, Antonio Scarance. *Teoria geral do procedimento e o procedimento no processo penal*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2005.

FERRAJOLI, Luigi. *Direito e razão*: Teoria do garantismo penal. 3. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2002.

FERRER-BÉLTRAN, Jordi. *Prova e Verdade no Direito*. Tradução: Vitor de Paula Ramos. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2017.

FERRER-BELTRÁN, Jordi. *Valoração Racional da Prova*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora JusPodvim, 2022.

GASCÓN ABELLÁN, Marina. *Os fatos no Direito*: bases argumentativas da prova. Tradução: Ravi Peixoto. São Paulo: Editora JusPodvim, 2022.

GASCÓN ABELLÁN, Marina. Sobre la posibilidad de formular estándares de prueba objetivos. *Cuadernos De Filosofía Del Derecho — DOXA*, [s. l.], n. 28, p. 127–139, 2005. <https://doi.org/10.14198/DOXA2005.28.10>.

GOLDMAN, Alvin. *Knowledge in a social world*. Nova Iorque: Oxford University Press Inc., 1999.

GOMES FILHO, Antonio Magalhães. *Direito à prova no processo penal*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1997.

GOMES FILHO, Antonio Magalhães. Notas sobre a terminologia da prova (reflexos no processo penal brasileiro). In: YARSHELL, Flávio Luiz; MORAES, Maurício Zanoide de (Coord.). *Estudos em homenagem à professora Ada Pellegrini Grinover*. São Paulo: DPJ Editora, 2005, p. 303-318.

GUERRERO PERALTA, Oscar Julián. *Fundamentos teórico constitucionales del nuevo procesal penal*. 2. ed. ampl. Bogotá: Ediciones Nova Jurídica, 2007.

GRINOVER, Ada Pellegrini. A iniciativa instrutória do juiz no processo penal acusatório. *Revista Brasileira de Ciências Criminais — IBCCRIM*, São Paulo, v. 07, n. 27, p. 71-79, jul./set. 1999.

GRINOVER, Ada Pellegrini; FERNANDES, Antonio Scarance; GOMES FILHO, Antonio Magalhães. *As nulidades no processo penal*. 8. ed. rev., ampl. e atual. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1997.

HAACK, Susan. *Evidence Matters: Science, Proof, and Truth in the Law*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2014.

HAACK, Susan. *Evidence and Inquiry*. Towards Reconstruction in Epistemology. Oxford: Blackwell Publishers, 1993.

HORVITZ LENNON, María Inés; LOPEZ MASLE, Julian. *Derecho procesal penal chileno*. Tomo II. Santiago: Editorial Jurídica del Chile, 2002.

LAUDAN, Larry. *Verdad, error y proceso penal*. Un ensayo sobre epistemología jurídica. Tradução: Carmen Vázquez e Edgar Aguilera. Madrid: Marcial Pons, 2013.

MÉXICO. *Código Nacional de Procedimientos Penales*. Decreto CNPP, Diário Oficial da Federação em 5 de março de 2014. Disponível em: <https://mexico.justia.com/federales/codigos>. Acesso em: 20 jul. 2025.

OLIVEIRA, Rafael Serra. *Consenso no processo penal*. Uma alternativa para a crise do sistema criminal. São Paulo: Almedina Brasil, 2015.

ORÉ GUARDIA, Arsenio. *Derecho procesal penal peruano: análisis y comentarios al Código Procesal Penal*. Tomo II. Lima: Gaceta Jurídica, 2016.

PANAMÁ. *Código Procesal Penal da República de Panamá*. Lei n.º 63, de 28 de agosto de 2008. Disponível em: <https://www.corro-fernandezlawfirm.com/codigo-penal-procesal-republica-panama.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2025.

PERU. *Código Procesal Penal*. Lei n.º 9024, de 22 de julho de 2004. Disponível em: <https://diariooficial.elperuano.pe>. Acesso em: 07 set. 2025.

PRADO, Geraldo. *A cadeia de custódia da prova no processo penal*. 1. ed. São Paulo: Marcial Pons, 2019.

ROSAS YATACO, Jorge. *La prueba en el nuevo proceso penal*. Volume I. Lima: Ediciones Legales E.I.R.L., 2016.

SAN MARTÍN CASTRO, César. *Derecho procesal penal*. 2. ed. ampl. Lima: Instituto Peruano de Criminología y Ciencias Penales, 2020.

SCHÜNNEMANN, Bernd. *Estudos de direito penal, direito processual penal e filosofia do direito*. GRECO, Luís (Coord.). São Paulo: Marcial Pons, 2013.

SUCARI CRUZ, Rolando. Las convenciones probatorias en el Código Procesal Penal: dificultades para su aplicación en el sistema procesal penal peruano. *Revista de Derecho – Universidad Nacional del Altiplano de Puno*, Puno, v. 07, n. 01, p. 42-54, jan./jun. 2022. <https://doi.org/10.47712/rd.2022.v7i1.170>.

TARUFFO, Michele. *Uma simples verdade*. O Juiz e a construção dos fatos. Tradução: Vitor de Paula Ramos. São Paulo: Marcial Pons, 2016.

TARUFFO, Michele. *La Prueba de los Hechos*. Tradução: Jordi Ferrer-Beltrán. Madrid: Editorial Trotta, 2005.

TARUFFO, Michele. Verdade Negociada? Tradução: Pedro Gomes de Queiroz. *Revista Eletrônica de Direito Processual – REDP*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 13, p. 634-657, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/redp/article/view/11928>. Acesso em: 08 jul. 2025.

TULKENS, Françoise; VAN DE KERCHOVE, Michel. La justice pénale: justice imposée, justice participative, justice consensuelle ou justice négociée? *Presses Universitaires Saint-Louis*, Bruxelas, p. 529-579, mai. 1996, [s.p.]. <https://doi.org/10.4000/books.pusl.18855>.

URUGUAI. *Código del Proceso Penal*. Ley no 19.293, de 19 de dezembro de 2014. Disponível em: <https://www.impo.com.uy/bases/codigo-proceso-penal-2017/19293-2014>. Acesso em: 20 jul. 2025.

VASCONCELLOS, Vinícius Gomes de. Fundamento e função do processo penal: a centralidade do juízo oral e sua relação com as demais fases da persecução penal para a limitação do poder punitivo. *Revista Eletrônica de Direito Processual – REDP*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 229-260, mai./ago. 2018. <https://doi.org/10.12957/redp.2018.31959>.

VIEIRA, Renato Stanzziola. *Controle da Prova Penal: Obtenção e Admissibilidade*. 1. ed. São Paulo: Thomson Reuters Brasil, 2021.

YARSHELL, Flávio Luiz. Breves notas sobre a convenção das partes e poderes do juiz em matéria probatória. *Revista da Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro – EMERJ*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, jan./abr. 2018, p. 240-258. Disponível em: <https://ojs.emerj.com.br/index.php/revistadaemerj/issue/view/36>.

ZILLI, Marcos Alexandre Coelho. *A iniciativa instrutória do juiz no processo penal*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2003.

ZILLI, Marcos Alexandre Coelho. Pelo movimento antropófago do processo penal: to bargain or not to bargain? Eis a questão. In: MALAN, Diogo (*et al.*) (Org.). *Processo penal humanista*. Escritos em homenagem a Antonio Magalhães Gomes Filho. Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2019, p. 143-180.

Authorship information

Matheus Morelli Sindona Bellizia. Pós-graduando em Direito Penal Econômico pela Fundação Getúlio Vargas/SP. Graduado em Direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP. Advogado. math_bellizia@hotmail.com

Additional information and author's declarations (scientific integrity)

Acknowledgement: The author would like to thank the Editorial Team for their excellent review work throughout the article submission process. The corrections and suggestions provided were extremely valuable in improving the manuscript and enhancing the text. Special thanks are also extended to Professors Angelo Antonio Sindona Bellizia, Vinicius Gomes de Vasconcellos and Fábio Ramazzini Bechara for their encouragement to publish this work.

Conflict of interest declaration: the author confirms that there are no conflicts of interest in conducting this research and writing this article.

Declaration of authorship: all and only researchers who comply with the authorship requirements of this article are listed as authors; all coauthors are fully responsible for this work in its entirety.

Declaration of originality: the author assures that the text here published has not been previously published in any other resource and that future republication will only take place with the express indication of the reference of this original publication; he also attests that there is no third party plagiarism or self-plagiarism.

Data Availability Statement: In compliance with open science policies, all data generated or analyzed during this study are included in this published article.

IA Statement: The authors declare that they are aware that the use of artificial intelligence must not supplant the human originality of the research, and that full responsibility for any errors or plagiarism rests entirely with the authors. No IA was used in the preparation of this research.

Editorial process dates (<https://revista.ibraspp.com.br/RBDPP/about>)

- | | |
|--|----------------------------|
| ▪ Submission: 17/12/2025 | Editorial team |
| ▪ Desk review and plagiarism check: 20/12/2025 | ▪ Editor-in-chief: 1 (VGV) |
| ▪ Review 1: 29/12/2025 | ▪ Reviewers: 2 |
| ▪ Review 2: 07/02/2026 | |
| ▪ Preliminary editorial decision: 21/04/2026 | |
| ▪ Correction round return: 05/05/2026 | |
| ▪ Final editorial decision: 14/05/2026 | |
-

HOW TO CITE (ABNT BRAZIL):

BELLIZIA, Matheus Morelli Sindona. O Controle de Admissibilidade das Convenções Probatórias no Processo Penal sob uma Perspectiva Epistêmica. *Revista Brasileira de Direito Processual Penal*, vol. 12, n. 2, e1372, mai./ago. 2026. <https://doi.org/10.22197/rbdpp.v12i2.1372>



License Creative Commons Attribution 4.0 International.

Execução Penal

Criminal Execution

Assistência religiosa na execução penal moçambicana: liberdade religiosa, laicidade estatal e desafios normativos

Religious Assistance in the Mozambican Penal Enforcement System: Religious Freedom, State Secularism, and Normative Challenges

José Henriques Mutemba¹

Universidade Federal da Bahia – Salvador, BA, Brasil

Serviço Nacional Penitenciário, Moçambique

jmutemba34@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/0388739547939355>

 <https://orcid.org/0000-0002-2497-0605>

RESUMO: Este estudo analisa a assistência religiosa no âmbito da execução penal moçambicana, examinando-a como direito fundamental das pessoas privadas de liberdade e como possível instrumento de apoio à reintegração social. Pergunta-se em que medida a ausência de regulamentação específica e a permanência de dispositivos legais desatualizados comprometem a efetividade desse direito no sistema penitenciário moçambicano e quais parâmetros normativos permitem compatibilizá-lo com o princípio da laicidade. Adota-se abordagem metodológica interpretativa e abdução, com base na análise documental da legislação nacional e internacional aplicável e na revisão bibliográfica especializada. Parte-se da hipótese de que a eficácia da assistência religiosa depende da existência de diretrizes normativas claras, mecanismos estatais de supervisão e do respeito ao princípio da laicidade. Os resultados indicam que, embora possa contribuir para

¹ Doutorando em Direito pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil, bolsista CAPES. Mestre em Segurança Pública pela Academia de Ciências Policiais (ACIPOL), Moçambique. Licenciado em Ensino de Filosofia pela Universidade Pedagógica (UP), Moçambique. E-mail: jmutemba34@gmail.com.

a reintegração social, sua implementação permanece limitada por lacunas normativas, fragilidades institucionais e assimetrias no acesso entre diferentes confissões religiosas. Conclui-se que a liberdade religiosa, enquanto direito fundamental individual, deve ser distinguida do emprego institucional da religião como mecanismo de apoio à reintegração social, cuja legitimidade depende de regulação normativa, supervisão estatal e observância da laicidade.

PALAVRAS-CHAVE: Assistência religiosa; Execução penal; Liberdade religiosa; Sistema penitenciário; Moçambique.

ABSTRACT: *This study examines religious assistance within the Mozambican penal enforcement system, analyzing it both as a fundamental right of persons deprived of liberty and as a potential mechanism supporting social reintegration. It asks to what extent the absence of specific regulation and the persistence of outdated legal provisions undermine the effectiveness of this right within the prison system and which normative parameters may reconcile it with the principle of state secularism. An interpretive and abductive methodological approach is adopted, based on documentary analysis of applicable national and international legal frameworks, as well as a review of specialized literature. The study advances the hypothesis that the effectiveness of religious assistance depends on the existence of clear normative guidelines, state oversight mechanisms, and respect for the principle of state secularism. The findings indicate that, although religious assistance may contribute to reintegration, its implementation remains constrained by normative gaps, institutional weaknesses, and unequal access among religious denominations. The study concludes that freedom of religion, as an individual fundamental right, must be distinguished from the institutional use of religion as a social reintegration mechanism, whose legitimacy depends on normative regulation, state supervision, and respect for secularism.*

KEYWORDS: Religious assistance; Penal execution; Freedom of religion; Prison system; Mozambique.

INTRODUÇÃO

A religião pode ser compreendida como um conjunto de crenças, práticas e valores espirituais que conferem sentido à existência e orientam

condutas individuais e coletivas. No contexto prisional, assume relevância particular ao se projetar simultaneamente como direito fundamental da pessoa privada de liberdade e como possível instrumento de apoio à reintegração social. A liberdade religiosa é amplamente protegida por instrumentos jurídicos internacionais, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos e o Pacto Internacional sobre Direitos Civis e Políticos, os quais asseguram o direito à crença, ao culto e à consciência, inclusive em situações de privação da liberdade.

No âmbito específico da execução penal, destacam-se ainda as Regras Mínimas das Nações Unidas para o Tratamento de Reclusos (Regras de Mandela), bem como as Regras de Bangkok, voltadas às mulheres privadas de liberdade, e as Regras de Beijing, destinadas a adolescentes em conflito com a lei. Esses instrumentos reforçam a compreensão de que a pena privativa de liberdade não autoriza a supressão de direitos fundamentais não atingidos pela condenação, devendo a execução penal orientar-se pela dignidade humana e pela finalidade de reintegração social.

Em Moçambique, o direito à assistência religiosa encontra respaldo constitucional e infraconstitucional, notadamente no Estatuto Orgânico do Serviço Nacional Penitenciário (SERNAP), aprovado pelo Decreto n.º 63/2013, no Regulamento Interno do SERNAP, instituído pelo Diploma Ministerial n.º 159/2014, e no Código de Execução das Penas, estabelecido pela Lei n.º 26/2019. Apesar desse reconhecimento jurídico, persiste a ausência de regulamentação específica sobre a atuação religiosa nos estabelecimentos penitenciários, circunstância que pode comprometer a efetividade da liberdade religiosa, gerando assimetrias no acesso, lacunas de supervisão estatal e potenciais tensões com o princípio da laicidade.

Essa lacuna normativa adquire contornos ainda mais sensíveis no contexto prisional contemporâneo, especialmente diante de desafios relacionados à segurança e à prevenção do extremismo violento. Na província de Cabo Delgado, no norte de Moçambique, desde 2017 grupos jihadistas têm promovido ataques terroristas, e parte de seus integrantes encontra-se atualmente privada de liberdade em unidades penitenciárias consideradas estratégicas, situadas tanto na região norte quanto no sul do país. Tal cenário reforça a necessidade de compreender a assistência religiosa não apenas como prática espiritual, mas também como política

pública que demanda regulação clara, critérios objetivos e mecanismos de controle institucional.

Diante desse contexto, pergunta-se em que medida a ausência de regulamentação específica da assistência religiosa e a permanência de dispositivos normativos desatualizados comprometem a efetividade da liberdade religiosa no sistema penitenciário moçambicano e quais parâmetros jurídicos permitem compatibilizar sua implementação com o princípio da laicidade e com os objetivos de reintegração social da execução penal. Com base nessa questão, o presente estudo objetiva analisar criticamente a assistência religiosa no sistema penitenciário moçambicano, examinando o quadro normativo vigente, os desafios institucionais existentes e as possibilidades de aperfeiçoamento dessa prática à luz dos direitos fundamentais e do garantismo penal.

A investigação parte da hipótese de que a assistência religiosa, embora constitua expressão da liberdade religiosa e possa atuar como mecanismo complementar de apoio à reintegração social, somente produz resultados juridicamente legítimos quando inserida em estrutura normativa clara, supervisionada pelo Estado e orientada pelos princípios da igualdade interconfessional e da laicidade. Sustenta-se que a ausência desses parâmetros reduz a efetividade do direito e favorece assimetrias institucionais entre diferentes grupos religiosos.

Para alcançar esses objetivos, adota-se uma abordagem metodológica de natureza qualitativa, interpretativa e abdução, com base na análise documental e na revisão bibliográfica. O percurso metodológico concentra-se no exame crítico de normas jurídicas nacionais e internacionais, decretos, regulamentos, estatutos, relatórios institucionais e literatura especializada que tratam da assistência religiosa no contexto da execução penal. A análise documental, compreendida como técnica de interpretação sistemática de textos normativos e institucionais, permite identificar contradições, lacunas e convergências entre o plano jurídico-formal e as práticas efetivamente observadas no sistema penitenciário.

A abordagem abdução orienta-se pela formulação de explicações plausíveis a partir das evidências extraídas do corpus documental analisado, enquanto a análise de conteúdo, conduzida com categorias previamente definidas — tais como arcabouço normativo, desafios institucionais e práticas confessionais —, possibilita a organização e a interpretação dos

dados. Utiliza-se ainda a triangulação documental, conforme assinala Creswell, como estratégia para reforçar a validade e a confiabilidade dos achados, mediante a comparação de fontes normativas, doutrinárias e institucionais.²

A pesquisa observa rigorosamente os princípios da integridade científica, utilizando exclusivamente fontes públicas e acadêmicas. Reconhece-se, como limitação metodológica, a ausência de dados empíricos primários, como entrevistas ou questionários, o que restringe a apreensão de dimensões subjetivas da experiência prisional. Ainda assim, o conjunto documental analisado oferece base suficiente para uma compreensão crítica do modelo normativo vigente e para a proposição de parâmetros juridicamente viáveis para o fortalecimento da assistência religiosa no sistema penitenciário moçambicano.

1. FUNDAMENTOS TEÓRICOS E NORMATIVOS DA ASSISTÊNCIA RELIGIOSA NA EXECUÇÃO PENAL

1.1. RELIGIÃO, EXECUÇÃO PENAL E CONTROLE SOCIAL

A pena privativa de liberdade, no Estado democrático de direito, não se limita à neutralização do infrator, devendo orientar-se pela preservação da dignidade humana e pela reintegração social do condenado. A execução penal, nesse contexto, assume caráter garantista, impondo ao Estado o dever de assegurar condições mínimas para o exercício dos direitos fundamentais das pessoas privadas de liberdade, inclusive a liberdade religiosa.

O termo “penitenciário” remete historicamente à noção de penitência, associada a práticas de arrependimento e disciplina moral. Michel Foucault demonstra, contudo, que o cárcere moderno não se restringe à punição física, operando como um mecanismo disciplinar de vigilância, normalização e correção das condutas.³ Essa racionalidade punitiva eviden-

² CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 224.

³ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da prisão*. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

cia a tensão estrutural entre punição e reintegração social, especialmente em sistemas penitenciários marcados por precariedades institucionais. Nesse contexto, a religião emerge como elemento simbólico de mediação moral, frequentemente associada à ideia de transformação subjetiva do indivíduo privado de liberdade.

Garland aponta que o sistema penal contemporâneo opera com múltiplas funções — controle, prevenção, punição e reintegração —, exigindo equilíbrio entre segurança institucional e proteção de direitos fundamentais.⁴ Inserida nesse campo ambivalente, a assistência religiosa pode atuar como instrumento de apoio emocional e reconstrução identitária, desde que permaneça complementar às políticas públicas de execução penal e não seja convertida em mecanismo informal de gestão ou controle disciplinar do ambiente prisional. Antônio Oliveira observa que o cárcere é frequentemente concebido como uma “escola do vício e do crime”, reforçando uma cultura disciplinar e punitiva profundamente enraizada nos sistemas penitenciários.⁵ Essa concepção é amplamente corroborada pela criminologia crítica, que identifica as prisões como instituições totais, nos termos de Erving Goffman, caracterizadas pela despersonalização, pelo isolamento social e pela ruptura de vínculos comunitários.

Em contraposição a essa lógica desumanizante, autores como Luigi Ferrajoli⁶ e Sebastian Borges de Albuquerque Mello⁷ sustentam que a execução da pena deve subordinar-se aos princípios do garantismo penal, segundo os quais a privação da liberdade não autoriza a supressão de direitos fundamentais não atingidos pela condenação, em consonância com os valores do Estado democrático de direito.

⁴ GARLAND, David. *A cultura do controle: crime e ordem social na sociedade contemporânea*. São Paulo: Revan, 2001.

⁵ OLIVEIRA, Antônio Genivaldo C. de. *A religião na literatura das relações internacionais: abordagens teóricas, desafios e temas em discussão*. *Rever: Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, v. 21, n. 2, 2021, p. 147.

⁶ FERRAJOLI, Luigi. *Direito e razão: teoria do garantismo penal*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2002.

⁷ MELLO, Sebastian. *O novo conceito material da culpabilidade: o fundamento da imposição da pena a um indivíduo concreto em face da dignidade da pessoa humana*. 2ª ed., São Paulo: Tirant Lo Blanch, 2023.

Essa compreensão aproxima-se da literatura contemporânea sobre execução penal orientada pelos direitos fundamentais, segundo a qual a execução da pena não representa suspensão da condição jurídica do condenado, mas espaço permanente de incidência das garantias constitucionais. Sob essa perspectiva, o exercício da liberdade religiosa no cárcere não pode ser tratado como benefício administrativo ou concessão discricionária, mas como manifestação do conteúdo mínimo dos direitos preservados durante a privação da liberdade.⁸

Historicamente, a assistência religiosa nos estabelecimentos prisionais foi fortemente influenciada pela tradição cristã. Cezar Roberto Bitencourt, ao dialogar com Hans von Hentig, observa que o pensamento eclesiástico exerceu papel relevante na conformação das penas modernas, ao atribuir valor corretivo à oração, ao arrependimento e à contrição.⁹ Embora tais experiências sejam frequentemente associadas a resultados positivos, elas não autorizam concluir que a religiosidade produza, por si só, efeitos automáticos de reintegração social. Martins reforça que “o método de ressocialização, que tenha como meio a religiosidade, dá uma chance aos presos de voltarem às suas famílias e ao convívio social, transformados em bons cidadãos”.¹⁰ De Araújo e Felix evidenciam a figura do “preso-pastor” como símbolo de liderança e respeito, reconfigurando hierarquias internas e facilitando a reinserção.¹¹

A distinção entre religiosidade e espiritualidade revela-se conceitualmente relevante. Enquanto a religiosidade se vincula a estruturas

⁸ CACICEDO, Patrick. *O controle judicial da execução penal no Brasil: ambiguidades e contradições de uma relação perversa*. *Revista Brasileira de Direito Processual Penal*, v. 4, n. 1, 2018. Em sentido convergente, o autor sustenta que a execução penal deve ser compreendida como espaço de efetivação de direitos fundamentais e não como mera gestão administrativa da pena.

⁹ HENTIG, Hans von. Apud BITENCOURT, Cezar Roberto. *Falência da pena de prisão: causas e alternativas*. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2017, s/p.

¹⁰ MARTINS, César Henrique Pereira. *Religião e pena: a influência da religiosidade na vida do preso*. Monografia apresentada ao Curso de Direito do Centro Universitário Atenas, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Direito. Paracatu, 2021, p. 25.

¹¹ DE ARAÚJO, Teresinha Teixeira de; FELIX, Elizabeth Rodrigues. *Religião e prisão: liberdade na diversidade*. *Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social*, v. 1, n. 1, 2018, p. 8.

confessionais organizadas, a espiritualidade refere-se a experiências subjetivas de sentido e transcendência, independentes de dogmas institucionais.¹² Essa diferenciação é fundamental para evitar leituras reducionistas da assistência religiosa, sobretudo no contexto prisional, onde a adesão religiosa deve ser sempre voluntária e livre de coerção explícita ou simbólica.

Contudo, a presença religiosa nos presídios não está isenta de controvérsias. De Araújo e Felix observam que “religião e prisão demarcam identidades e territórios, concretos e simbólicos”, sendo temas abordados por legislações nacionais e internacionais.¹³ A ausência de critérios normativos claros pode dificultar a garantia de acesso equitativo à assistência espiritual e ampliar riscos de instrumentalização institucional das práticas religiosas no ambiente prisional. Portanto, do ponto de vista jurídico, a assistência religiosa não pode ser compreendida como favor estatal, mas como direito fundamental integrante do conteúdo mínimo da execução penal humanizada. Todavia, sua utilização como mecanismo de apoio à reintegração social exige parâmetros normativos, supervisão institucional e garantia de igualdade interconfessional, evitando que a experiência religiosa seja convertida em critério informal de disciplina, mérito ou boa conduta prisional. Assim, a abordagem teórica adotada neste estudo parte da premissa de que a religião, na execução penal, deve ser analisada criticamente, à luz dos princípios da laicidade estatal, da dignidade humana e da igualdade material.

1.2. A ASSISTÊNCIA RELIGIOSA E A REINTEGRAÇÃO SOCIAL NA EXECUÇÃO DA PENA

A reintegração social constitui finalidade expressa e implícita da execução penal contemporânea, sendo reconhecida tanto em instrumentos internacionais de direitos humanos quanto nas legislações nacionais. Nesse contexto, a assistência religiosa tem sido frequentemente associada a efeitos positivos no processo de reintegração social como a redução

¹² PESSANHA, Priscila Paes; ANDRADE, Edson Ribeiro. *Religiosidade e prática clínica: um olhar fenomenológico existencial*. Perspectivas Online, Campos dos Goytacazes, v. 3, n. 10, 2009. p. 78.

¹³ DE ARAÚJO; FELIX, 2018, p. 1.

de conflitos institucionais, o fortalecimento emocional dos reclusos e a reconstrução de projetos de vida. Conforme observam Pereira e Novais, “a religião pode desempenhar um papel significativo na ressocialização de apenados, oferecendo um caminho para a transformação espiritual e social que pode levar à redução da reincidência criminal”.¹⁴ Todavia, tais efeitos devem ser interpretados com cautela, evitando-se presumir relação automática entre prática religiosa e processos de reintegração social. Estudos empíricos indicam que práticas religiosas podem contribuir para a estabilização do ambiente prisional, oferecendo espaços de escuta, reflexão ética e pertencimento comunitário. Contudo, a literatura também adverte que tais efeitos não decorrem automaticamente da presença da religião no cárcere, mas dependem de condições institucionais, normativas e éticas adequadas. Nessa perspectiva, a participação religiosa deve permanecer voluntária e compatível com a liberdade de consciência dos reclusos.

A literatura internacional recomenda cautela na interpretação dos efeitos atribuídos à religião no ambiente prisional. O'Connor e Perreyclear observam que, embora programas religiosos possam favorecer adaptação institucional e fortalecimento de vínculos sociais, não há consenso empírico suficiente para associar, isoladamente, participação religiosa à redução da reincidência. Assim, a assistência religiosa deve ser compreendida como instrumento complementar de apoio à reintegração social, e não como substituta das responsabilidades estatais na execução penal.¹⁵

Segundo Perreira e Da Silva, a prática religiosa vem sendo institucionalizada como instrumento de reintegração social, envolvendo desde leituras e pregações até cultos e rituais específicos.¹⁶ Tais atividades oferecem aos reclusos momentos de introspecção, reforçando a espiritualidade como via de conversão pessoal.

¹⁴ PEREIRA; NOVAIS, 2024, p. 5440.

¹⁵ O'CONNOR, Thomas P.; CLEAR, Todd R. Prison Religion in Action and Its Influence on Offender Rehabilitation. *Journal of Offender Rehabilitation*, v. 35, n. 3–4, 2002, p. 11–15.

¹⁶ PEREIRA, Ediene Valéria Dourado Guimarães; DA SILVA, Sandra Célia Coelho Gomes. *As ações das instituições religiosas dentro do sistema prisional das regiões Sul/Sudeste brasileiro na perspectiva de ressocialização: uma revisão bibliográfica*. Educação, Psicologia e Interfaces, Bahia, v. 4, n. 3, , julho/setembro 2020, p.2.

Contudo, a assistência religiosa enfrenta entraves consideráveis. A carência de um marco normativo nacional dificulta sua prestação padronizada. Como advertem Pereira e Novais, “a ausência de uma uniformização legal [...] dificulta sua implementação de maneira homogênea”.¹⁷ Soma-se a isso a insuficiência de infraestrutura e de agentes capacitados, agravando as dificuldades operacionais.¹⁸ A administração penitenciária, por sua vez, tende a utilizar a religião como instrumento auxiliar de governabilidade prisional. Jacob observa que não apenas os apenados recorrem à religiosidade como estratégia de sobrevivência institucional, mas também a direção das unidades, o Judiciário e os agentes penitenciários se valem de seus efeitos simbólicos para a manutenção da ordem, da disciplina e da redução de conflitos.¹⁹ Nessas circunstâncias, a conversão religiosa pode assumir valor simbólico adicional e ser percebida como indicativo informal de adaptação institucional, circunstância que exige cautela para evitar mecanismos implícitos de premiação ou diferenciação entre reclusos. Outro aspecto central reside no impacto da religião sobre a saúde emocional dos internos. Luana Leal destaca que sentimentos como compaixão, paciência e perdão são cultivados pela prática religiosa, servindo de alicerce para a superação de traumas vividos no cárcere.²⁰ Jacob complementa que a religiosidade funciona como escudo contra o isolamento e os efeitos da prisonização.²¹

É necessário, entretanto, reconhecer que a assistência religiosa integra um leque mais amplo de políticas de reintegração. Murad argumenta que ela não pode substituir outras assistências previstas em lei.²²

¹⁷ PEREIRA; NOVAIS, 2024, p. 5434.

¹⁸ DEPEN, 2021 apud PEREIRA; NOVAIS, 2024, p. 5440.

¹⁹ JACOB, Alexandre. *Religiosidade e sistema prisional: a conversão religiosa como um meio determinante para a sobrevivência no cárcere*. Ponta Grossa: Atena Editora, 2023, p.76.

²⁰ LEAL, Luana Faria. *A religião como instrumento de cooperação no processo de ressocialização de apenados*. Projeto de artigo científico (Trabalho de Curso I) – Escola de Direito, Negócios e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2022, p.13.

²¹ JACOB, 2023, p. 77.

²² MURAD, Juliana Garcia Peres. *A assistência religiosa no âmbito prisional: caminhos para o seu aprimoramento*. Revista Brasileira de Execução Penal, Brasília, v. 1, n. 2, jul./dez. 2020. p. 344.

Nesse sentido, Pereira e Da Silva enfatizam que além do suporte espiritual, atividades religiosas também promovem auxílio jurídico, médico e psicológico, bem como capacitação profissional.²³

No que tange à liberdade religiosa, Campos sustenta que a participação deve ser voluntária, e que o Estado, laico por princípio constitucional, deve garantir a pluralidade e evitar favorecimentos.²⁴ A neutralidade estatal não significa afastamento da dimensão religiosa, mas atuação equidistante e garantidora da liberdade de crença.²⁵

Do ponto de vista jurídico-constitucional, a colaboração entre o Estado e entidades religiosas deve observar estritamente o princípio da laicidade, assegurando neutralidade, igualdade interconfessional e respeito à liberdade de consciência. A assistência religiosa, portanto, não pode substituir outras políticas públicas de reintegração social, como educação, trabalho, saúde e apoio psicossocial, devendo atuar de forma complementar e regulada.

Assim, a reintegração social mediada pela religião somente se legitima quando inserida em arranjo institucional compatível com os direitos fundamentais, com a liberdade de consciência e com mecanismos mínimos de coordenação pública. A assistência religiosa pode contribuir para processos de reintegração social, mas não constitui, isoladamente, política suficiente de transformação institucional ou redução da reincidência.

1.3. PARÂMETROS NORMATIVOS INTERNACIONAIS SOBRE ASSISTÊNCIA RELIGIOSA NO CÁRCERE

A liberdade religiosa constitui direito humano fundamental reconhecido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos e pelo Pacto Internacional sobre Direitos Civis e Políticos, os quais asseguram o direito à crença, ao culto e à manifestação religiosa, inclusive em contextos de privação de liberdade. A Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), proclamada em 1948, consagra no artigo 18 que “toda pessoa

²³ PEREIRA; DA SILVA, 2020, p. 12.

²⁴ CAMPOS, 2021, p. 18.

²⁵ CAMPOS, 2021, p. 14.

tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião”, reafirmando esse direito como inalienável e indivisível. Esse preceito é reiterado pelo Pacto Internacional sobre Direitos Civis e Políticos (PIDCP), que determina que a liberdade de religião somente poderá ser limitada em casos estritamente necessários para salvaguardar a ordem pública.²⁶

No âmbito específico da execução penal, esse direito é reiterado pelas Regras Mínimas das Nações Unidas para o Tratamento de Reclusos (Regras de Mandela), que determinam o acesso dos reclusos à assistência religiosa de sua escolha, respeitados os limites de segurança institucional. O artigo 65 da norma citada estipula que os reclusos devem ter garantido o acesso à assistência religiosa, podendo professar sua fé e receber visita de líderes religiosos, respeitando os limites institucionais.²⁷

Contudo, como pontuam Perreira e Novais, apesar do respaldo constitucional e normativo, “a assistência religiosa encontra desafios consideráveis devido à falta de uniformidade normativa entre os Estados”, exigindo uma harmonização legislativa que corrija as lacunas e padronize procedimentos.²⁸ Essa constatação demonstra que o reconhecimento formal da liberdade religiosa não assegura, por si só, condições materiais de acesso igualitário ao exercício desse direito no contexto prisional. No tocante aos jovens privados de liberdade, as Regras de Beijing, aprovadas em 1985, estabelecem no artigo 26 que o direito à manifestação religiosa deve ser garantido de forma respeitosa, inclusiva e voluntária, sem imposição institucional.²⁹ As Regras de Bangkok, por sua vez, instituídas em 2010, abordam a especificidade das mulheres reclusas, determinando que suas práticas religiosas sejam respeitadas à luz de suas vulnerabilidades particulares. Esses instrumentos revelam que a assistência religiosa deve

²⁶ Declaração Universal dos Direitos Humanos. Assembleia Geral das Nações Unidas, 1948, art. 18; Pacto Internacional sobre Direitos Civis e Políticos, 1966, art. 18.

²⁷ Regras Mínimas das Nações Unidas para o Tratamento de Reclusos (*Regras de Mandela*). Assembleia Geral das Nações Unidas, Resolução 70/175, 2015, art. 65.

²⁸ PEREIRA; NOVAIS, 2024, p. 5443.

²⁹ Regras Mínimas das Nações Unidas para a Administração da Justiça da Infância e Juventude (*Regras de Beijing*). Assembleia Geral das Nações Unidas, 1985, art. 26.

considerar as especificidades etárias, sociais e de gênero na formulação das políticas penitenciárias, dimensões frequentemente negligenciadas no contexto prisional.³⁰

Como adverte Campos, “a liberdade de culto é de extrema importância, sendo uma forma de assegurar e respeitar a individualidade do sujeito inserido na sociedade de um Estado laico”.³¹ Isso implica reconhecer que a neutralidade estatal não exime o Estado de seu papel como garantidor da liberdade de crença, devendo assegurar igual acesso às manifestações espirituais, sem favorecer correntes majoritárias.

Murad acrescenta que “no caso da assistência religiosa, o direito é de todos, mas não para todos”, destacando que a efetividade desse direito passa pela sua voluntariedade, sem coação ou instrumentalização.³² Assim, compete ao Estado possibilitar o exercício desse direito, reconhecendo o papel subjetivo e simbólico da religiosidade no cumprimento da pena.

Além dos instrumentos internacionais da ONU, o continente africano também produziu importantes marcos normativos. A Declaração de Kampala (1996) destaca a necessidade de humanização dos sistemas penitenciários africanos, integrando a assistência religiosa como componente da reabilitação. Essa orientação é reiterada pelas Declarações de Kadoma (1997) e Ouagadougou (2002), que reafirmam que a privação de liberdade não deve implicar a supressão de direitos espirituais.³³ Esses instrumentos assumem relevância especial para o contexto moçambicano por dialogarem diretamente com desafios estruturais comuns aos sistemas penitenciários africanos.

À luz dos marcos jurídicos internacionais e regionais africanos, torna-se relevante considerar experiências estrangeiras que tratam a assistência religiosa como parte integrante de políticas públicas de

³⁰ UNESCO. Regras de Beijing: Regras Mínimas das Nações Unidas para a Administração da Justiça Juvenil. 1985; REGRAS DE BANGKOK PARA O TRATAMENTO DE MULHERES PRESAS. Assembleia Geral da ONU, Resolução n.º 65/229, 2010.

³¹ CAMPOS, 2021, p. 25.

³² MURAD, 2020. p. 343.

³³ Organização das Nações Unidas – Escritório Regional para a África: Declaração de Kampala (1996); Declaração de Kadoma (1997); Declaração de Ouagadougou (2002).

reabilitação prisional. Diferentes países adotam modelos com distintos graus de formalização e supervisão estatal, entre os quais se destacam: (i) o modelo confessional institucionalizado; (ii) o modelo laico-multi-confessional supervisionado; (iii) o modelo comunitário voluntário em parceria público-privada; e (iv) o modelo crítico-transformador.

Não se pretende estabelecer transplantes institucionais automáticos para a realidade moçambicana, mas identificar elementos regulatórios potencialmente adaptáveis ao contexto nacional. Nesse sentido, destaca-se o modelo laico-multiconfessional supervisionado, observado nos Estados Unidos, onde capelães³⁴ de diferentes denominações são credenciados pelo Estado para prestar assistência religiosa nas prisões, respeitando os princípios da laicidade e da liberdade de culto. O *Federal Bureau of Prisons* estabelece diretrizes para atuação espiritual com base em princípios de igualdade, supervisão e respeito à diversidade confessional.³⁵ Já em países como o Brasil, observa-se um modelo híbrido entre o voluntariado comunitário e o institucional supervisionado, com forte presença de organizações religiosas nas prisões, embora nem sempre amparadas por regulamentação uniforme. Em contextos europeus, como o da Noruega — frequentemente referida por estudiosos como referência internacional em matéria penitenciária —, prevalece um modelo mais estruturado, digno e deliberadamente humanizado.³⁶ Com uma taxa de reincidência em torno de 20%, contrastando com os alarmantes indicadores de Moçambique, que, segundo o Plano Estratégico do SERNAP (2024–2034), ultrapassam os 200%, o sistema norueguês integra a religião de forma estratégica aos planos individuais de ressocialização. Nesse modelo, os capelães são contratados pelo Estado e atuam como parte das equipes

³⁴ Capelães são agentes religiosos formalmente designados para prestar assistência espiritual em instituições públicas ou privadas, como hospitais, prisões, escolas ou forças armadas. No contexto prisional, atuam no atendimento pastoral, orientação ética e apoio emocional aos reclusos, respeitando os princípios da laicidade e da diversidade religiosa.

³⁵ Federal Bureau of Prisons. “Religious Beliefs and Practices.” U.S. Department of Justice, 2023.

³⁶ ARBAGE, Lucas Andrés. *Ressocialização por meio da educação: um estudo de caso em Florianópolis* SC. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de PósGraduação em Educação, Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Chapecó, 2017, p. 49.

multidisciplinares de reabilitação, reforçando o cuidado integral, espiritual e social no cotidiano prisional.

As experiências comparadas sugerem que a efetividade da assistência religiosa depende menos da tradição religiosa predominante e mais da existência de regras claras de acesso, coordenação institucional, mecanismos de acompanhamento e respeito à igualdade interconfessional. Destaca-se, nesse sentido, o modelo laico-multiconfessional supervisionado, no qual o Estado credencia e supervisiona a atuação religiosa no cárcere, assegurando igualdade de acesso, formação adequada dos agentes religiosos e mecanismos de controle institucional. Esse modelo, adotado com variações em países como Estados Unidos, Noruega e França, revela-se compatível com sistemas jurídicos laicos e pluralistas, oferecendo subsídios relevantes para a reflexão sobre a realidade moçambicana.

2. O CONTEXTO MOÇAMBICANO

2.1. O SISTEMA PENITENCIÁRIO EM MOÇAMBIQUE: ESTRUTURA E DESAFIOS

No contexto moçambicano, os princípios internacionais de liberdade religiosa foram incorporados à Constituição da República de Moçambique (CRM), consolidando esse direito como pilar fundamental da cidadania. O artigo 54 da Constituição (2004, atualizada em 2018) determina que “todos têm direito à liberdade de consciência, religião e culto” e que “ninguém pode ser discriminado, perseguido, prejudicado, privado de direitos ou isento de obrigações por motivo da sua religião”.³⁷ Ademais, consagra o caráter laico do Estado, garantindo separação entre crenças e governo.

Todavia, apesar do arcabouço constitucional, a aplicação concreta desse direito enfrenta constrangimentos consideráveis no sistema prisional. A herança normativa colonial, instaurada pelo Decreto-Lei n.º 26.643, de 1936, estendido a Moçambique pelo Decreto-Lei n.º 39.997, de 1954, persistiu até sua revogação pela Lei n.º 26/2019, de 27 de dezembro.³⁸ Mesmo

³⁷ MOÇAMBIQUE. Constituição da República de Moçambique. 2018, art. 54.

³⁸ A norma que revogou a Lei de Organização Prisional de 1936 foi publicada em 2019, mas só entrou em vigor em 1.º de janeiro de 2021, em razão do período de *vacatio legis*, prorrogado pela Lei n.º 7/2020, de 18 de junho. Este

com a renovação legislativa, persistem práticas institucionais que revelam dificuldades de implementação compatíveis com estruturas historicamente consolidadas. Apesar da defasagem estrutural, a legislação anterior já reconhecia a relevância da dimensão espiritual nas prisões: o artigo 285 autorizava visitas de ministros religiosos e o artigo 286 proibia a obrigatoriedade de participação em cerimônias religiosas. “O preso terá direito de professar e praticar sua religião, podendo receber a visita de ministros do seu culto e assistir aos atos religiosos dentro da prisão”.³⁹ Tais dispositivos já delineavam uma proteção à autonomia de consciência dos reclusos. Com a promulgação da nova legislação, esses princípios foram mantidos, embora ainda existam limitações operacionais decorrentes da ausência de regulamentação específica.

A Primeira República de Moçambique, proclamada em 1975, consagrou a laicidade estatal como princípio constitucional.⁴⁰ Contudo, como observa Severino Ngoenha, o governo socialista que se seguiu à independência adotou, na prática, uma postura anti-religiosa, apoiando-se em dispositivos legais anticlericais herdados do regime português⁴¹. Com a transição democrática de 1990 e a promulgação de uma nova Constituição, iniciou-se uma fase de maior abertura religiosa. No entanto, segundo o autor, essa transição gerou confusão conceitual entre laicidade e permissividade, contribuindo para interpretações ambíguas acerca dos limites entre laicidade estatal, pluralismo religioso e regulação pública das manifestações confessionais.⁴²

A Política Prisional e Estratégias da sua Implementação, aprovada pela Resolução n° 65/2002 — primeira política penitenciária do período

novo marco regulatório reflete a transição de um sistema prisional baseado em normas coloniais para um arcabouço jurídico que busca promover um equilíbrio entre segurança pública, dignidade humana e os direitos fundamentais dos reclusos. A implementação dessas reformas, no entanto, enfrenta desafios como a modernização das infraestruturas prisionais, a capacitação dos agentes penitenciários e a alocação de recursos suficientes para adaptar o sistema às novas diretrizes. Esses esforços são essenciais para transformar o sistema penitenciário em um instrumento eficaz de justiça e reintegração social.

³⁹ MINISTÉRIO DO ULTRAMAR. Decreto-Lei n.º 26.643, de 28 de maio de 1936. Diário do Governo, Lisboa, 1936, arts 285 e 286.

⁴⁰ Moçambique. *Constituição da República Popular de Moçambique*. 1975.

⁴¹ NGOENHA, Severino. *O desafio Moçambicano da laicidade*. 2022, p. 77.

⁴² id.

pós-independência — já evidenciava, de forma contundente, os graves entraves estruturais que comprometem a efetividade do sistema prisional moçambicano. Entre os principais problemas apontados destacavam-se a superlotação crônica das unidades e a quase total inexistência de ações sistemáticas de reinserção social, a falta de motivação e capacitação dos agentes penitenciários, bem como os desafios financeiros e de planificação institucional que comprometem a gestão prisional.⁴³ Tais constatações, longe de pertencerem apenas ao passado, continuam a ser reiteradas no atual Plano Estratégico do SERNAP (2024–2034) e em pesquisas acadêmicas recentes, como as de Anli, Da Cruz e De Oliveira (2020)⁴⁴, Bacião e Rocha (2020)⁴⁵ e Niquice (2016),⁴⁶ demonstrando a persistência de um modelo penitenciário marcado por precariedades históricas e ausência de políticas integradas de reintegração social.

A persistência dessas limitações reforça a necessidade de compreender a execução penal para além de sua dimensão formal, incorporando perspectivas orientadas pela efetividade dos direitos humanos no ambiente prisional. Estudos recentes publicados na Revista Brasileira de Direito Processual Penal defendem que o aprimoramento da teoria da execução penal exige enfrentar práticas institucionais que produzem restrições materiais de direitos, deslocando o foco exclusivamente custodial para modelos comprometidos com a dignidade humana e a concretização de garantias fundamentais.⁴⁷ Essa reflexão oferece subsídios relevantes

⁴³ MOÇAMBIQUE. Resolução n.º 65/2002. Aprova a Política Prisional e Estratégias da sua Implementação. Boletim da República, Maputo, 2002.

⁴⁴ ANLI, Cremilde. DA CRUZ, Marly Marques; DE OLIVEIRA, Luisa Gonçalves Dutra. *A atenção à saúde dos reclusos em Maputo: é viável avaliar?*. Rio de Janeiro, V. 44, N. 127, out-dez 2020.

⁴⁵ BACIÃO, Domingos Nhamboca Hale; ROCHA, Júlio César de Sá da. *O sistema prisional moçambicano: Entre a previsão normativa e a realidade prática*. Passagens, Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica. Rio de Janeiro, vol. 12, no 2, maio-agosto, 2020.

⁴⁶ NIQUICE, Fernando Lives Andela. *Subsídio para a implementação de tecnologias psicossociais comunitárias de reinserção social de jovens ex-reclusos de Moçambique*. Tese (Doutoramento em Psicologia). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

⁴⁷ CACICEDO, Patrick; MACHADO, Érica Babini Lapa do Amaral; CABRAL, Maria Luiza Maranhão Dias. *A Corte Interamericana de Direitos Humanos e a atualização da teoria da execução penal no Brasil: o exemplo do cômputo em*

para o contexto moçambicano, especialmente diante dos desafios associados à regulamentação da assistência religiosa.

A diversidade religiosa da população carcerária impõe desafios adicionais à administração penitenciária. A carência de regulamentação para atuação multiconfessional e a escassez de agentes capacitados limitam o alcance equitativo da assistência religiosa, provocando desequilíbrios no acesso e reduzindo o potencial integrador das iniciativas de apoio espiritual. A legislação vigente que regula a liberdade religiosa no país — a Lei nº 4/71, de 21 de agosto — foi promulgada ainda sob regime colonial, antes da independência nacional proclamada em junho de 1975. Embora suas disposições iniciais, como as Bases I e II, garantam liberdade de crença e laicidade estatal, seu conteúdo encontra-se desajustado frente à realidade plural, dinâmica e democrática do país. A Base VIII, por sua vez, reforça limites ao uso da religião como pretexto para violações de direitos fundamentais, o que é positivo. Ainda assim, a evolução do cenário religioso nacional parece exigir atualização normativa compatível com o pluralismo atualmente observado. No sistema penitenciário, a revogação do Decreto-Lei n.º 26.643 deixou lacunas significativas quanto à regulamentação específica das práticas religiosas nas unidades prisionais. Em resposta a essa ausência normativa, a revisão da Lei nº 4/71, de 21 de agosto, encontra-se atualmente submetida à Assembleia da República, com o propósito de atualizar o arcabouço jurídico à realidade plural do país e garantir mecanismos mais eficazes de proteção ao direito à assistência espiritual. De acordo com comunicado de imprensa divulgado a 18 de julho de 2023 pela Assembleia da República,

A lei da Liberdade Religiosa vigente é de 1971 com a designação de Lei número 04/71, de 21 de Agosto, mas que se mostra desajustada à realidade actual do país, para além de que, de lá até esta parte, houve um crescimento em número de confissões religiosas, havendo necessidade da regulação da sua organização e funcionamento no território nacional.⁴⁸

dobro. Revista Brasileira de Direito Processual Penal, Porto Alegre, v. 11, n. 2, 2025. Os autores concluem que a atualização da teoria da execução penal constitui instrumento para minimizar violências estruturais e ampliar mecanismos de efetivação dos direitos humanos.

⁴⁸ MOÇAMBIQUE. Assembleia da República. *Lei de Liberdade Religiosa e de Culto em Debate Público*. Agência de Informação de Moçambique (AIM), 18 jul. 2023.

A diversidade religiosa exige da sociedade — e do sistema prisional em particular — o compromisso com a garantia equitativa da liberdade de culto para todas as confissões. Relatórios da ACN (2023) indicam pluralidade religiosa significativa em Moçambique, com presença relevante de comunidades católicas, protestantes, muçulmanas e tradições religiosas africanas distribuídas regionalmente. Essa heterogeneidade confessional reforça a necessidade de políticas penitenciárias sensíveis à diversidade religiosa e orientadas por critérios de igualdade institucional. O Relatório sobre a Liberdade Religiosa em Moçambique (2009) identificou 739 denominações religiosas e 162 organizações registradas no Ministério da Justiça.⁴⁹ Sem prejuízo da necessidade de atualização empírica desses dados, o levantamento evidencia a complexidade do campo religioso moçambicano e reforça o desafio regulatório associado à garantia de acesso equitativo à assistência religiosa no ambiente prisional.

2.2. NORMAS E DIRETRIZES SOBRE ASSISTÊNCIA RELIGIOSA NAS PRISÕES

No contexto do sistema penitenciário moçambicano, verifica-se a ausência de normativas claras e abrangentes que regulem a prática religiosa no ambiente prisional. Essa lacuna dificulta a aplicação equitativa do direito à liberdade religiosa, comprometendo a coerência, a previsibilidade e a segurança jurídica das ações desenvolvidas nas unidades prisionais. A Política Prisional de 2002 e o Diploma Ministerial nº 159/2014 recomendam parcerias com entidades religiosas para a reabilitação dos internos.⁵⁰ Contudo, a inexistência de regulamentação específica prejudica a consistência das iniciativas e enfraquece o controle sobre as dinâmicas confessionais, podendo gerar privilégios e tensões inter-religiosas.

A Constituição da República de Moçambique (2018) consagra, em seu artigo 54, o direito à liberdade religiosa, à liberdade de consciência e à liberdade de associação, reforçando o caráter laico do Estado e garantindo que todos os cidadãos possam professar, praticar ou não praticar

⁴⁹ U.S. Department of State. *International Religious Freedom Report 2009 – Moçambique*. Washington, 2009.

⁵⁰ MOÇAMBIQUE. Diploma Ministerial nº 159/2014, de 29 de Setembro. *Aprova o Regulamento Interno do SERNAP*. Ministério da Justiça, 2014.

uma religião, sem qualquer discriminação⁵¹. Entretanto, a Resolução n.º 10/2012, que aprova o Acordo sobre Princípios e Disposições Jurídicas para o Relacionamento entre a República de Moçambique e a Santa Sé, concede prerrogativas especiais à Igreja Católica, inclusive no que se refere à assistência religiosa e moral nas prisões. O artigo 13 da referida Resolução afirma textualmente:

A Igreja Católica pode exercer a sua ação pastoral em prol dos fiéis, nas instituições educativas, nas de assistência social, sanitária e moral e nos estabelecimentos prisionais. Os particulares desta ação pastoral poderão ser regulamentados por entendimento entre o Governo e a Conferência Episcopal de Moçambique”⁵².

A existência de disciplina normativa específica para determinada confissão religiosa suscita reflexão quanto à necessidade de compatibilização desse regime jurídico com os princípios constitucionais da igualdade, da liberdade religiosa e da laicidade estatal. Embora o acordo não impeça formalmente a atuação de outras organizações religiosas no ambiente prisional, sua configuração pode produzir assimetrias regulatórias e ampliar questionamentos quanto à igualdade material de acesso às atividades de assistência espiritual.

Sob perspectiva jurídico-constitucional, o desafio não reside na cooperação entre Estado e entidades religiosas em si mesma, mas na construção de mecanismos institucionais que assegurem igualdade de oportunidades para diferentes grupos confessionais e transparência nos critérios de acesso às unidades prisionais. A pluralidade confessional nos estabelecimentos penitenciários exige normatização que assegure tratamento igualitário, prevenindo favorecimentos indevidos. A ausência de diretrizes operacionais específicas gera vulnerabilidade no acesso à assistência espiritual e limita o impacto positivo das ações religiosas na reabilitação dos reclusos.

⁵¹ Moçambique. *Constituição da República de Moçambique* (CRM), 2004 (atualizada em 2018), art. 54.

⁵² MOÇAMBIQUE. *Resolução n.º 10/2012, de 13 de abril*. Aprova o Acordo sobre Princípios e Disposições Jurídicas para o Relacionamento entre a República de Moçambique e a Santa Sé, 2012, art. 13.

A Lei nº 26/2019, que institui o Código de Execução das Penas, estabelece, em seu artigo 62, que os reclusos têm direito de participar de atividades religiosas e de receber visitas de líderes espirituais de sua escolha, desde que tal prática não comprometa a ordem e a segurança interna.⁵³ Embora avance na proteção formal do direito à assistência religiosa, sua aplicação carece de mecanismos regulatórios detalhados que assegurem acesso plural e organizado às diversas confissões presentes nas unidades prisionais.

Nesse sentido, eventual desenvolvimento normativo futuro poderá considerar critérios objetivos para credenciamento institucional, regras de acesso igualitário, procedimentos de acompanhamento das atividades religiosas e mecanismos de prevenção de favorecimentos confessionais

Dessa forma, impõe-se a necessidade de reforço normativo que integre a liberdade religiosa ao cotidiano prisional, em consonância com os princípios de laicidade, segurança e reintegração social.

2.3. PARCERIAS ENTRE INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS E O SISTEMA PRISIONAL

As parcerias entre instituições religiosas e o sistema prisional moçambicano configuram estratégia relevante para a reabilitação dos reclusos, especialmente no que tange ao apoio espiritual. Confissões como a Igreja Católica e diversas igrejas protestantes realizam regularmente atividades nas prisões. Contudo, enfrentam-se dificuldades práticas: ausência de diretrizes normativas, falta de financiamento e fragilidade dos mecanismos de supervisão.

Apesar das recomendações contidas no Diploma Ministerial nº 159/2014 e na Política Prisional de 2002, que incentivam parcerias religiosas, a ausência de avaliação sistemática sobre sua eficácia compromete sua efetividade. Ademais, a concentração excessiva dessas iniciativas em atores externos pode reduzir a capacidade estatal de estruturar programas permanentes e institucionalizados de reintegração social. A experiência internacional demonstra que o potencial da assistência religiosa no

⁵³ MOÇAMBIQUE. Lei nº 26/2019, de 27 de Dez. Aprova Código de Execução das Penas, 2019, art 62.

contexto prisional depende menos da presença institucional de organizações confessionais e mais da forma como sua atuação se articula aos objetivos da execução penal. Em estudo realizado sobre capelanias em prisões norte-americanas, Sundt, Dammer e Cullen observaram que os capelães atuam predominantemente em atividades de aconselhamento, apoio psicossocial e preparação para o retorno à sociedade, não se limitando à promoção da conversão religiosa. Esses resultados reforçam que parcerias religiosas somente se legitimam quando estruturadas como mecanismos complementares de apoio ao recluso, sob supervisão estatal e sem substituição das responsabilidades públicas de reintegração social.⁵⁴

Essa lacuna estrutural adquire contornos ainda mais preocupantes no ambiente prisional, sobretudo diante da ameaça do extremismo violento. Na província de Cabo Delgado, no norte de Moçambique, desde 2017 grupos jihadistas têm promovido ataques terroristas, e parte de seus integrantes encontra-se atualmente privada de liberdade em unidades penitenciárias consideradas estratégicas, localizadas tanto na região norte quanto no sul do país. Esses ataques caracterizam-se por ações armadas coordenadas, destruição de aldeias, sequestros, assassinatos de civis e a imposição forçada de interpretações radicais da religião, com o objetivo de instaurar um regime teocrático em regiões sob sua influência. Segundo Pirio et al. (2018), apud Terenciano e Zito (2023), “a ideologia jihadista radical, associada à marginalização social e à resposta securitária desproporcional, alimenta o extremismo no norte de Moçambique”.⁵⁵

Nesse contexto, não se sustenta que a assistência religiosa constitua mecanismo direto de prevenção do extremismo. Contudo, a inexistência de critérios institucionais claros para credenciamento, acompanhamento e coordenação das atividades religiosas no espaço prisional pode ampliar vulnerabilidades relacionadas à circulação de discursos incompatíveis com os objetivos de reintegração social, proteção

⁵⁴ SUNDT, Jody L.; DAMMER, Harry R.; CULLEN, Francis T. *The Role of the Prison Chaplain in Offender Rehabilitation*. Journal of Offender Rehabilitation, v. 35, n. 3–4, 2002, p. 72–77.

⁵⁵ PIRIO, Gregory A.; PITTMAN, Robert; ADAM, Yussuf Apud TERCENCIANO, Fidel; ZITO, Pedro. *As raízes da globalização para um desenvolvimento reverso em África: o terrorismo e seus efeitos em Cabo Delgado, Moçambique*. Cadernos de África Contemporânea, v. 6, n. 12, 2023, p. 77–78.

de direitos fundamentais e segurança institucional. Embora as parcerias religiosas ofereçam apoio material e espiritual — incluindo a realização de cultos, bem como a distribuição de alimentos e produtos de higiene —, torna-se premente a existência de uma regulamentação rigorosa. A legitimidade dessas iniciativas depende da existência de parâmetros objetivos de acesso, transparência institucional e mecanismos proporcionais de supervisão pública.

Nessa perspectiva, a atuação religiosa deve ser compreendida como instrumento complementar às políticas penitenciárias estatais, e não como substituição das responsabilidades públicas em matéria de reabilitação, assistência social e proteção de direitos fundamentais. É imprescindível que o Estado estabeleça critérios normativos claros que garantam equidade, segurança e efetividade às parcerias religiosas no ambiente prisional, assegurando que sua função reabilitadora não seja distorcida por interesses confessionais, políticos ou ideológicos. Ao mesmo tempo, tais critérios devem preservar o pluralismo religioso e impedir que mecanismos regulatórios sejam utilizados como formas indiretas de restrição ao exercício legítimo da liberdade religiosa.

3. DESAFIOS NORMATIVOS E PERSPECTIVAS DA ASSISTÊNCIA RELIGIOSA NA EXECUÇÃO PENAL

3.1. DESAFIOS ESTRUTURAIS E NORMATIVOS

A assistência religiosa no sistema penitenciário moçambicano desponta como um componente crucial para a reabilitação e suporte emocional dos detentos, configurando-se como um direito humano essencial. Murad sustenta que “a assistência religiosa deve ser compreendida não apenas como um dever legal, mas como um direito fundamental”.⁵⁶ Contudo, a sua implementação prática esbarra em entraves normativos e estruturais significativos. Perreira e Novais destacam que “a ausência de regulamentação uniforme gera desigualdade no acesso às confissões religiosas”.⁵⁷

⁵⁶ MURAD, 2020, p. 344.

⁵⁷ PERREIRA E NOVAIS, 2024, p. 5443.

O Plano Estratégico do SERNAP-2024–2034 reconhece que a falta de investimentos compromete os programas de reabilitação, incluindo os de cunho espiritual. A infraestrutura penitenciária permanece fortemente condicionada por estruturas herdadas do período colonial, originalmente concebidas sob lógica predominantemente disciplinar.⁵⁸ Essa configuração reduz a disponibilidade de espaços adequados para atividades religiosas e dificulta a acomodação de práticas confessionais plurais em ambiente institucional compartilhado. A ausência de ambientes destinados à assistência espiritual inviabiliza, na prática, a realização de cultos de forma digna, sistemática e plural, restringindo o alcance e a eficácia das ações religiosas no processo de reintegração social. A falta de diretrizes específicas gera ainda incertezas operacionais, beneficiando informalmente determinadas confissões — especialmente a Igreja Católica, favorecida pela Concordata com a Santa Sé — o que tensiona os princípios de equidade inter-religiosa e a laicidade do Estado.⁵⁹

A organização física, normativa e funcional do sistema penitenciário, construída ao longo de diferentes períodos históricos, ainda apresenta traços de modelos anteriores à reforma introduzida pela Lei n.º 26/2019. Paralelamente, a permanência da Lei n.º 4/71, relativa à liberdade religiosa, evidencia desafios de atualização normativa diante do atual contexto constitucional moçambicano, caracterizado pela proteção simultânea da laicidade estatal e do pluralismo religioso.

Esses elementos indicam que o principal desafio não reside na ausência absoluta de reconhecimento jurídico da assistência religiosa, mas na insuficiência de mecanismos institucionais capazes de assegurar sua implementação uniforme, plural e compatível com os objetivos da execução penal. Nesse cenário, a inexistência de parâmetros normativos claros pode ampliar desigualdades no acesso à assistência espiritual e reduzir sua capacidade de contribuir para processos de reintegração social orientados pelos direitos fundamentais.

⁵⁸ Grande parte das unidades penitenciárias moçambicanas foi construída durante o período colonial, antes da independência nacional proclamada em 1975, sem considerar a diversidade religiosa contemporânea nem os atuais requisitos institucionais de reintegração social.

⁵⁹ CAMPOS, 2021, p. 14.

3.2. PERSPECTIVAS E CAMINHOS POSSÍVEIS

O enfrentamento desses desafios demanda respostas normativas e institucionais articuladas. Em primeiro lugar, mostra-se relevante o desenvolvimento de diretrizes específicas para organização da assistência religiosa no ambiente prisional. Tais diretrizes devem estabelecer critérios transparentes de acesso, compatibilizando liberdade religiosa, igualdade interconfessional e exigências de segurança institucional. A revisão da Lei nº 4/71 constitui igualmente elemento relevante para aproximar o regime jurídico da liberdade religiosa do atual modelo constitucional moçambicano e dos instrumentos internacionais de direitos humanos aplicáveis. Essa atualização poderá contribuir para reduzir assimetrias regulatórias e fortalecer mecanismos institucionais de proteção à liberdade de consciência no contexto prisional. Além disso, políticas de reintegração social posteriores ao cumprimento da pena podem admitir cooperação com organizações religiosas em iniciativas educacionais, profissionalizantes e de apoio psicossocial. Niquice salienta que “a ausência de políticas estruturadas de reintegração contribui diretamente para a reincidência criminal”.⁶⁰

Nessa direção, a literatura internacional indica que iniciativas religiosas alcançam maior legitimidade e potencial reabilitador quando articuladas a estratégias institucionais mais amplas de reintegração social. O'Connor e Clear sustentam que programas religiosos apresentam resultados mais consistentes quando deixam de operar como intervenções isoladas e passam a integrar ações complementares de educação, apoio psicossocial, desenvolvimento de competências e acompanhamento institucional contínuo. Sob essa perspectiva, a liberdade religiosa deve permanecer assegurada como direito fundamental, mas programas de reintegração inspirados na religião exigem desenho normativo próprio, metas verificáveis e mecanismos permanentes de supervisão estatal.⁶¹

O financiamento público deve incluir rubricas específicas para programas de reabilitação espiritual, educacional e profissional no sistema

⁶⁰ NIQUICE, 2016, p. 40.

⁶¹ O'CONNOR, Thomas P.; CLEAR, Todd R. Prison Religion in Action and Its Influence on Offender Rehabilitation. *Journal of Offender Rehabilitation*, v. 35, n. 3-4, 2002, p. 22-25.

prisional. A extinção do Fundo Geral dos Serviços Penitenciários, criado pelo Decreto n.º 7/2006 e revogado pela Lei n.º 3/2013,⁶² resultou na supressão de um instrumento crucial para sustentar iniciativas de reintegração. Originalmente, o fundo destinava-se a custear ações formativas e sociais com receitas oriundas das atividades laborais dos reclusos e de percentuais dos seus salários. Sua retirada do ordenamento representou não apenas um recuo financeiro, mas um sinal político da descontinuidade e fragilidade das políticas públicas voltadas à reconstrução da cidadania dos detentos.

Nesse contexto, torna-se imperioso distinguir a liberdade religiosa — enquanto direito individual, inalienável e constitucionalmente garantido — dos programas de reabilitação baseados na religião. O exercício do culto constitui garantia fundamental; já sua integração às estratégias penitenciárias depende de desenho institucional, critérios públicos e mecanismos de acompanhamento compatíveis com os princípios do Estado democrático de direito. Com base nas análises desenvolvidas, retoma-se o modelo laico-multiconfessional supervisionado como referência analítica para reflexão sobre o contexto moçambicano. Sua adoção não pressupõe reprodução automática de experiências estrangeiras, mas identificação de elementos regulatórios potencialmente adaptáveis à realidade nacional.

Entre esses elementos destacam-se: credenciamento institucional baseado em critérios objetivos; garantia de acesso equitativo entre diferentes confissões; capacitação ética e jurídica dos agentes religiosos; mecanismos proporcionais de monitoramento e prestação de contas; coordenação entre administração penitenciária e entidades religiosas. A finalidade desses instrumentos não consiste em ampliar a intervenção estatal sobre o fenômeno religioso, mas em assegurar que o exercício da assistência espiritual ocorra em condições compatíveis com liberdade religiosa, igualdade e segurança institucional.⁶³

Por fim, mostra-se relevante a implementação de mecanismos de acompanhamento das atividades religiosas no ambiente prisional. Perreira

⁶² MOÇAMBIQUE. Decreto n. 7/2006, de 17 de maio de 2006. *Cria o Serviço Nacional das Prisões*. República de Moçambique: Boletim da República, I Série, n. 20, 17 maio 2006.

⁶³ Federal Bureau of Prisons, 2023, s/p.

e Novais propõem modelos de supervisão para garantir “acesso justo e transparente às atividades espirituais, evitando abusos ou privilégios confessionais”.⁶⁴ Tais fatores reduzem a previsibilidade institucional e limitam o potencial das práticas espirituais como componente complementar das estratégias de reintegração social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar criticamente a assistência religiosa no sistema penitenciário moçambicano, examinando seu enquadramento jurídico, os desafios normativos e institucionais existentes e as possibilidades de aprimoramento à luz dos direitos fundamentais e do garantismo penal. Partiu-se da seguinte questão de pesquisa: de que modo a ausência de regulamentação específica e a permanência de dispositivos legais desatualizados impactam a efetividade da assistência religiosa e sua eventual contribuição para a reintegração social dos reclusos em Moçambique.

A análise desenvolvida permitiu confirmar parcialmente a hipótese inicialmente formulada. Verificou-se que a assistência religiosa pode representar importante mecanismo de apoio espiritual, fortalecimento subjetivo e suporte ao processo de reintegração social, mas sua efetividade depende da existência de parâmetros normativos claros, coordenação institucional e observância do princípio da laicidade estatal. Nesse sentido, o estudo demonstrou que a liberdade religiosa — enquanto direito fundamental individual — não se confunde com o uso da religião como instrumento de apoio à execução penal.

Os resultados evidenciaram que o sistema penitenciário moçambicano ainda apresenta limitações normativas e estruturais relevantes. Persistem desafios relacionados à atualização legislativa, à ausência de regulamentação específica para assistência religiosa, à insuficiência de mecanismos institucionais de coordenação e às dificuldades de assegurar acesso equitativo às diferentes confissões religiosas presentes no espaço prisional. Tais fatores reduzem a previsibilidade institucional e limitam o

⁶⁴ PERREIRA e NOVAIS, 2024, p. 5444.

potencial das práticas espirituais como componente complementar das estratégias de reintegração social.

A pesquisa também permitiu identificar que a cooperação entre Estado e entidades religiosas pode assumir papel relevante na execução penal, desde que estruturada em bases compatíveis com os princípios constitucionais da igualdade, da liberdade religiosa e da neutralidade estatal. Nesse contexto, concluiu-se que a atuação religiosa no cárcere deve ser compreendida como atividade complementar às políticas públicas de educação, trabalho, saúde e apoio psicossocial, não podendo substituir responsabilidades institucionais do Estado.

À luz das experiências normativas analisadas, o modelo laico-multiconfessional supervisionado mostrou-se referência analítica útil para reflexão sobre o contexto moçambicano, especialmente por combinar pluralismo religioso, coordenação institucional e mecanismos de acompanhamento público. Todavia, o estudo não sustenta a adoção automática de modelos estrangeiros, reconhecendo que eventuais reformas deverão considerar as especificidades históricas, jurídicas e socioculturais do sistema penitenciário nacional.

Por fim, reconhece-se que esta investigação apresenta limitações decorrentes da ausência de dados empíricos primários e da predominância de análise documental e bibliográfica. Por essa razão, recomenda-se que pesquisas futuras incorporem métodos empíricos — como entrevistas, observação institucional e estudos comparativos entre unidades penitenciárias — para aprofundar a compreensão sobre a implementação concreta da assistência religiosa e seus efeitos na experiência prisional moçambicana.

Conclui-se, portanto, que a assistência religiosa constitui expressão legítima da liberdade religiosa das pessoas privadas de liberdade e pode contribuir para processos de reintegração social. Todavia, a experiência comparada e a literatura especializada demonstram que tais resultados não decorrem automaticamente da presença institucional da religião no cárcere. O valor jurídico e social da assistência religiosa reside na sua capacidade de integrar redes institucionais mais amplas de apoio ao recluso, desde que orientadas por critérios de voluntariedade, pluralismo religioso, igualdade interconfessional e supervisão pública.

No contexto moçambicano, o fortalecimento da assistência religiosa exige menos expansão desregulada da atuação confessional e mais

desenvolvimento de mecanismos jurídicos e administrativos compatíveis com a laicidade estatal, a proteção dos direitos fundamentais e os objetivos constitucionais da execução penal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANLI, Cremilde. DA CRUZ, Marly Marques; DE OLIVEIRA, Luisa Gonçalves Dutra. *A atenção à saúde dos reclusos em Maputo: é viável avaliar?* Saúde em Debate, Rio de Janeiro, V. 44, N. 127, out-dez 2020, p. 1079-1092. <https://doi.org/10.1590/0103-1104202012710>

ACN. Moçambique - *Fundação Pontifícia ACN*: Relatório de 2023. Disponível em: <https://www.acn.org.br/mocambique/>. Acesso em: 22 fev. 2025.

ARAÚJO, Teresinha Teixeira de; FELIX, Elizabeth Rodrigues. *Religião e prisão: liberdade na diversidade*. Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social, v. 1, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/22880>. Acesso em: 10 de Fev. 2025.

CACICEDO, Patrick. O controle judicial da execução penal no Brasil: ambiguidades e contradições de uma relação perversa. *Revista Brasileira de Direito Processual Penal*, v. 4, n. 1, p. 413-432, 2018. <https://doi.org/10.22197/rbdpp.v4i1.111>

CACICEDO, Patrick; MACHADO, Érica Babini Lapa do Amaral; CABRAL, Maria Luiza Maranhão Dias. A Corte Interamericana de Direitos Humanos e a atualização da teoria da execução penal no Brasil: o exemplo do cômputo em dobro. *Revista Brasileira de Direito Processual Penal*, v. 11, n. 2, 2025. <https://doi.org/10.22197/rbdpp.v11i2.1134>

BITENCOURT, Cezar Roberto. *Falência da pena de prisão: causas e alternativas*. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2017.

CAMPOS, Priscila Parreira. *Assistência religiosa no cárcere: uma análise da (in) efetivação da liberdade religiosa perante o Estado laico*. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Direito) – Faculdade de Ciências Jurídicas e Gerenciais Alves Fortes, Além Paraíba, 2021.

CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FEDERAL BUREAU OF PRISONS. *Religious Beliefs and Practices*. U.S. Department of Justice, 2023. Disponível em: https://www.bop.gov/policy/progstat/5360_009.pdf Acesso em: 20 de jun. 2025

FERRAJOLI, Luigi. *Direito e razão: teoria do garantismo penal*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da prisão*. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GARLAND, David. *A cultura do controle: crime e ordem social na sociedade contemporânea*. São Paulo: Revan, 2001.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1961.

JACOB, Alexandre. *Religiosidade e sistema prisional: a conversão religiosa como um meio determinante para a sobrevivência no cárcere*. Ponta Grossa: Atena Editora, 2023. <https://doi.org/10.22533/at.ed.661231807>

LEAL, Luana Faria. *A religião como instrumento de cooperação no processo de ressocialização de apenados*. Projeto de artigo científico (Trabalho de Curso I) – Escola de Direito, Negócios e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2022. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/5481>. Acesso em: 2 de fev. 2025.

MARTINS, César Henrique Pereira. *Religião e pena: a influência da religiosidade na vida do preso*. Monografia apresentada ao Curso de Direito do Centro Universitário Atenas, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Direito. Paracatu, 2021.

MELLO, Sebastian Borges de Albuquerque. *O novo conceito material da culpabilidade: o fundamento da imposição da pena a um indivíduo concreto em face da dignidade da pessoa humana*. 2ª ed., São Paulo: Tirant Lo Blanch, 2023.

MOÇAMBIQUE. Assembleia da República. *Lei de Liberdade Religiosa e de Culto em Debate Público*. Agência de Informação de Moçambique (AIM), 18 jul. 2023. Disponível em: <https://aimnews.org/2023/07/18/lei-de-liberdade-religiosa-e-de-culto-em-debate-publico/>. Acesso em: 2 de jan. 2025.

MURAD, Juliana Garcia Peres. *A assistência religiosa no âmbito prisional: caminhos para o seu aprimoramento*. Revista Brasileira de Execução Penal, Brasília, v. 1, n. 2, p. 343-353, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://rbepsenappen.mj.gov.br/index.php/RBEP/article/view/consultorias2>. Acesso em: 28 maio. 2026.

NIQUICE, Fernando Lives Andela. *Subsídio para a implementação de tecnologias psicossociais comunitárias de reinserção social de jovens ex-reclusos de Moçambique*. Tese (Doutoramento em Psicologia). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/157164>. Acesso em: 20 de Out. 2023

NGOENHA, Severino. *O desafio Moçambicano da laicidade*. 2022. Disponível em: https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2023/01/art3_sg.pdf. Acesso em: 20 fev. 2025.

O'CONNOR, Thomas P.; PERRYCLEAR, Michael. Prison religion in action and its influence on offender rehabilitation. *Journal of Offender Rehabilitation*, v. 35, n. 3–4, p. 11–33, 2002. https://doi.org/10.1300/J076v35n03_02

PEREIRA, Ediene Valéria Dourado Guimarães; DA SILVA, Sandra Célia Coelho Gomes. *As ações das instituições religiosas dentro do sistema prisional das regiões Sul/Sudeste brasileiro na perspectiva de ressocialização: uma revisão bibliográfica*. Educação, Psicologia e Interfaces, Bahia, v. 4, n. 3, p. 1-14, julho/setembro 2020. DOI: <https://doi.org/10.37444/issn-2594-5343.v4i3.295>

PEREIRA, Marcelo dos Santos; NOVAIS, Thyara Gonçalves. *A necessidade de padronização legal da assistência religiosa em estabelecimentos penitenciários*. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, São Paulo, v. 10, n. 11, nov. 2024. DOI: 10.51891/rease.v10i11.16956.

SUNDT, Jody L.; DAMMER, Harry R.; CULLEN, Francis T. The role of the prison chaplain in rehabilitation. *Journal of Offender Rehabilitation*, v. 35, n. 3–4, p. 59–86, 2002. https://doi.org/10.1300/J076v35n03_04

TERENCIANO, Fidel; ZITO, Pedro. *As raízes da globalização para um desenvolvimento reverso em África: o terrorismo e seus efeitos em Cabo Delgado, Moçambique*. Cadernos de África Contemporânea, v. 6, n. 12, p. 77–89, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/cac/article/view/19584>. Acesso em: 25 mai. 2026.

LEGISLAÇÕES, CONVENÇÕES E TRATADOS.

MINISTÉRIO DE ULTRAMAR. Decreto-Lei nº26.643 de 28 de Maio de 1936. *Aprova a Organização Prisional*. Portugal, I Série - Número 6, p.582–625, Mai de 1936.

MOÇAMBIQUE. *Constituição da República Popular de Moçambique* (1975). Boletim da República, I Série, n. 1, 25 jun. 1975.

MOÇAMBIQUE. *Constituição da República de Moçambique* (1990). Boletim da República, I Série, n. 44, 2 nov. 1990.

MOÇAMBIQUE. *Constituição da República de Moçambique*. Aprovada em 16 de novembro de 2004. Boletim da República, I Série, n.º 51, 22 de Dez, de 2004.

MOÇAMBIQUE. Decreto n. 7/2006, de 17 de maio de 2006. *Cria o Serviço Nacional das Prisões*. República de Moçambique: Boletim da República, I Série, n. 20, 17 maio 2006.

MOÇAMBIQUE. Resolução n.º 10/2012, de 13 de abril. *Aprova o Acordo sobre Princípios e Disposições Jurídicas para o Relacionamento entre a República de Moçambique e a Santa Sé*. Boletim da República, I Série, n.º 15, de 13 de abril de 2012.

MOÇAMBIQUE. Lei n.º 3/2013 de 16 de Janeiro. *Cria o Serviço Nacional Penitenciário*. Boletim da República, Maputo, I Série - Número 5.

MOÇAMBIQUE. Diploma Ministerial n.º 159/2014, de 29 de Setembro. *Aprova o Regulamento Interno do SERNAP*. Ministério da Justiça, I Série, número 20, 1566, p.18 – 210, 2014.

MOÇAMBIQUE. Lei n.º 1/2018 de 12 de Junho. *Aprova a Lei da revisão pontual da Constituição da República de Moçambique*. Assembleia da República, Maputo, I Série - Número 115.

MOÇAMBIQUE. Lei n.º 26/2019, de 27 de Dezembro. *Aprova Código de Execução das Penas*. Boletim da República, I Série - Número 250.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Assembleia Geral das Nações Unidas, 1948. Disponível em: <https://www.un.org/pt/documents/udhr/>. Acesso em: 22 fev. 2025.

PACTO Internacional sobre Direitos Civis e Políticos. Assembleia Geral das Nações Unidas, 1966. Disponível em: <https://www.ohchr.org/pt/professionalinterest/pages/ccpr.aspx>. Acesso em: 22 fev. 2025.

UNESCO. *Regras de Beijing*: Regras Mínimas das Nações Unidas para a Administração da Justiça Juvenil. 1985.

DECLARAÇÃO DE KAMPALA. *Declaração de Kampala sobre as Condições Prisionais em África*. Uganda, 1996.

DECLARAÇÃO DE KADOMA. *Declaração de Kadoma sobre as Melhores Práticas de Reabilitação de Reclusos em África*. Kadoma, Zimbabwe, 1997.

UNIÃO AFRICANA. *Declaração de Ouagadougou para Acelerar a Reforma Penal e Penitenciária na África*. Conferência de Ouagadougou, Burkina Faso, 2002.

REGRAS DE BANGKOK PARA O TRATAMENTO DE MULHERES PRESAS. Assembleia Geral da ONU, Resolução n.º 65/229, 2010.

Regras Mínimas das Nações Unidas para o Tratamento de Reclusos (*Regras de Mandela*). Assembleia Geral das Nações Unidas, Resolução n.º 70/175, 2015. Disponível em: <https://www.un.org/pt/documents/mandela-rules/>. Acesso em: 22 fev. 2025.

Authorship information

José Henriques Mutemba. Doutorando em Direito pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil, bolsista CAPES. Mestre em Segurança Pública pela Academia de Ciências Policiais (ACIPOL), Moçambique. Licenciado em Ensino de Filosofia pela Universidade Pedagógica (UP), Moçambique. E-mail: jmutemba34@gmail.com.

Additional information and author's declarations (*scientific integrity*)

Acknowledgement: The author expresses gratitude to Professor António Sabela, from Mozambique, for his support in the linguistic and textual revision of the manuscript, as well as to Guedes Guilengue, jurist, theologian, and officer of the National Penitentiary Service (SERNAP), for his institutional observations regarding the Mozambican penitentiary context.

Conflict of interest declaration: the author confirms that there are no conflicts of interest in conducting this research and writing this article.

Declaration of authorship: all and only researchers who comply with the authorship requirements of this article are listed as authors; all coauthors are fully responsible for this work in its entirety.

Declaration of originality: the author assures that the text here published has not been previously published in any other resource and that future republication will only take place with the express indication of the reference of this original publication; he also attests that there is no third party plagiarism or self-plagiarism.

Data Availability Statement: In compliance with open science policies, all data generated or analyzed during this study are included in this published article.

IA Statement: The author declares awareness that the use of artificial intelligence must not replace the human originality of the research, remaining under his sole responsibility any errors or situations of plagiarism. Artificial intelligence tools were used only as auxiliary support for textual revision, while the author remains fully responsible for the scientific content of the work.

Editorial process dates (<https://revista.ibraspp.com.br/RBDPP/about>)

- Submission: 03/02/2026
- Desk review and plagiarism check: 30/04/2026
- Review 1: 08/05/2026
- Review 2: 14/05/2026
- Preliminary editorial decision: 22/05/2026
- Correction round return: 28/05/2026
- Final editorial decision: 31/05/2026

Editorial team

- Editor-in-chief: 1 (VGV)
- Reviewers: 2

HOW TO CITE (ABNT BRAZIL):

MUTEMBA, José H. Assistência religiosa na execução penal moçambicana: liberdade religiosa, laicidade estatal e desafios normativos. *Revista Brasileira de Direito Processual Penal*, vol. 12, n. 2, e1399, mai./ago. 2026. <https://doi.org/10.22197/rbdpp.v12i2.1399>



License Creative Commons Attribution 4.0 International.